

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

**Memórias de um médico:
Ângelo Pitou
Volume I**

Alexandre Dumas

Em que o leitor toma conhecimento com o herói desta história e com a terra onde ele nasceu

Na fronteira da Picardia e do Soissonnais, sobre a porção do território francês, chamado a Ilha de França, que fazia parte do antigo património dos reis, no meio de um imenso semicírculo que, prolongando-se do nascente para o meio-dia, forma uma mata do comprimento de cinco mil jeiras, ergue-se, perdendo-se na sombra de um grande parque plantado nos reinados de Francisco I e Henrique II, a pequena cidade de Villers-Cotterets, notável por ter ali nascido Carlos Alberto Demoustier, que, na época em que começa esta história, escrevia as suas *Cartas a Emilia sobre a Mitologia*, com satisfação dos jovens senhores daquele tempo, que as procuravam à porfia, à medida que eram publicadas.

Para completar a reputação poética dessa pequena cidade, cujos detractores, apesar do castelo real e dos seus dois mil e quatrocentos habitantes, teimavam em chamar vila, ajuntemos que está situada distante duas léguas da Laferté-Milon, onde nasceu Racine, e oito léguas de Chateau-Thierry, onde nasceu Lafontaine.

Note-se mais, que a mãe do autor de *Britannicus* e de *Athalie* era de Villers-Cotterets.

Voltemos porém ao castelo real e aos dois mil e quatrocentos habitantes da pitoresca cidade.

O castelo real, principiado no tempo de Francisco I, cujas salamandras ainda conserva, e acabado no tempo de Henrique II, de quem ainda tem a cifra enlaçada com a de Catarina de Médicis e circundada com as três meias-luas de Diana de Poitiers, depois de ter abrigado os amores do rei cavaleiro com a senhora de Étampes, e os de Luís Filipe de Orleans com a bela senhora de Montesson, estava quase desabitado desde a morte deste último príncipe. O filho, Filipe de Orleans, cognominado depois *Egalité*, fizera-o descer da categoria de residência principesca à de simples ponto de reunião em dias de caçadas.

É geralmente sabido que o castelo e a mata de Villers-Cotterets faziam parte do apanágio dado por Luís XIV a seu irmão mais velho, quando o filho segundo de Ana de Áustria casou com a irmã de Carlos II, Henriqueta de Inglaterra.

Quanto aos dois mil e quatrocentos habitantes de que prometemos falar, eram, como em todos os lugares em que se acham reunidos dois mil e quatrocentos indivíduos, um *composto*:

1.º De alguns nobres, que passavam o Verão nas quintas circunvizinhas e o Inverno em Paris, e que, por arremedar o príncipe, mal se apeavam na cidade.

2.º De um bom número de burgueses que, fizesse o tempo que fizesse, se viam sair de casa com um guarda-chuva na mão, para irem dar o passeio quotidiano depois do jantar, passeio que regularmente se estendia até um largo fosso, que separa o parque da mata, e que fica a um quarto de légua da cidade. Dão a este fosso o nome de *Haha*, por causa da exclamação que soltam os que padecem de asma, quando fartos já de andar, chegam a vê-lo.

3.º De uma infinidade de artistas, que trabalham toda a semana, e que só ao domingo podem dar o passeio que os compatriotas, mais afortunados do que eles, gozam todos os dias.

4.º Finalmente, de alguns desgraçados proletários, para quem não há domingo na semana, e que, depois de terem trabalhado seis dias por conta dos nobres, dos burgueses ou dos artistas, no sétimo se espalham pelas matas, para aí apanharem pedaços de pau, que as tempestades destruidoras dos bosques, ante as quais os grandes carvalhos são como fracas espigas, fazem espalhar pela terra úmida e sombria daquelas matas, magnífico apanágio do príncipe.

Se Villers-Cotterets (*Villerii ad Cottiam-Retice*) tivesse tido a desgraça de ser uma cidade muito importante na história para que os arqueólogos se ocupassem dela e seguissem as suas sucessivas transições de aldeia para vila e de vila para cidade, último título que lhe negam, como já declarámos, teriam necessariamente apresentado o facto dela ter começado por duas fileiras de casas construídas nos dois lados da estrada, que de Paris vai para Soissons; depois, teriam acrescentado que, havendo a sua situação, na extremidade de uma bela floresta, atraído, a pouco e

pouco, um acréscimo de habitantes, outras ruas se ajuntaram depois à primeira, divergentes como os raios de uma estrela, tendendo para os pequenos lugarejos, com os quais lhe convinha conservar comunicações, e convergentes para um ponto, que se torna, por via de regra, o centro, isto é, o que na província se chama a praça, lugar à roda do qual se construíram as mais belas casas da aldeia tornada vila, e no meio da qual se ergue um chafariz, que hoje está ornado com um relógio de sol quadrangular; teriam finalmente fixado a data infalível em que, perto da humilde igreja, primeira necessidade dos povos, se haviam assentado as primeiras pedras do grande castelo, último capricho de um rei; castelo que, depois de ter sido alternativamente habitação de reis e de príncipes, se acha hoje reduzido a um triste e horrendo depósito de mendicidade dependente da Prefeitura do Sena.

Na época em que começa esta história, as propriedades reais, posto que estivessem já bem abaladas, ainda não tinham chegado ao estado de ruína em que se acham actualmente, e o castelo não era já habitado por um príncipe, é verdade, mas também ainda não o era por mendigos; estava desocupado, porque apenas tinha os comensais indispensáveis para a sua conservação, entre os quais se contavam o porteiro, o jogador de péla e o capelão, e por isso se viam sempre fechadas as janelas do formidável edifício, tanto as que deitavam para o lado do parque, como as que davam para outra praça, que aristocraticamente se chamava Praça do Castelo, o que ainda mais aumentava a tristeza e solidão dessa praça, numa das extremidades da qual se via uma casa, de que o leitor há-de permitir que lhe digamos alguma coisa.

Era uma casinha, de que apenas se viam as costas. Contudo, segundo a opinião de certas pessoas, as costas daquela casa tinham o privilégio de ser a parte mais brilhante da sua *individualidade*. E na verdade, na frontaria que deitava para a Rua de Soissons, uma das principais da cidade, havia uma porta arqueada sem gosto, e que constantemente se conservava fechada dezoito horas por dia, ao passo que o lado oposto se via animado e brilhante; mas era porque deste lado existia o jardim, e que por cima dos seus muros se descobriam os topos das cerejeiras, macieiras e ameixeiras, ao mesmo que dos lados de uma portinha, que dava saída para a praça e entrada para o jardim, havia duas acácias seculares, que na Primavera pareciam bracejar os ramos por cima do muro para juncar a terra de flores perfumadas em toda a circunferência da sua folhagem.

A casa pertencia ao capelão do castelo. Este sacerdote servia ao mesmo tempo a igreja senhorial, onde, apesar da ausência do dono, se dizia missa todos os domingos, e recebia uma pequena pensão, a que, por favor especial, se achavam anexos dois legados, um para a conservação do colégio de Plessis e outro para a do seminário de Soissons. Ora, convém dizer, que a família de Orleans era quem pagava os dois legados, fundadas, o do seminário pelo filho do regente, e o do colégio pelo pai do príncipe, e que esses dois legados eram, por um lado, objecto da ambição dos parentes, e, por outro, o desespero dos discípulos, para quem eram origem de extraordinárias composições, que tinham lugar nas quintas-feiras de cada semana.

Ora, uma quinta-feira do mês de Julho de 1789, dia pesado e sombrio, por causa de uma tempestade que se desenvolvera de oeste para leste, sob o rigor da qual as duas grandes acácias, de que falámos, deixavam cair algumas folhas, amareladas pelos calores do Estio, ou começando já a perder o brilho da verdura primaveril; depois de largo silêncio, apenas interrompido pelo sussurro das folhas, que redemoinhavam na praça, e pelo canto do pardal montês que, passando junto à terra, perseguia as moscas, bateram onze horas no relógio da aguda e vermelha torre da cidade.

Neste instante ouviu-se um hurra semelhante ao que soltaria todo um regimento de hulanos, acompanhado de um estrondo igual ao que produziria uma avalanche de neve caindo de rochedo em rochedo; a porta, situada entre as duas acácias, abriu-se, ou para melhor dizer foi arrombada, e deu passagem a uma multidão de rapazes, que se espalharam pela praça, e que imediatamente se formaram em cinco, ou seis grupos alegres e ruidosos; uns, em roda de um círculo destinado a conter presos ou peões, outros diante de uma espécie de jogo traçado com giz, outros finalmente ao pé de muitos buracos feitos com regularidade, e nos quais, caindo uma

bola, fazia perder ou ganhar os que a atiravam.

Ao mesmo tempo que os rapazes da escola, denominados garotagem pelos raros vizinhos que tinham janelas para a praça, brincavam, de ordinário com as calças despedaçadas nos joelhos e a véstia rota nos cotovelos, outros, os chamados quietos, e que, segundo o dizer das comadres, haviam de fazer a glória e o orgulho de seus pais, separavam-se dos colegas, com passo vagaroso, indicador da sua tristeza, atravessavam diversas ruas com um cesto na mão e dirigiam-se para a casa paterna, onde os aguardava a fatia de pão com manteiga, ou os bolos, que lhes eram destinados em troca dos jogos que tinham desprezado. Estes apareciam geralmente vestidos com decência, e nunca se apresentavam rotos; o que, junto ao tão elogiado talento, os fazia objecto do escárnio e do ódio dos condiscípulos, menos bem vestidos, e sobretudo muito menos morigerados. Além destas duas classes, que acabamos de apresentar com o nome de estudantes brincalhões, e estudantes quietos, havia mais uma terceira, que chamaremos a dos mandriões, que nunca saíam com os outros, nem para brincar na praça, nem para regressar à casa paterna, porque quase sempre essa infeliz classe ficava detida por castigo, o que quer dizer, que enquanto os seus companheiros, depois de terem acabado de fazer as suas versões e temas, saíam para ir jogar o pião, ou comer a sua fatia de pão, estes ficavam presos aos bancos, ou adiante das suas estantes, para fazer, durante as horas da recreação, os temas e versões, que não tinham feito nas horas da aula, e quando a culpa era mais grave, além da prisão, sofriam o castigo da chibata, da palmatória ou das disciplinas.

Se nos déssemos ao trabalho de seguir em sentido oposto o mesmo caminho, que os estudantes acabavam de andar, depois de termos transposto uma comprida rua, que estendendo-se pelo jardim, acabava num grande pátio, destinado às recreações internas, ouviríamos no alto da escada uma voz forte, e pesadamente acentuada, ao mesmo tempo que um estudante, que a nossa imparcialidade de historiador nos obriga a colocar na terceira classe, que era a dos mandriões, descia rapidamente os degraus da escada, fazendo com os ombros o mesmo movimento que os burros empregam para deitar fora os cavaleiros, e os rapazes que acabam de ser castigados com as disciplinas para se livrar da dor.

- Anda, maroto! Anda, excomungado! Anda, serpente, retira-te, vai-te; *vade! Vade!* Lembra-te que te tenho aturado três anos; mas há patifes que chegariam a cansar a paciência ao próprio Padre Eterno. Agora acabou-se, de todo. Leva os teus esquilos, as tuas rãs, os teus lagartos, os teus bichos de seda, os teus besouros, e vai-te para casa da tua tia, ou do teu tio, se tens algum, ou finalmente vai para o diabo, contanto que eu te não veja mais! *Vade! Vade!*

- Oh! Meu caro Sr. Portier, perdoe-me – respondia sempre na escada a outra voz suplicante; - pois vale a pena que se encolerize por semelhante maneira, e só por um miserável barbarismo e alguns solecismos, como o Sr. abade lhes chama?

- Três barbarismos num tema de vinte e cinco linhas! - replicou ainda colérica a mesma voz.

- Pois seja assim, Sr. abade. Convenho; a quinta-feira é o meu dia desgraçado; porém, se por acaso amanhã o meu tema estiver bom, por certo me perdoará a minha má sorte de hoje? Diga, meu caro Sr. abade.

- Há três anos que em todos os dias da composição tu me repetes a mesma coisa, ralaço! Está marcado o dia primeiro de Novembro para exame, e eu, que por pedido de tua tia Angélica tive a fraqueza de te propor como candidato ao benefício vago actualmente no seminário de Soissons, passarei pela vergonha de ver o meu discípulo recusado, e de ouvir por toda a parte proclamar que Ângelo Pitou é um asno, *Angelus Pitovius asinus est.*

Apressemos-nos a declarar, para que o benévolo leitor lhe preste desde já a atenção que merece, que Ângelo Pitou, de quem o nome acabava de ser tão pitorescamente latinizado pelo abade Fortier, é o herói desta história.

- Ó meu caro Sr. Fortier! Ó meu caro mestre! – continuava o estudante no maior desespero.

- Eu, teu mestre! - exclamava o abade fortemente humilhado pelo nome que Pitou lhe

dera. - Graças a Deus, já não sou teu mestre, nem tu serás mais meu discípulo; renego-te, não te conheço nem desejava ter-te conhecido nunca, e proíbo-te que me tornes a falar; não quero sequer que me cumprimentes. *Retro!* Desgraçado, *retro!*

- Sr. abade - teimava o infeliz Pitou, que mostrava ter grande interesse em não se malquistar com o mestre - Sr. abade, não me prive da sua protecção, por causa do miserável tema estropiado; eu prometo estudar.

- Ah! - exclamou o abade fora de si pelo último pedido, e descendo os primeiros degraus da escada ao mesmo tempo que Ângelo Pitou descia os últimos e saía para o pátio; - ah! Tu fazes raciocínios quando nem sequer podes fazer um tema! Tu calculas as forças da minha paciência, quando não és capaz de distinguir o nominativo da oração?...

- Sr. abade, visto que sempre tem sido tão bom para comigo, se quisesse dizer alguma coisa ao Sr. bispo, que nos há-de examinar...

- Eu, desgraçado! Pois hei-de mentir à minha consciência? - interrogou o abade indignado.

- Era para fazer uma boa acção, que Deus lhe perdoará.

- Nunca! Nunca!

- E depois, quem sabe? Talvez os examinadores não sejam mais severos comigo de que foram para com o Sebastião Gilberto, o meu colaço, quando o ano passado foi ao concurso do benefício de Paris. Ele também cometia barbarismos, apesar de só ter treze anos, ao passo que eu tinha dezessete.

- Olhem que estúpido! - exclamou o abade acabando de descer a escada, e aparecendo com as disciplinas na mão, guardando Pitou prudentemente a conveniente distância entre si e o seu mestre. - Sim, estúpido! - continuou o abade cruzando os braços, e encarando com indignação o discípulo. - Tríplice animal! Desse modo é que te lembras do axioma: *Noti minima, loqui majora valens?* Mas foi justamente por Gilberto ser mais moço do que tu, que foram mais indulgentes com ele, porque anda apenas nos catorze anos, o que não acontecerá contigo, que és um asno de dezoito.

- É verdade, mas foi também por ele ser filho do Sr. Honório Gilberto, que tem dezoito mil libras, que lhe rendem as suas terras, situadas na planície de Pleux - replicou com lástima o nosso lógico.

O abade Fortier olhou para Pitou, estendendo os beiços e franzindo as sobrancelhas, e depois de o ter considerado um instante em silêncio, disse resmungando:

- Isto agora é de quem tem juízo... *Species, nun autem corpus.*

- Oh! Se eu fosse filho de um homem que tivesse dez mil libras de renda - exclamou Ângelo Pitou, que percebera que a sua resposta fizera alguma impressão no professor.

- Sim, mas não és. Em vez disso, és um ignorância, como o velhaco de que fala Juvenal; citação profana (o abade benzeu-se), mas que nem por isso é menos justa. *Arcadius Juvenis.* Aposto que tu também não sabes o que quer dizer *Arcadius?*

- Ora essa! Arcadiano - respondeu Ângelo Pitou endireitando-se com a superioridade do orgulho.

- Sim, e depois?

- Depois o quê?

- A Arcádia era o país dos asnos, e tanto entre os antigos como entre os modernos, *asinus*, é sinónimo de *stultus*.

- Eu não queria entender a coisa dessa maneira - disse Pitou - porque estava longe de pensar que a austeridade do meu digno professor se pudesse abater até o ponto de satirizar.

O abade considerou-o segunda vez com mais profunda atenção do que tinha feito da primeira.

- À fé de quem sou! - exclamou um pouco mais brando pelo elogio do seu discípulo - há momentos em que juraria que o patife não é tão tolo como parece.

- Ora pois, Sr. abade - disse Pitou que, conquanto não tivesse ouvido as palavras do

professor, contudo divisava-lhe na expressão da fisionomia, que estava próxima a compaixão; - perdoe-me, e verá que bonito tema lhe apresento amanhã.

- Pois bem, consinto - respondeu o abade, pendurando à cintura as disciplinas em sinal de tréguas e aproximando-se de Pitou, que em vista desta demonstração de paz ficou parado.

- Oh! Muito obrigado - exclamou ele.

- Espera, não agradeças tão depressa, perdoe-te, sim, mas com uma condição.

Pitou abaixou a cabeça, e como estava à disposição do digno abade, esperou com toda a resignação.

- Vem a ser, que me hás-de responder a uma pergunta, que te vou fazer.

- Em latim? - perguntou Pitou sobressaltado.

- Latina - respondeu o professor.

Pitou suspirou.

Depois disto houve um intervalo de silêncio, durante o qual os alegres gritos dos estudantes, que jogavam na praça, chegaram aos ouvidos de Ângelo Pitou.

E pela segunda vez suspirou, com maior ânsia que da primeira.

- *Quid virtus? Quid religio?* - perguntou ainda o abade.

Estas palavras, pronunciadas com ar magistral, retiniram nos ouvidos do pobre Pitou, como a trombeta do Anjo no dia do juízo final. Uma nuvem lhe passou por diante dos olhos, e na sua inteligência houve um tal choque, que ele acreditou um momento na possibilidade de endoidecer.

Todavia, por muito forte que fosse o esforço da sua inteligência, não produziu resultado nenhum, e a pergunta continuava a ficar sem resposta. Ouvia-se o estrondo de uma pitada, que sorvia com toda a pachorra o terrível interrogador.

Pitou conheceu que era preciso responder.

- *Nescio* - respondeu ele, julgando que seria perdoada a sua ignorância, confessando-a em latim.

- Pois tu não sabes o que é a virtude! - exclamou o abade sufocado de cólera - tu não sabes o que é religião!

- Sei em francês - replicou Ângelo Pitou - mas não em latim.

- Então vai-te para a Arcádia, *juvenis*, tudo está acabado entre nós!

Pitou ficou tão aterrado que não deu um passo para fugir, apesar do abade ter tirado as disciplinas da cintura com tanta dignidade, como um general tiraria a espada da bainha na ocasião do combate.

- Porém, que será de mim? - exclamou o pobre rapaz deixando cair os braços inertes; - que farei, se perco a esperança de entrar no seminário?...

- Faze o que puderes; isso é-me indiferente.

O abade estava tão irado, que até chegava a praguejar.

- Mas bem sabe, Sr. abade, que minha tia pensa que já sou abade.

- Está bom, ela saberá que nem para sacristão prestas.

- Mas, Sr. Fortier...

- Já te disse que te *vás, limina linguae*.

- Vamos! - exclamou Pitou como homem que toma uma resolução dolorosa; - o Sr. abade dá licença que eu vá buscar a minha estante? - perguntou ele, esperando que enquanto durasse esta demora, o coração do abade daria entrada a sentimentos mais piedosos.

- Pois não; a tua estante e quanto ela contém.

Pitou subiu a escada, porque a aula era no primeiro andar, e entrou na sala, onde, reunidos em roda de uma grande mesa, fingiam que trabalhavam uns quarenta estudantes. Depois levantou com cuidado a cortina da sua estante para ver se todos os hóspedes que ela continha estavam completos; pegou nela com uma cautela que mostrava bem o cuidado que tinha nos seus livros, e com passo vagaroso e pausado, tomou o caminho do corredor. No topo da escada, com o braço estendido, estava o abade, mostrando-lhe o caminho com o cabo das disciplinas.

Portanto, era preciso passar por baixo das forças caudinas. Ângelo Pitou encolheu-se o mais que pôde; apesar disso, não evitou, ao passar, uma última despedida do instrumento, a que o abade devia os seus melhores discípulos, e cujo emprego, posto que mais freqüente e prolongado em Ângelo Pitou do que em outro qualquer, tinha tido, como acabamos de ver, medíocre resultado.

Enquanto Pitou, limpando as lágrimas, e levando a estante à cabeça, se dirigia para Pleux, sítio da cidade onde habitava a tia, diremos alguma coisa a respeito do seu físico e antecedentes.

II

Em que se mostra que uma tia nem sempre é o mesmo que uma mãe

Luís Ângelo Pitou, na época em que principia esta história, tinha dezessete anos e meio, como ele mesmo confessara ao abade Fortier; era alto e magro, de cabelo louro, corado e com olhos azuis. Fazia-se notar sobretudo o brilho da mocidade viçosa e inocente na boca rasgada, cujos beiços grossos, que ele abria desmedidamente, deixavam ver duas ordens completas de dentes formidáveis, principalmente para aqueles a quem estavam destinados a comer o jantar. Da extremidade dos compridos e ossudos braços, pendiam-lhe as mãos largas como umas pás; tinha as pernas bastante arqueadas, e os joelhos tão grossos, que pareciam cabeças de criança, o que lhe fazia quase sempre estalar os calções pretos; os pés eram desmedidos, mas apesar disso andavam à vontade nos sapatos, que por muito usados estavam já vermelhos: usava uma espécie de camisola de sarja escura, conservava o meio termo entre a sotaina e a blusa; tal era pois o retrato exacto e imparcial do ex-discípulo do abade Fortier.

Falta-nos agora admirá-lo pelo lado moral.

Ângelo Pitou era órfão desde a idade de doze anos, época em que teve a desgraça de perder a mãe, sendo filho único. Ora, desde a morte do pai, que se deu antes dele ter uso da razão, foi sempre tão estimado pela mãe, que quase fazia quanto queria, o que concorreu para lhe desenvolver a educação física, mas atrasou-lhe muito a moral. Nascido numa bonita vila, chamada Haramont, que está situada no meio de um bosque, e que dista da cidade uma légua, os seus primeiros cuidados foram percorrer as florestas, onde nascera, e perseguir os animais que as habitavam.

Resultou, pois, desta aplicação dirigida para um só fim, ser Ângelo Pitou, na idade de dez anos, um ladrão de caça muito distinto, e um passarinho de primeira ordem; e isto quase sem trabalho nem ensino, unicamente levado pela força do instinto, que a Natureza dá ao homem nascido no meio dos campos, e que parece ser uma porção daquele, com que cria os animais. Por esta razão sabia de todas as passagens que faziam as lebres e coelhos, e nem um só bebedouro que houvesse, três léguas em redondo, lhe escapara à investigação, encontrando-se por toda a parte sinais do seu podão nas árvores mais próprias para a caça de reclamo.

O resultado destes continuados exercícios foi Pitou adquirir extraordinária força, em comparação da dos rapazes da sua idade.

Com o auxílio dos compridos braços e dos grossos joelhos, podia abranger as árvores mais grossas, a que trepava para tirar os ninhos que se alcandoravam mais alto, com uma agilidade e certeza, que eram a admiração dos companheiros, e se estivesse mais próximo do Equador, certamente lhe adquiriria a estima dos macacos. Nesta caça de reclamo, caça que chegou a ser o encanto de alguns personagens e na qual o caçador atrai os pássaros a uma árvore, que se acha guarnecida de varinhas envidradas, imitando o grito do gaio ou da coruja, indivíduos que são tão odiados por toda a raça emplumada, que qualquer tentilhão, melharuco ou pintassilgo, assim que os ouve corre com a esperança de lhes arrancar uma pena, deixando, a maior parte das vezes, as suas; nesta caça, pois, os companheiros de Pitou costumavam servir-se de uma verdadeira coruja, ou de um gaio natural, ou enfim de uma erva particular, com o auxílio da qual imitavam, bem ou mal, o grito destes animais. Pitou, porém, desprezava todos esses

preparativos e subterfúgios. Era com os seus próprios recursos que combatia; com os seus meios naturais armava o laço, e com a boca atraía não só os animais, mas até os homens, que chegavam a enganar-se com o seu grito tão bem imitado. Enquanto à caça, acrescentamos que era para ele coisa trivialíssima, e decerto a teria desprezado por demasiado fácil, se não fosse entretenimento tão produtivo.

No entanto, isto não impedia, que apesar do desprezo em que tinha esta qualidade de caça tão fácil, muitos dos seus companheiros mais espertos não se admirassem como ele cobria de feno os bebedouros excessivamente grandes para serem cobertos; pois ninguém sabia, como Pitou, dar a conveniente inclinação às varas de visco, de maneira que ficavam postas de tal forma que os pássaros mais manhosos não podiam beber por lado nenhum sem ficarem presos. Só ele era capaz de calcular com mão certa e bom olho, que porções de peiz, azeite e visco era necessário empregar para que o visco não ficasse nem muito delgado, nem muito quebradiço.

Ora, como a importância que se dá a certos indivíduos pelas suas qualidades é devida ao lugar e às pessoas com quem vivem, Pitou, era muito considerado na vila de Haramont pelos camponeses seus patrícios, gente habituada a procurar na própria Natureza os recursos para as precisões da vida, e que como todos os rústicos, tinham por instinto ódio à civilização. Portanto, Pitou, gozava de uma tal consideração, que fazia com que sua pobre mãe pensasse que ele trilhava o verdadeiro caminho da honra, e que a educação que se dá a qualquer homem à custa de grandes despesas valia tanto como a que seu filho procurara por si mesmo sem lhe custar nada.

Porém, quando a pobre mulher caiu doente, conhecendo que estava próximo o seu fim e que ia deixar o seu filho só e abandonado no mundo, foi que viu que se enganara, e que era preciso procurar um protector para o futuro órfão. Lembrou-se de um mancebo, que havia dez anos lhe fora bater à porta uma noite, trazendo-lhe uma criança recém-nascida e deixando-lhe ficar, para sua criação, uma quantia de dinheiro bastante avultada, e além disso também para ela outra quantia ainda maior em poder de um tabelião de Villers-Cotterets. A respeito deste mancebo nada mais pudera saber naquela ocasião senão que se chamava Gilberto. Porém, três anos depois, vira-o aparecer novamente; mostrava então ser homem de vinte e sete anos, apresentando-se com ar sério, falando dogmaticamente, e recebendo as pessoas com modo frio.

Logo que tornou a ver o seu querido menino, essas maneiras tinham desaparecido para darem lugar à alegria que sentia de o achar muito bonito, forte e risonho, isto é, criado à vontade da Natureza, e por isso apertara significativamente a mão à pobre mulher dizendo-lhe só estas palavras:

- Em caso de precisão, conte comigo.

Depois pegou no menino, informou-se de qual era o caminho para Ermenonville, fez com ele uma visita ao túmulo de Rousseau, e voltou para Villers-Cotterets. Aí, encantado do ar da cidade, e pela informação que o tabelião lhe dera do colégio do abade Fortier, deixou o pequeno Gilberto em casa deste digno homem, de quem logo à primeira vista lhe agradou o aspecto filosófico, porque já naquela época era tal o poder da filosofia, que até entre os próprios eclesiásticos ela se tinha introduzido.

Depois disto, partiu para Paris, deixando ao abade Portier a designação da sua morada.

A mãe de Pitou era sabedora de todos estes pormenores, e por isso as palavras: “Em caso de precisão, conte comigo”, vieram-lhe à idéia como uma inspiração. Sem dúvida a Providência determinara que isto assim acontecesse, para que o infeliz Pitou talvez viesse a achar mais do que perdia. Imediatamente fez chamar o cura, e como não sabia escrever, pediu-lhe que lhe escrevesse uma carta, que nesse mesmo dia foi levada ao abade Fortier, o qual logo lhe pôs a morada de Gilberto, e a deitou no correio.

Não havia que perder tempo, porque a pobre mulher morreu passados dois dias.

Pitou era ainda muito moço para avaliar a falta que acabava de sofrer. Chorou a morte da mãe, não porque pudesse compreender o que era a separação do túmulo, mas porque vendo-a fria, pálida e desfigurada, pressentia, como por instinto, que o seu anjo tutelar acabava de desaparecer; sabendo, além disso, que, daí em diante, privado de sua mãe, a casa ficava deserta e

desamparada; porém, ainda não se tinha lembrado de qual seria o seu futuro; por isso, quando a mãe foi conduzida ao cemitério, quando a terra, depois de cobrir o caixão, formou uma eminência arredondada, assentou-se sobre a cova, e a todos que lhe pediam que saísse do cemitério, respondia, abanando a cabeça, que nunca tinha abandonado sua mãe, e que por isso queria ficar onde ela estava.

Ficou todo o dia e toda a noite sobre a cova.

Foi aí que o digno doutor (nós já diríamos que o futuro protector de Pitou era médico?) foi aí que ele o encontrou, quando, tendo recebido a carta havia quarenta e oito horas e conhecendo toda a força do dever a que se tinha obrigado pela sua promessa, acabava de chegar para a cumprir.

Ângelo tinha poucos anos quando viu pela primeira vez o doutor, porém, como todos sabem, na infância há impressões tão profundas, que deixam eternas recordações, e além disso a aparição do moço misterioso em sua casa deixara nela sinais para nunca ser esquecido. Com o depósito que fizera da criança, de que já falámos, levava a prosperidade à pobre gente, motivo por que todas as vezes que ele ouvia pronunciar a sua mãe o nome de Gilberto, era com uma espécie de adoração; depois, quando sucedeu tornar a vê-lo, já homem feito, e com o grau de doutor, e quando, aos benefícios passados, acrescentou a promessa do futuro, Pitou julgou, recordando o modo reconhecido de sua mãe, que também devia mostrar-se reconhecido, e sem saber o que dizia, balbuciou as palavras de lembrança eterna e agradecimento profundo que lhe ouvira.

Logo que avistou o doutor através da porta de vidraça do cemitério, conheceu-o; depois, quando viu que se aproximava, atravessando por entre as sepulturas cobertas de relva, e as cruces quebradas, levantou-se e foi-lhe ao encontro. A este não podia ele dizer que não, como fizera aos outros, porque acabava de ver com que prontidão acudira ao chamamento de sua mãe moribunda, e por isso não opôs resistência alguma, e só voltou a cabeça para trás, quando Gilberto, tomando-o pela mão, o conduziu chorando para fora do recinto mortuário. À porta achava-se um cabriole, em que ambos se meteram, abandonando por algum tempo a casa à salvaguarda da boa fé dos habitantes, e ao interesse que a desgraça inspira; e dirigindo-se para a cidade, foram apear-se à porta da hospedaria do *Delfim*, que naquela época era tida como a melhor. Logo que aí chegaram, Gilberto mandou chamar um alfaiate, que, previamente avisado, trouxe consigo andainas de fato completas. Foi escolhido para Pitou um fato, que tinha talvez em comprimento e largura mais duas ou três polegadas do que o necessário, mas atendendo à maneira como ele crescia, decerto essa superfluidade não duraria muito tempo. Concluído isto, saíram ambos em procura do bairro que já designamos com o nome de Pleux.

À medida que se aproximavam desse bairro, Pitou demorava o passo, porque sabia já que era levado a casa de sua tia Angélica; e apesar de terem sido poucas as vezes que ele vira a sua madrinha, porque fora a tia Angélica quem o dotara com o seu poético nome de baptismo, conservava desta sua respeitável parenta uma viva recordação.

E na verdade, a tia Angélica nada tinha de atractivo para um rapaz que estava costumado a todos os carinhos do amor maternal. Era por aquela época uma solteirona de cinqüenta e cinco a cinqüenta e oito anos, embrutecida pelo excesso dos mais minuciosos exercícios da religião, e, levada por uma piedade mal entendida, cerrara o coração a todos os sentimentos para dar lugar a uma grande avidez, que de dia para dia aumentava mais pelo contínuo comércio com as beatas da cidade. Não se podia dizer que vivesse de esmolas, porque, além da venda do linho, que fiava na roca, e do aluguer das cadeiras na igreja, que lhe tinha sido concedido pelo cabido, recebia de tempos a tempos das pessoas caritativas algumas esmolas, que de moeda de cobre convertia em prata, e desta em luíses de ouro, os quais desapareciam, sem que pessoa alguma os visse desaparecer, mas também, sem que ninguém soubesse mais da sua existência, porque os ia esconder um por um na almofada da cadeira em que trabalhava, e uma vez metidos nesse esconderijo, aí encontravam uma certa quantidade de companheiros, recolhidos como eles a um e um, e também como eles destinados a serem daí em diante seqüestrados à circulação, até que um dia, pela morte da beata, passassem às mãos do seu herdeiro.

Foi, pois, para a morada desta digna parenta, que se dirigiu o Dr. Gilberto, conduzindo pela mão o grande Pitou.

Dizemos o grande Pitou, porque três meses depois do seu nascimento crescera ele mais do que era próprio da idade.

A Sr^a. Rosa Angélica Pitou, na ocasião em que se abriu a porta para dar entrada a seu sobrinho e ao doutor, estava nos seus momentos de bom humor. Enquanto na igreja de Haramont se rezava a missa de defuntos por alma de sua cunhada, tinha havido casamentos e baptizados na de Villers-Cotterets, de maneira que o rendimento das cadeiras num só dia tinha-se elevado a seis libras. A Sr^a. Angélica tinha pois naquele dia convertido os seus soldos num grosso escudo, o qual, junto a outros, que em diferentes épocas haviam sido postos de reserva, perfaziam um lúis de ouro. Esse Luís acabava de se ir juntar a outros, e o dia em que tinha lugar tal junção era de festa para a Sr^a. Angélica.

Foi na ocasião em que, depois de ter fechado a porta, o que fazia sempre durante a operação da reunião do dinheiro, examinava pela última vez a cadeira para se certificar de que nada denunciava o tesouro ali escondido, que o doutor e Pitou entraram.

A cena poderia ter sido muito tocante, porém aos olhos de homem tão recto observador, como era o doutor Gilberto, só foi grotesca. Assim que avistou o sobrinho, a velha beata entrou a falar da sua pobre e querida irmã, que tanto estimava, e fingiu que limpava as lágrimas. Pela sua parte, o doutor queria, antes de tomar uma decisão, conhecer bem do íntimo o coração daquela mulher. Principiou, pois, por fazer-lhe como que um sermão sobre os deveres das tias para com os sobrinhos. À proporção que o discurso se desenvolvia, e que as palavras fluentes saíam dos lábios do doutor, as lágrimas, quase imperceptíveis da velha beata, iam-se-lhe secando nos olhos, e todas as suas feições retomavam a aridez do pergaminho que parecia cobri-las. Por fim levantou a mão esquerda à altura da barba, e com a direita entrou a calcular pelos descarnados dedos qual a quantia de soldos que o aluguer das cadeiras lhe rendia aproximadamente cada ano; de tal forma que o acaso fez que o cálculo se concluísse ao mesmo tempo que o discurso. Logo que este se acabou, ela no mesmo instante respondeu que, sem embargo de ter estimado muito sua pobre irmã e de ter muito dó do seu querido sobrinho, infelizmente a pequenez dos seus rendimentos era tal que apesar mesmo do duplo título de tia e de madrinha, nenhum aumento podia fazer na sua despesa.

Isto já o doutor esperava, e por isso não o surpreendeu a recusa; era um grande sectário de idéias modernas, e como se acabava de publicar o primeiro tratado de Lavater, fizera já a aplicação da doutrina fisionómica do filósofo de Zurique às magras e amareladas feições da Sr^a. Angélica.

Resultou deste exame conhecer pelos pequenos e brilhantes olhos da velha Angélica, pelo nariz comprido e pelos delgados beiços, que nela existiam, reunidos numa só pessoa a cobiça, o egoísmo e a hipocrisia.

Já vimos que a resposta não lhe causou a mais pequena admiração; porém, como bom observador, quis experimentar até que ponto ela possuía estas três ínfimas qualidades.

- Mas, senhora, Ângelo Pitou é um pobre órfão, filho de sua irmã, e por humanidade decerto não há-de abandonar o seu sobrinho à caridade pública.

- Mas considere, Sr. Gilberto - respondeu a velha - que é um aumento de seis soldos por dia; porque decerto este rapaz o menos que come por dia é um arrátel de pão.

Pitou, ao ouvir isto, fez uma careta; bem sabia ele que ao almoço costumava comer arrátel e meio.

- Sem contar o que é preciso gastar em sabão para lavagens - continuou a velha; - e ele então, que tanto sujá!

Efectivamente, Pitou sujava muito a roupa, o que não era para admirar, considerando a vida em que se empregava; mas fazendo-lhe a devida justiça, rasgava-a mais do que sujava.

- Pois - continuou o doutor - a Sr^a. Angélica, que é uma pessoa que tanto pratica a caridade cristã, está agora ocupando-se em fazer tais cálculos a respeito de um sobrinho seu e seu

afilhado?

- E ainda não contei o que é preciso para conserto do fato! - exclamou com arrebatamento a beata, que bem se lembrava de ter visto sua irmã Madalena coser bastantes canhões nas jalecas, e pôr joelheiras nos calções de seu sobrinho.

- Desta forma recusa absolutamente tomar seu sobrinho para casa? O pobre órfão, repellido por sua tia, ver-se-á obrigado a mendigar pelas portas dos estranhos?

A beata, por muito avarenta que fosse, conheceu que, recusando receber o sobrinho, este se veria reduzido à última extremidade, e grande ódio recairia sobre ela.

- Não recuso - respondeu ela; - encarrego-me dele.

- Ora muito bem! - exclamou o doutor, contente por ter encontrado ainda um bom sentimento num coração, onde lhe parecia que já se tinham extinguido todos.

- Sim - continuou a beata - encarrego-me de o recomendar aos religiosos Agostinhos de Bourg-Fontaine, para que o recebam no seu convento como leigo.

O doutor, como já dissemos, era filósofo. Sabe-se muito bem o que valia naquele tempo a palavra filósofo. Portanto, resolveu logo arrancar aos religiosos Agostinhos um neófito, e isto com o mesmo zelo que pela sua parte empregariam os Agostinhos para arrancarem um adepto aos filósofos.

- Está bom - continuou ele metendo a mão na algibeira - uma vez que está numa situação tão precária, que se vê obrigada, por falta de meios, a recomendar seu sobrinho à caridade de outrem, procurarei alguém que possa melhor do que a senhora empregar na manutenção do pobre órfão a soma que eu lhe tenho destinado. Preciso voltar à América, mas antes da minha partida, hei-de pôr seu sobrinho em casa de algum marceneiro ou carpinteiro. Ele mesmo escolherá, conforme a sua vocação. Enquanto eu estiver ausente, crescerá, e à minha volta já o hei-de encontrar sabendo o seu ofício, e verei então o que se poderá fazer dele. Vamos, meu pobre rapaz, abraça tua tia e retiremo-nos.

Ainda bem o doutor não tinha acabado de falar, já Pitou se dirigia, com os compridos braços estendidos para a muito digna mulher. E efectivamente ele tinha bastante pressa de abraçar sua tia, mas era com a condição de que este abraço seria o sinal entre ambos de uma separação eterna.

Mas a palavra *soma*, ao gesto do doutor metendo a mão na algibeira, e ao som argentino, que a mão logo fizera ouvir, mexendo em uma porção de escudos, de que se podia calcular a quantia pelo volume que faziam na casaca, a beata sentia afluir-lhe ao coração todo o fogo da cobiça.

- Ah! Meu caro Sr. doutor, não sabe decerto uma coisa - exclamou ela.

- Que é? - perguntou o doutor.

- É que ninguém no mundo é capaz de estimar tanto como eu este pobre rapaz!

E entrelaçando os compridos braços com os de Pitou, deu-lhe um beijo em cada face, que o fez estremecer das pontas dos pés à raiz dos cabelos.

- Oh! Certamente - respondeu o doutor - eu bem sei isso. E duvidava tão pouco da sua amizade para com ele, que lho trouxe directamente, como ao seu natural arrimo. Porém, o que me acaba de dizer, querida senhora, convenceu-me ao mesmo tempo não só da sua boa vontade, mas também da sua impossibilidade, e por isso vejo que é muito pobre para poder amparar outra pessoa ainda mais pobre.

- Ah! Meu caro Sr. Gilberto, pois Deus está no céu, e de lá mesmo não sustenta todas as suas criaturas?

- Isso é verdade - respondeu Gilberto - mas se dá o sustento aos pássaros, não põe os órfãos a aprender ofícios. Ora eis aqui o que é preciso fazer a Ângelo Pitou, e o que decerto à senhora lhe há-de ser muito custoso praticar, vistos os seus poucos meios.

- Com tudo isso, se o Sr. doutor quisesse dar-me a tal quantia?...

- Que quantia?

- A de que me falou, e que tem na sua algibeira - respondeu a velha beata indicando com

o seu dedo de ganso as abas da casaca cor de castanha, que o doutor trazia.

- Dar-lha-ei certamente - respondeu este - mas já a previno, de que há-de ser com uma condição.

- Qual?

- De que o rapaz há-de ter um ofício.

- Dou-lhe a minha palavra, Sr. doutor, que há-de ter um - exclamou a devota com os olhos virados para a algibeira do doutor.

- Promete?

- Prometo.

- Seriadamente, não é verdade?

- Por Deus o juro, meu caro Sr. doutor.

E a Sr^a. Angélica estendeu horizontalmente o descarnado braço.

- Está bem - respondeu o doutor tirando da algibeira um saco, cujo bojo estava totalmente cheio - estou pronto a dar-lhe o dinheiro, como vê; da sua parte está pronta a responder-me pelo rapaz?

- Pela Virgem, Sr. Gilberto.

- Não jure tanto, senhora, e assine mais.

- Assinarei, Sr. Gilberto, assinarei.

- Diante do tabelião?

- Diante do tabelião.

- Então vamos a casa do tio Niguet.

O tio Niguet, a quem o doutor dava este amigável título por conhecê-lo havia muito tempo, era, como já devem saber os nossos leitores a quem é familiar o nosso livro *José Bálamo*, o tabelião de maior nomeada do lugar.

A Sr^a. Angélica, de quem Niguet era também tabelião, nada teve que opor à escolha feita pelo doutor, e portanto seguiu-o ao escritório indicado, onde foi registrada pelo tabelião a promessa feita pela Sr^a. Angélica Pitou, de tomar à sua conta, procurando-lhe uma profissão honrosa, Luís Ângelo Pitou, seu sobrinho, recebendo ela cada ano a quantia de duzentas libras. Como o contrato fosse feito por cinco anos, o doutor depositou em poder do tabelião oitocentas libras, e duzentas foram pagas adiantadas.

No dia seguinte o doutor deixou Villers-Cotterets, depois de ter regulado algumas contas com um dos rendeiros de que mais tarde falaremos. Pelo que respeita à Sr^a. Pitou, caiu como um milhafre sobre as duzentas libras, que lhe tinham pago adiantadas, e foi encerrar na poltrona oito bonitos luíses de ouro.

Quanto às oito libras, resto que lhe ficava, foram postas num pires, por onde, desde trinta ou quarenta anos, tinham passado bastantes moedas de diferentes espécies, esperando que a colheita de dois ou três domingos acabasse de completar a quantia de vinte e quatro libras, que tanto era necessário para sofrerem, como já explicamos, a metamorfose dourada e passar então do pires para a cadeira.

III

Ângelo Pitou em casa da tia

Já vimos o pouco gosto que Ângelo Pitou tinha em habitar por muito tempo em casa da sua boa tia Angélica. O pobre rapaz, dotado de um instinto igual, ou mesmo talvez superior ao dos animais que costumava guerrear, adivinhara já quanto teria que sofrer naquela casa, não diremos de decepções, porque já sabemos que nem um só instante se havia enganado, mas de tristeza, atribulações e desgostos.

Importa confessarmos que, depois da partida do doutor, o maior motivo da indisposição de Pitou contra sua tia não era a questão de esta lhe procurar um ofício, porque ela nem sequer se

tinha ocupado disso. O tabelião dissera alguma coisa a respeito desta formal convenção, mas a Sr^a. Angélica respondera que seu sobrinho era ainda muito novo, e de uma saúde muito delicada para se empregar em trabalhos que excediam as suas forças. O tabelião, ouvindo esta observação, admirou o bom coração da Sr^a. Pitou, e por conseguinte este negócio, apesar de urgente, ficou demorado para o ano seguinte, e não se perdia tempo, porque ele acabava apenas de completar doze anos.

Ora, visto que Pitou se achava em casa da tia, enquanto ela se ocupava em excogitar qual seria o maior partido que pudesse tirar de seu sobrinho, ele, pela sua parte, considerando-se na sua antiga floresta, ou com pouca diferença, tinha já tomado todas as suas disposições topográficas para levar em Villers-Cotterets a mesma vida que levava em Haramont.

Com efeito, num passeio que deu pelos arredores, conheceu logo que os melhores bebedouros eram os que se achavam nas estradas de Dampleux, de Compiègne, e de Vivières, e que o sítio mais povoado de caça era o de Bruyère-aux-Loups.

Pitou, depois de fazer este reconhecimento, tomou as suas disposições.

A coisa era fácil de conseguir, visto que para obter o visco e as varinhas não precisava de gastar dinheiro: a cortiça do azevinho, pisada em um gral e muita água, produzia o visco; enquanto às varinhas, essas havia-as aos milheiros nos álamos das vizinhanças. Pitou, preparou pois, sem dizer a pessoa alguma, um milheiro de varinhas, e um púcaro com visco de primeira qualidade, e numa bela manhã, depois de ter na véspera comprado a um padeiro por conta de sua tia um pão de quatro arráteis, partiu ao amanhecer, passou todo o dia por fora, e só voltou já noite fechada.

Ele não tinha tomado semelhante resolução, sem lhe calcular os resultados; portanto, já antevia uma grande tempestade. Sem ter a sabedoria de Sócrates, conhecia o gênio de sua tia tão bem, como o ilustre mestre de Alcibiades conhecia o de sua mulher Xantipo.

Na verdade, Pitou não se enganara no cálculo, mas contava poder fazer face à tempestade apresentando à velha devota o produto do seu dia. Somente o que não podia saber era o lugar, em que o raio o apanharia. A Sr^a. Angélica estava emboscada atrás da porta, para que seu sobrinho não lhe escapasse ao entrar, de sorte que no momento em que ele se aventurou a pôr o pé em casa, recebeu na nuca um murro, pelo qual, sem precisar de outras informações, reconheceu perfeitamente a mão descarnada da velha beata.

Felizmente, Pitou tinha a cabeça dura, e posto que a pancada apenas o tivesse abalado, para mover o dó de sua tia, em que via aumentar a cólera, em consequência do mal que fizera aos próprios dedos com a formidável pancada que lhe dera, fingiu que caía, indo a tropeçar para outro lado do quarto. Depois, vendo que sua tia ainda ia sobre ele com a roca na mão, apressou-se a tirar da algibeira o talismã com que contava para alcançar o perdão da sua fuga.

Eram duas dúzias de pássaros, entre os quais havia uma dúzia de pintarroxos, e meia de tordos.

A velha abriu os olhos muito espantados, continuou a ralar, mas por formalidade, e mesmo a ralar foi-se apoderando da caça do sobrinho e aproximando-se da luz:

- Que é isto? - exclamou ela.

- Bem vê, minha tia Angélica, são pássaros.

- E são bons para comer? - perguntou a velha, que apesar de ser muito beata era naturalmente gulosa.

- Bons para comer! - exclamou Pitou - ora essa! Pois não vê que são pintarroxos e tordos?

- E onde furtaste esses animais, desgraçadinho?

- Não os furtei, apanhei-os.

- Como?

- No bebedouro.

- Que vem a ser o bebedouro?

Pitou olhou espantado para sua tia; não podia conceber como houvesse no mundo uma pessoa tão falta de educação, que ignorasse o que era um bebedouro.

- O bebedouro? - respondeu ele - é o bebedouro.
 - Mas é que eu, Sr. brejeiro, não sei o que é um bebedouro.
 Ora, Pitou era cheio de compaixão para com os ignorantes, e por isso respondeu:
 - O bebedouro é um pequeno charco; como este onde foi, haverá uns trinta na floresta: põem-se varinhas em roda, e quando os pássaros vêm beber, como não sabem disto, ficam presos.

- A quê?
 - Ao visco.
 - Ah! Ah! Já percebo - disse a tia Angélica: - mas quem te deu o dinheiro?
 - O dinheiro! - exclamou Pitou espantado de haver alguém que pudesse acreditar que ele em tempo algum possuísse um só real; - o dinheiro, tia Angélica?
 - Sim; o dinheiro.
 - Ninguém.
 - Mas então com que compraste o visco?
 - O visco faço-o eu mesmo.
 - E as varinhas?
 - Também.
 - Dessa forma, estes pássaros...
 - O que, tia?
 - Não te custam nada?
 - O trabalho de me abaixar e de os apanhar.
 - Pode-se ir muitas vezes ao tal bebedouro?
 - Pode-se ir todos os dias.
 - Está bom.
 - Mas não é preciso...
 - Não é preciso... O quê?
 - Ir todos os dias.
 - A razão?
 - Porque isso arruína.
 - Arruína o quê?
 - O bebedouro. Não vê, tia Angélica, que os pássaros que se apanham...
 - Sim, e então!
 - Então, já lá faltam.
 - Dizes bem - respondeu a velha.

Era esta a primeira vez que a tia Angélica achara razão ao sobrinho desde que ele estava com ela, e por isso esta aprovação fora de costume encantou Pitou.

- Mas - continuou ele - nos dias em que se não for ao bebedouro, vai-se a outra parte. Quando se não apanham pássaros, apanha-se outra coisa.

- Que se apanha?
 - Apanham-se coelhos.
 - Coelhos?
 - Sim. Come-se-lhes a carne e vende-se a pele, e cada pele de coelho produz dois soldos.

A tia Angélica olhou para o sobrinho maravilhada; ela que nunca tinha pensado que ele fosse tão economista. Pitou acabava de se dar a conhecer.

- Mas hão-de ser vendidas por mim as peles dos coelhos? - redargüiu ela.
 - Decerto - respondeu Pitou - como fazia a minha mãe.

Nunca passou pela idéia deste rapaz, que do produto da sua caça pudesse reclamar outra coisa, que não fosse a sua parte no consumo.

- E quando vais tu apanhar os coelhos? - perguntou-lhe a tia Angélica.
 - Ora! Apenas eu tenha os laços - respondeu Pitou.
 - Está bom! Pois então faze os laços.

Pitou abanou a cabeça.

- Tu fizeste o visco e as varinhas.

- É verdade que fiz o visco e as varinhas, mas não sei fazer o arame; isso compra-se.

- E quanto custa?

- Oh! Com quatro soldos - exclamou Pitou calculando pelos dedos - posso fazer duas dúzias.

- E quantos coelhos podes tu apanhar com duas dúzias?

- Isso é conforme; quatro, cinco, e talvez seis! E depois os laços servem muitas vezes, quando o guarda os não acha.

- Toma, aqui tens quatro soldos - disse-lhe a tia Angélica; - compra o arame na loja do Sr. Dambum, e vai amanhã à caça dos coelhos.

- Irei amanhã pôr os laços - disse Pitou - e só depois de amanhã é que posso saber quantos estão apanhados.

- Está bom, seja assim; mas vai sempre.

O arame vendia-se mais barato na cidade do que no campo, pela razão de que os mercados de Haramont se proviam dele em Villers-Cotterets. Por dois soldos teve Pitou vinte e quatro laços, o resto restituiu-o à tia.

Esta inesperada proibidade do sobrinho quase que comoveu a velha, que por instantes lhe passou pela idéia a intenção de o gratificar com os soldos que se não tinham empregado. Mas, infelizmente para Pitou, era um soldo que tinha sido estendido às marteladas, e que, ao anoitecer, podia passar por dois. Portanto, a Sr^a. Angélica conheceu que lhe não convinha desapossar-se de uma moeda que lhe podia render meio por meio, e meteu o soldo na algibeira.

Pitou notara este movimento, mas não o analisara.

Nunca ao pobre rapaz lhe poderia vir à idéia que sua tia lhe quisesse dar um soldo.

Pôs-se a preparar os laços.

No dia seguinte pediu um saco à tia.

- Para quê? - lhe perguntou a velha, significando grande admiração.

- Porque me é preciso - respondeu Pitou, que era cheio de mistérios.

A tia, sem replicar, deu-lhe o saco que ele pedia, e meteu no fundo a provisão de pão e queijo, que havia de servir para o almoço e jantar do sobrinho, que partiu muito cedo para Bruyère-aux-Loups.

Enquanto à velha, essa principiou por depenar os doze pintarroxos, que destinava comer naquele dia; depois levou dois tordos ao abade Portier, e os outros quatro foi vendê-los ao estalajadeiro da *Bola de Ouro*, que lhos pagou por três soldos cada um.

A velha perguntou ao estalajadeiro se lhe compraria todos que lhe levasse.

O estalajadeiro prometeu-lhe que compraria pelo mesmo preço todos os pássaros que ela apresentasse.

A tia Angélica entrou em casa radiante de alegria. A bênção do céu tinha entrado para casa com Pitou.

- Ah! - exclamou ela enquanto comia os pintarroxos, que estavam gordos como os verdelhões, tenros como os papa-figos; - é bem certo quando se diz, que um benefício nunca fica sem recompensa.

Quando Ângelo voltou à noite, trazia às costas o saco muito cheio. Desta vez não foi esperado pela tia Angélica atrás da porta, mas sim no limiar; e, em lugar de ser recebido com um murro, foi acolhido com uma careta, que quase se assemelhava a um sorriso.

- Eis-me aqui! - exclamou Pitou entrando em casa com o modo de quem tinha empregado bem o dia.

- Tu, e o teu saco - disse a tia Angélica.

- Eu, e o meu saco - respondeu Pitou.

- E que trazes nele? - perguntou-lhe a tia, ao mesmo tempo que estendia a mão movida pela curiosidade.

- Trago *faines*¹ - respondeu Pitou.

- *Faines!*

- Sem dúvida; a tia Angélica não sabe, que se o tio La Jeunesse, o guarda de La Bruyère-aux-Loups, me visse a rondar o seu campo sem o saco, perguntava-me: “Que vens tu aqui fazer, vadio?” E não digo que não desconfiasse de alguma coisa. Ao passo que, levando o saco, se me perguntar o que vou fazer: “Aqui tem, lhe respondo eu, venho à apanha das *faines*; é proibido apanhar *faines*?” Não. “Muito bem; visto que não é proibido, não tem nada que me dizer.” E efectivamente, se dissesse alguma coisa, o tio La Jeunesse diria alguma asneira.

- Visto isso, passaste o dia a apanhar *faines* em vez de armar os teus laços, preguiçoso? – exclamou a tia Angélica, que no meio de todas as finezas para com o sobrinho julgava já que se lhe escapavam os coelhos.

- Ao contrário, armei os laços apanhando sempre *faines* e de tal maneira que o tio La Jeunesse não foi capaz de me ver trabalhando.

- E não te disse nada?

- Sim, disse: “Ouviste? Dá lá saudades à tia Pitou.” Hem! Sempre é bem bom homem, o pai La Jeunesse, não é verdade?

- Mas os coelhos? - replicou a tia Angélica, a quem nada podia fazer perder a idéia principal.

- Os coelhos? A lua nasce à meia-noite, pois à uma hora irei ver se eles caíram.

- Onde?

- Ao bosque.

- Não tens medo?

- Medo! De quê?

A tia Angélica ficou tão maravilhada do ânimo de Pitou quanto o estava das suas especulações.

O facto era que Pitou, simples como um filho da Natureza, não conhecia nenhum dos perigos factícios, que experimentam os rapazes das cidades.

Em vista disso, à meia-noite, partiu costeando o muro do cemitério, sem nunca olhar para trás. O rapaz inocente que nunca ofendera, ao menos em suas idéias de independência, nem a Deus nem aos homens, tinha tanto medo dos mortos como dos vivos.

Só temia uma única pessoa: era o tio La Jeunesse; pelo que teve a precaução de fazer um rodeio para lhe não passar junto da casa. Como as portas e as janelas estavam todas fechadas, e tudo em sossego no interior da casa, Pitou, para se certificar de que o guarda se achava efectivamente recolhido e não no seu posto, pôs-se a fingir os latidos de um cão, tanto ao natural, que *Ronflot*, o cão de guarda do tio La Jeunesse, se enganou com a provocação, e respondeu ladrando pela sua parte de goelas escancaradas, vindo farejar por debaixo da porta.

Desde este momento, Pitou ficou tranqüilo. Estando *Ronflot* em casa, era certo que também o estava o tio La Jeunesse. *Ronflot* e o tio La Jeunesse eram inseparáveis, e quando se via um podia-se estar certo de que não tardaria a aparecer o outro.

Pitou, perfeitamente sossegado a este respeito, encaminhou-se pois para Bruyère-aux-Loups. Os laços tinham produzido a sua obra: estavam dois coelhos presos e estrangulados.

Pitou meteu-os na ampla algibeira da sotaina extremamente comprida, que dentro de um ano se devia tornar muito curta, e dirigiu-se para casa da tia.

A santa mulher tinha-se deitado, mas a ambição conservava-a ainda acordada. Como Perrette, já fizera a conta do que lhe poderiam render quatro boas peles de coelho por semana, e essa conta havia-a levado tão longe, que não pudera ainda pregar olho, por isso foi com um certo estremecimento nervoso que ela interrogou o sobrinho.

- Um par, e assevero-lhe que não foi por minha culpa que não trouxe mais; mas parece que têm o diabo no corpo os coelhos do tio La Jeunesse.

¹ *Faines* é o fruto das faias do Norte. Este fruto produz muito bom azeite, e é ao mesmo tempo para os pobres uma espécie de maná, que lhes cai do céu durante dois meses no ano.

As esperanças da tia Angélica estavam satisfeitas, e até excedidas. Pegou, cheia de alegria, nos dois pobres animais e examinou-lhes a pele, que se conservava intacta, e foi-os fechar na copa, que desde que existia nunca tinha visto provisões semelhantes às que recebera desde o dia em que Pitou fizera propósito de a guardar.

Depois, com uma voz extremamente doce, disse a Pitou que se deitasse, o que ele por muito fatigado fez imediatamente, sem sequer pedir de cear, com o que muito penhorada ficou a boa da tia.

No dia seguinte, Ângelo Pitou renovou a tentativa e desta vez ainda foi mais feliz do que da primeira; apanhou três coelhos.

Dois foram para a *Bola de Ouro*, e o terceiro para o presbitério. A tia Angélica tratava com muito cuidado o abade Portier, porque este a recomendava pelo seu lado às almas caridosas da freguesia.

Assim correram as coisas durante três meses. A tia Angélica estava encantada, e Pitou achava o seu estado suportável. Efectivamente, a não ser o amor da mãe, que sempre lhe suavizara a existência, Pitou levava quase a mesma vida em Villers-Cotterets que em Haramont. Todavia, um caso inesperado, que aliás devia ser previsto, pôs ponto nas delícias da tia, interrompendo as expedições do sobrinho.

Recebera-se uma carta do Dr. Gilberto, datada de Nova Iorque. Apesar de estar na América, o filósofo viajante não se esquecera do seu protegido. Escrevera ao tabelião Niguet para saber se as suas instruções tinham sido seguidas, e reclamar a execução do contrato se o não tivessem sido, ou a rescisão se não as quisessem seguir.

O caso era grave: a responsabilidade do tabelião era séria, e portanto ele apresentou-se em casa da tia Pitou com a carta do doutor na mão, reclamando-lhe o cumprimento da sua promessa.

Em vista disto, não havia que alegar porque o pretexto de pouca saúde era desmentido pela presença de Pitou. Pitou era alto e magro, mas os pinheiros da floresta eram também altos e delgados e nem por isso deixavam de vegetar perfeitamente.

A Sr^a. Angélica pediu oito dias para se dispor de ânimo, a fim de escolher o ofício que o sobrinho devia abraçar.

Pitou estava tão triste como a tia. O ofício que exercia parecia-lhe de tal modo excelente, que não desejava outro.

Durante dois dias não se tratou do bebedouro nem de furtar caça, porque chegara o Inverno, e nessa estação os pássaros bebiam por toda a parte; depois, dentro em pouco, viria a neve, e Pitou não se atreveria a ir armar laços. A neve conserva visíveis as pegadas de quem transita, e os pés de Pitou eram os mais seguros fiadores de que o tio La Jeunesse saberia dentro de vinte e quatro horas o nome do ladrão que lhe despovoava a coutada.

Durante oito dias as garras da santa mulher estiveram em descanso. Pitou tornara a encontrar a tia Angélica doutro tempo, aquela que tanto medo lhe metia, e a quem o interesse, móvel poderoso de toda a sua vida, por momentos encolhera as unhas.

À medida que se aproximava o prazo, as maneiras da tia Angélica tornavam-se cada vez mais desabridas. Chegara-se ao quinto dia e Pitou desejava que sua tia se decidisse imediatamente por um ofício qualquer, contanto que não fosse o de sofrer dores, como as que estava sofrendo junto da santa mulher.

Todavia, uma idéia sublime se lhe revolvia na mente agitada, e esta idéia deu-lhe o sossego de que não gozava havia seis dias.

Consistia em pedir ao abade Fortier que o recebesse na sua classe sem retribuição alguma, e que lhe obtivesse o benefício fundado no seminário por Sua Alteza o duque de Orleans. Era uma aprendizagem, que nada custava à tia Angélica, e o Sr. Fortier, sem contar os tordos, melros e coelhos com que a velha devota o regalava havia seis meses, devia mais alguma consideração, do que a nenhum outro, ao sobrinho da alugadora de cadeiras da sua igreja. Assim subordinado ao toque da sineta, Ângelo conformava-se com o presente e prometia muito para o futuro.

Ângelo Pitou foi com efeito recebido gratuitamente em casa do abade Fortier.

O abade era bom homem, e muito desinteressado, dava a sua ciência aos pobres de espírito, e o seu dinheiro aos pobres de corpo; num só ponto era intratável; os solecismos punham-no fora de si, e os barbarismos tornavam-no furioso. Neste caso, não conhecia amigos nem inimigos, nem pobres nem ricos, nem alunos contribuintes, nem discípulos gratuitos; castigava a torto e a direito e com um estoicismo lacedemónio; e como os braços eram fortes, batia com firmeza. O seu sistema era conhecido dos pais de família; e como lhes fosse livre o porem ou deixar de pôr os filhos debaixo da direcção do abade, exigia-lhes este que os rapazes fossem inteiramente entregues à sua disposição, e por isso a todas as reclamações maternas o abade respondia com este dizer, que mandara gravar na palmatória: “Quem bem ama bem castiga.”

Ângelo Pitou, recomendado pela tia, foi recebido entre os alunos do abade Fortier. A velha devota, altiva com aquela recepção, muito menos agradável a Pitou, a quem interrompia a vida errante e independente, apresentou-se em casa do Sr. Niguet, e anunciou-lhe que não só se conformava com as intenções do doutor Gilberto, mas que até faria mais do que isso. Efectivamente o doutor tinha exigido para Ângelo Pitou um estado honroso, e ela dava-lhe mais do que isso, pois lhe dava uma educação esmerada; e onde lha dava? No mesmo colégio onde Sebastião Gilberto recebera a sua pagando cinquenta francos.

Em verdade, Ângelo Pitou recebia a sua educação grátis; mas que necessidade havia de fazer esta confidência ao doutor Gilberto? Não era bem conhecida a imparcialidade e desinteresse do abade Fortier? Ele também, como seu sublime Mestre, abria os braços, dizendo: “Deixai aproximar de mim as crianças.” Unicamente havia uma diferença, e era que as mãos paternais do abade estavam armadas, uma com os rudimentos, a outra com um molho de disciplinas; de sorte que as mais das vezes, ao contrário de Jesus, que recebia as crianças chorosas e as enviava consoladas, o abade Fortier via encaminharem-se para ele as pobres crianças amedrontadas e retirarem-se sempre chorando.

O novo aluno fez a sua entrada na aula com a caixa de folha debaixo do braço, um tinteiro na mão, e dois ou três troços de penas entaladas nas orelhas. A caixa era destinada a servir, bem ou mal, de estante; o tinteiro era presente do tendeiro, e os troços das penas tinham sido furtados pela Sr^a. Angélica ao Sr. Niguet, quando na véspera lhe fora fazer uma visita.

Ângelo Pitou foi recebido com a doce fraternidade, que nasce entre as crianças e que se perpetua entre os homens, isto é, entre vaias e apupos. Toda a classe se pôs a motejar-lhe do feitio. Foram presos dois alunos por causa do cabelo louro, e outros dois por causa dos maravilhosos joelhos, de que já nos ocupámos. Os dois últimos tinham dito que as pernas de Pitou se pareciam com as cordas de um poço, em que tivessem dado alguns nós. A lembrança fora bem acolhida, andara de boca em boca, e excitara a hilaridade geral, e por consequência a susceptibilidade do abade Fortier.

Desta sorte, feitas as contas, ao sair da aula ao meio-dia, isto é, depois de quatro horas de classe, Pitou, sem ter dirigido uma única palavra a pessoa alguma, e sem ter feito outra coisa mais do que bocejar atrás da caixa, contava já seis inimigos na classe, e seis inimigos tanto mais encarniçados contra ele quanto Pitou não lhes tinha dado motivo algum de queixa. Em vista do que, fizeram sobre o fogão, que na classe representava o altar da pátria, o juramento solene uns de lhe arrancarem o cabelo louro, outros de lhe machucarem os olhos gaios, e os outros de lhe endireitarem as pernas cambaias.

Pitou ignorava inteiramente estas disposições hostis. Ao sair perguntou a um dos vizinhos por que motivo seis condiscípulos ficavam enquanto os outros saíam.

O vizinho olhou para Pitou de revês; chamou-lhe perverso chocalheiro, e afastou-se sem querer travar conversa com ele.

Pitou perguntou a si mesmo como, não tendo dito uma palavra sequer durante toda a lição, podia ser um perverso chocalheiro. Porém, durante o decurso dessa mesma lição, ouvira dizer, uma vez aos alunos, outras ao abade Fortier, tantas coisas que não pudera perceber, que colocou a acusação do vizinho no número das coisas extremamente elevadas para a sua

inteligência.

Vendo a tia Angélica voltar Pitou ao meio-dia, e empenhada a respeito de uma educação, para a qual diziam que fizera tão grandes sacrifícios, perguntou ao sobrinho o que aprendera.

Pitou respondeu que tinha aprendido a calar; digna resposta de um pitagórico, com a diferença de que um pitagórico tê-la-ia dado por um aceno.

O novo aluno tornou de novo para a lição da uma hora, sem mostrar a menor repugnância. A lição da manhã fora empregada pelos alunos em examinarem o físico de Pitou; a da tarde foi empregada pelo professor em examinar-lhe o moral. Feito o exame, o abade Fortier ficou convencido de que Pitou teria toda a disposição para vir a ser um Robinson Crusoe, mas nenhuma tendência para se assemelhar nem de longe a um Fontenelle ou a um Bossuet.

Durante toda esta lição, muito mais maçadora para o futuro seminarista do que a da manhã, os estudantes que tinham sido castigados por causa dele, mostraram-lhe o punho por muitas vezes. Em todos os países, civilizados ou não, esta demonstração passa por um sinal de ameaça; em consequência do que Pitou se apercebeu para o que desse e viesse.

O nosso herói, efectivamente, não se enganara; ao sair, ou antes, tanto que saíram das dependências da casa colegial, foi dito a Pitou, pelos seis estudantes, que tinham sido presos, que ele lhes havia de pagar as duas horas de prisão arbitrária que tinham sofrido com capital e juros.

Pitou percebeu que se tratava de pugilato, e posto que estivesse bem longe de ter estudado o sexto livro da Eneida, onde o jovem Dares e o velho Enteio se entregam a este exercício, com grandes aplausos dos troianos fugitivos, conhecia este género de recreação, que não era de todo estranho aos habitantes da sua terra. Em vista disto, declarou que entraria na liça contra aquele dos seus adversários que quisesse começar, e fazia frente sucessivamente aos seus inimigos.

Esta declaração começou logo por lhe valer grande consideração.

As condições foram mantidas tal qual as propusera Pitou. Formou-se um círculo em roda da liça, e os campeões depois de terem despido um a sua jaleca e outro a sotaina, avançaram um para o outro.

Nós já falámos das mãos de Pitou: não eram já gratas à vista, pois muito menos o eram ao sentir. Pitou tinha os punhos extremamente grossos, tão grossos como cabeças de criança, e posto que o jogo de murro ainda não estivesse introduzido em França, e que por isso Pitou não tivesse recebido nenhuns princípios elementares dessa arte, conseguiu descarregar sobre o olho do seu primeiro adversário um murro tão perfeitamente ajustado, que o rapaz ficou logo com ele rodeado de um círculo negro tão geometricamente desenhado como se o mais hábil matemático lhe tivesse tomado a medida com o compasso.

Apresentou-se o segundo. Se Pitou tinha contra si a fadiga de um segundo combate, tinha a seu favor ser o adversário visivelmente menos forte de que o primeiro. O combate foi portanto mais breve. O tremendo punho desabou sobre o nariz do segundo antagonista, e as duas ventas, dilatando-se pela pujança do golpe, deixaram escapar dois jorros de sangue.

O terceiro ficou quite pela sua parte com um dente quebrado, e ainda assim foi o menos maltratado de todos, os outros declararam-se satisfeitos.

Pitou fendeu a multidão, que se abriu ante ele com o respeito devido aos triunfadores, e retirou-se são e salvo para os seus lares, ou antes para os de sua tia.

No dia seguinte, quando os três estudantes apareceram, um com o olho pisado, outro com o nariz esmurrado, e o terceiro com os beiços inchados, o abade Fortier procedeu logo a um inquérito. Mas os colegiais também têm alguma coisa boa; nenhum dos estudantes estropiados foi indiscreto; e só foi por via indirecta, isto é, por uma testemunha da rixa, inteiramente estranha ao colégio, que o abade Fortier soube no dia seguinte que fora Pitou quem fizera na cara dos seus discípulos o estrago que na véspera lhe excitara a solicitude.

O abade Fortier era responsável para com os parentes dos seus estudantes, tanto pelo moral como pelo físico, em consequência do que recebeu a tríplice queixa das três famílias respectivas. Em vista disto, era indispensável uma reparação. Pitou foi condenado a três dias de

detenção: um dia pelo olho, outro pelo nariz e outro pelo dente.

Estes três dias de detenção sugeriram à Sr^a. Angélica uma engenhosa idéia: foi suprimir a Pitou o jantar cada vez que o abade Fortier lhe suprimisse a saída. Esta determinação devia necessariamente tornar-se em proveito da educação de Pitou, pois que o obrigava a tomar conta em si duas vezes antes de cometer qualquer falta, visto que ela traria consigo duplo castigo.

O que unicamente Pitou nunca compreendeu foi o motivo por que o apodaram de chocalheiro, ele que nada dissera, e como havia sido castigado por ter dado naqueles que lhe tinham querido bater; mas se ele percebesse logo tudo o que vai pelo mundo, seria o mesmo que perder um dos principais encantos da existência, o mistério e o imprevisto.

Pitou passou os três dias de detenção, contentando-se com almoçar.

Contentando-se, não é o termo próprio, porque Pitou nunca se contentou tal; mas a nossa língua é tão pobre e a académica tão severa, que é necessário *contentarmo-nos* com o que temos.

O castigo sofrido por Pitou, sem que ele denunciasse a agressão a que não fizera senão responder, granjeou-lhe a consideração geral. Verdade é que os três magistrats murros que lhe tinham visto descarregar, muito concorreram para essa consideração.

A contar daquele dia, a maneira de viver de Pitou foi pouco mais ou menos a mesma que a dos outros estudantes, com a pequena diferença de que os outros rapazes davam conta mal ou bem das suas lições, ao passo que Pitou permanecia obstinadamente nas primeiras cinco ou seis frases, e acumulava quase sempre enorme número de detenções, o dobro das dos seus discípulos.

Mas note-se, que uma coisa inata em Pitou, resultante da primeira educação que recebera, ou antes, que não recebera, uma coisa pela qual se devia contar pelo menos um terço das numerosas detenções que sofria, era a sua natural inclinação para os animais.

A famosa caixa com que a tia Angélica o brindara com a alcunha de estante, tornara-se, graças à sua amplitude e aos repartimentos numerosos com que Pitou a enriquecera, uma espécie de arca de Noé, contendo casais de bichos trepadores, rasteiros e voláteis. Havia lagartos, cobras, formigas, leões, escaravêlhos e rãs, animais que se tinham tornado tão queridos de Pitou, que por causa deles sofria castigos mais ou menos severos.

De ordinário, era nos passeios semanais que Pitou fazia a apanha para a sua colecção. Desejara salamandras, muito vulgares em Villers-Cotterets, e que Francisco I tomara por brasão de armas e fizera esculpir em todos os fogões dos seus palácios, e tinha conseguindo alcançá-las; só uma coisa o preocupava fortemente, e tanto assim, que terminara por colocá-la no número das que lhe ultrapassavam a inteligência; era ter sempre encontrado na água estes répteis, que, como pretendem os poetas, vivem no fogo. Esta circunstância infundira em Pitou, que era espírito positivo, um profundo desprezo pelos poetas.

Pitou, tendo-se tornado proprietário de duas salamandras, tratou mais de procurar um camaleão; mas desta vez debalde fez as maiores pesquisas, nenhum resultado lhe coroou os trabalhos. Pitou terminou por concluir destas tentativas infrutuosas que o camaleão não existia, ou, se existia, era noutros países.

Tendo assentado nisto, não tratou mais de procurar camaleões.

Enquanto aos outros dois terços das detenções de Pitou, eram causados pelos chamados solecismos e malditos barbarismos, que inçavam os temas de Pitou como o joio inça os campos de trigo.

Quanto às quintas-feiras e domingos, dias de sueto, eram da mesma maneira empregados em armar aos pássaros ou em furtar caça; a diferença estava em que, como Pitou ia crescendo, pois já tinha cinco pés e quatro polegadas, com os seus dezesseis anos de idade, sobreveio uma circunstância que o distraiu um tanto das suas ocupações predilectas.

No caminho de Bruyère-aux-Loups está situada a vila Pisseleux, a mesma talvez que deu o nome à bela Ana de Heilly, concubina de Francisco I.

Nessa vila erguia-se a herdade do tio Billot, e ao portal dessa herdade conservava-se,

casualmente, quase todas as vezes que Pitou ali passava, uma rapariga de dezessete para dezoito anos, bela, esperta, jovial, que tinha por nome de baptismo Catarina, mas que era tratada quase sempre por Billot, apelido do pai.

Pitou começou por cumprimentar Billot; depois, a pouco e pouco, foi-se animando e continuou cumprimentando e sorrindo; afinal, num belo dia, depois de a ter cumprimentado, e depois de se ter sorrido, parou e abalçou-se, todo envergonhado, a soltar esta frase, que considerava como uma grande ousadia:

- Bons dias, Sr^a. Catarina.

Catarina era boa rapariga, e por isso recebeu Pitou como se fosse já um antigo conhecimento. E era efectivamente um conhecimento antigo, porque havia já dois ou três anos que ela o via passar pela herdade, pelo menos uma vez por semana. A diferença estava em que Catarina via Pitou, mas este não via Catarina. Era porque, quando Ângelo principiou a passar ali, Catarina tinha dezesseis anos e Pitou só catorze. Já observamos o que aconteceu a Pitou logo que completou dezesseis anos.

Portanto Catarina tinha podido ir apreciando os talentos de Pitou, porque Pitou lhe fazia participar deles, oferecendo-lhe os melhores pássaros, os coelhos mais gordos. Disto resultou que Catarina fez os seus cumprimentos a Pitou, e este, que era muito sensível aos cumprimentos, que lhe acontecia raras vezes receber, deixava-se ir por água abaixo levado pelos encantos da novidade, e em lugar de continuar, como fazia até então, o seu caminho até Bruyère-aux-Loups, demorava-se a meio dele, e em vez de se ocupar durante o dia a apanhar *faines* e a armar aos pássaros, perdia o tempo em volta da herdade do tio Billot, com a suave esperança de ver Catarina.

Disto resultou uma diminuição sensível no produto das peles de coelho, e uma falta de pintarroxos e tordos no orçamento da tia Angélica. Queixou-se ela disto amargamente. Pitou respondeu-lhe que os coelhos se tinham tornado ariscos, e os pássaros tinham dado pelo visco e bebiam já nos côncavos das folhas e dos troncos das árvores.

No meio de tudo isto uma coisa consolava a tia Angélica da inteligência intempestiva dos coelhos e da finura dos pássaros, que ela atribuía ao progresso da filosofia, era que seu sobrinho obteria o benefício, entraria no seminário e ali passaria três anos, saindo depois abade. Ora ser ama de um abade era a eterna ambição da Sr^a. Angélica.

E essa ambição não devia deixar de se realizar, porque Ângelo Pitou, logo que fosse abade, tomaria imediatamente a tia por ama, sobretudo depois do que ela por ele fizera.

A única coisa que perturbava os dourados sonhos da pobre mulher foi, assim que falou das suas esperanças ao abade Fortier, ter-lhe respondido este, abanando a cabeça:

- Minha cara Sr^a. Pitou, para vir a ser abade, era necessário que o seu sobrinho se entregasse menos à história natural, e mais ao *De viris illustribus*, ou às *Selectae e profanis scriptoribus*.

- E que quer isso dizer? - perguntou a Sr^a. Angélica.

- Que ele diz muitos barbarismos e infinitos solecismos - replicou o abade Fortier.

A tia Angélica não percebeu a resposta, mas ficou muito pesarosa.

IV

Da influência que podem ter na vida de um homem um barbarismo e sete solecismos

Os pormenores de que nos temos ocupado até agora eram indispensáveis ao leitor, qualquer que seja o grau de inteligência que lhe suponhamos, para que pudesse perceber bem todo o horror da posição em que se achava Pitou, vendo-se expulso da escola.

Com um braço pendente, e o outro segurando a caixa em equilíbrio sobre a cabeça, retinindo-lhe ainda nos ouvidos as interjeições furiosas do abade Fortier, encaminhou-se para Pleux, com uma tal concentração de espírito, que não era mais que o torpor levado ao mais alto grau.

Enfim, uma idéia lhe assomou à mente, e três palavras, que cifraram todo o seu pensamento, lhe escaparam dos lábios:

- Jesus! E minha tia!

E efectivamente, que diria a Sr^a. Angélica Pitou daquela aniquilação de todas as suas esperanças?

Contudo, Ângelo só conhecia os projectos da tia como os cães fiéis e inteligentes conhecem as intenções do dono, isto é, pelo exame da fisionomia. O instinto é um guia precioso, que nunca nos engana; ao passo que o raciocínio pode ser falseado pela imaginação.

O que originou as reflexões de Ângelo Pitou, e o que lhe fez brotar dos lábios a lamentosa exclamação que mencionámos, foi antever qual seria o desapontamento da tia, quando soubesse da fatal nova. Ora ele conhecia, por experiência, qual era o resultado de qualquer pesar da Sr^a. Angélica; desta vez, porém, havia a diferença de que o motivo da zanga era de um poder incalculável, e os resultados deviam corresponder-lhe.

E aí está sob que medonha impressão Pitou entrou em Pleux. Gastara perto de um quarto de hora no caminho que vai da porta principal do abade Fortier à entrada da vila, quando a distância não chegaria a trezentos passos.

Nisto o relógio da igreja deu uma hora.

Percebeu então que o seu diálogo supremo com o abade, e o vagar com que caminhara, o haviam retardado sessenta minutos, e que por consequência, uma vez passados trinta, tinha decorrido o prazo peremptório, depois do qual se não jantava mais em casa da tia Angélica.

Como já dissemos, tal era o régimen salutar que a santa mulher tinha estabelecido ao mesmo tempo para as tristes detenções e para as travessuras do sobrinho; desse modo economizava ela uns sessenta jantares à custa do pobre Pitou.

Mas desta vez o que mais inquietava o pobre estudante não era o parco jantar da tia; bem magro havia sido o almoço e no entanto Pitou tinha o coração tão cheio que não dava pelo vazio do estômago.

Há um horrível suplício, conhecidíssimo de todo o estudante, por mais relaxado que seja, que é a sua estada ilegítima, depois de uma expulsão colegial, em qualquer esconderijo, por mais retirado e oculto que pareça; é sobretudo a gazeta definitiva e forçada que é obrigado a fazer enquanto os seus condiscípulos passam de papéis e livros debaixo do braço para o seu trabalho quotidiano. Então o colégio, até esse momento tão odiado, começa a ser apetecido, e o estudante ocupa-se verdadeiramente do importante trabalho dos temas e versões, de que nunca tratara e que se discutem no colégio na sua ausência. Quantas relações não há entre o estudante expulso e o excomungado pela sua impiedade, que perdeu o direito a entrar na igreja, e arde em desejos de ouvir missa?

Acontecia isto mesmo ao pobre Pitou, porque à medida que se aproximava da casa de sua tia, o viver nessa casa parecia-lhe horroroso; e foi então a primeira vez, em toda a sua vida, que se lhe figurou ser a escola um paraíso terrestre de que o abade Fortier, como anjo exterminador, acabava de o expulsar com a sua palmatória em lugar da espada coruscante.

Todavia, apesar dele caminhar devagar, e de fazer grandes paradas de dez em dez passos, paradas que se tornavam mais longas à proporção que se aproximava, e que não podia deixar de se aproximar da porta daquela casa temida por ele, Pitou transpôs finalmente o limiar, quase que arrastando-se e levando maquinalmente a mão ao barrete.

- Ai! Tia Angélica, estou muito doente! – exclamou ele para prevenir todos os ralhos e arguições, e talvez para ver se o lastimavam.

- Está bom - disse a tia Angélica; - já sei qual é o mal: curá-lo-ei facilmente desandando o ponteiro do relógio hora e meia.

- Oh! Não! - acudiu amargamente Pitou. – Não tenho vontade de comer.

A tia Angélica ficou tão assombrada como inquieta. Uma doença inquieta tanto uma boa mãe como uma madrastra; a mãe com receio do perigo que causa o mal, a madrastra com o medo que tem de que ele lhe entre pelos haveres.

- Mas então que tens? Anda, fala - disse a velha.

A estas palavras, pronunciadas sem grande agrado, Ângelo Pitou desfez-se em lágrimas: e cumpre confessar que as caretas que fazia passando das lamúrias às lágrimas, eram das mais feias e desagradáveis que se podiam ver.

- Oh! Minha tia, aconteceu-me uma desgraça muito grande - respondeu ele.

- Que foi?

- O abade pôs-me fora - exclamou por fim Ângelo Pitou soltando estrepitosos soluços.

- Pôs-te fora? - replicou a Sr^a. Angélica, como se não percebesse bem.

- Pôs, sim, senhora.

- E donde te pôs ele fora?

- Do colégio.

E os soluços de Pitou redobraram.

- Do colégio?

- Sim, senhora.

- E para sempre?

- Sim, senhora.

- Visto isso não haverá exames, nem concursos, nem benefício, nem seminário?

A estas palavras os soluços de Pitou converteram-se em roncões, e a Sr^a. Angélica encarou com ele como se quisesse ler no íntimo do coração do sobrinho as causas da expulsão.

- Apostemos que tornaste a fazer alguma gazeta, ou que levaste o tempo a rondar a herdade do tio Billot? Não tens vergonha, um futuro abade!

Ângelo abaixou a cabeça.

- Tu mentes! - bradou a velha, cuja cólera aumentava à proporção que se convencida da verdade de que o lance era grave; - tu mentes! Ainda no domingo te vi na alameda dos Suspiros com a Billot.

Desta vez era a Sr^a. Angélica que mentia; mas em todo o tempo as beatas se têm julgado autorizadas a mentir em virtude deste axioma jesuítico: “É permitida a mentira para se saber a verdade.”

- É impossível que me vissem na Alameda dos Suspiros - retorquiu Ângelo; - é impossível, porque nós não passámos do lado do pomar.

- Ah! Desgraçado! Por isso se vê que estavas com ela.

- Mas, minha tia - replicou Pitou corado - agora não se trata da menina Billot.

- Sim, chama-lhe menina para ocultar o teu passatempo impuro! Mas deixa estar que eu advertirei o confessor daquela delambida.

- Porém, minha tia, asseguro-lhe que a menina Billot não é delambida.

- Ah! Pois tu defende-la quando és tu que tens precisão de desculpa! Logo, vocês entendem-se um com o outro? Onde irá isto parar, meu Deus? Rapazes de dezesseis anos!...

- A minha tia está enganada; é o contrário do que está dizendo. Tanto não me entendo com a Catarina, que ela nunca me dá cavaco.

- Ah! Vocês bem vêem que eu bem os entendo. Olha a sem-cerimónia com que lhe chamas a Catarina. E que quer isso dizer, hipócrita? Ela não te dá cavaco, mentiroso... senão quando olhas para ela.

- Ta, ta, ta! -disse para si Pitou, inopinadamente inspirado; - ta, ta, ta! E eu que não tinha pensado nisso!

- Tu vêes - disse a beata aproveitando-se da enganosa exclamação do sobrinho para o convencer de convivência com a Billot - que percebo as coisas? Mas deixa, que eu vou arranjar tudo. O abade Fortier é o seu confessor, vou pedir-lhe que te faça encarcerar, e que te ponha a pão e água por quinze dias, e enquanto à menina Catarina, se for necessário, terá um convento para moderar a paixão que tem por ti. Dentro em pouco, vê-la-emos em Saint-Remy.

A velha beata pronunciou as últimas palavras com uma tal autoridade e convicção do seu poder, que fez estremecer Pitou.

- Oh! Minha tia - disse-lhe pondo as mãos – olhe que se engana; juro que a menina Billot não concorreu em nada para a minha desgraça.

- A impureza é a mãe de todos os vícios – disse sentenciosamente a Sr^a. Angélica.

- Mas, minha tia, torno a repetir que o Sr. abade não me expulsou porque eu fosse *impuro*; expulsou-me porque eu fazia muitos barbarismos, misturados com alguns solecismos, que me escapam também de quando em quando, e que me tiram, segundo ele diz, toda a probabilidade de alcançar o benefício do seminário.

- Toda a probabilidade, dizes tu? Visto isso, nunca alcançarás o benefício, não serás abade, nem eu serei tua ama?

- Jesus! Não, minha tia!

- Então que hás-de vir a ser? - perguntou a velha acesa em ira.

- Não sei - respondeu Pitou erguendo lamentavelmente os olhos para o céu; - serei o que a Providência quiser.

- Ah! A Providência?... Já percebo o que isso é exclamou a tia Angélica. - Quem lhe falaria destas idéias novas, e quem lhe terá inculcado estes princípios de filosofia?

- Está enganada, minha tia, porque não se pode entrar em filosofia senão depois de ter dado a retórica, e eu nunca pude passar do 3.º ano.

- Muito bem, muito bem. Não é dessa filosofia que te falo; falo da filosofia de Diderot, que compôs a *Religiosa*.

Nisto a Sr^a. Angélica persignou-se.

- A *Religiosa*? - perguntou Pitou - que é isso minha tia?

- Tu já a leste, desgraçado?

- Juro-lhe que não, minha tia.

- Aí está porque tu não queres nada com a igreja.

- Engana-se, minha tia; a igreja é que não quer nada comigo.

- Este rapaz é pior que uma serpente! Não vêem como ele replica?

- Não, minha tia; eu só respondo.

- Está perdido decididamente! - exclamou a Sr^a. Pitou com os sinais do mais profundo abatimento, deixando-se cair na sua poltrona habitual.

E com efeito, aquele *está perdido*, significava: Estou perdida!

O perigo estava iminente. A tia Angélica tomou uma resolução suprema; levantou-se da cadeira, como se uma mola a pusesse em pé, e correu a casa do abade Fortier para lhe pedir explicações, e sobretudo para tentar com ele um último esforço.

Pitou seguiu-a com os olhos até à porta; depois, assim que ela desapareceu, chegou também à porta e viu-a caminhar com uma rapidez, que lhe não era habitual, para a rua Soissons. À vista disto, Pitou não teve mais dúvida das intenções da Sr^a. Angélica e convenceu-se de que efectivamente ela ia a casa do professor.

Isto devia-lhe render pelo menos um quarto de hora de tranqüilidade. Pitou tratou pois de utilizar o tempo que a Providência lhe deparava. Juntou os restos do jantar da tia para dar aos lagartos; apanhou duas ou três moscas para as formigas e rãs; depois, abrindo sucessivamente a arca do pão e o armário, tratou de se alimentar também a si, porque com a solidão voltara-lhe o apetite.

Depois de ter tomado todas estas disposições, foi espreitar à porta, para não ser surpreendido pela chegada da sua segunda mãe.

A Sr^a. Angélica intitulava-se segunda mãe de Pitou. No entanto ele espreitava uma bela rapariga que passou pelo fim do Pleux, seguindo a viela que vai dar da extremidade da rua Soissons à rua de Lormet. Ia montada na garupa de um cavalo carregado com dois cestos vindimos, um cheio de frangos, outro de pombos. Era a menina Catarina, que, avistando Pitou à porta da tia, parou.

Pitou corou, segundo o seu costume; depois ficou de boca aberta, olhando, isto é, admirando; porque a menina Billot era para ele a mais acabada expressão da beleza humana.

A rapariga deitou um lance de olhos para a rua, cumprimentou Pitou com uma pequena inclinação de cabeça e continuou o seu caminho.

Pitou correspondeu estremecendo de prazer.

Esta pequena cena durou o tempo justamente necessário para que o nosso bom estudante, todo embevecido naquela contemplação, e sempre olhando para o lugar onde tinha estado a menina Catarina, não desse por sua tia, que voltava de casa do abade Fortier e que lhe puxou pela mão, tremendo de raiva.

Ângelo, tornando a si do seu belo sonho pelo choque eléctrico que lhe causava sempre o contacto da tia, arredou a vista da cara enraivecida da Sr^a. Angélica para a pousar sobre a própria mão, e foi então que se viu com terror possuidor de uma enorme fatia de pão já encetada e sobre a qual apareciam super abundantemente aplicadas duas camadas de manteiga fresca e de queijo branco sobreposto.

A velha soltou um grito de terror, e Pitou um gemido de medo. Angélica ergueu a mão descarnada: Pitou abaixou a cabeça; Angélica lançou mão do pau da vassoura que estava próximo; Pitou deixou cair a fatia do pão e deitou a fugir.

Aqueles dois corações acabavam de se entender e tinham compreendido que nada mais devia existir entre eles.

A Sr^a. Angélica entrou de novo em casa e fechou a porta dando volta à chave; Pitou, supondo que o giro da chave na fechadura era a continuação da tempestade, e que a tia lhe ia no encalço, ainda mais deu aos calcanhares.

Desta cena resultou um efeito que a Sr^a. Angélica estava bem longe de prever, e com o qual Pitou também não contava seguramente.

V

Um lavrador filósofo

Pitou corria como se todos os diabos do inferno lhe fossem no encalço, e num instante pôs-se fora da cidade.

Ao voltar a esquina do cemitério, esteve a ponto de dar com o nariz na anca de um cavalo.

- Olé! - disse uma voz agradável e bem conhecida de Pitou - onde vai a correr assim, Sr. Ângelo? Pouco faltou para fazer tomar o freio nos dentes ao Cadete com o medo que lhe meteu!

- Ai, menina Catarina! - exclamou Pitou respondendo ao próprio pensamento e não à interrogação da rapariga. - Ai, menina Catarina, que desgraça, meu Deus! Que desgraça!

- Jesus! Mete-me medo! - disse a rapariga detendo o cavalo no meio do caminho. - Que aconteceu, Sr. Ângelo?

- Aconteceu - disse Pitou, como se fosse revelar um mistério de iniquidades; - aconteceu que nunca serei abade, menina Catarina.

Uma grande gargalhada foi a resposta da menina Billot, em vez da cara aflita que Pitou esperava.

- Com que então não será abade? - disse ela.

- Não - respondeu Pitou consternado. - Está visto que é impossível.

- Muito bem; nesse caso, será soldado - acudiu Catarina.

- Soldado?

- Por certo. Mas não se desespera por coisa tão pouca. Julgava que me vinha anunciar a morte repentina da senhora sua tia.

- Ah! - disse Pitou com sentimento; - para mim é exactamente como se ela morresse, porque me pôs fora.

Catarina pôs-se a rir às bandeiras despregadas, o que de novo scandalizou Pitou.

- Mas não ouviu que ela me pôs fora de casa? - replicou o estudante desesperado.

- Sim? Pois tanto melhor - disse ela.

- A menina é bem feliz de poder rir desse modo; prova que tem um belo carácter, visto que os males alheios lhe não fazem mocha - disse Ângelo com ironia.

- E quem lhe disse que se lhe acontecesse qualquer mal verdadeiro eu não me compadeceria de si, Sr. Ângelo?

- Compadecer-se-ia de mim se me acontecesse um mal verdadeiro? Mas a menina não sabe que não tenho recursos nenhuns?

- Pois melhor ainda - disse Catarina.

Pitou não sabia que pensasse.

-E comer! - disse ele; - é preciso comer, menina, e quem mo dará a mim, que tenho sempre fome?

- O senhor não quer trabalhar?

- Trabalhar! Em quê? O Sr. Fortier e minha tia Angélica têm-me dito mais de cem vezes que não presto para nada. Se me tivessem posto a aprender em casa de um carpinteiro, em vez de quererem fazer de mim um abade! Olhe, menina Catarina - disse Pitou com um gesto de desespero - decididamente há uma maldição sobre mim!

- Coitado! - disse a rapariga penalizada, pois sabia quanto era verdadeira a lamentável história de Pitou. - Há alguma verdade no que diz, meu caro Sr. Pitou; mas por que não faz uma coisa?

- O quê? - disse Pitou, agarrando-se às palavras que a menina Billot ia proferir, como o afogado se agarra a um salgueiro. - Que é? Diga.

- O senhor tem um protector, se bem me lembra.

- É o Sr. Dr. Gilberto.

- É discípulo do filho dele, porque esteve como o senhor no colégio do abade Fortier, não é verdade?

- Assim é; e até o livreí muitas vezes de ser castigado.

- Pois bem; então por que se não dirige ao doutor? Ele por certo que não o abandonará.

- Sim, sim; faria isso sem dúvida, se soubesse onde ele pára. Mas talvez seu pai o saiba, menina Billot, porque o Dr. Gilberto é o seu senhorio.

- Eu sei que ele lhe faz passar uma parte das rendas para a América e a outra para casa de um tabelião de Paris.

- Ah! - disse Pitou - para a América! Sempre é bem longe!

- Pois quê? Quer ir à América, o senhor? - exclamou a pobre rapariga quase aterrada da resolução de Pitou.

- Eu? Nunca! Nunca! Não; se achasse alguma coisa que me desse de comer em França, estaria aqui melhor do que em nenhuma outra parte do mundo.

- Muito bem! - repetiu a menina Billot.

Pitou pôs os olhos no chão, e a rapariga conservou-se calada. Este silêncio durou algum tempo. Pitou estava engolfado em sonhos, que teriam de todo surpreendido o abade Fortier, homem lógico.

Estes sonhos, partindo de um ponto obscuro, iam-se esclarecendo; depois tinham-se tornado confusos, posto que brilhantes como relâmpagos, cuja origem é oculta e a causa ignorada.

Neste meio tempo o cavalo tinha começado a andar, e Pitou ia caminhando ao lado do animal com uma das mãos apoiada num dos cestos. Quanto à menina Billot, tão pensativa quanto o estava Pitou, deixava ir as rédeas sobre as crinas do cavalo sem temer que ele tomasse o freio. Não havia monstros no caminho e o Cadete não tinha relação alguma com o cavalo de Hipólito.

Pitou parou maquinalmente quando o caminho acabou. Tinham chegado à quinta.

- Olá! És tu, Pitou? - exclamou um homem de aparência robusta e altiva, que estava parado ao pé de um charco, onde dava água ao cavalo.

- Sou eu mesmo, Sr. Billot, sem tirar nem pôr.

- Mais uma desgraça que aconteceu a este pobre Pitou - disse a filha saltando abaixo do cavalo, sem se importar que a saia se arregaçasse, deixando-lhe ver a cor das pernas; - a tia pô-lo fora de casa.

- E que fez ele desta vez à velha papa-hóstias? - disse o lavrador.

- Foi por eu não ser forte em grego - disse Pitou.

Era bazófia; em latim é que ele devia dizer.

- Forte em grego! - disse Billot. - E para que queres tu ser forte em grego?

- Para explicar Teócrito e ler a *Ilíada*.

- E para que serve explicar Teócrito e ler a *Ilíada*?

- Para ser abade.

- Essa é boa! - exclamou o Sr. Billot. - Sei porventura o que é grego, o que é latim, o que é francês, o que é escrever, o que é ler? E deixo por isso de semear, de fazer a colheita e de enceleirar?

- Assim é, Sr. Billot; mas o senhor não é abade, é lavrador, *agrícola*, como diz Virgílio. *O fortunatus nimium...*

- Pois sim; mas crês tu que um lavrador seja igual a um clérigo, dize, mau menino do coro? Sobretudo quando um lavrador tem sessenta jeiras de terra por suas e um milhar de luís ao canto da gaveta...

- Sempre me disseram que ser abade era a melhor coisa que havia no mundo. Verdade é - ajuntou Pitou a sorrir-se o mais agradavelmente possível - que nunca dei lá muito apreço ao que me diziam.

- E tens razão, rapaz. Tu vês que faço versos, o caso está que eu queira. Parece-me que diviso em ti disposição para fazer coisa melhor que um abade, é que é para ti uma felicidade que não te tenhas dado a isso, principalmente agora. Vês tu, assim mesmo lavrador como sou, conheço os tempos, e os tempos vão maus para os abades.

- Ora essa! - disse Pitou.

- Isto é mais que verdade. Temos o céu entrovistado - disse o lavrador. - Olha, repara no que te digo: tu és honrado e sábio.

Pitou agradeceu extremamente penhorado, por lhe chamarem sábio pela primeira vez na sua vida.

- Tu podes muito bem ganhar a tua vida sem isso - continuou o rendeiro.

A menina Billot ia tirando de cima do cavalo os frangos e os pombos, e ouvindo com atenção o diálogo que se travava entre Pitou e seu pai.

- Ganhar a vida? É coisa que me parece bem difícil - replicou Pitou.

- Que sabes tu fazer?

- Ora! Sei armar laços aos pássaros e apanhá-los com visco. Imito muito bem o canto dos pássaros, não é verdade, menina Catarina?

- Isso é verdade, e é um gosto ouvi-lo; até canta como um tentilhão!

- Pois sim; mas isso tudo não é um ofício - replicou o tio Billot.

- É o que eu digo, com a breca!

- Tu praguejas, então vai o caso às mil maravilhas.

- Quê! Eu praguejei? - disse Pitou; - Peço-lhe perdão, Sr. Billot.

- Não importa - disse o rendeiro - isso também me acontece muitas vezes. Mau raio te parta! - prosseguiu ele voltando-se para o cavalo. - Não estarás quieto? Safa! Estes diabos destas bestas nunca se podem perder de vista! Mas vamos ao caso - ajuntou voltando-se para Pitou; - és preguiçoso?

- Não sei; nunca tratei senão do latim, do grego, e...

- E que mais?

- E confesso que com isso me dava sempre a água pela barba.

- Tanto melhor - disse Billot; - isso prova que não és ainda tão estúpido como eu julgava.

Pitou abriu muito os olhos numa dimensão medonha. Era a primeira vez que ouvia

expende esta ordem de idéias subversivas e contra todas as teorias que ouvira até então.

- Pergunto se te esquivas à fadiga?

- Oh! Isso lá de fadiga é outra coisa - disse Pitou; - não, e não; ando muito bem dez léguas sem que por isso fique fatigado.

- Bom, já é alguma coisa - replicou Billot. - Emagrecendo mais alguns arrátéis de carne, virás a ser um bom andarilho.

- Emagrecer! - disse Pitou olhando para a sua figura delgada, para os braços compridos e ossudos; e para as intermináveis pernas. - Parecia-me, Sr. Billot, que magro estou eu, e até demais.

- Na verdade, meu amigo - disse o lavrador desatando a rir - tu és um tesouro.

Era também a primeira vez que Pitou se via elevado a tão alto preço. Desta forma caía de surpresa em surpresa.

- Ouve-me - disse Billot. - Perguntava se tu eras preguiçoso para o trabalho?

- Para que trabalho?

- Para o trabalho em geral.

- Se quer que lhe diga, não sei: nunca trabalhei.

A filha do rendeiro pôs-se a rir; mas desta vez o tio Billot tomou a coisa a sério.

- Os velhacos daqueles padres! - exclamou ele estendendo o grosso punho para a cidade. - Aqui está como eles educam a mocidade, no fanatismo e na ociosidade. Para que serve um emproado destes, sempre quero perguntar? Pode ele ser útil aos seus irmãos?

- Oh! Por aí não vai o gato às filhós, porque não tenho irmãos.

- Por irmãos - disse Billot - entendo eu todos os homens. Quererás porventura sustentar que os homens não são todos irmãos?

- Assim será; pelo menos assim está no Evangelho.

- E iguais - continuou o rendeiro.

- Ah! Isso lá é outra coisa - acudiu Pitou. - Se eu fosse igual do abade Fortier não me teria ele dado tantas vezes com a palmatória; e se eu fosse igual de minha tia, não me poria ela hoje fora de casa.

- Torno a dizer-te que todos os homens são iguais - replicou o lavrador; - nós o provaremos dentro em pouco aos tiranos.

- *Tirannis!* - bradou Pitou.

- E a prova é - continuou Billot - que te tomo para minha casa.

- Toma-me para sua casa, meu caro Sr. Billot? Não está caçoando?

- Não; vamos, que te é necessário para viver?

- Eu sei?... Por aí três arrátéis de pão por dia, pouco mais ou menos.

- E além do pão?

- Uma pouca de manteiga, ou um fatacaz de queijo.

- Vamos lá - disse o lavrador - segundo vejo não és difícil de sustentar. Está dito, sustentar-te-ei.

- Sr. Pitou - disse Catarina - não tem outra coisa que perguntar a meu pai?

- Eu, menina? Pela minha vida que não.

- Para que veio então até cá?

- Porque a menina veio.

- Ora, eis aí o que é bonito - disse Catarina; - mas não lhe agradeço a fineza senão pelo que ela vale. O senhor não veio para perguntar a meu pai notícias do seu protector?

- Ah! É verdade - disse Pitou. - Que tolo que eu sou, pois não me tinha já esquecido!

- Tu queres falar do digno Sr. Gilberto? - perguntou o lavrador com um tom de voz, que expressava o grau de profunda consideração em que tinha o senhorio.

- Esse mesmo - respondeu Pitou; - mas por agora não tenho precisão disso; visto que me toma para casa, esperarei tranquilamente que volte da América.

- Nesse caso não terás muito que esperar - retorquiu o lavrador - porque já voltou.

- O quê? - exclamou Pitou. - E quando foi isso?

- Não sei exactamente; mas o que sei é que está no Havre há oito dias; porque lá dentro tenho um pacote mandado por ele, e que me dirigiram hoje mesmo para Villers-Cotterets; a prova ela aqui está.

- Quem lhe disse isso, meu pai?

- Quem havia de ser! Havia uma carta dele no pacote.

- Desculpe, meu pai - disse Catarina sorrindo; - mas julgava que não sabia ler. Digo-lhe isto, papá, porque é o próprio a gabar-se de não saber ler.

- Sim, gabo-me disso, sim. Quero que se diga: O tio Billot não deve nada a ninguém, nem sequer a um mestre-escola: fez propriamente a sua fortuna. Aí está o que quero que se diga. Não fui eu que li a carta, foi o sargento dos gendarmes que encontrei.

- E que diz ela, meu pai? Ele continua a estar bem connosco, não é verdade?

- Vê lá.

E o rendeiro tirou de uma carteira de couro uma carta, que deu à filha.

Catarina leu o que segue:

“Meu caro Sr. Billot.

“Chego da América, onde encontrei um povo mais rico, maior e mais venturoso do que o nosso. Provém isso de ele ser livre e nós não o sermos. Mas nós marchamos também para uma era nova, e cumpre que cada qual trabalhe em aproximar o dia em que as luzes derramem o seu fulgor. Conheço os seus princípios, meu caro Sr. Billot, e sei qual é a sua influência sobre os lavradores seus amigos e sobretudo nessa esforçada povoação de operários e de trabalhadores a quem dirige, não como um rei, mas como um pai. Transmita-lhes, pois, os princípios de consagração e fraternidade que lhe conheço. A filosofia é universal, e todos os homens devem ler os seus direitos e deveres à luz do seu candeeiro. Envio-lhe um livrinho, no qual todos esses direitos estão mencionados. Esse livrinho é composto por mim, posto que o meu nome não se veja nele. Propague-lhe os princípios, que são os da igualdade universal, e faça com que todos o leiam nos longos serões do Inverno. A leitura é o pasto da alma, como os alimentos são o do corpo.

“Um destes dias irei vê-lo, e hei-de propor-lhe um novo modo de pagar a renda, muito usado na América. Consiste em dividir a colheita entre o rendeiro e o proprietário, o que me parece melhor, segundo as leis da sociedade primitiva, e sobretudo segundo o desejo de Deus.

“Saúde e fraternidade.

“*Honoré Gilberto*, cidadão de Filadélfia.”

- Ora aí está - exclamou Pitou - o que me parece uma carta bem escrita.

- Pois não é? - disse Billot.

- É, sim, meu pai - disse Catarina - mas duvido que o sargento da gendarmaria seja do seu parecer.

- Por quê?

- Porque me parece que esta carta pode comprometer não só o Dr. Gilberto, senão talvez que a si mesmo.

- Que te leve a breca! Que sempre hás-de estar com medo! Isso não impede que aqui esteja o livro e que nele esteja o teu emprego, Pitou. À noite o lerás.

- E de dia?

- De dia guardarás os carneiros e as vacas. Aqui está o livro.

E o lavrador tirou da algibeira um livro de brochura encarnada, como então se publicavam muitos, com licença da autoridade ou sem ela.

A diferença estava em que no último caso o autor arriscava-se a ir para as galés.

- Lê o título disso, Pitou, que eu falo sempre do título esperando falar da obra. Depois me lerás tudo o que se lhe segue.

Pitou leu na primeira página estas palavras, que o uso fez bem vagas e insignificantes depois, mas que naquela época acordavam um eco assaz íntimo no coração de todos:

“Da independência do homem e da liberdade das nações.”

- Que dizes tu a isso, Pitou? - perguntou o rendeiro com ufania.
 - Digo que me parece, Sr. Billot, que independência e liberdade são a mesma coisa, e o meu protector seria inevitavelmente posto fora da aula do Sr. Fortier por causa do pleonasma.
 - Pleonasma ou não, este livro é de um homem - disse o lavrador.
 - Não importa, meu pai - acudiu Catarina com o admirável instinto das mulheres; - esconda-o, peço-lho eu; parece-me que lhe há-de trazer desgostos. O que sei é que só de o ver tenho medo.
 - E por que achas tu que ele me prejudique, se não tem prejudicado o seu autor?
 - Como sabe isso, meu pai? Olhe, há oito dias que essa carta está escrita, e o correio não gasta decerto oito dias para vir do Havre aqui. Também eu recebi uma carta esta manhã.
 - De quem?
 - De Sebastião Gilberto, que nos escreveu também. Encarrega-me de dizer muitas coisas ao seu colação Pitou. Tinha-me esquecido do recado.
 - E depois?
 - Depois diz que havia três dias que o pai era esperado em Paris, e ainda lá não tinha chegado.
 - A menina tem razão - disse Pitou; - parece-me que esta demora é para reccar.
 - Cala-te, pateta, e lê o tratado do doutor - disse o rendeiro; - desse modo virás a ser não um sábio, mas um homem.
- De ordinário, falava-se assim naquele tempo, porque se chegara ao prefácio dessa grande história grega e romana, que a nação francesa copiou durante dez anos em todas as suas fases: dedicações, proscricções, vitórias e escravidões.
- Pitou meteu o livro debaixo do braço com ar tão solene, que acabou por ganhar completamente a afeição do lavrador.
- Vamos ao que importa - disse Billot; - já jantaste?
 - Não, Sr. Billot - respondeu Pitou, conservando a posição semi-religiosa, semi-heróica, que tomara desde que recebera o livro.
 - Era justamente quando ele ia jantar, que a tia o pôs fora de casa - atalhou a rapariga.
 - Pois então - continuou Billot - vai pedir à tia Billot que te dê o que dá a santa cá na herdade, e amanhã darás começo aos teus trabalhos.
- Pitou agradeceu com um olhar eloquente ao Sr. Billot, e, conduzido por Catarina, entrou na cozinha, que estava sob a direcção absoluta da Sr^a. Billot.

VI

Bucólicas

A Sr^a. Billot era uma matrona gorda, de trinta e cinco ou trinta e seis anos, redonda como uma bola; fresca, rechonchuda e cordial. Andava incessantemente da capoeira para o pombal, da abegoaria para o aprisco; cuidava sempre da panela, das fornalhas e do assado, e, semelhante a hábil general, que sem descanso visita os postos para ver se tudo está no seu lugar, a Sr^a. Billot, numa vista de olhos, examinava se o tomilho e o louro tinham sido distribuídos nas caçarolas em devida quantidade. Resmungava por costume, mas sem a mais leve intenção de se tornar com isso desagradável ao marido, que respeitava como ao maior potentado, nem a sua filha, que amava por certo mais do que a Sr^a. de Sévigné amava a Sr^a. de Grimán, nem aos moços, que tratava como nenhuma lavradora naquelas dez léguas em redor tratava os seus. Por isso choviam os empenhos para ser admitido em casa do Sr. Billot. Mas ali, infelizmente, como no céu, comparativamente aos que se apresentavam, eram muitos os chamados, mas poucos os escolhidos.

Vimos que Pitou não fora chamado, mas fora eleito, fortuna que ele apreciou devidamente, sobretudo quando viu o pão que lhe puseram à esquerda, com a caneca de cidra à direita, e o pedaço de toucinho na frente. Desde que perdera a sua infeliz mãe, ia já em cinco anos, Pitou nem em dias de grande festa gozara tão boa mesa.

Por isso, cheio de gratidão, à proporção que engolia o pão, que devorava o toucinho, que umedecia com largos tragos de cidra, sentia aumentar-lhe a admiração pelo lavrador, o respeito pela patroa, e o amor pela menina. Só uma coisa lhe dava cuidado, era a função humilhante que devia exercer durante o dia, guardando carneiros e vacas, função tão pouco em harmonia com aquela que para a noite lhe estava reservada, e que tinha por fim instruir a humanidade nos princípios mais elevados da sociabilidade e da filosofia.

Foi no que pensou Pitou depois do seu jantar. Mas mesmo nesta meditação, a influência do excelente jantar fez-se sentir. Pitou começou a encarar as coisas debaixo de aspecto diferente do que se lhe apresentara em jejum. Aquelas funções de guardador de carneiros e de vacas, que considerava como sendo já de si muito inferiores, haviam sido desempenhadas na antiguidade por deuses e semi-deuses.

Apolo, em certa situação muito semelhante à dele, isto é, expulso do Olimpo por Júpiter, como Pitou o fora de Pleux pela tia Angélica, fizera-se pastor e guardava os rebanhos de Admeto. Verdade é que Admeto era um rei pastor, mas também Apolo era um deus.

Hércules fora vaqueiro ou coisa que o valha, porque, segundo a mitologia, puxava pelo rabo às vacas de Gérion, e conduzir as vacas pelo rabo ou conduzi-las pela cabeça, é simplesmente uma diferença nos costumes daqueles que as conduzem, nada mais; isso, afinal de contas, não lhe tira que tivesse sido condutor de vacas, ou, o que vem a dar na mesma, vaqueiro.

Ainda mais, aquele Títilo deitado à sombra de uma faia, de que fala Virgílio, e que em tão belos versos louva o descanso que Augusto lhe deu, era igualmente pastor. Numa palavra, também aquele Melibeu, que poeticamente deplora o ter de deixar os seus lares, pastoreava gado.

Toda essa gente falava por certo bastante latim para serem abades, e todavia preferiam ver as suas cabras pastarem na relva a ir dizer missa ou cantar matinas. Era preciso que o estado de pastor tivesse também os seus encantos. E demais, quem impediria Pitou de lhe dar novamente a poesia e dignidade que tinha perdido? Quem lhe impediria que propusesse desafios de canto aos Menalcas e Palémons das aldeias vizinhas? Ninguém, por certo. Pitou já várias vezes havia cantado na igreja, e se não tivesse sido apanhado uma vez a beber o vinho das galhetas do abade Fortier, que com o usual rigor imediatamente o demitira da sua dignidade de menino de coro, esse talento podia servir-lhe de muito. Não sabia tocar flautim, é verdade, mas sabia tocar assobio em todos os tons, o que devia parecer-se muito. Não fazia ele mesmo a sua flauta como o amante de Sírinx, mas, com varas de tílias e de castanheiros, fazia assobios, cuja perfeição mais de uma vez lhe granjeara os aplausos dos seus companheiros. Pitou podia pois ser pastor sem grande desaire; não *descia* até esse estado, mal apreciado nos tempos modernos, *elevava-o* a si.

E demais, a menina Billot era a directora dos rebanhos; e como deixaria Pitou de receber com prazer ordens, quando tinham de ser dadas por Catarina?

Catarina também, da sua parte, velava pela dignidade de Pitou.

Naquela mesma noite, quando o mancebo se aproximou dela e lhe perguntou a que horas devia sair com o rebanho, Catarina respondeu-lhe sorrindo:

- Não sai.

- Como? - disse Pitou admirado.

- Expliquei a meu pai que a educação que o senhor tem recebido coloca-o acima das funções que ele lhe destinava; ficará no casal.

- Ah! Ainda bem - disse Pitou - assim nunca me apartarei de si.

Esta exclamação escapara ao bom Pitou; mas apenas a proferiu, assomou-lhe a cor ao rosto e às orelhas, ao passo que da sua parte Catarina abaixava a cabeça sorrindo.

- Ah! Perdão, menina, foi sem querer que isto me saiu do coração, mas não me deve

querer mal por isso - disse Pitou.

- Nenhum mal lhe quero por semelhante coisa, Sr. Pitou - disse Catarina - nem é culpa sua se acha prazer em estar ao pé de mim.

Houve um momento de silêncio. Não era de admirar: as duas pobres crianças tinham dito tanta coisa em tão poucas palavras!

- Mas - disse Pitou - eu não posso ficar aqui sem fazer nada. Que deverei fazer?

- Fará o que eu fazia, tratará da escrituração, contas com os trabalhadores, receitas, despesas. Sabe calcular, não é verdade?

- Sei as quatro operações - respondeu Pitou orgulhosamente.

- Sabe uma mais do que eu - disse Catarina - que nunca pude compreender mais que três. Bem vê que meu pai há-de lucrar em o ter por guarda-livros, e como também eu lucro, e o senhor igualmente, segue-se que é um negócio em que todos lucram.

- Em que lucrará a menina? - perguntou Pitou.

- Lucrarei tempo, e assim farei toucas para andar mais bonita.

- Ah! - disse Pitou - eu já a acho bonita sem touca.

- Pode ser, mas isso é o seu gosto particular - disse a rapariguinha rindo. - E daí não posso ir dançar no domingo a Villers-Cotterets sem levar uma bonita touca na cabeça. Isso é bom para as fidalgas, que têm direito para se empoar e para andar com a cabeça descoberta.

- Acho os seus cabelos mais lindos do que se tivessem pós - disse Pitou.

- Ora! Está a fazer-me cumprimentos!... Deixemo-nos disso.

- Não, menina, não sei fazer cumprimentos: em casa do abade Fortier é coisa que se não aprendia.

- E aprendia-se lá a dançar?

- A dançar? - perguntou Pitou admirado.

- Sim, a dançar.

- A dançar, em casa do abade Fortier! Jesus! Menina... Ora essa! A dançar... Isso não!

- Então não sabe dançar? - disse Catarina.

- Eu não - disse Pitou.

- Pois bem, virá comigo no domingo à dança, e verá dançar o Sr. de Charny, que de todos os rapazes dos arredores é quem dança melhor.

- Quem é o Sr. de Charny? - perguntou Pitou.

- É o dono do palácio de Boursonne.

- Então ele no domingo dança?

- Dança, sim.

- E com quem?

- Comigo.

O coração de Pitou oprimiu-se, sem que ele soubesse porquê, e o pobre moço disse:

- Então é para dançar com esse senhor, que se quer enfeitar?

- Para dançar com ele, para dançar com os outros, com toda a gente.

- Excepto comigo.

- E por que não?

- Pois se não sei dançar...

- Aprenderá.

- Ah! Se me quisesse ensinar, menina Catarina, asseguro-lhe que aprenderia muito melhor do que olhando para o Sr. de Charny.

- Veremos isso - disse Catarina; - entretanto são horas de dormir, boa noite, Sr. Pitou.

- Boa noite, menina Catarina.

No que a menina Billot dissera a Pitou havia coisas boas e coisas más: as boas era que tinha sido promovido das funções de pastor e vaqueiro às de guarda-livros; as más, era que ele não sabia dançar, e que o Sr. de Charny sabia; e até, segundo Catarina afirmara, era de todos quem dançava melhor.

Pitou sonhou toda a noite que via dançar o Sr. de Charny, e que ele dançava pessimamente.

No dia seguinte, Pitou começou os seus trabalhos sob a direcção de Catarina, e então uma coisa se lhe patenteou logo ao espírito: é quanto, com certos mestres, o estudo se torna agradável. Ao cabo de duas horas estava perfeitamente ao facto do seu trabalho.

- Ah! Menina - disse ele - se me tivesse ensinado o latim, em lugar do abade Fortier, parece-me que nunca teria feito barbarismos.

- E teria sido abade?...

- E teria sido abade - respondeu Pitou.

- De modo que se teria fechado num seminário, onde nunca penetraria mulher nenhuma...

- É verdade - disse Pitou - nunca me tinha passado semelhante coisa pela idéia, menina Catarina... Nada, prefiro não ser abade.

Às nove horas entrou o tio Billot; tinha saído antes de Pitou se levantar. Todas as manhãs, às três horas, presidia à saída dos cavalos e dos carreiros; depois andava pelo campo até às nove, para verificar se estavam todos no seu posto e trabalhando; às nove horas vinha almoçar, e tornava a sair às dez: o jantar era à uma hora, e a tarde passava-a a vigiar os homens, como passara a manhã. Por isso os negócios do tio Billot progrediam maravilhosamente. Como ele dissera, possuía umas sessenta jeiras de terra ao sol e um milheiro de luíses de ouro à sombra. E até é provável que, se a conta fosse bem feita, se Pitou contasse bem, sem ser distraído pela presença da Sr^a. Catarina, é provável que achasse algumas jeiras e alguns luíses mais do que o tio Billot confessara.

Ao almoço, Billot preveniu Pitou que a primeira leitura da obra do doutor Gilberto seria no dia seguinte, no casal, pelas dez horas da manhã.

Pitou observou então timidamente que às dez horas da manhã era a hora da missa; mas Billot respondeu que tinha exactamente escolhido essa hora para experimentar os seus trabalhos.

Já o dissemos, o tio Billot era filósofo.

Odiava os padres, a quem considerava como apóstolos da tirania, e achando ocasião de erigir um altar contra outro, aproveitava essa ocasião apressadamente.

A Sr^a. Billot e Catarina arriscaram algumas observações, mas o aldeão respondeu que as mulheres se quisessem iriam à missa, visto que a religião era feita para as mulheres; mas quanto aos homens, haviam de ouvir a leitura da obra do doutor, ou saíriam de sua casa.

O filósofo Billot era um déspota na sua casa; só Catarina tinha direito de levantar a voz contra as suas decisões; mas se elas estavam bastante arraigadas no espírito para o obrigarem a responder a Catarina, franzindo as sobrancelhas, então Catarina fazia como os outros, calava-se.

Entretanto, Catarina pensou em tirar partido da circunstância em proveito de Pitou. Ao erguer-se da mesa, fez observar a seu pai que para dizer todas as belas coisas que no domingo teria de repetir, Pitou não estava decentemente vestido, que ia representar o papel de mestre, pois que ia derramar instrução, e que não era conveniente que o mestre tivesse de corar de pejo diante dos discípulos.

Billot autorizou a filha a entender-se com o mestre Dulauroy, alfaiate em Villers-Cotterets, para vestir Pitou.

Catarina tinha razão; um fato novo para o pobre Pitou não era um luxo supérfluo: o calção que trazia era ainda o mesmo que cinco anos antes lhe mandara fazer o doutor Gilberto, calção que, de comprido que era, se tornara demasiadamente curto, mas que, forçoso é dizê-lo, crescera, graças aos cuidados da Sr^a. Angélica, duas polegadas cada ano. Quanto à casaca e à véstia, havia dois anos que tinham desaparecido e haviam sido substituídos pela túnica de paninho vermelho com que nas primeiras páginas desta história apareceu o nosso herói aos olhos do leitor.

Pitou nunca pensara muito no seu vestuário. O espelho era coisa desconhecida em casa da Sr^a. Angélica, e não tendo, como o belo Narciso, disposições para se namorar de si, Pitou

nunca pensara em contemplar-se nos regatos, em cujas margens armava as varas com visco.

Mas quando a menina Catarina lhe falara de o acompanhar à dança, quando ouviu falar do Sr. de Charny, que era um elegante cavalheiro, quando a história das toucas, com que a rapariga contava aumentar a formosura, tinha sido ouvida por Pitou, este fora ver-se num espelho, e bastante entristecido com o desalinho de seu traje, começou a meditar nos meios de tornar mais agradáveis os seus dotes naturais.

Infelizmente, fora essa uma pergunta a que Pitou não soubera responder. A miséria do seu vestuário era evidente. Ora, para se ter fato novo, era preciso dinheiro, e nunca em sua vida Pitou possuía um ceutil.

Pitou já tinha visto que, para se disputarem o prémio da flauta ou dos versos, os pastores coroavam-se de rosas; mas ele pensava, e com muita razão, que essa coroa ainda que lhe dissesse bem com as feições, serviria para fazer sobressair ainda mais a mesquinhez do arranjo.

Pitou ficou pois agradavelmente surpreendido, quando no domingo, às oito horas da manhã, enquanto meditava nos meios de aformosear mais a sua pessoa, viu entrar o Sr. Dulauroy, o qual pôs numa cadeira um casaco e um calção azul claro com um colete branco de riscas cor de rosa.

Ao mesmo tempo entrou a costureira e pôs noutra cadeira, defronte da primeira, uma camisa e uma gravata: a camisa vinha para prova, porque se estivesse boa, a costureira tinha ordem de fazer meia dúzia iguais.

Era a maré das surpresas; atrás da costureira entrou o chapeleiro. Trazia um lindo chapéuzinho de três bicos, da última moda, muito airoso e elegante, enfim, era das obras mais perfeitas que se fabricavam em casa do Sr. Cornu, primeiro chapeleiro de Villers-Cotterets.

Vinha também encarregado pelo sapateiro, de pôr aos pés de Pitou um par de sapatos com fivelas de prata, expressamente fabricados para ele.

Pitou estava encantado, não podia crer que tantas riquezas fossem para ele. Nos seus sonhos mais dourados nunca ele se atrevera a desejar semelhante guarda-roupa. Lágrimas de gratidão lhe umedeceram as pálpebras, e apenas pôde murmurar estas palavras:

- Oh! Menina Catarina, menina Catarina, nunca esquecerei o que por mim fez!

Tudo lhe ia perfeitamente e como se tivessem tomado a medida a Pitou; só os sapatos eram demasiadamente pequenos. O Sr. Laudereau, sapateiro, tomara a medida pelo pé de seu filho, que tinha quatro anos mais do que Pitou.

Esta superioridade de Pitou sobre o jovem Laudereau deu um momento de orgulho ao nosso herói; mas esse movimento foi depressa sufocado pela idéia que teria de ir à dança sem sapatos, ou com os sapatos velhos, que não harmonizariam bem com o resto do vestuário. Mas esse cuidado durou pouco; um par de sapatos que mandavam ao mesmo tempo ao tio Billot, cortou as dificuldades. Sucedia por felicidade que o tio Billot e Pitou tinham o pé do mesmo tamanho, o que cuidadosamente se ocultou ao tio Billot para não o humilhar.

Enquanto Pitou tratava de vestir o sumptuoso fato, entrou o cabeleireiro. Dividiu os cabelos amarelos de Pitou em três partes: uma, e era a mais forte, em forma de rabicho, as outras foram destinadas a acompanhar as fontes, sob a designação de *orelhas de cão*; o nome não era poético, mas era assim que se lhes chamava.

Agora, confessemos uma coisa, é que Pitou, depois de penteado, frisado, vestido com o seu fato azul, colete cor de rosa e camisa de bofes, com o rabicho e as orelhas de cão, quando se foi mirar ao espelho, não se conhecia a si mesmo, e voltou-se para examinar se não seria Adónis em pessoa, que teria vindo à terra, e que estava no seu lugar.

Estava só. Sorria amavelmente a si mesmo, e de cabeça alta, com os dedos polegares nos bolsos, disse, endireitando-se:

- Veremos o tal Sr. de Charny!...

Verdade é que Ângelo Pitou, com o seu fato novo, parecia-se como duas gotas de água, não com um pastor de Virgílio, mas com um pastor de Vatteau.

O primeiro passo que Pitou deu ao entrar na cozinha foi um triunfo.

- Oh! Mamã, veja como Pitou parece bem assim - bradou Catarina.

- O facto é que está inteiramente outro - disse a Sr^a. Billot.

- Pois não está?

Infelizmente que do *todo*, que tanto agradara a Catarina, passou a rapariga a fazer um exame por partes. E com essa análise Pitou perdia muito do seu primeiro valor.

- É singular - disse Catarina - que mãos tamanhas que tem!

- Sim - disse Pitou - tenho belas mãos, não é verdade?

- E que joelhos tão grossos!

- É prova de que ainda hei-de crescer.

- Ora, parece-me que já é alto bastante, Sr. Pitou.

- Não importa, ainda hei-de crescer; não tenho senão dezessete anos e meio.

- E não tem barriga de perna.

- É verdade, não tenho nem sombra delas; mas hão-de nascer ainda.

- É de esperar - disse Catarina. - Não importa, no todo parece muito bem!

Pitou fez uma cortesia.

- Oh! Oh! - disse o tio Billot entrando e examinando também Pitou. - Como estás guapo, meu rapaz; desejava que a tua tia Angélica te visse assim.

- Também eu - disse Pitou.

- Imagino o que ela diria! - observou o lavrador.

- Talvez não dissesse coisa nenhuma; mas havia de ficar desesperada.

- Mas, papá - disse Catarina com certa inquietação - não tinha direito a chamá-lo outra vez a si.

- Se ela o pôs fora...

- E demais - disse Ângelo Pitou - os cinco anos já terminaram.

- Quais? - perguntou Catarina.

- Os cinco anos pelos quais o doutor Gilberto deixou mil francos.

- Ele tinha deixado mil francos à tua tia?

- Deixou, sim, senhora, para me fazer ensinar um ofício.

- Que homem aquele! - disse o lavrador. - E lembra-me que todos os dias ouço dele coisas semelhantes. Por isso - acrescentou fazendo um gesto com a mão - a minha amizade para com ele, é para a vida e para a morte!

- Ele queria que eu aprendesse um ofício: - disse Pitou.

- E tinha razão. Aí está como se transtornam as boas intenções. Deixam-se mil francos para mandar ensinar um ofício a uma criança, e metem-na em casa de um padreca, que quer fazer dele um seminarista. E quanto pagava ela ao abade Fortier?

- Quem?

- A tua tia.

- Nada.

- Então guardava para si o dinheiro do Sr. Gilberto?

- Provavelmente.

- Olha, queres um conselho, Pitou? Quando a velha beata de tua tia *esticar a canela*, vai logo examinar bem a casa, por toda a parte, nos armários, no enxergão, nos potes da conserva...

- Para quê? - perguntou Pitou.

- Porque hás-de achar algum tesouro; alguns velhos luíses metidos num pé de meia de lã. Ora! Sem dúvida, porque não terá achado bolsa grande bastante para guardar as suas economias.

- Julga isso?

- Estou certo do que te digo. Mas tornaremos a falar disso quando for tempo. Hoje trata-se de dar uma pequena volta. Tens o livro do doutor Gilberto?

- Trago-o na algibeira.

- Meu pai - disse Catarina - pensou bem?

- Não é preciso pensar para fazer boas obras, minha filha - disse o lavrador; - o doutor

disse-me que mandasse ler o livro para propagar os princípios que ele contém, o livro há-de ser lido e os princípios propagados.

- E - disse Catarina com timidez - podemos ir à missa, eu e minha mãe?

- Podem ir à missa - disse Billot - são mulheres; nós, como somos homens, é coisa diferente, e não iremos; vem, Pitou, acompanha-me.

Pitou cortejou a Sr^a. Billot e Catarina e seguiu o lavrador; ia todo soberbo por lhe chamarem homem.

VII

Em que se demonstra que se umas pernas compridas são desastradas para dançar, podem ser úteis para correr

A assembléia na granja era numerosa. Billot, como já dissemos, era muito considerado pelos seus servos, porque, se muito lhes ralhava, sustentava-os bem e pagava pontualmente.

Portanto, todos tinham prontamente acudido ao convite.

Além disso, naquela época grassava entre o povo essa febre estranha, que se apodera nas nações quando vão empreender um trabalho. Palavras singulares, novas, quase desconhecidas, saíam de bocas que nunca as tinham proferido. Eram as palavras de liberdade, independência, emancipação, e, caso singular, não era só entre o povo que se ouviam pronunciar; estas palavras tinham sido pronunciadas pela nobreza primeiramente, e a voz que lhe respondia não passava de um eco.

Fora do ocidente que viera a luz, que devia alumiar a ponto de incendiar. Fora na América que se levantara aquele sol, que, terminando o seu giro, devia produzir na França um vasto incêndio, a cujo clarão as nações espantadas iam ler a palavra república escrita em letras de sangue.

Por isso, essas reuniões em que se tratava de negócios políticos eram menos raras do que se poderia presumir. Homens, vindos ninguém sabia donde, apóstolos de um Deus invisível, e quase desconhecidos, corriam pelas cidades e aldeias, semeando por toda a parte a palavra liberdade. O governo, até àquele momento cego, começava a abrir os olhos. Os que estavam à frente daquela grande máquina chamada causa pública, sentiam certas rodas pararem, sem que pudessem compreender donde nascia o obstáculo. A oposição andava por toda a parte nos espíritos, se não andava já nas obras; invisível, mas presente, mas sensível, ameaçadora, e por vezes tanto mais ameaçadora, quanto, semelhante aos espectros, era impalpável, e todos a adivinhavam sem lhe poderem tocar.

Vinte ou vinte e cinco jornaleiros, todos dependentes de Billot, estavam reunidos na granja.

Billot entrou acompanhado por Pitou, Todos se descobriram, todos os chapéus voaram pelos ares. Era fácil compreender que aquela gente toda estava pronta a deixar-se matar a um sinal que o amo lhe fizesse.

O lavrador explicou aos aldeãos que a brochura que Pitou ia ler-lhes era obra do Dr. Gilberto. O Dr. Gilberto era muito conhecido naquele distrito, onde tinha várias propriedades, sendo a principal delas o casal administrado por Billot.

Um tonel estava preparado para o leitor.

Pitou saltou para cima daquela tribuna improvisada e começou a leitura.

É de notar que a gente do povo, e ousarei quase dizer, os homens em geral, escutam tanto mais atentamente quanto menor é a sua compreensão. É evidente que o sentido geral da brochura escapava aos espíritos mais esclarecidos da rústica assembléia, até ao próprio Billot. Mas no meio daquela fraseologia obscura, passavam como raios no centro de um céu sombrio e carregado de electricidade, as luminosas palavras de independência, liberdade e igualdade. Não foi preciso mais, os aplausos rebentaram de todos os lados; os gritos de: Viva o Dr. Gilberto! foram

unânicos. Fora lida coisa de uma terça parte da brochura, e decidiu-se que se havia de ler em três domingos.

Os auditores foram convidados a reunir-se no próximo domingo, e todos prometeram que haviam de estar presentes.

Pitou lera perfeitamente. Tomara portanto o leitor a sua parte dos aplausos dirigidos à obra, e, experimentando a influência dessa ciência relativa, o Sr. Billot sentira nascer em si uma certa consideração pelo discípulo do abade Fortier. Pitou, que já fisicamente era grande, cresceu moralmente mais dez palmos.

Só lhe faltava uma coisa: a Sr^a. Catarina não tinha assistido ao seu triunfo.

Mas o tio Billot, encantado com o efeito que a brochura do doutor tinha produzido, apressou-se em dar parte desse sucesso à mulher e à filha.

A Sr^a. Billot não deu resposta: era mulher de pequena compreensão.

Mas Catarina sorriu tristemente.

- Então que é isso? - perguntou o lavrador.

- Meu pai! Meu pai! - disse Catarina - tenho receio que se comprometa.

- Ora adeus! Queres fazer de ave agoureira? Previno-te que gosto muito mais de pombos que de mochos.

- Meu pai, disseram-me que o prevenisse de que a autoridade o vigiava.

- E quem te disse semelhante coisa?

- Um amigo.

- Um amigo? Não há conselho que não deva agradecer-se. Como se chama o amigo?

Quem é?

- Um homem que deve estar bem informado.

- Enfim, quem é ele?

- O Sr. Isidoro de Charny.

- Para que se mete aquele peralta comigo? Para que vem dar-me conselhos sobre o meu modo de pensar? Vou porventura dar-lhe conselhos sobre o modo como se há-de vestir? Parece-me contudo que também lhe poderia dizer alguma coisa.

- Meu pai, não estou para o enfadar. O conselho foi dado com boas intenções.

- Pois bem! Dar-lhe-ei outro conselho e podes transmitir-lho da minha parte.

- Qual é?

- É que ele e os seus camaradas devem tomar conta em si; os senhores nobres estão sendo asperamente escovados na assembléia nacional, e por várias vezes se tem ali tratado dos validos e das validas. Que transmita este aviso a seu irmão, o Sr. Olivier de Charny, que está na cidade, e, segundo dizem, em grandes relações com a Austríaca.

- Meu pai - disse Catarina - a sua experiência é maior do que a nossa, faça o que julgar melhor.

- Com efeito - murmurou Pitou - para que vem o tal Sr. Isidoro meter-se com as vidas alheias?

Catarina não ouviu ou fingiu não ouvir, e a conversa ficou por ali.

O jantar teve lugar como era costume, e nunca pareceu tão longo a Pitou. Tinha pressa de mostrar todo o seu esplendor indo com Catarina pelo braço. Era para ele um grande dia o tal domingo, e prometeu a si mesmo que ficaria eterna na sua lembrança a data de 12 de Julho.

Partiram efectivamente às três horas. Catarina estava encantadora. Era uma formosa loura de olhos pretos, delgada e flexível como os salgueiros, que espalhavam a sombra sobre a pequena fonte onde se ia buscar a água para o consumo da casa. Estava vestida com elegância natural, que faz sobressair todos os encantos da mulher, e a toucazinha, feita por ela mesma, como o confessara a Pitou, ficava-lhe maravilhosamente bem.

A dança, segundo era uso, só começava às seis horas. Quatro menestrelis trepados sobre um estrado de tábuas faziam as honras daquela sala de baile ao ar livre, mediante uma leve retribuição por cada contradança. Enquanto se esperava que o relógio desse as seis horas,

passava-se por aquela famosa rua dos *Suspiros*, de que falara a tia Angélica, onde se ia ver os jovens senhores da cidade ou dos arredores jogarem a péla sob a direcção de mestre Farolet, jogador-mor de péla de Sua Alteza o senhor duque de Orleans. Mestre Farolet era muito considerado, e as suas decisões em matéria de jogo eram recebidas com toda a veneração devida à sua idade e mérito.

Pitou, sem que soubesse porquê, teria desejado muito ficar na rua dos Suspiros; mas não era para estacionar à sombra dessa rua de carvalhos e faias que a menina Catarina se vestira com aquele luxo que, tanto maravilhava Pitou.

As mulheres são como as flores que o acaso fez nascer à sombra; procuram incessantemente a luz, e de um modo ou de outro, é preciso sempre que a sua corola fresca e embalsamada venha abrir-se ao sol, que as murcha e devora.

Só a violeta, segundo os poetas, tem a modéstia de se conservar escondida; mas ainda assim traz o luto da sua inútil formosura.

Catarina, pois, puxou tanto e tão bem pelo braço de Pitou, que tomaram o caminho do jogo da péla. É forçoso confessar que Pitou não se fez puxar muito pelo braço. Tinha tanta vontade e tanta pressa de mostrar a casaca azul e o tricórnio casquilho, como Catarina a touca à Galateia e o corpo de vestido *peito de rola*.

Havia sobretudo uma coisa que muito lisonjeava o nosso herói e lhe dava certa primazia momentânea sobre Catarina. Como ninguém o conhecia, porque Pitou nunca fora visto com fato tão sumptuoso, tomavam-no por algum rapaz chegado da cidade, algum sobrinho, algum primo da família Billot, e até talvez algum noivo de Catarina. Mas Pitou estava muito empenhado em certificar a sua identidade para que o engano pudesse durar muito. Tantos sinais fez aos amigos, tantas vezes tirou o chapéu para cortejar os conhecidos, que afinal todos reconheceram no guapo aldeão o discípulo indigno do mestre Fortier, e uma espécie de clamor dizia:

-É o Pitou! Conhecem o Ângelo Pitou?

Este clamor chegou aos ouvidos da Sr^a. Angélica; mas como lhe afirmavam que o que diziam seu sobrinho era um guapo moço, que andava de pés para fora e braços arqueados, a velha beata, que sempre vira Pitou com os pés metidos para dentro e os cotovelos unidos ao corpo, abanou a cabeça com incredulidade, e contentou-se com responder:

- Estão enganados, não pode ser o meu desastrado sobrinho.

Catarina e Pitou chegaram ao jogo da péla. Havia naquele dia desafio entre os jogadores de Soissons e os de Villers-Cotterets; de modo que a função era das mais animadas. Catarina e Pitou colocaram-se encostados à corda, mesmo no fim do declive; fora Catarina quem escolhera aquela posição como sendo a melhor.

Um instante depois, ouvia-se a voz de mestre Farolet, que bradava:

- A dois. Passemos.

Os jogadores efectivamente passaram, isto é, cada um deles foi defender o seu jogo e atacar o dos adversários. Um dos jogadores, ao passar, cortejou Catarina com um sorriso. Catarina respondeu fazendo uma mesura e corando de pejo; ao mesmo tempo Pitou sentiu no braço de Catarina, que se apoiava no dele, um pequeno tremor nervoso.

Alguma coisa de semelhante a uma angústia desconhecida oprimiu o coração de Pitou.

- É o Sr. de Charny? - perguntou ele, olhando para a sua companheira.

- É - respondeu Catarina; - conhece-o?

- Não o conheço - disse Pitou - mas adivinhei que era ele.

Com efeito, segundo as informações que na véspera lhe tinham dado, fora fácil a Pitou adivinhar que aquele mancebo era o Sr. de Charny.

O que tinha cortejado Catarina era um moço de vinte e três ou vinte e quatro anos; belo, bem constituído, elegante de figura e cheio de graça nos movimentos, como costumam ser todos os que, desde o berço, recebem uma educação aristocrática. Todos os exercícios do corpo, que só podem ser bem feitos quando tiverem sido estudados desde a infância, executava-os o Sr. Isidoro de Charny com a mais notável perfeição; além disso, era daqueles cujo fato está sempre em

harmonia com o exercício para que é destinado. Os seus fatos de caça eram citados pelo mais perfeito gosto; o vestuário de sala de armas poderia servir de modelo ao próprio Saint-Georges; enfim, os fatos de montar a cavalo eram, ou antes pareciam ser de um corte inteiramente particular, graças ao modo de vestir.

Naquele dia o Sr. de Charny, irmão mais novo do nosso antigo conhecimento, o conde de Charny, penteado com a negligência própria duma *toilette* de manhã, vestia uma espécie de calção justo, de cor clara, que fazia destacar a forma das pernas, delgadas e musculosas; elegantes sandálias, presas por meio de correias, substituíam momentaneamente o sapato de salto vermelho ou bota de canhão; um justilho de acolchoadinho branco cingia-lhe o corpo, como se estivesse preso num colete, e ali próximo estava o criado, tendo no braço uma casaca verde com galões de ouro.

A animação dava-lhe naquele momento todo o encanto e toda a frescura da mocidade, que, apesar dos seus vinte e três anos, já tinha sido cerceada pelas vigílias prolongadas, pelas orgias nocturnas e pelas partidas de jogo, que o sol da madrugada sempre vinha alumiar.

nenhuma destas circunstâncias, que Catarina sem dúvida já notara, escapara a Pitou. Vendo as mãos e os pés do Sr. de Charny, começou a ensoberbecer-se menos dessa prodigalidade da natureza, que lhe fizera alcançar uma vitória sobre o filho do sapateiro, e começou a pensar que essa mesma natureza poderia ter repartido de modo mais hábil, por todas as diferentes partes do seu corpo, os elementos de que estava composto.

Com efeito, com o que ele tinha de mais nos pés, nas mãos e nos joelhos, a natureza teria achado elementos para lhe fazer uma bonita perna. A diferença era que as coisas não estavam nos seus lugares competentes; onde se queria finura, havia inchação, e onde se queriam cheios, havia vazios.

Pitou examinou as pernas, com um olhar semelhante àquele com que o veado da fábula contempla as suas.

- Que tem, Sr. Pitou? - perguntou Catarina.

Pitou não respondeu e contentou-se com suspirar.

A partida estava terminada. O visconde de Charny aproveitou o intervalo entre a partida acabada e a que ia começar, para vir cumprimentar Catarina. À medida que se aproximava, Pitou via o sangue subir ao rosto da donzela e sentia que o braço, que se apoiava no seu, se lhe tornava mais trémulo.

O visconde fez um sinal com a cabeça a Pitou, depois, com a familiar civilidade que os nobres daquela época sabiam empregar tão bem com as mocinhas das classes inferiores, perguntou a Catarina como estava, e pediu-lhe a primeira contradança. Catarina concedeu-lha. O jovem nobre respondeu com um sorriso. A outra partida ia começar, chamaram-no. Cortejou Catarina e afastou-se com o mesmo desembaraço com que se aproximara.

Pitou sentiu toda a superioridade que sobre ele tinha um homem que falava, sorria, aproximava-se e se afastava daquele modo.

Um mês que empregasse em estudar os mais simples movimentos do Sr. de Charny, só teria conduzido Pitou a uma paródia, cujo ridículo recairia sobre ele.

Se o coração de Pitou fosse capaz de conhecer o ódio, teria, a datar daquele momento, odiado o visconde de Charny.

Catarina ficou vendo o jogo até que os jogadores chamaram os criados para lhes darem as casacas. Dirigiu-se então para a dança, com grande desespero de Pitou, que, naquele dia, parecia destinado a ir contra vontade a toda a parte.

O Sr. de Charny não podia esperar. Uma leve mudança no seu vestuário transformara o jogador de péla num elegante cavalheiro para dançar. As rebecas deram o sinal, e ele foi oferecer a mão a Catarina, recordando-lhe a promessa que lhe fizera.

O que Pitou experimentou quando sentiu o braço de Catarina largar o dele e viu a rapariga toda corada avançar no círculo com o seu cavalheiro, foi talvez uma das sensações mais desagradáveis de toda a sua vida. Um suor frio lhe umedeceu a fronte, passou-lhe diante dos

olhos uma nuvem, estendeu a mão e encostou-se à balaustrada, porque sentiu que os joelhos, apesar de sólidos como eram, lhe vergavam sob o peso do corpo.

Quanto a Catarina, parecia não ter, e mesmo provavelmente não tinha, idéia alguma do que se passava no coração de Pitou; sentia-se feliz e orgulhosa ao mesmo tempo; feliz de dançar, orgulhosa por ser com o mais belo cavalheiro dos arredores.

Se Pitou se tinha visto obrigado a admirar o Sr. de Charny como jogador de péla, forçoso lhe foi fazer-lhe justiça na dança. Naquela época, ainda não era moda passear em vez de dançar. A dança era uma arte, que fazia parte da educação. Sem contar o Sr. de Lausun, que devera a sua fortuna ao modo por que tinha dançado na quadrilha do rei, mais de um gentil-homem devera a protecção de que na corte gozava ao modo por que estendia a perna e dobrava o bico do pé. Neste ponto, o visconde era um modelo de graça e de perfeição, e teria podido, como Luís XIV, dançar num teatro público, com probabilidade de ser aplaudido, apesar de não ser rei nem actor.

Pela segunda vez, Pitou examinou as suas pernas, e viu-se obrigado a confessar a si mesmo que salvo o caso de que nele se operasse alguma grande transformação naquela parte do corpo, devia renunciar à idéia de querer rivalizar com o Sr. de Charny.

A contradança acabou; para Catarina tinha apenas durado alguns segundos, mas a Pitou parecera um século. Vindo tomar o braço do seu cavalheiro, Catarina viu a mudança que na fisionomia se lhe operara. Estava pálido; o suor orvalhava-lhe a fronte e uma lágrima meio devorada pelo ciúme lhe brilhava nos olhos.

- Ah! Meu Deus! - disse Catarina - que tem, Sr. Pitou?

- Tenho - respondeu o pobre rapaz - que nunca ousarei dançar consigo depois de a ter visto dançar com o Sr. de Charny.

- Ora adeus! - disse Catarina - não deve assim desanimar; dançará como puder, e não terei por isso menos prazer em dançar consigo.

- Ah! - disse Pitou - diz isso por prazer, menina; mas eu faço justiça a mim mesmo, e repito que sempre terá muito mais prazer em dançar com aquele fidalgo do que comigo.

Catarina não respondeu, porque não sabia mentir, mas como era uma excelente criatura, e começava a notar que se passava alguma coisa estranha no coração do pobre rapaz, fez-lhe muita festa; porém as carícias que lhe fez não puderam restituir a Pitou a alegria e o prazer perdidos. O tio Billot dissera a verdade; Pitou começava a ser um homem: padecia.

Catarina dançou ainda cinco ou seis contradanças, sendo uma delas com o Sr. de Charny. Desta vez sem que padecesse menos, Pitou parecia aparentemente mais tranqüilo. Seguia com os olhos cada movimento de Catarina e do seu par. Tentava, pelo movimento dos lábios, adivinhar o que diziam, e quando, nas figuras que eles executavam, as mãos se lhes encontravam, procurava adivinhar se se ajuntavam só ou se se apertavam também.

Era sem dúvida por esta segunda contradança que Catarina esperava, porque, apenas a acabou, a rapariga propôs a Pitou voltarem para casa. Nunca houve proposta recebida com maior satisfação; mas o golpe estava descarregado, e Pitou, dando passadas, que Catarina se via forçada a deter de tempos a tempos, conservava o silêncio mais absoluto.

- Que tem? - lhe perguntou finalmente Catarina.

- Por que motivo não me fala?

- Não lhe falo, menina - disse Pitou - porque não sei falar como o Sr. de Charny. Que lhe poderia eu dizer depois das lindas coisas que ele lhe disse quando dançou com a menina?

- Como é injusto, Sr. Ângelo! Falava-me do senhor.

- De mim, menina, e a que propósito?

- Olhe, Sr. Pitou, se não se tornar a achar o seu protector, há-de ser preciso procurar-lhe outro.

- Então já não sirvo para a escrituração do casal? - perguntou Pitou suspirando.

- Pelo contrário, Sr. Ângelo; mas parece-me que a escrituração do casal é que não lhe convém. Com a educação que recebeu, pode aspirar a coisa melhor.

- Não sei ao que poderei aspirar, mas o que lhe posso afirmar é que não quero aspirar a

nada, se para isso me for preciso a protecção do Sr. visconde de Charny.

- E por que motivo recusaria a protecção dele? O irmão, o conde de Charny, segundo dizem, tem grande influência na corte, e casou com uma particular amiga da rainha. Estava-me dizendo que, se eu tivesse gosto nisso, trataria de lhe alcançar um lugar nos armazéns do sal.

- Obrigadíssimo, menina; mas repito-lhe, acho-me muito bem como estou, e salvo o caso de ser despedido por seu pai, ficarei no casal.

- E por que diabo te despediriam? - disse uma voz grossa, que Catarina, estremecendo, conheceu ser a de seu pai.

- Meu caro Pitou - disse Catarina em voz baixa - não fale do Sr. Isidoro, peço-lhe eu.

- Hem? Dize, responde - disse Billot.

- Não sei - disse Pitou muito perturbado - talvez me não encontre suficiente habilidade para lhe ser útil.

- Não te encontrar suficiente habilidade! Ora essa! Tu que fazes contas como um matemático, que lê melhor do que o Sr. professor do sítio, que todavia se tem em grande conta; não, Pitou, é Deus que guia para a minha casa as pessoas que para ela entram, e uma vez que tenham entrado, deixam-se ficar enquanto Deus o quer.

Pitou regressou ao casal com esta sentença; mas, apesar de ser isso já alguma coisa, não era bastante; operara-se nele uma grande mudança entre a sua saída e a sua entrada; tinha perdido uma coisa que, quando se chega a perder, não se torna a achar: era a confiança em si. Pitou, contra o seu costume, dormiu mal. Nos seus momentos de insónia, lembrou-se do livro do doutor Gilberto: aquele livro era principalmente contra a nobreza, contra os abusos da classe privilegiada, contra a cobardia dos que a ela se submetem; pareceu a Pitou que só agora começava a compreender todas as coisas que de manhã lera, e prometeu a si mesmo, logo que amanhecesse, ler de novo, e só para si, a obra-prima que tinha lido em voz alta para todos.

Mas, como Pitou tinha dormido muito mal, acordou tardíssimo. Não mudou por isso a resolução de executar o seu projecto de leitura. Eram sete horas; o lavrador só voltava às nove; e demais, ainda que voltasse, não poderia deixar de aprovar uma ocupação que ele mesmo tinha recomendado.

Desceu por uma pequena escada e foi assentar-se num banco debaixo da janela do quarto de Catarina. Seria o acaso que conduziu Pitou àquele lugar, ou conhecia as situações respectivas daquele banco?

O caso é que Pitou, vestido com o fato velho, que ainda não pudera ser substituído por outro, tirou do bolso a brochura e começou a ler.

Não ousaríamos dizer que o começo da leitura tivesse lugar sem que de vez em quando os olhos do leitor deixassem de se desviar do livro para a janela, guarnecida de madressilva, mas nessa janela não se via nenhum busto de rapariga e os olhos de Pitou acabaram por se fixar invariavelmente no livro.

Verdade é que, como a mão não virava as folhas, e quanto mais profunda parecia a sua atenção, menos a mão se incomodava, poderia julgar-se que o seu espírito não estava ali e que meditava em vez de ler.

De repente pareceu a Pitou que uma sombra se projectava sobre as páginas do folheto, até ali alumadas pelo sol da manhã. Esta sombra, demasiadamente densa para ser de uma nuvem, só podia ser produzida por um corpo opaco; ora, há corpos opacos de tão doce encanto, que Pitou se voltou vivamente para ver qual era o que interceptava o sol.

Pitou enganava-se. Era efectivamente um corpo opaco que lhe roubava a parte de luz e de calor que Diógenes reclamava de Alexandre. Mas esse corpo opaco, longe de ser encantador, apresentava, pelo contrário, um aspecto bastante desagradável.

Era o de um homem de quarenta e cinco anos, mais comprido e mais delgado que Pitou, vestido com um fato quase tão safado como o deste, e que, inclinando a cabeça por cima do ombro do mancebo, parecia ler com uma curiosidade tão atenta, que fazia contraste com a distração de Pitou.

Pitou ficou muito admirado; um amável sorriso assomou aos lábios do homem vestido de preto, e mostrou uma boca, em que havia só quatro dentes, dois em cima e dois em baixo, cruzando-se e aguçando-se como as defesas de um javali.

- “Edição americana - disse o homem com uma voz fanhosa - formato em oitavo: *Da liberdade dos homens e da independência das nações*. - Boston, 1788”.

À medida que o homem falava, Pitou abria os olhos com uma admiração progressiva, de modo que quando o homem cessou de falar, os olhos de Pitou tinham atingido o maior desenvolvimento a que podiam chegar.

- Boston, 1788. É exactamente isso, senhor! – repetiu Pitou.

- É o tratado do Dr. Gilberto? - disse o homem.

- É, sim senhor - respondeu Pitou com toda a urbanidade, e levantou-se, porque sempre ouvira dizer que não era boa criação deixar-se ficar assentado quando se falava a um superior; e no espírito ainda simples de Pitou, todo o homem lhe era superior. Mas, erguendo-se, Pitou viu na janela alguma coisa cor de rosa, que se movia, e que lhe fazia um sinal com os olhos. Essa coisa era a Sr^a. Catarina. A rapariga olhava para ele de um modo estranho e fazia-lhe sinais.

- Senhor, se não for indiscrição - perguntou o homem que tendo as costas voltadas para a janela, não podia ver os sinais que se faziam - diga-me a quem pertence esse livro?

E apontava com os dedos, mas sem lhe tocar, para a brochura que Pitou tinha na mão.

Pitou ia responder que o livro pertencia ao Sr. Billot, quando lhe chegaram aos ouvidos estas palavras proferidas por uma voz suplicante:

- Diga que é seu!

O homem vestido de preto, que concentrara nos olhos toda a sua atenção, não ouviu estas palavras.

- Senhor - disse majestosamente Ângelo Pitou - este livro é meu.

O homem ergueu a cabeça, porque começava a notar que por vezes o olhar admirado de Pitou se desviava dele para se ir fixar num ponto particular. Viu a janela, mas Catarina tinha adivinhado o movimento do homem, e, rápida como um pássaro, havia desaparecido.

- Por que está a olhar lá para cima? – perguntou o homem.

- Ora, senhor - disse Pitou sorrindo - permita que lhe diga que me parece muito curioso. *Curiosus*, ou antes *avidus cognoscendi*, como dizia o Sr. abade Fortier, meu mestre.

- Diz, pois - prosseguiu o interrogador, sem parecer por forma alguma intimidado por essa prova de ciência, que Pitou acabava de mostrar com a intenção de dar ao homem uma idéia mais elevada da sua pessoa, do que aquela que ao princípio concebera - diz, pois, que esse livro é seu?

Pitou colocou de novo o raio visual na direcção da janela. A cabeça de Catarina tornou a aparecer e fez um sinal afirmativo.

- Sim, senhor - respondeu Pitou. - Desejaria porventura lê-lo? *Avidus legendi libri ou legendae historiae*.

- Senhor - disse o homem vestido de preto - parece-me ser muito superior ao estado que o seu traje indica: *Non dives vestitu sed ingenio*. E por consequência, está preso.

- Como! Estou preso? - disse Pitou com muito espanto.

- Sim, senhor; e portanto rogo-lhe o favor de me acompanhar.

Pitou olhou, não para cima, mas à roda de si, e viu dois sargentos que esperavam ordens do homem, os quais pareciam ter saído naquele momento debaixo da terra.

- Lavremos o auto, meus senhores - disse o homem vestido de preto.

O cabo amarrou as mãos de Pitou com uma corda, e guardou o livro do doutor Gilberto.

Depois amarrou Pitou a uma argola, mesmo por baixo da janela. Pitou ia opor-se, mas ouviu aquela mesma voz, voz que tanto poder tinha sobre ele, bradar:

- Deixe-os fazer o que quiserem.

Pitou, portanto, deixou fazer tudo, com tanta docilidade, que encantou os sargentos e sobretudo o homem. De modo que, sem sombra de desconfiança, os dois sargentos, seguidos

pelo homem vestido de preto, entraram em casa para procurarem... logo saberemos para quê.

Apenas o homem e os sargentos entraram na casa, ouviu Pitou a voz, que lhe dizia.

- Levante as mãos.

Pitou levantou não só as mãos, mas também a cabeça, e viu o rosto pálido e aterrado de Catarina, que tinha uma faca na mão.

- Levante mais... Ainda mais - disse ela com voz abafada.

Pitou ergueu-se nos bicos dos pés.

Catarina inclinou-se para fora; o ferro cortou a corda e Pitou ficou com as mãos livres.

- Pegue na faca - disse Catarina - e corte a corda que o prende à argola.

Pitou não esperou que lho repetissem; cortou a corda e achou-se inteiramente livre.

- Agora - disse Catarina - aqui está um dobrão de ouro; tem boas pernas; fuja; vá a Paris e conte tudo ao Sr. Dr. Gilberto.

Não pôde acabar; os sargentos apareciam e o luís de ouro caiu aos pés de Pitou.

Pitou levantou-o vivamente. Com efeito, os sargentos estavam no limiar da porta, onde ficaram um instante, admirados de verem livre aquele que tão bem tinham amarrado havia apenas um momento. À sua vista os cabelos de Pitou eriçaram-se-lhe, e recordou-se confusamente do *in crinibus augues* das Euménides.

Permaneceram todos algum tempo na situação da lebre e do caçador, imóveis e olhando um para o outro. Mas, do mesmo modo que, ao mais leve movimento do cão, a lebre foge, aos primeiros movimentos dos sargentos, Pitou deu um salto prodigioso e achou-se do outro lado de um valado de silvas.

Os sargentos soltaram um grito, que fez acudir o beleguim, que trazia debaixo do braço um cofrezinho. O beleguim não perdeu o tempo em discursos inúteis e começou a correr atrás de Pitou. Os dois sargentos imitaram-lhe o exemplo. Mas como não eram destros em saltar como Pitou por cima de uma parede de três pés e meio de altura, viram-se na necessidade de sair pela porta aberta e para isso foram dar uma volta.

Mas quando chegaram à esquina da sebe, viram Pitou a mais de quinhentos passos na planície, correndo directamente para a floresta, que lhe ficava na distância de um quarto de légua, apenas, e onde ele chegaria em poucos minutos.

Neste momento Pitou voltou-se, e vendo os sargentos, que corriam atrás dele mais para descargo de consciência do que na esperança de o alcançarem, dobrou de velocidade e em breve desapareceu no bosque.

Pitou continuou a correr assim durante um quarto de hora; teria corrido duas horas se fosse necessário: tinha fôlego e velocidade de veado.

Mas no fim de um quarto de hora, julgando-se por instinto fora de perigo, parou, respirou, escutou, e tendo-se certificado que estava só, disse:

- É incrível que tantos acontecimentos tenham sucedido em três dias...

E olhando alternativamente para o dobrão e para a faca, continuou:

- Oh! Tenho pena que me não chegasse o tempo para trocar este ouro e dar dois soldos à Sr^a. Catarina, porque receio muito que esta faca corte a nossa amizade. Não importa - acrescentou - como ela me disse que fosse a Paris, vamos lá.

E Pitou, depois de se ter orientado, conhecendo que se achava entre Boursonne e Yvors, meteu-se por uma azinhaga, que o devia conduzir em direitura à charneca de Gondreville, por onde atravessa a estrada de Paris.

VIII

Por que motivo tinha o homem vestido de preto entrado na casa ao mesmo tempo que os dois sargentos

Voltemos agora ao casal e contemos a catástrofe, de que o episódio de Pitou era apenas o

desenlace.

Pelas seis horas da manhã, um agente de polícia de Paris, acompanhado por dois sargentos, chegara a Villers-Cotterets, e apresentara-se ao comissário para que lhe indicasse a morada do lavrador Billot.

A quinhentos passos do casal, o oficial de justiça encontrara um trabalhador, e chegara-se a ele perguntando-lhe se encontraria o Sr. Billot em casa. O trabalhador respondera-lhe que nunca Billot voltava antes das nove horas, isto é, à hora do almoço. Mas naquele momento, erguendo o trabalhador casualmente os olhos, e designando com o dedo um cavalheiro que, a um quarto de légua de distância, conversava com um pastor, disse:

- Ah! Justamente, aí vem quem procura.

- O Sr. Billot?

- Sim.

- É aquele homem a cavalo?

- É, sim, senhor.

- Pois bem, meu amigo, quer dar gosto a seu amo?

- De boa vontade.

- Então vá dizer-lhe que um senhor chegado de Paris o espera em sua casa.

- Oh! - disse o trabalhador - será porventura o Dr. Gilberto?

- Vá sempre - continuou o oficial de justiça.

O aldeão não esperou que lho dissessem duas vezes; deitou a correr pelos campos, enquanto o beleguim e os dois sargentos se iam emboscar por detrás de um muro meio arruinado, situado quase em frente da porta do casal.

Um instante depois, ouviu-se galopar um cavalo, era o que trazia Billot.

Entrou no pátio do casal, apeou-se, atirou com a rédea a um moço da cavalaria, e correu para a cozinha, persuadido de que a primeira pessoa que ia ver era o Dr. Gilberto, em pé, junto da lareira; mas só viu a Sr^a. Billot que, assentada no meio da casa, depenava uns patos com todo o cuidado e escrúpulo que tão difícil operação requer.

Catarina estava no seu quarto ocupada em arranjar outra touca para o seguinte domingo. Como se vê, Catarina não perdia tempo. É que as mulheres têm sempre grande prazer em se preparar como devem, e em cuidar dos seus atavios.

Billot parou no limiar da porta e olhou em volta de si.

- Quem é que me procura? - perguntou ele.

- Eu - respondeu uma voz aflautada.

Billot voltou-se e viu o homem vestido de preto e os dois sargentos.

- Olá! - disse ele recuando três passos - que querem de mim?

- Oh! Meu Deus, quase nada, meu caro Sr. Billot - disse o homem da voz aflautada - só quero dar uma busca ao seu casal, nada mais.

- Uma busca! - disse Billot.

- Uma busca - repetiu o oficial de justiça.

Billot deitou um olhar para a sua espingarda, que estava pendurada por cima da chaminé.

- Desde que temos uma assembléia nacional - disse ele - julgava que os cidadãos não estavam expostos a semelhantes vexames, que pertencem a outro tempo e que cheiram a outro regímen. Que pretendem de mim, que sou um homem pacífico e leal?

Os agentes de todas as polícias do mundo têm de comum entre si nunca responderem às perguntas das suas vítimas; só dando buscas, prendendo e amarrando, alguns se mostram compadecidos; e esses são os mais perigosos, apesar de parecerem os melhores.

Este, que entrara em casa de Billot, era da escola de Tapin de Desgrés, gente toda adocicada, e que sempre tem alguma lágrima para aqueles a quem perseguem, mas não distraem as mãos em enxugar os olhos.

O agente, soltando um suspiro, fez um sinal com a mão aos sargentos, que se aproximaram de Billot, o qual recuou outro passo e estendeu a mão para pegar na espingarda.

Mas a mão foi-lhe desviada da arma duplamente perigosa naquele momento, porque podia matar ao mesmo tempo o que dela se servia, por duas mãozinhas fortes de terror e suplicantemente poderosas.

Era Catarina, que acudira à bulha e chegara a tempo para salvar o pai do crime de resistência à justiça.

Passado o primeiro momento, Billot não resistiu mais. O beleguim ordenou que fosse detido numa sala do pavimento térreo, e Catarina numa casa do primeiro andar; quanto à Sr^a. Billot, tão inofensiva havia sido julgada, que não pensaram nela e deixaram-na continuar na cozinha. Depois do que, vendo-se senhor do campo, o beleguim começou a dar busca na secretária, armários e cómodas.

Billot, vendo-se só, quis fugir. Mas, como a maior parte das salas dos pavimentos térreos dos casais, o quarto em que ele havia sido encarcerado tinha grades. O beleguim tinha logo à primeira vista observado essa circunstância, enquanto Billot, que fora o próprio que ali as mandara pôr, não se recordava de tal.

Então, pelo buraco da fechadura, viu o beleguim e os seus dois acólitos, que revolviam tudo em casa.

- Olá! Meus amigos! - bradou ele - que fazem aí?

- Bem vê, meu caro Sr. Billot - disse o beleguim - procuramos alguma coisa, que ainda não pudemos achar.

- Mas são talvez bandidos, celerados, ladrões...

-Oh! Senhor - disse o oficial de justiça pelo buraco da fechadura - trata-nos com demasiado rigor; somos gente tão honrada como o senhor, com a diferença que somos assalariados por Sua Majestade, e por consequência, temos obrigação de cumprir as suas ordens.

- As ordens de Sua Majestade! - bradou Billot; - o rei Luís XVI deu-lhes ordem para assim revolverem a minha secretária e porem tudo em confusão nas minhas cómodas, nos meus armários?

- Tal qual.

- Sua Majestade - prosseguiu Billot - Sua Majestade que, nem no ano passado, quando a fome era tão terrível que pensámos em comer os nossos cavalos, nem há dois anos, quando a saraiva nos queimou a colheita, se dignou lembrar-se de nós, que tem agora que importar-se com o meu casal, que nunca viu, ou comigo, a quem não conhece?!

- Perdoe, senhor - disse o beleguim entreabrindo a porta com precaução e mostrando a sua ordem assinada pelo chefe da polícia, mas que, segundo o uso, era precedida por estas palavras: "Em nome de el-rei". - Sua Majestade ouviu falar de si, e se o não conheço pessoalmente, não recuse a honra que lhe faz, e receba de um modo conveniente os que se apresentam em seu nome.

E o beleguim, com uma cortesia cheia de urbanidade e um pequeno sinal amigável com os olhos, tornou a fechar a porta e prosseguiu na diligência.

Billot calou-se e cruzou os braços, passeando pela casa, como um leão na jaula; sentia-se preso e em poder daqueles homens.

A busca prosseguiu silenciosamente. Aqueles homens pareciam ter caído do céu. Ninguém os vira senão o jornaleiro que lhes ensinara o caminho. Nos pátios os cães não tinham ladrado; o chefe da expedição devia por força ser um homem hábil entre os seus colegas, não era provavelmente aquela a sua primeira façanha.

Billot ouvia os gemidos da filha, fechada na casa por cima da sua. Recordava-se das suas palavras proféticas, porque não se podia duvidar que a perseguição de que o lavrador era objecto não tivesse por causa o livro do doutor.

Entretanto, nove horas acabavam de soar, e Billot, pela sua janela de grades, podia contar um depois do outro os seus trabalhadores que vinham entrando. Essa vista fez-lhe compreender que em caso de conflito teria por si a força, à falta do direito. Esta convicção fazia-lhe ferver o sangue nas veias. Não teve coragem para se conter mais tempo, e agarrando a porta pela argola,

de tal modo a abalou, que com mais um ou dois abalos semelhantes lhe teria feito saltar a fechadura.

Os agentes vieram logo abrir, e viram o lavrador aparecer no limiar da porta, em pé e ameaçador; tudo em casa estava revolvido.

- Mas enfim! - bradou Billot - que procuram em minha casa? Digam-mo, quando não, juro que os obrigarei a dizê-lo.

A chegada sucessiva dos trabalhadores não tinha escapado ao olhar perspicaz do beleguim. Tinha contado os criados do casal, e ficara convencido que em caso de conflito, correria perigo de não ficar senhor do campo. Aproximou-se depois de Billot com uma urbanidade mais pacífica que de costume, e cortejando-o respeitosamente, respondeu-lhe:

- Dir-lho-ei, meu caro Sr. Billot, apesar de ser isso contra os nossos usos. O que procuramos em sua casa é um livro subversivo, é uma brochura incendiária, condenada pelos censores régios.

- Um livro em casa de um lavrador que nem sequer sabe ler?

- Que haveria para admirar nisso, se é amigo do autor e este lhe tivesse mandado um exemplar?

- Não sou amigo do Dr. Gilberto - disse Billot - sou apenas seu humilde servo. Amigo do doutor seria demasiada honra para um pobre aldeão como eu.

Esta resposta inconsiderada, em que Billot se traía confessando que conhecia não só o autor, o que era muito natural pois que era inquilino dele, mas também o livro, assegurou a vitória do agente. Endireitou-se, mostrou o seu modo mais amável, e batendo no braço de Billot, com um sorriso que parecia dividir-lhe transversalmente o rosto, disse:

- *Tu o nomeaste!* Conhece estes versos, meu caro Sr. Billot?

- Não conheço versos.

- São do Sr. Racine, um grande poeta.

- E daí! Que significam esses versos? - disse Billot com impaciência.

- Significam que acaba de se trair.

- Eu?

- O senhor mesmo.

- Como?

- Nomeando o Dr. Gilberto, que havíamos tido a prudência de não nomear.

- É verdade - murmurou Billot.

- Então confessa?

- Farei mais.

- Oh! Meu caro Sr. Billot, enche-nos de favor. Que será?

- Se o que procura é esse livro, e eu lhe disser onde ele está - prosseguiu o lavrador com um desassossego que não podia completamente dissimular - cessam de revolver aqui tudo, não é verdade?

O oficial de justiça fez um sinal significativo aos dois esbirros.

- Certamente - disse ele - pois que esse livro é o objecto da nossa busca. Somente - acrescentou ele com a sua risonha visagem - o que pode acontecer é que nos confesse a existência de um exemplar tendo dez.

- Só tenho um exemplar, juro-lho.

- É o que devemos examinar dando uma busca minuciosa, meu caro Sr. Billot - disse o oficial de justiça. - Tenha pois mais cinco minutos de paciência. Somos apenas uns pobres agentes, que recebemos ordens da autoridade, e não quererá por certo opor-se a que gente honrada cumpra com os seus deveres.

O homem de preto tinha acertado. Assim é que era preciso falar a Billot.

- Pois bem, será como quiserem - disse ele - mas depressa.

E voltou-lhes as costas.

O oficial de justiça fechou brandamente a porta, mais levemente ainda lhe deu uma volta

de chave. Billot deixou-o fazer tudo e encolheu os ombros, porque estava certo que se quisesse arrombaria a porta.

Do seu lado, o homem de preto fez um sinal aos sargentos, que prosseguiram na sua tarefa, e todos três, redobrando de actividade, num abrir e fechar de olhos, livros, papéis, roupas, tudo se abriu, examinou e desdobrou.

De repente, no fundo do um armário por eles despejado, viu-se um pequeno cofre de madeira de carvalho chapeado de ferro. O oficial de justiça caiu-lhe em cima como uma águia sobre a sua presa. Bastou-lhe simplesmente ver e cheirar para conhecer sem dúvida o que procurava, porque ocultou vivamente o cofrezinho debaixo da capa safada e fez sinal aos dois esbirros de que a sua missão estava desempenhada.

Billot impacientava-se muito neste momento; parou diante da porta fechada.

- Digo-lhe que não o achará, se eu lhe não disser onde está - bradou ele. - Não vale a pena revolver-me tudo sem resultado. Com os diabos! Não sou nenhum conspirador! Vamos, ouvem-me? Respondam, quando não, com os diabos! Parto para Paris, e vou queixar-me ao rei, à assembléia, a toda a gente.

Naquela época ainda se pronunciava o nome do rei primeiro que o do povo.

- Sim, meu caro Sr. Billot, ouvimos o que diz, estamos prontos a ceder às suas excelentes razões. Vamos, diga-nos onde oculta esse livro, e como estamos agora convencidos de que efectivamente só tem esse exemplar, tomá-lo-emos e retiramo-nos; nada mais.

- Pois bem! - disse Billot - esse livro está nas mãos de um honrado rapaz, a quem esta manhã o confiei para levar a um amigo.

- E como se chama esse honrado rapaz? - perguntou docemente o homem de preto.

- Ângelo Pitou. É um pobre órfão, que por caridade recebi em minha casa, e que nem sequer sabe de que trata o livro.

- Agradecido, meu caro Sr. Billot - disse o oficial de justiça, e metendo de novo a roupa no armário, fechou-o. - Mas onde está esse amável rapaz, tem a bondade de no-lo dizer?

- Julgo tê-lo visto quando para aqui entrei, perto de uma latada, junto de um caramanchão. Vá, tire-lhe o livro, mas não lhe faça mal.

- Fazer-lhe mal, nós! Oh! Meu caro Sr. Billot, que mau conceito faz da gente! Não somos capazes de fazer mal nem a uma mosca.

E avançaram para o lugar indicado. Quando lá chegaram viram Pitou, cuja grande estatura o fazia parecer mais temido do que na realidade era. Lembrando-se então que os dois sargentos precisariam talvez do seu auxílio para vencer aquele gigante, o oficial de justiça soltara a capa, embrulhara-lhe o cofrezinho dentro, e tinha ocultado tudo num recanto ao seu alcance.

Mas Catarina, que estava de ouvido à escuta, tinha vagamente ouvido as palavras *livro*, *doutor* e *Pitou*. Portanto, vendo iminente e próxima a rebentar a tempestade, que tanto temera, concebeu desde logo a idéia de lhe atenuar os efeitos. Foi então que ela disse a Pitou que se declarasse dono do livro. Já dissemos o que se passou, e de que modo Pitou, amarrado pelo oficial de justiça e pelos sargentos, fora posto em liberdade por Catarina, que aproveitou o momento em que os dois sargentos entravam para ir buscar uma mesa, e o homem vestido de preto para pegar na capa e no cofrezinho. Também dissemos de que modo Pitou fugira, saltando um valado de silvas: mas o que não dissemos é que o oficial de justiça, como homem de juízo, aproveitara-se dessa fuga.

Com efeito, agora que estava cumprida a dupla missão recebida pelo oficial de justiça, a fuga de Pitou era para o homem vestido de preto e para os dois sargentos uma excelente ocasião para também fugirem.

O homem, apesar de não ter esperança alguma de apanhar o fugitivo, excitou os dois sargentos com a voz e com o exemplo por tal modo que, vendo-os voar todos três pela luzerna e pelos trigos, tomá-los-iam pelos mais encarniçados inimigos do pobre Pitou, abençoando intimamente as longas pernas do perseguido.

Mas apenas Pitou desaparecera, internando-se na floresta, e que passaram as primeiras

árvores, pararam. Durante a corrida, tinham-se-lhes reunido a eles outros dois sargentos que haviam ficado escondidos nas proximidades do casal, e que só deviam prestar auxílio no caso de serem chamados pelo chefe.

-Safa! - disse o beleguim - foi uma fortuna aquele velhaco não ter o cofre em lugar de ter o livro. Ser-nos-ia necessário correr a posta para o agarrar. Com os diabos! Aquilo não são pernas de homem, são pernas de veado.

- Mas não o tinha, não é verdade, Sr. Pas-de-Loup? - disse um dos sargentos; - pelo contrário, é o senhor que está de posse dele, não?

- Sou eu, sou, meu amigo, e ei-lo aqui – respondeu aquele, cujo nome acabamos de pronunciar pela primeira vez, diremos melhor cuja alcunha lhe fora dada pela ligeireza e obliquidade do seu modo de andar.

- Então, temos direito às alvíssaras que nos prometeram?

- Aqui estão - disse o oficial de justiça, tirando da algibeira quatro luíses de ouro, que distribuiu pelos seus quatro esbirros, sem preferência dos que tinham obrado sobre os que tinham esperado.

- Viva o nosso chefe! - bradaram os sargentos.

- Não há mal nenhum em gritar: Viva o nosso chefe! - disse Pas-de-Loup; - mas sempre que se grita é preciso fazê-lo com discernimento. Não é o chefe quem paga.

- Então quem?

- É um dos seus amigos, ou uma das suas amigas, não sei bem qual, que deseja conservar o anónimo.

- Aposto que é aquele ou aquela para quem vai o cofre - disse um dos esbirros.

- Rigolot, meu amigo - disse o chefe – sempre afirmei que eras um moço muito perspicaz; mas enquanto essa perspicácia vai amadurecendo, parece-me que não andariamos mal avisados em dar aos calcanhares; o diabo do lavrador não me parece homem de muito bom génio, e se der pela falta do cofre, poderia lembrar-se de nos soltar os moços e trabalhadores, e asseguro-lhes que são uns velhacos que sabem fazer pontaria tão certa como o melhor Suíço da guarda de Sua Majestade.

Esta opinião foi sem dúvida a da maioria, porque, os cinco agentes continuaram a caminhar pela floresta, que os ocultava a todas as vistas, e dali a três quartos de légua acharam-se na estrada.

Não era inútil a precaução, porque apenas Catarina viu o homem vestido de preto e os dois sargentos desaparecerem correndo atrás de Pitou, cheia de confiança na agilidade daquele a quem perseguiam, agilidade que, salvo algum caso accidental, devia levá-lo longe, chamou os trabalhadores, que bem sabiam que se passava alguma coisa, mas que ignoravam o que fosse, para lhes dizer que lhe abrissem a porta. Os trabalhadores acudiram, e Catarina, já livre, apressou-se em ir soltar o pai.

Billot parecia sonhar. Em lugar de correr para fora do quarto, só caminhava com desconfiança e voltava da porta para o meio da casa. Dir-se-ia que não ousava ficar quieto no seu lugar, e que ao mesmo tempo receava demorar as vistas sobre a sua mobília arrombada e os seus objectos revolvidos.

- Enfim - perguntou Billot - tiraram-lhe o livro, não é verdade?

- Creio que sim, meu pai, mas não o agarraram.

- A quem?

- A Pitou. Fugiu, e se têm continuado a correr atrás dele, devem estar agora em Caboclas ou em Vauciennes.

- Ainda bem! Pobre rapaz! Eu é que sou o culpado disso.

- Oh! Meu pai; pensemos em nós; o Pitou lá se há-de haver bem, fique descansado. Mas, que desordem, santo Deus! Olhe, minha mãe!

- Oh! O meu armário da roupa - exclamou a Sr^a. Billot. - Nem respeitaram o meu armário da roupa; são uns verdadeiros celerados!

- Mexeram no armário da roupa! - bradou Billot.

E avançou para o armário, que o beleguim, como dissemos, tinha cuidadosamente tornado a fechar, e metendo os braços entre os montões de guardanapos desdobrados, disse:

- Oh! Não é possível!

- Que procura, meu pai? - perguntou Catarina.

Billot olhou em volta de si com um modo espantado.

- Olha, vê se o achas em alguma parte! Mas, não; naquela cómoda, não; naquela secretária, também não; e daí, ele estava aí, aí... Eu mesmo aí o tinha guardado. Ainda ontem o vi. Não era o livro que aqueles miseráveis procuravam, era o cofre.

- Que cofre? - perguntou Catarina.

- Ora! Bem sabes qual.

- O cofrezinho do Dr. Gilberto? - perguntou a Sr^a. Billot, que nas circunstâncias supremas conservava o silêncio e deixava os outros trabalhar e falar.

- Sim, o cofrezinho do Dr. Gilberto - bradou Billot levando aflitivamente as mãos à cabeça; - sim, esse cofrezinho tão precioso.

- Assusta-me, meu pai - disse Catarina.

- Desgraçado de mim! - bradou Billot com raiva - e nem sequer desconfiei disso! Não me haver lembrado daquele cofrezinho! Oh! Que dirá o doutor? Que pensará? Que sou um traidor, um cobarde, um miserável.

- Mas, meu Deus, que continha aquele cofrezinho, meu pai?

- Não sei; mas tinha-me responsabilizado por ele ao doutor, obrigando-me até a arriscar a minha vida para o defender.

Billot fez um gesto tão desesperado que a mulher e a filha recuaram de terror.

- Meu Deus! Meu Deus! Enlouquece, meu pai? - disse Catarina.

E começou a chorar.

- Responda-me! - bradou ela - pelo amor de Deus, responda-me!

- Pedro, meu amigo - dizia a Sr^a. Billot - responde a tua filha, responde a tua mulher.

- O meu cavalo! O meu cavalo! - bradou o lavrador - tragam-me o meu cavalo!

- Onde vai, meu pai?

- Vou avisar o doutor; é preciso a todo o transe que ele seja prevenido disto.

- Mas onde o encontrará?

- Em Paris; não leste na carta que te escreveu que ia para Paris? Deve lá estar. Venha o cavalo! O meu cavalo!

- E assim nos deixa, meu pai, deixa-nos em tal momento? Deixa-nos cheias de angústia e inquietação?

- É forçoso, minha filha, é forçoso - disse o lavrador agarrando a cabeça de sua mulher entre as mãos e chegando-a convulsivamente aos lábios. - "Se alguma vez perder o cofrezinho - disse-me o doutor - ou antes se lho roubarem, no momento em que der pela falta dele, parta, Billot, venha avisar-me disso em qualquer parte onde eu esteja; não hesite ante obstáculo nenhum, ainda que se trate da vida de um homem."

- Meu Deus! Que conterà aquele cofre?

- Não sei. Tudo quanto sei, é que mo tinham confiado, e que o deixei roubar. Ah! Aí está o meu cavalo. Pelo filho, que está no colégio, saberei onde está o pai.

E abraçando ainda uma vez mais mulher e filha, o lavrador montou a cavalo e partiu a galope na direcção da estrada de Paris.

IX

A caminho

Voltemos a Pitou.

Pitou era impelido pelos dois mais poderosos estimulantes deste mundo: o medo e o amor.

O medo tinha-lhe dito:

- Podes ser preso ou espancado: acautela-te, Pitou!

E bastava isso para o fazer correr como um gamo.

O amor dissera-lhe pela voz de Catarina:

- Fuja depressa, meu caro Pitou!

E Pitou tinha fugido.

Os dois estimulantes, como dissemos, faziam com que Pitou não corresse, mas que voasse.

Decididamente, Deus é grande; Deus é infalível.

Como as pernas compridas de Pitou, que lhe pareciam nodosas, e os enormes joelhos, tão desengraçados num baile lhe pareciam úteis no campo, quando o coração, inchado pelo receio, batia com três pulsações por segundo!

Não era o Sr. de Charny, com os seus pés delicados, os seus joelhos delgados, e as barrigas das pernas simetricamente colocadas no seu lugar, que poderia correr assim.

Pitou recordou-se da antiga fábula do veado, que lamenta os seus galhos mirando-se na fonte, e apesar de não ter na frente aquele ornamento que o quadrúpede considerava como compensação às pernas delgadas e compridas, censurava-se a si próprio por haver menosprezado o comprimento e magreza das suas.

Pitou continuava pois a correr pela floresta, deixando Coyolles à direita, Yvors à esquerda, voltando-se a cada curva para ver, ou antes para escutar, porque havia muito que nada via; os seus perseguidores ficavam-lhe muito longe, graças a essa velocidade de que Pitou acabava de dar tão esplêndida prova, pondo logo entre si e eles uma distância de mil passos, distância que a cada instante crescia.

Porque era Atalante casada? Pitou teria concorrido, e decerto, para vencer Hipómenes, não lhe seria preciso empregar como ele o subterfúgio dos três pomos de ouro.

Verdade é, como já dissemos, que os agentes de Pas-de-Loup, contentes por estarem senhores do bolo, pouco se importavam com Pitou; mas este é que não sabia disso.

Cessando de ser perseguido pela realidade, continuava a ser perseguido pela sombra.

Quanto aos esbirros, tinham em si a confiança que torna a criatura preguiçosa.

- Corre! Corre! - diziam eles, metendo as mãos aos bolsos, e fazendo tinir a recompensa com que acabavam de ser gratificados por Pas-de-Loup; - corre, meu velhaco, que nós te apanharemos quando quisermos!

O que, digamo-lo de passagem, longe de ser uma vaidosa fanfarronada, era uma verdade exactíssima.

Pitou continuava a correr, como se pudesse ter ouvido os *apartes* dos agentes do Sr. Pas-de-Loup.

Quando, depois de prosseguir na sua corrida, foi cruzando os caminhos para enredar as suas pegadas, como fazem os animais ferozes ao fugirem às matilhas, tendo-os cruzado e entrecortado em tantas direcções que nem o próprio Nemrod se poderia entender em semelhante labirinto, tomou subitamente o seu partido, que consistia em fazer uma curva para a direita e meter-se na estrada de Villers-Cotterets para Paris, ali pelas alturas da charneca de Gondreville.

Tomada esta resolução, correu através do bosque, cortou-o em ângulo direito, e no fim de um quarto de hora, viu a estrada com as suas areias amarelas e árvores verdes.

Uma hora depois da sua partida do casal, achava-se na estrada real.

Tinha andado nessa hora pouco mais ou menos quatro léguas e meia. É quanto se pode exigir de um bom cavalo a trote largo.

Olhou para trás. Não o seguia viva alma.

Olhou para a frente. Viu duas mulheres a cavalo em burros.

Pitou apanhara uma mitologia com gravuras, que pertencia ao pequeno Gilberto.

Naquela época todos se ocupavam de mitologia.

A história dos deuses e das divindades do Olimpo grego formava parte activa da educação da mocidade. Com a continuação de olhar para as gravuras, tinha Pitou aprendido a mitologia; tinha visto Júpiter disfarçado em touro para conduzir Europa, em cisne para cometer impudicícias com a filha de Píndaro, vira, enfim, muitos outros deuses entregarem-se a transformações mais ou menos pitorescas; mas o que nunca tinha visto era um agente da polícia de Sua Majestade disfarçar-se em burro! O rei Midas, mesmo de burro, só teve as orelhas, e era um rei e fazia ouro quanto queria, motivo porque podia comprar a pele dos quadrúpedes toda inteirinha.

Alguns tanto Sossegado pelo que via, ou antes pelo que não via, Pitou assentou-se na relva do caminho, limpou com a manga o rosto avermelhado, e deitando-se sobre a fresca erva, entregou-se à voluptuosidade do descanso.

Mas as doces emanações da luzerna e da manjerona não podiam fazer esquecer a Pitou o toucinho da tia Billot e o quarto de pão de centeio do peso de arrátel e meio, que Catarina lhe concedia a cada refeição, isto é, três vezes ao dia.

Este pão, que então custava quatro soldos e meio cada arrátel, preço enorme, que equivalia pelo menos a nove soldos da nossa época; esse pão, que faltava na França inteira, passava, quando era comível, pelo fabuloso bolo que a duquesa de Polignac dizia ou aconselhava aos Parisienses que comessem quando lhes faltasse a farinha.

Pitou dizia pois filosoficamente consigo que a menina Catarina era a princesa mais generosa do mundo, e que o casal do tio Billot era o palácio mais sumptuoso do universo.

Depois, como os Israelitas nas margens do Jordão, olhava com tristeza para leste, isto é, na direcção do bem-aventurado casal, e suspirava.

E demais, suspirar não é coisa desagradável para um homem que precisa tomar fôlego depois de uma corrida desordenada.

Pitou respirava suspirando, e sentia as suas idéias, um instante muito confusas e perturbadas, voltarem-lhe com o alento.

- Por que - disse ele então consigo - por que me sucederam tantos acontecimentos extraordinários em tão curto espaço de tempo? Por que tive mais dissabores em três dias do que durante todo o resto da minha vida?

“É porque sonhei com gatos a brigarem”.

E fez um gesto, que significava que a fonte de todas as suas desgraças lhe era suficientemente conhecida.

- Sim - acrescentou Pitou depois de um momento de reflexão - mas não é uma lógica como a do meu venerável abade Fortier. Não foi por eu ter sonhado com um gato assanhado que me sucederam todas estas aventuras. O sonho foi enviado ao homem como simples aviso.

“É por isso, prosseguiu Pitou, que não sei que autor disse: “Sonhaste, acautela-te.” *Cave somniasti.*

“*Somniasti?*” Observou Pitou horrorizado, terei soltado mais algum barbarismo? Ah! Não, só fiz uma elisão; em linguagem gramatical devera ter dito *somniavisti.*

“É pasmoso, prosseguiu Pitou admirado de si mesmo, como sei o latim desde que não o aprendo!”

E com essa glorificação de si mesmo, pôs-se Pitou de novo a caminho.

Pitou caminhou a passos largos, se bem que mais sossegado. Era passo que podia dar bem duas léguas por hora.

Resultou daí que duas horas depois de se ter novamente metido a caminho, Pitou passara Nanteuil e encaminhava-se para Dammartin.

De repente, o ouvido, bem exercitado, transmitiu-lhe o som de ferraduras de cavalo soando no chão.

- Oh! Oh! - disse Pitou, proferindo o famoso verso de Virgílio:

Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula campum.

E olhou.

Mas não viu nada.

Seriam os burros que ele deixara em Levignan, que tinham metido a galope? Não, porque a unha de ferro, como diz o poeta, soava no chão, e Pitou, em Haramont, e mesmo em Villers-Cotterets, só conhecera um burro ferrado, o da tia Sabot, e ainda isso era porque a tia Sabot fazia o serviço do correio entre Villers-Cotterets e Crespy.

Esqueceu portanto momentaneamente o ruído que ouvira, para voltar às suas reflexões.

Quem eram aqueles homens que o tinham interrogado sobre o Dr. Gilberto, que lhe tinham atado as mãos, que o tinham perseguido e a quem ele fugira?

Donde vinham aqueles homens inteiramente desconhecidos em todo o distrito?

Que tinham de particular a tratar com Pitou, que nunca os tinha visto, e que por consequência não os conhecia?

Como era que não os conhecendo, o conheciam eles? Por que motivo lhe tinha a menina Catarina dito que partisse para Paris, e por que motivo, a fim de facilitar a jornada, lhe tinha dado um luís de ouro de quarenta e oito francos, isto é, duzentos e quarenta arráteis de pão, de quatro soldos o arrátel, o que chegava para comer durante oitenta dias, isto é, perto de três meses, por pouco que fizesse alguma economia em cada ração diária?

Supunha a menina Catarina que Pitou devesse ou pudesse ficar oitenta dias ausente do casal?

De repente Pitou estremeceu, e disse:

- Oh! Oh! Ainda ouço as ferraduras!

E endireitou-se.

- Desta vez - disse Pitou - não me engano, a bulha que ouço é de um cavalo a galope, e vai brevemente aparecer naquele alto.

Tinha apenas proferido estas palavras, apareceu um cavalo no ponto culminante de um pequeno outeiro, que Pitou acabava de deixar atrás de si, isto é, a coisa de quatrocentos passos.

Pitou, que não quisera admitir a possibilidade de um agente de polícia se transformar em burro, admitiu perfeitamente a possibilidade de ter esse agente montado a cavalo, para mais rapidamente perseguir a presa que lhe fugia.

O medo, que por um instante o abandonara, apoderou-se novamente de Pitou e deu-lhe pernas mais compridas e mais intrépidas do que aquelas que tão maravilhoso serviço lhe tinham prestado duas horas antes.

E sem reflectir, sem olhar para trás, sem sequer tentar dissimular a fuga, contando com a excelência das suas pernas de ferro, Pitou, saltou para o outro lado do fosso que havia na estrada, e começou a fugir pelos campos na direcção de Ermenonville. Via no horizonte o cume de algumas árvores, e dizia consigo:

- Se alcanço aquelas árvores, que sem dúvida são a entrada de alguma floresta, estou salvo!

E dirigiu-se para Ermenonville.

Desta vez tratava-se de vencer um cavalo na carreira. Já não eram pés que Pitou tinha, eram asas.

Tanto mais, que depois de ter andado alguns cem passos, pouco mais ou menos, Pitou olhara para trás, e tinha visto o cavaleiro obrigar o seu cavalo a dar o imenso salto que ele também dera por cima do fosso que havia na estrada.

A partir daquele momento, já não havia dúvida para o fugitivo que atrás dele é que o cavaleiro corria, e, portanto, dobrara de velocidade, não voltando já a cabeça para não perder tempo.

O que lhe apressava agora a corrida não era o som das ferraduras na calçada; esse ruído amortecia-se na luzerna e no mato; o que lho apressava a carreira era um grito que o perseguia, a última sílaba do seu nome pronunciada pelo cavaleiro, um *ou! ou!* que parecia o eco do seu nome e que, sibilando, atravessava os ares.

Mas, no fim de dez minutos de semelhante corrida desenfreada, Pitou sentiu o peito inchar, e a cabeça tornar-se-lhe pesada. Os olhos começaram a vacilar-lhe nas órbitas. Pareceu-lhe que os joelhos lhe tomavam considerável desenvolvimento, ao passo que as costas se lhe enchiam de pedrinhas. De vez em quando tropeçava em algum rego de terra lavrada, ele, que ordinariamente levantava tão alto os pés quando corria, que se lhe viam todos os pregos das solas dos sapatos.

Enfim, o cavalo, que nasceu superior ao homem na arte de correr, ganhou terreno sobre o bípede Pitou, que ouviu ao mesmo tempo a voz do cavaleiro que gritava não já *ou! ou!* mas bem e claramente: *Pitou! Pitou!*

Não havia remédio, estava tudo perdido.

Entretanto, Pitou tentou continuar a correr; era uma espécie de movimento maquinal; ia levado pela força repulsiva; de repente, os joelhos faltaram-lhe, cambaleou soltando profundo suspiro, caiu redondamente com a face contra o chão.

Mas ao mesmo tempo que se deitava, bem decidido a não tornar a erguer-se, por sua vontade pelo menos, recebeu uma chicotada que lhe cingiu a cintura. Uma voz, que lhe não era desconhecida, bradou:

- Ora pois bruto; ora pois imbecil, juraste fazer rebentar o Cadete.

Este nome de Cadete acabou de fixar as irresoluções de Pitou.

- Ah! - exclamou ele voltando-se no chão de modo que em lugar de estar deitado sobre o ventre, ficou deitado de costas. - Ah! Ouço a voz do Sr. Billot.

Era, com efeito, o tio Billot. Quando Pitou se certificou bem da identidade do seu patrão, assentou-se.

O lavrador, da sua parte, tinha feito parar Cadete, que estava todo coberto de espuma branca.

- Ai, meu caro Sr. Billot - bradou Pitou - como é bom correr desse modo atrás de mim! Juro-lhe que, uma vez comido o dobrão de ouro da menina Catarina, teria voltado ao casal. Mas, como está aí, receba de novo o seu dinheiro, porque no fim de contas é seu, e voltemos ao casal.

- Com os diabos! - disse Billot - não se trata agora do casal. Onde estão os esbirros?

- Os esbirros! - perguntou Pitou, que não compreendia bem a significação de semelhante palavra.

- Sim! Os esbirros - disse Billot - os homens vestidos de preto, se assim percebes melhor.

- Ah! Os homens de preto! Bem deve imaginar, meu caro Sr. Billot, que não me entretive em esperar por eles.

- Bravo! Então ficaram atrás.

- Disso me lisonjeio eu; parece-me que não poderia ser de outro modo, depois de uma corrida como esta.

- Então se estás seguro disso, por que fugias desse modo?

- Porque julgava ser o chefe, que para não ficar mal, me perseguia a cavalo.

- Ora vamos! Não és tão desastrado como julgava. Então, uma vez que o caminho está desimpedido, eia! Eia! Para Dammartin.

- Como! Eia! Eia!

- Sim, levanta-te, e vem comigo.

- Vamos então a Dammartin?

- Vamos, sim, tomarei um cavalo em casa do compadre Lefranc. Deixarei lá o Cadete, que já não pode consigo, e iremos hoje ficar em Paris.

- Pois sim, Sr. Billot, pois sim.

- Então, levanta-te!

Pitou fez um esforço para obedecer.

- Bem quisera erguer-me, meu caro Sr. Billot, mas não posso.

- Não te podes erguer?

- Não, senhor.

- Mas pudeste ainda agora dar um belo salto.

- Oh! Ainda agora, não admira, ouvi a sua voz, e recebi ao mesmo tempo uma chicotada. Mas isso são coisas que só produzem efeito uma vez; agora estou acostumado à sua voz, e quanto ao chicote fico certo que só o aplicará no pobre Cadete, que está quase tão cansado como eu.

A lógica de Pitou, que afinal era a mesma do abade Fortier, persuadiu e sensibilizou quase o lavrador.

- Não tenho tempo para lamentar a tua sorte - disse ele a Pitou. - Mas, vamos, faz um esforço, e salta para a garupa do Cadete.

- Mas - disse Pitou - desse modo vai o pobre animal rebentar!

- Ora! Daqui a meia hora estaremos em casa do tio Lefranc.

- Mas, meu caro Sr. Billot, parece-me que é absolutamente inútil que eu vá a casa do tio Lefranc.

- Por quê?

- Porque se tem alguma coisa que fazer em Dammartin, eu nada tenho que ir lá tratar.

- Sim, mas preciso que venhas a Paris. Em Paris há-de servir-me. És dotado de punhos sólidos e fortes, e tenho por certo que não tardará muito que por lá haja grossa pancadaria.

- Ah! Ah! - disse Pitou, pouco encantado com a perspectiva - parece-lhe isso?

E içou-se para cima do Cadete, puxando-o Billot para si como um saco de farinha.

O bom lavrador meteu de novo à estrada, e tanto fez com a rédea, os joelhos e as pernas, que em menos de meia hora, como ele dissera, estavam em Dammartin.

Billot entrara na vila por uma ruazinha conhecida dele. Dirigiu-se ao casal do tio Lefranc, e deixando Pitou e Cadete no meio do pátio, correu à cozinha, onde estava o tio Lefranc abotoando as polainas e preparando-se para uma volta pelo campo.

- Depressa, depressa, compadre - lhe disse ele, antes que este tornasse a si da sua admiração - o teu melhor cavalo.

- É Margot - disse Lefranc; - está aparelhado e pronto, pobre animal! Ia sair nele.

- Pois bem! Venha então o Margot; mas deixa-me desde já prevenir-te de que pode muito bem acontecer que eu te rebente o cavalo.

- Ora, rebentares tu o Margot! E por quê, fazes favor de mo dizer?

- Porque preciso estar esta noite em Paris - disse Billot com ar triste.

E fez a Lefranc um gesto maçónico dos mais significativos.

- Rebenta Margot, nesse caso - disse o tio Lefranc; - tu me darás o Cadete.

- Está dito.

- Um copo de vinho.

- Dois.

- Mas não vens só, parece-me?

- Não, trago comigo um belo rapaz, e que está tão cansado que não teve forças para vir até aqui; manda-lhe dar alguma coisa.

- Já, já - disse Lefranc.

Em dez minutos ambos os compadres tinham despejado cada um uma garrafa, e Pitou engolira um pão de dois arrátéis, e meio arrátel de toucinho. Enquanto comia, um moço da abegoaria esfregava Pitou com um punhado de luzerna fresca, como teria feito a um cavalo de estimação.

Depois de bem esfregado, e tendo acabado de comer, Pitou bebeu um copo de vinho, tirado de terceira garrafa, que foi despejada num instante pelos dois compadres. Depois disto, Billot montou em Margot, e puseram Pitou, muito teso, na garupa.

O bom animal, despertado pela espora, caminhou, com o dobrado peso, valentemente na direcção de Paris, sem cessar de enxotar as moscas com o rabo robusto, cujas espessas crinas sacudiam o pó nas costas de Pitou e lhe cingiam por vezes as pernas delgadas e metidas nas meias mal puxadas.

O que se passava no fim da estrada que Pitou seguia, isto é, em Paris

De Dammarthi a Paris vão oito léguas. As quatro primeiras ainda se andaram facilmente, mas desde o Bourget, as pernas de Margot, apesar de serem estimuladas pelas pernas compridas de Pitou, acabaram por fraquejar. A noite ia escurecendo.

Chegados ao sítio da Villette, pareceu a Billot ver na direcção de Paris um grande clarão.

Fez notar a Pitou esse clarão vermelho no horizonte.

- Pois não vê - lhe disse Pitou - que é tropa acampada, e que acenderam fogueiras?

- Como! Tropa? - disse Billot.

- Assim como por aqui anda alguma, por que razão não andaria também por acolá?

Com efeito, olhando atentamente para o lado direito, o tio Billot viu a planície de Saint-Denis semeada de grupos negros, que marchavam silenciosamente na sombra, infantaria e cavalaria.

Os armamentos brilhavam por vezes com o reflexo dos pálidos raios das estrelas.

Pitou, a quem os passeios nocturnos na floresta tinham acostumado a ver na escuridão, mostrou a seu amo peças de artilharia enterradas até meio das rodas das carretas, nos campos úmidos.

- Oh! Oh! - disse Billot. - Por aqui há novidade? Apressemo-nos, rapaz, apressemo-nos.

- Sim, sim, há fogo - disse Pitou erguendo-se na garupa de Margot. - Olhe! Olhe! Não vê as faíscas?

Margot parou. Billot apeou-se e chegando-se a um grupo de soldados vestidos de azul e amarelo, que acampava junto das árvores da estrada, perguntou:

- Olá, camaradas, sabem dizer-me o que haverá de novo em Paris?

Mas os soldados contentaram-se em lhe responder com algumas pragas, pronunciadas em língua alemã.

- Que diabo dizem eles? - perguntou Billot a Pitou.

- Não é latim, meu caro Sr. Billot - respondeu Pitou todo trémulo; - é tudo quanto lhe posso afirmar.

Billot reflectiu e olhou.

- Que pateta sou! - disse ele - em me haver dirigido aos Kaiserliks.

E, na sua curiosidade, ficava imóvel no meio da estrada.

Um oficial dirigiu-se a ele, e em mau francês disse-lhe:

- Siga depressa o seu caminho.

- Perdão, meu capitão - respondeu Billot - mas como vou para Paris...

- Que tem isso?

- Como o vejo no caminho, receio que não me deixem passar às portas.

- Deixam passar.

Billot montou de novo a cavalo e passou com efeito.

Mas foi para cair no meio dos hussardos de Bercheny, que estavam em La Villette.

Desta vez, não estava com Alemães, mas com patrícios, e as suas perguntas tiveram melhor resultado.

- Senhor - perguntou ele - tem a bondade de me dizer o que há de novo em Paris?

- Os endiabrados Parisienses - disse um hussardo - querem por força o seu Necker, e atiraram sobre nós, como se tivéssemos alguma coisa com isso.

- Querem o seu Necker! - bradou Billot; - porquê? Acaso o perderam?

- Certamente, visto que o rei o demitiu.

- O rei demitiu o Sr. Necker! - exclamou Billot com o espanto de um adepto que brada sacrilégio; - o rei demitiu aquele grande homem?

- Demitiu, sim, meu amigo; e ainda há mais, é que o tal grande homem vai já no caminho

de Bruxelas.

- Pois bem! Então agora vai ser bonito – bradou Billot com uma voz terrível, importando-se pouco com o perigo que corria em se mostrar assim a favor de uma insurreição no meio de mil e duzentas ou mil e quinhentas espadas realistas.

Billot tornou a montar em Margot, apressando-lhe o passo até chegar às portas da cidade.

À medida que avançava, via crescer o incêndio; uma grande coluna de fumo e de fogo elevava-se para o céu, tornando-o dum vermelho escuro.

Eram as casas da barreira que ardiam.

Uma multidão amotinada, furiosa, em que estavam muitas mulheres, que segundo o costume, ameaçavam e gritavam mais alto do que os homens, ataçava a chama com fragmentos de madeira da casa e com a mobília e utensílios dos empregados da barreira.

Na estrada, os regimentos húngaros e alemães, de armas em descanso, olhavam para essa devastação e nem se mexiam sequer.

Billot não parou naquele baluarte de fogo. Impeliu Margot através do incêndio. Margot passou valentemente pela barreira incandescente, mas, chegando ao outro lado da mesma, teve que parar diante de um ajuntamento compacto de povo, que fugia do centro da cidade para as extremidades, uns cantando, outros bradando: - Às armas!

Billot tinha a aparência do que era, isto é, um bom aldeão que vem a Paris tratar dos seus negócios. Talvez gritasse demasiadamente alto: - Arreda! Arreda! Mas Pitou repetia com tanta urbanidade depois dele: - Tenham a bondade de se arredar! Que um emendava o outro. Ninguém tinha interesse em impedir que Billot fosse tratar dos seus negócios; deixaram-no passar.

Margot cobrara novas forças; o fogo tisonara-lhe o pêlo; toda aquela vozeria, a que não estava acostumado, animara-o. Billot via-se obrigado a reprimir o gênio fogoso do animal para não esmagar os numerosos ajuntamentos que havia diante das portas, e o grande número de curiosos, que deixavam estas para ir em chusma até à barreira.

Billot foi avançando como pôde, puxando Margot ora para a direita, ora para a esquerda até ao bulevar; mas ali teve de parar.

Imenso concurso de povo desfilava vindo da Bastilha e caminhando para o *Garde-Meuble*, esses dois nós de pedra que naquela época atavam o cinto nos flancos de Paris.

Esse cortejo, que enchia o bulevar, seguia um andor em que se ostentavam dois bustos: um coberto com fumo, o outro coroado de flores.

O busto coberto de fumo era o de Necker, ministro demitido o outro era o do duque de Orleans, que na corte se declarara altamente a favor do grande economista de Genebra.

Billot indagou o que era aquela procissão; disseram-lhe que era uma homenagem popular que se prestava ao Sr. Necker e ao seu defensor, o Sr. duque de Orleans.

Billot nascera numa terra onde havia século e meio que se venerava o nome do duque de Orleans, Billot pertencia à seita filosófica, e por consequência considerava Necker, não só como um grande ministro, mas como um apóstolo da humanidade.

Era mais do que o necessário para exaltar Billot.

Apeou-se da égua sem saber o que fazia, bradando:

- Viva o duque de Orleans! Viva Necker! - e misturou-se com a multidão.

Uma vez ligado à multidão, desapareceu-lhe a liberdade individual. Como todos sabem, cessa o livre-arbítrio, quer-se o que a multidão quer, faz-se o que ela faz. Billot tinha aliás muito mais facilidade em se deixar arrastar, porque estava antes na frente do que na retaguarda do movimento.

O cortejo bradava furioso:

- Viva Necker! Não queremos tropas estrangeiras! Abaixo as tropas estrangeiras!

Billot uniu a sua voz poderosa a todas essas vozes.

Uma superioridade, qualquer que seja, é sempre apreciada pelo povo. O parisiense da cidade, de voz fraca ou roufenha, gasta pela inanição ou estragada pelo vinho, apreciou a voz sonora, fresca e vibrante de Billot e deu-lhe lugar: de modo que, sem ser muito apertado,

empurrado, pisado ou sufocado, Billot pôde chegar ao pé do andor.

No fim de dez minutos, um dos que levavam o andor e a quem o entusiasmo excedia as forças, cedeu-lhe o lugar.

Billot, como se vê, tinha caminhado rapidamente.

Na véspera, simples propagador do livro do Dr. Gilberto, era no dia seguinte um dos instrumentos de triunfo de Necker e do duque de Orleans.

Mas, apenas chegou àquele posto, uma idéa súbita o assaltou.

Que era feito de Pitou? Que era feito de Margot?

Sempre levando o andor, Billot olhou para trás, e ao clarão dos archotes que acompanhavam e alumiam a multidão, ao clarão dos lampiões que alumiam todas as janelas, viu, no meio do cortejo, uma espécie de eminência ambulante formada por cinco ou seis homens, que gesticulavam e gritavam.

No meio dessas gesticulações e desses gritos, era fácil distinguir a voz e reconhecer os braços compridos de Pitou.

Pitou fizera quanto lhe fora possível para defender Margot; mas apesar dos seus esforços a pobre égua tinha sido invadida. Margot já não trazia em cima Billot e Pitou, peso já muito sofrível para o pobre animal. Margot trazia todos quanto lhe podiam caber sobre o lombo, sobre as ancas, sobre a garupa e sobre o pescoço.

Margot parecia, com a noite, que sempre aumenta os vultos, conforme a imaginação, um elefante carregado de caçadores, que se dirigia à montaria de tigres.

O vasto lombo de Margot tinha cinco ou seis energúmenos, que se haviam estabelecido sobre ele, bradando: - Viva Necker! Viva o duque de Orleans! Abaixo os estrangeiros!

Ao que Pitou respondia:

- Vão esmagar Margot.

A embriaguez era geral.

Billot teve por um momento idéa de ir acudir a Pitou e a Margot, mas reflectiu que se renunciasse um instante à honra que conquistara, de levar uma das varas do andor, não a tornaria decerto a alcançar. Depois pensou que, afinal de contas, segundo a troca, prometida ao tio Lefranc, do Cadete por Margot, Margot pertencia-lhe, e que, se lhe sucedesse alguma desgraça, era objecto de trezentas ou quatrocentas libras, e ele era bastante rico para fazer esse sacrifício à sua pátria.

Durante esse tempo, o cortejo ia prosseguindo sempre, tinha obliquado à esquerda e descido pela rua Montmartre, até à praça das Vitórias. Chegado ao Palais-Royal, um grande ajuntamento impedia-lhe o passo, enorme multidão de homens com folhas verdes nos chapéus bradavam:

- Às armas!

Era indispensável um reconhecimento: aqueles homens, que tomavam toda a rua Vivienne, eram amigos ou inimigos? O verde era a cor do conde de Artois. Que significavam aqueles laços verdes?

Depois de um instante de conferência, explicou-se tudo.

Sabendo da demissão de Necker, um mancebo que saíra do café Foy, trepara a uma mesa, e mostrando uma pistola, bradara:

- Às armas!

A esse grito, todos os freqüentadores do Palais-Royal se haviam reunido em volta dele bradando também:

- Às armas!

Já dissemos, todos os regimentos estrangeiros estavam acampados fora de Paris. Parecia uma invasão austríaca. Os nomes desses regimentos feriam os ouvidos franceses: eram Reynac, Salis Samade, Diesbach, Esterhazy, Roemer. Bastava nomeá-los para que a multidão compreendesse que se pronunciavam nomes inimigos. O mancebo nomeou-os: anunciou que os Suíços, acampados nos Campos-Elíseos com quatro peças de artilharia, deviam naquela mesma

noite entrar em Paris precedidos pelos dragões do príncipe de Lambescq. Propôs um laço novo, que não fosse o deles, arrancou uma folha de castanheiro e pô-la no chapéu. No mesmo instante todos o imitaram. Três mil pessoas tinham em dez minutos desfolhado as árvores do Palais-Royal.

De manhã o nome do mancebo era ignorado, à noite todos o repetiam.

Esse mancebo chamava-se Camilo Desmoulins.

Reconheceram-se, confraternizaram, abraçaram-se; e depois o cortejo continuou o seu caminho.

Durante o momento de interrupção que acabava de ter lugar, a curiosidade daqueles que nada podiam ver, mesmo erguendo-se nos bicos dos pés, tinha sobrecarregado Margot com um novo peso, no selim, nos estribos, na garupa, de modo que, ao continuar o caminho, o pobre animal deixou-se cair.

No canto da rua Richelieu, Billot olhou para trás. Margot desaparecera.

Soltou um suspiro dirigido à memória do infeliz animal; depois, reunindo todas as forças da sua voz, chamou três vezes Pitou, como os Romanos faziam nas exéquias dos seus parentes; pareceu-lhe ouvir do centro da multidão uma voz que lhe respondia. Mas essa voz perdia-se entre os clamores confusos que subiam ao céu, num misto de ameaças e de aclamações.

O cortejo continuava sempre.

Todas as lojas estavam fechadas; mas todas as janelas estavam abertas, e delas saíam brados de animação que, cheios de embriaguez, caíam sobre a multidão.

Assim chegou tudo à Praça Vendôme.

Mas chegado ali, foi o cortejo detido por um obstáculo imprevisto.

Semelhante a esses troncos de árvores, arrastados pela cheia de um rio, que encontrando as colunas de uma ponte são repelidos contra os outros fragmentos que os seguem, o exército popular encontrou na praça de Vendôme um destacamento do Real-Alemão.

Estes soldados estrangeiros eram dragões, que vendo a inundação que subia pela rua Saint-Honoré, e que começara a trasbordar na praça Vendôme, saltaram a rédea aos cavalos, impacientes por ali estacionarem desde as cinco horas, e partiram a todo o galope, dando uma carga sobre o povo.

Os que levavam o andor receberam o primeiro choque e caíram debaixo do fardo. Um Saboiano, que ia adiante de Billot, foi o primeiro a levantar-se, espetou num pau o busto do duque de Orleans, ergueu-o acima da sua cabeça, bradando: - Viva o duque de Orleans! que ele nunca tinha visto, ou: - Viva Necker! Que ele não conhecia.

Billot ia fazer o mesmo ao busto de Necker, mas fora antecipado por alguém. Um rapaz de vinte e quatro ou vinte e cinco anos, vestido com bastante elegância, que tinha seguido com os olhos todos os movimentos, o que lhe era mais fácil do que a Billot, que ia ao andor, assim que viu o busto no chão, correu para ele.

Foi portanto em vão que o aldeão procurou o busto de Necker no chão. Já estava espetado num pau, e trazido ao pé do busto do duque de Orleans, ajuntava ao redor de si boa parte do cortejo.

De repente, um clarão ilumina a praça. Ao mesmo tempo ouve-se uma detonação, as balas sibilam; um corpo pesado bate na frente de Billot, que cai, e no primeiro momento julga-se morto.

Mas não perdera os sentidos e, a não ser uma forte dor de cabeça, não sente outro mal. Billot compreende que está simplesmente ferido, e compreende que tem apenas uma contusão na cabeça, e que as suas mãos estão ensangüentadas.

O mancebo bem trajado, que precedia Billot, acabava de receber uma bala no peito. Era esse o morto. Aquele sangue era seu. O choque experimentado por Billot, era do busto de Necker, que, perdendo o seu sustentáculo, lhe tinha caído na cabeça.

Billot solta um grito, meio de raiva, meio de terror.

Afasta-se do mancebo, que se debate nas convulsões da agonia. Os que o cercam

afastam-se como ele, e o grito que ele soltou, repetido pela multidão, prolonga-se como um eco fúnebre até aos últimos grupos da rua de Saint-Honoré.

Esse grito é uma nova rebelião: ouve-se segunda descarga, e largos vácuos nos grupos denunciavam a passagem de projecteis.

Levantar o busto que está todo sujo de sangue, erguê-lo acima da sua cabeça, protestar com a sua voz varonil mesmo em risco de ser morto como o belo mancebo, cujo corpo jaz a seus pés, é o que a indignação inspira a Billot, o que ele pratica no primeiro momento do seu entusiasmo.

Mas logo uma vigorosa mão encosta-se ao ombro do lavrador, e o carrega por tal forma, que se vê obrigado a vergar sob o peso. O lavrador quer livrar-se desse peso, mas outra mão não menos vigorosa do que a primeira cai-lhe sobre o outro ombro. Volta-se bramindo para ver com que espécie de antagonista tem a lutar.

- Pitou! - exclama ele.

- Sim, sim - respondeu Pitou - abaixe-se um pouco e verá.

E, dobrando de esforços, Pitou conseguiu deitar no chão ao pé de si o lavrador recalcitrante.

Apenas o tinha deitado com o rosto contra o chão, ouviu-se uma nova descarga. O Saboiano que levava o busto do duque de Orleans, cai também ferido com uma bala numa perna.

Depois ouve-se o som de ferraduras na calçada. Os dragões dão segunda descarga. Um cavalo furioso e ardente como o do Apocalipse, passa por cima do desgraçado Saboiano, que sente o frio de uma lança penetrar-lhe no peito, e cai sobre Billot e Pitou.

A procela passa, levando até ao fundo da rua, onde se abisma, o terror e a morte! Só os cadáveres ficam no chão. Tudo foge pelas ruas adjacentes. As janelas fecham-se. Lúgubre silêncio sucede aos gritos de entusiasmo e aos clamores de cólera.

Billot esperou um instante, sempre seguro pelo prudente Pitou; depois, sentindo que o perigo se afastava com a bulha, ergueu-se sobre um joelho, enquanto Pitou, à maneira das lebres nas tocas, começava a arrebatar, não a cabeça, mas as orelhas.

- Então! Sr. Billot - disse Pitou - parece-me que dizia a verdade, e que chegamos no momento próprio?

- Vamos, ajuda-me.

- A que, a fugir?

- Não; aquele casquilho está morto, mas o pobre Saboiano está só desfalecido, segundo creio. Ajuda-me a carregar com ele às costas; não o podemos deixar aqui, porque aqueles danados Alemães decerto vêm acabar com ele.

Billot falava uma linguagem que ia direita ao coração de Pitou, que nada soube responder, e obedeceu. Pegou no corpo do Saboiano desfalecido e ensangüentado, e, como se fosse um saco, pô-lo sobre os ombros do robusto lavrador, que, vendo a rua de Saint-Honoré livre e deserta na aparência, seguiu com Pitou pelo caminho do Palais-Royal.

XI

A noite de 12 para 13 de Julho

A rua parecera ao princípio deserta a Billot e Pitou, porque os dragões, perseguindo os furtivos, tinham subido até ao mercado de Saint-Honoré, espalhando-se pelas ruas Louis-le-Grand e Gaillon; mas à medida que Billot avançava para o Palais-Royal, resmungando instintivamente e a meia voz a palavra vingança, apareciam homens nos cantos das ruas, nos limiares das portas, os quais, ao princípio mudos e espantados, olhavam em volta de si, e seguros da ausência dos dragões, faziam cortejo a essa marcha fúnebre, repetindo ao princípio a meia voz, depois em voz alta, e afinal em altos brados, a palavra: - Vingança! Vingança!

Pitou caminhava atrás do lavrador, levando na mão o barrete do Saboiano.

Assim chegou a fúnebre e terrível procissão à praça do Palais-Royal, onde um povo inteiro, cheio de cólera, formava conselho e pedia o apoio dos soldados franceses contra os estrangeiros.

- Quem são aqueles homens de uniforme? – perguntou Billot chegando à frente de uma companhia, que de armas em descanso, estava postada na praça do Palais-Royal, desde a grande porta do palácio até à rua de Chartres.

- São os guardas franceses! - bradaram várias vozes.

- Ah! - disse Billot aproximando-se e, mostrando aos soldados o corpo do Saboiano, que já era cadáver. - Ah! São Franceses e deixam-se assassinar por Alemães!

Os guardas franceses deram um passo para trás.

- Morto! - murmuram algumas vozes nas fileiras.

- Sim, morto! Morto, assassinado, este e muitos outros.

- E por quem?

- Pelos dragões de Real-Alemão. Não ouviram aqui os gritos, os tiros, o galope dos cavalos?

- Sim, sim! - bradaram duzentas ou trezentas vozes - assassinaram o povo na praça Vendôme.

- E não são também do povo? Santo Deus! – bradou Billot dirigindo-se aos soldados; - é da sua parte uma grande cobardia deixar que assim assassinem seus irmãos!

- Uma cobardia! - murmuraram algumas vozes ameaçadoras.

- Sim... É uma cobardia! Disse-o e repito-o. Vamos - prosseguiu Billot dando três passos para o lado donde tinham saído as vozes ameaçadoras; - não querem agora matar-me a mim, para provar que não são cobardes?

- Bem! Está bem... Está bem... - disse um dos soldados; - é um valente, meu amigo, mas é paisano e pode fazer o que lhe aprouver; mas os militares são militares e têm uma disciplina.

- De modo que, se recebessem ordem de atirar sobre nós - bradou Billot - isto é, de atirar sobre homens desarmados, faziam-no, vocês, os sucessores dos homens de Fontenoy, que tão valorosamente combateram contra os Ingleses.

- Eu por certo que não havia de atirar - disse uma voz das fileiras.

- Nem eu, nem eu - repetiram cem vozes.

- Tratem então de impedir que os outros atirem sobre nós - disse Billot. - Deixar-nos assassinar por Alemães, é o mesmo que sermos assassinados por vós.

- Os dragões! Os dragões! - bradaram várias vozes, ao mesmo tempo que a multidão, repelida, começava a crescer na praça, fugindo pela rua Richelieu.

E ouviu-se ainda ao longe, mas aproximando-se, o galope de uma cavalaria pesada soando na calçada.

- Às armas! Às armas! - gritavam os fugitivos.

- Com mil diabos! - disse Billot deitando no chão o corpo do Saboiano, que ainda não havia largado - dêem-nos ao menos as espingardas, se delas não querem fazer uso.

- Pois bem, sim, com mil demónios, havemos de nos servir delas - disse o soldado, a quem Billot se havia dirigido, tirando das mãos do lavrador a sua espingarda, que este já havia agarrado. - Vamos, vamos, é carregar as armas, e se os Austríacos disserem alguma coisa a esta boa gente, veremos.

- Sim, sim, veremos - bradaram os soldados levando a mão à patrona e o cartucho à boca.

- Oh! Com mil raios! - bradou Billot batendo o pé - e eu que não trouxe a minha espingarda caçadeira! Mas por certo algum daqueles malvados Austríacos há-de morrer e tirar-lhe-ei a clavina.

- Entretanto - disse alguém - receba esta que está pronta e carregada.

E logo um desconhecido entregou a Billot uma rica espingarda.

Neste momento desembocavam os dragões na praça pisando e acutilando tudo quanto estava diante deles.

O oficial que comandava os guardas franceses deu quatro passos para a frente.

- Olá, senhores dragões, alto lá, se fazem favor - bradou ele.

Ou porque os dragões não ouvissem, ou porque fossem levados numa carreira demasiadamente violenta para parar, fizeram uma evolução na praça, e pisaram uma mulher e um pobre velho, que desapareceram debaixo dos cavalos.

- Fogo! - bradou Billot.

Como Billot estava perto do oficial, julgaram que a voz era dada por este. Os guardas franceses levaram as espingardas ao ombro, e deram uma descarga, que fez parar os dragões.

- Ah! Senhores guardas - disse um oficial alemão avançando na frente do esquadrão em desordem - sabem que atiraram sobre nós?

- Pudera não - disse Billot.

E atirou sobre o oficial, que logo caiu.

Então os guardas franceses deram segunda descarga, e os Alemães, vendo que tinham que se haver, não já com paisanos, que fugiam à primeira cutilada, mas com os soldados, que os esperavam a pé firme, deram meia volta à direita e regressaram à praça Vendôme no meio de tão formidável explosão de bravos e gritos de triunfo, que grande número de cavalos se espantaram, indo despedaçar a cabeça contra as paredes das casas.

- Vivam os guardas franceses! - bradou o povo.

- Vivam os soldados da pátria! - bradou Billot.

- Obrigado - responderam estes - vimos o fogo, estamos baptizados.

- Também eu vi o fogo - disse Pitou.

- Então? - perguntou Billot.

- Ora! Não é tão medonho como imaginava.

- Agora - disse Billot, que tivera tempo de examinar a clavina, e que reconhecera nela uma arma de subido valor - a quem pertence esta espingarda?

- A meu amo - disse a mesma pessoa que já havia falado e que lha entregou. - Mas meu amo acha que está muito bem nas suas mãos para que a queira tornar a receber.

Billot voltou-se e viu um criado com a libré do duque de Orleans.

- E onde está o teu amo? - perguntou ele.

O criado mostrou-lhe uma janela com umas tabuinhas entreabertas, por onde o príncipe acabava de ver tudo o que se passara.

- Então está o teu amo por nós? - perguntou Billot.

- De alma e corpo - disse o criado.

- Nesse caso, mais uma vez, viva o duque de Orleans! - bradou Billot. - Amigos, o duque de Orleans está por nós, viva o duque de Orleans!

E mostrou a janela por detrás da qual estava o príncipe.

Então as tabuinhas abriram-se de todo, e o duque de Orleans fez três cortesias.

Depois fechou-se de novo.

Por curta que fosse a aparição, tinha levado o entusiasmo ao auge.

- Viva o duque de Orleans! - vociferaram duas ou três mil vozes.

- Arrombemos as portas dos espingardeiros! - disse alguém dentre a multidão.

- Corramos aos Inválidos! - bradaram alguns velhos soldados. - Em Sombreuil há vinte mil espingardas.

- Aos Inválidos!

- À casa da câmara! - exclamaram várias vozes - o preboste dos mercadores, Flesselles, tem as chaves do depósito de armas dos guardas, e há-de dá-las.

- À câmara! - repetiram alguns dos assistentes.

E toda a multidão se dissipou rapidamente nas três direcções designadas.

Durante este tempo, os dragões tinham-se reunido em torno do barão de Bezenval e do príncipe de Lambescq, na praça de Luís XV.

É o que ignoravam Billot e Pitou, que não tinham seguido nenhum dos três corpos, e se

achavam quase sós na Praça do Palais-Royal.

- Então, meu caro Sr. Billot, onde vamos nós? - perguntou Pitou.

- Bastante vontade tinha de acompanhar aquela boa gente - disse Billot - não à casa dos armeiros, porque tenho uma espingarda tão boa, mas à casa da câmara ou aos Inválidos. Entretanto, como não vim a Paris para me bater, mas para saber a morada do Sr. Gilberto, parece-me que deveria ir ao colégio de Luís-o-Grande, onde está o filho, ficando ao meu arbítrio, depois de falar com o médico, o lançar-me de novo no meio da multidão.

Os olhos do aldeão despediam faíscas de lume a todo o momento.

- Ir primeiramente ao colégio de Luís-o-Grande parece-me lógico - disse Pitou sentenciosamente - visto que viemos a Paris para isso.

- Então pega numa espingarda, numa espada, numa arma qualquer de um daqueles mandriões acolá deitados - disse Billot apontando para os cinco ou seis dragões que estavam estendidos no chão - e vamos ao colégio de Luís-o-Grande.

- Mas aquelas armas - disse Pitou hesitando - não são minhas.

- Então de quem são? - perguntou Billot.

- São do rei.

- São do povo - disse Billot.

Pitou, forte com a aprovação do lavrador, que ele conhecia como incapaz de prejudicar o seu vizinho nem num grão de milho, aproximou-se com toda a precaução do dragão que lhe parecia ficar mais perto, e, tendo-se primeiramente assegurado de que estava bem morto, tirou-lhe então a espada, a clavina e a patrona.

Bastante vontade tinha Pitou de lhe tirar também o capacete, mas não estava bem certo se o que Billot dissera das armas ofensivas se entendia também com as armas defensivas.

Mas enquanto se armava, Pitou escutou para os lados da praça Vendôme.

- Oh! Oh! - disse ele - parece-me que aí volta o Real-Alemão.

Efectivamente ouvia-se a bulha de cavalaria a passo; Pitou inclinou-se para a esquerda do café da Regência, e com efeito percebeu, na altura do mercado Saint-Honoré, uma patrulha de dragões, que avançava com as clavinhas na mão.

- Olá! Aviar... Aviar - disse Pitou - eles aí voltam.

Billot olhou em redor de si para ver se haveria meio de resistir. A praça estava quase deserta.

- Vamos ao colégio de Luís-o-Grande - disse ele.

E voltou para a rua de Chartres, seguido de Pitou, o qual ignorando o uso do cinturão, preso à cintura, levava a espada de rastos.

- Com mil demónios! - disse Billot - pareces assim um ferro-velho. Pendura essa espada.

- Onde? - perguntou Pitou.

- Ora! Onde! Aí - disse Billot.

E suspendeu a espada no cinturão, o que deu a Pitou uma celeridade de passos, que sem aquele expediente não poderia atingir.

O caminho fez-se sem grande inconveniente até à praça de Luís XV; mas ali, Billot e Pitou encontraram a coluna que marchava para os Inválidos e que fora ali detida.

- Que é isto, que sucedeu? - perguntou Billot.

- Não deixam passar pela ponte de Luís XV.

- E pelos cais?

- Também não.

- E pelos Campos-Elíseos?

- Também não.

- Então, voltemos atrás e vamos pela ponte das Tulherias.

A proposta era simples, e a multidão, seguindo Billot, mostrou que estava pronta a aceder; mas a meio do caminho das Tulherias, pouco mais ou menos, luziam umas espadas. O cais estava cortado por um esquadrão de dragões.

- Ora esta! Então estes malditos dragões estão em toda a parte - murmurou o aldeão.
- Olhe, meu caro Sr. Billot, parece-me que estamos tomados - disse Pitou.
- Ora adeus! - disse Billot - não se tomam assim cinco ou seis mil homens, e nós aqui estamos pelo menos cinco ou seis mil.

Os dragões do cais avançavam lentamente, a passo grave, é verdade, mas avançavam visivelmente.

- Ainda temos a Rua Real - disse Billot. - Anda por aqui, Pitou, anda.

Pitou seguiu o lavrador como se fosse a sombra dele.

Mas uma linha de soldados fechava a rua na altura da porta de Saint-Honoré.

- Ah! Ah! - disse Billot - parece-me que tinhas razão, amigo Pitou.

- Hem! - disse Pitou.

Mas esta simples palavra, pelo tom em que era pronunciada, exprimia toda a pena que acompanhava Pitou por se não ter enganado.

A multidão, pelas suas agitações e clamores, provava que não era menos sensível do que Pitou à situação em que se achava.

Com efeito, por uma hábil manobra, o príncipe de Lambescq acabava de cercar os curiosos e rebeldes, em número de cinco ou seis mil, e fechando a ponte de Luís XV, os cais, os Campos-Elíseos, a rua Real e os Feuillants, conservava-os encerrados num grande círculo de ferro, cuja porta era representada pelo muro do jardim das Tulherias, difícil de escalar, e pela grade do Pont-Tornant, quase impossível de arrombar.

Billot viu que a situação não era boa. Entretanto, como era homem de sangue-frio e cheio de expedientes no perigo, olhou em volta de si, e vendo um montão de madeira ao pé do rio, disse a Pitou:

- Tenho uma idéia, vem comigo.

Pitou seguiu Billot sem lhe perguntar qual era a idéia.

Billot avançou para o montão de madeira, agarrou uma viga e contentou-se em dizer a Pitou: ajuda-me!

Pitou, da sua parte, contentou-se com ajudar Billot, sem lhe perguntar em que o estava auxiliando; mas pouco lhe importava. Era tal a sua confiança no lavrador, que teria descido com ele ao inferno, sem sequer lhe observar que achava a escada comprida e o subterrâneo profundo.

O tio Billot pegara na viga de um lado, e Ângelo Pitou do outro.

Ambos se dirigiram ao cais, levando um peso, que cinco ou seis homens robustos a custo poderiam levar.

A força é sempre objecto de admiração, e a multidão, por mais compacta que estivesse, abriu-se diante de Billot e Pitou.

Depois, como sem dúvida conheceram que a manobra que se executava era de interesse geral, alguns homens caminharam adiante de Billot gritando: Arreda! Arreda!

- Diga-me, tio Billot - perguntou Pitou ao cabo de trinta passos - nós vamos muito longe assim?

- Vamos até à grade das Tulherias.

- Oh! Oh! - disse a multidão, que compreendeu o que se pretendia fazer.

Afastou-se mais depressa ainda, para deixar passar a viga.

Pitou olhou, e viu que do lugar onde estava até à grade havia apenas uns trinta passos.

- Irei! - disse ele com o laconismo de um pitagórico.

E demais, o trabalho de Pitou foi muito facilitado pela ajuda de cinco ou seis homens vigorosos que tomaram a sua parte no frete.

Resultou daí uma grande aceleração na marcha.

Em cinco minutos, estava em frente da grade.

- Vamos - disse Billot - união.

- Bom - disse Pitou - agora entendo; estivemos fazendo uma máquina de guerra. Os Romanos chamavam a isto um aríete.

E a viga, posta em movimento, bateu um golpe terrível na fechadura da grade.

Os soldados que estavam de guarda no interior das Tulherias acudiram para se oporem à invasão. Mas, ao terceiro embate, a porta cedeu girando com violência nos gonzos e nessa boca aberta e sombria engolfou-se a multidão.

Ao movimento que se fez, o príncipe de Lambescq conheceu que se tinha aberto uma saída aos que julgava seus prisioneiros. A cólera apoderou-se dele. Obrigou o cavalo a dar um salto para a frente, para melhor poder observar a situação. Os dragões, colocados atrás dele, julgaram que ia dar ordem de carregar, e seguiram-no. Os cavalos, impelidos, já não puderam moderar a corrida; os homens, que queriam vingar a sua derrota do Palais-Royal, não tentaram segurá-los.

O príncipe, vendo que lhe seria impossível moderar o movimento, deixou-se levar, e uns clamores gerais, que soltavam as mulheres e as crianças, subiram ao céu para pedir vingança a Deus.

No meio da escuridão passou-se uma cena horrorosa. Aqueles em que a tropa carregava enlouqueceram de dor, os que os carregavam enlouqueceram de cólera.

Então uma espécie de defesa organizou-se de cima dos terraços, as cadeiras voaram para os dragões. O príncipe de Lambescq, ferido na cabeça, respondeu com uma espadeirada, sem pensar que feria um inocente em lugar de punir um culpado, e um ancião de setenta anos caiu.

Billot viu cair um homem e soltou um grito.

Ao mesmo tempo levou a clavina ao ombro, fez pontaria, um raio de fogo atravessou a escuridão, e o príncipe morreria infalivelmente, se o acaso não o tivesse, naquele mesmo instante, obrigado a desviar-se; o cavalo recebeu a bala no pescoço e caiu.

Julgaram todos que o príncipe estava morto. Então os dragões correram para as Tulherias, perseguindo os fugitivos a tiro de pistola.

Estes, senhores de um grande espaço, espalharam-se por entre as árvores.

Billot tornou a carregar sossegadamente a clavina.

- Parece-me que tinhas razão, Pitou - disse ele - acho que chegamos a Paris muito a tempo.

- Ora, se eu me saísse agora um valentão! – disse Pitou descarregando a sua clavina sobre um grupo de dragões; - parece-me que não é tão difícil como pensava.

- Sim - disse Billot; - mas a valentia inútil não é valentia. Anda por este lado, Pitou, e vê si não se te embarçam as pernas na espada.

- Espere um pouco, meu caro Sr. Billot. Se me perdesse de si, para onde iria? Não conheço Paris, nunca vim a esta grande cidade.

- Vem, vem - disse Billot; e seguiu pelo terraço à margem do rio, até passar além da linha da tropa, que avançava pelos cais com toda a rapidez de que era susceptível, para prestar auxílio aos dragões do príncipe de Lambescq, se necessário fosse.

Chegado à extremidade do terraço, Billot assentou-se no parapeito e saltou para o cais.

Pitou seguiu-lhe o exemplo.

XII

O que se passava na noite de 12 para 13 de Julho de 1789

Uma vez no cais, os dois provincianos, vendo brilhar nas pontes das Tulherias as armas da nova tropa, que segundo todas as probabilidades, não era tropa amiga, foram até à extremidade e desceram ao longo do Sena.

Davam onze horas e meia no relógio das Tulherias.

Quando se aproximaram das árvores que guarneciam as margens do rio, belos carvalhos e faias que banhavam as raízes na água, uma vez perdidos na escuridão da folhagem, o lavrador e Pitou deitaram-se na relva, e formaram conselho.

Tratava-se de saber, e a questão era posta pelo lavrador, se deveriam ficar onde estavam isto é, quase em segurança, ou se deveriam de novo lançar-se no meio do tumulto, e tomar parte nessa luta, que parecia dever durar parte da noite.

Posta esta questão, Billot esperou a resposta de Pitou.

Este crescera muito em consideração no espírito do lavrador. Primeiramente pela ciência de que na véspera dera provas, depois pela coragem que naquele dia acabava de mostrar. O rapaz sentia isso instintivamente, mas longe de se ensoberbecer, mostrava-se agradecido ao bom lavrador. Era de natureza humilde o pobre órfão.

- Sr. Billot - disse ele - é evidente que o senhor é valoroso, e eu menos poltrão do que julgava. Horácio, que era homem de outra casta, pelo menos em poesia, arremessou para longe de si as armas e fugiu ao primeiro recontro. Eu conservo comigo a minha clavina, a patrona, e a espada, o que prova que sou mais valente do que Horácio.

- Afinal, que queres dizer?

- Quero dizer, meu caro Sr. Billot, que o homem mais valente pode ser morto por uma bala.

- E depois? - disse o lavrador.

- Depois, meu caro senhor, eis aqui o caso. Como ao sair do casal mostrou o desígnio de vir a Paris para um objecto importante...

- Oh! Com a fortuna! É verdade, para o cofrezinho.

- Então, veio para o cofrezinho ou não?

- Vim para o cofrezinho, com mil demónios! E não para outra coisa.

- Se se deixar matar por uma bala, o negócio a que veio, não se poderá fazer.

- Na verdade, tens carradas de razão, Pitou.

- Ouve daqui o barulho que por lá vai? - prosseguiu Pitou animado; - o madeiro rasga-se como papel, o ferro torce-se como linho.

- É a cólera do povo!

- Mas - observou Pitou - parece-me que o rei também está bem encolerizado.

- O rei?

- Certamente, os Austríacos, os Alemães, os Kaiserliks, como lhes chama, são soldados do rei. Então, se dão descargas sobre o povo, é porque o rei lhes ordena que descarreguem. E para que o rei dê semelhantes ordens, é forçoso que ele também esteja encolerizado.

- Tens razão, e não a tens, Pitou.

- Isso não me parece possível, meu caro Sr. Billot, e não ousou dizer-lhe que se tivesse estudado lógica não avançaria semelhante paradoxo.

- Tens razão, e não a tens, Pitou, e vais já compreender-me.

- Estimarei muito, mas duvido.

- Olha, Pitou, há dois partidos na corte, o do rei, que gosta do povo, e o da rainha, que gosta dos Austríacos.

- É porque o rei é Francês e a rainha Austríaca - respondeu filosoficamente Pitou.

- Espera! No partido do rei estão o Sr. Turgot e o Sr. Necker; no da rainha estão o Sr. de Breteuil e os Polignac. O rei não tem força, pois que se viu na necessidade de despedir o Sr. Turgot e o Sr. Necker. Portanto é a rainha quem governa, isto é, os Breteuil e os Polignac. E por isso os negócios vão mal. Vês tu, Pitou, o mal vem da Sr^a. *Déficit*. Esta senhora não é para graças, e é em seu nome que as tropas atiram sobre o povo; os Austríacos defendem a Austríaca, é natural.

- Perdão, Sr. Billot - disse Pitou - mas *déficit* é uma palavra latina que significa *falta*. Que é que falta?

- Falta dinheiro, com os diabos! E como falta, porque os favoritos da rainha o comeram, chamam à rainha a Sr^a. *Déficit*. Portanto não é o rei quem está encolerizado, é a rainha. O rei só está despeitado por ver que as coisas caminham tão mal.

- Agora entendo - disse Pitou; - mas o cofrezinho?

- É verdade, é verdade, Pitou; o diabo da política sempre me leva mais longe do que quisera ir. Sim, primeiro que tudo o cofrezinho. Tens razão, Pitou: depois de falar com o doutor Gilberto, voltemos à política. É um dever sagrado.

- Não há nada mais sagrado do que os deveres sagrados - disse Pitou.

- Vamos pois ao colégio de Luís-o-Grande, onde está Sebastião Gilberto - disse Billot.

- Vamos - respondeu Pitou suspirando por ter de tirar-se de um leito de erva macio, a que se tinha acostumado. Além disso, apesar da terrível sobre excitação da tarde, o sono, assíduo hóspede das consciências puras e dos lombos moídos, descia com todo o seu poder sobre o virtuoso e derrancado Ângelo Pitou.

Billot já estava levantado e Pitou ia-se erguendo, quando soou meia hora.

- Mas - disse Billot - às onze horas e meia é provável que o colégio de Luís-o-Grande esteja fechado.

- Certamente - disse Pitou.

- Além disso, de noite pode-se cair numa emboscada; parece-me que vejo certos clarões para o lado do Palácio da Justiça; podem prender-me e dar cabo de mim; tens razão, Pitou, é preciso que me não prendam, é preciso evitar que me matem.

Era a terceira vez, desde pela manhã, que Billot fazia soar aos ouvidos de Pitou estas duas palavras tão lisonjeiras para o orgulho humano:

- Tens razão.

Pitou achou que o melhor que tinha a fazer era repetir as palavras de Billot.

- Tem razão - repetiu ele deitando-se de novo na relva. - É preciso evitar que o matem, meu caro Sr. Billot.

E o fim desta frase sumiu-se na garganta de Pitou. *Vox faucibus hoiesit*, poderia ele ter dito, se estivesse acordado, mas dormia.

Billot não se tinha apercebido disso.

- Ocorreu-me uma idéia - disse ele.

- Ah! - resmungou Pitou.

- Ouve-me, tenho uma idéia; apesar de todas as precauções que tomo, pode acontecer que me matem, que me matem de perto ou me firam de longe mortalmente e eu morra em seguida; se isto suceder, é preciso que saibas o que em meu lugar deves dizer ao Dr. Gilberto; mas a mais ninguém, toma sentido.

Pitou não ouvia, e por conseqüência não respondeu.

- Se eu for mortalmente ferido e por isso não puder desempenhar a missão, vais em meu lugar procurar o Dr. Gilberto e dizes-lhe... Ah! Desgraçado! Estás ressonando...

Toda a exaltação de Billot caiu diante do sono do pobre Pitou.

- Bem, toca pois a dormir - disse ele.

Calou-se e estendeu-se ao lado de Pitou. Por mais acostumado que o lavrador estivesse à fadiga, a corrida do dia e os acontecimentos da noite não deixavam de ter nele influência soporífera.

O dia despontou depois de gozarem três horas de comprido sono ou antes de entorpecimento.

Quando abriram de novo os olhos, Paris nada tinha perdido do feroz aspecto que na véspera apresentava.

A diferença estava em que não se viam soldados; havia só povo em toda a parte.

O povo estava armado de lanças feitas à pressa, de espingardas, de que a maior parte se não sabia servir, de armas magníficas de outro século, cujos ornamentos de ouro, marfim e madreperola os portadores admiravam, sem lhes compreender o uso nem o mecanismo.

Logo que os soldados se retiraram, o povo roubara o *Garde-Meuble*.

Levara para a casa da câmara duas pequenas peças de artilharia.

Em Notre-Dame, na casa da câmara, em todas as freguesias tocavam a rebate. Viam-se sair, e ninguém sabia donde, talvez debaixo das pedras da calçada, legiões de homens e de

mulheres pálidos, magros, nus, que ainda na véspera bradavam: *Pão!* e que hoje gritavam: *Armas!*

Nada tão sinistro como esses bandos de espectadores que, havia um ou dois meses, iam chegando da província, e passando silenciosamente as barreiras se instalavam em Paris, como os abutres devoradores num cemitério.

Naquele dia, a França inteira, representada em Paris pelos esfaimados de cada província, gritava ao seu rei: Fazei-nos livres; ao seu Deus: Fartai-nos.

Billot, acordando primeiro, chamou Pitou, e ambos se encaminharam para o colégio de Luís-o-Grande, olhando trémulos em volta de si, aterrados com as sanguinolentas misérias.

À medida que avançavam para o que hoje se chama o bairro Latino, à medida que subiam pela rua La Harpe, à medida, enfim, que se aproximavam da rua Saint-Jacques, termo da sua jornada, viam, como no tempo da *Fronde*, levantarem-se numerosas barricadas. As mulheres e crianças transportavam para os andares superiores das casas livros em fôlio, mobílias pesadas, mármore preciosos, destinados a esmagar os soldados estrangeiros no caso de se atreverem a aventurar-se nas ruas tortuosas e estreitas da velha cidade de Paris.

De tempos a tempos, Billot via um ou dois guardas franceses formando o centro dalgum ajuntamento, que eles organizavam e ao qual, com maravilhosa rapidez, ensinavam o manejo da espingarda, exercício que as mulheres e as crianças contemplavam com curiosidade e quase com desejo de o aprenderem.

Billot e Pitou encontraram o colégio de Luís-o-Grande em plena insurreição; os estudantes tinham-se levantado e expulso os mestres. No momento em que o lavrador e o seu companheiro chegaram diante das grades, os estudantes assaltavam a grade com ameaças, a que o principal, aterrado, respondia com lágrimas.

O lavrador olhou um instante para aquela revolta intestina, e de repente, com uma voz de estentor, perguntou:

- Qual é dos senhores que se chama Sebastião Gilberto?

- Eu - respondeu um mancebo de quinze anos, de formosura quase feminina, e que, auxiliado por três ou quatro dos seus camaradas, trazia uma escada para escalar o muro, vendo que não podia arrombar a grade.

- Aproxime-se de mim, meu filho.

- Que quer o senhor? - perguntou Sebastião Gilberto a Billot.

- Quer levá-lo daqui? - bradou o principal, espantado à vista daqueles dois homens armados, um dos quais, o que dirigira a palavra ao jovem Gilberto, estava todo coberto de sangue.

O mancebo, da sua parte, olhava com admiração para eles e procurava, mas inutilmente, reconhecer o seu colaço Pitou, desmedidamente crescido desde que dele se separara e completamente transformado com o seu equipamento guerreiro.

- Levá-lo! - bradou Billot; - levar o filho do Sr. Gilberto, conduzi-lo para o túmulo, expô-lo a algum perigo! Oh! Por certo que não!

- Vê, Sebastião - disse o principal - vê, estouvado, nem sequer os seus amigos o querem. Porque enfim, aqueles senhores parecem ser seus amigos. Vamos, senhores; vamos, meus discípulos; meus filhos - bradou o pobre principal - obedçam-me; obedçam-me, ordeno-lho; obedçam-me, rogo-lho.

- *Oro obtestorque* - disse Pitou.

- Senhor - disse Gilberto com firmeza extraordinária para uma criança da sua idade - pode deter os meus colegas, se for da sua vontade, mas pela minha parte, previno-o de que quero sair imediatamente.

Fez um movimento em direcção para a grade. O professor deteve-o.

Mas ele, sacudindo os belos cabelos castanhos sobre a fronte pálida, disse:

- Senhor, veja o que faz. Não estou na posição dos mais; meu pai foi preso, encarcerado; meu pai está em poder dos tiranos!

- Em poder dos tiranos! - exclamou Billot - fale, meu filho, que quer dizer?

- Sim! Sim! - bradaram as crianças. – Sebastião tem razão; prenderam-lhe o pai, e como o povo abriu as prisões, quer que abram a prisão do pai.

- Oh! Oh! - disse o lavrador sacudindo as grades com os seus braços de Hércules - prenderam o Dr. Gilberto! Com os diabos! A Catarina tinha razão.

- Sim, senhor - prosseguiu o pequeno Gilberto prenderam meu pai e é por esse motivo que quero fugir, que quero pegar numa espingarda, que quero ir bater-me, até haver conseguido a liberdade de meu pai!

Estas palavras foram acompanhadas e sustentadas por cem vozes furibundas, que gritavam em todos os tons:

- Armas! Armas! Dêem-nos armas!

A estes gritos, a multidão, que se ajuntara na rua, animada também de heróico ardor, atirou-se contra as grades para dar a liberdade aos estudantes.

O principal ajoelhou entre os estudantes e os invasores, e passou pelas grades os seus braços suplicantes.

- Oh! Meus amigos! Meus amigos! - bradava ele respeitem estas crianças!

- Decerto que as respeitaremos! - disse um guarda francês; - pudera não! São umas lindas crianças, que hão-de fazer exercício como uns anjos.

- Meus amigos! Meus amigos! Estas crianças são um depósito que me foi confiado pelos pais; respondo por elas; os pais contam comigo; devo-lhes a minha vida; mas em nome do céu, não mas levem daqui.

Uma apurada saída do fim da rua, isto é, das últimas fileiras da multidão, acolheu estas aflitivas súplicas.

Billot avançou, e opondo-se aos guardas franceses, à multidão, e até aos estudantes, bradou:

- Ele tem razão, é um depósito sagrado; que os homens se batam, que os homens se exponham a morrer, com mil demónios, mas vivam as crianças; é preciso semente para o futuro.

Um murmúrio de descontentamento acolheu estas palavras.

- Quem é que murmura? - bradou Billot; - por certo não é um pai. Eu que lhes estou agora falando, tive ontem dois homens mortos em meus braços; aqui está o seu sangue na minha camisa. Vejam-no!

E mostrou a véstia e a camisa ensangüentadas, com um movimento de grandeza que electrizou a assembléa.

- Ontem - prosseguiu Billot - batia-me no Palais-Royal e nas Tulherias; e esta criança também se bateu, mas esta criança não tem pai nem mãe, além disso é quase um homem.

E mostrava Pitou, que se endireitava.

- Hoje - prosseguiu Billot - ainda me tornarei a bater; mas não venham cá dizer-me: os habitantes de Paris não tinham força bastante contra os soldados estrangeiros, e chamaram em seu auxílio as crianças.

- Sim! Sim! - bradaram de todos os lados vozes de mulheres e de soldados. - Tem razão. Crianças, recolham-se à casa! Recolham-se!

- Oh! Muito obrigado, senhor, muito obrigado! - murmurou o principal, tentando através das grades pegar nas mãos de Billot.

- E sobretudo de entre todos, recomendo-lhe que guarde bem Sebastião - disse este.

- A mim! Que me guardem bem! Pois eu digo que me não guardarão - bradou o mancebo, lívido de cólera e lutando com os criados do colégio, que o levavam.

- Deixe-me entrar - disse Billot - que eu encarrego-me de o sossegar.

A multidão afastou-se. O aldeão puxou atrás de si Ângelo Pitou e penetrou no pátio do colégio.

Já três ou quatro guardas franceses estavam de sentinela às portas e tomavam todas as saídas aos jovens insurgentes.

Billot foi direito a Gilberto e tomando nas suas mãos grossas e calosas as mãos brancas e

finas de Sebastião, disse-lhe:

- Sebastião, não me conhece?

- Não.

- Sou o tio Billot, rendeiro de seu pai.

- Agora conheço-o.

- E aquele rapaz - disse Billot, apontando para o seu companheiro - conhece-o?

- Ângelo Pitou? - perguntou a criança.

- Sim, Sebastião, sim, sou eu, sou eu.

Pitou, chorando de prazer, deitou-se ao pescoço do seu colação e companheiro de estudos.

- Pois bem! - disse a criança sem desfranzir a testa - e depois?

- Depois?... Se lhe prenderem seu pai, eu lho restituirei, fique certo disso.

- O senhor?

- Sim, eu! Eu! E todos aqueles que aí andam comigo. Com os diabos! Ontem tivemos que fazer com os Austríacos, e vimos-lhe as patronas, isto é, fizemo-los fugir.

- Tanto é certo termos visto as patronas, que aqui tenho uma delas - disse Pitou.

- Não é verdade que lhe libertaremos o pai? - disse Billot dirigindo-se à multidão.

- Sim, sim - bradaram todos; - nós o libertaremos.

Sebastião abanou a cabeça.

- Meu pai está na Bastilha - disse ele com tristeza.

- Isso que tem? - bradou Billot.

- Que tem?... A Bastilha não se pode tomar - respondeu a criança.

- Então, se tem essa convicção, que queria fazer?

- Queria ir à Praça da Bastilha; o povo lá há-de bater-se; talvez meu pai me pudesse ver pelas grades de alguma janela.

- É impossível!

- Impossível! E por que não? Um dia, passeando com todos os alunos do colégio, vi, numa janela, a cabeça de um prisioneiro. Se visse meu pai como vi aquele prisioneiro, tê-lo-ia conhecido, e ter-lhe-ia gritado: Sossegue, meu bom pai!

- E se os soldados da Bastilha o matassem?

- Matavam-me à vista de meu pai.

- Morte horrível! É um mau rapaz, Sebastião, ir fazer-se matar à vista de seu pai. Fazê-lo morrer de dor na prisão, ele que só o tem a si no mundo, ele que tanto o ama! Decididamente, tem mau coração, Gilberto.

Dito isto, o lavrador repeliu a criança.

- Sim, sim, mau coração! - repetiu Pitou banhado em lágrimas.

Sebastião não respondeu.

E enquanto meditava em silêncio, Billot admirava-lhe o nobre e claro rosto, os olhos de fogo, a boca irónica e fina, o nariz aquilino e a barba vigorosa, que denunciava ao mesmo tempo nobreza de alma e nobreza de sangue.

- Diz que seu pai está na Bastilha? - perguntou o lavrador afinal.

- Está, sim.

- Por quê?

- Porque meu pai é amigo de Lafayette e de Washington; porque meu pai combateu com a espada pela independência da América, e com a pena pela da França; porque meu pai é conhecido nos Dois Mundos pelo seu ódio à tirania; porque amaldiçoou a Bastilha, onde sofrem tantos... Também os cobardes tiranos o meteram lá...

- Quando?

- Há seis dias.

- Onde o prenderam?

- No Havre, onde acabava de desembarcar.

- Como sabe isso?

- Recebi uma carta dele.

- Datada do Havre?

- Sim.

- E foi mesmo no Havre que o prenderam?

- Em Lillebonne.

- Vamos, meu filho, não me queira mal e dê-me todos os esclarecimentos que sabe.

Juro-lhe que me ficarão os ossos na Praça da Bastilha, ou que tornará a ver seu pai.

Sebastião olhou para o lavrador, e vendo que parecia falar do íntimo de alma, sossegou.

- Pois bem - disse ele - em Lillebonne, teve tempo de escrever com lápis estas palavras num livro:

“Sebastião, prendem-me e levam-me para a Bastilha.

“Paciência. Espera e trabalha.

“Lillebonne, 7 de Julho de 1789.

“P. S. - Prendem-me pela liberdade.

“Tenho um filho no colégio de Luís-o-Grande, em Paris. À pessoa que achar este livro peço, em nome da humanidade, que o faça chegar às mãos de meu filho; chama-se Sebastião Gilberto.”

- E esse livro? - perguntou Billot muito comovido.

- Esse livro? Meteu-lhe dentro uma moeda de ouro, atou-o com um cordel e deitou-o pela janela fora.

- E...?

- O pároco da vila achou-o. Escolheu dentre os seus fregueses um robusto rapaz, a quem disse:

“- Deixa doze francos à tua família, que não tem pão, e auxiliado com o resto, leva este livro a Paris, a um pobre rapaz, a quem prenderam o pai, porque ama muito o povo.”

- O mancebo chegou aqui ontem à tarde e entregou-me o livro. Foi assim que eu soube que meu pai fora preso.

- Vamos! Vamos! - disse Billot - isso dispõe-me um pouco a favor dos curas; infelizmente, nem todos são como esse. E o rapaz onde está?

- Tornou a partir ontem mesmo; espera levar ainda sete francos à família, como sobejo dos doze que consigo trouxe.

- Belo! Belo! - disse Billot chorando de prazer. - Oh! O povo tem acções belas, Gilberto!

- Agora sabe tudo.

- Sim.

- Prometeu-me, se falasse, que me restituiria meu pai. Falei, lembre-se da sua promessa.

- Disse-lhe que o salvaria; hei-de salvá-lo ou ficarei morto. Agora mostre-me o livro - disse Billot.

- Aqui está - disse a criança tirando da algibeira um volume do *Contrato social*.

- Onde está a carta de seu pai?

- Olhe! - disse a criança mostrando a carta do doutor.

O lavrador beijou-a.

- Agora - disse ele - sossegue. Vou buscar seu pai à Bastilha.

- Desgraçado! - disse o principal pegando nas mãos de Billot - como poderá aproximar-se de um prisioneiro do Estado?

- Tomando a Bastilha, com mil demónios!

Alguns guardas franceses riram-se. No fim dalguns momentos, as gargalhadas eram gerais.

- Mas - bradou Billot, olhando em volta de si com os olhos chamejantes de cólera - então que é a Bastilha?

- São pedras - disse um soldado.
 - É ferro - disse outro.
 - É fogo - disse um terceiro. - Acautele-se, meu amigo, porque queima.
 - Sim! Sim! Queima - repetiu a multidão.
 - Ah! Parisienses - bradou o lavrador - ah! Têm picaretas e temem as pedras; têm chumbo e temem o ferro: têm a pólvora e temem o fogo! São uns cobardes; os Parisienses, são máquinas de escravidão. Com mil demónios! Qual é o homem de honra que quer vir comigo e Pitou tomar a Bastilha do rei? Chamo-me Billot, sou lavrador na Ilha-de-França. Avante! Avante!
 Billot acabava de elevar-se ao sublime da audácia.
 A multidão, fremente e inflamada, estremecia em volta dele, bradando: - À Bastilha! À Bastilha!
 Sebastião quis agarrar-se a Billot, mas este repeliu-o brandamente.
 - Meu filho - perguntou ele - qual é a última palavra de seu pai?
 - Trabalha - respondeu Sebastião.
 - Pois então, *trabalhe* aqui; nós vamos *trabalhar* além, com a diferença que o nosso trabalho é destruir e matar.
 O mancebo não respondeu palavra; ocultou o rosto entre as mãos, sem sequer apertar os dedos de Ângelo Pitou, que o abraçava, e caiu em tão violentas convulsões, que tiveram de o levar para a enfermaria do colégio.
 - À Bastilha! - bradou Billot.
 - À Bastilha! - bradou Pitou.
 - À Bastilha! - repetiu a multidão.
 Todos se encaminharam para a Bastilha.

XIII

O rei é tão bom! A rainha é tão boa!

Agora permitam-nos os nossos leitores que os ponhamos ao alcance dos principais acontecimentos políticos que se passaram depois da época em que, na nossa última publicação, abandonámos a corte de França.

As pessoas que conhecem a história daqueles tempos, ou aquelas a quem a história pura e simples enfastia, podem passar este capítulo, pois o seguinte, liga perfeitamente com o precedente, e este que aventuramos aqui é unicamente para uso dos espíritos exigentes, que querem saber quanto se passa.

Decorridos um ou dois anos, alguma coisa desconhecida, inopinada, alguma coisa vinda do passado e que ia precipitar-se no porvir, como que atroava os ares.

Era a revolução.

Voltaire havia-se erguido um instante na sua agonia, e estremecendo no seu leito de morte, vira por entre a própria noite, em que já dormia, esta fulgurante aurora.

Era porque a revolução, como o Cristo, donde derivava o pensamento, devia julgar tanto os vivos como os mortos.

Quando Ana de Áustria assumiu a regência, disse o cardeal de Retz, e todos à porfia proferiram estas palavras: *A rainha é tão boa!*

Um dia, Quesnoy, médico da Sr^a. de Pompadour, e que residia em casa dela, viu entrar Luís XV. Um sentimento, que não respeito, perturba-o a tal ponto, que treme e empalidece.

- Que tem? - pergunta-lhe a Sr^a. de Hausset.

- Cada vez que vejo el-rei - respondeu Quesnoy - digo comigo: Eis aqui um homem que pode mandar-me cortar a cabeça!

- Oh! Não há perigo - respondeu a Sr^a. de Hausset; - *O rei é tão bom!*

E com estas duas frases: *O rei é tão bom! A rainha é tão boa!* fez-se a revolução francesa.

Quando Luís XV morreu, a nação francesa respirou. Tinham-na desafrontado ao mesmo tempo do rei, das Pompadour, das Dubarry, e dos Parc-aux-Cerfs.

Os prazeres de Luís XV custavam caro à nação: custavam mais de três milhões por ano.

Felizmente havia um rei jovem, moral, filantropo e quase filósofo.

Um rei, que como o Emílio de João Jacques Rousseau, aprendera um ofício, ou antes três ofícios.

Era serralheiro, relojoeiro e maquinista.

Desta maneira, assustado pelo abismo à beira do qual pendia, o rei começou a recusar todos os favores que lhe pediam. Os cortesãos estremeceram. Felizmente uma coisa os tranqüilizou, por não ser ele que recusava, mas sim Turgot. Na rainha imperavam os mesmos motivos, e por conseqüência não podia ter num dia a influência que poderia ter no seguinte.

Finalmente, em 1777, teve jus a essa influência tão esperada: a rainha foi mãe; o rei que era já tão bom rei, e tão bom esposo, deu esperanças de vir a ser também um bom pai.

Como seria possível recusar coisa alguma àquela que dava um herdeiro à coroa?

Não era tudo. O rei continuava ainda a ser o mesmo bom irmão. Todos sabem a anedota de Beaumarchais sacrificado ao conde de Provença; e o rei não gostava do conde de Provença, que era pedante.

Mas, em compensação, estimava muito o conde de Artois, esse tipo do espírito, da elegância e da nobreza francesa.

Estimava-o tanto, que, se às vezes recusava à rainha o que ela pedia, o conde de Artois não tinha mais do que juntar-se à rainha, e o rei não podia resistir-lhe.

Demais, esta é a regra dos homens amáveis. O Sr. de Callone, um dos homens mais amáveis do mundo, era superintendente geral, e era quem dizia à rainha:

- “Senhora, se é possível, está feito; se é impossível, há-de fazer-se.”

A datar do dia em que esta encantadora resposta circulou pelos salões de Paris e de Versalhes, o livro vermelho, que se julgava fechado, abriu-se de novo.

A rainha comprou Saint-Cloud.

O rei comprou Rambouillet.

E no fim disto não era o rei que tinha favoritas, era a rainha; Diana e Júlia de Polignac custaram tão caro à França como a Pompadour e a Dubarry.

Se a rainha era tão boa!

Por aquele tempo houve alguém que propôs uma redução nos grandes vencimentos. Alguns foram desse partido. Mas um familiar do paço recusa obstinadamente deixar reduzir o seu. Foi o Sr. de Coigny. Encontra-se com o rei num corredor, faz-lhe cena entre duas portas. O rei foge-lhe e nessa noite, disse rindo:

- O certo é, que se não cedesse, creio que Coigny me batia.

Se o rei era tão bom!

Depois disto, os destinos de um reino dependem muitas vezes de bem pouca coisa, da demora de um pajem, por exemplo.

Morre Luís XV; quem sucederá ao Sr. de Aiguillon?

Luís XVI inclinava-se para Machaut, um dos ministros que sustiveram o trono já vacilante. Mas as tias do rei pendiam para o Sr. de Maurepas, que era tão divertido e que fazia tão lindas canções. Em Pontchartrain compusera três volumes, que intitulara as suas memórias.

É negócio de *steeple-chase*. Quem chegará primeiro: o rei e a rainha a Arnouville, ou as infantas a Pontchartrain?

O rei tem o poder nas mãos, portanto as probabilidades são todas por ele.

Apressou-se a escrever:

“Parta imediatamente para Paris. Estou esperando-o.”

Meteu o despacho num sobrescrito, escrevendo-lhe:

“Ao Sr. conde de Machaut, em Arnouville.”

Um pajem da grande cavalaria é chamado, incumbem-no da régia carta, e ordenam-lhe que parta a toda a brida.

As tias do rei, as mesmas a quem seu pai, como se viu no *José Bálamo*, chamava Locque, Chiffe e Graille, três nomes eminentemente aristocráticos, estavam colocadas junto à porta oposta àquela por onde o pajem devia sair, e esperavam que ele saísse.

Depois de sair o pajem do gabinete do rei, as tias podiam entrar.

Entram e dirigem súplicas ao rei em favor do Sr. de Maurepas. É questão de tempo, porque o rei não quer recusar nada a suas tias. *O rei é tão bom!*

Há-de conceder, mas quando o pajem estiver bem longe, de modo que não lho possam ir buscar ao caminho.

Luta contra suas tias com os olhos no mostrador do relógio. Meia hora lhe basta. O relógio não o enganará também; é o relógio de que ele pessoalmente trata.

Afinal, ao cabo de vinte minutos, o rei concede.

- Alcancem o pajem - disse ele - que tudo se fará.

As tias do rei correm; tudo monta a cavalo, rebentem um, dois, três, rebentem dez animais, contanto que o pajem seja alcançado.

É inútil; não é preciso tanto.

Ao descer, o pajem tropeçou num degrau e quebrou uma espora. Como poderia ele correr a posta só com uma espora?

Além disso o cavaleiro de Abzac é o estribeiro-mor, e por forma alguma deixaria montar um correio a cavalo, ele que passa miúdas inspecções aos correios, se não estivesse preparado de maneira que fizesse honra às cavalaria reais.

Disto resulta, que em vez de irem buscar o pajem a meio caminho, na entrada de Arnouville, correndo à rédea solta, foram dar com ele no pátio do castelo.

Já estava a cavalo e prestes a partir, de maneira que não havia nada que dizer-lhe.

Pedem-lhe a carta do rei: deixam-lhe o texto, que tanto serve para um como para outro. A diferença está que em lugar de escreverem no sobrescrito: “Ao Sr. de Machaut, em Arnouville”, as tias do rei escreveram: “Ao Sr. conde de Maurepas, em Pontchartrain”.

A honra das cavalaria reais fica salva, mas a monarquia está perdida.

Com Maurepas e Calonne tudo corre às mil maravilhas: um canta, o outro paga; e daí, além dos cortesãos, há os arrematantes, que desempenham bem o seu ofício.

Luís XIV começou o seu reinado por fazer perder dois arrematantes, que lhe foram denunciados por Colbert; depois disso, tomou a Lavallière por amásia e fez edificar Versalhes. A Lavallière não lhe custava nada.

Mas Versalhes, onde a queria alojar, custou-lhe caríssimo.

Depois, em 1685, a pretexto de serem protestantes, foram expulsos de França um milhão de homens.

Por isso em 1707, ainda no reinado do grande rei, Boisguilbert, falando de 1698, disse:

“Naquele tempo havia ainda disto, e havia ainda azeite na lâmpada; hoje tudo acabou exausto de alento.”

Que se dirá daqui a oitenta anos, quando as Dubarry e as Polignac houverem passado sobre tudo isto? Depois de se ter feito suar água ao povo, far-se-lhe-á suar sangue. É tudo.

E tudo isso sob formas encantadoras.

Antigamente os arrematantes eram duros, brutais e frios como as portas das prisões onde eles lançavam as suas vítimas.

Hoje são filantropos; com uma das mãos desfalcam o povo, é verdade, mas com a outra edificam-lhe hospitais.

Um dos meus amigos, grande financeiro, assegurou-me já que dos cento e vinte milhões a que montam os impostos, os arrematantes guardam setenta e dois para si.

Desta sorte, numa reunião em que se exigia saber o estado das despesas, um conselheiro, tomando por alvo de zombaria a palavra, disse:

“Não é dos estados particulares que se deve tratar, é dos Estados Gerais.”

A faísca caiu sobre a pólvora, esta inflamou-se e produziu o incêndio.

Cada qual repetiu as palavras do conselheiro e os Estados Gerais foram chamados em altos brados.

A corte fixou a abertura dos Estados Gerais no 1.º de Maio de 1789.

Em 24 de Agosto de 1788, o Sr. de Brienne retirou-se. Fora mais um que manejava precipitadamente as finanças.

Contudo, ao retirar-se, ao menos, deu um bom conselho, e foi que chamassem Necker.

Necker entrou no ministério e todos respiraram confiados nele.

Contudo, a grande questão das três classes debatia-se em toda a França.

Siéyès publicava a sua famosa obra, relativa ao Terceiro Estado.

O delphinado, cujos estados se reuniram a despeito da corte, decidia que a representação do Terceiro Estado devia ser igual à da nobreza e do clero.

Reconstituiu-se uma assembléia que durou trinta e dois dias, isto é, de 6 de Novembro a 8 de Dezembro de 1788.

Desta vez tomou à sua conta este negócio. Quando o látego dos reis não basta, o látego de Deus zune nos ares e faz caminhar os povos.

O Inverno veio acompanhado de fome.

A fome e o frio abriram as portas do ano de 1789.

Paris encheu-se de tropa, e as ruas de patrulhas.

Duas ou três vezes as armas foram carregadas ante as turbas, que morriam de fome.

Depois das armas carregadas, chegada a ocasião de se servirem delas, não se serviram.

Uma manhã, em 26 de Abril, cinco dias antes da abertura dos Estados Gerais, um nome circulou naquelas turbas.

Esse nome foi acompanhado de maldições, tanto mais acerbas quanto era conhecido por ser o de um operário enriquecido.

Réveillon, director da famosa fábrica de papel do bairro de Santo António, disse, segundo o que se assegura, que era necessário abaixar a quinze *sous* os jornais dos operários.

Era a verdade.

Dizia-se geralmente que a corte ia condecorá-lo com o cordão negro, isto é, com a ordem de Saint-Michel.

Era o absurdo.

Nos tumultos populares há sempre alguns boatos absurdos. É de notar que é sempre atraídos por esses boatos que eles se formam, que aumentam, e que se tornam em revoluções.

A multidão faz um manequim, baptiza-o com o nome de Réveillon, condecora-o com o cordão negro, vai começar a queimá-lo diante da porta do próprio Réveillon, e acaba de o queimar na praça do Hôtel-de-Ville, aos olhos das autoridades municipais que o vêem arder.

A impunidade anima a multidão, que prevê que no dia seguinte, depois de ter feito justiça a Réveillon em efígie, lhe faria justiça real.

Era um desafio feito com todas as regras, dirigido ao poder.

O poder acudiu com trinta guardas franceses, e ainda assim não foi o poder que mandou, foi o coronel, o Sr. Biron.

Estes trinta guardas franceses foram as testemunhas do grande duelo, que não podiam impedir. Viram espoliar a fábrica, arremessar os móveis pelas janelas, quebrar tudo e queimar tudo. No meio daqueles excessos foram roubados quinhentos luíses.

Beberam todo o vinho que estava nas adegas, e quando não houve mais vinho para beber, beberam as tintas da fábrica, julgando que fossem vinho.

Todo o dia 27 foi dado a esta vilania.

Em socorro dos trinta homens foram enviadas algumas companhias dos guardas

franceses, que, a princípio, atiravam cargas de pólvora seca sobre a multidão e depois à bala. Os guardas franceses foram reunir-se, perto da noite, aos Suíços do Sr. de Bezenval.

Os Suíços não brincam quando se trata de revoluções.

Os Suíços esqueceram as balas nos cartuchos, e como são naturalmente caçadores, e até bons caçadores, uns vinte gatunos ficaram pelas custas.

Alguns deles tinham consigo a sua parte dos quinhentos luíses de que já falámos, e que da secretária de Réveillon passaram para a algibeira dos gatunos, e da algibeira dos gatunos para a dos Suíços.

Bezenval fez tudo, e tudo tomara sob a sua responsabilidade.

O rei não lhe agradeceu, nem o repreendeu.

Ora quando o rei não agradece, repreende.

O parlamento abriu uma devassa.

O rei fechou-a.

O rei era tão bom!

Quem tinha, pois, instigado o povo? Ninguém o podia dizer.

Não se vêem muitas vezes, pelo Estio, incêndios espontâneos, sem causa aparente?

Alguém acusou o duque de Orleans.

Mas a acusação era absurda, e caiu por terra.

Em 29 Paris estava perfeitamente tranqüilo, ou pelo menos parecia estar.

O dia 4 de Maio chegou por fim e o rei e a rainha dirigiram-se com toda a corte para Notre-Dame, a fim de ouvirem o *Veni-Creator*.

Gritou-se por toda a parte bastante *viva el-rei*, e sobretudo *viva a rainha*.

Se a rainha é tão boa!

Foi o último dia de paz.

No dia seguinte já se davam menos vivas à rainha, e davam-se mais ao duque de Orleans.

Estes vivas abalaram-na muito fortemente. Pobre senhora! Ela, que detestava o duque a ponto de o tratar de cobarde.

Como se alguma vez tivesse havido um cobarde na família de Orleans, desde o que ganhou a batalha de Cassel até ao duque de Chartres, que contribuiu para se ganhar a de Jammapes e de Valmy!

Tanto se possuiu disso, como íamos dizendo, que a pobre senhora pouco lhe faltou para desmaiar. Alguém a susteve, ao ver pender-lhe a cabeça. A Sr^a. Campan conta alguma coisa a este respeito nas suas memórias.

Porém aquela cabeça curvada ergueu-se altiva e desdenhosa. As pessoas que viram a expressão dessa cabeça ficaram curadas para todo sempre de dizer: *A rainha é tão boa!*

Há três retratos da rainha: um pintado em 1776, outro em 1784, e outro em 1788.

Já vi todos três. Vejam-nos também.

Se em algum tempo estes retratos forem reunidos numa só galeria, ler-se-á neles a história de Maria Antonieta².

A reunião dos Três Estados, que devia formar um complexo, foi uma declaração de guerra.

- Três Estados! - disse Siéyès; - não, três nações!

Em 3 de Maio, na véspera da missa do Espírito Santo, o rei recebeu os deputados em Versalhes.

Algumas pessoas aconselharam-lhe cordialidade em vez de etiqueta.

Mas o rei não quis ouvir ninguém.

Recebeu o clero em primeiro lugar.

A nobreza depois.

E por fim, o povo.

² Os três retratos estão em Versalhes.

O povo tinha esperado largo tempo.

Portanto murmurava já.

Nas antigas assembléias, o povo falava de joelhos.

E não haveria meio de fazer ajoelhar os representantes do povo?

Decidiu-se que o povo não pronunciaria oração alguma.

Na sessão de 5, o rei cobriu-se.

A nobreza também se cobriu.

Nisto o povo quis-se cobrir também, mas o rei descobriu-se então. Antes quis estar com o chapéu na mão do que ver o povo coberto diante de si.

Na quarta-feira, 10 de Junho, Siéyès entrou na assembléia. Vira quase de todo constituído o povo.

O clero e a nobreza reuniram-se noutra parte.

“- Cortemos o nó górdio - disse Siéyès; - é já tempo.”

E propôs que se intimasse o clero e a nobreza para comparecerem dentro de uma hora sem dilação.

Na falta de cumprimento, proceder-se-ia contra os ausentes.

Um exército alemão e suíço rodeava Versalhes. Uma brigada de artilharia apontava as peças contra a Assembléia.

Siéyès não viu nada disso; só viu o povo que tinha fome. O povo, disseram a Siéyès, não pode formar por si só Estados Gerais.

- Tanto melhor - respondeu Siéyès - formará a Assembléia Nacional.

Os ausentes não se apresentaram; a proposta de Siéyès foi adoptada; o povo ficou-se chamando Assembléia Nacional com uma maioria de quatrocentas pessoas.

A 19 de Julho, o rei ordenou que a sala onde se reunia a Assembléia Nacional fosse fechada.

Porém, o rei, para levar a efeito um tal golpe de Estado, carecia de um pretexto.

A sala foi fechada, para nela se fazerem os preparativos de uma sessão real, que devia ter lugar na segunda-feira.

Em 20 de Junho, às sete horas da manhã, o presidente da Assembléia Nacional soube que nesse dia não haveria reunião.

Às oito horas dirigiu-se para a porta da sala com grande número de deputados.

As portas estavam fechadas e guardadas por sentinelas.

A chuva caía.

Nisto tentaram arrombar as portas.

As sentinelas passaram a senha e calaram baionetas.

Um indivíduo propõe que se reúnam na Praça de Armas.

Outro em Marly.

Guillotín propõe que seja no Jogo da Péla.

Guillotín!

Estranha coisa é este Guillotín, cujo nome, ajuntando-lhe um E, se tornou tão célebre quatro anos depois! Que estranho homem é este Guillotín, que propõe o Jogo da Péla!

O Jogo da Péla, nu, escangalhado, exposto aos rigores do tempo.

É o presépio da irmã de Cristo! É o berço da revolução!

A diferença está em que Cristo foi filho de uma mulher virgem.

A revolução é filha de uma nação violada.

A esta grande demonstração, o rei responde com a palavra: *veto!*

O Sr. de Brézé foi enviado aos rebeldes, para lhes ordenar que se dispersassem.

- “Nós estamos aqui pela vontade do povo – disse Mirabeau - e não sairemos senão com a baioneta no ventre.”

E não como se disse: *À força das baionetas*. Porque atrás de um grande homem há sempre um pequeno retórico, que estropia as frases a pretexto de as arranjar.

E por que estava esse retórico no Jogo da Péla, atrás de Mirabeau?

E atrás de Cambronne em Waterloo?

A resposta foi levada a el-rei.

Sua Majestade passeou algum tempo com o ar de um homem agastado; depois disse:

- Eles não se querem retirar?

- Não, senhor.

- Pois bem! Então deixem-nos ficar.

Como se vê, a realeza vergava já sob a mão do povo.

De 23 de Junho a 12 de Julho, tudo pareceu assaz tranqüilo, mas tranqüilo como a tranqüilidade surda e sufocante que precede a tempestade.

Era um sonho de um mau sono.

No dia 11, o rei toma um partido, compelido pela rainha, pelo conde de Artois, pelos Polignac e por toda a camarilha de Versalhes; finalmente demite Necker. A 12 a notícia chega a Paris.

Viu-se já o efeito que ela produziu. No dia 13, à noite, Billot chegou para ver queimar as barreiras.

A 13, à noite, Paris defendia-se; a 14, de manhã, estava prestes a atacar.

No dia 14 de manhã Billot bradava: À Bastilha! - e três mil homens, depois de Billot, repetiam o mesmo brado, que se tornou o de toda a população parisiense.

Era isto porque existia um monumento que, havia quase cinco séculos, pesava sobre o peito da França, como o rochedo infernal sobre os ombros de Sísifo.

A diferença estava em que, menos confiada que o Titã em suas forças, a França nunca tentara erguê-lo.

Esse monumento, selo do feudalismo impresso na fronte de Paris, era a Bastilha.

O rei era excessivamente bom, como dizia a Sr^a. de Haussei, para que mandasse cortar uma cabeça.

No entanto o rei mandava meter na Bastilha.

Aquele que entrava para a Bastilha por ordem do rei, era quase sempre esquecido, seqüestrado, enterrado e aniquilado.

Aí permanecia até que o rei se lembrasse dele; mas os reis têm tantas coisas novas em que precisam pensar, que se esquecem das velhas muitas vezes.

Além de que, em França não havia só uma Bastilha, havia vinte Bastilhas, que se chamavam o Fort-l'Evêque, Saint-Lazare, o Châtelet, a Conciergerie, Vincennes, o castelo de la Roche, o castelo de If, as ilhas de Santa Margarida, Pignerolles, etc., etc.

A diferença que havia, é que a fortaleza da porta de Santo António chamava-se a *Bastilha*, pela mesma razão que *Roma* se chamava a cidade.

Era a Bastilha por excelência. Ela valia, só por si, todas as outras.

Durante perto de um século o governo da Bastilha andara numa única família.

O avô daqueles eleitos fora o Sr. de Chateauf. Sucederam-lhe o filho, Lavrillière, e depois o filho deste, Saint-Florentin. A dinastia fora extinta em 1777.

Durante este tríplice reinado, que decorreu em grande parte no tempo de Luís XV, ninguém pode dizer a quantidade de mandados de prisão que foram assinados. Saint-Florentin assinou mais de cinquenta mil.

Sempre era uma grande renda a dos mandados de prisão!

Vendiam-se aos pais que queriam desfazer-se dos filhos.

Vendiam-se às mulheres, que queriam desfazer-se dos maridos.

E quanto mais bonitas eram as mulheres, menor era o preço dos mandados de prisão!

Entre elas e os ministros entabulava-se uma permutação de cortesias, e era tudo.

Depois do reinado de Luís XVI, todas as prisões do Estado, e sobretudo a Bastilha, estavam sob o domínio dos jesuítas.

Para prova da verdade, lembrem-se dos principais prisioneiros:

O Máscara de Ferro, Lauzun e Latude.
Os jesuítas eram confessores, e confessavam os prisioneiros para maior segurança.
E para maior segurança ainda, os prisioneiros mortos eram enterrados com nomes supostos.

O Máscara de Ferro, todos se lembram que foi sepultado com o nome de Marchialy.

Estivera quarenta e cinco anos na prisão.

Lauzun permaneceu lá catorze anos.

Latude trinta anos.

Mas ao menos o Máscara de Ferro e Lauzun tinham cometido grandes crimes.

O Máscara de Ferro, irmão ou não irmão de Luís XVI, segundo se diz, parecia-se com ele a ponto de se confundirem.

Sempre é grande imprudência atrever-se qualquer a parecer-se com o rei!

Lauzun estivera a ponto de desposar, ou desposara mesmo uma princesa.

Sempre é grande imprudência casar com a sobrinha do rei Luís XIII, e neta do rei Henrique IV!

Mas Latude, pobre diabo, que fez ele?

Atreveu-se a apaixonar-se pela menina Poisson, senhora de Pompadour, amásia do rei.

Escrevera-lhe um bilhete.

Esse bilhete, que qualquer mulher honrada devolveria a quem o tinha escrito, foi transmitido pela Sr.^a de Pompadour ao Sr. de Sartines.

E Latude preso, fugitivo, preso e represo, permanece trinta anos nos cárceres da Bastilha, de Vincennes e de Bicêtre.

Não era, portanto, sem motivo que a Bastilha era odiada.

O povo odiava-a como se fora um ser animado; tinha-a tomado por uma dessas feras de Gévaudan, que devoram desapiadadamente os homens.

Por aqui se pode ver bem qual foi a dor que sentiu o pobre Sebastião Gilberto quando soube que o pai jazia na Bastilha.

Por aqui se compreende a convicção de Billot, de que o doutor não tornaria a sair da prisão se não o tirassem à força.

Por aqui também se percebe qual seria o ímpeto frenético do povo logo que Billot gritou: À Bastilha!

O que havia era algum tanto de insensato, como o tinham dito os soldados, no pensamento de tomar a Bastilha.

A Bastilha tinha víveres, uma guarnição e artilharia.

Tinha muralhas de quinze pés de largura, e quarenta de altura.

A Bastilha tinha um governador que se chamava o Sr. de Launay, que mandara depositar trinta mil quintais de pólvora dos subterrâneos, e prometera, em caso de ataque, fazer saltar pelos ares a Bastilha, e com ela metade do bairro de Santo António.

XIV

Os três poderes de França

Billot caminhava sempre, mas não era ele já que gritava. A multidão, cativada pelo seu ar marcial, reconhecia neste homem um dos seus; a multidão, comentando as suas palavras e ademanes, seguiu-o sempre, aumentando como as ondas de uma preia-mar.

Atrás de Billot, quando ele desembarcou no cais de Saint-Michel, havia já mais de três mil homens armados de machados, achas, chuços, e espingardas.

Todos à uma gritavam: Vamos à Bastilha! À Bastilha!

Billot concentrou-se em si mesmo. As reflexões que fizemos no fim do capítulo precedente, também ele as fez; e a pouco e pouco todo o vapor da sua exaltação febril

desapareceu.

Foi então que a sua inteligência compreendeu bem.

A empresa era sublime mas insensata. Era fácil de perceber isto pelas fisionomias delirantes sobre que reflectia a impressão do brado: Vamos à Bastilha!

Mas ainda mais o certificava a resolução.

O que é facto é que Billot compreendera que as mães, as esposas e os filhos o tornariam responsável pela vida de todos esses homens que o seguiam, e por isso tomou todas as precauções possíveis.

Começou pois por conduzir toda a sua coorte para a Praça do Hôtel-de-Ville.

Ali nomeou um segundo comandante e oficiais, espécie de cães para conter o rebanho.

- Vejamos - disse Billot - se há um poder em França, se há dois, ou se há três.

Consultemos.

Entrou no Hôtel-de-Ville e perguntou quem era o presidente da municipalidade.

Responderam-lhe que era o preboste dos mercadores, o Sr. de Flesselles.

- Oh! - exclamou ele com ar pouco satisfeito; - o Sr. de Flesselles, um nobre, isto é, um inimigo do povo.

- Isso não é assim - respondeu-lhes um homem atilado.

Billot subiu a escada do Hôtel-de-Ville.

Na antecâmara encontrou um porteiro.

- Quero falar ao Sr. de Flesselles - disse Billot, logo que viu que o porteiro se aproximava dele para lhe perguntar o que queria.

- É impossível! - respondeu o porteiro. - Presentemente está ocupado em formar os quadros de uma milícia burguesa, que a cidade deverá organizar imediatamente.

- Oh! Isso vem o mais a propósito que é possível! - bradou Billot. - Também eu trato de organizar uma milícia, e como já tenho três mil homens arregimentados, valho tanto como o Sr. de Flesselles, que ainda não tem um soldado. Faça pois com que eu lhe fale a este respeito, e isto sem demora. Oh! Olhe da janela, se quer, e veja.

O porteiro lançou efectivamente uma vista de olhos para o cais e viu os homens de Billot, portanto deu-se pressa em prevenir o preboste dos mercadores, ao qual mostrou, como apostila à sua mensagem, os três mil homens de que se trata.

Isto inspirou ao preboste um certo respeito pelo homem que lhe queria falar: saiu do conselho e foi à antecâmara, onde procurou com os olhos quem era o indivíduo que assim se lhe apresentava.

Afinal apercebeu Billot; logo viu do que tratava.

- É o senhor que me procura? - disse ele.

- É o Sr. de Flesselles, preboste dos mercadores? - replicou Billot.

- Sim, senhor. Que posso fazer para o servir? Apresse-se porque estou muito ocupado.

- Sr. preboste - perguntou Billot - quantos poderes há em França?

- Ora essa! Isso é segundo a maneira como o entender, meu caro senhor - respondeu Flesselles.

- Mas diga-me como o entende o senhor?

- Se consultar o Sr. Bailio, dir-lhe-á que só há um, que é a Assembléia Nacional; se consultar o Sr. de Dreux-Brézé, dir-lhe-á também que há só um, mas que esse é el-rei.

- E qual é a sua opinião, Sr. preboste?

- A minha, neste momento, é também que não há mais do que um.

- A assembléia ou o rei? - perguntou Billot.

- Nem um, nem outro; a nação - atalhou Flesselles, amarrotando o gibão.

- Ah! A nação - acudiu o lavrador.

- Sim; quero dizer, esses senhores que esperam lá em baixo na praça com cutelos e espetos na mão; a nação quer dizer, a meu ver, todos.

- Talvez tenha razão, meu caro Sr. Flesselles - respondeu Billot. - Não é sem acerto que

me disseram que o senhor é um homem inteligente.

Flesselles inclinou-se.

- E qual desses poderes invocará, senhor? – perguntou Flesselles.

- Cá por mim, digo-lhe - continuou Billot - que é mais simples e melhor quando se trata de pedir alguma coisa importante, pedi-la logo a Deus e não aos santos.

- Que quer dizer? Que vai dirigir-se a el-rei?

- É essa a minha idéia.

- Não será indiscrição perguntar-lhe o que intenta pedir ao rei?

- A liberdade do Dr. Gilberto, que está preso na Bastilha.

- O Dr. Gilberto? - exclamou insolentemente Flesselles. - Não é um fabricante de panfletos?

- Diga um filósofo, senhor.

- É a mesma coisa, meu caro Sr. Billot. Creio que tem pouca probabilidade de obter isso de el-rei.

- Por quê?

- Em primeiro lugar, porque se el-rei mandou meter o Dr. Gilberto na Bastilha foi porque teve razões para isso.

- Muito bem - disse Billot; - ele me exporá as suas razões e eu lhe darei as minhas.

- Meu caro Sr. Billot, o rei está muito ocupado, e talvez que nem o receba.

- Oh! Se não me receber, encontrarei algum meio de entrar sem licença.

- Então, uma vez que tenta entrar assim, encontrará o Sr. de Dreux-Brézé, que o fará expulsar do palácio.

- Que me expulsará do palácio?

- Sim, como não teve a menor dúvida de o fazer à assembléia toda; é verdade que não o conseguiu, mas é mais uma razão para se enraivecere e tomar o seu despique contra o senhor.

- Então, visto isso, dirigir-me-ei à assembléia.

- O caminho de Versalhes está cortado.

- Irei com os meus três mil homens.

- Tome sentido, meu caro senhor, que na estrada encontrará quatro ou cinco mil Suíços e dois ou três mil Austríacos, que os farão em bocados tanto ao senhor como aos seus três mil homens, e isto num abrir e fechar de olhos.

- Então, que diabo havemos de fazer?

- Faça o que quiser; mas faça-me o favor de mandar retirar os seus três mil homens, que estão a bater com as suas alabardas no chão e a fumar. Nestes subterrâneos há sete ou oito mil quintais de pólvora e qualquer pode fazer-nos ir pelos ares.

- Visto isso, tenho reflectido: não me dirigirei ao rei nem à Assembléia Nacional, dirigir-me-ei à nação, e tomaremos a Bastilha.

- Com quê?

- Com essa porção de pólvora que me vai dar o Sr. preboste.

- Deveras? - disse Flesselles em tom chocarreiro.

- Tal qual. Dê-me as chaves dos subterrâneos, se faz favor.

- Hem! Brinca comigo? - replicou o preboste.

- Não, senhor, não brinco - respondeu Billot.

E agarrando Flesselles pelas abas da casaca, bradou-lhe:

- As chaves ou chamo a minha gente!

Flesselles tornou-se pálido como a morte. Os lábios e os dentes cerraram-se-lhe convulsivamente, mas sem que a voz sofresse a menor alteração e sem que deixasse o tom irónico que tomara, disse:

- Presta-me um grande serviço desembaraçando-me desta pólvora. Vou dar ordem para serem entregues as chaves, como deseja. O que lhe peço é que não se esqueça de que sou o seu primeiro magistrado, e que se o senhor tiver a desgraça de fazer, diante de todos, o que me fez a

sós, uma hora depois será enforcado pelos guardas da cidade. Persiste afinal em querer a pólvora?

- Persisto - respondeu Billot.

- E será o senhor mesmo quem a distribuirá?

- Eu mesmo.

- Quando?

- Já.

- Desculpe, mas gosto de entender. Estou ocupado ainda por um quarto de hora, e desejava muito, se isso lhe não importa, que a distribuição não começasse senão depois de ter-me retirado. Predisseram-me que havia de morrer de morte violenta, mas tenho uma enorme repugnância em saltar pelos ares, confesso.

- Seja; vá lá o quarto de hora. Mas agora cabe-me a mim um pedido.

- Qual é?

- Aproximemo-nos desta janela.

- Para quê?

- Quero torná-lo popular.

- Oh! Que favor! Mas de que maneira?

- Vai ver.

Billot conduziu o preboste à janela.

- Amigos - disse ele - sempre quereis tomar a Bastilha, não é verdade?

- Sim, sim, sim! - bradaram três ou quatro mil vozes.

- Mas falta-vos a pólvora, não é assim?

- Sim, pólvora! Pólvora!

- Pois bem, aqui está o Sr. preboste dos mercadores, que de bom grado nos dá a que está nos subterrâneos do Hôtel-de-Ville. Agradecei-lhe, portanto, meus amigos.

- Viva o preboste dos mercadores! Viva o Sr. de Flesselles! - bradou a multidão.

- Obrigado, por mim e por ele.

Depois, voltando-se para o preboste, disse:

- Agora, Sr. preboste, não careço de o agarrar pela casaca, nem de lhe falar a sós, nem diante de todos; porque, se não me der a pólvora da nação, como lhe chama, o povo fá-lo-á em pedaços.

- Aqui estão as chaves - disse o preboste; - tem uma tal maneira de pedir as coisas que é impossível recusar.

- Visto isso, o senhor anima-me - disse Billot, que parecia nutrir um novo projecto.

- Oh! Diabo! Terá ainda alguma coisa que exigir de mim?

- Tenho, sim. Conhece o governador da Bastilha?

- O Sr. de Launay?

- Não sei como se chama.

- Chama-se o Sr. de Launay.

- Será. Conhece-o?

- É meu amigo.

- Se assim é, não deseja que lhe aconteça mal nenhum?

- Seguramente que não.

- Pois então, o meio de não lhe acontecer mal nenhum, é ele entregar-me a Bastilha, ou pelo menos o Dr. Gilberto.

- Creio que não julga que eu tenha a influência necessária para que o induza a entregar-lhe o seu prisioneiro ou a Bastilha, não é verdade?

- Lá isso diz-me respeito; o que lhe peço é uma introdução junto dele.

- Meu caro Sr. Billot, previno-o de que, se entrar na Bastilha, entrará só.

- Muito bem.

- Previno-o, além disso, de que entrando lá só, não tornará a sair talvez.

- Belissimamente.

- Vou dar-lhe ordem de admissão na Bastilha!
- Fico esperando.
- Mais uma condição.
- Qual é?
- É que o senhor não virá amanhã pedir-me uma ordem de entrada na Lua. Previno-o de que não conheço pessoa alguma nesse mundo.
- Flesselles! Flesselles! - disse uma voz surda e retumbante, que se ouviu atrás do preboste - se tu continuas a ter duas caras, uma que ri aos aristocratas e outra que sorri ao povo, assinarás dentro em pouco, para ti mesmo, a ordem de passagem para um mundo donde ninguém volta.
O preboste voltou-se estremelecendo.
- Quem me fala assim?
- Eu, Marat!
- Marat, o filósofo! Marat, o médico! - disse o lavrador surpreendido.
- Sim, Marat o filósofo! Marat o médico! - disse Flesselles - que como tal deve de boamente encarregar-se de curar os loucos, o que será para ele um meio de ter hoje menos má clientela.
- Sr. de Flesselles - respondeu o fúnebre interlocutor - este bom cidadão pede-lhe uma ordem de admissão junto do Sr. de Launay. Tenho a acrescentar que não é somente ele que espera, mas também mais três mil homens.
- Muito bem, senhor; já lha vou dar - disse já com pouca serenidade o preboste dos mercadores.
Flesselles aproximou-se de uma mesa, passou uma ou duas vezes uma das mãos pela frente, e com a outra depois de pegar na pena, escreveu rapidamente algumas linhas.
- Aqui tem a ordem de admissão - disse ele, apresentando o papel a Billot.
- Leia - disse Marat.
- Não sei ler - respondeu Billot.
- Pois dê cá, que eu leio.
Billot passou o papel para as mãos de Marat.
A ordem de admissão era concebida nestes termos:

“Nós, o preboste dos mercadores da cidade, vos enviamos o Sr. Billot, com o fim de conferenciar convosco acerca de interesses da mesma cidade.

“14 de Julho de 1789.

De Flesselles”.

- Bom - disse Billot.
- Acha bom assim? - atalhou Marat.
- Sem dúvida.
- Espere; o Sr. preboste vai aí acrescentar um *post-scriptum*, que tornará isso melhor.
E aproximou-se de Flesselles, que tinha permanecido em pé com a mão apoiada na mesa, olhando de um modo desdenhoso para os dois homens que tanto lhe davam que fazer, e aos quais viera ajuntar-se um terceiro, meio nu, que acabava de aparecer à porta, encostado a um bacamarte.
Este terceiro era Pitou, que tinha seguido Billot, e que se conservava prestes a obedecer às ordens do lavrador, quaisquer que elas fossem.
- Senhor - disse Marat a Flesselles - o *post-scriptum* que deve aí ajuntar, e que tornará a ordem de admissão melhor, é o seguinte:
- Queira dizer, senhor Marat.
Marat pôs o papel sobre a mesa, e indicando com o dedo o lugar onde o preboste devia traçar o *post-scriptum* exigido, ditou:

“Ao cidadão Billot, em consequência de ter o carácter de parlamentar, fica-lhe garantida a segurança da vida, que coloco sob a vossa honra.”

Flesselles olhou para Marat como um homem que tinha mais vontade de desfazer aquela cara com um murro, do que anuir ao que ele pedia.

- Tem dúvida, senhor? - perguntou Marat.

- Não - disse Flesselles - porque o senhor só pede uma coisa justa.

E escreveu o *post-scriptum* exigido.

- Contudo, senhores - disse ele - notem bem isto, não respondo pela segurança do Sr. Billot.

- Respondo eu por ele - atalhou Marat, tirando-lhe o papel das mãos - porque a sua liberdade, é a garantia da liberdade dele e a sua cabeça a da cabeça dele. Aqui tem, bravo Billot - disse Marat; - aqui tem a sua ordem de admissão.

- Labrie! - bradou então o Sr. de Flesselles - Labrie!

Um lacaios, vestido de grande libré, entrou.

- A minha carruagem - disse ele.

- Já está à espera no pátio, senhor preboste.

- Desçamos - disse o preboste. - Não desejam mais nada, meus senhores?

- Não - responderam ao mesmo tempo Billot e Marat.

- Deixo passar? - perguntou Pitou.

- Meu amigo - disse Flesselles - tenho a observar-lhe que está mais que indecentemente vestido para guardar a minha câmara. Se teima em estar aí, passe a cartucheira para diante, e encoste-se à parede.

- Deixo passar? - repetiu Pitou olhando para o Sr. de Flesselles com um ar que demonstrava bem que lhe não agradava a galantaria de que acabava de ser alvo.

- Deixa - disse Billot.

Pitou arredou-se.

- Talvez faça asneira em deixar retirar este homem - disse Marat; - era uma excelente caução para conservar; mas em todo o caso, em qualquer parte que esteja, fique sossegado, que o encontrarei.

- Labrie - disse o preboste dos mercadores subindo para a carruagem; - vai-se distribuir pólvora aqui. Se o Hôtel-de-Ville for pelos ares não quero ser apanhado pelos estilhaços: fora do alcance, Labrie! Fora do alcance!

A carruagem rodou por debaixo da abóbada, e apareceu na Praça, onde bramiam quatro ou cinco mil pessoas.

Flesselles temia que se interpretasse mal a sua partida, que podia ser tomada por uma fuga.

Deitou meio corpo fora da portinhola.

- Para a Assembléia Nacional! - gritou ele ao cocheiro.

Isto valeu-lhe da parte da multidão uma salva estrondosa de aplausos.

Marat e Billot estavam na varanda e tinham ouvido as últimas palavras de Flesselles.

- Aposto a minha cabeça contra a dele, em como não vai à Assembléia Nacional, mas sim ao palácio real.

- Conviria prendê-lo - disse Billot.

- Não - acudiu Marat com o seu hediondo sorriso; - esteja tranqüilo. Por mais depressa que ande, nós andaremos ainda mais rapidamente. Agora vamos à pólvora.

- Sim, à pólvora! - disse Billot.

E ambos desceram, seguidos de Pitou.

O Sr. de Launay, governador da Bastilha

Conforme tinha dito o Sr. de Flesselles, havia uma grande porção de pólvora nos subterrâneos do Hôtel-de-Ville.

Marat e Billot entraram no subterrâneo com uma lanterna, que penduraram na abóbada.

Pitou comandava a guarda colocada à porta.

A pólvora estava em barris, os quais continham vinte arráteis, pouco mais ou menos, cada um. Por toda a escada foram dispostos homens armados com o fim de distribuição se fazer em ordem. Estes homens formavam uma espécie de cadeia, e assim se começou a condução dos barris.

Ao princípio houve alguma confusão. Julgava-se que a pólvora chegaria para todos, e cada um correu a tomar o seu quinhão, mas os chefes nomeados por Billot, conseguiram fazer-se escutar, e a distribuição fez-se com muita regularidade.

Cada cidadão recebeu meio arrátel de pólvora, equivalente a trinta ou quarenta tiros, pouco mais ou menos.

Mas quando cada um teve a sua porção de pólvora, percebeu então que faltavam as espingardas; apenas quinhentos homens estavam armados. Enquanto a distribuição se efectuava, uma parte daquela multidão furiosa, que pedia armas, subiu à sala, onde os eleitores permaneciam em sessão. Estavam a ponto de organizar a guarda nacional de que o porteiro tinha falado a Billot. Tinham acabado de decretar que esta milícia deveria ser de quarenta e oito mil homens. Esta força não existia ainda senão no decreto e já se disputava a respeito da nomeação do general.

Foi, pois, em meio desta discussão que o povo invadiu o Hôtel-de-Ville. Havia-se organizado por si mesmo, e pedia já para marchar, mas faltavam-lhe armas.

Neste momento ouviu-se o rodar de uma carruagem, que entrava no pátio. Era o preboste dos mercadores, a quem não tinham querido deixar passar, apesar dele mostrar a ordem do rei, que o mandava chamar a Versalhes, e que tornaram a levar à força ao Hôtel-de-Ville.

- Armas! Armas! - gritavam de toda a parte mal o avistaram.

- Armas! - disse ele; - não as tenho; se as há, é no Arsenal.

- Vamos ao Arsenal! Ao Arsenal! - bradou a multidão.

E cinco ou seis mil homens se reuniram no cais da Grève.

O Arsenal estava vazio.

Voltaram, apostrofando, para o Hôtel-de-Ville.

O preboste não tinha as armas, ou antes, não as queria dar. Apertado pois pelo povo, veio-lhe à cabeça enviá-lo a Chartreux.

Em Chartreux abriram-lhe as portas: farejou-se por toda a parte, mas não se encontrou nem uma pistola de algibeira.

Entretanto, Flesselles, sabendo que Billot e Marat estavam ainda nos subterrâneos do Hôtel-de-Ville, e que faziam a sua distribuição de pólvora, propôs que se enviasse uma deputação de eleitores a Launay, para lhe propor que fizesse desaparecer das ameias a artilharia.

O que na véspera fizera gritar mais cruelmente a multidão era a artilharia, que alongava o seu colo através das ameias. Flesselles esperava que, fazendo com que desaparecesse a artilharia, o povo se contentaria com esta concessão e se retiraria satisfeito.

A deputação acabara de partir quando o povo voltava furioso.

Ao ouvirem os gritos que ele soltava, Billot e Marat subiram até à torre.

Flesselles de uma sacada inferior tentava serenar o povo. Propunha um decreto que autorizasse os distritos a mandar forjar cinqüenta mil chuços.

O povo estava prestes a aceitar.

- Decididamente este homem trai-nos - disse Marat. Depois, voltando-se para Billot, acrescentou:

- Vá à Bastilha fazer o que lá tem que fazer. Dentro de uma hora aí lhe enviarei vinte mil homens armados cada um com a sua espingarda.

Billot logo no primeiro momento tivera grande confiança naquele homem, cujo nome era tão popular, que lhe chegara aos ouvidos. Em vista disso, nem lhe perguntou como encontraria tais homens armados.

Junto com eles achava-se um padre, que partilhava do entusiasmo geral, e que bradava como todos: À Bastilha! À Bastilha! Billot não gostava de padres, mas este agradou-lhe, e encarregou-o de continuar a distribuição da pólvora, o que o padre aceitou de bom grado.

Então Marat subiu a um poial: o tumulto era medonho nesta ocasião.

- Silêncio! - bradou ele - sou Marat, e quero falar.

Todos se calaram como por magia: e todos os olhos se volveram para o orador.

- Querem armas? - disse ele.

- Sim! Sim! - responderam milhares de vozes.

- Para tomar a Bastilha?

- Sim! Sim! Sim!

- Pois bem, venham comigo e tê-las-ão.

- Aonde?

- Aos Inválidos. Há lá vinte e cinco mil armas. Aos Inválidos! Partamos!

- Aos Inválidos! Aos Inválidos! Aos Inválidos! – bradaram todos.

- Agora - disse Marat a Billot, que acabara de chamar Pítou - vai à Bastilha?

- Vou.

- Espere. Pode ser que antes da chegada da minha gente tenha precisão dela.

- Sim, pode muito bem ser - respondeu Billot.

Marat rasgou uma folha de papel de uma pequena carteira, e escreveu as seguintes palavras com um lápis:

Da parte de Marat.

Depois traçou um sinal sobre o papel.

- Mas então - perguntou Billot - que quer que eu faça com este bilhete? Não tem o nome nem a direcção da pessoa a quem devo entregá-lo.

- Enquanto à direcção não é precisa; aquele a quem o recomendo não tem morada certa; enquanto ao nome, é bem conhecido; pergunte por Gouchon ao primeiro operário que encontrar, o Mirabeau do povo.

- Gouchon? Olha, Pítou, lembra-te deste nome.

- Gouchon ou *Gouchonius* - disse Pítou; - eu me lembrarei.

- Aos Inválidos! Aos Inválidos! - bradaram todos com ferocidade sempre crescente.

- Vamos, vá - disse Marat a Billot; - e que o génio da liberdade marche diante de si.

- Aos Inválidos! - bradou depois Marat.

E desceu ao cais da Grève seguido de mais de vinte mil homens.

Billot, pelo seu lado, levava após si quinhentos ou seiscentos: eram os que estavam armados.

No momento em que ia descer ao longo do rio, e o outro ia subir para o bulevar, o preboste dos mercadores chegou a uma janela.

- Meus amigos - disse ele - por que têm laços verdes nos chapéus?

Era a folha de tília de Camillo Desmoulins, que muitos homens tinham posto, vendo-a pôr aos outros, sem sequer saberem o que faziam.

- Esperança! Esperança! - bradaram algumas vozes.

- Sim; mas a cor da esperança é também a do conde de Artois. Querem fazer supor que trazem a libré de um príncipe?

- Não! Não! - bradaram em coro todas as vozes, e a de Billot acima de todas.

- Pois então mudem de laço, e se querem trazer uma cor, que seja ao menos a da cidade de Paris, nossa mãe comum; tragam encarnado e azul, amigos, encarnado e azul³.

³ Mais tarde, Lafayette fez pela sua parte a observação que o azul e o encarnado eram também as cores

- Sim! Sim! - exclamaram todos - encarnado e azul.

A estas palavras, cada um pisa aos pés o laço verde, e pede um laço das novas cores. Então, como por encanto, as janelas abrem-se e laços encarnados e azuis chovem a montes.

Mas, apesar disso, chegaram apenas para mil pessoas.

No mesmo instante as cortinas, as saias de seda, os aventais, e tudo que se apresenta à mão, é reduzido a pedaços, e feito em laços, em rosetas e faixas. Cada qual trata de tomar a sua parte.

Depois disto, o pequeno exército de Billot põe-se em marcha.

Pelo caminho vai aumentando e recrutando; todas as artérias de Paris do lado do arrabalde de Santo António lhe enviam tudo que havia de mais quente e vivo do seu sangue popular.

Afinal consegue-se, com menos má ordem, chegar até à altura da rua Lesdiguières, onde já uma chusma de curiosos, uns tímidos, outros sossegados e outros insolentes, olhavam para as torres da Bastilha devoradas por um sol ardente.

A chegada dos tambores populares pelo arrabalde de Santo António; a chegada de uns cem guardas franceses pelo bulevar; a chegada de Billot e da sua tropa, que orçaria por mil a mil e duzentos homens, mudou desde logo o carácter e o aspecto da multidão: os tímidos animaram-se, os sossegados exaltaram-se; e os insolentes começaram a ameaçar.

- Abaixo as peças! Abaixo as peças! – gritaram vinte mil vozes, ameaçando de punho cerrado a artilharia de grosso calibre, que alongava os seus colos de bronze através da cortina das plataformas.

De repente, e como se o governador da fortaleza obedecesse às intimações da multidão, os artilheiros chegaram-se às peças e fizeram-nas recuar até que desapareceram de todo à vista.

A multidão bateu palmas; era portanto uma potência, visto que cediam às suas ameaças.

Contudo as sentinelas continuaram a passear sobre as muralhas. Um Inválido cruzou com um Suíço.

Depois de ter gritado: abaixo as peças! A chusma gritou: Abaixo os Suíços! Era a progressão do grito da véspera: Abaixo os Alemães!

Mas os Suíços continuaram placidamente a cruzar com os Inválidos.

Um dos que gritavam impacientou-se; tinha uma espingarda na mão, apontou para a sentinela e desfechou.

A bala lascou a tostada muralha da Bastilha, um pé abaixo da cornija da torre, justamente em frente do lugar onde passava a sentinela. A falha na pedra apareceu como um ponto branco, mas a sentinela não arredou um passo, nem sequer voltou a cara.

Um grande rumor se fez ouvir em volta daquele homem que acabava de dar o sinal de um ataque inaudito e insensato. Neste rumor havia decerto mais medo do que rancor.

Muitos ainda não se atreviam a pensar que não era já um crime de morte atirar um tiro à Bastilha.

Billot olhava para aquela mole verde-negra, que era semelhante a esses monstros fabulosos que a antiguidade nos mostra cobertos de escamas; contava as ameias onde as peças podiam, de um momento para o outro, tornar a aparecer: contava os arcabuzes de trincheira, que abriam os seus olhos sinistros para olharem através das seteiras.

Billot abanava a cabeça recordando-se das palavras de Flesselles e murmurava:

- Nunca lá entraremos!

- Por que não havemos de entrar? - disse um indivíduo que estava ao pé dele.

Billot voltou-se e viu um homem de aspecto feroz, coberto de andrajos, cujos olhos cintilavam como duas estrelas.

- Porque me parece impossível tomar uma tal massa pela força.

- A tomada da Bastilha - disse o homem desconhecido - não é um acto de guerra, é um

das casas de Orleans, e ajuntou-lhes o branco, dizendo àqueles que o recebiam da mão dele: “Dou-vos um laço que fará o giro do mundo!”

acto de fé: crê e conseguirás.

- Paciência - disse Billot procurando a sua ordem de admissão na algibeira; - paciência!

O homem julgou ser outra a sua intenção.

- Paciência? - lhe disse ele; - sim, eu bem te compreendo; aposto que és um lavrador?

- E sou efectivamente - respondeu Billot.

- Então já percebo porque tu dizes paciência. Tens tido toda a tua vida bastante que comer; mas olha um pouco para trás de ti, e vê esses espectros que nos rodeiam; olha para as suas veias áridas, conta-lhes os ossos através os farrapos que os vestem, e pergunta-lhes se compreendem o que quer dizer paciência.

- Ora eis aqui um diabo que fala bem - disse Pitou; - mas quase que me mete medo.

- Pois a mim não - respondeu Billot.

E voltando-se para o estranho, disse:

- Sim, paciência, ainda por mais um quarto de hora.

- Ah! Ah! - exclamou o homem sorrindo - um quarto de hora! Em verdade não é muito.

E que farás tu num quarto de hora?

- Num quarto de hora visitarei a Bastilha, saberei a senha da guarnição, saberei as intenções do governador, e conhecerei, finalmente, por onde se pode entrar melhor.

- Sim, sim; assim tu saibas por onde se possa sair.

- Se não sair, um homem virá que me há-de proteger.

- E esse homem quem é, podes dizer-mo, cidadão?

- Gouchon, o Mirabeau do povo.

O homem estremeceu e os olhos despediram chamas.

- Conhece-lo?

- Não.

- Então?

- Então, eu o conhecerei, pois me disseram que a primeira pessoa a quem me dirigisse na Praça da Bastilha me conduziria a ele: estás na Praça da Bastilha, conduze-me.

- Que lhe queres?

- Dar-lhe este papel.

- Da parte de quem?

- De Marat, o médico.

- De Marat! Conheces Marat! - exclamou o homem.

- Acabo de o deixar agora mesmo.

- Onde?

- No Hôtel-de-Ville.

- Que faz ele lá?

- Foi aos Inválidos armar vinte mil homens.

- Nesse caso, dá-me esse papel, porque eu sou Gouchon.

- És Gouchon? - perguntou-lhe este.

- Amigos - disse o homem esfarrapado - aqui está um homem que não me conhece, e que pergunta se é verdade que eu seja Gouchon.

A multidão desatou a rir. Àqueles homens parecia-lhes impossível haver alguém que não conhecesse o seu orador predilecto.

- Viva Gouchon! -bradaram duas ou três mil vozes.

- Então, tome - disse-lhe Billot, apresentando-lhe o papel.

- Amigos - disse Gouchon, depois de ter lido, e batendo sobre o ombro de Billot; - é um irmão nosso: Marat no-lo recomenda. Pode-se contar com ele. Como te chamas?

- Chamo-me Billot (*cepo*).

- E eu - disse Gouchon - chamo-me acha (*machado*); nós dois, segundo espero, havemos de fazer alguma coisa.

A multidão riu-se ao ouvir o singular jogo de palavras.

- Sim, sim, faremos alguma coisa - disse ele.
- Pois então que faremos? - perguntaram alguns homens dentre o tropel.
- Que faremos? - bradou Gouchon - iremos à Bastilha.
- Amém! - respondeu Billot; - isso é o que se chama falar. Escuta, esforçado Gouchon. De quantos homens podes dispor?
- De trinta mil, pouco mais ou menos.
- Trinta mil homens de que tu dispões, com vinte mil que nos chegarão dos Inválidos, e com dois mil que estão já aqui, é mais do que o necessário para vencer, ou então nunca venceremos.
- Assim o creio. Ora pois, reúne os teus trinta mil homens, que eu vou entrar na residência do governador para o intimidar a que se renda. Se se render, tanto melhor, pouparemos sangue; se se não render, o sangue derramado cairá sobre ele: e seja em que tempo for, o sangue derramado por uma causa injusta, sempre trouxe desgraça consigo. Perguntem-no aos Alemães.
- Quanto tempo te demorarás com o governador?
- O mais que puder, até que a Bastilha seja assaltada; se for possível quero, quando sair, que comece logo o ataque, entendes, amigo Gouchon?
- Está dito.
- Tu não desconfias de mim? - perguntou Billot a Gouchon estendendo-lhe a mão.
- Eu! - replicou Gouchon com um sorriso de desdém, e apertando a mão que lhe apresentava o robusto lavrador com uma força que não era de esperar de um corpo macilento e descarnado; - eu desconfiar de ti! Por quê? Quando eu quisesse, com uma palavra, com um pequeno gesto, far-te-ia pisar como vidro, ainda que estivesse ao abrigo dessas torres, que amanhã já não existirão; ou ainda que fosses protegido por aqueles soldados, que ainda esta noite hão-de ser por nós, ou deixarão de viver. Vai pois, e conta com Gouchon como ele conta com Billot.
Billot ficou convencido, e pôs-se a caminho para a entrada da Bastilha, enquanto o seu interlocutor se embrenhava pelo bairro entre os gritos mil vezes repetidos de: Viva Gouchon! Viva o Mirabeau do povo!
- Não sei como é o Mirabeau dos nobres – disse Ângelo Pitou para o tio Billot - mas o nosso parece-me bem feito.

XVI

A Bastilha e o seu governador

Não tratemos de descrever a Bastilha, que seria coisa inútil.
Vive como eterna imagem, tanto na memória dos velhos como na das crianças.
Contentar-nos-emos com recordar que vista pelo lado do bulevar apresentava na praça da Bastilha duas torres irmãs, ao passo que as duas fachadas corriam paralelas às duas margens do canal, que ainda hoje se vê.
A entrada da Bastilha estava defendida, primeiro por um corpo de guarda, depois por duas linhas de sentinelas, e afinal por duas pontes levadiças.
Depois de se ter atravessado os diferentes obstáculos, chegava-se ao pátio de entrada da residência do governador.
Deste pátio, ia-se, por uma galeria, para os fossos da Bastilha.
Nesta alta entrada, que dava ainda sobre os fossos, encontrava-se uma outra ponte levadiça, um corpo de guardas e uma porta de ferro.
Logo na primeira entrada vieram deter Billot, mas este mostrou o seu *passé* de Flesselles, em vista do que o deixaram passar.
Billot percebeu então que Pitou o seguia. Pitou não tinha iniciativa própria, mas atrás do lavrador desceria ao inferno ou subiria à lua.

- Fica lá fora - disse-lhe Billot - porque se eu não tornar a sair, será bom que haja alguém que recorde ao povo que entrei.

- É justo - respondeu Pitou - e daqui a quanto tempo será bom recordar isso?

- Daqui a uma hora.

- E a caixinha? - perguntou Pitou.

- É verdade. Olha, se não tornar a sair, se Gouchon não tomar a Bastilha, ou, enfim, se depois de a ter tomado não me encontrar, dirás ao Dr. Gilberto, que naturalmente há-de aparecer, que uns homens idos de Paris me roubaram a caixa que me havia confiado há cinco anos; que, em consequência disto, parti imediatamente para lho participar; que, ao chegar a Paris, soube que ele estava preso na Bastilha, o que me fez ter a idéia de a tomar, e por a querer tomar me custara a pele, que toda consagrei ao seu serviço.

- Está bom, tio Billot - disse Pitou; - o que me parece é que o recado é cumprido, e tenho receio de que me esqueça.

- Do que te disse agora?

- Sim.

- Então repito-o.

- Não - disse alguém perto de Billot; - o melhor é escrevermos.

- Não sei escrever - disse Billot.

- Mas sei eu, que sou meirinho.

- Ah! O senhor é meirinho? - perguntou Billot.

- Estanislau Maillard, meirinho do Châtelet.

Dizendo isto, tirou da algibeira um grande tinteiro no qual havia uma pena, papel e tinta, e tudo o mais que é preciso para escrever.

Era um homem de quarenta e cinco para cinqüenta anos, magro, grave, todo vestido de preto, como era próprio da sua profissão.

- Aqui está um homem que se parece diabolicamente com um gato-pingado - murmurou Pitou.

- O senhor disse que uns homens idos de Paris - perguntou o meirinho imperturbável - lhe roubaram uma caixinha, que lhe confiara o Dr. Gilberto?

- Sim.

- É um delito.

- Esses homens pertencem à polícia de Paris.

- Ladrões infames! - murmurou Maillard.

Depois, dando o papel a Pitou, acrescentou:

- Aqui tens, rapaz, a nota pedida; e se ele morrer - nisto apontou para Billot - e se tu morreres também, é de esperar que eu não morra.

- E se o senhor não morrer, que fará? - perguntou Pitou.

- Farei o que deverias fazer.

- Obrigado - disse Billot.

E deu a mão ao meirinho.

O meirinho apertou-lha com uma força que não era de esperar em corpo tão longo e magro.

- Então, conto com o senhor? - perguntou Billot.

- Como contas com Marat e Gouchon.

- Bom - disse Pitou; - aqui está uma trindade, que certamente não encontrarei no paraíso.

- Ouviu, tio Billot, prudência, não é verdade?

- Pitou - respondeu o lavrador com a eloquência que era para admirar por vezes naquela natureza rude; - não esqueças uma coisa, e vem a ser, que a verdadeira prudência em França é a coragem.

Após estas palavras atravessou a primeira linha de sentinelas, ao passo que Pitou voltava para a praça.

Ao chegar à ponte levadiça foi-lhe outra vez necessário parlamentar.

Billot tornou a mostrar a sua ordem de admissão: a ponte levadiça abaixou-se, e abriram-lhe imediatamente a grade.

Atrás da grade estava o governador.

Este pátio interior, onde o governador esperava Billot, era o recinto que servia para passearem os prisioneiros; era guardado por oito torres, quer dizer, por oito gigantes. Nenhuma janela dava para este pátio. O sol nunca penetrara até ao solo úmido e quase limoso; dir-se-ia, ao vê-lo, o fundo de um vasto poço.

Havia ali um relógio sustido por dois apoios chumbados à parede, o qual indicava as horas, deixando ouvir o ruído lento e pausado da pêndula, como numa prisão se ouve cair, nas lajes do pavimento, as gotas de água que ressumam da abóbada.

Naquele pátio, o prisioneiro, como que perdido num abismo de pedra, contemplava um instante aquela inexorável nudez das pedras e não tardava em pedir para entrar novamente para a prisão.

Atrás da grade, que dava para o pátio, estava, como já dissemos, o Sr. de Launay.

O Sr. de Launay era um homem de quarenta e cinco para cinqüenta anos. Neste dia estava vestido com um fato de linho pardo: o laço vermelho da cruz de Saint-Louis via-se-lhe sobre o peito; na mão trazia uma bengala de estoque.

O Sr. de Launay era um mau homem: as memórias de Linguet tinham mostrado fielmente o seu carácter; era tão odiado como a própria prisão.

E com efeito, os Launay, assim como os Lavrillières e os Saint-Florentin, que conservavam os mandados de prisão de pais para filhos, sucederam-se também na Bastilha.

Sabe-se perfeitamente que não era o ministro da guerra quem nomeava os guardas da prisão. Na Bastilha todos os lugares se compravam, inclusive o de governador e o de bicho-da-cozinha. O governador da Bastilha era um almoxarife em grande, um taberneiro de dragonas, que ajuntava aos seus sessenta mil francos de ordenado sessenta mil de extorsões e rapinas.

A respeito de avareza, o Sr. de Launay levava a palma aos seus predecessores. Talvez houvesse pago o lugar mais caro, e previsto que o ocuparia menos tempo.

Sustentava a sua casa à custa dos prisioneiros. Tinha reduzido as rações, e aumentara o preço de tudo.

O Sr. de Launay tinha o direito de fazer entrar em Paris cem pipas de vinho francês livre de direitos, e vendia metade deste direito a um taberneiro, que fazia entrar excelentes vinhos. Depois, com a segunda parte desse direito, comprava vinagre, que fazia beber aos seus prisioneiros.

Uma única consolação restava aos desgraçados presos na Bastilha: era um pequeno jardim que havia sobre um baluarte, onde passeavam, e encontravam aí, por alguns instantes, um ar puro, flores, claridade, e finalmente a natureza.

Launay alugou esse pequeno jardim a um jardineiro por cinqüenta libras por ano, as quais embolsava. Desse mesmo desafogo haviam sido privados os prisioneiros.

Verdade é que para os prisioneiros ricos havia complacências infinitas: conduzia mesmo um deles a casa da sua própria amásia, que era considerada como móvel da Bastilha, e que desta maneira sustentava, sem que lhe custasse nada.

Queiram ler a *Bastilha devassada*, e aí encontrarão este facto e muitos outros ainda.

E contudo um tal homem era valente.

Desde a véspera a tempestade lhe fuzilava propínqua; desde a véspera sentia as vagas do tumulto popular, que vinha subindo sempre até quebrarem-se de encontro às muralhas.

Todavia, estava pálido mas sossegado.

É verdade que tinha atrás de si quatro peças de artilharia prestes a fazer fogo à primeira voz, em volta uma guarnição de Suíços e de Inválidos, e diante um só homem desarmado.

Porque ao entrar na Bastilha, Billot dera a clavina a guardar a Pitou.

Tinha percebido que além da grade havia um exército e que qualquer arma, por melhor

que fosse, havia de ser-lhe mais perigosa do que útil.

Billot, num relance de olhos, notou a atitude tranqüila e quase ameaçadora do governador; os Suíços dispostos nos corpos das guardas; os Inválidos nas plataformas, e a silenciosa agitação dos artilheiros, que guarneciam de cartuchos os reservatórios dos carros da pólvora, tudo inculcava uma boa disposição militar.

As sentinelas estavam com as armas na mão; os oficiais tinham as espadas desembainhadas.

O governador permaneceu imóvel. Billot viu-se obrigado a caminhar para ele. A grade fechou-se de novo atrás do parlamentado do povo com um ruído sinistro de ferro, que lhe fez, por mais valente que fosse, correr um calafrio pela medula dorsal.

- Que mais me quer? - perguntou Launay.

- Mais! - repetiu Billot. - Parece-me que é a primeira vez que o vejo, e que, por conseqüência, não tem de que estar enfadado com a minha presença.

- É que, ainda há pouco recebi uma deputação da municipalidade.

- Que veio fazer?

- Pedir-me a promessa de não começar o fogo.

- E o senhor prometeu?

- Prometi.

- E que mais?

- Veio exigir que fizesse recuar a artilharia.

- E mandou-a recuar. Bem sabia isso; estava na praça da Bastilha quando a manobra se operou.

- E talvez acreditasse que obedecia às ameaças do povo?

- Pelo menos - respondeu Billot - pareceu-o bem.

- Não lhes dizia eu, senhores - exclamou Launay voltando-se para os oficiais; - não lhes dizia que nos julgariam capazes de tal fraqueza?

Depois, voltando-se para Billot, acrescentou:

- E o senhor da parte de quem vem?

- Da parte do povo - respondeu Billot com altivez.

- Está bom - disse sorrindo-se Launay - mas tem alguma outra recomendação, sem dúvida, porque com a que invoca não atravessaria a primeira linha das sentinelas.

- Tenho um salvo-conduto do Sr. de Flesselles, seu amigo.

- Flesselles! O senhor disse que ele é meu amigo? - replicou Launay olhando para Billot como se quisesse ler o que se lhe passava no íntimo. - Como sabe que o Sr. de Flesselles é meu amigo?

- Suponho que o seja

- Ah! Supõe. Está bem. Vejamos o salvo-conduto.

Billot apresentou o papel.

Launay leu uma vez, depois segunda; abriu-o para ver se continha algum *post-scriptum* oculto entre as duas páginas; pô-lo ao ar, a fim de ver se ocultava algumas linhas traçadas entre as outras - E é isto só que ele me diz? - perguntou o governador por fim.

- Só!

- Está certo disso?

- Certíssimo.

- Nada de verbal?

- Nada.

- É singular! - disse - Launay, deitando um olhar para a Praça da Bastilha por uma das seteiras.

- Mas então que queria o senhor que ele lhe dissesse? - perguntou Billot.

Launay fez um movimento.

- Nada; em verdade, nada. Vamos, diga o que quer; mas despache-se porque tenho pressa.

- Pois bem, quero que entregue a Bastilha.
- Como? - disse Launay voltando-se com vivacidade, como se tivesse ouvido mal; - que diz?

- Digo que, em nome do povo, venho intimá-lo para entregar a Bastilha.
Launay encolheu os ombros, e disse:
- Em verdade, sempre é um animal bem singular o povo!
- Hem? - respondeu Billot.
- Que quer ele fazer da Bastilha?
- Quer demoli-la.
- Que diabo fez a Bastilha ao povo? Porventura foi nunca encarcerado nela algum homem do povo? O povo, ao contrário, devia benzer cada uma das pedras da Bastilha. Quem é que se mete na Bastilha? Filósofos, sábios, aristocratas, ministros, príncipes, isto é, os inimigos do povo.
- Muito bem, isso prova que o povo não é egoísta.
- Meu amigo - disse Launay com uma espécie de comiseração - é fácil de ver que não é soldado.
- Tem razão, porque sou lavrador.
- Que não é de Paris.
- Assim é; sou da província.
- Que não conhece verdadeiramente a Bastilha.
- Tem razão; não conheço senão o que tenho visto, quero dizer, os muros exteriores.
- Pois bem, venha comigo, que vou mostrar-lhe o que é a Bastilha.
- Oh! Oh! - disse Billot - ele vai fazer-me passar por algum alçapão, que se abrirá de repente debaixo dos pés, e depois boa noite, tio Billot.
Todavia, o audaz lavrador nem pestanejou, e deu-se pressa em seguir o governador.
- Em primeiro lugar, deve saber que tenho nos subterrâneos suficiente pólvora para fazer ir pelos ares a Bastilha, e com a Bastilha metade do bairro de Santo António.
- Já sei isso - respondeu muito tranquilamente Billot.
- Bem. Vê agora estas quatro peças?
- Vejo, sim, senhor.
- Enfiem toda esta galeria, como vê; e aquela galeria é defendida, em primeiro lugar, por um corpo de guarda, depois por dois fossos, que se não podem atravessar senão por meio de duas pontes levadiças, e afinal por uma grade.
- Oh! Eu nunca disse que a Bastilha era mal defendida - acudiu Billot tranquilamente; - só o que digo é que será bem atacada.
- Continuemos - disse Launay.
Billot fez com a cabeça um gesto de assentimento.
- Eis aqui uma porta oculta que dá para os fossos - disse o governador; - veja a grossura das muralhas.
- Quarenta pés, pouco mais ou menos.
- Sim; quarenta em baixo, e quinze em cima. Já vê que por melhores unhas que tenha o povo, hão-de quebrar-se-lhe nestas pedras.
- Ainda não disse - replicou Billot - que o povo demolirá a Bastilha antes de a tomar; disse que a demolirá depois de tomada.
- Subamos - disse Launay.
- Subamos.
Subiram trinta degraus.
O governador parou.
- Atente - disse ele; - eis aqui uma canhoneira que dá sobre a passagem pela qual querem entrar, aquela não é defendida senão por uma colubrina; mas tem a seu favor uma certa reputação. Sabe a ária:

Ó minha terna fruta
Fruta dos meus amores.

- Certamente que sei - disse Billot - mas não acredito que seja agora ocasião de a cantar.
- Pois saiba que o marechal de Saxe chamava a esta pequena peça a sua fruta, porque cantava, o melhor possível, a ária de que ele mais gostava. É um episódio histórico.

- Não duvido - respondeu Billot.

- Subamos - disse o governador. E continuaram a subir.

Por fim chegaram à plataforma da torre de La Comté.

- Ah! Ah! - exclamou Billot.

- Que é? - perguntou Launay.

- O senhor não quer fazer apear a artilharia?

- Já a fiz recuar, e nada mais farei.

- Mas sabe que irei dizer ao povo que as peças estão aqui da mesma maneira?

- Pois diga.

- Não as quer apear, não é verdade?

- Não.

- Decididamente?

- A artilharia de el-rei está aqui por ordem de el-rei; só por uma ordem de el-rei será apearada.

- Sr. de Launay - disse Billot, sentindo em si crescer a audácia à altura da situação - Sr. de Launay, o verdadeiro rei a quem lhe aconselho obedeça, é aquele que acolá vê na praça.

E mostrou ao governador a multidão, ensangüentada em certos sítios pelo combate da véspera, e que ondulava diante dos fossos, fazendo reluzir as armas ao sol.

- Senhor - disse também Launay, erguendo a cabeça para trás com ar de altivez - pode ser que o senhor conheça dois; porém, eu, governador da Bastilha, só conheço um, que é Luís XVI de nome; foi quem assinou o decreto, em consequência do qual eu comando aqui homens e coisas.

- Visto isso não é cidadão? - exclamou Billot colérico.

- Sou um fidalgo francês.

- Ah! É verdade, é um soldado, e até fala como um soldado.

- É esse o termo próprio, senhor - respondeu Launay inclinando-se. - Sou um soldado e cumpro a minha obrigação.

- E eu, senhor - disse Billot - sou cidadão; e como o meu dever de cidadão está em oposição com a sua obrigação de soldado, um de nós morrerá: veremos se será aquele que cumpre o seu dever, se aquele que faz a sua obrigação.

- É provável, senhor.

- Visto isso, está decididamente disposto a fazer fogo sobre o povo?

- De modo nenhum, salvo se ele fizer fogo sobre mim. Dei a minha palavra aos enviados do Sr. de Flesselles. O senhor bem vê que já mandei recuar as peças para o meu castelo...

- Que fará então ao primeiro tiro?...

- Aproximar-me-ei de uma destas peças, desta por exemplo; chegá-la-ei eu mesmo até à ameia, farei eu próprio a pontaria, e até farei fogo com o mórão que está aqui.

- O senhor?!...

- Eu mesmo.

- Oh! Se acreditasse semelhante coisa - disse Billot - antes que cometesse um tal crime...

- Já lhe disse que sou soldado, e que só conheço, a minha obrigação.

- Pois bem. Olhe - atalhou Billot impelindo Launay até à cortina da muralha, e apontando alternativamente para os dois pontos diferentes do bairro e do bulevar - está ali quem lhe dará ordens de ora em diante.

E mostrou a de Launay duas massas negras, espessas, atroadoras, que, forçadas a recurvar-se em forma de meia-lua em torno do bulevar, onde ondulavam como enorme serpente,

da qual a cabeça e o corpo se viam, mas os últimos anéis se perdiam por entre os acidentes do terreno sobre que se estendia.

E tudo que se via do gigante réptil ostentava escamas luminosas.

Era o duplo da tropa a que Billot dera para lugar de reunião a praça da Bastilha: uma parte era conduzida por Marat, a outra por Gouchon.

Avançava pelos dois lados, brandindo as suas armas e soltando gritos horríveis.

Launay empalideceu ao ver aquela perspectiva, e levantou a bengala.

- A postos! - bradou ele.

Depois caminhando para Billot com um grito de ameaça, disse:

- E o senhor, desgraçado, o senhor que vem aqui com o pretexto de parlamentar enquanto os outros atacam, sabe que merece a morte?

Nisto puxou metade do estoque que tinha a bengala.

Billot viu o movimento, e rápido como o relâmpago, travou de Launay pelo pescoço e pela cintura.

- E o senhor - disse-lhe ele erguendo-o ao ar - merecia que eu o atirasse por cima do parapeito ao fundo dos fossos, onde se despedaçasse. Mas, Deus louvado! Combatê-lo-ei de outra maneira.

Nisto um clamor imenso, universal, se ouviu debaixo até à altura dos terraplenos, e se espalhou pelos ares como uma tempestade; e o Sr. de Losme, major da Bastilha, apareceu na plataforma.

- Senhor! - exclamou ele dirigindo-se a Billot - senhor, por favor mostre-se; todo este povo crê que lhe aconteceu algum mal, e reclama-o em altos brados.

Efectivamente o nome de Billot, espalhado por Pitou pela chusma, ouvia-se por entre os clamores gerais.

Billot largou o Sr. de Launay, que embainhou o estoque.

Depois, houve entre os três homens um momento de hesitação, durante o qual se ouviram gritos de vingança e de ameaça.

- Mostre-se, senhor - disse por fim de Launay. - Não é porque esses clamores me intimidem, mas para que se saiba que sou um homem leal.

Então Billot meteu a cabeça por uma das ameias, e fez sinal com a mão.

À sua vista o povo soltou infinitos aplausos. Era de algum modo a revolução que surgia da frente da Bastilha na pessoa daquele homem do povo, que fora o primeiro a campear sobre os seus adarves como dominador.

- Está bom, senhor - disse então Launay; - tudo entre nós está terminado. O senhor não tem que fazer aqui. Chamam-no lá em baixo; desça.

Billot compreendeu esta moderação da parte de um homem em poder de quem se achava, e desceu pela mesma escada por onde tinha subido; o governador acompanhou-o.

Enquanto ao major, ficou. O governador dera-lhe naquele mesmo instante em voz baixa algumas ordens.

Era evidente que o Sr. de Launay só tinha um desejo, era que Billot saísse o mais depressa possível.

Billot atravessou o pátio sem dizer uma única palavra, e viu os artilheiros, que estavam já a postos com os morrões acesos.

Billot deteve-se ante eles.

- Amigos! - lhes disse - lembrem-se de que vim pedir ao seu chefe que evitasse a efusão de sangue, e que ele recusou.

- Em nome de el-rei, senhor! - bradou Launay batendo com o pé no chão - saia daqui!

- Tome sentido - replicou Billot - se me faz sair em nome de el-rei, entrarei em nome do povo.

Depois, voltando-se para o corpo da guarda dos Suíços, disse:

- Vejamos: de que partido são?

Os Suíços ficaram calados.
Launay apontou-lhe para a porta de ferro.
Billot quis ainda tentar um último esforço.
- Senhor - disse ele a Launay - em nome da nação! Em nome dos seus irmãos!
- De meus irmãos? Chama meus irmãos àqueles que estão a gritar: Abaixo a Bastilha! Morte ao seu governador! Serão seus irmãos, mas não o são meus.
- Então, em nome da humanidade!
- Em nome da humanidade, que o compele a vir degolar milhares de infelizes soldados encerrados nestes muros?
- Ao contrário, entregando a Bastilha ao povo, salva-lhes a vida.
- E eu ficarei desonrado!
Billot calou-se; esta lógica de soldado aniquilava-o; porém, dirigindo-se de novo aos Suíços e aos Inválidos, exclamou:
- Entreguem-se, meus amigos; olhem que ainda é tempo. Daqui a dez minutos já será tarde.
- Se não sai imediatamente daqui, senhor – bradou também Launay - à fé de gentil-homem, que o mando fuzilar.
Billot parou um momento; cruzou os braços sobre o peito em sinal de desafio, depois arremessou-lhe ainda um olhar, que se encontrou com o de Launay, e saiu da Bastilha.

XVII

A Bastilha

A multidão estava esperando, queimada pelo sol ardente de Julho, fremente e fora de si. A gente de Gouchon acabava de se juntar com a de Marat. Os habitantes do arrabalde de Santo António reconheciam e saudavam os seus irmãos do arrabalde de Saint-Marceau.

Gouchon estava à testa dos seus compatriotas. Marat desaparecera.

O aspecto da praça era terrível.

À vista de Billot os gritos redobram.

- Que há de novo? - disse Gouchon caminhando para ele.

- O homem é valente.

- Que quer dizer com isso? - perguntou Gouchon.

- Quero dizer que teima.

- Não quer entregar a Bastilha?

- Não.

- E julga que a defende por muito tempo?

- Até à morte.

- Pois morrerá!

- Mas quanta gente vai morrer! - disse Billot, duvidando, naturalmente, que Deus lhe desse tanto direito como o que se arrogam os generais, os reis e os imperadores, homens decretados para derramarem sangue.

- Não tema - replicou Gouchon; - há bastante gente, e até de mais, visto que o pão não chega nem para metade da população. Não é assim, amigos? – continuou Gouchon voltando-se para a chusma.

- É assim, é! - exclamou a multidão com uma abnegação sublime.

- Mas os fossos? - perguntou Billot.

- Não têm necessidade de ser entulhados senão num só lugar - respondeu Gouchon; - e já calculei que metade dos nossos corpos entulhariam os fossos todos; não é assim, amigos?

- É, sim! Sim! - repetiu a multidão, com o mesmo ímpeto que da primeira vez.

- Está bom, assim será - disse Billot aflito.

Neste momento Launay apareceu num terraço, seguido do major Losme e de mais dois ou três oficiais.

- Começa! - bradou Gouchon ao governador.

Este voltou as costas sem lhe responder.

Gouchon, que talvez houvesse suportado a ameaça, não suportou o desprezo; meteu a clavina à cara, e um dos homens que seguia o governador caiu.

Cem tiros, mil tiros de espingarda partiram ao mesmo tempo, como se aguardassem unicamente este sinal, e marcaram de pontos brancos as torres pardacentas da Bastilha.

Um silêncio de alguns segundos sucedeu a esta descarga, como se a própria multidão tivesse ficado amedrontada do que tinha acabado de praticar.

Depois um jacto de fogo, perdido entre uma nuvem de fumo, coroou o cimo de uma torre; um estampido retumbou; gritos de dor se ouviram entre a multidão apinhada. O primeiro tiro de peça acabava de ser disparado da Bastilha; o primeiro sangue estava derramado. O combate tinha-se travado.

O que a multidão, um momento antes tão ameaçadora, sentia, assemelhou-se ao terror. A Bastilha, pondo-se em defesa, por este só facto, aparecia em toda a sua formidável inexpugnabilidade. O povo esperava, decerto, que entre as concessões, que se lhe faziam, aquela fosse mais uma e que tudo se passaria sem derramamento de sangue.

O povo enganava-se. Aquele tiro de artilharia, disparado sobre ele, apenas mostrava a medida da obra titânica que empreendera.

Uma descarga de mosquetaria bem dirigida, disparada da plataforma da Bastilha, seguiu-se-lhe imediatamente.

Depois sucedeu-se um novo silêncio, interrompido por alguns gritos, gemidos e prantos, dispersos na chusma.

Viu-se então uma grande balbúrdia na imensa multidão: era o povo que apanhava os seus feridos.

Contudo, o povo não tratava de fugir, ou se pensava nisso, teve vergonha de o fazer ao ver o seu grande número.

E com efeito, os bulevares, a rua de Santo António, e o bairro do mesmo nome, formavam um vasto mar humano: cada vaga tinha uma cabeça, de olhos cintilantes e boca ameaçadora.

Num instante todas as janelas do bairro se guarneceram de atiradores, até as que estavam fora do alcance.

Se aparecia nos terraços ou nas ameias um Inválido ou um Suíço, era imediatamente tomado por alvo de cem espingardas, e uma saraivada de balas lascava os ângulos da pedra, atrás da qual se abrigavam os soldados.

Mas dentro em pouco deixaram de atirar aos muros insensíveis. Era aos corpos que apontavam os tiros; era sangue que queriam ver jorrar ao contacto das balas, e não lascas de pedra.

No meio daquela grande confusão, cada um expendia o seu parecer.

Todos rodeavam o orador, e quando se percebia que a proposta era insensata, afastavam-se.

Um carpinteiro de carros propôs que se construísse uma catapulta, segundo o modelo das antigas máquinas romanas, e que se batesse em brecha a Bastilha.

Os bombeiros propunham que se apagassem com as bombas as escorvas das peças, e os morrões dos artilheiros, sem que percebessem que a maior das suas bombas não seria capaz de lançar água a dois terços da altura das muralhas da Bastilha.

Um cervejeiro, que comandava o povo do arrabalde de Santo António, e cujo nome adquiriu depois uma fatal celebridade, propôs que se incendiasse a fortaleza, lançando-se-lhe óleo de cravo e de áspide, que tinha sido apanhado na véspera, e que se inflamaria por meio de fósforos.

Billot escutou, uma após outra, todas aquelas idéias. Ao ouvir a última, tomou um machado das mãos de um carpinteiro, e avançou por entre uma chuva de balas, que derrubavam e varavam em torno dele os homens apinhados como as espigas num campo de trigo; chegou a um pequeno corpo de guarda vizinho da primeira ponte levadiça, e no meio da metralha, que silvava e crepitava sobre o telhado, abateu as cadeias e fez cair a ponte.

Durante o quarto de hora que durou aquela empresa quase insensata, a multidão respirava ansiosa. A cada tiro esperava-se ver baquear o audacioso obreiro. O povo esquecia o perigo que corria, para só pensar no perigo a que se arriscava aquele homem. Quando a ponte caiu, a multidão soltou um brado imenso e precipitou-se no primeiro pátio!

O movimento foi tão rápido, impetuoso e irresistível, que nem houve o intento da defesa.

Gritos de uma alegria frenética anunciaram a Launay aquela primeira vantagem alcançada pelo inimigo.

No meio do conflito, nem deram atenção a que ficara um homem sufocado debaixo daquela massa de madeira.

Então, como do fundo de uma caverna que alumiassem, as quatro peças de artilharia que o governador mostrara a Billot, dispararam ao mesmo tempo com estrondo terrível, e varreram todo o pátio.

A tempestade de ferro e fogo traçara por entre a multidão um longo sulco de sangue: dez ou doze mortos, e quinze ou vinte feridos, ficaram sob a passagem da metralha.

Billot deixara-se resvalar do telhado até ao chão; aí encontrou Pitou, que se achava em tal sítio sem saber como. Pitou estava sempre de olho alerta: era costume de caçador. Vira os artilheiros aproximarem o morrão da espoleta; no mesmo momento agarrara Billot pelas abas da véstia e puxara-o com força para trás. Um ângulo da muralha pusera-os a ambos ao abrigo daquela primeira descarga.

Desde então o negócio tornou-se sério, o tumulto tomou proporções medonhas, e a peleja mortal; dez mil tiros de espingarda estrondeiam ao mesmo tempo em torno da Bastilha, mais perigosos para os assaltantes do que para os assaltados. Por fim, uma peça, servida pelos guardas franceses, vem ajuntar a sua denotação ao tiroteio da fuzilaria.

Era um ruído terrível, que desvairava a multidão; e esse ruído começava a amedrontar os sitiados, que se contavam, e que compreenderam que jamais poderiam fazer um estrondo semelhante àquele que os ensurdecia.

Os oficiais da Bastilha percebem, instintivamente, que os seus soldados enfraquecem: tomam as armas e são os próprios a atirar.

Naquele momento, no maior fragor do ruído de artilharia e fuzilaria, no meio dos berros da multidão, quando a turba em força se precipitava de novo para apanhar os mortos e fazer como que um reduto com os cadáveres, que bradavam vingança pela boca das feridas, naquela ocasião terrível, aparece à entrada do primeiro pátio uma pequena força de burgueses armados, mas sossegados. Fendem a turba e avançam prestes a sacrificar a vida, protegidos unicamente pela bandeira branca que os precede, e que os anuncia como parlamentários.

Era uma deputação do Hôtel-de-Ville. Os eleitores, sabendo que os hostilizados estavam em luta travada, queriam evitar a continuação do derramamento de sangue, e tinham compelido Flesselles a fazer novas proposições ao governador.

Aqueles deputados vinham, em nome da cidade, intimar o Sr. de Launay a que fizesse cessar o fogo, e, para garantir ao mesmo tempo a vida dos cidadãos, a sua e a da guarnição, que recebesse cem homens da guarda burguesa no interior da fortaleza.

Eis aqui o que os pusera a caminho. O povo mesmo, amedrontado com a empresa a que metera ombros, vendo passar os feridos e os mortos em macas, estava pronto a apoiar a proposta; aceitasse de Launay uma meia derrota, visto que ele se contentava com meia vitória.

Ao seu aparecimento, o fogo do segundo pátio cessou; fez-se-lhes sinal de que podiam aproximar-se, e adiantaram-se, escorregando sobre o sangue, saltando por cima dos cadáveres, e estendendo a mão aos feridos.

O povo agrupou-se em torno deles. Cadáveres e feridos são levados dali para fora; só o sangue fica inundando de grandes manchas o chão dos pátios.

Do lado da fortaleza o fogo também cessara. Billot sai, a fim de fazer cessar o fogo dos assaltantes. À porta encontra Gouchon, sem armas, expondo-se como um inspirado, e tranqüilo como se fora invulnerável.

- Então - disse ele a Billot - que é feito da deputação?

- Entrou na Bastilha - respondeu Billot; - faça cessar o fogo.

- É inútil - replicou Gouchon com a mesma certeza que teria se Deus lhe desse a faculdade de ler no futuro; - o povo não consentirá nisso.

- Não importa; respeitemos os hábitos da guerra, visto que nos tornamos soldados.

- Seja assim - disse Gouchon.

Depois, dirigindo-se a dois homens do povo que pareciam comandar, abaixo dele, todo aquele mar de gente, disse:

- Vá, Elias, vá, Hullin, e que se não dispare nem mais um tiro!

Os dois ajudantes de campo correram a toda a pressa, fendendo as turbas do povo à voz do seu chefe, e, dentro em pouco, o estrépito da fuzilaria diminuiu, até de todo se extinguir.

Um instante de repouso se estabeleceu, que foi aproveitado em pensar os feridos, cujo número chegava a trinta e cinco ou quarenta.

Durante este intervalo, ouviram-se dar duas horas. O ataque começara ao meio-dia; havia já duas horas que durava.

Billot tornou para o seu posto e daí a pouco também Gouchon o seguiu.

Volveu os olhos com inquietação para a grade da Bastilha; a sua impaciência era visível.

- Que tem? - lhe perguntou Billot.

- Se a Bastilha não é tomada dentro de duas horas, tudo está perdido.

- Por quê?

- Porque na corte se saberá da empresa em que nos metemos, e nos enviarão os Suíços de Bezenval e os dragões de Lambescq, e então seremos metidos entre dois fogos.

Billot viu-se obrigado a confessar que havia muita verdade no que Gouchon lhe dizia.

Afinal, os deputados tornaram a aparecer; pelo seu aspecto via-se que nada tinham obtido.

- Então? - disse Gouchon radiante de alegria - que lhes dizia eu? A predição efectuar-se-á; a fortaleza maldita está condenada.

Depois, sem interrogar a deputação, precipitou-se para fora do primeiro pátio, bradando:

- Às armas, filhos! Às armas! O governador recusa.

E com efeito apenas o governador recebera a carta de Flesselles, o parecer desanuviara-se-lhe; e em vez de ceder às proposições feitas, gritara:

- Senhores Parisienses, quisestes o combate; agora já é tarde.

Os parlamentários insistiram; representaram-lhe toda a desgraça que a sua obstinação acarretaria, mas ele não quis atender a nada, e concluiu por lhes dizer o que duas horas antes dissera a Billot:

-Saíam, ou mando-os fuzilar.

Os parlamentários saíram.

Desta vez foi Launay que tomou a ofensiva. Parecia cheio de impaciência. Antes que os deputados tivessem atravessado as portas do pátio, a *franta* do duque de Saxe tinha cantado uma ária. Três pessoas caíram por terra; uma morta, as outras feridas.

Os feridos eram um guarda francês e um parlamentar.

À vista daquele homem, a quem o seu carácter tornava sagrado, e que foi levado dali coberto de sangue, a multidão exaltou-se de novo.

Os dois ajudantes de campo de Gouchon vieram outra vez tomar lugar a seu lado; mas cada um deles tinha tido tempo de ir a casa mudar de vestuário.

Verdade é que um morava perto do Arsenal e o outro na rua de Charonne.

Hullin, que noutro tempo fora relojoeiro em Genebra e depois caçador do marquês de Conflans, voltou com a sua libré, que se parecia com uma farda de oficial húngaro.

Elias, ex-oficial do regimento da rainha, vestiu o seu uniforme, que inspirava mais confiança ao povo por lhe fazer acreditar que o exército era por ele e com ele.

O fogo começa de novo, e com mais força que nunca.

Neste momento o major da Bastilha, Sr. de Losme, aproximou-se do governador.

Era um valente e honrado soldado, mas como tinha ainda alguma coisa de cidadão e via com mágoa o que se passava e, sobretudo, o que ia passar-se, disse-lhe:

- Senhor, não temos mantimentos, como sabe.

- Bem sei - respondeu Launay.

- Também sabe que não temos ordem para proceder deste modo.

- Peço-lhe perdão, Sr. de Losme, mas tenho ordem de fechar a Bastilha, e foi por essa razão que me entregaram as chaves.

- Senhor, as chaves servem tanto para abrir as portas como para as fechar. Tome sentido em que não vá causar a morte a toda a guarnição sem salvar o castelo. Dois triunfos no mesmo dia. Pense nesses homens que matámos, os quais jazem estendidos sobre a terra. Esta manhã só eram quinhentos, às duas eram dez mil, agora já são mais de sessenta mil, e olhe que amanhã serão cem mil. Quando a nossa artilharia se calar, e necessariamente há-de acabar por isso, eles estarão mais fortes para demolir a Bastilha com as próprias mãos.

- Não fala como militar, Sr. de Losme.

- Falo como francês. Digo que não nos tendo Sua Majestade dado nenhuma ordem... Que tendo o preboste dos mercadores mandado fazer uma proposição que era muito aceitável, qual a de deixar introduzir cem homens da guarda burguesa no castelo, o senhor podia, para evitar as desgraças que prevejo, anuir às proposições do Sr. de Flesselles.

- Segundo o seu parecer, Sr. de Losme, o poder representante da cidade é autoridade directa de Sua Majestade.

- Decerto; é esse o meu parecer.

- Pois então - disse o Sr. de Launay, chamando o major a um dos cantos do pátio - leia, Sr. de Losme.

E apresentou-lhe um pequeno quadrado de papel.

O major leu:

“Conserve-se; eu entretenho os Parisienses com laços e promessas. Antes do fim do dia, o Sr. de Bezenval lhe enviará reforço.

Flesselles.”

- E como chegou às suas mãos este bilhete, senhor? - perguntou o major.

- Vinha na carta que me trouxeram os senhores parlamentários. Eles julgaram trazer-me o convite para se render a Bastilha, e trouxeram-me a ordem de a defender.

O major inclinou a cabeça

- Vá para o seu posto, senhor - disse de Launay - e não o deixe sem que eu o mande chamar.

O Sr. de Losme obedeceu.

O Sr. de Launay dobrou friamente a carta e meteu-a na algibeira; depois dirigiu-se aos artilheiros, a quem recomendou que fizessem as pontarias baixas e certas.

Os artilheiros obedeceram, como tinha obedecido o Sr. de Losme.

Mas o destino da fortaleza estava fixado. Nenhum poder humano lho podia evitar.

A cada tiro de artilharia o povo respondia: Queremos a Bastilha!

E enquanto as vozes exigiam, os braços manobravam.

Entre o número das vozes que exigiam o mais energicamente possível, e entre o número de braços que obravam com toda a eficácia, distinguiam-se as vozes e os braços de Billot e de Pitou.

A diferença estava em que cada um operava segundo a sua natureza.

Billot, corajoso e ousado, à maneira do cão de fila, arremessara-se no primeiro repente, arrostando com as balas e a metralha.

Pitou, prudente e circunspecto, como a raposa, dotada no supra-sumo do instinto da conservação, utilizava todas as suas faculdades para espreitar os perigos e evitá-los.

Os olhos já conheciam as seteiras mais mortíferas, e distinguiam o imperceptível movimento da peça que ia disparar. Tinha até conseguido adivinhar o momento exacto em que a bateria e a fuzilaria se dispunham a jorrar a sua descarga de fogo através da ponte levadiça.

Então, depois dos olhos terem visto bem, competia às mais partes do corpo trabalharem a favor do dono.

Encolhia os ombros, contraía o peito, e todo o corpo apresentava uma superfície que não era mais considerável do que uma tábua vista de lado.

Neste momento o rechonchudo Pitou (ele só era magro de pernas) ficava como uma aresta semelhante à linha geométrica: não havia largura nem grossura.

Tinha-se aproveitado, num recanto da passagem da primeira ponte levadiça para a segunda, de uma espécie de parapeito vertical formado pelas saliências da muralha. A cabeça estava defendida por uma dessas pedras, a barriga por outra, os joelhos por uma terceira; e Pitou aplaudia-se de que a natureza e a arte das fortificações fossem tão agradavelmente combinadas, que uma pedra se lhe apresentasse para defender cada uma das partes do corpo, onde qualquer ferida poderia ser mortal.

Do seu canto, onde estava achatado como um livro dentro do seu estojo, atirava de vez em quando o seu tiro por descargo de consciência, porque defronte dele não havia senão parede e pedaços de madeira; mas isso mesmo satisfazia o tio Billot, que lhe bradava:

- Atira, mandrião, atira!

Ele também, pela sua parte, interpelava algumas vezes o tio Billot, para acalmar o seu ardor em vez de o excitar, dizendo-lhe:

- Não se exponha assim, tio Billot.

Ou então:

- Tome sentido em si, Sr. Billot, abrigue-se; olhe! Lá dispara a peça contra o senhor; lá canta a maldita cadela da *frauta*.

Efectivamente, apenas Pitou tinha acabado de pronunciar estas palavras cheias de previdência, a detonação ouvia-se, e a metralha varria a passagem.

Mas, não obstante estas intimações, Billot fazia prodígios de força e de agilidade sem cessar. Se não perdia sangue, o que não era por falta de se expor, corria-lhe o suor em grossas bagas por todo o corpo.

Dez vezes Pitou o agarrou pelas abas da véstia e o deitou, a seu pesar, por terra, no próprio momento em que a descarga estrepitava.

Mas Billot erguia-se de novo, mais forte do que dantes e com uma nova idéia.

Ora esta idéia consistia em ir sobre a própria prancha da ponte, arrancar as vigotas que sustentavam as cadeias, como já fizera.

Então Pitou soltava tremendos berros para conter o lavrador; depois, vendo que os berros não eram atendidos, lançava-se fora do seu abrigo, exclamando:

- Sr. Billot, meu caro Sr. Billot, olhe que a Sr^a. Billot fica viúva, se o senhor morrer.

Nisto viam-se os Suíços colocarem obliquamente os canos das espingardas através da ameia da *frauta*, para alcançarem o audacioso, que se abalanchava a fazer a ponte em pedaços.

Billot pedia artilharia para despedaçar a prancha da ponte; mas então a *frauta* cantou, os artilheiros recuaram, e Billot ficou só para servir a peça, o que obrigou ainda Pitou a sair do seu esconderijo.

- Sr. Billot - exclamava ele - Sr. Billot, em nome da menina Catarina; olhe que se morre, a menina Catarina fica órfã.

A esta razão, que parecia influir mais poderosamente no espírito de Billot do que a primeira, detinha-se.

Finalmente a imaginação fecunda do lavrador criou uma última idéia.

Correu para a praça, gritando:

- Uma carroça! Uma carroça!

Pitou reflectiu que tudo aquilo que era bom devia tornar-se excelente duplicando-se, e por isso seguiu Billot, bradando:

- Duas carroças! Duas carroças!

No mesmo momento apareceram dez carroças.

- Venha palha e feno seco - gritou Billot.

- Venha palha e feno seco - repetiu Pitou.

De repente duzentos homens trouxeram cada um o seu molho de palha ou de feno.

Outros amontoaram esterco seco sobre padiolas.

Afinal foi necessário gritar que já havia dez vezes mais do que era preciso. Dentro de uma hora poder-se-ia formar um monte de estrume igual à altura da Bastilha.

Billot pôs-se entre os varais de uma carroça carregada de palha, e em lugar de a puxar, empurrou-a para diante.

Pitou fez outro tanto, pensando que era bom imitar o lavrador.

Elias e Hullin adivinharam o que Billot preparava: tomaram também cada um à sua conta a carroça, e impeliram-na para o pátio.

Tinham apenas passado as ombreiras da porta, quando foram acolhidos com metralha, e só então se percebeu que as balas se metiam com um ruído estridente na palha das carretas e na madeira das rodas, mas que não tocavam em nenhum dos assaltantes.

Tão depressa se deu esta descarga, duzentos ou trezentos fuzileiros se arremessaram atrás dos condutores das carroças, e fazendo um reduto deste abrigo, trataram de se colocar debaixo da própria carroça.

Aí, Billot tirou da algibeira isca e fuzil, preparou um mijarete de pólvora no meio de um papel, e deitou fogo à pólvora.

A pólvora incendiou o papel, e o papel incendiou a palha.

Nisto cada indivíduo pegou num molho de palha acesa, e as carretas inflamaram-se ao mesmo tempo.

Para apagar o fogo era necessário sair fora da praça, e todo aquele que saísse expunha-se a uma morte certa.

O fogo ganhou a prancha da ponte, ateou-se na madeira, e correu serpeando ao longo das vigas.

Um brado de alegria, partindo do pátio, foi repetido por toda a praça de Santo António. Já se via subir o fumo acima das torres. Todos pressentiam que alguma coisa fatal ia acontecer aos assediados.

E com efeito as cadeias abrasadas soltaram-se do tabuão da ponte; esta, meio queimada, meio quebrada, fumegante e crepitando, desabou por fim.

Os bombeiros correram às bombas. O governador determinou que se fizesse fogo, mas os Inválidos recusaram-se.

Só os Suíços obedeceram. Contudo, os Suíços não eram artilheiros, e por isso foi necessário abandonar as peças.

Os guardas franceses, ao contrário, vendo que havia cessado o fogo de artilharia, assestaram a sua peça, e principiaram a fazer fogo; a terceira bala disparada quebrou a grade.

O governador estava na plataforma do castelo, para ver se os socorros prometidos chegavam, quando se viu de repente envolto em fumo. Foi então que desceu precipitadamente, e ordenou aos artilheiros que fizessem fogo.

A recusa dos Inválidos desesperou-o. A grade quebrada fez-lhe ver que tudo estava perdido.

O Sr. de Launay viu que era odiado, e por isso percebeu que para ele não havia salvação. Durante todo o tempo que tinha durado o combate, nutria o pensamento de se sepultar debaixo

das ruínas da Bastilha.

No momento em que percebeu que toda a defesa era inútil, arrancou um morrão das mãos de um artilheiro, e correu para o subterrâneo, onde estavam as munições.

- A pólvora! - exclamaram vinte vozes amedrontadas - a pólvora! A pólvora!

Na mão do governador todos viram um morrão aceso. A intenção foi-lhe adivinhada. Dois soldados correram e calaram-lhe as baionetas contra o peito no momento em que ele abria a porta.

- Vocês podem matar-me - disse-lhes Launay - mas não me matarão tão depressa que não tenha tempo de deitar este morrão para cima dos barris, e então sitiados e sitiantes todos irão pelo ar.

Os dois soldados detiveram-se, mas conservaram-se com as baionetas caladas sobre o peito de Launay; era ainda ele quem comandava, e era evidente que tinha a vida de todos nas suas mãos. Aquela acção fizera estacar todos nos seus lugares. Os assaltantes, percebendo que se passava alguma coisa importante, lançaram as vistas para o interior do pátio, e vêem o governador ameaçado e ameaçador.

- Escutem-me - disse Launay - bem vêem que tenho na mão a vida de todos, e se qualquer der um só passo para penetrar neste pátio, deitarei fogo aos paióis.

Aos indivíduos que ouviram estas palavras pareceu-lhes sentir já abalar-se o chão debaixo dos pés.

- Que quer? Que exige? - bradaram infinitas vozes com sinais de terror.

- Quero uma capitulação, mas uma capitulação honrosa.

Os assaltantes, porém, não tinham podido ouvir as palavras de Launay, e não sabiam deste acto de desespero; o que queriam era entrar. Billot estava à frente deles. De súbito Billot treme e empalidece; viera-lhe à lembrança o doutor Gilberto.

Enquanto Billot não pensara senão em si, pouco lhe importara que a Bastilha saltasse ou deixasse de saltar pelos ares, e nem o ser sepultado nas suas ruínas; mas quando se tratou do Dr. Gilberto, o seu pensamento foi outro e era que ele vivesse custasse o que custasse.

- Detenham-se! - exclamou Billot, lançando-se ante Elias e Hullin - detenham-se em nome dos prisioneiros!

Estes homens, que não temiam a morte, recuaram pálidos e trémulos.

- Que quer? - perguntaram de novo ao governador, como a guarnição já havia feito.

- Quero que todos se retirem - disse Launay. - Não aceito nenhuma proposição enquanto houver um estranho dentro dos pátios da Bastilha.

- Mas - disse Billot - o senhor quer aproveitar-se da nossa ausência para se pôr em defesa?

- Se a capitulação for recusada, esteja certo que encontrará tudo no mesmo estado: o senhor a essa porta e eu aqui.

- Dá-nos a sua palavra de honra?

- À fé de fidalgo.

Algumas pessoas abanaram a cabeça.

- À fé de fidalgo! - repetiu Launay. - Haverá aí alguém que duvide quando um fidalgo dá a sua palavra de honra?

- Não, não, ninguém! - repetiram quinhentas vozes.

- Que me tragam aqui uma pena, tinteiro e papel.

As ordens foram executadas no mesmo instante.

- Está bem - disse Launay.

Depois, voltando-se para os assaltantes, disse:

- Agora, senhores, retirem-se.

Billot, Hullin e Elias deram o exemplo, sendo os primeiros a retirarem-se.

Todos os mais os seguiram.

Launay pôs o morrão de parte, e começou a escrever a capitulação em cima do joelho.

Os Inválidos e os Suíços, percebendo que se tratava da sua salvação, olhavam para ele em

silêncio e com respeitoso terror.

Launay voltou-se antes de assentar a pena no papel; os pátios estavam desertos.

Num instante soube-se fora tudo que se tinha passado no interior do castelo.

Conforme o predissera o Sr. de Losme, a população surdia debaixo do chão: cem mil homens rodeavam a Bastilha.

Não eram somente operários, eram cidadão de todas as classes; não eram somente homens, eram crianças e mulheres.

E todos empunhavam uma arma; todos soltavam um brado.

De praça em praça, pelo meio dos grupos, via-se uma mulher lavada em lágrimas, desgrenhada, com os braços estorcidos, maldizendo a Bastilha, esse gigante de pedra, com um gesto de desespero.

Era alguma pobre mãe, cujo filho a Bastilha acabara de fulminar, alguma infeliz a quem matara o pai, ou alguma esposa, cujo marido tombara aos tiros da fortaleza maldita.

Mas havia já um instante que na Bastilha não se ouvia ruído algum, nem fogo, nem fumo; estava muda como um túmulo.

Seria inútil contar os sinais das telas que marcavam a sua superfície. Cada pessoa tinha querido atirar o seu tiro àquele monstro de granito, símbolo visível da tirania.

E por isso, logo que se soube que a terrível Bastilha ia capitular, e que o seu governador tinha prometido entregá-la, ninguém o queria acreditar.

No meio das dúvidas gerais, quando ainda ninguém ousava dar-se os parabéns, quando tudo aguardava em silêncio, viu-se passar por uma seteira, espetada na ponta de um chuço, uma carta.

Contudo entre a carta e os assaltantes havia o intermédio do fosso da Bastilha, largo, profundo, cheio de água.

Billot pediu que lhe dessem uma prancha. No mesmo momento aparecem três, e lançam-nas sobre o fosso, mas nenhuma o abarca, por serem muito curtas; finalmente trazem uma que chega à outra extremidade do fosso.

Billot dispõe-na o melhor possível, e afoita-se, sem hesitar, a passar sobre a vacilante ponte.

Toda a multidão fica muda, todos os olhos se fixam naquele homem, que parece suspenso por cima do fosso, cuja água, estagnada, parecia a do Cocito. Pitou, trémulo, acocora-se e oculta a cabeça entre os joelhos.

O ânimo enfraquecia-lhe.

De repente, no próprio momento em que Billot conseguira percorrer dois terços da prancha, esta vacila, ele estende os braços, cai e desaparece no fundo do fosso.

Pitou solta um grito e precipita-se após ele como um cão da Terra Nova atrás do dono.

Então um homem acerca-se da prancha, do alto da qual Billot acabava de cair.

Depois, sem hesitar, toma o mesmo caminho. Esse homem era Estanisla Maillard, o meirinho do Châtelet.

Tendo chegado no momento em que Billot e Pitou se debatiam na água, olha um instante por cima deles, e vendo que alcançariam a beira do fosso sãos e salvos, continua o seu caminho.

Meio minuto depois está no outro lado do fosso, e pega no bilhete, que lhe oferecem na ponta de uma espada.

Então, com a mesma tranquilidade e firmeza que até a esse momento conservara, passa de novo por onde já tinha caminhado.

Porém, na ocasião em que todos se apinhavam em roda dele para ler o bilhete, uma saraivada de balas chove das ameias, ao mesmo tempo que um estrondo horrível atroa os ares.

Um só brado, mas destes brados que anunciam a vingança de um povo, saiu de todas as bocas.

- Fiem-se lá em tiranos! - grita Gouchon.

E sem mais tratar de capitulação, sem mais pensar em pólvora, sem cuidar de si, nem tão

pouco dos prisioneiros, sem desejar, sem anelar, sem exigir outra coisa senão vingança, o povo arremessa-se aos pátios, não por centenas de homens mas por milhares.

O que impedia ao povo de entrar não era o fogo da fuzilaria, era a estreiteza das portas.

A esta detonação os dois soldados, que não haviam deixado o Sr. de Launay, precipitam-se sobre ele, um terceiro apodera-se do morrão e apaga-o debaixo dos pés.

Launay desembainha o estoque e quer matar-se, mas quebram-lho nas mãos.

Percebe então que não lhe resta mais do que esperar, e espera.

O povo precipita-se para o castelo, a guarnição estende-lhe os braços, e a Bastilha é tomada de assalto, à viva força e sem capitulação.

Desde cem anos que a fortaleza real não encerrava só a matéria inerte, encerrava também o pensamento. O pensamento tinha feito desabar a Bastilha, e o povo entrara pela brecha.

Quanto à descarga, feita no meio do silêncio, e durante a suspensão de armas; quanto a esta agressão imprevista, impolítica, mortal, ninguém soube nunca quem a ordenara, quem a excitara, quem a cumprira.

Há momentos em que o futuro de toda uma nação se pesa na balança do destino. Num dos pratos da balança está o alvo dos desejos de todos, que lhes parece vê-la prender a seu favor; mas quando mal se pensa, mão invisível deixa cair no outro prato a lâmina de um punhal ou a bala de uma pistola; então tudo muda, só se ouve um grito geral e unânime: Ai dos vencidos!

XVIII

O doutor Gilberto

Enquanto o povo se lançava, rugindo ao mesmo tempo de cólera e de alegria, nos pátios da Bastilha, dois homens patinhavam na água lodosa dos fossos.

Eram Billot e Pitou.

Pitou sustinha Billot; nenhuma bala os tinha tocado, nem tiro algum os alcançara, mas a queda atordoara algum tanto o bom lavrador.

Afinal deitaram-lhes cordas, e lançaram-lhes varas para subirem.

Pitou deitou mão a uma das varas, e Billot a uma corda.

Cinco minutos depois, acompanhados de grandes aplausos, foram levados em triunfo e abraçados, apesar de estarem cheios de lodo.

Um homem dá a Billot um copo de aguardente; outro dá a Pitou salsichão e vinho.

Um terceiro acaricia-os e leva-os para o sol.

De repente uma idéia, ou antes uma lembrança, ocorre à mente de Billot, que furtando-se àqueles cuidados desvelados, se precipita para a Bastilha.

- Vamos aos presos! - grita ele correndo – aos presos!

- Sim, aos presos! - brada também Pitou, correndo igualmente atrás do lavrador.

A multidão, que até então não tinha pensado senão nos algozes, estremece lembrando-se das vítimas, e repete num grito uníssono:

- Sim, sim, sim, aos presos!

Um novo rio de assaltantes rompe os diques, e parece alargar os flancos da fortaleza para ali levar a liberdade.

Um espectáculo terrível se oferece então aos olhos de Billot e de Pitou. A multidão ébria, enraivecida e furiosa, tinha-se arrojado com ímpeto invencível aos pátios, e o primeiro soldado que lhe caiu nas mãos fê-lo em pedaços.

Gouchon olhava impassível. Pensava, talvez, que a cólera do povo é como o curso dos grandes rios: faz mais estragos se tentam detê-la do que se a deixam tranquilamente desabafar.

Elias e Hullin, ao contrário, haviam querido impedir a mortandade, por isso rogavam, suplicavam, dizendo - sublime mentira! - que tinham prometido salvar a vida à guarnição.

A chegada de Billot e Pitou foi um reforço para eles.

Billot, a quem a multidão vingava supondo-o morto, estava vivo, e sem qualquer ferimento ; a prancha havia-se-lhe voltado debaixo dos pés, e nada mais. Tinha apenas tomado um banho de lodo.

Era sobretudo aos Suíços a quem se tinha mais vontade, mas não encontravam nenhuns. Tinham tido tempo de vestir camisolas de pano pardo, e foram por isso tomados por criados da fortaleza, ou por presos.

O primeiro feito da multidão foi despedaçar o relógio do pátio; depois tratou de trepar ao alto das torres para insultar aquela artilharia que tinha vomitado a morte contra ele. A multidão agarrava-se às pedras, e ensangüentava as mãos querendo arrancá-las.

O clamor erguia-se sobre Paris e repetia-se por toda a França como uma águia em vôo rápido:

“A Bastilha foi tomada!”

A este brado, os corações exultaram, os olhos verteram lágrimas de prazer, os braços abriram-se, e não houve mais partidos opostos, nem raças contrárias; todos os homens compreenderam que eram livres.

Um milhão de homens se estreitou num mútuo abraço.

Billot e Pitou haviam entrado atrás de uns precedendo outros; o que eles queriam não era a sua parte no triunfo, era a liberdade dos presos.

Ao atravessarem o pátio do governador, passaram junto de um homem vestido de pardo, que se conservava sossegado, encostado a uma bengala de castão de ouro.

Era o governador. Aguardava tranquilamente que os seus amigos o salvassem, ou que os seus inimigos o matassem.

Billot logo à primeira vista o conheceu, soltou um grito e foi direito a ele.

Launay também o conheceu imediatamente. Cruzou os braços e esperou, olhando para Billot como para lhe dizer.

- Vejamos, será o Sr. que me dará o primeiro golpe?

Billot percebeu e deteve-se, dizendo consigo:

- Se lhe falo, faço-o conhecer; e se for conhecido, é morto.

Todavia, como seria possível encontrar o Dr. Gilberto no meio daquele caos? Como arrancar à Bastilha o segredo fechado nas suas entranhas?

Toda aquela hesitação, todo aquele escrúpulo heróico, foi perfeitamente percebido por Launay.

- Que quer? - perguntou em voz baixa o governador.

- Nada - disse Billot mostrando-lhe com o dedo a porta, como para indicar que a fuga era ainda possível; - nada. Eu saberei muito bem achar o Dr. Gilberto.

- Na terceira *Bertaudière* - respondeu o governador com voz branda e quase comovida.

E ficou no mesmo lugar.

De repente, atrás de Billot ouviu-se pronunciar estas palavras:

- Ah! Aqui está o governador!

Conquanto estas palavras fossem pronunciadas com voz sossegada, percebia-se que cada uma delas era como um punhal aguçado voltado contra o peito de Launay.

O homem que falara era Gouchon.

A estas palavras, como compelidos por um toque de rebate, todos aqueles homens desvairados pela vingança, estremeceram, olharam com olhos chamejantes, avistaram Launay e precipitaram-se sobre ele.

- Salvem-no - disse Billot passando perto de Elias e de Hullin - ou estará perdido.

- Ajude-nos - responderam os dois homens.

- Não posso; preciso ficar aqui, porque tenho também que salvar alguém.

E num abrir e fechar de olhos, Launay, agarrado por mil mãos, foi arrastado e levado dali. Elias e Hullin correram após ele, bradando:

- Suspendam; nós prometemos salvar-lhe a vida.

Não era verdade; mas esta mentira sublime brotou ao mesmo tempo daqueles dois nobres corações.

Num instante, Launay, seguido de Elias e de Hullin, desapareceu pela passagem que dava saída à Bastilha, por entre os gritos de: Ao Hôtel-de-Ville!

Launay, como presa viva, valia bem, para certos conquistadores, a presa morta da Bastilha vencida.

Porque, a não ser ele, era um estranho espectáculo o triste e silencioso monumento, visitado desde quatro séculos pelos guardas e carcereiros, e por um sombrio governador unicamente, tornado presa do povo, que corria pelos pátios, subia e descia pelas escadas sussurrando como um enxame de abelhas e enchendo o cortiço de granito de movimento e de balbúrdia.

Billot seguiu por alguns momentos com a vista Launay, que, antes levado do que conduzido, parecia pairar sobre a multidão.

Mas bem depressa desapareceu à vista. Billot soltou um suspiro, olhou em volta de si, viu Pitou e correu para uma torre gritando: À terceira *Bertaudière*.

Um carcereiro muito trémulo apresentou-se no caminho a Billot.

- Onde é a terceira *Bertaudière*? - perguntou este.

- Por aqui, senhor - respondeu o carcereiro - mas não tenho as chaves dela.

- Onde estão?

- Tiraram-mas.

- Cidadão, empreste-me esse machado - disse Billot a um aldeão.

- Dou-to - respondeu este; - já não tenho mais necessidade dele, visto que a Bastilha está tomada.

Billot pegou no machado e correu para uma escada conduzido pelo carcereiro.

O carcereiro parou diante de uma porta.

- É a terceira *Bertaudière*? - perguntou ele.

- É sim, senhor, é aqui.

- O prisioneiro que está neste quarto chama-se Dr. Gilberto?

- Não sei.

- Chegado aqui há cinco ou seis dias unicamente?

- Não sei, senhor.

- Pois então - replicou Billot - vou sabê-lo eu.

Dizendo isto, vibrou na porta grandes golpes de machado.

Era de carvalho, mas aos golpes do robusto lavrador a madeira voou em estilhaços.

Um instante depois a vista pôde penetrar no pequeno cubículo.

Billot aplicou os olhos pela abertura, e mergulhou o olhar na prisão.

Na mesma direcção da claridade que entrava na masmorra pela janela engradada da torre, estava um homem em pé, um pouco inclinado para trás, em posição de defesa, tendo numa das mãos uma das barras arrancadas ao leito.

Percebia-se perfeitamente que aquele homem estava disposto a matar a primeira pessoa que entrasse.

Apesar da barba comprida, do rosto pálido, e dos cabelos cortados, Billot conheceu o Dr. Gilberto.

- Doutor! Doutor! - exclamou Billot; - é o senhor?

- Quem me chama? - perguntou o prisioneiro.

- Eu, eu, Billot, o seu amigo.

- Billot?

- Sim, sim! Ele! Ele! Nós! Nós! - bradaram vinte vozes de homens que tinham parado no patamar, ao ouvir os golpes terríveis que desfechava Billot.

- Quem são os senhores?

- Somos os vencedores da Bastilha, que está tomada, e o senhor está livre.

- A Bastilha está tomada, e eu estou livre! - exclamou o doutor Gilberto.

E lançando as mãos à abertura, sacudiu tão fortemente a porta, que os gonzos e a fechadura pareceram quebrar-se, e um pedaço desta, já abalada por Billot, estalou, partiu-se e ficou nas mãos do prisioneiro.

- Espere, espere - disse Billot ao ver que um segundo esforço semelhante esgotaria as forças do doutor um instante sobre excitadas; - espere.

E redobrou os esforços.

E, com efeito, através da abertura, que cada vez ia aumentando mais, pôde ver o prisioneiro, que tinha caído assentado sobre um escabelo, pálido como um espectro e incapaz de erguer a travessa de madeira, que jazia por terra ao pé dele, semelhante a um Sansão que não pudera abalar a Bastilha.

- Billot! Billot! - murmurou ele.

- Sim, sim; e eu também, eu, que sou Pitou, Sr. doutor. O senhor há-de lembrar-se muito bem do pobre Pitou, que pôs em casa da tia Angélica, Pitou, quem vem livrá-lo.

- Mas eu posso já passar por esse buraco? - perguntou o doutor.

- Não! Não! - responderam todas as vozes; - espere.

E cada um dos assistentes reuniu as suas forças num comum esforço, uns metendo um pé-de-cabra entre a parede e a porta, outros fazendo manobrar uma alavanca no lugar da fechadura, outros, enfim, impelindo-a com os ombros, até que, afinal, ela deu um último estalo, e a parede desabou, e todos então, como uma torrente, se precipitaram no interior da prisão.

Gilberto achou-se entre os braços de Pitou e de Billot.

Gilberto, o pequeno aldeão do castelo do barão de Taverney, que deixámos banhado em sangue numa gruta dos Açores, era então homem de trinta e quatro para trinta e cinco anos, de tez pálida sem ser doentia, de cabelos pretos, de olhos pequenos e vivos. O olhar nunca se perdia ao acaso, nem divagava pelo espaço; quando não se fixava em algum objecto determinado, fixava-se no próprio pensamento, e então tornava-se mais carregado e profundo: o nariz era direito, unindo-se à testa por uma linha recta; por entre os lábios desdenhosos, deixava ver o esmalte brilhante dos dentes. Ordinariamente a sua maneira de vestir era simples e severa como a de um *quaker*; mas essa severidade tocava a elegância simplesmente pelo extremado asseio. A estatura, um pouco acima da mediana, era bem desenvolvida; quanto à sua força, toda nervosa, ainda há pouco se viu onde poderia ir no primeiro momento de excitação, quando esse movimento tivesse por causa a cólera ou o entusiasmo.

Posto que preso havia cinco ou seis dias, o prisioneiro tinha tido consigo os mesmos cuidados: a barba, bastante comprida, fazia-lhe tanto melhor sobressair a palidez da cor e indicava unicamente certa negligência, que não provinha do preso, mas de lhe haverem recusado uma navalha para se barbear.

Quando teve Billot e Pitou apertados nos braços, voltou-se para os circunstantes que lhe atulhavam a prisão. Depois, como se um instante bastasse para cobrar todas as suas forças, disse:

- O dia que eu tinha previsto é pois chegado. Agradeço-lhes, meus amigos, e agradeço ao génio eterno que vela pela liberdade dos povos.

E estendeu as mãos à multidão, que reconhecendo nele, pela elevação do olhar e pela dignidade da voz, um homem superior, mal ousou tocá-las.

E saindo da masmorra, marchou adiante de todos aqueles homens, encostado ao ombro de Billot e seguido de Pitou e dos seus libertadores.

O primeiro momento tinha sido consagrado por Gilberto à amizade e ao reconhecimento, e o segundo tinha estabelecido a distância que havia entre o sábio doutor e o ignorante lavrador, o bom Pitou e toda aquela chusma de gente que acabara de o livrar.

Tendo chegado à porta, Gilberto parou ante a luz do céu, que se difundia sobre ele; depois cruzando os braços sobre o peito, e erguendo os olhos para o alto, exclamou:

- Eu te saúdo, bela liberdade; vi-te nascer em outro pólo; já somos amigos antigos. Eu te saúdo, bela liberdade!

E o sorrir do doutor dizia efectivamente que não era coisa nova para ele os gritos que ouvia de todo um povo ébrio de independência.

Depois, concentrando-se por alguns momentos, disse:

- Billot, o povo venceu afinal o despotismo?

- Venceu, sim, senhor.

- E o senhor veio para combater?

- Vim para o libertar.

- Como soube da minha prisão?

- Foi seu filho que mo disse esta manhã.

- Pobre Emílio! Viu-o?

- Vi, sim, senhor.

- Passa bem no colégio?

- Deixei-o debatendo-se com quatro enfermeiros.

- Está doente? Está delirante?

- Queria vir combater connosco.

- Ah! - disse o doutor, e um sorriso de triunfo lhe assomou aos lábios. O filho coroava-lhe as mais fagueiras esperanças.

- E então disse-lhe?... - perguntou ele a Billot.

- Disse-lhe que, visto o Dr. Gilberto estar na Bastilha, a tomaríamos. Presentemente a Bastilha está tomada; mas não é tudo.

- Que há mais? - perguntou o doutor.

- Aquela caixinha foi-me roubada.

- A caixinha que eu lhe tinha confiado?

- Sim.

- Por quem?

- Por homens vestidos de escuro que se me introduziram em casa, sob o pretexto de levar o seu livro em brochura, os quais me prenderam e encerraram na adega enquanto passaram busca à casa, e como encontrassem a caixinha, levaram-na.

- Em que dia?

- Ontem.

- Oh! Oh! A coincidência é evidente entre a minha prisão e o roubo. Foi seguramente a mesma pessoa que me mandou prender, que mandou ao mesmo tempo roubar a caixa. Sabendo quem é o autor da prisão, sei logo quem é o autor do roubo. Onde é o arquivo? - continuou o Dr. Gilberto, voltando-se para o carcereiro.

- No pátio do governador, senhor - respondeu este.

- Então vamos ao arquivo, meus amigos; vamos ao arquivo - bradou o doutor.

- Senhor - acudiu o carcereiro detendo-o - deixe-me segui-lo e recomende que não me aconteça mal algum.

- Seja assim - disse Gilberto.

Então, voltando-se para a multidão, que o cercava cheia de curiosidade e respeito, disse:

- Amigos, recomendo-lhes este bravo homem; o seu mister era abrir e fechar as portas; mas não era áspero para com os presos; peço-lhes que não lhe façam mal nenhum.

- Não, não - exclamou-se de toda a parte; - não, nada tema; não tenha medo, pode vir connosco.

- Obrigado, senhor - disse o carcereiro; - mas se querem ir ao arquivo, apressem-se, pois creio que tratam de queimar os papéis.

- Oh! Então não se perca um momento - exclamou Gilberto - ao arquivo!

E correu para o pátio do governador, arrastando após si a multidão, à frente da qual marchavam sempre Billot e Pitou.

O triângulo

À porta da sala do arquivo havia efectivamente um imenso fogo de papelada. Infelizmente um dos primeiros cuidados do povo, depois da vitória, é a destruição. O arquivo da Bastilha fora invadido.

Formava uma vasta sala atulhada de registros e de projectos; e os autos de todos os prisioneiros presos desde cem anos na Bastilha ali estavam confusamente arquivados.

O povo rasgava aqueles papéis com raiva; parecia-lhe sem dúvida que, rasgando todos aqueles registros e assentos, dava legalmente a liberdade aos Franceses.

Gilberto entrou. Ajudado por Pitou, pôs-se a examinar os registros que ainda se podiam ver; o registro do ano corrente não se encontrava.

O doutor, homem pacífico e frio, empalideceu e impaciente bateu com o pé no chão.

Neste mesmo momento Pitou avistou um daqueles garotos, como sempre aparecem no meio das vitórias populares, que levava à cabeça, correndo para o fogo, um volume de forma e encadernação semelhantes àquele que folheava o Dr. Gilberto.

Pitou correu para ele, e graças às suas longas pernas, dentro em pouco o alcançou.

Era o registro do ano de 1789.

A negociação não foi longa. Pitou fez-se conhecer como vencedor, explicou a necessidade que um preso tinha daquele registro em consequência do que lhe foi cedido pelo garoto, que se consolou dizendo:

- Deixá-lo! Queimarei outro.

Pitou abriu o registro; procurou, folheou, leu, e chegando à última página, achou estas palavras:

“Hoje, 9 de Julho de 1789, entrou o Sr. G..., filósofo e publicista perigosíssimo: deverá ser metido no segredo mais apertado.”

Levou o registro ao doutor.

- Aqui está, Sr. Dr. Gilberto; não é isto que procura?

- Oh! - exclamou o doutor agarrando no registro; - é isto, é.

Em seguida leu as palavras que ficam ditas.

- Agora vejamos de quem é a ordem.

E procuraram na margem.

- Necker! - exclamou ele. - A ordem de me prender assinada por Necker, pelo meu amigo! Oh! Seguramente aqui há algum caso estranho.

- Necker é seu amigo? - exclamou a multidão com respeito, porque se lembrou da considerável influência que este nome tinha no povo.

- Sim, sim, é meu amigo, afirmo-o - disse o doutor; - e estou convencido de que Necker ignorava a minha prisão. Mas vou já saber isto dele mesmo.

- Onde vai? - perguntou Billot.

- A Versalhes.

- O Sr. Necker não está em Versalhes; foi exilado.

- Para onde?

- Para Bruxelas.

- E sua filha?

- Ah! Não sei dela - exclamou Billot.

- A filha reside no campo de Saint-Ouen - disse alguém de entre a multidão.

- Obrigado - disse Gilberto, sem sequer saber a quem dirigia o seu agradecimento.

Depois, voltando-se para os incendiários, disse:

- Amigos, em nome da história, que encontrará nestes arquivos a condenação dos tiranos, basta de devastação, suplico-lhes. Demulam a Bastilha pedra por pedra, que dela não fique vestígio, mas respeitem os papéis, respeitem os registros, porque a luz do futuro está neles.

Apenas a multidão acabou de ouvir estas palavras, imediatamente as pesou na sua suprema inteligência.

- O doutor tem razão - bradaram mais de cem vozes; - nada mais de devastação! Vamos ao Hôtel-de-Ville levar todos os papéis.

Um bombeiro, que naquele momento entrara no pátio com cinco ou seis dos seus companheiros, arrastou uma bomba, e dirigiu a agulheta para o fogo, que, semelhante ao de Alexandria, estava próximo a devorar o arquivo.

- A pedido de quem foi preso? - perguntou Billot.

- É justamente o que procuro, mas não posso saber, porque o nome está em branco.

Depois, após um instante de reflexão, disse:

- Mas hei-de sabê-lo.

Arrancou a folha que lhe dizia respeito, dobrou-a em quatro e meteu-a na algibeira. Depois, dirigindo-se a Billot e a Pitou, disse-lhes:

- Amigos, saiamos; aqui não temos mais nada que fazer.

- Saíamos - disse Billot; - a diferença está em que a coisa é mais fácil de dizer do que executar.

Efectivamente a turbamulta do povo, arremessando-se ao interior dos pátios pela curiosidade, afluía à entrada da Bastilha, de maneira tal que a obstruía. Era porque à entrada da Bastilha estavam outros presos.

Oito prisioneiros, compreendendo Gilberto, tinham sido libertados.

Chamavam-se eles: João Bechade, Bernardo Laroche, João Lacaurège, António Pujado, White, o conde de Solage e Tavernier.

Os primeiros quatro inspiravam um interesse secundário; eram acusados de falsificar uma letra de câmbio, sem que jamais tivesse havido a menor prova contra eles, o que fazia acreditar que a acusação era falsa. Estavam na Bastilha havia apenas dois anos.

Os outros eram o conde Solage, White e Tavernier,

O conde de Solage era um homem de trinta anos, pouco mais ou menos, cheio de alegria e de expansão, abraçava os libertadores, exaltava a sua vitória e narrava-lhes o seu cativeiro. Preso em 1782 e encerrado em Vincennes em consequência de mandado de prisão obtido por seu pai, transportaram-no para a Bastilha, onde lá permaneceu cinco anos sem ter visto um juiz, sem ter sido interrogado uma única vez. Havia dois anos que seu pai morrera e ninguém ainda se tinha lembrado dele.

Se a Bastilha não fosse tomada, era provável que ficasse em esquecimento.

White era um velho de sessenta anos, e pronunciava com acento estrangeiro palavras incoerentes. Às perguntas que se lhe faziam, respondia que ignorava há quanto tempo se achava preso. Lembrava-se que era primo do Sr. de Sartines, e mais nada. Um chaveiro, chamado Guyon, tinha efectivamente visto o Sr. de Sartines entrar uma vez na prisão de White e fazer-lhe assinar uma procuração. Mas o preso tinha-se inteiramente esquecido desta circunstância.

Tavernier era o mais velho de todos: contava dez anos de reclusão nas ilhas de Santa Margarida, e trinta de cativeiro na Bastilha; era homem de noventa anos, de cabelos e barbas brancas; tinha os olhos habituados à escuridão, e via sempre através de uma nuvem. Quando entraram na sua prisão não percebeu logo o que lá iam fazer: quando se lhe falou em liberdade, abanou a cabeça; depois, enfim, quando se lhe disse que a Bastilha estava tomada, prorrompeu:

- Oh! Oh! Que dirão a esse respeito o rei Luís XV, a Sr.^a de Pompadour, e o duque de La Vrillière?

Ao menos Tavernier não estava louco como White, estava idiota.

A alegria desses homens era terrível, porque bradava por vingança, tanto ela se assemelhava ao furor. Dois ou três pareciam próximos a expirar no meio daquele tumulto composto de cem mil clamores reunidos; eles, que havia tempo imenso não ouviam as vozes de dois homens a falarem ao mesmo tempo, que já não estavam acostumados senão ao ruído lento e misterioso do sobrado úmido, que trepidava sob os seus passos, ao da aranha que, inapercebida,

tecia a sua teia com um ruído semelhante ao de uma pêndula invisível, ou ao de um rato perseguido, que rói e foge.

No momento em que Gilberto apareceu, os entusiastas propuseram levar os prisioneiros em triunfo, proposição que foi acolhida por unanimidade.

Gilberto desejava muito escapar-se a esta ovação, mas não pôde, pois era já conhecido como amigo de Billot e Pitou, - portanto queriam festejá-lo.

Os brados de: vamos ao Hôtel-de-Ville! Ao Hôtel-de-Ville! retumbaram, e Gilberto sentiu-se erguido aos ombros de vinte pessoas ao mesmo tempo.

Debalde o doutor lhes queria resistir, debalde Billot e Pitou distribuíram a seus irmãos os mais pungentes murros, a alegria e o entusiasmo tinham endurecido a epiderme popular. Murros, pauladas, chuçadas, coronhadas de armas, pareceram aos vencedores doces e suaves como carícias, serviram tão somente para lhes redobrar a exaltação.

Foi, pois, forçoso ao Dr. Gilberto deixar-se levar sobre o pavês.

O pavês era uma tábua no meio da qual estava cravada uma lança, destinada a servir de ponto de apoio ao triunfador.

O doutor dominou o undoso oceano de cabeças da Bastilha até à arcada de Saint-Jean, mar cheio de tempestades, cujas vagas levavam, no meio de lanças, baionetas e armas de toda a espécie, de toda a forma e de todas as épocas, os primeiros triunfadores.

No meio daquele mar terrível e irresistível, revolvia-se um grupo de tal sorte cerrado e compacto que parecia uma ilha. Era o grupo que conduzia Launay prisioneiro.

Em roda desse grupo ouviam-se milhares de gritos, não menos entusiásticos que os que acompanhavam os prisioneiros; não eram porém de triunfo, eram de ameaça e de morte.

Gilberto do ponto elevado em que se achava não perdia nenhuma das circunstâncias daquele terrível espectáculo.

Só, de entre todos os prisioneiros, a quem acabavam de dar a liberdade, gozava da plenitude das suas faculdades. Cinco dias de cativo não lhe eram mais que um ponto obscuro na vida. Os olhos não tinham tido tempo de afrouxar ou enfraquecer na obscuridade da Bastilha.

De ordinário o combate não torna os homens desapiedados senão durante o tempo que dura. Em geral os que saem do fogo, onde acabam de arriscar a vida, ficam cheios de mansidão para com os seus inimigos. A majestade da Bastilha transmitia a uns o respeito que impunha a outros.

Mas nos grandes tumultos populares, como em França se tem visto tantos desde a Jacquerie até nossos dias, as turbas, que o medo conteve longe do combate, que o ruído irritou, ao mesmo tempo ferozes e fracas, buscam após a vitória tomar uma parte qualquer que seja, nesse combate com que não ousaram arrostar.

A parte que toma é na vingança.

Desde a saída da Bastilha, a marcha do governador fora o começo do seu suplício.

Elias, que tomara a vida do governador debaixo da sua responsabilidade, marchava à frente, escudado pelo seu uniforme e pela admiração popular, que o vira primeiro a marchar para o fogo. Levava na mão, na ponta da espada, o bilhete que o Sr. de Launay havia feito passar ao povo por uma das ameias da Bastilha, e que lhe dera Maillard.

Atrás dele vinha o guarda dos impostos reais, que levava na mão as chaves da fortaleza; depois Maillard, conduzindo o estandarte, e atrás de tudo seguia um rapaz, apresentando a todas as vistas o regulamento da Bastilha atravessado por uma baioneta, escrito odioso em consequência do qual tantas lágrimas tinham corrido!

Afinal, via-se o governador protegido por Hullin e por dois ou três outros indivíduos, mas que desapareciam no meio dos punhos ameaçadores, das espadas agitadas, e das lanças frementes.

Ao lado desse grupo, caminhando quase paralelo a ele, na grande artéria da rua de Saint-Antoine, que comunica os bulevares com o rio, distinguia-se outro não menos ameaçador, não menos terrível; era o que arrastava o major Losme, que vimos aparecer por um instante para lutar

com a vontade do governador, e que por fim curvara a cabeça à determinação tomada por ele de defender-se.

O major Losme era um belo, valente e excelente rapaz. Bastantes angústias lhe tinham custado alguns alívios que desde que estava na Bastilha alcançara para os prisioneiros. O povo ignorava isso. O povo encontrara-o com as armas na mão, e pelo seu brilhante uniforme, tomara-o pelo governador, ao passo que este, graças ao seu casaco singelo, sem bordados, e do qual tirara a fita de Saint-Louis, se refugiava em certa dúvida protectora, que só poderia ser esclarecida pelos que o conheciam.

Tal era o espectáculo, sobre que cambiava o olhar sombrio de Gilberto, olhar sempre observador e sereno, até no meio dos perigos, que eram pessoais àquela poderosa organização.

Hullin, ao sair da Bastilha, invocara a si os seus amigos mais seguros e dedicados, os mais valentes soldados populares daquele dia, e quatro ou cinco haviam anuído à sua chamada e tentavam coadjuvá-lo no seu generoso intento, protegendo o governador. Foram três homens, cuja lembrança a história imparcial conservou; chamavam-se Arné, Chollat e Lépine.

Esses três homens, precedidos, como fica dito, por Hullin e Maillard, tentavam pois defender a vida de um homem, cuja morte era pedida por cem mil vozes.

Em roda deles haviam-se agrupado alguns granadeiros das guardas francesas, cujo uniforme, tornado mais popular havia três dias, era objecto de veneração para o povo.

O Sr. de Launay escapara aos golpes, porque os braços dos seus generosos defensores tinham podido aparar esses golpes; mas não pudera escapar às injúrias e ameaças.

A esquina da rua de Jouy já se não viam nenhuns dos cinco granadeiros das guardas francesas, que se haviam ajuntado ao acompanhamento logo à saída da Bastilha. Um a um tinham sido repelidos no caminho pelo entusiasmo da multidão, e talvez também pelo cálculo dos assassinos. Gilberto tinha-os visto desaparecer a pouco e pouco como as contas que se desenfiavam de um rosário.

Desde logo previra que a vitória ia enlutar-se com sangue: quisera saltar daquela tábua, que lhe servia de pedestal, mas braços de ferro o tinham ali seguro. No meio da impossibilidade que o acompanhava, movera Billot e Pitou à defesa do governador, e ambos haviam obedecido à sua voz, fazendo todos os esforços para atravessar pelo meio daquelas vagas humanas e chegar até ele.

Efectivamente o grupo dos defensores tinha precisão de socorro. Chollat, que nada comera desde a véspera, vira as suas forças exaurirem-se, e caíra desfalecido; com grande custo o tinham posto de pé e obstado a que fosse pisado no tropel.

Mas isto era uma brecha na muralha, uma rotura no dique.

Um homem arremeteu por essa brecha, e com o cano da espingarda descarregou um golpe terrível na cabeça do governador.

Mas Lépine, que vira abaixar a coronha, teve tempo de se lançar com os braços estendidos entre Launay e ele, e recebeu na frente a pancada destinada ao prisioneiro.

Atordado pelo golpe, e cego pelo sangue que lhe inundava a cara, meio trémulo, levou as mãos ao rosto, e quando pôde abrir os olhos estava longe do governador.

Foi no momento em que Billot chegara perto dele, levando consigo Pitou a reboque.

Percebeu logo que o sinal pelo qual o governador era conhecido, era sem dúvida, por ser o único que ia descoberto.

Billot tirou o chapéu, estendeu o braço e pô-lo na cabeça do governador.

Launay voltou-se e reconheceu Billot.

- Obrigado - disse ele; - mas por mais que faça não me salvará.

- Se conseguirmos chegar ao Hôtel-de-Ville - disse Hullin - respondo pelo resto.

- Sim - disse Launay - mas chegaremos lá?!...

- Com a ajuda de Deus, nós o tentaremos ao menos - respondeu Hullin.

E com efeito, podia-se ter esperança antes de desembocar na praça do Hôtel-de-Ville; mas essa praça estava apinhada de homens de braços nus, agitando espadas e lanças. O boato que

percorria as ruas anunciara que conduziam o governador e o major da fortaleza, e como uma matilha, longo tempo retida, de focinho afilado e dentes arreganhados, esperavam por eles.

Logo que viram aparecer o acompanhamento, voltara-se para ele.

Hullin percebeu que era então o perigo supremo, a última luta; se pudesse conseguir fazer subir a escadaria exterior a Launay e abrigá-lo no interior, o governador estava salvo.

- A mim, Elias; a mim, Maillard; a mim todos os homens que tenham coração - bradou ele; - nisto cabe honra a todos.

Elias e Maillard ouviram a chamada, e tratavam de abrir caminho por entre o povo; mas se o povo se afastava com facilidade ante eles, também se cerrava logo após a sua passagem.

Elias e Maillard viram-se separados do grupo principal, a que não puderam juntar-se.

A multidão, vendo que tinha conseguido aproximar-se, fez um furioso esforço. Como uma boa gigantesca, envolveu o grupo nos seus anéis. Billot foi erguido, arrastado e arrebatado; Pitou, quase ligado a Billot, deixou-se levar no mesmo turbilhão. Hullin alcançou os primeiros degraus do Hôtel-de-Ville e caiu. A primeira vez ainda se ergueu, mas foi para tornar a cair, e desta vez Launay seguiu-o na queda.

O governador conservou-se da mesma maneira como até então; até ao derradeiro momento não soltou uma queixa, nem pediu auxílio: só bradava com uma voz estridente:

- Ao menos, tigres, não me façam penar; matem-me imediatamente.

Nunca ordem alguma foi executada com mais pontualidade do que aquele pedido; num instante, em torno de Launay, que jazia por terra, se inclinaram umas poucas cabeças ameaçadoras, e se ergueram braços armados. Por algum tempo nada mais se viu do que mãos contraídas e ferros mergulhados; depois uma cabeça apareceu separada do tronco, e ergueu-se, escorrendo em sangue, na ponta de uma lança: conservava o seu sorrir lívido e desprezador.

Foi a primeira.

Gilberto vira todo aquele espectáculo, e dessa vez tentara ainda lançar-se em socorro da vítima, mas duzentos braços lho haviam impedido.

Voltou o rosto e suspirou.

Elevaram aquela cabeça, com os olhos abertos, como para saudar Flesselles com o último olhar, justamente em frente da janela onde ele estava rodeado e protegido pelos eleitores.

Seria difícil dizer qual das faces estava mais pálida, se a do morto se a do vivo.

De repente um imenso rumor surdiu do lugar onde jazia o corpo de Launay. Tinham-lhe passado revista ao fato e esquadrinhado as algibeiras, e na da vestia encontraram o bilhete que lhe dirigira o preboste dos mercadores, e que aquele mostrara a Losme.

O bilhete era concebido nestes termos:

“Conserve-se; eu entretenho os Parisienses com laços e promessas. Ao fim do dia, o Sr. de Bezenval lhe enviará reforço.

Flesselles.”

Uma horrível blasfêmia saiu dentre a multidão e elevou-se até à janela do Hôtel-de-Ville, onde estava Flesselles.

Sem adivinhar a causa, o preboste compreendeu a ameaça e fugiu para trás.

Mas tinha já sido visto e sabiam aonde ele estava. A multidão precipitou-se pelas escadas, e desta vez com um movimento tão geral, que os homens que levavam o Dr. Gilberto, abandonaram-no para seguir essa maré, que subia impelida pelo sopro da cólera popular.

Gilberto também quisera entrar no Hôtel-de-Ville, não para ameaçar, mas para proteger Flesselles. Já tinha galgado os primeiros três ou quatro degraus da escada, quando se sentiu violentamente agarrado por detrás. Voltou-se repentinamente para se livrar deste novo embaraço, quando viu que era Billot e Ângelo Pitou.

- Oh! - exclamou Gilberto, que do lugar elevado em que estava dominava toda a praça; - que se passa lá em baixo?

E indicou com a mão a rua de Tixéranderie.

- Venha, doutor, venha - disseram ao mesmo tempo Billot e Pitou.

- Oh! Oh! Os assassinos! - exclamou o doutor - os assassinos!...

Efectivamente naquele momento o major de Losme caiu ferido com um golpe de machado. O povo confundia na sua cólera o governador egoísta e bárbaro, que fora o perseguidor dos desgraçados presos, com o homem generoso, em que tinham constantemente encontrado apoio.

- Sim, sim - disse ele; - vamo-nos, porque já começo a estar envergonhado de ter sido salvo por semelhantes homens.

- Doutor - disse Billot - esteja tranqüilo. Os que combateram lá, não são os que assassinam aqui.

Mas no próprio momento em que o doutor descia os degraus, que havia pouco subira para correr em auxílio de Flesselles, as ondas de povo que se tinham amontoado debaixo das abóbadas foram repelidas pelo mesmo peijamento da multidão. No meio desta torrente debatia-se um homem, que a multidão arrastava.

- Ao Palais-Royal! Ao Palais-Royal! - bradava a turbamulta.

- Sim, meus amigos, sim, meus bons amigos, ao Palais-Royal - respondia este homem.

E revolvía-se na direcção do rio, como se a inundação humana quisesse, não levá-lo ao Palais Royal, mas arrastá-lo para o Sena.

- Ah! - exclamou Gilberto - ainda mais outro que querem degolar; tratemos de salvar este ao menos.

Porém, apenas tinham sido pronunciadas estas palavras, ressoou um tiro de pistola, e Flesselles desapareceu entre o fumo.

Gilberto cobriu os olhos com as mãos com um movimento de sublime cólera: maldizia aquele povo, que, sendo tão grande, não tinha a força bastante para se conservar puro, e que poluía a sua vitória com um tríplice assassinio.

Depois, quando desvelou os olhos, viu três cabeças nas pontas de três lanças.

A primeira era a de Flesselles, a segunda a de Losme, e a terceira a de Launay.

Uma erguia-se sobre os degraus do Hôtel-de-Ville; outra no meio da rua Tixeranderie, e a terceira estava no cais de Pelletier.

Pela posição figuravam um triângulo.

- Oh! Bálamo! Bálamo! - murmurou o doutor soltando um suspiro; - é pois com um tal triângulo que se simboliza a liberdade!

- E meteu-se pela rua da Vannerie, arrastando consigo Billot e Pitou.

XX

Sebastião Gilberto

À esquina da rua Planche-Mibray, o doutor encontrou um carrinho; mandou-o parar e subiu para ele acompanhado de Billot e de Pitou, que se assentaram a seu lado.

- Para o colégio de Luís-o-Grande - disse Gilberto, e após estas palavras encostou-se para o fundo do carro, onde caiu em profunda insensibilidade, que Billot e Pitou respeitaram.

Depois de atravessarem o Pont-au-Change, tomaram pela rua da Cité, rua de Saint-Jacques, e por fim chegaram ao colégio de Luís-o-Grande.

Toda a cidade de Paris estava em alvoroço. As notícias dos últimos acontecimentos tinham chegado a toda a parte; os boatos dos assassinios da Grève misturavam-se com as narrações da tomada da Bastilha, via-se reflectir nos semblantes as diversas impressões que experimentavam como lampejos de alma que transpareciam traindo as intenções.

Gilberto, em todo o trânsito, não tinha metido a cabeça pela portinhola uma vez sequer, nem havia pronunciado uma única palavra. Há sempre um lado ridículo nas ovações populares, e o Dr. Gilberto via o seu triunfo por este lado.

Depois parecia-lhe, conquanto tivesse feito esforços para evitar o derramamento de

sangue, que algumas gotas espirraram sobre ele.

O doutor apeou-se à porta do colégio e fez sinal a Billot que o seguisse.

Enquanto a Pitou, ficou discretamente no carrinho.

Sebastião estava ainda na enfermaria. O director em pessoa, ao saber da chegada do doutor, foi o próprio recebê-lo.

Billot, por menos observador que fosse, conhecia o carácter do pai e do filho, e por isso examinou com atenção a cena que se passou à sua vista.

Tanto a criança se tinha mostrado fraca, irritável e nervosa no desespero, quanto se ostentou serena e reservada na alegria.

Ao avistar o pai empalideceu, e as palavras embargaram-se-lhe na boca. Um pequeno estremecimento lhe correu pelos lábios.

Depois foi lançar-se ao pescoço de Gilberto, soltando um único grito de alegria, semelhante a um brado de dor, e conservou-o terna e silenciosamente estreitado nos braços.

O doutor respondeu com o mesmo silêncio àquele silencioso abraço, e depois de ter estreitado contra si o filho, olhou para ele por largo tempo com um sorriso mais triste do que satisfeito.

Qualquer observador mais perspicaz, que não fosse Billot, diria consigo que existia uma desgraça ou um crime entre aquela criança e aquele homem.

O rapaz conteve-se menos com Billot. Logo que pôde ver outra coisa além do pai, o qual tinha absorvido toda a sua atenção, correu ao bom do lavrador, e abraçou-o também, dizendo-lhe:

- Sempre é um homem bem valente, Sr. Billot: cumpriu a sua palavra e eu agradeço-lho.

- Oh! Oh! - disse o camponês - não foi sem custo, vamos lá, Sr. Sebastião. Seu pai estava muito bem fechado, e foi preciso fazer alguns estragos antes de o pôr cá fora.

- Sebastião - perguntou o doutor - estás de boa saúde?

- Estou, sim, meu pai - respondeu o mancebo; - ainda que lhe pareça o contrário, por me achar na enfermaria.

Gilberto sorriu.

- Bem sei porque estás aqui - replicou-lhe.

O mancebo também sorriu.

- Não te falta nada aqui? - continuou o doutor.

- Nada, graças ao meu bom pai.

- Vou, pois, meu caro amigo, fazer-te sempre a mesma recomendação, a mesma e única: trabalha.

- Sim, meu pai.

- Sei que esta palavra para ti não é um som vão e monótono; se não o soubesse, não ta diria mais.

- Meu pai, não é a mim que compete responder-lhe a esse respeito - replicou Sebastião; - é ao Sr. Bérardier, nosso excelente director.

O doutor voltou-se para o Sr. Bérardier, o qual fez sinal de que tinha alguma coisa que dizer-lhe.

- Espera, Sebastião - disse o doutor.

E caminhou para o director.

- Senhor - perguntou Sebastião com interesse - aconteceu porventura algum mal a Pitou? O pobre rapaz não veio.

- Está no carrinho, que espera à porta.

- Meu pai - disse Sebastião - permite que o Sr. Billot traga aqui Pitou? Folgaria muito em o ver.

Gilberto fez um aceno com a cabeça, e Billot saiu.

- Que quer dizer-me? - perguntou Gilberto ao abade Bérardier.

- Queria dizer-lhe que não é o trabalho que é mister recomendar àquele menino, é a

distracção.

- Por que, Sr. abade ?

- Porque é um excelente rapaz, estimado aqui por todos como um filho, ou como um irmão, mas...

O abade calou-se.

- Mas o quê? - perguntou o pai inquieto.

- Se não toma cuidado com ele, há uma coisa que o matará.

- Então que é? - replicou vivamente Gilberto.

- O trabalho.

- O trabalho?

- Sim, senhor, o trabalho. Se o visse à carteira, de braços cruzados, sempre com o nariz sobre o dicionário, com os olhos fitos...

- Trabalhando ou pensando? - perguntou Gilberto.

- Trabalhando, senhor, buscando os melhores termos, a frase antiga, a forma grega ou latina, procurando-a horas inteiras, e... Olhe! Agora mesmo, neste momento...

Efectivamente, o mancebo, conquanto o pai se tivesse afastado dele havia cinco minutos, posto que Billot houvesse fechado a porta naquele momento, o mancebo caíra numa espécie de distracção, que se parecia com o êxtase.

- Está muitas vezes assim? - perguntou Gilberto com inquietação.

- Senhor, asseguro-lhe que quase se pode dizer que é aquele o seu estado habitual. Veja como ele está.

- Tem razão, Sr. abade - disse Gilberto; - quando o vir assim, é preciso distraí-lo.

- Isso será trabalho baldado, porque se sai destas lides, vê-lo-á nas composições, que farão um dia grande honra ao colégio de Luís-o-Grande. Presumo que daqui a três anos aquele mancebo ganhará todos os prémios dos exames.

- Tome sentido - repetiu o doutor - aquela espécie de absorção do pensamento em que vê Sebastião imerso é mais depressa prova de fraqueza que de força, sintoma de doença que de saúde. Tinha razão, Sr. Abade, não é preciso recomendar-lhe muito o trabalho, ou ao menos convém distinguir o trabalho da distracção.

- Senhor, asseguro-lhe que ele trabalha.

- Quando está assim?

- Sim; e a prova é que a sua obrigação está sempre pronta antes que a dos outros. Não o vê mexer com os lábios? Repete as suas lições.

- Pois bem, quando repetir as suas lições assim, Sr. Bérardier, queira distraí-lo; não saberá nunca as suas lições, mas ao menos passará melhor.

- Crê isso?

- Creio, sim, senhor.

- Então - disse o bom abade - o Sr. que o diz é porque o sabe, o senhor, a quem os srs. de Condorcet e Cabanis proclamaram como um dos homens mais sábios que existem no mundo.

- A diferença está - disse Gilberto - em que quando o distrair de pensamentos semelhantes, tome todos os cuidados; fale-lhe baixo, depois mais alto.

- Para que?

- Para o trazer gradualmente a este mundo que ele deixara.

O abade olhou para o doutor com pasmo, e pouco faltou que não o tomasse por louco.

- Olhe - disse o doutor - vai ver a prova do que lhe digo.

Neste momento entraram Billot e Pitou. Em três pernadas chegou Pitou ao pé de Gilberto.

- Perguntaste por mim, Sebastião? - disse Pitou pegando no braço do mancebo. - És um bom rapaz!

E aproximou a sua grande cabeça da cara do mancebo.

- Olhe! - disse Gilberto, agarrando o braço do abade.

Com efeito, Sebastião, tirado brutalmente do seu embevecimento pelo cordial contacto de Pitou, cambaleou, o rosto passou-lhe do descorado à palidez, e a cabeça pendeu-lhe como se o pescoço não tivesse já a força suficiente para sustê-la. Um suspiro doloroso lhe saiu do peito, e depois um vivo rubor lhe coloriu as faces.

Abanou a cabeça e sorriu.

- Ah! És tu, Pitou - disse ele. - Sim é verdade, perguntei por ti.

Depois olhou para ele.

- Com que então bateste-te?

- Bateu-se, sim, e como um valente rapaz que é - disse Billot.

- E por que não me levou também consigo? - perguntou o mancebo em tom de argüição; - ter-me-ia batido igualmente, e ao menos teria feito alguma coisa a favor de meu pai.

- Sebastião - acudiu Gilberto aproximando-se também, e apoiando a cabeça do filho de encontro ao coração - podes ainda fazer mais por teu pai do que combatendo por ele; podes escutar os seus conselhos, segui-los, e tornar-te um homem distinto, e até célebre.

- Como meu pai - disse o mancebo com orgulho. - Oh! É exactamente o que desejo.

- Sebastião - continuou o doutor - agora que já abraçaste Billot e Pitou, teus bons amigos, queres vir conversar algum tempo comigo no jardim?

- Com todo o gosto, meu pai. Duas ou três vezes em minha vida, tenho podido estar só consigo, e esses momentos estão, por todos os motivos, presentes sempre na minha memória.

- O Sr. abade dá licença? - perguntou Gilberto.

- Essa é boa! - disse o abade.

- Billot e Pitou, meus amigos, têm talvez precisão de comer alguma coisa?

- Efectivamente - disse Billot; - desde esta manhã que não como, e creio que a Pitou acontece outro tanto.

- Perdão - observou este - eu comi, pouco mais ou menos, um merendeiro com dois ou três salsichões, um momento antes de o tirar da água! Mas um banho sempre abre o apetite.

- Pois então, venham ao refeitório - disse o abade Bérardier; - lá se lhes dará de jantar.

- Oh! Oh!... - exclamou Pitou.

- Teme talvez que lhe dêem o passadio do colégio? - acudiu o abade. - Tranquilize-se; tratá-lo-ão como convidado. Além de que, parece-me - continuou o abade - que não é só o estômago que tem em mau estado, meu caro Sr. Pitou.

Pitou lançou sobre si um olhar de pudor.

- E que se lhe oferecer um barrete e uma vestia ao mesmo tempo que o jantar...

- Aceito sem a menor dúvida, Sr. abade - disse ele.

- Pois então, venha, tudo está ao seu dispor.

E conduziu Billot e Pitou por um lado, ao passo que, fazendo-lhe sinal com a mão, Gilberto e o filho se afastavam pelo outro.

Os dois atravessaram o pátio destinado ao recreio, e chegaram a um pequeno jardim, que era para passeio dos professores, lugar fresco e sombrio, para onde o venerando abade Bérardier ia ler Tácito e Juvenal.

Gilberto assentou-se num banco de madeira, que estava à sombra de clematites e briónias; depois, chamando Sebastião para junto de si, e afastando-lhe com a mão os longos cabelos, disse:

- Meu filho, eis-nos finalmente reunidos.

Sebastião ergueu os olhos para o céu.

- Por um milagre de Deus, sim, meu pai.

Gilberto sorriu.

- Se há algum milagre - disse Gilberto - foi o valente povo de Paris que o praticou.

- Meu pai - respondeu o mancebo - não separe Deus do que acaba de se passar, porque eu, quando o vi, instintivamente, foi a Deus que agradeçi.

- E Billot?

- Billot está depois de Deus, assim como a clavina está depois dele.

Gilberto reflectiu.

- Tens razão - disse ele. - Deus é motor de todas as coisas. Mas tratemos agora de ti, e conversemos um pouco, antes de nos separarmos de novo.

- Pois ainda nos tornaremos a separar?

- Não há-de ser por muito tempo, segundo julgo. Mas uma caixinha, que continha papéis de importância, desapareceu de casa de Billot na mesma ocasião que me encerraram na Bastilha; importa, pois, que eu saiba quem foi que me mandou prender, e quem roubou a caixa.

- Está bom, meu pai: para o tornar a ver, esperarei que as suas indagações estejam terminadas.

E o mancebo soltou um suspiro.

- Estás triste, Sebastião? - perguntou o doutor.

- Estou.

- Por quê?

- Não sei; parece-me que a vida não é para mim como para os outros rapazes.

- Que dizes, Sebastião?

- A verdade.

- Explica-te.

- Todos têm distrações e prazeres, e eu não os tenho.

- Pois tu não tens distrações nem prazeres?

- Quero dizer, meu pai, que não encontro divertimento nos brinquedos da minha idade.

- Toma cuidado, Sebastião; lamento bastante que tenhas um tal carácter, Sebastião, os espíritos que prometem um futuro brilhante são como os bons frutos enquanto crescem; têm amargor, ácido e verdor antes de consolar o paladar com o sabor que lhes é próprio quando estão maduros. Acredita que é bom ser rapaz, meu filho.

- Se não sou alegre, a culpa não é minha - respondeu o mancebo com um sorriso melancólico.

Gilberto, tomando as mãos do filho entre as suas, e cravando os seus nos olhos dele, continuou:

- A tua idade, meu amigo, é de semear: nada daquilo que o estudo tem despontado em ti deve por ora aparecer. Aos catorze anos, Sebastião, a gravidade procede de orgulho ou de doença. Perguntei-te se estavas bom de saúde, respondeste-me que sim; agora vou perguntar-te se és orgulhoso, trata pois de me responder que não.

- Meu pai - respondeu o mancebo - tranquilize-se. O que me entristece, não é nem a doença nem tão-pouco o orgulho, é um desgosto.

- Um desgosto! Pobre rapaz!... Qual é o desgosto que te atribula, dize?

- Não, meu pai, não; hei-de dizer-lho, mas há-de ser mais tarde. Disse-me que só se demoraria um quarto de hora, por conseguinte falemos de outro objecto, e não das minhas loucuras.

- Não, Sebastião; retirar-me-ia inquieto, se não me declarasses o motivo dos teus pesares.

- Em verdade, meu pai, não me atrevo a dizer-lho.

- Que temes tu?

- Temo passar a seus olhos por um visionário, ou talvez de lhe falar em coisas que o aflijam.

- Guardando o teu segredo, ainda mais me afligirias, meu filho.

- Bem sabe que nunca tive segredos para meu pai.

- Então fala.

- Não me atrevo.

- Sebastião, tu que tens a pretensão de ser já um homem...

- É justamente por isso.

- Então, ânimo.

- Pois bem, meu pai, é um sonho.
- Um sonho que te atribula?
- Sim e não; porque quando tenho este sonho não me sinto aflito, mas sim como que transportado a um outro mundo.
- Explica-te.
- Sempre, desde criança, tenho tido destas visões. Bem sabe que duas ou três vezes me tenho perdido nos grandes bosques, que circundam a aldeia em que fui criado.
- Assim mo têm dito.
- Pois bem, numa dessas ocasiões segui uma coisa como um fantasma.
- Que dizes?... - perguntou Gilberto olhando para seu filho com pasmo, que semelhava o terror.

- Sossegue, meu pai; eis o que aconteceu. Brincava como as mais crianças na aldeia, e enquanto eu estava ali, ou tinha alguns rapazes ao pé de mim, não via nunca outra coisa; mas se me afastava deles, se saía dos últimos jardins, sentia então perto de mim como o roçar de um vestido; estendia os braços para o agarrar, mas abraçava o ar. Porém, à medida que este rumor aumentava, o fantasma tornava-se visível. Era um vapor ao começo transparente como uma nuvem; depois tornava-se espesso e tomava a forma de uma mulher, que antes resvalava do que caminhava, e que se tornava tanto mais visível quanto mais se embrenhava nos lugares mais sombrios da floresta.

“Então um poder desconhecido, estranho, irresistível, me arrastava após os seus passos. Perseguiu-a com os braços estendidos e mudo como ela. Por muitas vezes intentei chamá-la e nunca a minha voz pôde formar um som, e perseguiu-a assim sem que ela parasse, sem que a pudesse alcançar, até que por fim o prodígio que me anunciava a sua presença me assinalava também a sua partida. Então aquela mulher desfazia-se a pouco e pouco; a matéria convertia-se em vapor, o vapor volatilizava-se, e tudo desaparecia por fim. E eu, cansado e esbaforido, caía no mesmo sítio onde ela tinha desaparecido. Era aí que Pitou me encontrava algumas vezes no mesmo dia, outras vezes no dia seguinte.”

Gilberto continuou a olhar para o filho com visíveis sinais de inquietação. Tendo a mão fixa no pulso de Sebastião, este percebeu o sentimento que agitava o doutor.

- Oh! Não se inquiete, meu pai, bem sei que não há nada de real em tudo isto; sei que é uma visão, e nada mais.

- Que aspecto tem essa mulher? - perguntou o doutor.
- Oh! Majestoso como o de uma rainha.
- E já lhe viste o rosto algumas vezes, meu filho?
- Já.
- Quando? - perguntou o doutor estremecendo.
- Quando estive aqui só - respondeu o mancebo.
- Mas em Paris não tens a floresta de Villers-Cotterets, nem as grandes árvores fazendo uma sombria e misteriosa abóbada de verdura. Em Paris não tens tão-pouco o silêncio, a solidão, esse elemento dos fantasmas.

- Tenho, sim, meu pai, tenho tudo isso.
- Onde?
- Aqui.
- Como aqui? Este jardim não é reservado para os professores?
- É, sim, meu pai, mas duas ou três vezes me tem parecido ver a mesma mulher resvalar pelo pátio do jardim. Todas as vezes que isto tem acontecido, tentei segui-la, mas a porta, sempre fechada, não mo permitiu. Um dia, que o abade Bérardier, em extremo satisfeito por um tema feito por mim, me perguntou o que desejaria, pedi-lhe que me deixasse ir passear algumas vezes com ele ao jardim, o que me foi concedido. Efectivamente, vim, e aqui, neste mesmo sítio, a visão tornou a aparecer!

Gilberto estremeceu, e disse consigo:

- Estranha alucinação, mas muito possível numa natureza nervosa como a sua.

Depois, dirigindo-se ao filho:

- E viste-lhe o rosto?

- Vi, sim, meu pai.

- Recordas-te dele?

- Recordo.

- E estendeste a mão a essa visão?

- Estendi, e foi então que ela desapareceu.

- E segundo o teu parecer, meu filho, quem é essa mulher?

- Parece-me que é minha mãe.

- Tua mãe! - exclamou Gilberto empalidecendo.

E levou a mão ao coração, como para estancar o sangue de uma dolorosa ferida que nele houvesse.

- Isso é um sonho - apressou-se a dizer - e eu sou quase tão louco como tu.

O mancebo calou-se, ergueu para seu pai um olhar pensativo.

- E que dizes a isso? - continuou o doutor.

- Que é possível que seja um sonho, mas sei também que a realidade do meu sonho existe.

- Que dizes?

- Digo que nas últimas festividades da Páscoa, levaram-nos de passeio aos bosques de Satory, junto de Versalhes, e lá, enquanto estava distraído...

- Apareceu-te a mesma visão?

- Apareceu, mas desta vez foi numa carruagem tirada por quatro magníficos cavalos. Nessa ocasião era bem real, bem radiante e viva, e não desfaleci.

- Por quê?

- Não sei.

- Dessa nova aparição que impressão te ficou?

- Que não era minha mãe que eu via aparecer-me em sonhos, pois que aquela mulher era a mesma da minha aparição, e que minha mãe morrerá.

Gilberto ergueu-se e passou a mão pela testa. Estranha perturbação se apoderou dele.

O mancebo notou essa perturbação e atemorizou-se ao ver a palidez do pai.

- Ah! - disse ele - vê, meu pai, fiz mal em lhe contar todas estas loucuras.

- Não, meu filho, não; pelo contrário - disse o doutor; - fala-me disso muitas vezes, todas as vezes que me vires, e assim trataremos de te curar.

Sebastião abanou a cabeça.

- Curar-me, e para quê? Habituei-me a este sonho, que se tornou uma parte da minha vida. Amo essa visão, posto que ela me fuja, e que por vezes me pareça repelir-me. Não me cure, pois, meu pai. Pode deixar-me outra vez, pode viajar, ou voltar à América, que eu com esta visão não fico de todo só.

- Enfim... - murmurou o doutor.

E apertando Sebastião contra o peito, continuou:

- Até à vista, meu filho; espero que não nos tornaremos a separar; porque, se eu partir, tratarei de arranjar as coisas de modo que possas ir comigo.

- Minha mãe é bela? - perguntou o mancebo.

- Oh! É linda - respondeu o doutor com uma voz abalada.

- E ama-o tanto como eu?

- Sebastião! Sebastião! Não me fales nunca de tua mãe! - exclamou o doutor.

E aplicando uma última vez os lábios sobre a fronte do mancebo, saiu do jardim.

Em vez de o seguir, Sebastião ficou triste e acabrunhado sobre o banco.

Gilberto encontrou no pátio Billot e Pitou perfeitamente restaurados de forças, e narrando ao abade Bérardier os pormenores da tomada da Bastilha.

Fez ao reitor nova recomendação a respeito do filho, e subiu para o carro com os dois companheiros.

XXI

A senhora de Stael

Gilberto, quando se assentou no carrinho ao lado de Billot e em frente de Pitou, estava pálido e via-se correr-lhe o suor da fronte.

Não era para o carácter daquele homem o persistir curvado ao poder de uma comoção qualquer. Movia-se no carrinho, e levava as mãos à cabeça, como se quisesse comprimir os pensamentos, e, depois de um instante de imobilidade, afastou as mãos, e em lugar do semblante atribulado, mostrou uma fisionomia completamente serena.

- Dizia, então, meu caro Billot - disse ele por fim - que o rei dera a demissão ao barão de Necker?

- Deu, sim, Sr. doutor.

- E que os tumultos de Paris provêm em parte dessa desgraça?

- Não padece dúvida.

- E disse também que o Sr. de Necker partira imediatamente para Bruxelas?

- Recebeu a carta quando estava a jantar, uma hora depois partiu a caminho de Bruxelas.

- Onde reside agora, não?

- Assim o creio.

- Não ouviu dizer que parasse no caminho?

- Ouvi; parou em Saint-Ouen, para dizer adeus à filha, a Sr^a. baronesa de Stael.

- E a Sr^a. de Stael iria também com ele?

- Ouvi dizer que ele tinha ido só com a mulher.

- Cocheiro - disse Gilberto - pára ao pé do primeiro alfaiate que encontrares.

- Quer mudar de fato? - disse Billot.

- Quero. Cheiro muito às paredes da Bastilha, e não quero ir visitar, vestido desta maneira, a filha de um ministro caído em desagrado. Procure nas suas algibeiras, e veja se encontra alguns luíses.

- Oh! Oh! - disse o lavrador - parece que deixou a bolsa na Bastilha.

- Era do regulamento - disse sorrindo Gilberto; - todos os objectos de valor ficavam depositados no cartório.

- E lá ficavam para sempre - respondeu o lavrador.

Depois, abrindo a mão, que continha uns vinte luíses, acrescentou:

- Aí tem, doutor.

Gilberto pegou em dez luíses. Momentos depois, o carrinho parava diante de uma loja de algibebe.

Era então ainda o uso.

Gilberto mudou o fato coçado pelas paredes da Bastilha por outro preto, muito decente, e tal como usavam então os representantes do povo na assembléia nacional.

Um chapeleiro e um sapateiro completaram o vestuário do doutor.

O cocheiro conduziu-o a Saint-Ouen pelos bulevares exteriores, que iam dar por detrás do parque de Monceaux.

Gilberto desceu diante da casa do Sr. de Necker, em Saint-Ouen, no momento em que davam sete horas da tarde no relógio da catedral de Dagoberto.

Em volta desta casa, ainda há pouco tão procurada e tão freqüentada, reinava profundo silêncio, que só foi alterado pela chegada do carrinho de Gilberto.

Todavia, aquilo nada tinha da melancolia dos castelos abandonados, nem da tristeza das casas fulminadas pela desgraça.

As grades fechadas, e os terraços desertos anunciavam a ausência dos donos da casa, mas nenhum traço se via de dor ou de precipitação.

Além de que, numa das partes do castelo, do lado de oeste, estavam as persianas abertas, e assim que Gilberto se dirigiu para ali, um laçao com a libré do Sr. de Necker dirigiu-se para ele.

Então teve lugar, através da grade, o diálogo seguinte:

- O Sr. de Necker está em casa?

- Não senhor; partiu no sábado para Bruxelas.

- E a Sr^a. baronesa?

- Foi com o senhor.

- Mas a Sr^a. de Stael?

- A Sr^a. de Stael ficou aqui, mas não sei se pode receber, porque é a hora do seu passeio.

- Vá saber onde está, e anuncie-lhe o Dr. Gilberto.

- Vou saber se a senhora está ou não nos seus quartos. Se estiver, pode ficar certo de que o receberá, mas se andar passeando, então tenho ordem de não a perturbar.

- Está bem; vá ver.

O laçao abriu a grade e Gilberto entrou.

Ao fechar a grade, o laçao deitou um olhar inquisitorial para o trem que conduzira o doutor, e para as estranhas figuras dos seus companheiros.

Depois partiu abanando a cabeça como um homem, cuja inteligência é acanhada, mas que desafia qualquer outro a que perceba aquilo que parece obscuro. Gilberto ficou esperando.

Passados cinco minutos, tornou a aparecer o laçao.

- A Sr^a. baronesa anda a passear - disse ele.

E inclinou-se como para despedir Gilberto.

O doutor não se deu por satisfeito.

- Olhe - disse ele ao laçao - Peço-lhe que infrinja por um pouco os seus deveres, e vá dizer à Sr^a. Baronesa que sou um amigo do Sr. marquês de Lafayette.

Um luís passado para a mão do criado acabou de vencer os escrúpulos, que o nome que acabara de pronunciar o doutor tinha já quase desfeito.

- Entre, senhor - disse o laçao.

Gilberto seguiu-o; mas em vez de o fazer entrar em casa, o criado conduziu-o ao parque.

- Este é o sítio predilecto por onde costuma passear a Sr^a. baronesa - disse o criado indicando a Gilberto a entrada de uma espécie de labirinto. - Espere um momento aqui.

Teriam decorrido dez minutos quando se ouviu um ruído entre a folhagem, e uma mulher de vinte e três para vinte e quatro anos, alta, de formas mais nobres que graciosas, apareceu aos olhos de Gilberto.

Pareceu ficar surpreendida ao ver um homem ainda tão moço, quando por certo esperava encontrar sujeito de mais idade.

Gilberto era efectivamente um homem verdadeiramente notável para não atrair a atenção, no primeiro relance de olhos, de uma observadora da força da Sr^a. de Stael.

Poucos homens tinham o rosto formado de linhas tão correctas; e estas haviam tomado, pelo exercício de uma vontade omnipotente, um carácter de extraordinária inflexibilidade. Os olhos belos e pretos, sempre tão expansivos, encovados e fortalecidos pelo trabalho e pelo sofrimento, tinham perdido a inquietação, que é um dos encantos da mocidade.

Uma ruga, profunda e graciosa ao mesmo tempo, lhe sulcava nos cantos dos lábios delgados essa cavidade misteriosa, na qual os fisionomistas colocam a sede da circunspecção. Parecia que o tempo unicamente e uma velhice prematura tinham dado a Gilberto esta qualidade, que a Natureza não lhe concedera.

Na fronte espaçosa e bem desenvolvida, ligeiramente inclinada, assentavam os belos cabelos pretos, que desde longo tempo os pós tinham deixado de embranquecer; encerrava simultaneamente a ciência e o pensamento, o estudo e a imaginação. Em Gilberto, assim como no seu mestre Rousseau, a saliência dos sobrolhos derramava-lhe uma sombra espessa sobre os

olhos, onde fuzilava o ponto luminoso que revela a vida.

Gilberto, apesar do seu fato modesto, apresentou-se aos olhos da futura autora de *Corinna* debaixo de um aspecto notavelmente belo e distinto, distinção que se completava pelas mãos compridas e brancas, pelos pés delicados e pelas pernas finas e nervosas.

A Sr.^a. de Stael demorou-se alguns momentos a examinar Gilberto.

Gilberto empregou o tempo num cumprimento lacônico e que recordava um pouco a civilidade modesta dos *quakers* da América, os quais não concedem às mulheres senão a fraternidade que tranqüiliza, em vez do respeito que sorri.

Depois, com um olhar rápido também, analisou o todo daquela senhora, já célebre, e cujas feições inteligentes e cheias de expressão eram falhas inteiramente de encanto: cabeça de rapaz insignificante e trivial, mais depressa do que cabeça de mulher sobre um corpo cheio de voluptuosa sensualidade.

Tinha na mão um ramo de romeira, do qual, levada pela distração, se entretinha a mastigar as flores.

- É o Sr. Dr. Gilberto?

- Sim, minha senhora.

- Tão novo ainda e já adquiriu tão grande reputação, ou porventura essa reputação pertence a seu pai ou algum parente mais idoso que o senhor?

- Não conheço outro Gilberto senão eu, minha senhora. E se com efeito existe, como diz, alguma reputação ligada a este nome, tenho todo o direito a reivindicá-la.

- Serviu-se do nome do marquês de Lafayette para me falar; efectivamente o marquês falou-me do senhor e da sua ciência inexaurível.

Gilberto inclinou-se.

- Ciência tanto mais notável, e tanto mais cheia de interesse sobretudo - continuou a baronesa quanto parece que o senhor longe de ser um clínico vulgar ou um prático como os outros, tem sondado todos os mistérios da ciência da vida.

- O Sr. marquês de Lafayette ter-lhe-ia dito, segundo vejo, que eu era quase feiticeiro - replicou Gilberto sorrindo - e se lho disse, reconheço-lhe bastante espírito para lho ter provado, se quisesse.

- Efectivamente, falou-me de curas maravilhosas, que o senhor fez tanto no campo de batalha, como nos hospitais americanos, em indivíduos desesperados já de salvação; disse-me que os dominava de uma morte factícia tão semelhante à morte real, que por vezes chegava a iludir.

- Essa morte factícia, minha senhora, é o resultado de uma ciência desconhecida, confiada hoje unicamente a alguns adeptos, mas que há-de tornar-se vulgar.

- Fala do mesmerismo, não é verdade? - perguntou a Sr.^a. de Stael sorrindo.

- Sim, minha senhora.

- Tomaria porventura lições do próprio mestre?

- Mesmer, minha senhora, o próprio Mesmer não era senão um discípulo. O mesmerismo, ou antes o magnetismo, era uma ciência conhecida dos Egípcios e dos Gregos. Perdera-se no oceano da idade média. Shakespeare adivinhou-a no *Macbeth*. Urbano Grandier encontrou-a, e morreu por a ter encontrado. Mas o mestre supremo, o meu mestre, foi o conde de Cagliostro.

- Um charlatão! - disse a Sr.^a. de Stael.

- Minha senhora, não julgue como os contemporâneos, julgue antes como a posteridade. A esse charlatão devo a minha ciência, e talvez o mundo lhe deva a sua liberdade.

- Seja assim - disse a Sr.^a. de Stael, sorrindo. Falo sem saber, e o senhor fala com conhecimento de causa. É natural que tenha razão e que eu erre... Mas tratemos de si. Por que se conservou tanto tempo ausente de França? Por que não veio tomar o seu lugar entre os Lavoisier, os Cabanis, os Condorcet, os Bailly e os Louis?

A este último nome Gilberto corou imperceptivelmente.

- Tinha ainda muito que estudar, minha senhora, para me colocar, assim de relance, entre

os mestres.

- Enfim, até que chegou, mas chegou numa má ocasião para nós; meu pai, que muito folgará, estou certa, de lhe ser prestável, está fora da graça e ausentou-se há três dias.

Gilberto sorriu.

- Sr^a. baronesa - disse ele inclinando-se levemente - há seis dias que por ordem do barão de Necker fui encerrado na Bastilha.

A Sr^a. de Stael desta vez também corou.

- Em verdade, surpreende-me. O senhor na Bastilha?

- Eu mesmo, minha senhora.

- E que fez para isso?

- Só as pessoas que me mandaram prender poderão dizê-lo.

- Mas afinal saiu?

- Porque já não há Bastilha.

- Como! Já não há Bastilha? - soltou Stael admirada.

- Não ouviu tiros de artilharia?

- Sim; mas tiros de artilharia são tiros de artilharia e nada mais.

- Mas, permita-me que lhe diga, minha senhora, que me parece impossível que a Sr^a. de Stael, filha do Sr. de Necker, ignore ainda que a Bastilha foi tomada pelo povo.

- Asseguro-lhe, senhor - respondeu enleada - que sou estranha a todos os acontecimentos, e desde a partida de meu pai, não me ocupo senão em deplorar a sua ausência.

- Minha senhora - disse Gilberto abanando a cabeça - os correios do Estado estão tão habituados ao caminho do castelo de Saint-Ouen, que parece impossível que não tenha aqui chegado um pelo menos, quando há já quatro horas que a Bastilha capitulou.

A baronesa viu que lhe era impossível responder sem mentir positivamente. A mentira repugnava-lhe, e por isso mudou de conversação.

- A que devo, pois, a honra da sua visita?

- Desejava ter a honra de falar ao Sr. de Necker.

- Mas já sabe que não está em França!

- Minha senhora, parece-me de tal sorte extraordinário que o Sr. de Necker se tenha ausentado e de tal maneira impolítico, que não tenha observado os acontecimentos...

- Que...

- Que eu contava com a Sr^a. baronesa, confesso-o sinceramente, para me indicar o lugar onde o poderei encontrar.

- Encontrá-lo-á em Bruxelas.

Gilberto fitou na baronesa um olhar escrutador.

- Obrigado, minha senhora - disse ele inclinando-se - vou, pois, partir para Bruxelas, porque tenho que dizer coisas de alta importância ao Sr. de Necker.

A Sr^a. de Stael fez um movimento de hesitação, depois replicou:

- Felizmente conheço-o - disse ela - e sei que é um homem sério, porque essas coisas tão importantes perderiam bastante do seu valor noutra boca... Que poderá haver de importante para meu pai depois da desgraça, depois do passado?

- Há o futuro, minha senhora. E talvez que eu não deva ser de todo sem influência no futuro. Mas tudo isto é inútil. O que é importante para mim e para ele é que eu o veja... A Sr^a. baronesa diz que está em Bruxelas?

- Sim, senhor

- Dedicarei vinte horas para fazer a viagem. A Sr^a. baronesa sabe o que são vinte horas em tempo de revolução, e quantos anos se podem passar em tal espaço? Oh! Que imprudência cometeu o Sr. de Necker, minha senhora, em pôr vinte horas entre ele e os acontecimentos, entre a mão e o alvo!

- Em verdade, senhor, atemoriza-me - disse a Sr^a. de Stael - e começo a crer que efectivamente meu pai cometeu uma imprudência.

- Mas que quer, minha senhora, se as coisas são assim, não é verdade? Só tenho a pedir-lhe as minhas humildes desculpas pelo incómodo que lhe causei. Adeus, minha senhora.

Nisto a baronesa deteve-o.

- Digo-lhe, senhor, que me atemoriza - replicou ela; - tem que me explicar tudo isso; diga-me alguma coisa que me tranqüilize.

- Ah! Minha senhora - respondeu Gilberto - tenho neste momento tantos interesses pessoais sobre que velar, que me é absolutamente impossível pensar nos outros. Nisto vai a minha vida e a minha honra, como também iria a vida e a honra do Sr. de Necker, se ele pudesse ter aproveitado de pronto as palavras que eu lhe poderei dizer daqui a vinte horas.

- Senhor, permita-me que me lembre de uma coisa, de que me esqueci por muito tempo, é que semelhantes questões não devem tratar-se à luz do dia, num parque, ao alcance de todos os que quiserem ouvir.

- Minha senhora - disse Gilberto - estou em sua casa, e permita-me que lhe diga que foi a Sr^a. Baronesa mesma que escolheu o lugar onde nos achamos. Que quer pois? Estou às suas ordens.

- Que faça o obséquio de terminar esta conversação no meu gabinete.

- Ah! Ah! - disse Gilberto consigo - se não temesse enleá-la, perguntava-lhe se o seu gabinete era em Bruxelas.

Mas sem nada perguntar, contentou-se em seguir a baronesa, que se pôs a andar apressadamente para o lado do castelo.

Ante a fachada da casa encontraram o mesmo lacaio que recebera Gilberto. A Sr^a. de Stael fez-lhe um aceno, ela própria abriu as portas e conduziu Gilberto ao seu gabinete, encantador retiro, mais masculino no todo do que feminino, e cuja segunda porta e as duas janelas davam para um pequeno jardim, inacessível não só às pessoas estranhas, mas até às suas próprias visitas.

Tendo chegado ali, a Sr^a. de Stael fechou a porta e voltando-se para Gilberto, disse:

- Senhor, em nome da humanidade, rogo-lhe que me diga qual é o segredo útil a meu pai que o trouxe a Saint-Ouen?

- Minha senhora - disse Gilberto - se seu pai pudesse ouvir-me aqui, se pudesse saber que eu sou o homem que enviou ao rei as memórias secretas intituladas: *Sobre o estado das idéias e do progresso*, estou certo de que o Sr. barão de Necker apareceria de repente e me diria: “Dr. Gilberto, que pretende de mim?”

Gilberto tinha apenas acabado de proferir estas palavras, quando uma porta oculta num painel pintado por Vanloo se abriu sem bulha, e o barão de Necker apareceu sorrindo, sobre o patim de uma pequena escada em espiral, no alto da qual se via bruxulear a luz de uma lâmpada.

Então a baronesa de Stael fez uma cortesia a Gilberto e abraçando o pai, tomou o caminho que acabara de percorrer, e subiu a escada, fechou o painel e desapareceu.

Necker adiantou-se para Gilberto, e estendeu-lhe a mão, dizendo:

- Eis-me aqui, senhor Gilberto; queira dizer o que pretende de mim?

Ambos tomaram assento.

- Sr. barão - disse Gilberto - acaba de ouvir um segredo que revela todas as minhas idéias. Fui eu que há quatro anos fiz prevenir o rei, por uma Memória, acerca da situação geral da Europa, assim como lhe enviei depois, dos Estados Unidos, diferentes Memórias, que ele recebeu, relativas a todas as questões de conciliação e de administração, que se têm levantado em França.

- Memórias de que Sua Majestade - respondeu o Sr. de Necker inclinando-se - nunca me falou sem muita admiração e profundo terror.

- Sim, porque diziam a verdade. Não era porque a verdade fosse então terrível de ouvir, mas porque hoje, que se tornou um facto, é mais terrível de ver.

- É incontestável, senhor - respondeu Necker.

- O rei participou-lhe que tinha recebido essas memórias? - perguntou Gilberto.

- Nem todas; falou-me de duas unicamente: uma sobre as finanças, e nela era o senhor do meu parecer, posto que com pequenas diferenças; mas apesar disso, fazia-me muita honra.

- Isso não é tudo: havia uma em que lhe anunciava todos os acontecimentos materiais que têm ocorrido.

- Ah!

- Sim.

- E que acontecimentos eram?

- Dois dentre outros: um era a obrigação em que o rei se veria de o despedir, em presença de certos compromissos contraídos.

- Vaticinou-lhe a minha queda?

- Exactamente.

- Eis o primeiro acontecimento; qual era o segundo?

- A tomada da Bastilha.

- Vaticinou-lhe a tomada da Bastilha?

- Sr. barão, a Bastilha era mais do que a prisão da realeza, era o símbolo da tirania. A liberdade começou por destruir o símbolo, a revolução fará o resto.

- Tem já calculado bem a gravidade das palavras que diz, senhor?

- Por certo.

- E não teme levar tão alto semelhante teoria?

- Temer! O quê?

- Que lhe aconteça alguma desgraça.

- Sr. de Necker - disse Gilberto sorrindo - quando se sai da Bastilha não se tem medo de coisa nenhuma.

- Quê! O senhor saiu da Bastilha?

- Hoje mesmo.

- Por que estava na Bastilha?

- Sou eu que lho pergunto.

- A mim?

- Decerto.

- Por que o pergunta a mim?

- Porque foi o senhor que lá me mandou encerrar.

- Eu é que o mandei lá encerrar?

- Há seis dias: a data, como vê, não é muito antiga, e deve lembrar-se.

- É impossível.

- Reconhece a sua assinatura?

E Gilberto mostrou ao ex-ministro o registro da Bastilha e o mandado de prisão que se lhe achava junto.

- É verdade, não há dúvida, aí está o mandado de prisão. O Sr. sabe que eu assinava disso o menos possível e que assim mesmo esse menos possível chegava a quatro mil por ano. Além de que, agora me recordo de que na ocasião da minha partida me fizeram assinar alguns em branco. O seu, com grande pesar meu, há-de ser um desses.

- Isso quer dizer que não devo atribuir-lhe por maneira alguma a minha prisão?

- É verdade.

- Mas enfim, Sr. barão - disse Gilberto sorrindo - o senhor compreende a minha curiosidade: é necessário que eu saiba a quem devo o meu cativo; o senhor é assaz bom para que mo oculte.

- Oh! Nada mais fácil. Nunca deixei, por precaução, as minhas cartas no ministério, e todas as noites as trazia para aqui. As deste mês estão na gaveta deste bufete: procuremos no maço a letra G.

Necker abriu a gaveta e folheou um maço enorme, que poderia conter quinhentas ou seiscentas cartas.

- Não guardo senão as cartas - disse o ex-ministro - que possam servir para pôr a coberto a minha responsabilidade. Uma prisão que mandava fazer era um inimigo que eu criava. Devia portanto pôr-me em defesa do golpe; o contrário admirar-me-ia bastante. Vejamos a letra G... G, é esta. Sim, Gilberto. A coisa proveio da casa da rainha, meu caro senhor.

-Ah! Ah! Da casa da rainha?

- Sim, pedem um mandado de prisão contra o nome de Gilberto. Nada de profissão, olhos pretos e cabelos da mesma cor; segue o resto da descrição, vinda do Havre para Paris, e é tudo o que há. Então este Gilberto era o senhor?

- Era eu. Pode confiar-me a carta?

- Não, mas posso dizer-lhe por quem é assinada.

- Diga.

- Pela condessa de Charny.

- Pela condessa de Charny? - repetiu Gilberto; - não a conheço nem nunca lhe fiz nada.

E ergueu pausadamente a cabeça como para procurar na sua memória.

- Há aqui uma pequena apostila sem assinatura, mas é letra minha conhecida. Veja.

Gilberto inclinou-se, e leu na margem da carta:

“Faça sem delonga o que lhe manda pedir a condessa de Charny.”

- É singular - disse Gilberto - a rainha... Percebo, isto é talvez devido ao que disse dela e dos Polignac na minha memória. Mas essa Sr^a. de Charny...

- Não a conhece?

- É de certo nome que figura aqui de empréstimo. Afinal, não admira que as notabilidades de Versalhes sejam para mim desconhecidas. Há quinze anos que estou ausente de França, nunca aqui voltei senão duas vezes, e da segunda vez, haverá uns quatro anos que saí. Quem é pois essa condessa de Charny, Sr. barão?

- A amiga e confidente, a íntima da rainha, mulher excessivamente adorada do conde de Charny; uma beleza e uma virtude ao mesmo tempo; um prodígio enfim.

- Pois sinto muito, mas a verdade é que eu não conheço esse prodígio.

- Se assim é, meu caro doutor, estou certo de que é vítima de alguma intriga política. Não me falou já no conde de Cagliostro?

- Falei.

- Conheceu-o?

- Foi meu amigo; mais que meu amigo, meu mestre, meu salvador.

- Pois bem, a Áustria, ou a Santa Sé terão exigido a sua encarceração. Escreveu alguns livros?

- Escrevi, sim, senhor.

- Pois todas essas pequenas vinganças tendem para a rainha como a agulha para o pólo e o ferro o íman. Conspiraram contra o senhor, e fizeram-no seguir. A rainha encarregou a Sr^a. de Charny de assinar a carta, a fim de afastar as suspeitas: aqui tem o mistério esclarecido.

Gilberto reflectiu por alguns momentos.

Este instante de reflexão trouxe-lhe à memória a caixa roubada de casa de Billot, em Pisseleux, e com a qual nem a rainha, nem a Áustria, nem a Santa Sé tinham que ver. Esta lembrança colocou-o em bom caminho

- Não - disse ele - não é nada disso, não pode ser tal; mas não importa, passemos a outras coisas.

- A quais?

- Tratemos do Sr. barão.

- De mim? Que tem a dizer-me?

- O que sabe melhor do que ninguém, e é que antes de três dias vai ser reintegrado nas suas funções, e que então governará a França tão despoticamente quanto quiser.

- Acredita isso? - disse Necker sorrindo.

- E o senhor também, porque não está em Bruxelas.

- Muito bem; e o resultado qual será? – replicou Necker - porque é ao resultado que é necessário atender.

- Eu lho digo: o senhor é estimado dos Franceses e passará a ser adorado. A rainha está já cansada de o ver estimado, e o rei há-de cansar-se de o ver adorado: hão-de querer ganhar popularidade à sua custa, e o senhor não lho sofrerá. Então também o senhor se tornará impopular. O povo, meu caro Sr. de Necker, é um leão esfaimado, que não lambe senão a mão que lhe dá de comer, seja ela de quem for.

- E depois?

- Depois cairá no esquecimento.

- Eu! No esquecimento?

- Oh! Com certeza.

- Que me fará cair no esquecimento?

- Os acontecimentos.

- À fé de minha palavra de honra que o senhor fala como um profeta.

- É porque tenho a desgraça de o ser nalgumas coisas.

- Vejamos; que acontecerá?

- Oh! O que acontecerá não é difícil de predizer, porque o que há-de acontecer está em gérmen na Assembléia. Um partido surgirá, que dorme neste momento, ou antes que vela, mas oculta-se. Esse partido tem por chefe um príncípio, e por arma uma idéia.

- Compreendo: fala do partido orleanista?

- Não; desse diria que tem por chefe um homem e por arma a popularidade. Falo-lhe de um partido, cujo nome não tem sido sequer pronunciado, do partido republicano.

- Do partido republicano! Ah! Desse?...

- Não acredita nele?

- Quimera.

- Sim, quimera com goelas de fogo, que os devorará a todos.

- Pois bem, far-me-ei republicano, ou antes já o sou.

- Republicano de Genebra, perfeitamente.

- Mas parece-me que um republicano é sempre um republicano?

- Eis no que está o erro, Sr. barão. Entre nós, os nossos republicanos não se parecem com os republicanos dos outros países; os nossos republicanos terão de princípio os privilégios que devorar, depois a nobreza, depois a realza. O senhor partirá juntamente com os nossos republicanos, mas hão-de chegar sem o senhor, porque não quererá segui-los até onde hão-de seguir. Não, Sr. barão de Necker, engana-se, o Sr. não é republicano.

- Oh! Se o entende assim, então não sou; eu estimo o rei.

- E eu também - disse Gilberto; - e todos neste momento o estimam assim como nós. Se eu dissesse isto a um homem de espírito menos elevado que o seu, ou me odiaria, ou me injuriaria: mas acredite no que lhe digo, Sr. de Necker.

- Não quisera outra coisa melhor, se houvesse alguma probabilidade; mas...

- Conhece as sociedades secretas?

- Tenho ouvido falar muito nelas.

- E acredita nelas?

- Creio na sua existência, mas não creio na sua universalidade.

- É adepto de alguma?

- Não.

- É ao menos de alguma loja maçónica?

- Não.

- Pois bem, senhor ministro, sou eu.

- Adepto.

- Sim, de todas, Sr. ministro. Creio que é uma imensa rede, que envolve todos os tronos; é um punhal invisível, que ameaça todas as monarquias... Somos três milhões de irmãos pouco mais ou menos, espalhados por todos os países, e derramados por todas as classes da sociedade. Temos amigos entre o povo, entre a burguesia, e entre os próprios soberanos. Creia, Sr. de Necker, o príncipe, diante do qual se irritar, é talvez um adepto; tome cuidado. O criado que se inclina ante o senhor é talvez um adepto. A sua vida, a sua fortuna, e até a própria honra não lhe pertencem. Tudo isto é de uma potência invisível, contra a qual não poderá combater, porque não a conhece, e que pode perdê-lo ao senhor porque o conhece. Ora pois, estes três milhões de homens fizeram já a república americana, note bem; tentam fazer a república francesa, e depois tentarão fazer a república européia.

- Mas - disse o Sr. de Necker - a sua república dos Estados Unidos não atemoriza muito, e aceito de bom grado esse programa.

- Sim, mas da América a nós vai um abismo. A América é um país novo, sem preconceitos, sem privilégios, sem realeza, com um solo abençoado, terras fecundas e florestas virgens; a América está situada entre o mar que é um desembocadouro do seu comércio, e a solidão, que é recurso para a sua população, ao passo que a França... Veja o que não há que destruir em França, antes que nos assemelhemos à América!

- Mas finalmente, que conclui daí?

- Concluo o que é, infelizmente. Mas quisera que chegássemos a isso sem recuar, pondo o rei à testa do movimento.

- Como um estandarte?

- Não, como um escudo.

- Como um escudo? - retorquiu Necker sorrindo; - o senhor não conhece o rei, visto que lhe quer fazer representar semelhante papel.

- Não tem dúvida, sei tudo isso. Conheço-o e mais que conheço; é um homem tal como vi mil à testa dos pequenos distritos da América; um homem, sem majestade, sem resistência, sem iniciativa, mas que quer? Ainda que não seja senão tudo pelo título sagrado que tem, servirá ao menos de reduto contra esses homens de que acabo de lhe falar; e por mais fraco reduto que seja, estimá-lo-ão mais do que a ninguém. Lembra-me que em nossas guerras com as tribos selvagens passávamos noites inteiras atrás de um rosal; o inimigo do outro lado da ribeira e atirava sobre nós. Um rosal era bem pouca coisa, não é verdade? Pois bem, apesar disso, senhor, declaro-lhe, que o meu coração batia mais à vontade atrás daqueles ramos verdejantes, que uma bala cortava como fios, do que se eu estivesse em campo aberto. Já vê que o rei é o meu rosal; ele permite-me que veja o inimigo, mas obsta a que o inimigo me veja. Aí está a razão porque sendo republicano em Nova Iorque ou em Filadélfia, sou realista em França. Lá, o nosso ditador chamava-se Washington, aqui Deus sabe como se chamará, se punhal, se cadafalso.

- Vê as coisas cor de sangue, doutor?

- O senhor vê-las-ia da mesma cor, se se tivesse achado hoje como eu na praça de Grève.

- Sim, é verdade; disseram-me que houve carnificina?

- O povo é uma bela coisa, sim... Mas é quando ele é bom. Ó tempestades humanas! - exclamou Gilberto - quando ides adiante das tempestades do céu!

Necker tornou-se pensativo.

- Que não possa tê-lo perto de mim, doutor! - disse ele - servir-me-ia de conselheiro, em caso de necessidade.

- Perto do Sr. barão, não lhe seria tão útil, e sobretudo não seria útil à França, como no país aonde desejo ir.

- Aonde quer ir?

- Escute-me, Sr. barão. Perto do trono há um grande inimigo do rei; é a rainha. Pobre senhora! Ela esquece que é filha de Maria Teresa, ou só se lembra disso sob o ponto de vista do seu orgulho; crê salvar o rei, e deita a perder mais do que o rei; perde a realeza. Em vista disto, cumpre-nos amar o rei; nós que prezamos a pátria, cumpre que nos combinemos para se

neutralizar esse poder e aniquilar essa influência.

- Pois então, faça o que lhe digo, senhor, fique junto de mim e ajude-me.

- Se fico junto do senhor, não teremos senão um único e idêntico meio de acção: o senhor será eu e eu serei o senhor. Convém que nos separemos, senhor, e então teremos a força de um duplo peso.

- E no fim de tudo isso que alcançaremos?

- Retardar a catástrofe, talvez, mas nunca impedi-la; posto que eu responda pelo poderoso auxílio do marquês de Lafayette.

- Lafayette é republicano?

- Como pode Lafayette ser republicano? Se nos é indispensável passar absolutamente por baixo do nível da igualdade, escolhemos o dos grandes; eu estimo a igualdade que eleva e não a que humilha.

- E o senhor responde-nos por Lafayette?

- Se não exigir dele senão honra, coragem e dedicação, seguramente que respondo.

- Está bom; vejamos, fale; que deseja?

- Uma carta de introdução para Sua Majestade el-rei Luís XVI.

- Um homem da sua valia não carece de carta de introdução; apresenta-se por si.

- Não; convém-me ser tido por criatura sua: entra nos meus projectos ser apresentado pelo senhor.

- E qual é a sua ambição?

- Ser um dos médicos particulares de el-rei.

-Oh! Nada mais fácil. Mas a rainha?

- Estar perto de el-rei, é esse o meu intento.

- Mas não lhe parece que é um mau precedente para vir a ser médico de el-rei, ter estado encarcerado na Bastilha?

- Então farei com que el-rei tenha vontade própria.

- Vontade própria el-rei? Será mais que um homem se conseguir tal.

- Aquele que se propõe a dirigir o corpo não será nada se não conseguir um dia dirigir o espírito.

- Mas se ela o perseguir?

- Ao contrário, é uma grande recomendação. Não fui, segundo pensa, perseguido por crime de filosofia?

- Assim me parece.

- Pois então, el-rei reabilita-se e populariza-se tomando para seu médico um discípulo de Rousseau, um partidário das novas doutrinas, um preso saído da Bastilha. A primeira vez que lhe falar, pondere-lhe tudo isto.

- Não há dúvida que tem razão. Mas se conseguir estabelecer-se junto de el-rei, posso contar consigo?

- Completamente, não se afastando da linha política que adoptarmos.

- Que me promete?

- Preveni-lo no momento em que seja necessário retirar-se.

Necker olhou para Gilberto por alguns momentos; depois com voz alterada, disse:

- Efectivamente é o maior serviço que pode fazer um amigo zeloso a um ministro, porque é o último.

E assentou-se à mesa para escrever ao rei.

Durante esse tempo Gilberto relia a carta, dizendo:

- A condessa de Charny! Quem será essa Sr^a. Condessa de Charny?

- Aqui tem, senhor - disse Necker poucos momentos depois, apresentando a Gilberto o que acabava de escrever.

Gilberto pegou na carta.

Dizia assim:

“Senhor.

“Vossa Majestade deve ter necessidade de um homem de confiança com quem possa conversar a respeito dos seus negócios. O meu último mimo, o meu último serviço ao deixar o rei é a oferta que lhe faço do Dr. Gilberto. Direi, além disso a Vossa Majestade, ao apresentar-lhe o Dr. Gilberto, que não só é um dos médicos mais distintos que existe no mundo, mas que é o autor das *Memórias Administrativas e Políticas*, que tão vivamente interessaram a Vossa Majestade.

“Aos pés de Vossa Majestade

“*Barão de Necker.*”

Necker não pôs a data na carta e deu-a ao Dr. Gilberto selada com selo volante.

- E presentemente - ajuntou ele - estou em Bruxelas, não é verdade?

- Oh! Por certo, e mais que nunca. Amanhã de manhã saberá notícias minhas a respeito do resto.

O barão tocou em certo ponto da moldura do painel e a Sr^a. de Stael tornou a aparecer, com uma única diferença que desta vez, além do ramo de romeira, trazia na mão a obra do Dr. Gilberto.

Mostrou-lhe o título com uma espécie de galantaria lisonjeira.

Gilberto despediu-se do Sr. de Necker e beijou a mão da baronesa, que o conduziu até à saída do gabinete.

Gilberto dirigiu-se ao carrinho, onde Billot e Pitou dormiam nos bancos da frente, o cocheiro na almofada, e os cavalos, tendo-se apenas nas pernas trémulas de cansaço e sono, também dormiam em pé.

XXII

Luís XVI

A conferência de Gilberto, da Sr^a. de Stael e do de Necker durara cerca de hora e meia. Gilberto entrou de novo em Paris às nove horas e um quarto, e mandou que o conduzissem directamente à posta, onde alugou cavalos e uma carruagem; e enquanto Billot e Pitou descansavam das suas fadigas, numa pequena hospedaria da rua de Thiroux, onde Billot tinha o costume de se appear, quando vinha a Paris, Gilberto tomava a galope o caminho de Versalhes.

Era já tarde, mas isso pouco importava a Gilberto. Nos homens da sua tèmpera a actividade é uma necessidade. Talvez a sua viagem fosse inútil, mas antes queria isso do que permanecer estacionário. Nas organizações nervosas a incerteza é um suplício pior do que a mais aterradora realidade.

Chegou a Versalhes às dez horas e meia, onde em tempo ordinário tudo estava recolhido e mergulhado no mais profundo sono. Mas naquela noite ainda ninguém dormia. Acabava de receber-se lá o choque do abalo que ainda fazia tremer Paris.

As guardas francesas, as guardas reais e os Suíços, formados em pelotões e agrupados em todas as bocas das ruas principais, conversavam entre si ou com os cidadãos cujo realismo lhes inspirava confiança.

Versalhes fora em todo o tempo uma cidade realista. A religião da monarquia ou dos monarcas, estava engastada no coração dos seus habitantes como uma das qualidades do terreno. Tendo vivido perto dos reis e pelos reis, à sombra das suas maravilhas; tendo sempre respirado o inebriante perfume das flores-de-lis, visto brilhar o ouro das galas e os sorrisos dos semblantes, os habitantes de Versalhes, a quem os seus reis tinham feito uma cidade de mármore e de pórfiro, sentiam-se quase reis; e ainda hoje, que nas físgas dos degraus vegeta a hera, que o musgo lhe cobre os mármore; hoje, que o ouro está quase a desaparecer das paredes, que a sombra dos parques é mais solitária que a dos túmulos, Versalhes, ou mente à sua origem, ou deve olhar-se como um fragmento de realza caída, que não possuindo já o orgulho do poderio e da riqueza,

conserva ao menos a poesia da saudade e o encanto soberano da melancolia.

Conforme dissemos, Versalhes, naquela noite de 14 a 15 de Julho de 1789, agitava-se confusamente para saber como o rei de França tomaria o insulto feito à sua coroa e o golpe dado no seu poder.

Mirabeau, na sua resposta dada ao Sr. de Dreux-Brézé, ferira a realeza na face.

Com a tomada da Bastilha o povo tinha-a ferido também no coração.

Todavia, para as inteligências limitadas, para as vistas curtas, a questão estava resolvida. Aos olhos dos militares sobretudo, habituados a verem só nos acontecimentos um triunfo ou uma derrota da força bruta, tudo se resolvia com uma marcha sobre Paris. Trinta mil homens e vinte peças de artilharia reduziriam a nada dentro em pouco o orgulho e a fúria vitoriosa dos Parisienses.

Nunca a realeza teve mais conselheiros, e cada qual expendia o seu parecer alta e publicamente.

Os mais moderados diziam:

- Isto é bem simples.

Note-se que esta frase é quase sempre aplicada quando justamente a situação é mais difícil.

“Isto é bem simples, diziam eles; comece-se por obter da Assembléia Nacional uma sanção, que decerto não recusará. A sua atitude é há algum tempo tranqüilizadora para todos: não quer os partidos violentos que, surdindo de baixo pelo abuso, se erguem demasiado alto.

“A Assembléia declarará abertamente que a insurreição é um crime; que os cidadãos, que têm representantes para expor as suas queixas ao rei, e para lhes fazer justiça, fazem mal em recorrer às armas e em derramar sangue.

“Armado com esta declaração, que se obterá por certo da Assembléia Nacional, el-rei não pode dispensar-se de castigar Paris como bom pai, isto é, severamente.

“Então a borrasca afastar-se-á; a realeza entrará de novo no primeiro dos seus direitos; os povos desempenharão o seu dever, que é a obediência, e tudo prosseguirá na sua marcha costumada.”

Era deste modo que se arranjavam em geral os negócios na corte e nos bulevares.

Mas na praça de armas e nos arredores dos quartéis havia outra linguagem.

Ali viam-se homens desconhecidos no sítio: homens de cara inteligente e olhos perspicazes, que semeavam por todos os lados alvitre misterioso, exagerando as notícias já de si grandes, e fazendo propaganda quase pública por meio das idéias sediciosas, que havia dois meses perturbavam Paris, sublevavam os arrabaldes, e ameaçavam apoderar-se de toda a França.

À roda desses homens formavam-se grupos sombrios, hostis, animados, compostos de gentes a quem se recordava a sua miséria, os seus sofrimentos e o desprezo brutal pelos infortúnios populares. Diziam-lhes:

“Há oito séculos que o povo luta: que tem obtido? nenhuns direitos sociais nem políticos: o da vaca do lavrador, à qual se tira o vitelo para o levar ao matadouro, o leite para o vender no mercado, a carne para a levar ao açougue e a pele para curtir. Enfim, constrangida pela necessidade, a monarquia cedeu, e convocou os três estados; mas hoje, que os três estados estão reunidos, que faz a monarquia? Desde o dia da sua convocação que pesa sobre eles. Se a Assembléia Nacional se formou, foi contra a vontade da monarquia. Neste caso, visto que os nossos irmãos de Paris acabam de nos dar um tal impulso, empurremos a Assembléia Nacional para diante; cada passo que der no terreno político em que a peleja está travada, é uma vitória para nós, é o aumento do nosso campo, é incremento da nossa fortuna, e a consagração dos nossos direitos. Avante! avante! cidadãos! A Bastilha é o posto avançado da tirania. A Bastilha está tomada; resta a praça.”

Nos sítios mais recônditos formavam-se outras reuniões e pronunciavam-se outras palavras. Os que as pronunciavam eram homens, que evidentemente pertenciam a uma classe superior, e tinham procurado no vestuário do povo um disfarce, que tanto a alvura das mãos

como o seu porte e a sua linguagem fina desmentiam.

“Povo, diziam esses homens, repara que te desvariam: uns mandam que tornes para trás; outros impelem-te para diante. Falam-te de direitos políticos e de direitos sociais, e estás mais feliz depois que te permitem votar pelo órgão dos teus delegados? Estás mais rico depois que és representado? Tens menos fome depois que a Assembléia Nacional promulga decretos? Não; deixa, pois, a política e as teorias às pessoas que sabem ler. Não é uma frase ou uma máxima escrita que te serve para nada. É pão: e depois do pão, é o bem-estar dos teus filhos, e a doce tranqüilidade das tuas mulheres. Quem te poderá dar isso? Um rei firme de carácter, moço de espírito e de generoso coração. Esse rei não é Luís XVI, que reina sob o jugo da mulher, a Austríaca de coração de bronze; é... procura bem em volta do trono, procura aquele que pode tornar a França feliz e que a rainha detesta justamente porque faz sombra ao quadro, porque ele estima a nação e é amado por ela.”

Era assim que se manifestava a opinião em Versalhes, e assim se ateava por toda a parte a guerra civil.

Gilberto ouviu o que se dizia em dois ou três desses grupos; depois, tendo reconhecido o estado dos ânimos, caminhou direito para o palácio, que estava guardado por muitas sentinelas. Para quê? Não se sabia.

Apesar de todas essas sentinelas, Gilberto sem dificuldade alguma atravessou os primeiros pátios e chegou até aos vestibulos, sem que ninguém perguntasse para onde ia.

Tendo chegado ao salão de *d'Oeil-de-Boeuf*, um guarda real deteve-o. Gilberto tirou da algibeira a carta do Sr. de Necker, cuja assinatura mostrou. A ordem era rigorosa, e como as ordens mais rigorosas são sempre aquelas que têm mais precisão de serem interpretadas, o guarda real disse a Gilberto:

- Senhor, a ordem de não deixar entrar pessoa alguma nos aposentos de el-rei é formal, mas como evidentemente o caso de um enviado do Sr. de Necker não foi previsto, e como segundo toda a probabilidade o senhor traz algum aviso importante para Sua Majestade, entre, que eu tomo a responsabilidade da infracção.

Gilberto entrou.

O rei não estava nos seus aposentos; estava na sala do conselho. Recebia naquele momento uma deputação da guarda nacional que fora pedir-lhe uma remessa de tropas, a formação de uma guarda burguesa e a sua presença em Paris.

Luís tinha-a escutado friamente, e respondera que a sua situação precisava de ser esclarecida, e que deliberaria sobre essa situação com o seu conselho.

Estava pois deliberando.

Durante esse tempo os deputados esperavam na galeria, e através dos vidros baços das portas, viam o jogo das sombras avultadas dos conselheiros reais e o movimento ameaçador das suas atitudes.

Pelo estado daquela fantasmagoria, podiam adivinhar que a resposta seria má.

Efectivamente, o rei contentou-se com responder que nomeava os chefes para a milícia burguesa e que ordenava às tropas do Campo-de-Marte que se reunissem.

Quanto à sua presença em Paris, não queria fazer esse favor a uma cidade rebelde senão quando ela se submetesse.

A deputação rogou, insistiu, conjurou; o rei respondeu que o seu coração estava contristado, mas que nada mais podia fazer.

E satisfeito com aquele triunfo momentâneo, com aquela manifestação de um poder que já não tinha, El-rei voltou para os seus aposentos.

Aí encontrou Gilberto. O guarda real estava ao lado dele.

- Que me querem? - perguntou o rei.

O guarda real aproximou-se, e enquanto se desculpava com Luís XVI por ter faltado à sua obrigação, Gilberto, que havia muitos anos não via el-rei, examinava em silêncio aquele homem, que Deus dera por piloto à França na ocasião da mais forte tempestade por que aquele

reino passara.

Aquele corpo baixo e sem flexibilidade, aquela cabeça frouxa de formas e estéril de expressão, aquela mocidade amortecida em luta com uma velhice prematura, aquela relutância desigual de uma matéria potente contra uma inteligência medíocre, à qual o orgulho de classe apenas dava um valor intermitente; tudo isto para o fisionomista que estudara Lavater, para o magnetizador que lera no futuro com Bálsamo, para o filósofo, que pensara com João Jacques Rousseau, e para o viajante, que passara em revista todas as raças humanas, tudo isto significava: degeneração, bastardia, impotência e ruína.

Gilberto foi tomado não de respeito, mas de dor, ao contemplar aquele triste espectáculo.

O rei caminhou para ele.

- É o senhor - perguntou-lhe - que me traz uma carta do Sr. de Necker?

- Sou, sim, senhor.

- Ah! - exclamou como se duvidasse; - dê-me depressa.

E pronunciou estas palavras com o tom de um homem que se afoga e que brada:

- Um cabo!

Gilberto apresentou-lhe a carta. Luís pegou-lhe logo e leu-a precipitadamente; depois, com um gesto que não era isento de certa nobreza de mando, disse para o guarda real:

- Deixe-nos, Sr. de Varicourt.

Gilberto ficou só com el-rei.

O aposento era unicamente alumiado por uma lâmpada. Dir-se-ia que Luís XVI moderara a luz para que se lhe não pudesse ler na fronte anuviada, ou antes pensativa, todas as idéias que dele se apoderavam.

- O senhor - disse fitando em Gilberto um olhar mais claro e observador do que este não lhe poderia supor - o senhor é efectivamente o autor das Memórias, que tanto me têm impressionado?

- Sou eu, senhor.

- Que idade tem?

- Trinta e dois anos; mas o estudo e a desgraça dobram a idade. Tratam-me como um velho.

- Por que não se me apresentou há mais tempo?

- Porque não tinha necessidade de dizer verbalmente a Vossa Majestade o que lhe escrevia mais livremente e mais a meu cómodo.

Luís XVI reflectiu.

- Não tem outras razões? - disse ele suspeito.

- Não, senhor.

- Todavia, ou eu me engano, ou certas particularidades devem tê-lo instruído da minha benevolência a seu respeito.

- Vossa Majestade quer referir-se à espécie de conferência que tive a temeridade de pedir a el-rei, logo que, depois da minha primeira Memória, lhe roguei, haverá cinco anos, que houvesse por bem pôr uma luz junto à vidraça de uma janela, às oito horas da noite, para me certificar de que havia lido a minha obra?

- Justamente... - disse o rei satisfeito.

- E à mesma hora e na mesma noite a luz foi posta efectivamente onde eu tinha pedido a Vossa Majestade que a pusesse.

- Depois?

- Depois do que, vi-a erguer e baixar três vezes.

- E depois?

- Depois li na *Gazeta* estas palavras:

“Aquele a quem a luz chamou três vezes, pode apresentar-se em casa daquele que a ergueu igual número de vezes, e será recompensado.”

- Essas são as próprias palavras do anúncio, não há dúvida - disse el-rei.

- Eis o próprio anúncio - disse Gilberto, tirando da algibeira a gazeta onde estava o anúncio que ele acabava de repetir, e que fora inserto cinco anos antes.

- Bem, muito bem - disse el-rei; - depois disso, esperei-o por muito tempo. Agora chega no momento em que já não o esperava. Seja bem-vindo, porque chega como os bons soldados no momento da peleja.

Depois, olhando para Gilberto ainda com mais atenção, disse:

- Sabe que não é uma coisa ordinária para um rei a ausência de um homem a quem disse: venha receber uma recompensa, e que não vem?

Gilberto sorriu.

- Nasci francês, e amando o meu país, cioso pela sua prosperidade, confundindo a minha individualidade com a de trinta milhões de homens meus concidadãos, trabalhava para mim, trabalhando para eles. Não sou digno de recompensa, senhor, porque não sou egoísta.

- Paradoxo! O senhor tem outra razão.

Gilberto nada replicou.

- Diga-a, que desejo sabê-la.

- Talvez acertasse, senhor.

- Não é isto? - perguntou o rei com inquietação; - achava que a situação era grave, e por isso reservava-se...

- Para outra mais grave ainda. Sim, senhor; Vossa Majestade adivinhou perfeitamente.

- Prezo a franqueza - disse o rei, que não pôde dissimular a sua perturbação, porque era de natureza tímida, e corava facilmente. - O senhor - continuou Luís XVI - vaticinou a queda ao rei, e tem receio de estar muito próximo do desabamento?

- Não, real senhor; pois é justamente na mesma ocasião da queda iminente que venho aproximar-me do perigo.

- Sim, sim. Acaba de deixar Necker, e vem falar-me como ele. O perigo, o perigo sem dúvida, há perigo neste momento em aproximarem-se de mim. Onde está Necker?

- Pronto, segundo creio, para receber as ordens de Vossa Majestade.

- Tanto melhor; hei-de precisar dele - disse o rei dando um suspiro. - Em política não deve haver pertinácias: crê-se muitas vezes fazer bem, e faz-se mal, e quantas se faz bem, e um concurso de circunstâncias destrói os resultados; os mesmos planos são muitas vezes bons, e contudo tem-se o desgosto de ser iludido.

O rei tornou a suspirar; Gilberto foi-lhe em auxílio.

- Senhor - disse ele - Vossa Majestade discorre admiravelmente; mas o que lhe convém fazer agora é prever melhor o futuro do que o faz presentemente.

O rei ergueu a cabeça, e foi fácil ver franzir-se-lhe ligeiramente o sobrolho.

- Senhor, perdoe-me - acudiu Gilberto - sou médico. Quando o mal é grande, sou breve.

- Pelo que vejo, dá grande importância ao tumulto de hoje?

- Senhor, não é um tumulto, é uma revolução.

- E quer que eu pactue com rebeldes, com assassinos? Porque, por mais que digam, tomaram a Bastilha à viva força, o que é um acto de rebelião, e mataram os srs. de Launay, de Losme e de Flesselles, o que são actos de assassinos.

- Convém que distinga uns dos outros, senhor; os que tomaram a Bastilha são heróis, e os que mataram os srs. de Flesselles, de Losme e de Launay são assassinos.

A estas palavras, o rei corou ligeiramente; e assim que este rubor desapareceu, os lábios tremeram-lhe e algumas gotas de suor lhe borbulharam na testa.

- Tem razão. O senhor é efectivamente médico, ou antes cirurgião, porque retalha em carne viva. Mas tratemos de si. Chama-se o doutor Gilberto, não é verdade? Ou pelo menos é com esse nome que as suas Memórias são assinadas.

- Senhor, é uma grande honra para mim que Vossa Majestade tenha tão boa memória, que essa honra me custe um pouco cara.

- Por quê?

- Porque decerto o meu nome deve ter sido pronunciado mais de uma vez, há bem pouco tempo, diante de Vossa Majestade.

- Não o entendo.

- Há seis dias que fui preso e metido na Bastilha. Ora, tenho ouvido dizer que nunca se fazia uma prisão, fosse qual fosse, sem que o rei soubesse.

- O senhor na Bastilha! - disse o rei abrindo muito os olhos.

- Eis aqui o certificado extraído do registro, senhor... Tendo sido metido na cadeia há seis dias, por ordem de el-rei, saí hoje por volta das três horas, graças ao povo.

- Hoje?

- Sim, senhor; Vossa Majestade não ouviu o fogo de artilharia?

- Não há dúvida.

- Pois foi a artilharia que me abriu as portas.

- Ah! - murmurou o rei - folgaria com isso, se a artilharia desta manhã não atirasse ao mesmo tempo sobre a realza.

- Oh! Senhor, não faça de uma prisão o símbolo de um princípio: diga antes, senhor, que se felicita de que a Bastilha fosse tomada, porque não se cometerão, em nome de el-rei, que decerto o ignora, mais injustiças como a que me vitimou.

- Mas enfim, senhor, a sua prisão deve ter tido uma causa.

- Nenhuma, que eu saiba, senhor! Prenderam-me na minha entrada em França, e encarceraram-me, nada mais.

- Em verdade, senhor - disse Luís XVI com doçura - não haverá algum egoísmo da sua parte em vir falar-me disso, quando tenho toda a precisão de que se fale de mim?

- Senhor, é porque tenho necessidade de que Vossa Majestade me responda a uma só palavra.

- Qual é?

- Se Vossa Majestade fez ou não alguma coisa para a minha prisão?

- Não sabia do seu regresso a França.

- Muito estimo essa resposta, senhor; à vista dela, posso declarar altamente que Vossa Majestade, no que se fazia de mal era sempre iludido, e àqueles que disso duvidarem eu me citarei por exemplo.

O rei sorriu.

- Como médico - disse ele - o senhor tem o cuidado de aplicar bálsamo à chaga.

- Oh! Senhor, derramarei bálsamo às mãos cheias, e se quiser, curarei essa ferida; respondo por isso.

- Decerto quero.

- Mas é necessário que o queira com firmeza, senhor.

- Querê-lo-ei com toda a firmeza.

- Antes de se comprometer para comigo - disse Gilberto - sirva-se Vossa Majestade ler esta linha escrita à margem no registro da prisão.

- Que linha? - perguntou o rei com inquietação.

- Queira ver.

Gilberto apresentou o papel a el-rei, este leu:

“Por mandado da rainha...”

O rei franziu o sobrolho.

- Da rainha! - repetiu. - Terá o senhor por acaso caído no desagrado da rainha?

- Senhor, estou certo de que Sua Majestade me conhece ainda menos do que Vossa Majestade me conhecia.

- Todavia, o senhor deve ter necessariamente cometido alguma falta, porque para a Bastilha não se ia sem motivo.

- Parece que assim deve ser, mas também é certo que acabo de sair de lá.
- Mas o Sr. de Necker envia-o para mim, e o mandado de prisão está assinado por ele.
- Assim é.

- Então explique-se melhor. Recorde-se dos actos da sua vida, e veja se encontra alguma circunstância de que se tenha esquecido.

- Recordar-me da minha vida! Sim, senhor, fá-lo-ei bem alto e depressa; esteja Vossa Majestade sossegado, que não leva muito tempo. Desde a idade de dezesseis anos que trabalho sem descanso: como discípulo de Rousseau; companheiro de Bálsamo, amigo de Lafayette e de Washington, não tenho tido nunca de que arrepende-me desde o dia em que deixei a França; nem de faltas, nem de um erro sequer. Quando a ciência adquirida me permitiu tratar as feridas ou os doentes, sempre curei de pensar que devia dar conta a Deus de cada uma das minhas idéias e de cada um dos meus actos. Visto ter-me Deus dado a missão de curar as criaturas, como cirurgião, derramava sangue por humanidade, pronto a dar o meu para suavizar ou para salvar os meus doentes, como médico. Quinze anos se passaram assim. Deus abençoou os meus esforços, pois vi volver à vida a maior parte dos que sofriam. Os que morreram, estavam já condenados por Deus. Digo-o com toda a certeza, senhor: desde o dia em que deixei a França, haverá quinze anos, não tenho coisa alguma de que me deva arrepender.

- O senhor, na América, deu-se de alma e coração com os inovadores, e os seus escritos propagaram os seus princípios.

- Sim, senhor, e esqueci esse título em reconhecimento para com os reis e para com os homens.

O rei calou-se.

- Senhor - continuou Gilberto - agora a minha vida é conhecida de Vossa Majestade. Nunca ofendi nem agravei pessoa alguma, desde a mais insignificante criatura até Sua Majestade a rainha, e por isso venho perguntar a Vossa Majestade por que razão fui castigado.

- Falarei à rainha, Sr. Gilberto. Mas acredita que o mandado de prisão venha directamente da rainha?

- Não digo isso, senhor; julgo até que a rainha não fez mais do que apostilá-lo.

- E julga bem - disse Luís muito alegre.

- Sim, mas Vossa Majestade ignora que, quando uma rainha apostila, manda.

- De quem é a carta apostilada? Vejamos.

- Ei-la, senhor - disse Gilberto.

E apresentou-a a el-rei.

- Condessa de Charny! - exclamou o rei. - Como! Pois foi ela que pediu a sua prisão! Mas então o que fez o senhor à pobre condessa de Charny?

- Não a conheço, a não ser pelo nome, e isso mesmo data desta manhã.

Luís XVI, como pessoa que duvida, passou uma das mãos pela testa.

- Charny - murmurou ele - Charny, a doçura, a virtude, a própria castidade!

- Vossa Majestade bem vê - disse o Dr. Gilberto rindo - que fui metido na Bastilha a pedido de três virtudes teológicas.

- Oh! - exclamou el-rei com vivos sinais de dor - tenho o coração dilacerado!

E dizendo isto, puxou apressadamente pelo cordão da campainha.

Apareceu um porteiro.

- Vejam se a Sr^a. condessa de Charny está com a rainha - perguntou Luís.

- Senhor - respondeu o porteiro - a Sr^a. Condessa neste mesmo instante atravessou a galeria para se ir meter na carruagem.

- Corra - disse Luís - e peça-lhe que venha ao meu gabinete para um negócio de importância.

Depois, voltando-se para Gilberto, perguntou:

- É isto que deseja?

- É, sim, senhor - respondeu Gilberto - e muito o agradeço a Vossa Majestade.

A Condessa de Charny

Gilberto, logo que ouviu dar a ordem para ser chamada a Sr.^a de Charny, retirou-se para o vão de uma janela.

Enquanto a el-rei, passeava por toda a extensão da sala de *l'Oeil-de-Boeuf*, preocupado, já com os negócios públicos, já com a insistência de Gilberto, do qual, a seu pesar, sofria a influência estranha naquele momento, em que coisa nenhuma lhe devia interessar senão as notícias de Paris.

De repente abriu-se a porta do gabinete, o porteiro anunciou a condessa de Charny, e Gilberto, através das cortinas, pôde ver uma mulher, cujo vestido amplo e acetinado roçou pelos batentes da porta.

Vestia, segundo a moda do tempo, um vestido de seda cinzenta de riscas de diferentes cores, e uma espécie de chale, que, cruzando-se sobre o estômago, ia unir-se atrás da cintura, fazendo sobressair extraordinariamente a beleza de um peito opulento e bem assente.

Um chapelinho, elegantemente atado no topo de um penteado alto, chapins de salto elevado, que lhe faziam realçar a finura dos artelhos, braços torneados e mãos delicadas, compridas e perfeitamente aristocráticas, calçando finíssimas luvas, compunham o resto da pessoa tão ansiosamente esperada por Gilberto, e que acabava de entrar no quarto de Luís XVI.

O rei foi ao seu encontro.

- Ia sair, condessa?

- É verdade, senhor - respondeu a condessa; - ia agora mesmo meter-me na carruagem, quando me deram a ordem de Vossa Majestade.

Ao som desta voz acentuada com firmeza, os ouvidos de Gilberto encheram-se de um ruído terrível, o sangue afluíu-lhe às faces, e mil arrepios lhe percorreram o corpo.

A seu despeito, deu um passo para fora do abrigo das bambinelas, onde estava oculto, e murmurou:

- Ela!... Ela!... Andréa!...

- Condessa - continuou o rei que, assim como ela, não dera por aquela comoção de Gilberto, que continuava oculto na sombra - mandei-lhe pedir que viesse aqui para me dar um esclarecimento.

- Estou pronta para satisfazer a Vossa Majestade.

O rei inclinou-se para o lado de Gilberto como para o advertir.

Este, conhecendo que a ocasião de se mostrar ainda não chegara, retirou-se mais para o escuro das cortinas.

- Senhora - disse el-rei - há uns oito ou dez dias foi entregue um mandado de prisão ao Sr. de Necker...

Gilberto, através da abertura quase imperceptível das bambinelas, fitou o seu olhar em Andréa, que estava pálida, febril, inquieta, e como curvada ao peso de uma secreta obsessão, que ela própria não ousava perscrutar.

- A condessa bem me entende, não é verdade? - perguntou Luís XVI, vendo que a Sr.^a de Charny hesitava em responder.

- Sim, meu senhor.

- Sabe então o que lhe quero dizer e pode responder à minha pergunta?

- Procuo recordar-me - respondeu Andréa.

- Permita que ajude a sua memória, condessa. O mandado de prisão foi pedido pela condessa, e a exigência era apostilada pela rainha.

A condessa em vez de responder abandonou-se cada vez mais a uma abstracção febril, que parecia arrastá-la para fora dos limites da vida real.

- Mas, responda-me, condessa - disse o rei, que começava a impacientar-se.

- É verdade - disse ela muito trémula; - é verdade que escrevi a carta, e Sua Majestade a rainha apostilou-a.

- Então - perguntou Luís - diga o crime que cometeu o indivíduo contra quem reclamou semelhante ordem.

- Meu senhor - replicou Andréa - não posso dizer qual é o crime, mas posso dizer a Vossa Majestade, que o crime foi grande.

- Oh! Pois não mo pode dizer a mim!...

- Não, meu senhor.

- Ao rei?

- Não, meu senhor; desculpe-me Vossa Majestade, mas não posso.

- Nesse caso, di-lo-á ao próprio - retorquiu el-rei; - porque o que recusa a Luís XVI não o recusará ao Dr. Gilberto!

- Ao Dr. Gilberto! - exclamou Andréa. - Grande Deus! Senhor, onde está ele?

O rei afastou-se para dar lugar a Gilberto; as cortinas abriram-se e o doutor apareceu quase tão pálido como Andréa.

- Ei-lo aqui, senhora - disse el-rei.

Ao aspecto do doutor, a condessa cambaleou, as pernas tremeram-lhe sob o peso do corpo, e dobrou-se para trás, como quem vai desmaiar, podendo apenas ficar de pé com a ajuda de uma poltrona em que se apoiou na atitude insensível e quase moribunda de Eurídice no momento em que lhe chegava ao coração o veneno da serpente.

- Minha senhora - repetiu Gilberto inclinando-se com humilde cortesia - permita-me que lhe repita a pergunta que acaba de lhe dirigir Sua Majestade.

Os lábios de Andréa moveram-se, mas não produziram som algum.

- Que fiz eu, senhora, para que uma ordem sua me fizesse meter numa medonha prisão?

Andréa, àquela voz, saltou como se sentisse despedaçar-se-lhe o coração.

Depois, de súbito, abaixando sobre Gilberto um olhar atarrador como o da serpente, disse:

- Não o conheço, senhor.

Mas, enquanto ela pronunciava estas palavras, Gilberto, pelo seu lado, havia olhado com tal firmeza e tinha carregado o fulgor dos olhos com tão invencível audácia, que a condessa abaixou os seus no mesmo instante, curvando a cabeça sobre o peito.

- Condessa - disse el-rei em tom de suave censura - veja onde se irá parar com este abuso de assinar ordens de prisão sem mais nem menos. Aqui está este senhor que não conhece, segundo acaba de confessar, e que é um patriota, um médico, um sábio, um homem a quem a senhora nada tem de que argüir.

Andréa ergueu a cabeça e fulminou Gilberto com um olhar de desprezo.

Ele persistiu sereno e altivo.

- Digo, pois - continuou el-rei - que não havendo nada contra o Dr. Gilberto, visto que se persegue outro que não é ele, fizeram recair o castigo sobre um inocente. Condessa, isto é mau.

- Senhor! - disse Andréa.

- Oh! - interrompeu o rei que tremia já com receio de agastar a favorita da rainha - bem sei que não tem mau coração, e que se perseguiu alguém com o seu ódio, era porque o merecia; mas em todo o caso, para o futuro, compreende, convém que não se repitam casos destes.

Depois, voltando-se logo para o Dr. Gilberto, perguntou:

- Que quer, doutor, a falta é mais do tempo que dos homens. Nascemos na corrupção e aí morremos; mas tratemos ao menos de melhorar o futuro para a posteridade e o senhor há-de ajudar-me nessa obra; conto com isso, Dr. Gilberto.

E Luís deteve-se, crendo ter dito bastante para agradar às duas partes.

Pobre rei! Se tivesse pronunciado semelhante frase na Assembléa Nacional, não só teria sido ali aplaudido, mas até no dia seguinte a veria reproduzida em todos os jornais da corte.

Porém, àquele auditório de dois inimigos encarniçados, pouco agradou a sua conciliadora filosofia.

- Com licença de Vossa Majestade - replicou Gilberto - pedirei à Sr^a. condessa que repita o que já disse, isto é, que não me conhece.

- Condessa - disse o rei - quer fazer o que pede o doutor?

- Não conheço o Dr. Gilberto - repetiu Andréa com voz firme.

- Então conhece outro Gilberto, meu homónimo, aquele cujo crime pesa sobre mim?

- Conheço - disse Andréa - e tenho-o por um infame.

- Senhor, não é a mim que compete interrogar a Sr^a. condessa - disse Gilberto. - Digne-se perguntar-lhe o que lhe fez esse homem infame.

- Condessa, a senhora não pode recusar-se a tão justa exigência.

- Que fez? - disse Andréa - a rainha sabia-o decerto, visto que autorizou com o seu punho a carta em que eu pedia a prisão do infame.

- Mas - disse el-rei - não é só necessário que a rainha esteja convencida; seria bom que também eu o estivesse. A rainha é a rainha, mas eu sou o rei.

- Pois bem, senhor, o Gilberto do mandado de prisão é um homem que há perto de dezesseis anos cometeu um crime horrível.

- Vossa Majestade quer ter a bondade de perguntar à Sr^a. condessa que idade poderá ter agora esse homem?

O rei fez a pergunta.

- Trinta, para trinta e dois anos - disse Andréa.

- Senhor - repetiu Gilberto - se o crime foi cometido há dezesseis anos, então não foi cometido por um homem, mas sim por uma criança; se depois de dezesseis anos o homem tiver deplorado o seu crime de criança, não merecerá esse homem alguma indulgência?

- Mas - perguntou el-rei - conhece porventura o Gilberto de que se trata?

- Conheço, sim, senhor - respondeu o doutor.

- E não cometeu outra falta senão a da sua mocidade?

- Não sei que depois do dia em que cometeu, não direi essa falta, porque sou menos indulgente que Vossa Majestade, mas esse crime, não sei que pessoa alguma no mundo tenha coisa nenhuma que reprovar-lhe.

- Não, se não se falasse em que tem molhado a sua pena em veneno e composto odiosos libelos.

- Senhor, pergunte à Sr^a. condessa - disse o doutor - se a verdadeira causa da prisão do tal Gilberto não foi o facilitar aos seus inimigos, ou antes à sua inimiga, meio de apoderar-se de certo cofre, que encerra uns papéis que podem comprometer uma grande dama, uma dama da corte.

Andréa estremeceu e murmurou:

- Senhor!

- Condessa, que cofre é esse? - perguntou el-rei, a quem o estremeçamento e a palidez da condessa não escaparam.

- Oh! Senhora - exclamou Gilberto, sentindo que dominava a situação; - nada de rodeios, nada de subterfúgios. Já basta de enganos de parte a parte. Eu sou o Gilberto do crime; sou o Gilberto dos libelos; sou o Gilberto do cofre; e a senhora é a grande dama, a dama da corte. Tomo el-rei por juiz da nossa causa, aceite-o, e diremos a este juiz, ao rei, a Deus, dir-lhe-emos tudo o que se passou entre nós, e o rei decidirá enquanto Deus não decide.

- Diga o que quiser, senhor - replicou a condessa - mas eu não posso dizer nada, porque não o conheço.

- E não conhece também o cofre?

A condessa retorceu as mãos e mordeu os lábios pálidos a ponto de fazer sangue.

- Não - respondeu ela - não o conheço, assim como não conheço o senhor.

Mas o esforço que fez para pronunciar estas palavras foi tal, que cambaleou, como num tremor de terra faria uma estátua sobre o pedestal.

- Senhora - disse Gilberto - tome sentido; sou, não o pode ter esquecido, o discípulo de um homem chamado José Bálsamo; o poder que ele tinha sobre a senhora foi-me transmitido por ele. Pela última vez, quer responder a esta pergunta: O meu cofre?

- Não - disse a condessa assaltada de uma perturbação inexplicável e fazendo um movimento para fugir daquele aposento; - não e não!

- Pois então - disse Gilberto empalidecendo também e erguendo um braço ameaçador - natureza de aço, coração de diamante, dobra-te, despedaça-te e rebenta sob a pressão irresistível da minha vontade. Não queres falar, Andréa?

- Não, não! - exclamou a condessa aterrada. - Acuda-me, senhor, acuda-me!

- Pois hás-de falar - bradou Gilberto - porque nenhum poder, seja de el-rei, seja de Deus, te subtrairá ao meu; hás-de falar, e abrirás toda a tua alma à augusta testemunha desta cena solene, patenteando tudo que há nos recônditos da tua consciência, tudo o que só Deus pode ler nas trevas das almas profundas. Vossa Majestade vai saber dela mesma o que recusa revelar. Durma, Sr^a. condessa de Charny, e fale! Assim o quero!

Apenas estas palavras foram pronunciadas, a condessa parou de súbito, e embargando-se-lhe na garganta um grito, estendeu os braços, procurou um ponto de apoio para o corpo desfalecido, foi cair nos braços de el-rei, que, também tremendo, se assentou numa poltrona.

- Oh! - disse Luís XVI - tinha ouvido falar nisto, mas nunca vi coisa semelhante. Não é ao sono magnético que ela acaba de ceder?

- É, sim, senhor, queira pegar na mão da Sr^a. condessa de Charny e perguntar-lhe por que razão me fez prender - respondeu Gilberto, como se a ele unicamente pertencesse o domínio do mundo.

Luís XVI, todo espavorido por aquela cena maravilhosa, deu dois passos para trás, a fim de se convencer de que ele próprio não dormia, e que aquilo que se passava à sua vista não era um sonho. Depois, tomando interesse no que via como um matemático na descoberta de uma solução nova, aproximou-se da condessa, pegou-lhe na mão, disse:

- Saibamos, condessa, sempre foi a senhora que fez prender o Dr. Gilberto?

Mas, apesar de profundamente adormecida como estava, a condessa fez um último esforço, retirou a mão da de el-rei, e reunindo em si todas as forças, bradou:

- Não; não falarei.

O rei olhou para Gilberto como para lhe perguntar qual das duas predominaria, se a vontade dele, se a de Andréa.

Gilberto sorriu.

- Há-de falar! - disse ele.

E com os olhos fitos em Andréa adormecida, deu um passo para a poltrona.

Andréa estremeceu.

- Com que então não quer falar?! - ajuntou ele dando um outro passo, que mais encurtou o intervalo que o separava da condessa.

O corpo de Andréa estorceu-se todo numa suprema reacção.

- Ah! Ainda não quer falar! -disse ele dando um terceiro passo, que o colocou mesmo ao lado de Andréa, sobre cuja cabeça pôs a mão estendida; - com que então não quer falar?!

Andréa estorceu-se em violentas convulsões.

- Tome sentido, doutor - exclamou Luís XVI - tome sentido que a mata.

- Não tema nada, senhor: é somente a alma que está em acção: a alma luta, mas há-de ceder.

Depois, abaixando a mão, disse:

- Fale!

Andréa estendeu os braços e fez um movimento para respirar, como se estivesse sob a pressão de uma máquina pneumática.

- Fale! - repetiu Gilberto abaixando mais a mão.

Nisto, todos os músculos da condessa pareceram próximos a despedaçar-se. Um floco de

espuma lhe apareceu sobre os lábios e um começo de epilepsia a abalou dos pés à cabeça.

- Doutor, doutor - disse o rei - tome sentido.

Mas Gilberto, sem o atender, abaixou terceira vez a mão e tocando-lhe com ela no alto da cabeça, disse:

- Fale, quero-o eu!

Andréa, ao contacto da mão, deu um suspiro; e os braços caíram ao longo do corpo; a cabeça, inclinada para trás, pendeu para diante docemente reclinada sobre o peito, e lágrimas copiosas se filtraram através das pálpebras fechadas.

- Meu Deus! Meu Deus! - murmurou ela.

- Invoca Deus? Assim seja, porque aquele que opera em nome de Deus não o teme.

- Oh! - disse a condessa - odeio-o!

- Odeie-me, muito embora, mas fale!

- Senhor, senhor - exclamou Andréa - diga-lhe que me queima, que me devora, que me mata.

- Fale! - disse Gilberto.

Depois fez sinal a el-rei de que podia interrogá-la.

- Visto isso, condessa - perguntou o rei - aquele que a senhora queria fazer prender, e que fez efectivamente prender, é o doutor?

- É.

- E nisso não haverá erro ou engano?

- Não.

- E o cofre? - perguntou o rei.

- Então - articulou surdamente a condessa - O cofre terei de dar-lho?

Gilberto e o rei trocaram um olhar.

- E foi a senhora quem lho fez subtrair? - perguntou Luís XVI.

- Fui.

- Oh! Então conte-me isso, condessa - disse o rei esquecendo toda a etiqueta e ajoelhando diante de Andréa; - foi a senhora que mandou subtrair-lho?

- Fui.

- Onde e como?

- Soube que Gilberto, que no decurso de dezesseis anos tem feito duas viagens a França, ia fazer terceira, e desta vez para ficar aqui de todo.

- Mas o cofre? - perguntou el-rei.

- Soube pelo perfeito da polícia, o Sr. de Crosne, que ele tinha, numa das suas viagens, comprado terras nos arredores de Villers-Cotterets, e que o rendeiro que fazia essas terras gozava de toda a sua confiança, em consequência do que me convenci de que o cofre estava em casa dele.

- Como se convenceu disso?

- Fui a casa de Mesmer, fiz-me adormecer e vi-o.

- Então estava...

- Num grande armário, no rés-do-chão, oculto debaixo da roupa.

- É maravilhoso! - disse el-rei. - E depois... Depois?... Diga.

- Voltei a casa do Sr. de Crosne que, com recomendação da rainha, me concedeu um dos seus mais hábeis agentes.

- Como se chama o agente? - perguntou Gilberto.

Andréa estremeceu como se um ferro em brasa lhe tivesse tocado.

- Pergunto-lhe o nome do agente? - repetiu Gilberto.

Andréa tentou ainda resistir.

- O nome, exijo que o diga! - bradou o doutor.

- Pas-de-Loup - disse ela.

- Depois? - continuou el-rei.

- Ontem de manhã esse homem apoderou-se do cofre. Eis tudo.
- Não, isso não é tudo - atalhou Gilberto; - agora trata-se de dizer a el-rei onde está o cofre.

- Oh! - exclamou Luís XVI - exige muito.

- Não, senhor.

- Mas, por Pas-de-Loup, pelo Sr. de Crosne, poder-se-á saber...

- Mas saber-se-á melhor e mais depressa pela Sr.^a. condessa.

Andréa, por um movimento convulsivo, que tinha sem dúvida por fim impedir que as palavras lhe saíssem dos lábios, cerrou os dentes a ponto de quase os quebrar.

Gilberto sorriu.

Depois, tocando com o dedo polegar e com o índice na parte inferior do rosto de Andréa, cujos músculos se distenderam imediatamente, acrescentou:

- Em primeiro lugar, Sr.^a. condessa, diga a el-rei que o cofre pertence ao Dr. Gilberto.

- Sim, sim, é dele - disse a sonâmbula com raiva.

- Onde está neste momento? - perguntou o doutor; - depressa, despache-se; el-rei não tem tempo para esperar.

Andréa hesitou um instante, mas por fim disse:

- Em casa de Pas-de-Loup.

Gilberto notou esta hesitação, e exclamou:

- A senhora mente! Ou antes tenta mentir. Onde está o cofre? Quero sabê-lo.

- Em minha casa em Versalhes - disse Andréa, debulhando-se em lágrimas e com um tremor convulsivo, que lhe abalava todo o corpo. - Em minha casa, onde Pas-de-Loup me espera esta noite às onze horas, conforme foi combinado.

Nesta ocasião dava meia-noite.

-E ainda a espera?

- Ainda.

- Em casa?

- Na sala.

-Em que sítio?

- Está de pé encostado ao fogão.

- E a caixa?

- Em cima de uma mesa diante dele.

- Quê?

- Despachemo-lo, senhor, façamo-lo sair depressa. O Sr. de Charny, que só devia voltar amanhã, chega ainda esta noite por causa dos acontecimentos. Vejo-o: está neste momento em Sèvres. Faça Vossa Majestade sair Pas-de-Loup para que o conde não o encontre em casa.

- Vossa Majestade ouviu? Onde mora em Versalhes a Sr.^a. de Charny?

- Onde mora, condessa?

- No bulevar da Rainha, senhor.

- Bem.

- Senhor, Vossa Majestade ouviu-a, o cofre pertence-me. El-rei ordena que me seja entregue?

- Imediatamente.

E o rei, puxando para diante da condessa de Charny um biombo, a fim de impedir que fosse vista, chamou um empregado de serviço e deu-lhe em voz baixa uma ordem.

XXIV

Filosofia real

Aquela preocupação estranha de um rei, cujos súbditos lhe minavam o trono; aquela

curiosidade de sábio aplicada a um fenómeno físico, na ocasião em que se desenvolvia com toda a sua gravidade o mais importante dos fenómenos políticos que jamais se operou em França, isto é, a transformação da monarquia absoluta em democracia; aquele espectáculo de um rei, que se esquecia de si próprio no maior fragor da tempestade, teria feito por certo sorrir os grandes espíritos da época, imersos havia três meses na solução do problema.

Enquanto a revolta estourava fora, Luís, esquecendo os terríveis acontecimentos daquele dia, a Bastilha tomada, Flesselles, Launay e Losme assassinados, a Assembléa Nacional prestes a revoltar-se contra o rei; Luís concentrava-se naquela especulação toda privada, e a revelação daquela cena desconhecida absorvia-o da mesma maneira que os profundos interesses do seu governo.

Em vista disto, assim que deu as ordens, que já mencionámos, ao seu capitão das guardas, tornou para junto de Gilberto, que tratava de afastar da condessa o excedente de fluido de que a tinha carregado, a fim de a entregar, em vez de ser a um sonambulismo convulsivo, a um sono tranqüilo.

Ao cabo de alguns momentos, a respiração da condessa estava sossegada e igual, como a de uma criança. Então Gilberto, com um só aceno, abriu-lhe os olhos e pô-la em êxtase.

Foi neste momento que se pôde ver em todo o seu esplendor a maravilhosa beleza de Andréa. Completamente desafrontada de toda a influência terrestre, o sangue que por instantes lhe tinha subido ao rosto e que momentaneamente lhe havia colorido as faces, refluiu de novo ao coração, cujas pulsações acabavam de tomar o seu curso moderado; o rosto tornara-se-lhe pálido, mas da bela palidez das mulheres do Oriente; os olhos, abertos um pouco além do ordinário, estavam voltados para o céu, e deixavam por baixo nadar a pupila no branco madreperla do globo; o nariz, ligeiramente dilatado, parecia aspirar uma atmosfera mais pura; finalmente, os lábios, que tinham conservado o natural carmin, posto que as faces houvessem perdido um pouco do seu, conservando-se ligeiramente apartados, descobriam um fio de pérolas, a que suave umidade realçava o brilhantismo.

A cabeça estava um pouco inclinada para trás com uma graça inexprimível e quase angélica.

Dir-se-ia, ao vê-la, que aquele olhar imóvel, dobrando a sua extensão pela fixidez, penetrava até aos pés do trono de Deus.

O rei ficou como que desvairado e Gilberto voltou o rosto suspirando. Não tinha podido resistir ao desejo de conceder a Andréa o grau de beleza sobre-humana; e então, como Pigmalião, e ainda mais desgraçado do que Pigmalião, porque conhecia a insensibilidade da bela estátua, aterrava-se da sua própria obra.

Fez outro aceno, sem sequer voltar a cara para Andréa, e ela fechou os olhos.

O rei quis que lhe fosse explicado pelo Dr. Gilberto este estado maravilhoso no qual a alma se desliga do corpo e divaga livre, feliz e divina, sobranceira às misérias terrestres.

Gilberto, como todos os homens incontestavelmente superiores, sabia pronunciar essa frase, que tanto custa a dizer à mediocridade: “Não sei.” Confessou a el-rei a sua ignorância, dizendo-lhe que produzia um fenómeno que não podia definir. O facto existia: a explicação do facto é que não.

- Doutor - disse o rei ao ouvir esta confissão de Gilberto; - aqui está mais um dos segredos que a Natureza guarda para os sábios de outra geração, e que será aprofundado como muitos outros mistérios, que se julgam insolúveis. Nós chamamos-lhes mistérios, e nossos pais chamavam-lhes sortilégios ou feitiçarias.

- Sim, senhor - respondeu Gilberto sorrindo - e eu teria a honra de ser queimado na Praça da Grève, para maior glória de uma religião que não era compreendida, por sábios sem ciência e por padres sem fé.

- Debaixo da direcção de quem estudou essa ciência? - replicou el-rei; - foi com Mesmer?

- Oh! Senhor - disse Gilberto sorrindo - vi os mais pasmosos fenómenos desta ciência dez anos antes que o nome de Mesmer fosse pronunciado em França.

- Diga-me, com franqueza, esse Mesmer que revolucionou toda a cidade de Paris, era na sua opinião um charlatão? Parece-me que opera mais simplesmente do que ele. Ouvi contar as experiências de Deslon e do Puységur. O senhor há-de saber tudo o que se disse a esse respeito, tanto de disparatado como de verdadeiro.

- Estou ao facto de todo esse debate, senhor.

- Então que julga da famosa selha?

- Digne-se Vossa Majestade desculpar-me se respondo com dúvida a tudo quanto respeita à arte magnética. O magnetismo não é ainda uma arte.

- Ah!

- É unicamente uma potência terrível, porque aniquila o livre-arbítrio; alheando a alma do corpo, põe o corpo do sonâmbulo nas mãos do magnetizador, sem que aquele possa conservar nem o poder da vontade de se defender. Enquanto a mim, senhor, tenho visto operar fenómenos admiráveis, tenho-os operado eu próprio, e contudo, duvido ainda.

- Como assim! Pois duvida? Opera milagres e duvida deles?

- Não; não duvido, não duvido. Agora, por exemplo, tenho a prova de um poder inaudito e incógnito debaixo dos olhos; mas quando esta prova desaparece, quando estou só no meu aposento, em frente da minha biblioteca, em presença do que toda a ciência humana tem escrito há três mil anos; quando a ciência me diz não, quando a própria razão me diz não, então duvido.

- E o seu mestre também duvidava, doutor?

- Talvez, mas como era menos franco de que eu, não o dizia.

- Era Deslon, ou Puységur?

- Não, senhor; nenhum desses. O meu mestre era um homem muito superior a todos que Vossa Majestade se tem dignado nomear. Vi-lhe fazer a respeito de feridas, sobretudo, coisas maravilhosas; nenhuma ciência lhe era desconhecida. Tinha-se impregnado das teorias egípcias e havia penetrado os arcanos da antiga civilização assíria. Era um sábio profundo, um filósofo temível, que tinha a experiência da vida unida à perseverança da vontade.

- Conheci-o? - perguntou el-rei.

Gilberto hesitou um instante.

- Pergunto-lhe se o conheci?

- Conheceu, sim, senhor.

- Chamava-se?...

- Senhor - disse Gilberto - pronunciar esse nome ante el-rei é talvez expor-me a desagradar-lhe. Ora neste momento, sobretudo, em que grande parte dos Franceses ludibriam a Majestade real, não quisera por modo algum suscitar uma dúvida a respeito do acatamento que todos devemos a Vossa Majestade.

- Nada receie, diga o nome desse homem, Dr. Gilberto, e esteja persuadido de que tenho a minha filosofia de muito boa ténpera para que possa sorrir-me de todos os insultos do presente e de todas as ameaças do futuro.

Gilberto, apesar disto, hesitou ainda.

El-rei aproximou-se dele.

- Senhor - lhe disse ele sorrindo-se - nomeie Satanás se lhe aprouver, porque achará contra ele uma couraça, aquela que os seus dogmatizadores não têm, e que não terão nunca, a que neste século talvez só eu possuo e visto sem vergonha: a religião!

- Vossa Majestade crê como S. Luís. Bem o sei, senhor - disse Gilberto.

- E nela é que está toda a minha força, confesso-o, doutor. Prezo a ciência, adoro os resultados do materialismo; sou matemático, bem o sabe, e sabe perfeitamente que um total de adição, uma fórmula algébrica me enchem de alegria. Mas para me opor às inteligências que levam a álgebra até ao ateísmo, reservo a minha fé íntima, inexaurível, eterna: a minha fé, que me põe um grau acima e abaixo deles: acima, pelo bem; abaixo, pelo mal. Assim, bem vê, doutor, que sou um homem a quem se pode dizer tudo, e um rei que tudo pode ouvir.

- Senhor - disse Gilberto com uma espécie de admiração; - agradeço a Vossa Majestade o

que acaba de dizer-me, porque é quase uma confiança de amigo com que acaba de me honrar.

- Oh! Quisera que toda a Europa me ouvisse falar assim. Se os Franceses lessem no meu coração toda a força e ternura que ele encerra, estou certo de que me resistiriam menos.

A última parte desta frase, que mostrava a prerrogativa real irritada, prejudicava Luís XVI no conceito de Gilberto, que disse:

- Senhor, visto que assim o quer, dir-lho-ei; o meu mestre foi o conde de Cagliostro.

- Oh! - exclamou Luís corando - esse empírico!...

- Esse empírico... Sim, senhor - respondeu Gilberto. - Vossa Majestade sabe muito bem que a palavra que acaba de empregar é uma das mais nobres de que a ciência se serve. *Empírico* quer dizer *homem que ensaia*. Ensaiar tudo e sempre, senhor, para um pensador, para um prático, para todo o homem, enfim, é fazer tudo que Deus permite aos mortais que façam de mais belo e de maior. O homem deve ensaiar durante toda a sua vida e terá toda a vida ocupada.

- Ah! Senhor, esse Cagliostro que defende - disse o rei - era um grande inimigo dos reis.

Gilberto lembrou-se do negócio do colar.

- Não será talvez das rainhas que Vossa Majestade quer falar?

Luís estremeceu a seu pesar.

- Sim - disse el-rei; - ele portou-se no negócio do príncipe de Rohan de uma maneira mais que equívoca.

- Senhor, nisso como em tudo, Cagliostro desempenhava a sua missão humana: ensaiava para si. Em ciência, em moral e em política não há bem nem mal; há só fenómenos estabelecidos e factos adquiridos. Todavia, pense a respeito dele como lhe aprouver. Torno a repetir, como homem pode ter merecido muitas vezes censura, e talvez que essa mesma seja um dia um elogio, porque a posteridade revê as sentenças dos homens; mas eu não estudei com o homem, senhor, estudei com o filósofo, com o sábio.

- Bem, bem - atalhou el-rei, que sentia ainda sangrar-lhe a duplicada chaga do seu orgulho e do seu coração; - bem, nós vamo-nos esquecendo da condessa, e talvez que esteja sofrendo.

- Vou acordá-la, senhor, se Vossa Majestade o deseja; mas antes quisera que o cofre chegasse aqui durante o sono.

- Por que?

- Para a poupar a uma lição mais dura.

- Eis que chega - disse el-rei. - Espere.

Efectivamente, a ordem de el-rei havia sido pontualmente executada; o cofre foi encontrado no palácio de Charny em poder do esbirro Pas-de-Loup e acabava de aparecer no gabinete real ante os olhos da própria condessa, que não o via.

O rei fez um sinal de ter ficado satisfeito ao oficial que trouxera o cofre, o qual saiu depois.

- Então? - disse Luís XVI.

- Então, senhor, então, eis o cofre que me foi roubado.

- Abra-o - disse el-rei.

- Senhor, abri-lo-ei, se Vossa Majestade o deseja, mas devo prevenir Vossa Majestade de uma coisa...

- Qual?

- Senhor, como disse a Vossa Majestade, este cofre só contém papéis fáceis de ler, e dos quais depende a honra de uma mulher.

- Que é a condessa?

- Sim, senhor; mas a honra não lhe ficará manchada por estar no domínio da consciência de Vossa Majestade. Abra, senhor - disse Gilberto, aproximando-se do cofre e apresentando a chave a el-rei.

- Senhor - replicou friamente Luís XVI - pode levar o cofre, visto que é seu.

- Obrigado, senhor. Que faremos à condessa?

- Oh! Não a acorde por forma alguma aqui. Quero evitar-lhe as surpresas e a dor.

- Senhor - respondeu Gilberto - a Sr^a. condessa não acordará senão no lugar para onde Vossa Majestade a mandar conduzir.

- Seja assim; irá para os aposentos da rainha.

Luís tocou uma campainha; entrou um oficial.

- Sr. capitão - disse ele - a Sr^a. condessa acaba de desmaiar aqui ao saber as notícias de Paris; faça-a conduzir aos aposentos da rainha.

- Quanto tempo será necessário para efectuar esse transporte? - perguntou Gilberto a el-rei.

- Uns dez minutos.

Nisto Gilberto estendeu a mão sobre a condessa e disse:

- Acorde daqui a um quarto de hora.

Dois soldados, mandados pelo oficial, entraram e levaram-na sobre duas poltronas.

- Agora, Sr. Gilberto, que mais deseja? - perguntou el-rei.

- Senhor, um favor, que me aproxima de Vossa Majestade e que me proporciona ao mesmo tempo ocasiões de lhe ser útil.

O rei pensou.

- Explique-se - disse ele.

- Quisera ser médico privado de el-rei - disse Gilberto; - não farei sombra a ninguém: é um emprego honorífico, mas mais de confiança que de ostentação.

- Concedido - respondeu el-rei. - Adeus, Sr. Gilberto. Ah! A propósito, muitas recomendações a Necker. Adeus.

Depois, indo a sair:

- A minha ceia! - bradou Luís XVI, a quem nenhum acontecimento podia fazer esquecer a sua ceia.

XXV

Nos aposentos da rainha

Enquanto Luís XVI pretendia combater filosoficamente a revolução, fazendo um curso de ciências ocultas, a rainha, filosofando mui diversamente, reunia em volta de si, no seu gabinete, todos os indivíduos a quem chamava os seus fiéis, sem dúvida por que ainda se não tinha proporcionado ocasião a nenhum deles de experimentar ou ensaiar a sua fidelidade.

Nos aposentos da rainha também fora narrado o terrível acontecimento daquele dia com todas as suas circunstâncias.

Ela mesmo tinha sido a primeira a sabê-lo, porque a pessoa que lhe dera a notícia não pusera dúvida em a prevenir do perigo.

Em volta da rainha viam-se oficiais, cortesãos, padres e mulheres.

À entrada das portas, e por detrás dos reposteiros que os ocultavam, viam-se grupos de jovens oficiais, alardeando valor e ousadia, que consideravam todas aquelas revoltas como ocasião de há muito esperada para ostentarem, como num torneio, grandes cometimentos de armas em presença das damas.

Todos, tanto familiares como servos, haviam escutado com atenção as notícias de Paris, relatadas pelo Sr. de Lambescq, o qual, tendo assistido aos acontecimentos, corraera a Versalhes com o seu regimento ainda coberto de pó da areia das Tulherias, para dar a realidade por consolação às pessoas assombradas, algumas das quais, parecera-lhe ainda há pouco, exageravam a sua desgraça.

A rainha estava assentada diante de uma mesa.

Não era já a doce e bela noiva, anjo protector da França, que vimos aparecer no começo desta história, atravessando a fronteira do norte com um ramo de oliveira na mão; não era tão-pouco a bela e graciosa princesa, que vimos entrar uma noite com a princesa de Lamballe na

misteriosa morada de Mesmer e aproximar-se, risonha e incrédula, da selha simbólica, a que ia pedir uma revelação do futuro; não! Era a rainha altiva e resoluta, de sobrolho franzido e lábios desdenhosos; era a mulher, cujo coração deixara escapar uma porção do seu amor para receber em lugar deste doce e vivificante sentimento, as primeiras gotas do fel, que devia converter-se em sangue à força de o percorrer; era, finalmente, a mulher do terceiro retrato da galeria de Versalhes, isto é, não já Maria Antonieta, não já a rainha de França, mas a pessoa que principiava a designar-se só com o nome de Austríaca.

Atrás dela estava, meio deitada na sombra, uma mulher nova, imóvel, com a cabeça reclinada para trás sobre o coxim de um sofá e com a mão na testa.

Ao avistar o Sr. de Lambescq, a rainha fizera um desses gestos de alegria desesperada, que querem dizer:

- Finalmente vamos saber tudo!

O Sr. de Lambescq inclinara-se com a expressão de quem pede perdão por se apresentar com as botas enlameadas, o fato coberto de poeira, e a espada torcida a ponto de não poder entrar completamente na bainha.

- Então, Sr. de Lambescq - disse a rainha – vem de Paris?

- Venho, sim, minha senhora.

- Que faz o povo?

- Mata e queima.

- Por vertigem ou por ódio?

- Por nenhuma dessas coisas; por ferocidade.

A rainha reflectiu, como se estivesse disposta a participar daquele parecer a respeito do povo. Depois, abanando a cabeça, disse:

- Não, príncipe, o povo não é feroz, sem razão, pelo menos. Não me oculte, portanto, coisa nenhuma. Diga-me, o que o move é o delírio? É o ódio?

- Pois bem, direi a Vossa Majestade que é o ódio levado ao ponto de delírio, minha senhora.

- Ódio a quem? Ah! Ainda hesita, príncipe?... Tome sentido, se continuar a contar as coisas desse modo, em vez de me dirigir ao senhor, como faço, enviarei um dos meus picadores a Paris; bastará uma hora para lá chegar; uma hora para se informar do que se passa, e uma hora para voltar, e dentro de três horas me contará os acontecimentos pura e genuinamente como um arauto de Homero.

O Sr. de Dreux-Brézé adiantou-se com o sorriso nos lábios.

- Mas, minha senhora - disse ele - que importa a Vossa Majestade a raiva do povo? Não pode de modo algum dizer respeito a Vossa Majestade.

A rainha nem sequer notou a lisonja, e continuou dirigindo-se ao Sr. de Lambescq:

- Vamos, príncipe, fale!

- Pois bem, minha senhora, o povo é impelido pela raiva.

- Contra mim?

- Contra todos os que o dominam.

- Ora aí está: essa é a verdade, e eu percebo-a – disse resolutamente a rainha.

- Sou soldado, minha senhora - apressou-se a dizer o príncipe.

- Bem, bem; fale-nos portanto como soldado. Vejamos, o que cumpre fazer?

- Nada, minha senhora.

- Como! Nada? - exclamou a rainha, aproveitando-se do murmúrio levantado por estas palavras dentre os fatos bordados e espadas de ouro dos seus cortesãos. - O senhor, um príncipe loreno, vem dizer isso à rainha de França, no momento em que o povo, segundo disse, mata e queima: vem dizer-me que não há nada a fazer?

Novo murmúrio, mas aprovador desta vez, acolheu as palavras de Maria Antonieta.

Voltou-se e abrangeu com um olhar todo o círculo que a envolvia, e entre todos aqueles olhos cintilantes buscou os que despediam mais chamas, crendo ver neles mais fidelidade.

- Nada - replicou o príncipe - porque, deixando os Parisienses tranquilizarem-se, eles se tranquilizarão; eles não são belicosos senão quando os exasperam. Para que servirá dar-lhes a honra de uma luta e arriscar a probabilidade de um combate? Conservemo-nos sossegados, e dentro de três dias não haverá mais de semelhante coisa em Paris.

- Mas a Bastilha, senhor?

- A Bastilha fechará as portas, e os que estão presos, presos ficarão; eis tudo.

Alguns frêmitos de riso se fizeram ouvir dentre o grupo silencioso.

A rainha replicou:

- Tome cuidado, príncipe; olhe que assim tranquiliza-me de mais.

E, pensativa, com o mento apoiado na palma da mão, dirigiu-se para a Sr.^a de Palignac, que, pálida e triste, parecia absorvida em si mesma.

A condessa ouvira todas aquelas notícias com visível terror, e só se sorriu quando a rainha se deteve em frente dela e lhe sorriu, e ainda assim o sorriso era pálido e descorado como uma flor emurchecida.

- Então, condessa - perguntou a rainha - que diz a tudo isto?

- Ai de mim! Minha senhora - não digo nada - replicou ela.

- Como! Nada?

- Nada, minha senhora.

E abanou a cabeça com expressão de inexplicável descoroamento.

- Vamos, vamos - disse em voz baixa a rainha inclinando-se ao ouvido da condessa - a minha Diana é uma preguiçosa.

Depois em voz alta:

- Mas onde está a Sr.^a de Charny, aquela intrépida? Temos necessidade dela para nos tranquilizar.

- A condessa ia a sair - disse a Sr.^a de Misery - quando a chamaram por ordem de el-rei ao aposento real.

- Ah! Ao aposento real - respondeu distraidamente Maria Antonieta.

E foi só então que a rainha deu pelo singular silêncio que se fizera em torno dela.

Era que aqueles acontecimentos inauditos, incríveis, cujas notícias sucessivamente haviam chegado até Versalhes, como tiros redobrados, tinham aterrado os mais firmes corações, mais ainda pelo pasmo do que pelo temor.

A rainha percebeu que era conveniente erguer todos aqueles espíritos abatidos.

- Então, ninguém me dá um conselho? - disse ela. - Pois aconselhar-me-ei comigo mesma.

Todos se acercaram de Maria Antonieta.

- O povo - disse ela - não é perverso; está desvairado. Odeia-nos porque não nos conhece; portanto aproximemo-nos dele.

- Para o castigar - disse uma voz - porque ousou duvidar dos seus senhores, o que é um crime.

A rainha olhou para o lado donde partira a voz, e viu o barão de Bezenval.

- Oh! É o senhor - disse ela; - vem dar-nos algum bom parecer?

- O parecer está dado, minha senhora - disse Bezenval, inclinando-se.

- Pois seja - disse a rainha; - el-rei castigará, mas como bom pai.

- Quem bem ama bem castiga - continuou o barão.

Depois, voltando-se para o lado do Sr. de Lambescq, disse:

- Não é do meu parecer, príncipe? O povo cometeu assassínios...

- Do que ele se lembra, meu Deus de represálias - disse de mansinho uma voz doce e cheia de frescura, ao som da qual a rainha se voltou.

- Tem razão, princesa; é justamente nisso que consiste o erro, minha cara Lamballe; portanto, seremos indulgentes.

- Mas - replicou a princesa com a sua voz tímida - antes de saber se se deve castigar,

importa saber, segundo creio, se é possível vencer.

Um brado geral rebentou, brado de veemente protesto contra a verdade que acabava de sair daquela nobre boca.

- Vencer! E os Suíços? - disse um.

- E os Alemães? - disse outro.

- E as guardas reais? - disse um terceiro.

- Há quem suspeite do exército e da nobreza? – exclamou um mancebo, que trazia o uniforme de tenente dos hussardos de Bercheny. - Merecemos porventura semelhante opróbrio? Pense, minha senhora, que de amanhã em diante, se quiser, el-rei pode pôr em marcha quarenta mil homens, fazê-los acometer Paris, e destruir a capital. Veja bem que quarenta mil homens de tropa fiel valem por meio milhão de Parisienses revoltados!

O mancebo que acabava de falar assim tinha por certo um sem-número de boas razões que dar ainda, mas deteve-se logo ao ver os olhos da rainha fitarem-se nele; conversava no centro de um grupo de oficiais, e o seu zelo levava-o mais longe do que o seu posto e as conveniências lho permitiam.

Conteve-se, portanto, como já dissemos, todo enleado do efeito que produzira.

Todavia, era já tarde, porque a rainha reparara nas palavras que soltara.

- Conhece a situação, senhor? - perguntou ela com bondade.

- Conheço, sim, minha senhora - disse o mancebo corando; - estava nos Campos-Elíseos.

- Então não receie falar; aproxime-se, senhor.

O mancebo atravessou muito corado as alas que se abriam diante dele e adiantou-se para a rainha.

A este movimento o príncipe de Lambescq e o Sr. de Bezenval recuaram, como se lhes parecesse abaixo da sua dignidade assistir àquela espécie de conselho.

Mas a rainha não pareceu dar por tal coisa.

- Dizia então o senhor que el-rei tem quarenta mil homens? - perguntou ela.

- Disse, sim, minha senhora.

- Em roda de Paris?

- Em Saint-Denis, em Saint-Mandé, em Montmartre e em Grenelle.

- Especialize, senhor, especialize - exclamou a rainha.

- Minha senhora, os srs. de Lambescq e de Bezenval podem dizê-lo muito melhor do que eu.

- Continue, senhor; aprez-me ouvir esses pormenores da sua boca. Esses quarenta mil homens às ordens de quem estão?

- Em primeiro lugar, debaixo das ordens dos srs. de Bezenval e de Lambescq, depois, debaixo das do Sr. príncipe de Condé, do Sr. de Narbonne-Fritzlart e do Sr. Salkenaym.

- Isto é verdade, príncipe? - perguntou a rainha voltando-se para o Sr. de Lambescq.

- É, sim, minha senhora - respondeu o príncipe inclinando-se.

- Em Montmartre – disse o mancebo - está um parque de artilharia; dentro de seis horas todos os bairros dominados por Montmartre podem ser reduzidos a cinzas. Dê Montmartre o sinal de fogo, responda-lhe Vincennes, apresentem-se dez mil homens pelos Campos-Elíseos, outros dez mil pela barreira de Enfer, outros dez mil pela Rua de Saint-Martin, outros dez mil pela Bastilha, e ouvindo-se em Paris o fogo de fuzilaria pelos quatro pontos cardeais, assevero a Vossa Majestade que se não sustentará talvez vinte e quatro horas.

- Ora aqui está um que fala com franqueza: eis um plano breve. Que diz a isto, Sr. de Lambescq?

- Digo - respondeu desdenhosamente o príncipe – que o Sr. tenente de hussardos é um general perfeito.

- Ao menos - atalhou a rainha que via o jovem oficial empalidecer de cólera - ao menos é um soldado que não desespera.

- Obrigado, minha senhora - respondeu o mancebo inclinando-se. - Não sei o que

decidirá Sua Majestade, mas o que lhe suplico, é que me considere como um dos que estão prontos a morrer por Vossa Majestade; e que nisso não faço, peço-lhe que assim o acredite, senão o que quarenta mil soldados estão prestes a fazer, sem contar com os nossos chefes.

A estas últimas palavras o jovem oficial saudou cortésmente o príncipe, que o tinha quase insultado.

Esta cortesia abalou ainda mais a rainha do que o protesto de dedicação que a precedera.

- Como se chama? - perguntou ela ao oficial.

- Barão de Charny, minha senhora - respondeu ele inclinando-se.

- Charny! - exclamou Maria Antonieta corando a seu pesar; - é parente do conde de Charny?

- Sou irmão dele minha senhora.

E o mancebo inclinou-se graciosamente, ainda mais do que o havia feito já.

- Devia - disse a rainha erguendo a voz acima do borbórinho e lançando um olhar seguro em volta de si - devia ter conhecido, logo às primeiras palavras que proferiu, um dos meus mais fiéis servidores. Obrigado, barão. Mas, por que razão é agora a primeira vez que o vejo na corte?

- Minha senhora, meu irmão mais velho ordenou-me que permanecesse no regimento, e durante os sete anos em que tenho tido a honra de servir nos exércitos de el-rei, não vim a Versalhes senão duas vezes.

Maria Antonieta fixou por algum tempo as vistas no mancebo:

- Parece-se com seu irmão - disse ela. - Hei-de ralar com ele por ter esperado que se apresentasse de moto-próprio na corte.

E a rainha voltou-se para a condessa sua amiga, que enquanto durara esta cena não saíra da sua imobilidade.

Mas às demais pessoas que ali se achavam não acontecia o mesmo. Os oficiais, electrizados pelo acolhimento que a rainha acabava de fazer àquele mancebo, exageravam à porfia o entusiasmo pela causa real, e em cada grupo se ouviam expressões de um tal heroísmo, que seria sem dúvida bastante para domar toda a França.

Maria Antonieta tratou de se aproveitar daquelas disposições, que afagavam, evidentemente o seu secreto pensamento.

Preferira lutar a sofrer, queria antes morrer do que ceder. Portanto, logo às primeiras notícias que tinham chegado de Paris, opinara por uma resistência pertinaz contra o espírito de rebelião, que ameaçava engolir todas as prerrogativas da sociedade francesa.

Se há força cega, se há força insensata, é seguramente a dos algarismos e a da esperança.

Um algarismo, à direita do qual se aglomeram cifras, depressa ultrapassa todos os recursos do universo.

Da mesma forma acontece com os desejos de um conspirador ou de um déspota; sobre os entusiasmos erguidos por eles mesmos sobre imperceptíveis esperanças, acendem-se pensamentos gigantescos, que a um fraco sopro se evaporam em menos tempo do que fora necessário para se conglobarem e condensarem em espessa névoa.

Pelas poucas palavras proferidas pelo barão de Charny, no excesso de entusiasmo soltado pelos assistentes, Maria Antonieta viu-se em perspectiva à testa de um poderoso exército. Ouvia já rodar a sua artilharia inofensiva, via marcharem sobre a revolucionada capital as suas hostes aguerridas, e regozijava-se do terror que deveria inspirar aos Parisienses, como de uma vitória decisiva.

Em volta dela, homens e mulheres, ébrios de beleza, de confiança e de amor, contavam os brilhantes hussardos, e os esforçados dragões, os Suíços terríveis, os artilheiros ardentes, e riam dos grosseiros chuços feitos de madeira tosca, sem pensarem de que no topo dessas armas vis deviam erguer-se algumas das mais nobres cabeças de França.

- Eu - murmurou a princesa de Lamballe - tenho mais medo de um chuço que de uma espingarda.

- É por ser mais feio, minha cara Teresa - replicou a rainha sorrindo. - Mas, em todo o

caso, tranquiliza-te. Os nossos alabardeiros parisienses não são comparáveis com os famosos alabardeiros suíços de Morat, e os Suíços hoje têm mais armas do que alabardas; têm também arcabuzes com que atiram muito bem, graças a Deus!

- Oh! Lá por isso respondo eu - apressou-se a dizer o Sr. de Bezenval.

A rainha voltou-se outra vez para a Sr^a. de Polignac, para ver se todas aquelas seguranças a teriam tranqüilizado; mas a condessa parecia cada vez mais pálida e mais trémula.

A rainha, aquela cuja ternura extrema fazia que sacrificasse muitas vezes à amiga a sua dignidade real, solicitou debalde um semblante mais risonho a condessa.

Mas aquela desanimação não operava outra influência senão contristar a rainha. O entusiasmo conservava-se na mesma força entre os moços oficiais, e todos reunidos, fora os chefes principais, que estavam juntos com o seu camarada, o barão de Charny, discutiam os seus planos de batalha.

No meio daquela animação febril, entrou el-rei sorrindo, só e sem se ter feito preceder de aviso algum.

A rainha, assaz radiante pelas comoções que acabara de mover em volta de si, adiantou-se para el-rei.

Ao aspecto do rei cessara toda a conversação e estabelecera-se o mais profundo silêncio; esperavam todos ouvir as palavras do seu amo, palavras que electrizam e subjagam.

Quando os vapores estão suficientemente carregados de electricidade, ao menor choque sai determinada chama.

Aos olhos dos cortesãos, o rei e a rainha, caminhando um para o outro, eram as duas potências eléctricas donde devia despedir-se o raio.

Nesta suposição, todos escutavam, todos tremiam, ou aspiravam as palavras que deviam sair da boca real.

- Senhora - disse Luís XVI - no meio de todos estes acontecimentos esqueceram-se de me servir a ceia no meu quarto; faça pois Vossa Majestade o obséquo de mandar que me dêem de cear aqui.

- Aqui? - exclamou a rainha estupefacta.

- Se a isso se não opõe?

- Mas... Senhor...

- Quer conversar, não é verdade? Pois bem, irei ceando e conversando.

A simples palavra cear gelara todo o entusiasmo. Mas às palavras: irei ceando e conversando, a própria Maria Antonieta não pôde acreditar que tanto sossego não disfarçasse algum heroísmo.

O rei queria sem dúvida, pela sua tranqüilidade, impor a todos o terror da situação.

Oh! Não padece dúvida: Maria Antonieta, a filha de Maria Teresa, não podia acreditar em tal momento que o neto de S. Luís persistisse submetido às necessidades materiais da vida ordinária.

Mas a rainha enganava-se. O rei tinha vontade de cear, e nada mais.

XXVI

Como el-rei ceou na noite de 14 de Julho de 1789

A uma palavra de Maria Antonieta, o rei foi servido numa pequena mesa, no mesmo gabinete da rainha.

Aconteceu, porém, inteiramente, o contrário do que esperava a princesa. Luís XVI fez calar todos, mas foi só para não poder ser distraído na sua ceia.

Enquanto Maria Antonieta se esforçava por atear o entusiasmo, o rei devorava.

Os oficiais não acharam a cena gastronómica digna de um descendente de S. Luís, e formaram grupos, cujas intenções não eram porventura tão respeitadas como as circunstâncias o

exigiam.

A rainha corou; a impaciência manifestava-se-lhe em todos os movimentos. Aquela natureza fina, aristocrática e nervosa não podia compreender uma tal dominação da matéria sobre o espírito. Aproximou-se do rei, a fim de atrair junto dele todas as pessoas que se tinham afastado.

- Senhor - disse ela - tem algumas ordens que dar?

- Ah! Ah! - respondeu o rei com a boca cheia que ordens, minha senhora? Vamos a ver, será Vossa Majestade a nossa Egéria nesta ocasião crítica?

E dizendo estas palavras, atacava com denodo uma perdiz recheada.

- Senhor - replicou a rainha. - Numa era um rei pacífico. Mas presentemente todos crêem que é um rei belicoso que se precisa, e se Vossa Majestade quer moldar-se pela antiguidade, e não pode ser Tarquínio, seja segundo Rômulo.

O rei sorriu com uma tranqüilidade que participava o seu tanto de bem-aventurança.

- E estes senhores também são belicosos? – perguntou ele.

E nisto voltou-se para o grupo dos oficiais, e os seus olhos, animados pelo calor da ceia, pareceram aos circunstantes resplandecentes de coragem.

- Sim, senhor! - clamaram todos a um tempo; - a guerra! Só pedimos a guerra!

- Senhores, senhores - disse el-rei - dão-me em verdade o maior prazer provando-me que na ocasião oportuna poderei contar com todos. Mas presentemente tenho um conselho e um estômago: o primeiro diz-me o que devo fazer, e o segundo ensina-me o que estou fazendo.

E nisto pôs-se a rir, dando ao oficial do paço que o servia o prato com os restos da ceia para que lhe trouxessem outro limpo.

Um murmúrio de estupor e de cólera passou como um arrepio por aquela chusma de fidalgos, que a um sinal do rei decerto derramariam todo o seu sangue.

A rainha voltou a cara e bateu o pé.

O príncipe de Lambescq foi-lhe ao encontro.

- Veja, minha senhora - disse ele - Sua Majestade pensa decerto como eu, que é melhor esperar. Convém que haja prudência, e conquanto este não seja o meu natural, desgraçadamente a prudência é uma virtude necessária no tempo em que vivemos.

- Sim, senhor, sim; é uma virtude muito necessária - respondeu a rainha mordendo os beiços até fazer sangue.

E, mais triste que a morte, foi-se encostar ao fogão, com os olhos fitos na escuridão, e a alma mergulhada no desespero.

Aquela disposição diferente do rei e da rainha foi notada por todos. A rainha retinha as lágrimas a custo, e o rei continuava a cear com o apetite proverbial dos Bourbons.

Em vista disto, a sala foi-se gradualmente despejando. Os grupos desfizeram-se, como aos raios do sol se derrete nos jardins a neve, debaixo da qual vai aparecendo num e noutro ponto a terra negra e árida.

A rainha, ao ver dispersarem-se aqueles grupos belicosos, em que fundava as suas esperanças, julgou ver dissipar-se todo o seu poder, como noutro tempo se haviam desfeito a um sopro do Senhor os grandes exércitos dos Suíços e Amalecitas, que uma noite ou um mar engolira para todo sempre em seus abismos.

Saiu daquela espécie de torpor ao sentir a doce voz da condessa Júlia, que se aproximara dela com Diana de Polignac, sua cunhada.

Ao som daquela voz, o futuro, já proscrito, apareceu de novo, com as suas flores e palmas, no coração daquela mulher orgulhosa: uma amiga sincera e verdadeiramente solícita valia mais do que dez reinos.

- Ó minha amiga, minha cara amiga! – murmurou ela apertando a condessa Júlia nos seus braços – ainda me resta uma amiga!...

E as lágrimas, longo tempo contidas, brotaram-lhe das pálpebras deslizando pelas faces e inundando-lhe o colo. Mas em vez de serem amargas, aquelas lágrimas eram doces, e em vez de a

constrangerem, desafogavam-lhe o peito.

Reinou um momento de silêncio, durante o qual a rainha continuou a apertar a condessa nos braços.

Foi a condessa que, pegando na mão da cunhada, rompeu o silêncio.

- Senhora - disse ela com voz tão sumida, que quase parecia envergonhada - não creio que Vossa Majestade reprove o projecto que tenho de submeter à sua real aprovação.

- Que projecto? - perguntou a rainha atenta; - fale, duquesa, fale.

E para ouvir a duquesa Diana, a rainha apoiou-se no ombro da condessa, sua valida.

- Minha senhora - prosseguiu a duquesa - a opinião, que tinha a expender, vem de uma pessoa cuja autoridade não deve ser suspeita a Vossa Majestade; vem de Sua Alteza Real a Sr.^a infanta Adelaide, tia de el-rei.

- Que de preâmbulos, cara duquesa - disse alegremente a rainha; - diga, diga o que é.

- Minha senhora, as circunstâncias são tristes. Muito se tem exagerado o favor de que goza a nossa família junto de Vossa Majestade; a calúnia macula a augusta amizade que Vossa Majestade se digna conceder-nos em paga da nossa respeitosa dedicação.

- Muito bem, duquesa - disse a rainha um pouco admirada - julga porventura que não tenho sido bastante corajosa? Não tenho mantido energicamente as minhas amizades a despeito da corte, do povo e até do próprio rei?

- Oh! Minha senhora! Certamente, e até Vossa Majestade tem defendido os seus afeiçoados, a ponto de se expor por eles a muitos desgostos, de modo que hoje, que o perigo é grande, terrível até, os seus afeiçoados, tão nobremente defendidos por Vossa Majestade, seriam uns ingratos e desleais servidores se negassem todo o auxílio que devem à sua rainha.

- Ah! Muito bem, muito bem! - disse Maria Antonieta com grande entusiasmo, abraçando a condessa e apertando a mão à Sr.^a de Polignac.

Estas, porém, empalideceram, em vez de erguerem altivas a cabeça ao receberem aquelas significativas carícias da sua soberana.

Júlia de Polignac fez um movimento para se desprender dos braços da rainha.

- Mas - balbuciou Diana de Polignac - Vossa Majestade talvez não compreenda bem o que temos a honra de lhe dizer, e que tende unicamente a desviar os golpes que ameaçam o seu trono, a sua real pessoa, e quem sabe se a causa é a amizade com que nos honra? É um meio doloroso, um sacrifício amargo para nossos corações, mas devemos-lo sofrer, porque nos é imposto pela necessidade.

A estas palavras, que fizeram descorar todos em volta da rainha, percebeu esta que naquele exórdio, e sob o véu daquela reserva tímida, transparecia, não já uma amizade forte e fiel, mas o medo.

- Vejamos - disse ela; - fale duquesa, qual é esse sacrifício?

- Oh! O sacrifício diz-nos em tudo respeito, minha senhora - respondeu aquela. - Somos, e só Deus sabe porque, execradas em França; afastando-nos do trono, restituir-lhe-emos todo o esplendor, todo o calor do amor do povo, amor extinto ou interceptado pela nossa presença.

- Afastem-se de mim! - exclamou a rainha com explosão. - Quem foi que disse isso? Quem pediu semelhante coisa?

E proferindo estas palavras, olhou desvairada para a condessa Júlia, repeliu-a brandamente com a mão e abaixou a cabeça.

- Pela minha parte - disse a condessa - desejo, pelo contrário, ficar.

Mas estas palavras eram proferidas num tom, que queria, manifestamente, dizer que, se a condenasse a partir, partiria.

Ó santa amizade, santa cadeia, que pode fazer de uma rainha e de uma serva dois corações indissolavelmente unidos. Ó santa amizade, que pode originar mais heroísmo do que o amor e a ambição, nobres enfermidades do coração humano! Aquela rainha quebrou contudo o altar adorado que te havia erguido em seu coração; bastou-lhe um olhar, um único, para ver o que em dez anos não pudera ver: frieza e cálculo, desculpáveis, justificáveis e legítimos, talvez; mas

que desculpa, justifica, ou legitima o abandono aos olhos de um quando o outro cessa de amar?

Maria Antonieta só se vingava da dor que experimentava por um olhar frio que fitava na sua amiga.

- Ah! Duquesa Diana, é esse o seu parecer? - disse ela apertando o peito com a mão febril.

- Ai de mim! Senhora - respondeu esta - não é por minha vontade, não, não é a minha vontade que dita o que devo fazer, é a ordem do destino.

- Sim, duquesa - disse Maria Antonieta. E voltando-se para a condessa Júlia, continuou: - E a senhora o que diz?

A condessa respondeu com uma lágrima ardente como um remorso; mas toda a força exaurira-se-lhe no esforço que acabava de fazer.

- Bem - respondeu a rainha - bem; é grato ao meu coração ver quanto sou amada. Obrigada, minha cara condessa; sim, a condessa corre aqui perigos, não há dúvida; a raiva do povo não conhece freio; sim, tem razão, só eu sou a louca. Pede para ficar, mas isso é excesso de amizade; não aceito esse excesso.

A condessa Júlia ergueu os belos olhos para a rainha; mas desta vez, longe de ler neles a consagração da amiga, só viu a fraqueza da mulher.

- Visto isso, duquesa, está decidida a retirar-se?

E acentuou estas palavras.

- Estou, sim, minha senhora.

- Naturalmente para alguma das suas terras... Afastada... Bem longe...

- Minha senhora, para partir, para deixar a Vossa Majestade, cinqüenta léguas são tão dolorosas de fazer como duzentas.

- Vai talvez para país estrangeiro?

- Ai de mim! Sim, minha senhora!

Um suspiro despedaçou o coração da rainha, mas não lhe saiu dos lábios.

- Para onde vai?

- Para as margens do Reno, minha senhora.

- Muito bem; a senhora fala alemão, condessa - disse a rainha com o sorriso de uma indefinível tristeza - e fui eu que lho ensinei. A amizade da sua rainha serviu-lhe ao menos para isso, e muito me apraz.

E nisto voltando-se para a condessa Júlia, continuou:

- Não quero separá-las, minha cara condessa. Deseja ficar, e eu aprecio muito esse desejo; mas temendo que lhe sobrevenha algum mal, quero que parta, ordeno-lhe que parta.

E deteve-se, sufocada pelas sensações que, apesar do seu heroísmo, não teria força para reprimir, se de repente a voz de el-rei, que nenhuma parte tomara no sucesso, não lhe soasse aos ouvidos.

Sua Majestade estava à sobremesa.

- Senhora - dizia ele - não está aqui ninguém?

- Mas - acudiu a rainha, abjurando todo o sentimento que não fosse o da sua dignidade real - tem algumas ordens que dar? Aqui não estão senão três pessoas, mas são justamente aquelas a quem compete recebê-las: são os srs. de Lambescq, de Bezenval e de Broglie. As suas ordens, senhor, as suas ordens!

O rei ergueu os olhos pesados e hesitantes, e perguntou:

- O que pensa de tudo isto, Sr. de Broglie?

- Senhor - respondeu o velho marechal - se Vossa Majestade afasta o seu exército da presença dos Parisienses, dirão que os Parisienses o bateram. Se o conserva na presença deles, então cumpre que o seu exército os bata.

- Muito bem dito! - atalhou a rainha apertando a mão ao marechal.

- Muito bem! - disse o Sr. de Bezenval.

O príncipe de Lambescq contentou-se com abanar a cabeça.

- Muito bem; e depois? - disse o rei.

- Ordene Vossa Majestade que marchemos – continuou o velho marechal.
- Sim, que marchem - acudiu a rainha.
- Então, visto que assim o querem todos, marchem! - exclamou o rei.
Nesta ocasião vieram trazer à rainha um bilhete concebido nestes termos:
“Em nome do céu, senhora, nada de precipitação; espero uma audiência de Vossa Majestade.”
- É letra dele! - murmurou a rainha.
Depois, voltando-se, acrescentou:
- Pois o Sr. de Charny está aqui? - perguntou ela.
- Chegou neste momento todo enlameado, e parece-me que salpicado de sangue - respondeu a confidente.
- Esperem um instante, meus senhores - disse a rainha aos srs. de Bezenval e de Broglie; - esperem-me aqui, que volto já.
E dirigiu-se ao seu aposento.
Esta cena nem sequer tinha feito voltar a cabeça ao rei.

XXVII

Olivier de Charny

Ao entrar no seu camarim, a rainha encontrou a pessoa que escrevera o bilhete, que lhe fora entregue pela criada grave.

Era um homem de trinta e cinco anos, de estatura elevada, manifestando no rosto força e resolução; os olhos, entre pardos e azuis, vivos e penetrantes como os da águia, o nariz recto, a barba bem delineada, davam-lhe à fisionomia um carácter marcial, que fazia realçar ainda a elegância com que trajava o uniforme de tenente da guarda real.

As mãos, ainda trémulas, estavam encobertas pelos punhos de cambraia rasgados e amarrotados.

A espada fora torcida e não entrava toda na bainha.

Quando chegou a rainha, o personagem que acabamos de descrever passeava apressadamente pelo camarim, entregue a mil pensamentos de febril agitação.

Maria Antonieta foi direita a ele.

- O Sr. de Charny! - exclamou ela; - o Sr. de Charny! O senhor aqui!

E vendo que a pessoa que assim era interpelada se inclinava respeitosamente, segundo a etiqueta, fez um aceno à criada, que se retirou imediatamente fechando a porta.

Ainda a porta não se tinha fechado de todo, a rainha, agarrando com força na mão do Sr. de Charny, exclamou:

- Conde, por que motivo está aqui?

- Porque me pareceu que era este o meu dever, minha senhora.

- Não; o seu dever era fugir de Versalhes, era imitar o exemplo de todos os meus amigos, que têm seguido a minha fortuna. O seu dever era não sacrificar coisa alguma ao meu destino, o seu dever era afastar-se de mim.

- Afastar-me de Vossa Majestade! - disse ele.

- Sim, fugir de mim.

- Fugir de Vossa Majestade! E quem é que foge de Vossa Majestade, minha senhora?

- As pessoas de juízo.

- Estou convencido que ainda me conservo em meu juízo, minha senhora, e foi essa a razão porque vim para Versalhes.

- E donde vem?

- De Paris.

- De Paris sublevado?

- De Paris, que está a arder, ébrio e ensangüentado.

A rainha cobriu o rosto com as mãos.

- Oh! - disse ela - não há um sequer, que venha trazer-me uma boa notícia!

- Minha senhora, nas circunstâncias em que nos achamos, não exija dos seus mensageiros senão uma única coisa, que lhe digam a verdade.

- E a verdade é o que acaba de dizer-me!

- Como sempre, minha senhora.

- Tem uma alma honrada, senhor, e um valente coração.

- Sou um súbdito fiel, minha senhora, nada mais.

- Pois bem! Tenha dó de mim, neste momento, Sr. de Charny, não me diga mais nada.

Chegou agora a ocasião em que sinto despedaçar-se-me o coração; os meus afeiçoados, hoje pela primeira vez, oprimem-me com o peso dessa verdade, que o senhor sempre me disse. Oh! E essa cruel verdade, conde, que já não podem ocultar-me, aparece em tudo: no céu que está vermelho, no ar que está cheio de rumores sinistros, na fisionomia dos palacianos que andam pálidos e sérios. Não! Não! Conde, pela primeira vez na sua vida não me diga a verdade.

O conde olhou com espanto para a rainha.

- Sim, sim - disse ela - sabe quanto sou animosa e por isso se admira, não é assim? Oh! Ainda não há-de parar aqui o seu espanto.

O Sr. de Charny fez um gesto de interrogação.

- Verá dentro em pouco - disse a rainha com uma risada nervosa.

- Vossa Majestade está incomodada? - perguntou o conde.

- Não! Não, senhor! Venha assentar-se junto de mim, e nem mais uma palavra acerca dessa detestável política... Faça com que me esqueça.

O conde obedeceu com um triste sorriso.

Maria Antonieta pôs-lhe a mão na testa.

- A sua frente está abrasada - disse ela.

- É verdade, tenho um vulcão na cabeça.

- A sua mão está gelada.

E apertou a mão do conde entre as suas.

- Sinto um frio de morte no coração - disse.

- Pobre Olivier! Bem lhe dizia eu; esqueçamos. Já não sou rainha, já não sou ameaçada, já não sou odiada. Não, já não sou rainha. Sou mulher, e nada mais. Que me importa a mim o universo? Basta-me um coração que me tenha amor.

O conde ajoelhou diante da rainha e beijou-lhe os pés com o respeito que os Egípcios tinham pela deusa Isis.

- Oh! Conde, meu único amigo - disse a rainha forcejando por fazê-lo erguer - quer saber o que fez a duquesa Diana?

- Vai emigrar - respondeu Charny sem hesitar.

- Adivinhou - exclamou Maria Antonieta; - adivinhou! Ai de mim! Pois podia-se adivinhar semelhante procedimento?

- Oh! Por certo, minha senhora - respondeu o conde; - neste momento tudo se pode imaginar.

- Porém o senhor e os seus - exclamou a rainha por que motivo não emigram, se é coisa tão natural?

- Pela parte que me toca, minha senhora, não emigro, porque sou demasiadamente afeiçoado a Vossa Majestade, e prometi a mim mesmo que não a abandonaria um único instante durante a tempestade que está para desabar. Meus irmãos também não emigrarão, porque a minha conduta lhes servirá de exemplo para regularem a sua; finalmente, a Sr.^a de Charny não emigrará tão-pouco, porque, segundo me persuado, é sinceramente amiga de Vossa Majestade.

- Sim, Andréa tem um coração nobilíssimo - disse a rainha com visível frieza.

- Eis o motivo por que não abandonará Versalhes - respondeu o Sr. de Charny.

- Visto isso, tê-lo-ei sempre a meu lado - disse a rainha no mesmo tom glacial com que procurava encobrir o ciúme ou o desdém.

- Vossa Majestade fez-me a honra de me nomear tenente da guarda real - disse o conde de Charny; - nesta qualidade o meu lugar é em Versalhes; e decerto não teria abandonado o meu posto, se Vossa Majestade me não houvesse incumbido da guarda das Tulherias. “É um degredo necessário”, disse-me Vossa Majestade e parti imediatamente para esse degredo. Ora, em tudo isto, sabe Vossa Majestade que a condessa de Charny não só não emitiu opinião, mas nem sequer foi consultada.

- É verdade - respondeu a rainha, sempre com a mesma frieza.

- Porém hoje - prosseguiu o conde com intrepidez - estou persuadido que o meu posto já não deve ser nas Tulherias, mas sim em Versalhes; e por isso arrisquei-me a desagradar à rainha, escolhendo o serviço, faltando às minhas instruções, e eis-me aqui. Quer a Sr^a. de Charny tenha, quer não tenha medo dos acontecimentos, quer queira, quer não queira emigrar, fico junto da rainha... Se a rainha não rejeitar a minha espada, porque nesse caso, se bem que ficarei privado do direito de combater e de morrer por ela nas salas de Versalhes, sempre me restará a faculdade de ser morto à porta ou na estrada.

O mancebo proferiu com tal expressão de valor e lealdade estas palavras singelas, ditadas pelo coração, que a rainha pôs de parte todo o orgulho com que quisera ocultar um sentimento mais próprio da humanidade do que da realeza.

- Conde - exclamou ela - não torne a proferir essas palavras, não quero ouvir-lhe dizer que há-de morrer por mim, porque estou bem convencida de que é capaz de fazer o que diz.

- Oh! Bem pelo contrário, hei-de dizê-lo sempre - exclamou o Sr. de Charny. - Hei-de dizê-lo a todos, e em toda a parte; hei-de dizê-lo e tornar a dizê-lo, porque me parece que está chegado o tempo em que têm de morrer quantos têm sido affectos aos reis da terra.

- Conde! Conde! Donde lhe vem esse tão fatal pressentimento?

- Ai, minha senhora! - respondeu Charny abanando a cabeça - na época da malfadada guerra da América, também eu fui acometido da febre de independência que atacou toda a sociedade; também eu quis tomar uma parte activa na emancipação dos escravos, como se dizia naquele tempo, e fiz-me pedreiro-livre; filiei-me numa sociedade secreta, com os Lafayette, os Lameth e outros. Quer Vossa Majestade saber qual era o fim da tal sociedade, minha senhora? A destruição dos tronos. Quer saber qual era a divisa? Três letras: L. P. D.

- E que significavam essas três letras?

Lilia pedibus destrue. Calca aos pés as flores-de-lis.

- E o senhor que fez?

- Retirei-me airoosamente; mas, por cada um que se retirava, entravam vinte. Minha senhora, o que hoje está acontecendo é prólogo do grande drama que há vinte anos se está preparando em silêncio e nas trevas. À frente dos homens que fizeram revoltar a cidade de Paris, que governam nos paços da municipalidade, que ocupam o Palais-Royal e tomaram a Bastilha, reconheci as caras dos meus antigos irmãos e filiados. Não se iluda, minha senhora, os sucessos que acabam de passar-se não são simples obra do acaso, são levantamentos preparados com muita antecedência.

- Oh! Julga isso! Julga isso, meu amigo! - exclamou a rainha desatando a chorar.

- Não chore, minha senhora, e compreenda as coisas como são - disse o conde.

- Pois quer que eu compreenda! - prosseguiu Maria Antonieta; - que eu, a rainha, senhora de vinte e cinco milhões de homens, possa compreender que haja um motivo que autorize esses vinte e cinco milhões de súbditos, que são feitos para me obedecer, a rebelarem-se e a matarem os meus amigos! Não, nunca tal poderei compreender.

- E, todavia, minha senhora, é necessário que o compreenda, porque esses súbditos, esses homens, que nasceram para lhe obedecer, ficaram-na considerando como sua inimiga desde o instante em que a obediência se lhes tornou pesada, e enquanto não têm força para a devorar, para o que já estão aguçando os dentes famintos, hão-de devorar os seus amigos, que detestam

ainda mais do que a Vossa Majestade.

- Aposto que é de parecer que eles têm razão, Sr. filósofo? - exclamou imperiosamente a rainha, com os olhos dilatados e as ventas trémulas.

- Infelizmente, sou, sim, minha senhora; têm razão - disse o conde com voz suave e afectuosa - porque quando eu passeio pelas ruas da capital nos meus magníficos cavalos ingleses, com a minha farda coberta de ouro e os meus lacaios com librés agaloadas de prata, que importam em mais dinheiro do que seria preciso para sustentar três famílias, o povo, isto é, esses vinte e cinco milhões de homens esfaimados, perguntam uns aos outros para que lhe sirvo eu, sendo, como sou, um homem igual a eles.

- Serve-lhes com isto - exclamou a rainha agarrando no punho da espada do conde; - serve-lhes com esta espada, que seu pai empunhou como um herói em Fontenoy, o seu avô em Steinkerque, o seu bisavô em Lens e Rocroy, e seus antepassados em Ivry, em Marignan, em Azincourt. A nobreza serve o povo francês na guerra; foi na guerra que a nobreza ganhou, em troca do seu sangue derramado, o ouro com que, são bordadas as suas fardas, e a prata com que são agaloadas as librés dos seus criados. Não torne, portanto, a perguntar, Olivier, para que serve ao povo o senhor, que maneja com tanto valor essa espada, herdada dos seus avós!

- Minha senhora! Minha senhora! - disse o conde abanando a cabeça - não fale tanto no sangue da nobreza; o povo também tem sangue nas veias; e veja-o correndo em massa no largo da Bastilha; e conte os mortos estendidos na calçada ensangüentada, e saiba que os seus corações, que já não batem, palpitarão com tanto denodo como o de qualquer fidalgo, no dia em que a sua artilharia tropejava contra eles; no dia em que, brandindo uma arma nova para as suas mãos inexperientes, cantavam debaixo da metralha, façanha de que nem sempre se puderam gabar os nossos melhores granadeiros. Oh! Minha senhora! Oh! Minha rainha! Suplico-lhe que não olhe para mim com esse gesto de cólera. Que é um granadeiro? É uma farda azul posta sobre um daqueles corações em que falei. Que importa à bala, que fura e mata, que o coração esteja coberto de pano azul ou de uns farrapos de algodão? Que importa ao coração que se despedaça, que a couraça que o protegia seja de algodão ou de pano? Está chegado o tempo de pensar em tudo isto, minha senhora, já não tem vinte e cinco milhões de escravos em França, já não tem vinte e cinco milhões de súbditos, nem, sequer tem já vinte e cinco milhões de homens, tem vinte e cinco milhões de soldados.

- Prontos a combaterem contra mim, conde?

- Sim, minha senhora, porque eles combatem pela liberdade, e Vossa Majestade está entre eles e a liberdade.

Seguiu-se um longo silêncio às palavras do conde.

A rainha foi a primeira a interrompê-lo, dizendo:

- Afinal, sempre acabou por me dizer essa verdade, que lhe suplicava me não dissesse.

- Infelizmente, minha senhora - replicou Charny - sempre havia de aparecer, ainda que a minha afeição procurasse encobri-la, ou o meu respeito abafá-la: a meu pesar, e a pesar de Vossa Majestade, terá de a ver, de a ouvir, de a sentir, de a tocar, de pensar nela e de sonhar com ela! A verdade está aí, minha senhora, eternamente aí, e já não a poderá apartar de si, por muito grandes que sejam os esforços que para isso faça. Durma, durma para se esquecer dela, e ainda assim ela irá assentar-se-lhe à cabeceira da cama, para ser o fantasma dos seus sonhos, a realidade do seu acordar.

- Oh! Conde - disse a rainha com altivez - sei de um sono que ela não interromperá.

- Esse sono, minha senhora - disse Olivier - não o temo mais do que Vossa Majestade, e pode ser que tenha iguais desejos de o ver chegar.

- Oh! - exclamou a rainha com desesperação - na sua opinião é esse o nosso único refúgio?

- É, sim; mas nada de precipitação, minha senhora, não caminemos mais apressadamente do que os nossos inimigos, e lá iremos encontrar o sono que ambicionamos ao cabo das fadigas resultantes de tantos dias tempestuosos.

E os dois interlocutores entregaram-se a um silêncio ainda mais triste do que o primeiro. Estavam assentados um ao lado do outro. Tocavam-se, e contudo havia entre eles um abismo; era que os seus pensamentos corriam divididos por sobre as ondas do futuro.

A rainha foi a primeira que tornou ao assunto, mas buscou um rodeio. Olhou atentamente para o conde, e disse:

- Ora vamos, senhor, uma última palavra a nosso respeito; e... E há-de dizer-me tudo, tudo, tudo, percebe-me bem?

- Estou ouvindo, minha senhora.

- Jura-me que foi unicamente por minha causa que voltou aqui?

- Oh! Pois duvida que assim fosse!

- Jura-me que a Sr^a. de Charny não lhe escreveu?

- Ela?

- Atenda-me: Sei que ela estava para sair, sei que tinha formado um projecto qualquer... Jura-me, conde, que não foi por causa dela que voltou?

Naquele instante bateram, ou por melhor dizer, arranharam à porta.

- Entre - disse a rainha.

Tornou a aparecer a criada do quarto.

- Minha senhora - disse ela - el-rei já ceou.

O conde olhou muito admirado para Maria Antonieta.

- Então - disse ela encolhendo os ombros - que admiração é essa? Por que não havia de el-rei cear?

Olivier franziu o sobrolho.

- Diga a el-rei - prosseguiu a rainha sem se mexer donde estava - que estou recebendo notícias de Paris, e, que logo que as tiver ouvido, irei comunicar-lhas.

E depois, voltando-se para Charny, disse:

- Continuemos: agora que el-rei ceou, é justo que também digira.

XXVIII

Olivier de Charny

(Continuação)

A interrupção apenas suspendera momentaneamente a conversação, mas em nada alterara o duplo sentimento do ciúme que naquele momento animava a rainha; ciúme de amor como mulher, e ciúme de poder como rainha.

Portanto, a conversação, que parecia ter-se esgotado naquele primeiro período, fora, pelo contrário, apenas encetada, e ia reanimar-se com mais energia do que nunca, do mesmo modo que numa batalha, depois de ter cessado o primeiro fogo, que serviu para empenhar a acção em alguns pontos, principia em toda a linha o fogo geral, que dela decide.

E demais, parecia que o conde, chegadas as coisas àquele ponto, desejara uma explicação tanto como a rainha; por isso, logo que se fechou a porta, foi ele o primeiro que tomou a palavra.

- Perguntava-me se era por causa da Sr^a. de Charny que eu tinha voltado - disse ele. - Vossa Majestade esqueceu-se acaso das promessas que nos ligam, e que sou um homem honrado?

- Sim - disse a rainha inclinando a cabeça - sim, estamos ligados por promessas, sim, é homem honrado, sim, jurou que se sacrificaria à minha felicidade, e é esse juramento que me magoa, porque, sacrificando-se à minha felicidade, sacrificou ao mesmo tempo uma mulher formosa e de nobre carácter... É mais um crime.

- Oh! Minha senhora, agora exagera Vossa Majestade a acusação. Confesso unicamente que cumpro a minha palavra como homem de bem.

- É verdade; eu estou louca; perdoe-me.

- Não chame crime a uma coisa que foi filha do acaso e da necessidade. Ambos

lamentamos igualmente o meu casamento, único meio de salvar a honra da rainha. Só me resta continuar a conformar-me com a minha sorte, como me tenho conformado há quatro anos.

- Sim - exclamou a rainha. - Mas julga que não vejo a sua dor, que não percebo o seu pesar através do profundo respeito com que os encobre? Julga que não vejo tudo?

- Por favor, minha senhora - replicou o conde inclinando-se - queira dizer-me o que vê, pois, se as penas que tenho sofrido, e que tenho feito sofrer aos mais, ainda não forem bastantes, quero duplicar a soma dos desgostos para mim e para tudo quanto me cerca, e assim mesmo estou certo que hei-de ficar eternamente em dívida para com Vossa Majestade.

A rainha estendeu a mão ao conde. As palavras daquele homem tinham um poder irresistível, como tudo quanto dimana de um coração sincero e apaixonado.

- Ordene, pois, minha senhora - prosseguiu ele; - suplico-lhe que não tenha receio de ordenar.

- Oh! Sim, sim, bem sei que não tenho razão; sim, perdoe-me; sim, é verdade. Mas se acaso tem em alguma parte um ídolo oculto a quem ofereça misterioso incenso, se existe em algum canto do mundo uma mulher a quem adore... Oh! Nem já me atrevo a pronunciar esta palavra, mete-me medo, e ainda duvido quando as sílabas de que se compõe ferem o ar e vibram nos meus ouvidos; pois bem! Se tal mulher existe, escondida aos olhos de todos, não se esqueça que tem perante todos, que tem publicamente para os outros e também para si, uma mulher nova e formosa, a quem cerca de desvelos e atenções, uma mulher que se apóia no seu braço e que, apoiando-se no seu braço, se encosta ao mesmo tempo ao seu coração.

Olivier encrespou o sobrolho, e as linhas puríssimas do rosto alteraram-se-lhe por um instante.

- Que pretende, minha senhora? - disse ele; - quer que eu afaste de mim a condessa de Charny? Cala-se? Então é isso que deseja? Pois bem! Estou pronto a obedecer a essa ordem; mas Vossa Majestade sabe muito bem que ela é só no mundo! É órfã; o pai, o barão de Taverney, morreu-lhe o ano passado como um honrado fidalgo dos tempos antigos, que não quer ver o que se está passando neste nosso tempo. O irmão... Sabe que o irmão, Taverney Casa-Vermelha, aparece uma vez por ano, quando muito; vem abraçar a irmã, cumprimentar Vossa Majestade, e desaparece sem que ninguém saiba por onde se some.

- Sim, sei tudo isso.

- Lembre-se, minha senhora, que a condessa de Charny, se Deus me chamasse a si, poderia tornar a usar o seu nome de solteira sem que o mais puro dos anjos do céu conseguisse surpreender nos seus sonhos ou no seu pensamento, uma palavra, um nome, uma recordação de mulher casada.

- Oh! Sim, sim - disse a rainha - sei que a sua Andréa é um anjo sobre a terra, sei que merece ser amada. E por isso penso que é dela o futuro, que a mim se vai escapando. Oh! Não, não, conde, nem mais uma palavra, peço-lho. Não lhe falo como rainha, perdoe-me. Foi um esquecimento, mas que quer?... Há na minha alma uma voz que fala sempre de felicidade, de alegria e de amor, apesar das vozes sinistras que por aí murmuram desgraça, guerra e morte. É a voz da minha mocidade, a que ainda sobrevivo. Charny, perdoe-me, deixarei de ser moça; não hei-de tornar a sorrir-me nem a amar.

A infeliz mulher encostou os olhos às mãos esguias e emagrecidas, e uma lágrima de rainha lhe deslizou, qual outro diamante, por entre os dedos.

O conde tornou novamente a ajoelhar, e disse:

- Minha senhora, em nome do céu, ordene-me que a deixe, que fuja, que morra; mas não me obrigue a vê-la chorar.

E o conde de Charny proferiu estas palavras também quase a soluçar.

- Acabou-se - disse Maria Antonieta endireitando-se e sacudindo levemente a cabeça com um engraçado sorriso.

E com um gesto encantador deitou para trás o seu abundante cabelo polvilhado, que se lhe desenrolara e caíra sobre o colo, de uma alvura de cisne.

- Sim, sim, acabou-se! - prosseguiu a rainha – não quero afligi-lo mais; deixemos todas essas loucuras. Oh! Meu Deus! Como é possível que a mulher seja tão fraca, quando a rainha tem tanta necessidade; de se mostrar forte! Vem de Paris, não é assim?! Conversemos. Disse-me coisas que já esqueci; e contudo era assunto muito sério, não é verdade, Sr. de Charny?

- Sim, minha senhora. Tornemos a esse assunto, porque, como muito bem diz, o que tenho a relatar-lhe é seriíssimo; sim, cheguei há pouco de Paris, onde assisti à queda da realeza.

- Disse-lhe que falássemos em coisas sérias, e fez-me bem a vontade, Sr. de Charny. Porque houve uma sedição que teve feliz êxito, chama a isso a queda da realeza! Pois julga, Sr. de Charny, que por ter sido tomada a Bastilha ficou abolida a realeza?! Oh! É que não reflectiu que a Bastilha só deitou raiz em França no século XIV, ao passo que a realeza tem raízes de seis mil anos por todo o universo.

- Bem quisera poder iludir-me, minha senhora - respondeu o conde - e então, em vez de entristecer o espírito de Vossa Majestade, proclamaria notícias mais consoladoras. Infelizmente, o instrumento só emite os sons para que foi destinado.

- Ora vamos, apesar de ser mulher, quero animá-lo; vou guiá-lo para o bom caminho.

- Ah! É esse o meu maior desejo.

- Os Parisienses insurgiram-se, não é verdade?

- Infelizmente, é, sim, minha senhora.

- Em que proporção?

- Na proporção de doze por quinze.

- Como é que faz esse cálculo?

- Oh! Muito simplesmente; o povo forma doze décimas-quinatas partes da nação; restam duas décimas-quinatas partes para a nobreza e outra para o clero.

- O cálculo é exacto, e bem se vê que sabe o mapa de cor e salteado. Já leu os escritos do senhor e da Sr^a. de Necker, Sr. de Charny?

- Li, sim, minha senhora.

- Muito bem! O adágio não falha - disse a rainha alegremente; - os nossos são os primeiros que nos atraioam. Muito bem! Aqui está agora o meu cálculo; quer ouvi-lo?

- Com todo o respeito.

- Nas doze décimas-quinatas partes, há seis de mulheres, não é assim?

- É, sim, minha senhora. Mas...

- Não me interrompa. Dizia eu, seis décimas-quinatas partes de mulheres, restam seis: duas de velhos impossibilitados ou indiferentes, será muito?

- Não é.

- Restam quatro décimas-quinatas partes, das quais me concederá decerto que haverá duas de medrosos e tíbios. E ainda faço favor à nação francesa. Mas, enfim, restam duas décimas-quinatas; concedo-lhe que sejam compostas de gente enfurecida, firme, valente e aguerrida. Essas duas décimas-quinatas partes, avaliemo-las para Paris, porque para a província é escusado, não é verdade? Do que se trata é de nos tornarmos a apoderar de Paris.

- Sim, minha senhora, mas...

- Sempre mas... Espere, logo responderá.

O Sr. de Charny inclinou-se.

- Avalio portanto, - prosseguiu a rainha - as duas décimas-quinatas partes de Paris em cem mil homens, está por isto?

Desta vez o conde não respondeu.

A rainha continuou:

- Ora bem a esses cem mil homens mal armados, indisciplinados, pouco aguerridos e que decerto hão-de hesitar, porque sabem que não procedem bem, oponho cinquenta mil soldados conhecidos em toda a Europa pela sua valentia, e oficiais como o Sr. de Charny: além disso a causa sagrada a que chamam direito divino, e finalmente a minha alma, que facilmente se deixa comover, mas nunca aterrar.

O conde conservou-se calado.

- Julga por acaso - prosseguiu a rainha - que num combate travado nestas circunstâncias, valem mais dois homens do povo que um dos meus soldados?

Charny calou-se.

- Queira responder-me, julga que sim? – exclamou a rainha com impaciência.

- Minha senhora - respondeu afinal o conde, saindo, por obedecer à rainha, do silêncio respeitoso em que se tinha conservado - se os cem mil homens a que se refere, comparecessem num campo de batalha, assim isolados, faltos de disciplina e mal armados, os seus cinqüenta mil soldados batê-los-iam dentro de meia hora.

- Ah! - disse a rainha - então tenho razão.

- Espere Vossa Majestade um pouco. Porém, o caso não é como se lhe afigura. Em primeiro lugar, os revoltosos de Paris, que Vossa Majestade julga serem cem mil, são quinhentos mil.

- Quinhentos mil?

- Sem tirar nem pôr. Não incluiu no seu cálculo as mulheres e as crianças. Oh! Rainha de França! Oh mulher animosa e ativa! Podeis contar as mulheres de Paris como outros tantos homens valorosos, denodados! Um dia virá talvez em que elas nos obriguem a contá-las como outros tantos demónios.

- Que quer dizer, conde?

- Vossa Majestade não sabe qual é o papel que desempenha uma mulher nas guerras civis? Não. Pois vou explicar-lho, e verá então que não exagero, se disser que são precisos dois soldados para opor a cada mulher.

- O conde está louco?

Charny sorriu com tristeza.

- Viu-as porventura na Bastilha - perguntou ele - debaixo do fogo, no meio das balas, bradando às armas, ameaçando com as mãos os Suíços cobertos de arneses de guerra, gritando maldição sobre os mortos com uma voz que fazia estremecer os vivos? Viu-as, fazendo ferver pez, arrastando peças de artilharia, dando aos combatentes embriagados um cartucho, e aos combatentes tímidos um cartucho e um beijo? Não sabe que por cima da ponte levadiça da Bastilha passaram tantas mulheres como homens, e que a esta hora, em que lhe estou falando, se as pedras da Bastilha se desmoronam, é aos golpes de picaretas manejadas por mãos de mulheres? Ai, minha senhora, conte as mulheres de Paris, conte-as e conte também as crianças, que fundem balas, que afiam sabres, que lançam uma laje de um sexto andar; conte-as porque as balas fundidas pelas mãos das crianças irão matar de longe o seu melhor general; porque o sabre por elas afiado cortará as pernas dos seus cavalos de guerra; porque a laje, atirada à toa de uma janela, esmagará os seus dragões ou os seus guardas. Conte também os velhos, minha senhora, porque esses, se já não têm a força precisa para brandir uma espada, ainda têm ânimo para servir de escudo. Na tomada da Bastilha também havia velhos, que não conta, minha senhora; e quer saber o que faziam? Colocavam-se adiante dos rapazes, e estes, para atirarem, encostavam-lhes as espingardas aos ombros, de forma que as balas dos seus Suíços apenas matavam os velhos impossibilitados, cujos corpos serviam de trincheira aos homens vigorosos. Conte também os velhos, minha senhora, porque são eles que há trezentos anos narram às gerações que se vão sucedendo, os insultos que têm sofrido suas mães, a miséria dos seus campos devastados pelas caçadas dos fidalgos, a vergonha da sua raça curvada ao peso dos privilégios feudais, e então os filhos agarram em machados, em paus, em espingardas, em tudo quanto encontram, finalmente, e vão espalhando a morte por toda a parte, tornados em instrumentos carregados das maldições dos velhos, assim como as peças de artilharia são carregadas de pólvora e ferro. Em Paris, neste momento, homens, mulheres, velhos e crianças, tudo brada por liberdade e emancipação. Conte com todos que gritam, minha senhora, e poderá então contar com oitocentas mil almas em Paris.

- Trezentos Espartiatas derrotaram o exército de Xerxes, Sr. de Charny.

- Sim, mas hoje os seus trezentos Espartiatas são oitocentos mil, minha senhora, e os seus

cinquenta mil soldados é que figuram o exército de Xerxes.

A rainha ergueu-se com os punhos cerrados e o rosto vermelho de cólera e de vergonha.

- Oh! Antes quero cair do trono - disse ela - antes quero morrer cortada em pedaços pelos seus quinhentos mil Parisienses, do que ouvir um Charny, um homem que me pertence, falar desse modo.

- Se lhe falo deste modo, minha senhora, é porque assim se faz preciso, porque este Charny não tem nas veias uma pinga de sangue que não seja digna dos seus avós e que não pertença a Vossa Majestade.

- Pois então marche sobre Paris comigo, e lá morreremos juntos.

- Vergonhosamente - disse o conde - sem a possibilidade de lutar. Nem chegaremos a combater; desapareceremos como Filisteus ou Amalecitas. Marchar sobre Paris? Mas então não sabe uma coisa? E é que no momento em que nós entrássemos em Paris as casas desabariam sobre as nossas cabeças como as ondas do Mar Vermelho sobre o Faraó; que de Vossa Majestade apenas ficaria em França um nome amaldiçoado, e que os seus filhos seriam mortos como os de uma loba!

- Como devo então cair, conde? - disse a rainha com altivez; - ensine-mo, rogo-lho.

- Como uma vítima, minha senhora - respondeu respeitosamente o Sr. de Charny; - como cai uma rainha, sorrindo e perdoando aos que a ferem. Ah! Se tivesse à sua disposição quinhentos mil homens com tão bons desejos como eu tenho, dir-lhe-ia: Partamos; partamos esta noite; partamos no mesmo instante, e amanhã teria conquistado o seu trono.

- Oh! - exclamou a rainha - visto isso o senhor, em quem tinha posto toda a minha esperança, já desesperou?

- Desesperei, sim, minha senhora, pois que o seu exército, ainda que alcançasse a vitória em Paris, seria aniquilado por Lyão, Rouen, Lille, Estrasburgo, Nantes e cem cidades mais, que o devorariam. Vamos, vamos, ânimo, minha senhora, e espada na bainha.

- Ah! Então será para isso - disse a rainha - que eu reuni em volta de mim tanta gente de valor; será para isso que lhes incuti coragem?

- Se não é do meu parecer, minha senhora, ordene, e esta noite mesmo marcharemos sobre Paris. Responda.

O oferecimento do conde mostrava-lhe tanta dedicação, que assustou mais a rainha do que se fora uma recusa; atirou-se com desesperação para cima de um sofá, onde lutou por largo espaço com a sua soberba.

Finalmente, levantando a cabeça, disse:

- Conde, deseja que me conserve inactiva?

- Tenho a honra de assim aconselhar a Vossa Majestade.

- Assim farei. Volte para junto de mim.

- Ai, minha senhora, desagradei-lhe? - disse o conde olhando para a rainha com um gesto de tristeza misturada de indizível amor.

- Não; dê-me a sua mão.

O conde inclinou-se reverente e estendeu a mão para a rainha.

- Quero ralar com o senhor - disse Maria Antonieta tentando sorrir-se.

- Por que motivo, minha senhora?

- Pois quê! Tinha um irmão no serviço militar, e só por um acaso vim a sabê-lo?

- Não percebo.

- Esta noite, um jovem oficial dos hussardos de Bercheny...

- Ah! Meu irmão Jorge!

- Por que razão não me falou nunca daquele mancebo? Por que não tem ele um posto mais elevado nalgum regimento?

- Porque ainda é muito moço e falto de experiência; porque ainda não se acha habilitado para comandar como chefe, e finalmente porque, se bem que Vossa Majestade se dignou abaixar as suas vistas até mim, que me chamo Charny, para me honrar com a sua amizade, não é isso

motivo para querer empregar a minha família com prejuízo de uma imensidade de valentes cavalheiros, que têm melhores direitos de que meus irmãos.

- Pelo que vejo, tem mais outro irmão?

- Tenho, sim, minha senhora, e que está pronto a morrer por Vossa Majestade, assim como os outros dois.

- E esse, de nada carece?

- De nada, minha senhora; temos a felicidade de possuir não somente meios de existência, mas uma fortuna para depositar aos pés de Vossa Majestade.

Ao tempo que proferia estas últimas palavras, que a rainha estava admirando tanta dedicação, um gemido, que soou no quarto contíguo, causou-lhes um sobressalto.

A rainha levantou-se, correu à porta, abriu-a e soltou um grito.

Acabava de avistar uma mulher, que se estorcia sobre a alcatifa, tomada de convulsões terríveis.

- Oh! A condessa! - disse ela em voz baixa para o Sr. de Charny; - ouviu-nos, talvez!

- Não, minha senhora - respondeu este; - se assim fosse, teria avisado a Vossa Majestade de que podíamos ser ouvidos.

E correu para Andréa, a quem levantou nos braços.

A rainha conservou-se em distância de dois passos, fria, pálida e palpitante de ansiedade.

XXIX

Cena de três

Andréa começou a recobrar os sentidos sem saber quem lhe acudia, percebendo apenas por instinto que alguém a amparava.

Endireitou o corpo, e deitou as mãos ao inesperado apoio que se lhe oferecia.

O espírito, porém, não lhe ressurgiu com o corpo; conservou-se-lhe vacilante, atordoado e em estado de sonolência durante alguns minutos.

O Sr. de Charny, depois de ter tentado torná-la à vida física, procurava restituí-la à vida moral; mas o corpo que abraçava estava entregue a uma loucura terrível e concentrada.

Afinal Andréa abriu os olhos e fitou-os nele, como espantada, e com um resto de tresvario, sem conhecer o homem que a segurava, soltou um grito, e repeliu-o com dureza.

Durante todo este tempo, a rainha desviava a vista; ela, cuja missão como mulher deveria ser consolar e animar aquela outra mulher, abandonava-a completamente.

Charny levantou Andréa nos vigorosos braços, apesar da força com que ela se lhe opunha, e voltando-se para a rainha, que se conservava sempre direita e fria, disse:

- Peço perdão, minha senhora, mas sucedeu decerto alguma coisa extraordinária. A Sr^a. de Charny não costuma desmaiar e é hoje a primeira vez que a vejo sem sentidos.

- Sempre é preciso que esteja sofrendo muito - disse a rainha tornando à idéia que já lhe ocorrera de que Andréa ouvira toda a conversação.

- Sim, não há dúvida, está muito incomodada - respondeu o conde - e por isso peço a Vossa Majestade licença para a mandar transportar para o seu aposento. Convém que as suas criadas tomem conta dela.

- Pois mande - disse Maria Antonieta, deitando a mão a uma campainha.

Porém, Andréa, mal ouviu o tinir do metal, inteiriçou-se e exclamou no seu delírio:

- Oh! Aquele Gilberto! Aquele Gilberto!

A rainha estremeceu a este nome, e o conde, muito admirado, descansou a mulher sobre um sofá.

No mesmo momento entrou um criado, que acudiu ao toque da campainha.

- Já não é preciso - disse a rainha, fazendo-lhe sinal com a mão para que saísse.

O conde e a rainha, tendo ficado sós, olharam um para o outro. Andréa tornara a fechar

os olhos e parecia acometida de nova crise.

O Sr. de Charny, de joelhos junto do sofá, amparava-a para não cair.

- Gilberto!... - repetiu Maria Antonieta; - que nome será este?

- Seria bom indagar - disse o conde como que admirado também de ouvir aquele nome.

- Parece-me que o conheço - disse a rainha; - parece-me que não é a primeira vez que ouço proferir esse nome à condessa.

Porém, Andréa, como se aquela recordação da rainha fosse uma ameaça que a tivesse ido despertar no meio das suas convulsões, abriu os olhos, estendeu os braços para o céu, e fazendo um esforço, pôs-se de pé.

O primeiro olhar, em que já brilhava a inteligência, foi para o Sr. de Charny, a quem conheceu, e a quem encarou com ternura.

E logo, como se esta manifestação involuntária do seu pensamento fosse indigna da sua alma de espartiana, Andréa desviou dele os olhos e deu com a rainha.

Inclinou-se imediatamente.

- Oh! Meu Deus! Que tem, minha senhora - disse o Sr. de Charny; - assustou-se deveras; a senhora, tão forte e tão animosa, desmaiada assim desse modo?!

- Senhor - respondeu ela - estão-se passando coisas tão terríveis em Paris, que fazem tremer os homens, e portanto não é para admirar que desmaiem as mulheres. Abandonou Paris? Oh! Fez muito bem!

- Grande Deus! Condessa - disse Charny em tom de dúvida - seria por minha causa que sofreu tamanho incómodo?

Andréa tornou a olhar para o marido e para a rainha, mas não respondeu.

- É esse decerto o motivo, conde. Por que razão duvida? - respondeu Maria Antonieta. - A Sr^a. Condessa não é rainha; não lhe fica mal assustar-se pelo seu marido.

Charny percebeu o ciúme que esta frase encobria.

- Oh! Minha senhora - disse ele - estou bem certo que o susto da condessa foi mais por causa da sua soberana do que por minha causa.

- Mas enfim - perguntou Maria Antonieta - como, e por que viemos nós encontrá-la desmaiada neste gabinete, condessa.

- Oh! A esse respeito nada posso informá-la, minha senhora. Eu mesmo não sei como foi: mas nesta vida de cansaço, de terror e de comoções que temos tido há três dias, parece-me que nada há mais natural do que desmaiar uma mulher.

- É verdade - murmurou a rainha, a qual bem percebia que Andréa não queria ser obrigada a dizer mais do que o que tinha dito.

- Porém - replicou Andréa, com a singular placidez que não a abandonava desde que tinha conseguido domar a sua vontade, e que era tanto mais temível em circunstâncias difíceis, por isso que facilmente se conhecia que não era afectação, e que encobria sentimentos inteiramente humanos; - porém, Vossa Majestade também está ainda com os olhos úmidos?

Desta vez também o conde julgou que percebia nas palavras de sua mulher o mesmo acento de ironia que tinha notado havia um instante nas palavras da rainha.

- Minha senhora - disse ele para Andréa, com certa severidade, à qual bem se via que a sua voz não estava acostumada - não é de admirar que a rainha sinta correr lágrimas de seus olhos, a rainha é amiga do seu povo, e o sangue deste foi derramado.

- Felizmente poupou Deus o seu, senhor - replicou Andréa, sempre fria e impenetrável.

- Sim, mas não é de Sua Majestade que se trata, minha senhora, é de si; tornemos pois ao que lhe sucedeu; a rainha dá licença?

Maria Antonieta fez com a cabeça um sinal de adesão.

- Teve algum susto, não é assim?

- Eu?

- Sofreu um incómodo, não o negue; sucedeu-lhe alguma coisa; que seria? Não sei, mas vai dizer-mo.

- Está enganado, senhor.

- Teve queixa de alguém, de algum homem?

Andréa empalideceu.

- Não tive motivo para me queixar de ninguém, venho dos aposentos de el-rei.

- Directamente?

- Directamente. Sua Majestade pode indagar.

- Se assim é - disse Maria Antonieta - tem a condessa razão. El-rei é tão seu amigo e sabe que eu também lhe sou tão afeiçoada, que não era capaz de lhe causar o menor dissabor.

- Mas - disse Charny insistindo - proferiu há pouco um nome.

- Um nome?

- Sim, quando ia tornando a si.

Andréa olhou para a rainha como para lhe pedir que a protegesse; mas, ou fosse porque a rainha a não percebesse, ou porque não quisesse percebê-la, disse:

- Sim, proferiu o nome de Gilberto.

- Gilberto! Proferi o nome de Gilberto! – exclamou Andréa com um tom de voz em que se notava tal susto, que fez mais impressão no conde a exclamação do que fizera o desmaio.

- Sim - disse ele - proferiu esse nome.

- Ah! Deveras - replicou Andréa; - é célebre!

E, assim como o céu torna a unir-se depois de um relâmpago, a fisionomia da condessa, que tão violentamente se alterara ao ouvir aquele nome fatal, recobrou a sua serenidade, e apenas alguns músculos daquele rosto tão formoso continuaram a estremecer imperceptivelmente, da mesma forma que se desvanecem no horizonte os últimos clarões de uma tempestade.

- Gilberto - repetiu ela - não sei quem seja.

- Sim, Gilberto - repetiu a rainha. - Trate de se recordar, minha querida Andréa.

- Mas, minha senhora - disse o conde para Maria Antonieta - se foi um acaso, e se o nome é desconhecido da condessa?

- Não - replicou Andréa - não me é desconhecido. É o nome de um homem muito sábio, de um hábil médico, que chegou há pouco da América, penso eu, e que lá travou amizade com o Sr. de Lafayette.

- E então? - perguntou o conde.

- Então! - repetiu Andréa com modo naturalíssimo - não o conheço pessoalmente, mas dizem todos que é um homem muito estimável.

- Sendo assim - replicou a rainha - de que provém essa agitação, querida condessa?

- Essa agitação! Pois eu mostrei estar agitada?

- Mostrou; parecia que ao proferir o nome de Gilberto sentia como que uma tortura.

- Pode ser; eu digo o que me sucedeu; encontrei no gabinete de el-rei um homem de rosto severo, vestido de preto, que estava falando em coisas tristes e terríveis; contou com medonha realidade os assassinios dos srs. de Launay e de Flesselles. Causou-me imediatamente susto, e logo depois tive um delíquio, como Vossa Majestade viu. Pode ser que então falasse e proferisse o nome desse tal Gilberto.

- É possível - repetiu o Sr. de Charny, evidentemente disposto a não levar mais avante o interrogatório; - mas agora já está sossegada, não é verdade?

- Completamente.

- Vou pedir-lhe uma coisa, Sr. conde - disse a rainha.

- Minha senhora, estou às ordens de Vossa Majestade.

- Vá ter com os srs. de Bezenval, de Broglie e de Lambescq, e diga-lhes que mandem acantonar as tropas nas posições em que se acham; el-rei resolverá amanhã em conselho o que convém fazer.

O conde inclinou-se, mas quando ia para sair, olhou pela última vez para Andréa.

À rainha não escapou o terno interesse daquele olhar.

- Condessa - disse ela - não quer voltar comigo para o quarto de el-rei?

- Não, minha senhora, não - respondeu prontamente Andréa.

- Por que motivo?

- Peço licença a Vossa Majestade para me recolher ao meu quarto; as comoções que sofri fazem-me sentir a necessidade de descansar.

- Ora vamos, condessa, seja franca - disse a rainha; - teve alguma desinteligência com Sua Majestade?

- Oh! Não, minha senhora, nenhuma.

- Oh! Pode dizer-mo, se assim é. El-rei nem sempre poupa os seus amigos.

- El-rei tratou-me, como sempre costuma, com a maior bondade, mas...

- Mas prefere não voltar lá, não é assim? É fora da dúvida que houve alguma novidade, condessa - disse a rainha com fingida jovialidade.

Naquele momento Andréa dirigiu para a rainha um olhar tão suplicante e que prometia tantas revelações, que esta percebeu ser tempo de pôr termo à questão.

- Está bem, condessa - disse ela - deixemos o Sr. de Charny, que tem de ir desempenhar a missão de que o incumbi, e retire-se para o seu quarto ou fique aqui, como quiser.

- Muito obrigada, minha senhora - disse Andréa.

- Vá pois, Sr. de Charny - prosseguiu Maria Antonieta, notando a expressão de agradecimento que se divisava no lindo rosto de Andréa.

O conde não reparou, ou não quis reparar naquela expressão; pegou na mão de sua mulher e deu-lhe os parabéns por lhe terem voltado as forças e a boa cor.

Em seguida cortejou respeitosamente a rainha e saiu.

Mas ao tempo que saía, cruzou o olhar com o de Maria Antonieta.

O olhar da rainha dizia: volte depressa.

O do conde respondeu: o mais depressa que puder.

Quanto a Andréa, essa seguia cada um dos movimentos do marido com o peito oprimido e arquejante.

Parecia que os seus votos aceleravam o andar vagaroso e nobre que o aproximava da porta; empurrava-o para fora com toda a força da sua vontade.

Apenas fechou a porta e desapareceu, todo o ânimo de que Andréa se revestira para afrontar a situação, abandonou-a, empalideceu, fraquejaram-lhe as pernas e caiu numa cadeira de braços, que estava ali próxima, pedindo desculpa à rainha por faltar assim à etiqueta.

A rainha correu à pedra do fogão, pegou num frasquinho com sais e fê-los respirar a Andréa, a qual desta vez também tornou mais depressa a si pelo poder da sua vontade do que pela eficácia dos socorros, que a mão régia lhe ministrava.

Efectivamente, havia entre aquelas duas mulheres alguma coisa de singular. A rainha parecia muito afeiçoada a Andréa e esta tinha pela rainha o mais profundo respeito, e todavia pareciam, em certos momentos, não uma rainha afectuosa e uma fiel criada, mas duas inimigas.

Como dizíamos, a muita força de vontade de Andréa em breve a fez tornar a si. Ergueu-se, afastou respeitosamente a mão da rainha, e inclinando-se com a maior reverência, disse:

- Vossa Majestade concedeu-me licença para que me retirasse para o meu quarto...

- Não há dúvida, e muito bem sabe, querida condessa, que é sempre senhora da sua vontade; a etiqueta não se entende com a condessa. Porém, antes de se retirar, veja bem se não tem nada que dizer-me?

- Eu, minha senhora? - perguntou Andréa.

- Sim.

- Nada!... A respeito de quê?

- A respeito do tal Gilberto, cuja presença tanto a impressionou.

Andréa estremeceu, mas limitou-se a abanar a cabeça em sinal de negativa.

- Nesse caso não quero detê-la, querida Andréa, pode recolher-se.

E a rainha deu um passo para entrar no gabinete, que ficava contíguo ao seu quarto.

Andréa, depois de ter feito à rainha uma mesura segundo todos os preceitos, caminhou

também para a porta da saída.

Porém, no momento em que ia para abri-la, ressoaram passadas no corredor, e uma mão levantou o fecho exterior daquela porta.

Ao mesmo tempo ouviu-se a voz de Luís XVI, que dava ordens para a noite ao seu criado de quarto.

- É el-rei, minha senhora - disse Andréa, dando alguns passos para trás - é el-rei.

- Pois sim, é el-rei! - disse Maria Antonieta. - Então mete-lhe medo a esse ponto?

- Minha senhora, em nome do céu lhe peço - disse Andréa - que não me obrigue a verme de frente a frente com el-rei, pelo menos esta noite; era capaz de morrer de vergonha.

- Mas, enfim, não me dirá?...

- Tudo, tudo, visto que Vossa Majestade o exige. Mas esconda-me.

- Entre para o meu gabinete - disse Maria Antonieta; - não sairá de lá senão quando el-rei tiver saído. Descanse, que o seu cativo não há-de durar muito; el-rei nunca se demora muito tempo aqui.

- Oh! Muito obrigada! Muito obrigada! - exclamou a condessa.

E, correndo para o gabinete, desapareceu no instante em que el-rei, abrindo a porta, assomava à entrada do aposento.

O rei entrou.

XXX

Um rei e uma rainha

À rainha, relanceando os olhos em volta de si, recebeu o esposo saudando-o amigavelmente, e estendendo-lhe a mão, disse:

- A que feliz acaso devo o prazer da sua visita?

- A um verdadeiro acaso, diz muito bem, minha senhora. Encontrei o conde de Charny, que ia procurar-me da sua parte e dizer a todos os belicosos que estivessem sossegados. Esta sua resolução causou-me tão grande prazer, que não quis passar por diante da porta dos seus aposentos sem entrar para lhe agradecer.

- Sim - disse a rainha - reflecti que decididamente é melhor deixar o exército em repouso para não dar causa a guerras intestinas.

- Muito bem! Ainda bem! - exclamou el-rei; - estou encantado de vê-la da minha opinião. Bem sabia que afinal havia de pensar desse modo.

- Vossa Majestade bem vê que me não foi muito difícil tomar esta resolução, visto não ser devida a influência sua a minha decisão.

- Isso prova que é mais razoável do que eu supunha, e que o será completamente quando eu lhe fizer algumas considerações.

- Mas, se estamos de perfeito acordo, parecem-nos inúteis as considerações.

- Oh! Esteja descansada, que não pretendo encetar discussão; bem sabe como sou avesso a isso, será apenas ligeira palestra. Vejamos, não gosta de conversar comigo de vez em quando a respeito dos negócios da França, como fazem dois bons esposos a respeito dos arranjos domésticos da sua casa?

Estas últimas palavras foram pronunciadas com a bonomia que tanto caracterizava Luís XVI na conversação familiar.

- Decerto gosto. Mas será porventura bem escolhida a ocasião?

- Parece-me que sim. Não disse há pouco que era inconveniente começar as hostilidades?

- Disse, sim, senhor.

- Mas não me expôs as suas razões.

- Não me pediu que lhas expusesse.

- Peço-lho agora.

- Digo toda a verdade?
- Completa.
- A verdadeira razão é a fraqueza!
- Ah! Então já vejo que, se fosse mais forte, fazia guerra.
- Faria mais, mandava arrasar Paris!
- Oh! Quanto me enganava supondo que queria evitar a guerra pelas mesmas razões que eu tenho para isso.
- Vejamos, quais são essas razões?
- Quais são?
- Sim.
- Só tenho uma.
- Diga-a.
- Imediatamente. Não quero travar a guerra com o povo, porque o povo tem razão. Maria Antonieta fez um movimento de surpresa.
- Tem razão! - exclamou a rainha; - o povo tem razão para se insurgir?
- Certamente.
- Tem razão para forçar a Bastilha, para matar o governador e o preboste dos mercadores e exterminar os soldados de el-rei?
- Tem, sim, minha senhora.
- Oh! - exclamou a rainha - são essas as considerações que tinha a fazer-me?
- São estas.
- Dizendo...
- Bom! - disse o rei - aí vamos cair noutra questão como a da minha alimentação! A senhora não pode perdoar-me que coma; preferia que eu fosse poético a vaporoso. Que quer? Todos na minha família tinham o defeito de comer. Henrique IV não só comia muito bem, mas bebia bom madeira seco; o grande e poético Luís XIV comia até não poder mais; o rei Luís XV, para ter a certeza de comer do melhor, cozinhava ele mesmo os seus petiscos e mandava fazer o café pela Sr^a. Dubarry. Eu, que quer? Quando tenho apetite, não posso resistir; é preciso imitar os meus antepassados. Se isto em mim é uma necessidade, seja indulgente, se é um vício, perdoe-me.
- Senhor, confessar afinal que...
- Que não devo comer quando tenho apetite? - interrompeu o rei abanando tranquilamente a cabeça.
- Não lhe falo agora disso, falo do povo.
- Ah!
- Há-de confessar que o povo anda muito mal - disse Maria Antonieta.
- Por não ter feito pior insurgindo-se? Vejamos; passemos em revista todos os nossos ministros. Depois que reinamos, quais são os que se têm ocupado seriamente do bem-estar do povo? Dois: Turgot e Necker. A senhora e os seus apaniguados fizeram que fossem exilados. Por causa do primeiro houve grande alvoroço; por causa do segundo, talvez façam uma revolução. Falemos também dos mais. Há entre eles homens encantadores, não é verdade? Por exemplo, o Sr. de Maurepas, criatura de minhas tias, um homem que escreve canções! Não são os ministros que devem cantar, é o povo. O Sr. de Calonne? Este disse-lhe algumas palavras muito lisonjeiras, bem o sei, que estão gravadas na minha memória. Um dia, que a senhora lhe pediu não me lembra o que, respondeu-lhe: "Se é possível, está feito, se é impossível, vai-se fazer". Estas palavras custaram talvez cem milhões ao povo. Não se admire, pois, de que o povo o ache menos espirituoso que a senhora, e compreenda isto bem, conservar todos os ministros que desfalcam o povo, e demitir os que se interessam por ele, não é o melhor meio para o acalmar, e antes tem muita razão para exasperar-se.
- Bem! Então a insurreição é um direito? Proclame esse princípio! Na verdade estou satisfeita por me dizer semelhantes coisas sem testemunhas. Se o ouvissem!
- Oh! Sim! Sim! - replicou o rei - não me dá novidade nenhuma. Bem sei que, se os srs. de

Polignac, Dreux-Brézé, Clermont-Tonnerre e Coigny, seus afeiçoados, me ouvissem, se ririam por detrás de mim; mas todos eles me causam dó, e os Polignac, que a sujaram continuamente, e a quem a senhora numa manhã presenteou com o condado de Fénestrange, que lhe custou um milhão e duzentos mil francos; o príncipe de Deux-Ponts, a quem a senhora me obrigou a dar novecentos e quarenta e cinco mil francos para pagar as dívidas; Marie de Laval e a Sr.^a. de Magnenville, que recebeu cada uma oitenta mil francos de pensão; Coigny, que tem sido beneficiado de todos os modos, e que um dia, que pretendi reduzir-lhe os honorários, encontrando-me num corredor, me meteu no vão de uma porta, e parece-me que me teria batido se eu não houvesse cedido à sua petição. São estes os seus afeiçoados, não é verdade? Pois ouça uma coisa, que apesar de ser uma verdade não a há-de acreditar, e é que, se todos eles estivessem na Bastilha, o povo, em vez de a demolir, fortificava-a ainda mais.

- Oh! - murmurou a rainha fazendo a seu pesar um movimento de raiva.

- Diga o que quiser, mas isto é exacto – replicou Luís XVI tranquilamente.

- Oh! O seu querido povo não terá mais que odiar os meus afeiçoados, porque se exilam voluntariamente.

- Exilam-se! - exclamou o rei.

- Sim, senhor.

- Os Polignac? As mulheres?

- Sim.

- Oh! Tanto melhor! - exclamou o rei – tanto melhor! Louvado seja Deus!

- Como, tanto melhor! Pois não tem pena deles?

- Não; e se lhes falta dinheiro para a viagem, dá-lo-ei, certificando-lhe que o darei por bem empregado. Boa viagem, meus senhores e minhas senhoras - disse o rei sorrindo-se com satisfação.

- Oh! Não me admira que louve a cobardia – disse a rainha.

- Entendamo-nos: a senhora também lhes faz justiça.

- Eles não se exilam, desertam!

- Pouco me importa isso, contanto que me deixem.

- Ah! E pensar eu que foi a sua família que os aconselhou para fazerem semelhante infâmia!

- Pois a minha família aconselha os seus favoritos a que se retirem? Não a supunha com tão bom senso. Diga-me quem são as pessoas da minha família, que me fazem tão bons serviços, porque quero agradecer-lhes.

- Sua tia Adelaide e seu irmão de Artois.

- Meu irmão de Artois! E julga que ele seguiria o conselho que deu? Supõe que partiria também?

- Por que não? - exclamou a rainha tentando causar com isto desgosto ao rei.

- Deus a ouça! - exclamou Luís XVI; - se meu irmão se ausentar, dir-lhe-ei como aos demais: Boa viagem!

- A seu irmão também!

- É para lamentar, bem sei, por ser um rapaz a quem não falta coragem, mas que tem a cabeça muito leve, que sustenta a dignidade de príncipe francês como um refinado do tempo de Luís XIII, um doidivanas, um imprudente, que compromete a senhora, a mulher de César.

- César! - murmurou a rainha com cruel ironia.

- Ou Cláudio, se gosta mais - respondeu o rei - porque bem sabe, minha senhora, que Cláudio era um César como Nero.

A rainha abaixou a cabeça. Aquele sangue-frio confundia-a.

- Cláudio - prosseguiu o rei - visto que prefere este nome ao de César, foi obrigado uma noite, como sabe, a mandar fechar a grade de Versalhes, para lhe dar uma lição por se recolher tarde. Foi o conde de Artois que lhe valeu nessa noite. Portanto, pouco me importa que ele se ausente. Quanto a minha tia, é sabido o que se diz dela. É mais uma que merece bem ser da

família dos Césares! Enfim, não digo nada, que é minha tia; que se vá, também me não deixa pena nenhuma. E o Sr. de Provença também parte? Direi igualmente: boa viagem.

- Oh! Não me consta que fale nisso.

- É pena! Ora veja, minha senhora, ele sabe bem o latim e obrigar-me a falar-lhe inglês para lhe não ficar atrás. Foi o Sr. conde de Provença que nos trouxe um tremendo embaraço fazendo, a seu talante, meter Beaumarchais em Bicêtre, no Fort-Lêvêque, ou noutra parte não me lembra onde, pelo que Beaumarchais nos deu bom pago. Ah! O Sr. de Provença fica? É pena! É pena! Quer ouvir uma coisa, minha senhora? Entre todos que a rodeiam, só conheço um homem de bem, é o Sr. de Charny.

A rainha corou e voltou a cara.

- Falávamos da Bastilha - continuou o rei depois de curto silêncio... - e a senhora lamentava que tivesse sido tomada, não é assim?

- Não se sinta, visto ter ainda muito que dizer-me? - disse Maria Antonieta.

- Não; gosto de conversar passeando, e assim contribuo para a minha saúde, de que ninguém se ocupa; como muito bem, mas digiro mal. Sabe o que se diz a meu respeito neste momento? “O rei ceou e já dorme.” A senhora bem vê como durmo. Passeio para fazer digestão e converso em política com minha mulher. Ai, minha senhora, estou expiando.

- Expiando o quê? - interrompeu a rainha.

- Os pecados de um século de que sou o bode emissário; estou expiando a Sr^a. de Pompadour, a Dubarry, o Parc-aux-Cerfs; estou expiando o infeliz Latude, que jazeu trinta anos na Bastilha. Veja se não têm razão para a detestar! Pobre rapaz! Ai! Quantas tolices tenho feito, cedendo às dos outros! Ajudei a perseguir os filósofos, os economistas, os sábios, os escritores!... Ai! Meu Deus! Eles só queriam o meu bem, e podiam ter feito a glória e a felicidade do meu reino. Rousseau, por exemplo, o terror de Sartines e dos mais, que vi no dia em que a senhora o mandou ir ao Trianon, lembra-se? Tinha o fato mal escovado e a barba por fazer, é verdade, mas apesar disso, era um excelente homem. Se me tivesse vestido mais humildemente e dissesse a Rousseau: Vamos procurar musgos ao bosque de Ville-d’Avray...

- Que sucederia? - interrompeu a rainha com supremo desprezo.

- Não teria escrito o *Vigário Saboiano* nem o *Contrato Social*.

- Sim, sim, bem sei como são os seus raciocínios - disse Maria Antonieta; - o senhor é um homem prudente, que teme o seu povo, como o cão teme o dono.

- Não, mas como o dono teme o cão. Vê que pode ser mordido por ele. Quando passeio com Médor, com o cão dos Pirineus que me deu o rei de Espanha, vou satisfeito com a companhia dele. Ria, se quiser; mas se Médor não fosse meu amigo, era capaz de me devorar. Mas eu digo-lhe: Meu Médor, bom Médor, e ele lambe-me as mãos. Prefiro a língua aos dentes.

- Se lhe parece, lisonjeie os revolucionários, acaricie-os, obsequie-os!

- Creia que assim farei, porque é esse o meu desejo. Vou mandar cunhar uma porção de prata e ouro e tratarei todos esses senhores como Cérberos. Oh! Tome, Sr. de Mirabeau.

- Ah! Sim, fale-me nesse animal feroz!

- Com cinqüenta mil francos por mês será um Médor; se esperamos mais tempo, ser-lhe-á preciso meio milhão.

A rainha, desatando a rir, disse:

- Oh! Oh! Lisonjeiar semelhante gente

- Nomeando ministro o Sr. Bailly, será outro Médor. Desculpe-me, por não ser da sua opinião, mas sou da do meu avô Henrique IV. Era um verdadeiro político, e lembro-me ainda do que ele dizia.

- Então que dizia?

- Que não é com vinagre que se apanham moscas.

- Sancho também dizia isso ou coisa semelhante.

- Pois teria feito a felicidade do seu povo, se a Baratária existisse.

- Seu avô, que invoca, apanhava moscas com a mesma facilidade com que mandava cortar

cabeças; para exemplo, cito-lhe o marechal de Biron. Podia portanto dizer o que quisesse. Raciocinando como ele, e procedendo como o senhor, tira todo o prestígio à realeza, que não brilha sem ele; se degrada o princípio, que será da majestade? A majestade é uma palavra, bem sei, mas compreende-se nela todas as virtudes reais: quem respeita, ama; quem ama, obedece.

- Ah! Fala da Majestade - interrompeu o rei sorrindo-se; - pois sim, falemos dela. A senhora, por exemplo, tem levado a ciência da majestade a ponto de exceder sua mãe, que levava a palma a todas as soberanas da Europa.

- Percebo; quer dizer que a majestade não impede que eu seja aborrecida pelo povo francês.

- Não digo aborrecida, minha cara Antonieta, mas menos amada do que merecia ser.

- Senhor - replicou a rainha profundamente despeitada - torna-se o eco de tudo quanto se diz. Não fiz mal a ninguém; pelo contrário, tenho feito bem muitas vezes. Por que motivo sou odiada e não amada? É porque há pessoas que empregam o dia a repetir: “A rainha não é amada” e bem sabe que basta uma pessoa dizê-lo para logo lhe fazerem coro, cem, mil, dez mil...

- Ai! Meu Deus! - murmurou o rei.

- Pouco me importa a popularidade, mas estou certa de que exageram a minha impopularidade. As bênçãos não chovem sobre mim, bem sei, mas já fui muito adorada e por isso sou agora mais odiada.

- Espere - disse o rei - a senhora não sabe ainda tudo; não falávamos da Bastilha?

- Sim, senhor.

- Pois havia ali uma grande casa cheia de toda a espécie de escritos contra a senhora. Creio que lançaram o fogo a tudo isso.

- Em que me censuram nesses livros?

- Não quero ser o seu acusador e muito menos o seu juiz. Quando aparece algum panfleto, faço apreender toda a edição e mando-a depositar na Bastilha. Apesar disto, de vez em quando vêm-me às mãos alguns desses libelos. Agora mesmo, por exemplo - disse o rei procurando nas algibeiras - tenho aqui um, que é terrível.

- Deixe-me vê-lo!

- Não posso, porque tem estampas.

- E não faz caso disso? Leva a sua franqueza a ponto de não cortar pela raiz todas essas infâmias, mandando sindicatar quem são os autores e fazendo-os prender?

- A polícia quase que não se ocupa doutra coisa.

- Então sabe quem é o autor dessas indignidades?

- Um pelo menos, sei quem é, porque tenho aqui um recibo dele de vinte e dois mil e quinhentos francos; quando vale a pena bem sabe que não olho ao preço.

- E os mais?

- Ora, muitas vezes são alguns desgraçados que apenas vegetam na Inglaterra ou na Holanda. Quando nos mordem, irritamo-nos e procuramos a causa do mal, e supondo encontrar um crocodilo ou uma serpente para esmagar, apenas deparamos com um insecto e nem sequer nos movemos para o pisar.

- É maravilhoso! Se não se atreve a pisar os insectos, ao menos ataque de frente quem os anima. Realmente, senhor, dir-se-á que Filipe de Orleans é o seu ídolo.

- Ah! - exclamou o rei batendo as palmas - agora começa com o Sr. de Orleans.

- É seu inimigo, senhor.

O rei encolheu os ombros.

- Se fosse meu inimigo, não vinha pôr-se às minhas ordens para combater os revoltosos. Bem se vê que lhe tem entranhado ódio!

- Sabe por que ele veio? Porque tem receio de que seja notada a sua ausência e porque é um cobarde.

- Não diga semelhante coisa. Filipe não tem medo nem foge. Os Orleans são valentes, atestam-no muitos feitos valorosos dos seus ascendentes. Não diga senão metade do bem, se

quiser, mas não diga o mal que não existe.

- Vossa Majestade está disposto a exaltar os revoltosos. Pois saiba que lamentando a tomada da Bastilha, lamento ainda mais que Filipe de Orleans não tivesse sido lá encarcerado.

- Se tal se fizesse, estaríamos hoje numa bela situação!

- Que sucederia?

- Sabe que o povo andou passeando, levando em triunfo o busto de Orleans, coroadado de flores, juntamente com o de Necker?

- Sei.

- Pois se ele tivesse sido metido na Bastilha, saindo agora, seria o rei da França.

- Talvez o senhor achasse isso justo - disse Maria Antonieta com amarga ironia.

- Decerto. Para bem julgar os outros, ponho-me no seu lugar. Não é do alto do trono, creia-o, que se vê bem o povo, e é preciso descer até ele, como faz Filipe de Orleans, para ver quanto sofre.

- Muito bem, senhor - interrompeu a rainha, com um olhar chamejante - pegue numa picareta e vá também ajudar à demolição da Bastilha.

- Que dúvida; decerto que iria se não pudesse fazer mais com duas penadas do que faria com a picareta. Com a demolição da Bastilha prestam-lhe um grande serviço, porque não contribuirá mais, satisfazendo aos caprichos dos seus afeiçoados, para que sejam encarceradas pessoas inocentes.

- Inocentes! Talvez como o Sr. de Rohan; mas esse não foi para lá.

- Não falemos nisso; foi o parlamento que o julgou e decidiu como lhe aprouve. Apesar disso, tenho a certeza de que têm sido encarcerados inocentes na Bastilha.

- Inocentes!

- Certamente, e estive há pouco com um que de lá saiu.

- Hoje?

- Sim, minha senhora.

- E esteve esta tarde com ele?

- Ainda há pouco.

- Quem é?

- Uma pessoa do seu conhecimento.

- Do meu conhecimento?

- Sim.

- Como se chama?

- O Dr. Gilberto.

- Gilberto! - exclamou a rainha. - Será o mesmo de que Andréa pronunciou o nome ao voltar a si?

- Naturalmente deve ser o mesmo.

- Esse homem esteve na Bastilha?

- Pois ignora-o?

- Decerto.

E a rainha, divisando no rosto do rei uma expressão de dúvida, acrescentou:

- Salvo se, por alguma razão, me esqueceu...

- Ah! - exclamou o rei - há sempre para as injustiças o esquecimento de qualquer razão; mas, se se esqueceu da razão e do doutor, a Sr^a. de Charny lembrou-se de tudo, e devem-se ter passado entre eles coisas...

- Senhor, por favor! - disse a rainha olhando angustiada para o lado do toucador, donde Andréa podia ouvir tudo que se dizia; - não diga mais.

- Sim - continuou o rei rindo-se - teme que venha a condessa e que me ouça? Pobre Charny!

- Senhor, por quem é! A Sr^a. de Charny é uma mulher virtuosa, conhecemo-la há muito e merece-nos a máxima confiança e o máximo apreço, como tem sabido conquistar o respeito de

toda a corte; e convencida de que esse Sr. Gilberto...

- Ora! - interrompeu o rei - quer agora acusá-lo? Sei já muitas coisas, mas não sei ainda tudo.

- Na verdade, está-me flagelando com a sua convicção - disse a rainha olhando sempre para o lado do gabinete.

- Oh! - continuou o rei - mas não hei-de perder nada em esperar. O princípio promete-me um fim agradável, e hei-de sabê-lo do próprio Gilberto, visto ser ele agora o meu médico, e não lhe faltar tempo para contar-mo.

- O seu médico! Pois confia, sem mais nem mais, a sua vida a esse homem?

- Oh! Esteja sossegada. Os meus olhos não me enganam nunca, e eu li na alma do doutor que podia confiar nele.

A rainha estremeceu de cólera e desdém.

- Gilberto é um sábio - disse o rei - e digno de toda a consideração.

- Que dedicação!

- Quisera vê-lo no meu lugar. Desejava saber se Mesmer não lhe causou, como causou à Sr.^a. de Lamballe, uma impressão qualquer.

- Mesmer! - disse a rainha corando.

- Sim, quando há quatro anos foi disfarçada a uma das audiências dele

- Eu!

- Sim, minha senhora; Mesmer colocou-a junto de uma selha, tocou-a com uma varinha de aço, rodeando-se de mil fantasmagorias, como um charlatão que era. Gilberto não faz tantas momices: estende a mão sobre uma mulher, que adormece imediatamente, e adormecida fala.

- Fala! - murmurou a rainha com espanto.

- Sim - replicou o rei, que se comprazia em prolongar o sofrimento de sua mulher; - sim, adormecida por Gilberto, fala, e creia que diz coisas bem singulares.

A rainha empalideceu.

- A Sr.^a. de Charny teria dito coisas singulares? - murmurou a rainha.

- Bem singulares! Felizmente para ela...

- Cale-se - interrompeu Maria Antonieta.

- Por que? Digo felizmente para ela, por que foi só ouvida por mim.

- Por favor, senhor, cale-se!

- Assim farei, porque estou fatigado, e pela mesma razão que como quando tenho apetite, deito-me quando tenho vontade de dormir. Boa noite, e que de toda a nossa conversação lhe fique uma impressão salutar.

- Qual?

- Que o povo tem razão em desfazer o que nós e os nossos afeiçoados fizemos; sirva de prova o meu pobre médico Gilberto. Adeus, minha senhora, creia que, depois de assinalado o mal, terei coragem para o impedir. Durma bem, Antonieta!

E indo já em direcção da porta do quarto, o rei voltou e disse:

- Previna a Sr.^a. de Charny de que, se quiser, pode fazer as pazes com o doutor. Adeus.

Depois saiu.

Teria o rei dado uns dez passos no corredor quando a condessa saiu do gabinete, foi às portas e às janelas e correu os fechos, tudo isto com a energia da demência e da raiva.

Depois, tendo a certeza de que ninguém podia vê-la nem ouvi-la, dirigiu-se soluçando para a rainha, e deitando-se-lhe aos pés, exclamou:

- Salve-me, senhora! Em nome do céu, salve-me!

Depois, passado um instante acompanhado de um suspiro, acrescentou:

- Dir-lhe-ei tudo!

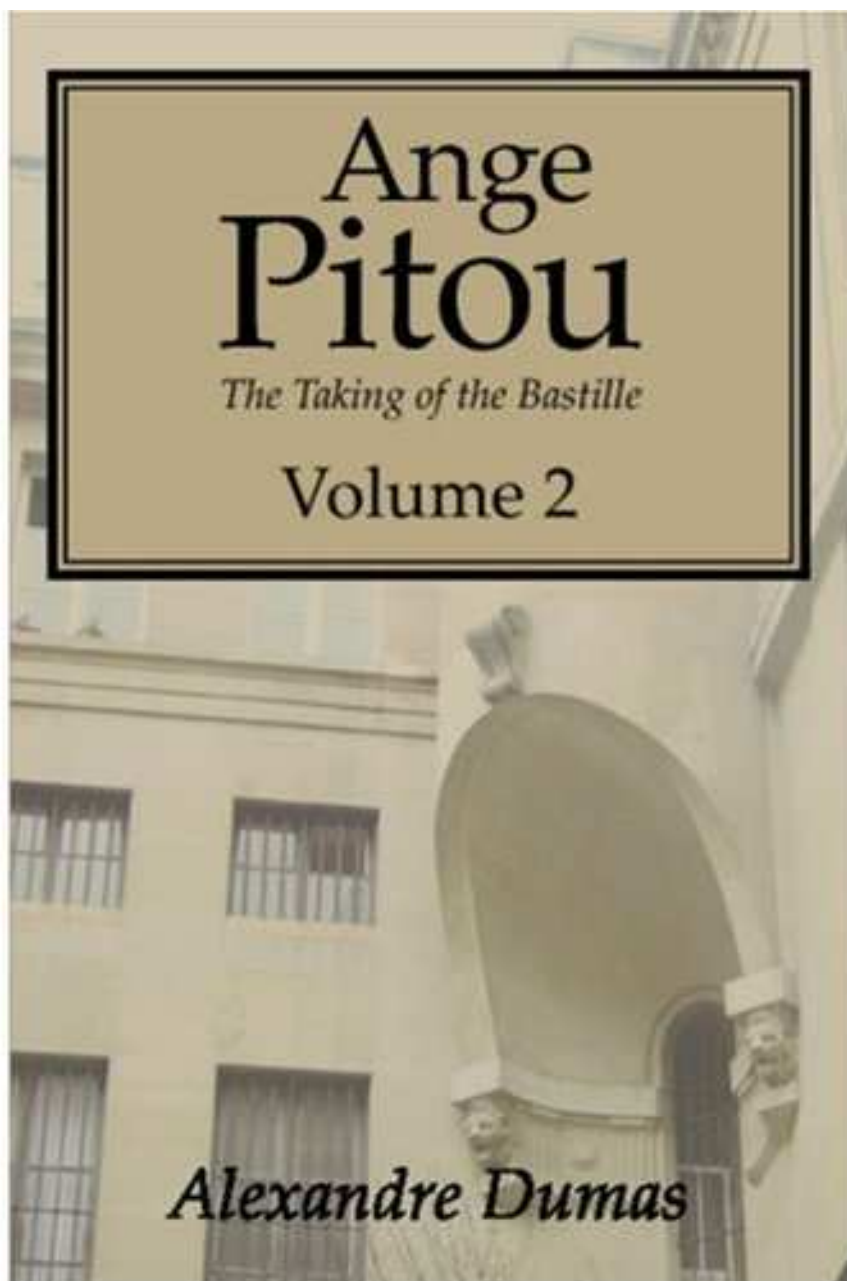
FIM DO PRIMEIRO VOLUME



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

**Memórias de um médico:
Ângelo Pitou
Volume II**

Alexandre Dumas

Em que pensava a rainha na noite de 14 de Julho de 1789

Não podemos dizer quanto tempo durou a confidência, mas foi demorada, porque só por volta das onze horas da noite se tornou a abrir a porta do gabinete da rainha, aparecendo no limiar Andréia, quase de joelhos, beijando a mão de Maria Antonieta.

Depois a condessa, ao levantar-se, limpou os olhos, que estavam vermelhos de chorar, e a rainha voltou para o seu quarto.

Andréia, como se tivesse querido fugir de si própria, afastou-se rapidamente.

A rainha ficou. Quando a aia entrou para ajudá-la a despir, achou-a com os olhos chamejantes e passeando arreatadamente pelo quarto. E com a mão fez um gesto imperioso, que queria dizer: deixe-me!

A aia retirou-se sem insistir.

A rainha tornou a ficar só; proibira que fossem incomodá-la a não ser para lhe comunicarem alguma notícia importante chegada de Paris.

Andréia não tornou a aparecer.

Quanto ao rei, depois de ter conversado com o Sr. de La Rochefoucauld, que procurava fazer-lhe perceber qual era a diferença que havia entre uma revolta e uma revolução, declarou que estava cansado, foi-se deitar e adormeceu com tanto sossego como se tivesse andado à caça, e o veado (qual cortesão amestrado) tivesse ido deixar-se matar no lago dos Suíços.

A rainha escreveu algumas cartas; entrou no quarto próximo, onde dormiam os seus dois filhos entregues ao cuidado da Sr^a. de Tourzel, e depois foi-se deitar, não para dormir como el-rei, mas para meditar à sua vontade.

Porém, pouco depois, quando Versalhes se achava entregue ao silêncio, quando no imenso palácio, envolto em trevas, apenas se ouvia ao fundo dos jardins os passos das patrulhas que faziam ranger a areia, ou nos compridos corredores as coronhas das espingardas que descansavam de manso nas lajes do pavimento, Maria Antonieta, cansada de estar deitada, e sentindo que precisava respirar, levantou-se da cama, calçou as chinelas de veludo, embrulhou-se num comprido penteador branco, foi para a janela respirar a frescura que espargiam as cascatas, e como que escutar de passagem os conselhos que o vento das noites sussurra às frentes ardentes e aos corações opressos.

Correu então pelo pensamento todos os acontecimentos imprevistos, que se tinham sucedido naquele dia para ela tão memorável.

A queda da Bastilha, daquele emblema visível do poder régio, as incertezas de Charny, daquele amigo dedicado, daquele cativo apaixonado, que ela conservava havia tantos anos subjugado, e o qual nunca tendo suspirado senão de amor, parecia suspirar então pela primeira vez de pena e de remorsos.

Maria Antonieta, com o hábito de síntese, que dá aos espíritos elevados o uso de tratar com os homens e de avaliar as coisas, dividiu em duas partes a indisposição que sentia, e que provinha de um desastre político e de uma mágoa de coração.

O desastre político era a grande notícia que, tendo saído de Paris às três horas da tarde, ia espalhar-se pelo mundo e abalar em todos os espíritos a reverência sagrada com que até ali eram considerados os reis mandatários de Deus.

A mágoa era a resistência surda de Charny à onipotência da sua soberana muito amada. Era como que um pressentimento de que, sem cessar de ser fiel e dedicado, o seu amor ia deixar de ser cego, e podia começar a discutir a sua fidelidade e a sua dedicação.

Esta idéia pungia-lhe cruelmente o seu coração da mulher e enchia-o do fel amargo que tem por nome ciúme, veneno acre que rasga ao mesmo tempo mil chagas pequenas numa alma já ferida.

Entretanto, a mágoa, em presença da desgraça, era uma inferioridade segundo a lógica.

Por isso Maria Antonieta, levada mais pelo raciocínio do que pela sua consciência, e cedendo à necessidade mais do que ao instinto, entregou primeiro a alma aos grandes cuidados que lhe dava o perigo da situação política.

Para onde se havia de voltar? Via na sua frente ódio e ambição, e aos lados fraqueza e indiferença. Tinha por inimigos indivíduos que, tendo começado pela calúnia, lançavam agora mão das rebeliões.

Indivíduos, que decerto não recuariam diante de coisa alguma.

Por defensores, falamos da maioria, homens que se tinham gradualmente acostumado a sofrer tudo, e que, portanto, não poderiam sentir a profundidade das feridas.

Gente que havia de hesitar em rebater as injúrias, com receio de fazer bulha.

Era-lhe preciso, portanto, entregar tudo ao esquecimento, fingir que se esquecia e recordar-se, fingir que perdoava e não perdoar.

Este papel era pouco decoroso para uma rainha de França, e muito menos para a filha de Maria Teresa, mulher de tão esforçado coração.

Lutar! Lutar era este o conselho do orgulho real revoltado; mas seria prudente lutar? Podem acaso aplacar-se as iras derramando sangue? Não era porventura já de si terrível aquele nome de *Austríaca*? E que seria se fosse preciso, para o consagrar, dar-lhe por baptismo uma matança universal, como tinham feito Isabel e Catarina de Médicis para consagrarem os seus?

E demais, se Charny tinha falado verdade, o resultado era duvidoso.

Combater e ser vencida!

Eis aqui, pelo que respeita à desgraça política, quais eram os pesares daquela rainha, a quem parecia, em certas fases da sua meditação, que assim como se sente surgir uma serpente do mato onde a acordámos com o pé, sentia emergir, do fundo dos seus sofrimentos de rainha, a desesperação da mulher, que, tendo sido amada com furor, desconfia que o vai sendo menos.

Charny dissera o que lhe ouvimos dizer, não por convicção, mas por cansaço; tinha, como tantos outros, bebido as calúnias até à saciedade na mesma taça que ela. Aquele Charny, que, pela primeira vez, falara em termos tão ternos de sua mulher, criatura até ali esquecida por ele, teria acaso notado que ela era ainda nova e formosa? Quando lhe ocorria esta idéia, que a queimava como se fora a mordedura envenenada de um áspide, admirava-se Maria Antonieta de sentir que o desastre político nada era comparado com esta pena do coração.

Tendo o desgosto produzido nela o que o desastre não pudera fazer, a mulher saltava enfurecida da cadeira onde a rainha se conservara fria e irresoluta, contemplando o desastre de frente.

Todo o destino daquela criatura privilegiada de sofrimento revelou-se na situação da sua alma durante aquela noite.

Qual seria o meio de escapar ao mesmo tempo ao desastre político e aos desgostos pessoais, perguntava ela a si mesma, com profunda angústia; seria necessário abandonar a vida de rainha para viver feliz na mediocridade? Deveria voltar para o seu verdadeiro Trianon e para a sua casinha rústica, para o sossego do lago e para as distrações singelas da queijaria? Conviria deixar que o povo repartisse entre si os despojos da realeza, com excepção de algumas insignificantes parcelas, que poderiam ficar-lhe pertencendo juntamente com as contribuições incertas de alguns amigos fiéis, que teimassem em considerar-se seus vassallos?

Infelizmente, era neste ponto que a serpente do ciúme tornava a mordê-la mais ao vivo.

Feliz! E poderia ser feliz depois de ter passado pela humilhação de ver o seu amor desprezado?

Feliz! Como poderia ser feliz tendo a seu lado o rei, esposo vulgar, carecido de todo o prestígio para formar um herói?

Feliz! Junto do conde de Charny, que viveria ditoso ao lado de alguma mulher a quem amasse, da própria talvez?

E esta idéia acendia no coração da rainha os tições ardentes, que queimaram Dido mais do que as chamas da fogueira.

Porém, no meio daquela devoradora tortura, apresentava-se-lhe um vislumbre de descanso; no meio de tão horrível angústia tinha uma satisfação. Será porque Deus, na sua infinita bondade, só criasse o mal para nos fazer apreciar o bem?

Andréia confiou tudo da rainha, descobriu à rival a vergonha da sua vida; Andréia, debulhada em lágrimas, e com o rosto curvado até ao chão, confessou a Maria Antonieta que já não era digna do amor nem do respeito de um homem de bem; portanto, nunca Charny há-de ter amor a Andréia.

Mas Charny ignora e há-de ignorar sempre a catástrofe de Trianon e as conseqüências que teve. Portanto, para ele é como se semelhante catástrofe não se tivesse dado.

A rainha, ao passo que fazia estas diversas reflexões, examinava no espelho da sua consciência a sua formosura fanada, a sua alegria perdida, e a frescura da sua mocidade extinta para sempre.

Depois tornava a pensar em Andréia, e nas aventuras extraordinárias, quase incríveis, que ela acabava de lhe contar.

Admirava a combinação mágica da cega fortuna que tirava do fundo de Trianon, da sombra de uma choça e da lama de uma herdade, um rapazito jardineiro para o associar ao destino de uma menina de nobre estirpe.

- Assim, pois - dizia ela consigo - o átomo perdido naquelas regiões tão baixas foi, por uma fantasia das atracções superiores, confundir-se, qual parcela de diamante, com a luz divina da estrela?

Aquele moço de jardineiro, aquele Gilberto, não era porventura um símbolo vivo do que se estava passando naquele momento? Um homem do povo, saído da baixeza da sua origem para se intrometer na política de um grande reino, cómico singular, que por acaso personificava em si, pelo privilégio do génio mau que pairava sobre a França, o insulto dirigido à nobreza, e o ataque à realeza pela plebe?

Aquele Gilberto, que trajava a casaca preta do Sr. de Necker, o confidente do rei de França, achava-se assim colocado, graças ao jogo da revolução, em paralelo com a mulher a quem roubara a honra, de noite, como um ladrão!

A rainha, tornada então mulher, e arrepiando-se involuntariamente ao recordar-se da lúgubre história que Andréia lhe contara; a rainha, dizemos, considerava como um dever contemplar cara a cara o tal Gilberto, para aprender por si mesma a ler nas feições humanas os traços impressos pela mão de Deus para revelar um carácter tão singular, e apesar do sentimento a que há pouco aludimos e que lhe fazia achar um certo prazer na humilhação da rival, havia nela veemente desejo de ferir o homem que tanto fizera sofrer uma mulher.

Além disso, pode ser que fosse também o desejo de encarar, quem sabe? de admirar até, com o susto que inspiram sempre os monstros, aquele homem extraordinário, que, por um crime, infundira o seu sangue vil no sangue mais aristocrático da França; aquele homem, que parecia ter mandado fazer a revolução para que lhe abrissem a Bastilha, onde, sem a revolução, teria aprendido a esquecer eternamente aquilo de que um homem plebeu, um vilão, nunca deve recordar-se.

Por uma conseqüência inevitável das suas idéias, a rainha passava daí para os desastres políticos, e via acumular-se, sobre uma única e mesma cabeça, a responsabilidade de quanto sofrera.

Assim pois o autor da rebelião popular, que acabava de abalar a autoridade real derrubando a Bastilha, era Gilberto, unicamente ele, Gilberto, cujos princípios tinham feito pegar em armas os Billot, os Maillard, os Elie e os Hullin.

Gilberto era portanto, há um tempo, uma criatura venenosa e terrível: venenosa, porque perdera Andréia como amante; terrível, porque acabava de ajudar a derrubar a Bastilha como inimigo.

Era preciso, por conseguinte, conhecê-lo para o evitar; ou melhor ainda, conhecê-lo para se servir dele.

Era necessário, a todo o transe, conversar com aquele homem, vê-lo de perto, julgá-lo por si mesma.

Já eram passados dois terços da noite, estavam dando as três horas, e a primeira claridade do romper da alva já branqueava os cumes das árvores da tapada de Versalhes, e as cabeças das estátuas.

A rainha passara a noite sem dormir, e o seu olhar incerto perdia-se nas alamedas frouxamente alumeadas pelo dia nascente.

Apoderou-se gradualmente da infeliz mulher um sono pesado e inquieto.

Adormeceu com a cabeça encostada no respaldo da cadeira, ao pé da janela aberta.

Sonhou que andava passeando em Trianon, e que do fundo de um alegrete saía um gnomo de sorriso infernal, como os que se descrevem nas xácaras alemãs, e que aquele monstro sardónico era Gilberto, que se lhe aproximava e estendia para ela os seus dedos aduncos.

Deu um grito.

Outro grito respondeu ao seu.

Este outro grito despertou-a.

Fora a Sr.^a. de Tourzel quem o soltara. Entrara naquele instante no quarto da rainha, e vendo-a despida e aflita numa cadeira, não pudera reprimir a sua aflição e o seu espanto.

- A rainha está doente! - exclamou ela - a rainha tem algum incómodo! Será preciso chamar um médico?

A rainha abriu os olhos; a pergunta da Sr.^a. de Tourzel respondia à pergunta da sua curiosidade.

- Sim, um médico - respondeu ela - o Dr. Gilberto; chame o Dr. Gilberto.

- Quem é o Dr. Gilberto? - perguntou a Sr.^a. de Tourzel.

- É o novo médico de câmara que foi nomeado ontem, penso eu, o que chegou há pouco da América.

- Bem sei quem Sua Majestade quer dizer - acudiu uma das damas da rainha.

- E então? - perguntou Maria Antonieta.

- O doutor está na antecâmara de el-rei.

- Visto isso, é seu conhecido?

- Sim, minha senhora - respondeu a dama significando receio.

- Mas como pode ele ser seu conhecido? Chegou há oito ou dez dias da América, e apenas ontem saiu da Bastilha.

- Conheço-o...

- Responda-me: de onde o conhece? - perguntou imperiosamente a rainha.

A dama baixou os olhos.

- Vamos, não pode resolver-se a dizer-me de onde o conhece?

- Minha senhora, li as obras dele, e tendo-me elas despertado curiosidade de conhecer o autor, pedi que mo mostrassem esta manhã.

- Ah! - disse a rainha com indizível expressão de soberba e de reserva ao mesmo tempo. - Ah! Muito bem, pois já que o conhece, vá dizer-lhe que estou incomodada, e que desejo consultá-lo.

A rainha, entretanto, mandou entrar as criadas, enfiou um roupão e consertou o penteado.

XXXII

O médico de el-rei

Alguns minutos depois do desejo formulado pela rainha, desejo a que logo tratara de dar cumprimento a dama a quem fora manifestado, Gilberto, admirado, algum tanto inquieto, e profundamente comovido, mas sem o dar a conhecer na fisionomia, apresentou-se a Maria

Antonietta.

Um porte nobre e afoito, a palidez distinta do homem de ciência e de imaginação, a quem o estudo formou uma segunda natureza, palidez que ainda mais realçava o trajo preto do terceiro estado, que não só os deputados daquela ordem, como também os homens que tinham adoptado os princípios da revolução caprichavam em usar; mão fina e branca, como deve ser a de um operador, cercada de punhos de cassa lisa formando pregas; pernas delicadas, tão elegantes, tão bem feitas, finalmente, que nenhum fidalgo da corte seria capaz de apresentar outras mais bem torneadas aos entendedores, e mesmo às entendedoras da sala do dossel, e com tudo isto certa mescla de respeito tímido para com a mulher, de serena audácia para com a doente, nada para com a rainha, tais foram as particularidades que Maria Antonietta, com a sua inteligência aristocrática, notou de relance na pessoa do Dr. Gilberto, no momento em que abriram a porta do seu quarto de cama para lhe franquear a entrada.

A rainha sentiu que a cólera lhe aumentava por isso mesmo que Gilberto nada mostrava de provocador nas suas maneiras. Representara-se aquele homem como um tipo odioso, figurara-se-lhe natural e involuntariamente que havia de ser semelhante a algum desses heróis da impudência, que tanto abundavam em volta dela. O autor dos sofrimentos de Andréa, o discípulo bastardo de Rousseau, o aborto tornado homem, o jardineiro feito doutor, o podador de árvores transformado em filósofo e domador de almas, apresentava-se à imaginação de Maria Antonietta como devendo ter as feições de Mirabeau, isto é, do homem que ela mais detestava depois do cardeal de Rohan e de Lafayette.

Parecera-lhe, antes de ter visto Gilberto, que, para conter aquela vontade colossal, seria preciso um colosso material.

Porém, quando viu um homem moço ainda, direito, delgado, de corpo esbelto e elegante, com o rosto sereno e afável, pareceu-lhe que aquele homem cometera um novo crime, que era o de mentir pelo seu exterior. Gilberto, homem do povo, de nascimento obscuro e desconhecido, camponês, aldeão, vilão, era criminoso aos olhos da rainha por ter usurpado a aparência externa do cavaleiro e do homem honrado. A orgulhosa Austríaca, inimiga declarada de gente mentirosa, indignou-se, e concebeu subitamente um ódio mortal contra o desgraçado átomo, que tantos agravos tornavam seu inimigo.

Para os seus familiares, para as pessoas que estavam acostumadas a ler-lhe nos olhos a bonança ou a tempestade, era fácil de perceber que uma borrasca, acompanhada de raios e coriscos, se lhe estava já preparando no fundo do coração.

Mas como poderia uma criatura humana, ainda mesmo uma mulher, seguir no meio daquele turbilhão de chamas e de cóleras a pista dos sentimentos estranhos e opostos que se chocavam no cérebro da rainha e lhe dilaceravam o peito com todos aqueles venenos descritos por Homero?

A rainha despediu com um olhar quantos estavam presentes, até a própria Sr^a. de Misery. Saíram todos.

A rainha esperou que se fechasse a porta depois de ter saído a última pessoa, e então, volvendo os olhos para o Dr. Gilberto, percebeu que ele não cessara de a observar.

Desesperou-a tanta audácia.

O olhar do doutor era inofensivo na aparência, porém contínuo, cheio de intenção e pesado a tal ponto que Maria Antonietta se viu obrigada a combater tanta impertinência.

- Então! Senhor - disse ela subitamente - que está aí fazendo de pé, diante de mim, a examinar-me, em vez de me dizer qual é a causa do meu sofrimento?

Esta apóstrofe furiosa, acompanhada de um olhar cintilante, teria fulminado qualquer cortesão da rainha, teria feito cair aos pés de Maria Antonietta, pedindo misericórdia, um marechal de França, um herói, um semi-deus.

Porém, Gilberto respondeu mui placidamente:

- É pelos olhos, minha senhora, que o médico conjectura em primeiro lugar. Se tão atentamente examino a Vossa Majestade, que me mandou chamar, não é para satisfazer uma vã

curiosidade; estou desempenhando as minhas funções, estou obedecendo às ordens de Vossa Majestade.

- Então já me sondou?

- Tanto quanto me foi possível, minha senhora.

- Diga-me se estou doente?

- Não, no verdadeiro sentido da palavra; porém Vossa Majestade acha-se vivamente sobreexcitada.

- Ah! Ah! - disse Maria Antonieta com ironia – por que não declara logo que estou encolerizada?

- Queira Vossa Majestade permitir, já que mandou chamar um facultativo, que ele se sirva do termo médico.

- Bem. Qual é o motivo dessa sobreexcitação?

- Vossa Majestade tem demasiada perspicácia para ignorar que o médico adivinha as causas do incômodo material, graças à sua experiência e às tradições do estudo, mas que não é nigromante para sondar à primeira vista o abismo das almas humanas.

- Isso quer dizer que à segunda ou terceira vista seria capaz de adivinhar, além do meu incômodo, o que tenho no pensamento também?

- Pode ser que sim - respondeu friamente Gilberto.

A rainha deteve-se estremecendo; conhecia-se-lhe pelos lábios que estavam próximas a sair-lhe da boca palavras ardentes e corrosivas.

Mas ainda se conteve.

- Deve-se acreditar isso que diz - replicou ela visto ser um homem sábio.

E carregou nestas últimas palavras com tal acento de desprezo, que nos olhos de Gilberto também luziu o fogo da cólera.

Porém uma luta de um segundo bastava àquele homem para alcançar vitória sobre si.

E por isso, com a frente tranqüila e a palavra desembaraçada, replicou quase imediatamente:

- Vossa Majestade trata-me com demasiada bondade concedendo-me diploma de homem sábio sem ter experimentado a minha ciência.

A rainha mordeu os beiços.

- Bem pode imaginar que não sei se é efectivamente um sábio - respondeu ela - mas assim dizem, e repito o que ouço a toda a gente.

- Ai, senhora - disse respeitosamente Gilberto inclinando-se ainda mais do que até ali - uma inteligência como a de Vossa Majestade não deve repetir cegamente o que diz o vulgo.

- Quer talvez dizer o povo? - atalhou insolentemente a rainha.

- O vulgo, minha senhora - replicou Gilberto com tal firmeza, que fez estremecer no fundo daquele coração feminino um não sei quê, em que faziam dolorosa impressão comoções desconhecidas.

- Enfim - respondeu ela - não discutamos sobre isso. Dizem que é um sábio, e é o essencial. Onde estudou?

- Em toda a parte, senhora.

- Isso não é resposta.

- Então em parte nenhuma.

- Prefiro isso. Não estudou em parte nenhuma?

- Como melhor aprouver a Vossa Majestade - respondeu o doutor cortejando. - E contudo é menos exacto do que se disser: “em toda a parte”.

- Ora vamos, responda - exclamou a rainha com enfado - e por favor, Sr. Gilberto, poupe-me tanta frase.

Em seguida, como falando consigo mesma:

- Em toda a parte! Em toda a parte! Que significa isso? É uma palavra de charlatão, de empírico, de médico das ruas. Julga, acaso, que poderiam iludir-me os palavrões sonoros?

E bateu o pé no chão com os olhos incendidos e os beijos trémulos.

- Em toda a parte? Designe os lugares; vamos, Sr. Gilberto, fale.

- Disse em toda a parte - respondeu friamente Gilberto - porque efectivamente estudei em toda a parte, nas choças e nos palácios, nas cidades e nos desertos, sobre o homem e sobre os brutos, sobre mim e sobre os mais, como deve fazer todo aquele que estima a ciência, e que vai procurá-la onde quer que ela se ache, isto é, em toda a parte.

A rainha, vencida, deitou um olhar terrível para Gilberto, e este continuava a contemplá-la com uma fixidade que a fazia desesperar.

Agitou-se convulsivamente na cadeira, e ao voltar-se deitou ao chão uma mesa pequena de um só pé, em que estava o chocolate que acabavam de lhe trazer numa chávena de porcelana de Sèvres.

Gilberto viu cair a mesa, viu despedaçar-se a chávena, mas não se mexeu.

Subiu o sangue ao rosto de Maria Antonieta; levou a mão fria e úmida à testa, que lhe escaldava, e quando ia para fitar novamente os olhos de Gilberto, não se atreveu.

Somente pretextou para consigo mesma um desprezo maior do que a insolência.

- E quem foi o mestre que dirigiu os seus estudos? - prosseguiu a rainha, renovando a conversação no ponto em que a deixara.

- Não sei como hei-de responder a Vossa Majestade sem me expor a tornar a ofendê-la.

A rainha percebeu a superioridade que lhe dava a resposta de Gilberto, e agarrou-se a ela como uma leoa à sua presa.

- Ofender-me, a mim! - exclamou ela. - Oh! Senhor, que está dizendo? Pois poderia nunca ofender uma rainha! Está enganado. Ah! Sr. Dr. Gilberto, não estudou a língua francesa com tão bons mestres como a medicina; as pessoas da minha qualidade, Sr. Dr. Gilberto, não se ofendem, aborrecem-se simplesmente.

Gilberto cortejou e deu um passo para a porta, mas sem que a rainha lhe pudesse descobrir no rosto o menor vestígio de cólera, o menor sinal de impaciência.

A rainha, pelo contrário, batia o pé no chão enraivecida. Levantou-se de repente como para deter Gilberto.

Este percebeu-a.

- Perdão, senhora - disse ele - é verdade, fiz muito mal em esquecer que fui chamado como médico para tratar de uma doente. Desculpe-me Vossa Majestade; não me tornarei a esquecer.

E, dizendo isto, estava pensativo.

- Vossa Majestade - prosseguiu ele - parece-me estar próxima a ter uma crise nervosa. Atrevo-me a rogar-lhe que não se abandone a ela; porque daqui a um instante já não a poderá conter. Neste mesmo momento, deve ter-lhe parado o pulso, o sangue está afluindo ao coração; Vossa Majestade está quase abafando, e talvez fosse prudente mandar chamar alguma das suas criadas.

A rainha deu uma volta pelo quarto, e depois, tornando a assentar-se:

- Chama-se Gilberto? - perguntou ela.

- Sim, minha senhora.

- É célebre! Tenho uma recordação da minha mocidade, cuja singular coincidência o *ofenderia* muito certamente, se lha dissesse. Não importa! Se se ferir, curar-se-á, visto que é tão bom filósofo como hábil médico.

E a rainha, ao dizer isto, sorriu ironicamente.

- É isso mesmo, minha senhora - disse Gilberto - trate de sorrir e vá domando a pouco e pouco os seus nervos entregando-se à zombaria; é uma das mais belas prerrogativas da vontade inteligente a de imperar assim no próprio ser. Dome, minha senhora, dome os nervos, mas sem esforço.

Esta receita de médico foi feita com tanta suavidade, com tal candura, que a rainha, se bem que sentia a profunda ironia que ela encerrava, não pôde dar-se por escandalizada do que

Gilberto acabava de lhe dizer.

Entretanto, voltou à carga, começando novamente o ataque no ponto em que o deixara.

- A recordação a que aludi - continuou ela a dizer - é esta...

Gilberto inclinou-se em sinal de que estava ouvindo.

A rainha fez um esforço e fitou os olhos nos dele.

- Era delfina então, e vivia em Trianon. Havia nos jardins um rapazito muito trigueiro, muito enlambuzado de terra, e muito sorumbático, uma espécie de João Jacques em ponto pequeno, que mondava, cavava e podava com as suas patinhas aduncas. Chamava-se Gilberto.

- Era eu, minha senhora - respondeu fleumaticamente Gilberto.

- O senhor? - exclamou Maria Antonieta, com expressão odienta. - Então tinha eu razão! Visto isso, não é um homem de estudos?

- Penso que, tendo Vossa Majestade tão boa memória, deve recordar-se também das épocas - disse Gilberto. - Era em 1722, se não me engano, que o rapazito jardineiro, de quem fala Vossa Majestade, sachava a terra para ganhar a sua vida nos jardins de Trianon. Estamos em 1789. Há, portanto, dezessete anos que se deu o que Vossa Majestade refere. Neste tempo em que vivemos, dezessete anos é um espaço muito grande. É muito mais do que se carece para transformar um selvagem em sábio; a alma e o espírito funcionam rapidamente em certas condições, assim como as plantas e as flores crescem com rapidez nas estufas; as revoluções, minha senhora, são as estufas da inteligência. Vossa Majestade está olhando para mim, e apesar da lucidez da sua vista, não repara que o rapaz de dezesseis anos se tornou num homem de trinta e três; não tem portanto razão de se admirar de que o ignorante e ingénuo rapazito Gilberto esteja transformado, pelo sopro de duas revoluções, num sábio e num filósofo.

- Ignorante seria, mas ingénuo, ingénuo, disse o senhor - exclamou a rainha com furor - parece-me que chamou ingénuo ao rapazito Gilberto?

- Se foi engano meu, senhora, ou se gabei no tal rapazito uma qualidade que não possuía, ignoro como é que Vossa Majestade pode saber melhor do que eu que ele tivesse o defeito contrário.

- Oh! Isso lá é outra coisa - disse a rainha com semblante carregado; - pode ser que um dia conversemos a esse respeito; entretanto, voltemos ao homem, por agora, ao homem sábio, ao homem aperfeiçoado, ao homem perfeito, que tenho perante os olhos.

Gilberto deixou passar sem reparo a palavra *perfeito*. Bem conhecia que era um novo insulto.

- Voltemos pois ao homem, senhora - respondeu simplesmente Gilberto - e queira Vossa Majestade dizer-lhe qual foi o fim para que o mandou chamar à sua presença

- Ofereceu-se para médico de el-rei - disse ela. - Ora, bem deve entender, senhor, que tenho demasiadamente a peito a saúde de meu esposo para a confiar de um homem que não conheça perfeitamente.

- Ofereci-me, minha senhora, e fui aceito sem que Vossa Majestade possa conceber justamente a menor suspeita acerca da minha incapacidade ou do meu zelo. Sou mais que tudo médico político, senhora, e recomendado pelo Sr. de Necker. Quanto ao mais, se el-rei um dia carecer da minha ciência, encontrará em mim um bom médico físico, em tanto quanto a ciência humana pode ser útil à obra do Criador. Porém, o que hei-de ser mais do que tudo para el-rei, minha senhora, além de conselheiro e médico, é um bom amigo.

- Um bom amigo! - exclamou a rainha com uma nova explosão de desespero - o senhor! Um amigo de el-rei!

- Decerto - respondeu tranquilamente Gilberto; - e por que não o serei, minha senhora?

- Ah! Sim, sempre em virtude dos seus poderes secretos, com o auxílio da sua ciência oculta - murmurou ela. - Quem sabe? Vimos ainda há pouco os Jacques e os Maillotins; tornamos talvez à idade média! Ressuscitamos filtros e os encantos. Vai governar a França por meio da magia! Será talvez um Fausto ou um Nicolau Flamel.

- Não tenho essa pretensão, senhora.

- Não tem? Quantos monstros mais cruéis do que os jardins da Armida, mais cruéis do que Cérbero, não adormeceria às portas do nosso inferno!

A rainha, ao proferir esta palavra: não *adormeceria*, fitou os olhos no doutor com um olhar ainda mais investigador do que até ali.

Gilberto, desta vez, corou involuntariamente.

Esta circunstância causou indefinível alegria a Maria Antonieta, por conhecer que o golpe que acabava de vibrar tinha feito verdadeira ferida.

- Por que o senhor também sabe adormecer – prosseguiu ela; - o senhor, que tem estudado em toda a parte e sobre tudo, também estudou decerto a ciência magnética com os adormecedores do nosso século, com essa gente que faz do sono uma traição, e que lê os segredos no sono de outrem?

- Com efeito, minha senhora, estudei muitas vezes e muito tempo com o sábio Cagliostro.

- Sim, aquele que praticava e fazia praticar pelos seus adeptos o roubo moral de que há pouco falei, aquele que tirava a uns as almas, a outros os corpos, auxiliado do tal sono mágico, a que eu chamarei infame.

Gilberto percebeu a intenção com que eram proferidas estas palavras e desta vez empalideceu em lugar de corar. A rainha estremeceu de contentamento até ao fundo do coração.

- Ah! Miserável - disse ela consigo - também consegui ferir-te, e estou a ver-te o sangue.

Porém, as emoções, mesmo as mais profundas, não se tornavam visíveis por muito tempo no rosto de Gilberto. Aproximou-se, pois, da rainha, a qual, satisfeitíssima da vitória alcançada, o encarava imprudentemente, e disse:

- Senhora, faria mal se contestasse aos sábios de quem fala o mais belo predicado da sua ciência, qual é a faculdade de adormecer, não vítimas, mas sim exemplares, com o sono magnético; faria mal especialmente em lhes contestar o direito que têm de prosseguir por todos os meios possíveis numa descoberta, cujas leis, uma vez reconhecidas e reguladas, são talvez chamadas a revolucionar o mundo.

E Gilberto, chegando-se mais para a rainha, olhara para ela com aquela força de vontade a que sucumbira a organização nervosa de Andréia.

A rainha sentiu que lhe corria um calafrio pelas veias quando dela se aproximou aquele homem.

- Infâmia! - exclamou ela - sobre os homens que abusam de certas práticas sombrias e misteriosas para perderem as almas ou os corpos... Infâmia! Infâmia sobre esse Cagliostro! Infâmia sobre todos os seus sequazes!...

- Ah! - respondeu Gilberto com acento comovido - Peço-lhe, senhora, que não ajuíze com tanta severidade as faltas que cometem as criaturas humanas.

- Senhor!

- Toda a criatura é sujeita a errar; toda a criatura é nociva a outra, e se não fora o egoísmo individual, de que provém a segurança geral, o mundo seria um imenso campo de batalha. Os melhores são os menos maus. Senhora, quanto mais elevado está o juiz, maior deve ser a sua inteligência. No alto do trono, em que Vossa Majestade se assenta, tem menos do que ninguém o direito de ser severa para com as culpas alheias. Seja Vossa Majestade no trono da terra a indulgência suprema, assim como Deus é a misericórdia suprema no trono do céu.

- Senhor - retorquiu a rainha - encaro debaixo de um ponto de vista diverso do seu os meus direitos, e sobretudo os meus deveres; estou no trono para castigar e para premiar.

- Não penso assim, senhora. Na minha opinião, Vossa Majestade, mulher e rainha, está pelo contrário no trono para conciliar e para perdoar.

- Suponho que não está moralizando, senhor.

- Tem razão: só quis responder a Vossa Majestade. Cagliostro, por exemplo, em que há pouco falou, e cuja ciência contestou, lembro-me bem, e esta recordação é anterior às suas recordações de Trianon, lembro-me de que no jardim do castelo de Taverney teve ocasião de dar

à delfina de França uma prova da sua ciência; não sei qual foi, senhora, mas deve ter-lhe ficado profundamente gravada na memória, porque a tal prova causou a Vossa Majestade uma impressão bem cruel, e tanto que chegou a desmaiar.

Estava chegada a vez de Gilberto descarregar também o seu golpe; é verdade que atirava ao acaso, mas o acaso serviu-o, e acertou tão bem, que Maria Antonieta tornou-se horrivelmente pálida.

- Sim - disse ela, com voz rouca - sim, com efeito, fez-me ver em sonho uma máquina hedionda, mas ainda não soube até hoje que semelhante máquina exista na realidade.

- Não sei o que ele fez ver a Vossa Majestade - replicou Gilberto, contente do efeito que produzira - mas o que sei é que não se pode contestar o título de sábio ao homem que toma um tal império sobre os seus semelhantes.

- Seus semelhantes!... - murmurou desdenhosamente a rainha.

- Enganei-me, é verdade - retorquiu Gilberto - o seu poder é tanto maior por isso que curva ao seu nível, debaixo do jugo do medo, as cabeças dos reis e dos príncipes da terra.

- Infâmia; infâmia! Torno a dizer-lhe, sobre todos os que abusam da fraqueza ou da credulidade.

- São infames, disse Vossa Majestade, os que fazem uso da ciência?

- Quimeras, mentiras, cobardias!

- Quer isso dizer? - perguntou Gilberto com placidez.

- Quer dizer que esse tal Cagliostro é um cobarde charlatão, e que o seu suposto sono magnético é um crime.

- Um crime!

- Sim, um crime - prosseguiu a rainha - porque é o resultado de uma bebida, de um filtro, de um envenenamento, cujos autores ainda um dia hão-de ser colhidos e castigados pela justiça humana representada por mim.

- Senhora - replicou Gilberto sempre com a mesma paciência - peço a Vossa Majestade que seja indulgente para com todos os que têm cometido erros neste mundo.

- Ah! Pois confessa?...

A rainha enganava-se com a interpretação daquelas palavras: pela mansidão da voz de Gilberto julgava que ele implorava indulgência para si.

Enganava-se.

E esse engano dava a Gilberto uma vantagem, que não era capaz de deixar escapar.

- O quê? - disse ele lançando a Maria Antonieta um olhar inflamado, que a obrigou a baixar os olhos como se fosse o reflexo de um raio de sol.

A rainha ficou perturbada, e contudo, fazendo um esforço, disse:

- Assim como nunca se ofende uma rainha, também não se ousa interrogá-la, fique sabendo mais isto, visto ser novato na corte; falava, se bem ouvi, de pessoas que têm cometido erros e pedia-me que fosse indulgente.

- Ai! Senhora - replicou Gilberto - qual é a criatura humana que pode dizer-se isenta de culpa, será a que conseguiu encerrar-se de tal forma no asilo profundo da sua consciência, que não tenham conseguido penetrar nela as vistas alheias? É a isso que muitas vezes se chama virtude. Seja, pois, Vossa Majestade indulgente para com todos.

- Por esse sistema - redargüiu imprudentemente a rainha - não há criatura que lhe mereça o nome de virtuosa ao senhor, que é discípulo desses homens, cujo olhar vai descortinar a verdade mesmo ao fundo das consciências?

- É verdade.

A rainha desatou a rir sem curar de disfarçar o desprezo que se continha em tal risada.

- Oh! Por favor, senhor - disse ela - Peço-lhe que se lembre de que não está falando numa praça pública, a um ajuntamento de papalvos, de rústicos ou de patriotas.

- Tenho a certeza, minha senhora, de que sei muito bem com quem estou falando - respondeu Gilberto.

- Mais respeito, então, senhor, ou mais destreza; examine a sua própria vida, sonde as profundidades dessa consciência, que os homens que têm trabalhado em toda a parte devem possuir como o resto dos mortais, apesar do seu gênio e da sua experiência; recorde bem quantas baixezas, maldades e iniquidades tem imaginado, quantas crueldades, atentados e crimes até, tem cometido. Não me interrompa, e quando tiver calculado a soma de tudo isso, Sr. doutor, abaixe a cabeça, torne-se humilde, não se aproxime, com esse orgulho tão insolente, da morada dos reis, os quais, até nova ordem pelo menos, foram instituídos por Deus para penetrarem na alma dos criminosos, para sondarem os escaninhos das consciências, e aplicarem sem dó, nem apelação, os castigos aos réus. Eis aqui, senhor - prosseguiu a rainha - o que muito convém que faça. Ser-lhe-á levado em conta o seu arrependimento. Creia no que lhe digo; o melhor meio para curar uma alma tão doente como a sua, seria viver num retiro, longe das grandezas, que dão aos homens falsas idéias de seu próprio valor. Aconselho-o, portanto, a que não se chegue para a corte, e que renuncie a tratar de el-rei nas suas doenças. Tem que fazer uma cura, que há-de ser mais agradável a Deus do que nenhuma outra; é a sua própria. Os antigos tinham a esse respeito um adágio, senhor: *Ipse cura medici*.

Gilberto, em vez de se escandalizar com o que a rainha considerava a mais desagradável das conclusões, respondeu com doçura:

- Senhora, já fiz o que Vossa Majestade me recomenda.

- Que foi então?

- Meditei.

- Sobre si mesmo?

- Sim, senhora.

- E por causa da sua consciência.

- Especialmente por causa da minha consciência.

- Então parece-lhe que acertei a respeito do que nela viu? - disse a rainha.

- Não sei o que Vossa Majestade quer dizer, mas imagino o que será; quantas vezes um homem da minha idade deve ter ofendido a Deus?

- Pois deveras, fala em Deus?

- Decerto.

- O senhor?

- Porque não?

- Um filósofo! Pois os filósofos crêem em Deus?

- Falo em Deus e creio nele.

- E não se retira?

- Não, senhora, fico.

- Sr. Gilberto, tome sentido!

E o rosto da rainha assumiu, ao proferir estas palavras, uma indefinível expressão de ameaça.

- Oh! Tenho reflectido seriamente, senhora, e as minhas reflexões serviram para me convencer de que não valho menos do que qualquer outro homem; cada qual tem os seus pecados. Aprendi este axioma, não a folhear os livros, mas sim a interrogar a consciência dos outros.

- Visto isso, é universal, é infalível? - disse a rainha com ironia.

- Ai, senhora, se não sou universal nem infalível, tenho pelo menos grande conhecimento das misérias humanas e larga experiência de dores profundas. E isto é tão verdade que sou capaz de dizer a Vossa Majestade, só por esse círculo que se divisa em roda dos seus olhos cansados, só por ver essa linha que se estende de um a outro dos seus sobrolhos, só por ver essa prega que lhe arrepanha os cantos da boca, contracção a que se dá o nome prosaico de rugas, sou capaz de lhe dizer, senhora por quantas provas rigorosas tem passado, quantas vezes o seu coração tem palpitado de angústia, e a quantas alegrias secretas esse coração se tem abandonado com confiança, para depois acordar iludido.

“Sou capaz de dizer tudo isto, senhora, quando Vossa Majestade queira; hei-de dizer-lho com a certeza de não ser desmentido; hei-de dizer-lho fitando em Vossa Majestade um olhar, que quer e sabe ler; e quando tiver sentido o peso desse olhar, quando tiver sentido penetrar até ao fundo da sua alma a tenacidade dessa curiosidade, como o mar sente o chumbo da sonda quando esta lhe vai devassar os abismos, então Vossa Majestade ficará convencida de que o meu poder é grande, e que, se não faço uso dele, é preciso agradecer-me, e não provocar-me com tal insistência a uma declaração de guerra.”

Esta linguagem, apoiada por uma fixidade terrível do desejo de provocação do homem para com a mulher; este desprezo de toda a etiqueta na presença da rainha produziu um indizível feito em Maria Antonieta.

Sentiu como um nevoeiro que lhe caía sobre a testa e lhe gelava as idéias, sentiu o ódio mudado em susto, deixou pender as mãos e deu um passo para trás para fugir da aproximação daquele perigo desconhecido.

- E agora, minha senhora - disse Gilberto, que bem claramente via o que nela se estava passando - julgue se me será fácil saber o que oculta a todos, e até a si própria; julgue se me será fácil fazê-la prostrar sobre a poltrona em que as mãos de Vossa Majestade procuram apoio?

- Oh! - exclamou a rainha atemorizada, porque sentia uns arrepios desconhecidos que lhe chegavam ao coração.

- Basta que diga para mim mesmo uma palavra, que não quero dizer - prosseguiu Gilberto - basta-me formular uma vontade, de que não quero fazer uso, para imediatamente cair como fulminada em meu poder. Duvida, minha senhora? Oh! Não duvide, Vossa Majestade tentar-me-ia talvez, e se chegasse a tentar-me! Mas não duvida, não é verdade?

A rainha, com o corpo deitado para trás, arquejante, oprimida e fora de si, agarrava-se ao espaldar da cadeira com a energia da desesperação e a raiva de uma defesa inútil.

- Oh! Continuou Gilberto - acredite Vossa Majestade o que lhe digo, e é que se eu não fosse o mais respeitoso, o mais submisso dos seus súbditos, havia de convencê-la por uma experiência terrível. Oh! Nada receie. Inclino-me humildemente, repito, perante a mulher, mais ainda do que perante a rainha. Todo eu tremo só à possibilidade de ter um pensamento que toque sequer de leve o pensamento de Vossa Majestade; antes matar-me do que causar o menor sofrimento a essa alma.

- Senhor! Senhor! - exclamou a rainha agitando os braços no ar, como para repelir Gilberto, que estava distante dela mais de três passos.

- E contudo - prosseguiu Gilberto - mandou-me encerrar na Bastilha, e pesa-lhe que fosse tomada, porque o povo, ao tomá-la, me abriu as portas. Vê-se fulgurar nos olhos de Vossa Majestade o ódio que nutre contra um homem, que nunca lhe deu pessoalmente motivo algum de queixa. E sinto bem que à proporção que vou diminuindo a influência com que a continha, Vossa Majestade com a respiração recupera a dúvida.

E com efeito, desde que Gilberto cessara de a dominar com os olhos e com a mão, Maria Antonieta tornara a erguer-se quase ameaçadora, como o pássaro que, assim que se vê livre das sufocações da campana pneumática, esvoaça e canta.

- Ah! Duvida, zomba, despreza-me. Pois quer Vossa Majestade que lhe diga uma idéia terrível que me passou pelo pensamento? Estive quase a ponto de a condenar a revelar-me as suas penas mais íntimas e os seus mais ocultos segredos; a obrigá-la a escrevê-los aqui sobre esta mesa em que está tocando neste momento, e depois quando acordasse e tornasse a si, ter-lho-ia provado com a sua própria escrita que não é quimérico esse poder de que parece duvidar, e que é bem real a paciência, e... Não sei se o diga... Sim, di-lo-ei, e a generosidade do homem que acabou de insultar, que está insultando há uma hora, sem que ele lhe desse direito ou pretexto para o fazer.

- Obrigá-me a dormir! Obrigá-me a falar dormindo! A mim! A mim! - exclamou a rainha empalidecendo; - pois a tanto se atreveria, senhor! Sabe porventura o que está dizendo? Ignora a gravidade da ameaça que me está fazendo? Olhe que é um crime de lesa-majestade. Lembre-se de

que é um crime, que eu faria punir com pena de morte logo que acordasse e tornasse ao uso da razão.

- Minha senhora - replicou Gilberto, seguindo com os olhos a vertiginosa comoção da rainha - não se apresse tanto em acusar, e sobretudo em ameaçar. Não há dúvida que teria adormecido a Vossa Majestade; não há dúvida que teria arrancado à mulher todos os seus segredos, mas tenha a certeza de que não seria numa ocasião como esta; não seria estando a rainha a sós com o seu súbdito, estando a mulher em conferência com um homem estranho; não teria adormecido a rainha, é verdade, o que me seria fácilimo, mas não me deliberaria a adormecê-la, não me atreveria a fazê-la falar, sem ter uma testemunha.

- Uma testemunha?

- Sim, minha senhora, uma testemunha que tomasse fielmente nota de todas as palavras, de todos os gestos de Vossa Majestade, de todos os pormenores, finalmente, da cena que eu teria provocado, para que, depois de passada, não lhe ficasse um único instante de dúvida.

- Uma testemunha, senhor! - repetiu a rainha com susto; - e quem seria essa testemunha? Considere, senhor, que o crime ainda seria maior, porque desse modo iria procurar um cúmplice.

- E se esse cúmplice fosse el-rei? - disse Gilberto.

- El-rei! - exclamou Maria Antonieta com um assombro, que denunciava as culpas da esposa mais energicamente ainda do que o teria feito a confissão da sonâmbula. - Oh! Sr. Gilberto! Sr. Gilberto!

- Sim, el-rei - repetiu mui sossegadamente Gilberto; - el-rei, seu esposo, seu amparo, seu defensor natural. El-rei, que lhe contaria, quando Vossa Majestade acordasse, o muito respeito e a ufanía com que eu teria dado provas da minha ciência à mais adorada das soberanas.

Gilberto, depois de ter dito estas palavras, deixou à rainha o tempo necessário para lhes avaliar o alcance.

A rainha conservou-se por alguns minutos num silêncio, que só era interrompido pelo rumor do seu arquejar.

- Senhor - disse ela afinal - depois do que acaba de me dizer devo considerá-lo como um inimigo mortal...

- Ou como um amigo a toda a prova.

- É impossível, senhor, a amizade não pode existir onde reside o receio ou a desconfiança.

- A amizade de um súbdito para com uma rainha só pode existir pela confiança que o súbdito inspira. Já terá dito no seu íntimo que não se pode olhar como inimigo o homem, a quem logo à primeira palavra se tira a possibilidade de fazer mal, especialmente quando ele é o próprio que não quer fazer uso das suas armas.

- Pode-se acreditar nisso que está dizendo, senhor? - perguntou a rainha significando a maior desconfiança, e olhando ao mesmo tempo com muita atenção e muito seriamente para Gilberto.

- Por que razão não me acreditará, Vossa Majestade, tendo tantas provas da minha sinceridade?

- Sr. doutor, são tantos os casos em que se muda de parecer!

- Minha senhora, fiz o mesmo voto que faziam certos homens ilustres no manejo das armas antes de saírem para alguma expedição. Nunca hei-de fazer uso da minha superioridade a não ser para repelir o mal que me quiserem fazer, *não para ofender, mas sim para me defender*. É esta a minha divisa.

- Ai de mim! - disse a rainha humilhada.

- Bem percebo, minha senhora. Custa-lhe ver a sua alma entregue nas mãos de um médico, a quem tanto lhe repugna abandonar às vezes o seu corpo, quando a isso a obriga uma doença. Tenha ânimo, confie em mim. O homem que hoje deu a Vossa Majestade uma prova de longanimidade, só pode aconselhar o bem. Quero ser amigo de Vossa Majestade, quero que todos o sejam. As idéias que apresentei a el-rei, hei-de discuti-las com Vossa Majestade.

- Doutor, tome sentido! - disse gravemente a rainha - colheu-me no laço; depois de ter metido medo à mulher, julga que poderá governar a rainha?

- Não, minha senhora - respondeu Gilberto; - não sou um miserável especulador. Tenho as minhas idéias, e admito que Vossa Majestade tenha as suas. Repilo desde já a acusação, que sem dúvida Vossa Majestade me lançaria eternamente em rosto, de tê-la assustado, para subjugar a sua razão. Digo mais, é Vossa Majestade a primeira senhora em quem encontro reunidas todas as paixões da mulher com todas as faculdades dominadoras do homem. Vossa Majestade pode ser ao mesmo tempo uma mulher e um amigo. A humanidade toda se encerraria em Vossa Majestade, se preciso fosse. Admiro-a e hei-de servi-la. Hei-de servi-la sem receber recompensa alguma, unicamente para poder estudar a Vossa Majestade. Ainda farei mais para servi-la; se por acaso lhe parecer que sou demasiado incómodo no seu palácio; se por acaso se não riscar da sua memória a impressão que nela deixou a cena de hoje, suplico a Vossa Majestade que me afaste de si.

- Afastá-lo! - exclamou a rainha com uma alegria que não escapou a Gilberto.

- Muito bem! Está dito, minha senhora – replicou ele com admirável sangue frio. - Nem comunicarei a el-rei o que tinha que dizer-lhe e retiro-me já. Será preciso que vá para longe, para que Vossa Majestade fique descansada?

A rainha encarou com ele, admirada de tanta abnegação.

- Bem vejo - disse Gilberto - qual é o pensamento de Vossa Majestade. Como conhece melhor do que se julga todos os mistérios da influência magnética, que tanto a assustava ainda há pouco, lembra-se Vossa Majestade que apesar da distância, sempre serei igualmente perigoso, e igualmente para reçar.

- Como assim? - perguntou a rainha.

- Sim, repito, minha senhora, todo aquele que quisesse fazer mal a alguém, servindo-se dos meios que acabou de censurar nos meus mestres e em mim, poderia exercer a sua acção nociva com tanta eficácia na distância de cem léguas, como na distância de mil ou de três mil passos. Nada receie, minha senhora, tal não farei.

A rainha ficou um instante pensativa e sem saber o que havia de responder àquele homem singular, que a fazia assim hesitar nas resoluções mais irrevogáveis.

De repente um ruído de passos, no fundo dos corredores, fez erguer a cabeça a Maria Antonieta.

- É el-rei - disse ela - é el-rei que vem aí.

- Então, minha senhora, peço a Vossa Majestade se digne responder-me: devo ficar, ou devo retirar-me?

- Mas...

- Resolva quanto antes, minha senhora, que ainda posso evitar o encontrar-me com el-rei, se é esse o seu desejo, e nesse caso pode Vossa Majestade indicar-me alguma porta pela qual me retire.

- Fique - respondeu a rainha.

Gilberto inclinou-se, ao passo que Maria Antonieta procurava ler-lhe nas feições se o triunfo seria nele mais revelador de que fora a cólera ou o receio.

Porém Gilberto permaneceu impassível.

- Devia, ao menos, ter dado alguns sinais de satisfação - disse a rainha consigo.

XXXIII

O conselho

El-rei entrou vivamente e com passos pesados, conforme o seu costume.

Vinha com ar azafamado e curioso, que formava singular contraste com a fria rigidez do semblante da rainha.

As boas cores do rei não o tinham abandonado. Levantara-se de madrugada, como sempre, e sentindo-se ufano da boa saúde que adquirira com o ar da manhã, respirava ruidosamente e assentava os pés com vigor no chão.

- O doutor? - disse ele. - Que é feito do doutor?

- Bons dias, real senhor. Como está Vossa Majestade esta manhã? Acha-se muito cansado?

- Dormi seis horas; é a minha conta. Estou muito bem. Tenho o espírito sereno. Acho-a algum tanto pálida, minha senhora. Onde está o doutor? Disseram-me que o tinha mandado chamar?

- Aqui está o Sr. Dr. Gilberto - disse a rainha tirando-se para o lado e descobrindo assim o vão da janela, onde o doutor se conservara até então.

O semblante do rei alegrou-se logo e prosseguiu:

- Ah! Já me esquecia! Mandou chamar o doutor, sem estar incomodada?

A rainha corou.

- Fi-la corar? - disse Luís XVI.

Tornou-se então carmesim.

- Temos ainda mais algum segredo? - perguntou o rei.

- Algum segredo, senhor! - interrompeu a rainha com altivez.

- Não me percebeu; digo que se mandou chamar o Dr. Gilberto em lugar de algum dos seus médicos predilectos, é isso devido a um desejo que sempre lhe conheci...

- Qual é?

- De me ocultar quando está doente.

- Ah! - disse a rainha um pouco mais sossegada.

- Sim - continuou Luís XVI - mas tome sentido, o Sr. Gilberto é um dos meus confidentes, e se lhe contar alguma coisa, ele há-de repetir-ma.

Gilberto sorriu-se.

- Isso não, real senhor - disse ele.

- Bom, vejo que a rainha suborna os meus familiares!

Maria Antonieta deu uma destas risadinhas forçadas que significam unicamente que se pretende pôr ponto numa conversa, ou que essa conversa já se vai tornando muito enfadonha.

Gilberto percebeu, porém o rei não.

- Vamos, doutor - disse ele - visto que a minha pergunta diverte a rainha, conte-me o que ela lhe estava dizendo?

- Perguntava ao doutor - interrompeu então Maria Antonieta - qual era o motivo por que o tinha mandado chamar tão cedo. Confesso, com efeito, que a sua presença em Versalhes logo pela manhã me faz cismar e me dá cuidado.

- Estava à espera do doutor - replicou el-rei tornando-se sorumbático - para conversar com ele em política.

- Ah! Muito bem - disse a rainha.

E assentou-se como para ouvir.

- Venha, doutor - prosseguiu o rei dirigindo-se para a porta.

Gilberto cortejou respeitosamente a rainha, e dispôs-se a acompanhar Luís XVI.

- Para onde vai? - exclamou a rainha. - Pois deixa-me?

- O assunto da nossa conversa não é dos mais alegres, minha senhora; quero poupar mais esse cuidado à rainha.

- Dá o nome de cuidados a desgostos! - exclamou majestosamente a rainha.

- Mais uma razão, minha querida.

- Fique, assim o quero - disse ela. - Sr. Gilberto, persuado-me que não me desobedecerá.

- Sr. Gilberto! Sr. Gilberto! - disse o rei fortemente despeitado.

- Então! O que é?

- É que o Sr. Gilberto, que vinha para me dar o seu parecer, e para conversar livremente

comigo dizendo-me o que lhe ditasse a sua consciência, já não o fará.

- Por que motivo? - perguntou a rainha.

- Por estar aqui presente, minha senhora.

Gilberto fez um gesto, ao qual a rainha ligou logo uma significação importante.

- Como pode o Sr. Gilberto - disse ela para o apoiar - arriscar-se a desagradar-me falando segundo a sua consciência?

- É muito fácil de perceber, minha senhora - disse o rei; - tem lá o seu sistema em política, que nem sempre se parece com o nosso... De forma que...

- De forma que o Sr. Gilberto está muito dissidente da minha política, é isso o que quer dizer claramente.

- Assim deve ser, real senhora - respondeu Gilberto - em vista das idéias que já expendi a Vossa Majestade. Contudo, pode Vossa Majestade ter a certeza de que hei-de dizer a verdade tão francamente na sua presença como se estivesse a sós com el-rei.

- Ah! Isso já é alguma coisa - disse Maria Antonieta.

- Nem todos gostam de ouvir dizer a verdade - acudiu logo Luís XVI.

- E se for uma verdade útil? - disse Gilberto.

- Ou mesmo dita com boas intenções? - acrescentou a rainha.

- Disso não poderemos nós duvidar - interrompeu Luís XVI. - Mas se quisesse obrar com prudência, rainha senhora, havia de consentir que o doutor falasse em plena liberdade... De que eu muito careço.

- Real senhor - respondeu Gilberto - visto que é a rainha mesma quem quer ouvir a verdade, visto saber eu que o espírito de Sua Majestade é tão forte e elevado que não pode ter receio de ouvi-la, prefiro falar na presença dos meus dois soberanos.

- Senhor - disse ao rei a rainha - peço-o eu.

- Tenho fé na prudência de Vossa Majestade - disse Gilberto inclinando-se perante a rainha. - Trata-se da felicidade e da glória de Sua Majestade el-rei.

- Tem razão de confiar em mim - disse a rainha.

- Principie, senhor.

- Tudo isso é muito bom - disse o rei, continuando a teimar, na forma do seu costume; - mas enfim a questão é delicada, e sei muito bem que, pelo que me diz respeito, a sua presença há-de causar-me muito constrangimento.

A rainha não pôde reprimir um movimento de impaciência; levantou-se, depois tornou a assentar-se sondando com o seu olhar rápido e frio o pensamento do doutor.

Luís XVI, vendo que não tinha meio de escapar à questão ordinária e extraordinária, assentou-se, suspirando, numa cadeira de braços defronte de Gilberto.

- De que se trata? - perguntou a rainha, logo que esta espécie de conselho se achou assim constituído e instalado.

Gilberto olhou para o rei pela última vez como para lhe pedir que o autorizasse a falar sem constrangimento.

- Fale, por Deus, fale, senhor! - replicou o rei - já que a rainha assim o quer.

- Pois bem, minha senhora, informarei Vossa Majestade em poucas palavras do motivo que me trouxe logo de madrugada a Versalhes. Vinha aconselhar Sua Majestade a que fosse a Paris.

Uma faísca que caísse sobre a pólvora que então existia nos subterrâneos da municipalidade não teria produzido uma explosão igual à que estas palavras fizeram rebentar no coração de Maria Antonieta.

- El-rei ir a Paris! El-rei! Ah!

E soltou um grito de horror, que fez estremecer Luís XVI.

- Aí está! - exclamou o rei olhando para Gilberto; - que lhe dizia eu, doutor?

- El-rei - prosseguiu a rainha - Sua Majestade el-rei numa cidade completamente sublevada, no meio dos chuços e das fources; el-rei entre aqueles homens que mataram os Suíços,

que assassinaram os srs. de Launay e de Flesselles; el-rei atravessando o largo da municipalidade e pisando o sangue dos seus defensores!... Está louco, senhor, para falar assim! Oh! Ainda repito: está louco!

Gilberto abaixou os olhos como um homem que o respeito faz calar, e não respondeu uma única palavra.

O rei, comovido até ao íntimo da alma, agitou-se na cadeira como um padecente estendido sobre as grelhas da inquisição.

- Pois é possível - prosseguiu a rainha - que semelhante idéia entrasse numa cabeça inteligente, num coração francês? Não atende, senhor, que está falando com o sucessor de S. Luís, com o bisneto de Luís XIV?

O rei batia o pé no chão.

- Não suponho, contudo - continuou ainda a rainha - que deseje privar el-rei do auxílio das suas guardas e do seu exército; que procure tirá-lo do seu palácio, que é para ele uma fortaleza, para o expor só e inerme aos seus encarniçados inimigos; não tem o projecto de fazer assassinar el-rei, Sr. Gilberto?

- Se pensasse que Vossa Majestade podia julgar-me por um único instante capaz de tal traição, não seria um louco, olhar-me-ia como um miserável. Porém, graças a Deus, senhora, semelhante pensamento está tão longe de Vossa Majestade como de mim. Não; eu vim dar este conselho ao meu rei, porque estou convencido de que o conselho é bom e até superior a todos os outros.

A rainha levou a mão ao peito com tamanha violência, que rasgou a cambraia do vestido.

O rei encolheu os ombros com um imperceptível movimento de impaciência.

- Por Deus! - disse ele - ouça, minha senhora; sempre poderá dizer *não* depois de o ter ouvido.

- El-rei tem razão, minha senhora - disse Gilberto; - Vossas Majestades não sabem o que tenho a dizer-lhes: Vossa Majestade julga-se cercada de um exército seguro, que lhe é afecto e está pronto a morrer por Vossa Majestade, e é um erro: metade dos regimentos conspiram com os regeneradores para o triunfo da idéia revolucionária.

- Senhor! - exclamou a rainha - repare no que diz; está insultando o exército!

- Pelo contrário, minha senhora - disse Gilberto - estou-lhe fazendo um elogio. Pode-se respeitar a rainha e ser afecto a el-rei, sem deixar por isso de ter amor à pátria e devoção pela causa da liberdade.

A rainha deitou a Gilberto um olhar, que chamejava como um raio.

- Senhor - disse ela - essa linguagem...

- Sim, esta linguagem fere a Vossa Majestade; bem percebo, porque é provavelmente a primeira vez que Vossa Majestade a ouve falar.

- É preciso que se acostume - murmurou Luís XVI, com a prudência e resignação que formavam a sua principal força.

- Nunca! - exclamou Maria Antonieta - nunca!

- Ora vamos, ouça! Ouça! - gritou el-rei; - acho muita razão no que diz o doutor.

A rainha tornou a assentar-se toda trémula.

Gilberto continuou:

- Dizia, pois, minha senhora, que vi Paris, e que Vossa Majestade nem sequer viu Versalhes. Sabe acaso o que Paris projecta fazer?

- Não - disse o rei.

- Persuado-me que não projecta tomar segunda vez a Bastilha? - disse a rainha com desprezo.

- Decerto que não, minha senhora - prosseguiu Gilberto; - porém Paris sabe que existe uma outra fortaleza entre o povo e o seu rei. Paris tenciona reunir os deputados dos quarenta e oito distritos, de que se compõe, e mandar esses deputados a Versalhes.

- Pois que venham! Pois que venham! - exclamou a rainha com feroz alegria. - Oh! Hão-

de ser aqui muito bem recebidos.

- Mas - respondeu Gilberto - os deputados não hão-de vir sós.

- E quem mais virá com eles?

- Hão-de vir apoiados por vinte mil homens das guardas nacionais.

- Guardas nacionais! - disse a rainha - que é isso?

- Ai, minha senhora, não trate tão de leve essa instituição, que ainda há-de vir um dia a ser uma potência, que há-de ligar e desligar.

- Vinte mil homens! - exclamou el-rei.

- Pois bem, senhor - replicou a rainha - tem aqui dez mil homens que valem por cem mil revoltosos; chame-os, sou eu quem lho aconselho; os malvados encontrarão aqui o seu castigo e o exemplo de que tanto carece toda aquela lama revolucionária, que eu varreria em oito dias, ou mesmo dentro de uma hora, se me quisessem atender.

Gilberto abanou a cabeça com tristeza.

- Oh! Minha senhora - disse ele - quanto se ilude, ou, por melhor dizer, quanto tem sido iludida! Reflecta nas conseqüências da guerra civil provocada por uma rainha; ainda não houve senão uma que a fez, e levou consigo para o túmulo o epíteto terrível de “estrangeira”.

- Provocada por mim? Como é que entende isso? Porventura fui eu que disparei tiros contra a Bastilha sem provocação?

- Minha senhora - disse el-rei - em vez de aconselhar meios violentos, atenda primeiro à razão!

- Isso é fraqueza!

- Vamos! Antonieta, preste atenção - disse el-rei severamente - não é caso insignificante a vinda de vinte mil homens, que teremos talvez de mandar metralhar daqui.

E depois, voltando-se para Gilberto:

- Continue, senhor - disse ele - continue.

- Real senhora - disse o doutor - poupe a el-rei e a Vossa Majestade mesma as conseqüências de todos aqueles ódios, que a distância exacerba, de todas aquelas fanfarronadas, que afinal se transformam em valentia; toda a confusão, em suma, de uma batalha, cujo êxito é duvidoso; pode, usando de brandura, evitar a vinda daquela gente, que as violências irritariam talvez. A multidão quer vir ter com el-rei, previnamos-lhe os desejos; deixe que el-rei vá ter com a multidão; deixe que, cercado como está hoje do seu exército, dê amanhã provas de audácia e de espírito político. Os vinte mil homens de que há pouco falei, poderiam talvez conquistar el-rei. Deixe que el-rei vá sozinho conquistar os vinte mil homens, porque esses vinte mil homens, minha senhora, são o povo.

O rei não pôde reprimir um sinal de adesão, que foi surpreendido por Maria Antonieta.

- Desgraçado! - disse ela para Gilberto - então não reflecte na significação que terá a presença de el-rei em Paris, nas condições em que aconselha?

- Fale, minha senhora.

- Quererá dizer: Aprovo... Significará: Fizeram muito bem em matar os seus Suíços... Quererá dizer: fizeram muito bem em assassinar os meus oficiais, em pôr a ferro e fogo a minha formosa capital: fizeram muito bem em me destronar finalmente! Obrigado, meus senhores, obrigado!

E um sorriso desdenhoso assomou aos lábios de Maria Antonieta.

- Não, senhora - disse Gilberto - Vossa Majestade está enganada.

- Senhor!...

- Quererá dizer: Foi com alguma justiça que se queixou o povo. Eu venho aqui para perdoar; sou o vosso chefe e o vosso rei; sou eu quem me ponho à frente da Revolução Francesa, como Henrique III se colocou outrora à frente da Liga. Os vossos generais são meus oficiais; os vossos guardas nacionais meus soldados; os vossos magistrados meus procuradores. Em vez de me empurrarem, segui-me, se podeis. A grandeza do passo que dou provar-vos-á mais uma vez que sou o rei de França, o sucessor de Carlos Magno.

- Ele tem razão - disse o rei tristemente.
- Oh! - exclamou a rainha - por mercê, senhor, não dê ouvidos a este homem, este homem é seu inimigo!
- Minha senhora - disse Gilberto - desejo que Sua Majestade mesmo diga exactamente a Vossa Majestade o que pensa das minhas palavras.
- Penso, senhor - replicou o rei - que até ao dia de hoje, foi o único que se atreveu a dizer-me a verdade.
- A verdade! - exclamou a rainha. - Oh! Meu Deus! Que está dizendo?
- Sim, senhora - acudiu Gilberto - e acredite Vossa Majestade no que lhe digo: a verdade é, neste momento, a única coisa que pode salvar o trono e a realeza de se despenharem num abismo.
E Gilberto, ao dizer estas palavras, inclinou-se humildemente, quase até ao nível dos joelhos de Maria Antonieta.

XXXIV

Decisão

Então, pela primeira vez, mostrou-se a rainha profundamente comovida. Seria pelo raciocínio, ou pela humildade do doutor?
O rei levantou-se com modo resoluto. Já estava a pensar na maneira por que havia de pôr em execução o conselho.
Entretanto, pelo hábito que tinha de não fazer coisa alguma sem consultar a rainha, disse:
- Minha senhora, aprove...
- Que remédio haverá, senhor? - respondeu Maria Antonieta.
- Não lhe peço abnegação, minha senhora - disse o rei com impaciência.
- Diga-me então o que pede?
- Peço-lhe uma convicção, que fortifique aquela em que estou.
- Pede-me uma convicção?
- Sim.
- Oh! Se é isso unicamente que de mim exige, estou convencida, senhor.
- De quê?
- De que é chegado o momento em que vai fazer desta monarquia o Estado mais deplorável e mais aviltado que existe no mundo.
- Oh! - disse o rei - está exagerando. Concedo-lhe o *deplorável*, mas o *aviltado* é impossível.
- Senhor - disse Maria Antonieta com voz pesarosa, - os reis seus antepassados legaram-lhe uma triste herança.
- Sim - replicou Luís XVI - uma herança que tive a infelicidade de lhe fazer compartilhar, minha senhora.
- Conceda-me que lhe faça uma observação, real senhor - interrompeu Gilberto, que se condoía do íntimo do coração da profunda desventura daqueles soberanos decaídos; - não me parece que Vossa Majestade tenha motivos para ver o futuro tão medonho como se lhe afigura. Acabou uma monarquia despótica, e vai começar um império constitucional.
- Ah! Senhor - disse o rei - pois julga que eu seja homem que possa fundar um tal império em França?
- E por que não, senhor? - exclamou a rainha, a quem as palavras de Gilberto tinham consolado um pouco.
- Minha senhora - replicou o rei - sou um homem de tino e de alguma instrução. Vejo bem as coisas, faço a diligência por não ter a vista turva, e sei precisamente tudo quanto não preciso saber para administrar este país. Desde o momento em que deixam a descoberto em mim um homem como os outros, perco toda a força factícia, única que era necessária para o governo

da França, visto que, a bem dizer, Luís XIII, Luís XIV e Luís XV sustentaram-se perfeitamente, graças à tal força factícia. Que precisam actualmente os revolucionários? Um cutelo. Conheço que não tenho a força necessária para o vibrar.

- Não tem a força necessária para vibrar um cutelo - exclamou a rainha - para castigar indivíduos que privam os seus filhos dos seus bens e que pretendem despedaçar sobre a sua frente, uns após outros, todos os florões da coroa de França?

- Que resposta deverei dar-lhe? - disse Luís XVI com serenidade; -dir-lhe-ei que *não*? Se assim fizer, exercitarei em si essas tempestades que me estorvam na minha vida. A senhora sabe ter ódio. Oh! Que muito proveito lhe faça! Sabe até ser injusta, não lho levo a mal, é uma qualidade inapreciável em dominadores, senhora.

- Diga-me, parece-lhe, acaso, que eu seja injusta para com a revolução?

- À fé que sim.

- Diz-me que sim, senhor, diz-me que sim?

- Se fosse uma simples cidadã, minha querida Antonieta, não falaria dessa maneira.

- Mas não o sou.

- Aí está o motivo por que a desculpo; mas isto não quer dizer que a aprove. Não, minha senhora, não, resigne-se; nós subimos ao trono de França numa ocasião de tormenta; precisávamos da força necessária para empurrar para a frente o carro armado de fouces a que chamam revolução, e é precisamente essa força que nos falta.

- Tanto pior para nós! - exclamou Maria Antonieta - porque então passará por cima dos nossos filhos.

- Isso sei eu; mas ao menos não seremos nós que o empurremos.

- Fá-lo-emos recuar, senhor.

- Oh! - disse Gilberto com bastante comoção na voz - tenha cautela, minha senhora! Porque ao recuar poderá esmagá-la.

- Sr. Dr. Gilberto - disse a rainha com impaciência - tenho notado que leva muito longe a franqueza dos seus conselhos.

- Então, calar-me-ei, real senhora.

- Deixe-o falar - disse o rei - a linguagem do doutor é a mesma que empregam há oito dias vinte folhas que por aí se publicam, e se não é delas que a copiou, é porque não tem querido lê-las. Ainda em cima deve agradecer-lhe o que ele faz, suavizando a amargura das verdades que lhe está dizendo.

Maria Antonieta calou-se.

E logo, com um doloroso suspiro, disse:

- Vou resumir, ou, mais exactamente, vou repetir o que já disse: ir a Paris de seu moto-próprio é o mesmo que sancionar o que ali se tem feito.

- Sim - replicou o rei - bem sei.

- É humilhar e desaprovar o seu exército, que se dispunha a defendê-lo.

- Mas assim se poupará o derramamento de sangue francês - disse o doutor.

- Equivale a declarar que, de ora em diante, a revolta e a violência poderão imprimir à vontade do rei a direcção que mais convier aos revoltosos e aos traidores.

- Minha senhora, parecia-me que tinha tido a bondade de confessar ainda há pouco, que eu tivera a fortuna de convencê-la?

- Sim, confesso que há pouco pareceu ter-se levantado diante de mim uma ponta do véu. Mas agora, senhor, oh! Agora, vou-me tornando outra vez cega, como diz, e prefiro ver em volta de mim os esplendores a que me acostumam a educação, a tradição e a história; prefiro ver-me sempre rainha, a ser mãe desnaturada desse povo, que me ultraja e me odeia.

- Antonieta! Antonieta! - disse Luís XVI assustado de ver a súbita palidez que acabava de cobrir as faces da rainha, e que não era outra coisa senão o presságio de uma violenta tempestade de cólera.

- Oh! Não, não, senhor, hei-de falar - respondeu a rainha.

- Veja o que faz, minha senhora.

E o rei, ao dizer isto, indicava com um volver de olhos a Maria Antonieta, que se encontrava presente o doutor.

- Ora, o senhor - exclamou a rainha - sabe tudo quanto vou dizer... Até mesmo sabe tudo quanto penso - acrescentou com uma recordação amarga da cena que acabava de ter lugar entre ela e Gilberto; - e então para que me hei-de constranger? E demais, visto que escolhemos o senhor para confidente, não sei por que razão eu havia de ter dúvida em falar! Vejo que arrebatam a Vossa Majestade, vejo que o arrastam, à semelhança do infeliz príncipe das minhas queridas xácaras alemãs. Onde irá parar? Nem eu sei! Mas temo que nunca mais volte!

- Não tenha esses receios, minha senhora, vou simplesmente a Paris - respondeu Luís XVI.

Maria Antonieta encolheu os ombros.

- Julga talvez que estou louca? - disse ela com voz surdamente irritada. - Vai a Paris, muito bem. Mas quem lhe diz que Paris não é a voragem que eu não vejo, mas que por instinto adivinho? Que certeza tem de que não será morto no tumulto, que necessariamente haverá em volta do rei? Quem sabe donde virá uma bala perdida? Entre cem mil punhos ameaçadores, quem pode saber qual era o que ocultava uma faca?

- Oh! A esse respeito nada deve temer, minha senhora; são meus amigos! - exclamou o rei.

- Oh! Não me diga isso, senhor, que me inspira dó. São seus amigos, e matam, assassinam e despedaçam os homens que o representam sobre a terra, ao senhor, que é o rei! Ao senhor, que é a imagem de Deus! Aquele governador da Bastilha era o seu representante, era a imagem de el-rei. Creia no que lhe digo, que ninguém me acusará de exageração, assim como mataram de Launay, seu valente e fiel servidor, tê-lo-iam morto ao senhor, se o colhessem às mãos em vez dele; e muito mais facilmente ainda do que o mataram a ele, porque o conhecem, e sabem que, em lugar de se defender, receberia o golpe.

- Conclua, pois - disse o rei.

- Pensava ter concluído, senhor.

- Hão-de matar-me?

- Sim senhor.

- Embora.

- E os meus filhos? - exclamou a rainha.

Gilberto pensou que era chegada a ocasião de intervir, e disse:

- Senhora, el-rei há-de ser tão respeitado em Paris, e a sua presença ali há-de ocasionar tais transportes de alegria, que se algum receio tenho, não é por el-rei, é pelos fanáticos, que são capazes de se deixar esmagar debaixo das patas dos seus cavalos, como os faquires da Índia debaixo das rodas do carro do seu ídolo.

- Oh! Senhor, senhor! - exclamou Maria Antonieta.

- A jornada daqui a Paris há-de ser um triunfo, creia Vossa Majestade.

- Mas, senhor, Vossa Majestade não responde!

- É porque me inclino um pouco ao parecer do doutor, minha senhora.

- E está com pressa de gozar do triunfo, não é assim?! - exclamou a rainha.

- Se assim fosse, teria el-rei razão, e a sua impaciência seria uma prova do profundo conhecimento que tem Sua Majestade dos homens e das coisas. Quanto mais se apressar Sua Majestade, maior será o triunfo.

- Sim? Parece-lhe isso, senhor?

- Estou convencido do que digo, porque el-rei se tardar, arrisca-se a perder todo o benefício da espontaneidade. Considere, Vossa Majestade, que poderá haver quem tome a iniciativa de um pedido, que, aos olhos dos Parisienses, mudaria então a posição de Sua Majestade, fazendo com que em certa maneira obedecesse a uma ordem.

- Vê? - exclamou a rainha; - o doutor confessa que são capazes de querer dar-lhe ordens.

Oh! Senhor, atenda no passo que vai dar!

- O doutor não diz que eles ordenarão coisa nenhuma, minha senhora.

- Paciência, paciência! Deixe passar o tempo, senhor, e o pedido, ou, por melhor dizer, a ordem não tardará em chegar, e peremptória.

Gilberto franziu levemente os beiços com um sentimento de contrariedade que não escapou à rainha, apesar da rapidez com que se lhe apagou no semblante.

- Que foi que eu disse? - murmurou ela; - pobre louca que sou, falei contra mim mesma!

- Em quê, minha senhora? - perguntou o rei.

- Em pedir-lhe uma espera, que poderá fazê-lo perder o benefício da sua iniciativa; todavia, tenho a pedir-lhe uma espera - disse a rainha.

- Ai, senhora! Senhora! Peça o que quiser, exija tudo, menos isso.

- Antonieta - disse o rei sacudindo a cabeça - jurou a minha ruína, senhora!

- Oh! Senhor - replicou a rainha num tom de queixume que bem patenteava as angústias que lhe oprimiam o coração - como é possível que diga semelhante coisa!

- Então qual é o motivo por que procura demorar esta minha jornada? - perguntou o rei.

- Lembre-se Vossa Majestade que, nas actuais circunstâncias, depende tudo da oportunidade. Atenda ao valor que têm as horas que decorrem em semelhantes momentos, quando um povo enfurecido as vai contando à medida que vibram.

- Hoje não, Sr. Gilberto. Amanhã; oh! Amanhã. Conceda-me Vossa Majestade espera até amanhã, e juro-lhe que não me oporei então à sua jornada.

- É um dia perdido - murmurou o rei.

- Repare Vossa Majestade - disse Gilberto - que são vinte e quatro horas que se perdem.

- Senhor, assim é preciso - disse a rainha com voz suplicante.

- Dê-me uma razão, ao menos? - disse o rei.

- Não tenho outra, senhor, senão a minha desesperação, as minhas lágrimas e os meus rogos.

- Mas daqui até amanhã quem sabe que sucederá? - exclamou o rei, profundamente consternado por ver a grande aflição da rainha.

- Que pode suceder? - perguntou a rainha olhando para Gilberto com um gesto de súplica.

- Oh! - disse Gilberto - em Paris nada; qualquer esperança, ainda que seja vaga como uma nuvem, bastará para os induzir a esperarem até amanhã; mas...

- Mas daqui é que tem receio, não é verdade? - perguntou o rei.

- Sim, real senhor, é daqui mesmo.

- Por causa da assembléia?

Gilberto acenou com a cabeça.

- A assembléia - prosseguiu o rei - sendo toda composta de homens como o Sr. Monnier, Mirabeau e Sièyes, é capaz de enviar alguma mensagem, que me privará de todo o benefício, da minha disposição.

- Pois melhor será se assim fizerem! - exclamou a rainha com furor - porque então recusará, e não quebrará a sua dignidade de rei; não irá a Paris, e se for preciso morrer aqui, morreremos, mas como pessoas ilustres e invioláveis que somos; como reis, como senhores, como cristãos que têm fé em Deus, de quem houveram a coroa.

Luis XVI, quando viu aquela exaltação febril da rainha, logo percebeu que não havia remédio senão anuir por então ao que ela pedia.

Fez um sinal a Gilberto, e chegando-se a Maria Antonieta, pegou-lhe na mão.

- Sossegue, minha senhora - disse ele - cumprir-se-á o seu desejo. Sabe muito bem, querida esposa, que nem para salvar a minha vida faria coisa alguma que pudesse desagradar-lhe, porque lhe tenho a legítima afeição de que é credora uma mulher do seu merecimento, e sobretudo da sua virtude.

E Luis carregou nestas palavras com inexprimível nobreza, reabilitando assim a tão

caluniada rainha aos olhos de uma testemunha capaz de contar, quando se oferecesse ocasião, o que vira e ouvira.

Esta delicadeza causou profunda sensação em Maria Antonieta, a qual, apertando a mão do rei entre as suas, respondeu:

- Pois então, até amanhã, senhor; nada mais exigirei, é a última demora, mas peço-lhe isto como uma mercê, de joelhos; amanhã, à hora que lhe aprouver, sou eu que lho juro, partirá para Paris.

- Observe, minha senhora - disse o rei sorrindo-se - que o doutor é testemunha do que está dizendo.

- Vossa Majestade nunca me viu faltar à minha palavra - replicou a rainha.

- Não; todavia confesso uma coisa.

- Qual é?

- É que estou com impaciência de saber qual é o motivo por que me pede vinte e quatro horas de espera, estando, como me parece, resignada a deixar-me ir. Espera porventura alguma notícia de Paris? Alguma notícia da Alemanha? Trata-se de...

- Não me interrogue, senhor.

O rei era curioso da mesma forma que Fígaro era preguiçoso, com delícias.

- Trata-se da vinda de tropas, de algum reforço, de uma combinação política?

- Senhor! Senhor! - murmurou a rainha em tom de queixa.

- Trata-se talvez?...

- Não se trata de nada - respondeu a rainha.

- Então, é segredo?

- Pois, sim, é um segredo de esposa aflita, mais nada.

- Capricho, não é verdade?

- Pois seja então capricho, se quiser chamar-lhe assim.

- Lei suprema.

- É verdade. Por que não há-de ser na política como na filosofia, por que não há-de ser lícito aos reis o erigirem os seus caprichos políticos em leis supremas?

- Descanse, que lá havemos de chegar a tempo. Pelo que me diz respeito, já se fez o milagre - disse o rei em tom de gracejo. - Portanto, até amanhã.

- Até amanhã - respondeu tristemente a rainha.

- Quer que fique o doutor? - perguntou o rei.

- Oh! Não, não - disse a rainha com uma tal vivacidade que fez sorrir Gilberto.

- Levá-lo-ei então comigo.

Gilberto inclinou-se novamente perante Maria Antonieta, a qual lhe retribuiu o cumprimento mais como mulher do que como rainha.

Depois acompanhou o rei, que se ia encaminhando em direcção para a porta.

- Parece-me - disse o rei ao atravessar a galeria - que está muito bem visto pela rainha, Sr. Gilberto?

- Real senhor - respondeu o doutor - é um favor que devo a Vossa Majestade.

- Viva el-rei! - gritaram os cortesãos, que tinham afluído às antecâmaras.

- Viva el-rei! - repetiu no pátio uma multidão de oficiais e de soldados estrangeiros, que se apinhavam às portas do paço.

Estas continuadas aclamações, que iam sempre em aumento, fizeram no coração de Luís XVI uma impressão de alegria tal como talvez ele nunca tivesse experimentado em iguais ocasiões, apesar de serem tão repetidas.

Quanto à rainha, essa, assentada como ficara junto da janela, onde tinha acabado de passar por tão terríveis provas, quando ouviu os gritos de dedicação e amor que saudavam o rei na sua passagem, e que repercutiam em distância por baixo dos pórticos e do frondoso arvoredo, disse:

- Viva el-rei! Oh! Sim, viva el-rei! Há-de viver o teu rei, a despeito de ti, infame Paris!

Voragem odiosa, abismo ensangüentado, não engolirás mais esta vítima!... Hei-de arrancar-ta, e há-de ser com este braço tão fraco, tão magro, que neste momento te ameaça e te vota à execração do mundo e à vingança de Deus!

E ao dizer estas palavras, com uma violência de ódio capaz de atemorizar os mais furiosos amigos da revolução, se tivessem podido vê-la e ouvi-la, a rainha estendeu na direcção de Paris o seu débil braço, que alvejava no centro das rendas que lhe guarneciam a manga, como uma espada que sai da bainha.

Depois chamou a Sr^a. Campan, que era a criada em quem tinha mais confiança, e fechou-se no gabinete, dando ordem para que não deixassem entrar pessoa alguma.

XXXV

O plastrão

No dia seguinte nasceu, brilhante e puro como na véspera, um sol resplandecente, que dourava os mármore e a areia dos jardins de Versalhes.

Os pássaros, agrupados aos milhares nas primeiras árvores da tapada, saudavam, com o chilrear atoador, a vinda de mais um dia de calor e alegria destinado aos seus amores.

A rainha, que já estava de pé às cinco horas da manhã, mandou pedir a el-rei que fosse aos aposentos dela logo que se levantasse.

Luís XVI, que ficara algum tanto cansado por ter recebido na véspera uma deputação da assembléia, à que lhe fora forçoso responder, - era já a época dos discursos -, dormira até um pouco mais tarde, para se restabelecer das suas fadigas, e para que se não dissesse que defraudava a natureza do que lhe pertencia.

Acabara de se vestir, e estava afivelando a espada, quando lhe comunicaram o pedido da rainha; franziu ligeiramente o sobrolho, e exclamou:

- Pois quê! A rainha já está levantada?
- Há muito tempo, real senhor.
- Está doente?
- Não, real senhor.
- E o que me quer a rainha logo de madrugada?
- Sua Majestade não o disse.

O rei tomou um primeiro almoço, que se compunha de um caldo com um pouco de vinho, e encaminhou-se para o aposento de Maria Antonieta.

Achou a rainha já vestida, como se estivesse pronta para a cerimónia, bela, pálida, imponente. Recebeu o marido com o frio sorriso que lhe brilhava nas faces como sol de inverno, quando nas grandes recepções da corte lhe era indispensável animar com os seus raios a multidão.

O rei não reparou na tristeza do olhar nem no sorriso da rainha. Apenas o preocupava uma única coisa, e era a resistência provável, que ia opor Maria Antonieta à execução do projecto apresentado na véspera.

- Temos algum novo capricho - pensou ele.
- Era este o motivo por que franzia o sobrolho.
- A rainha confirmou-o nesta opinião com as primeiras palavras que proferiu.
- Senhor - disse ela - tenho reflectido seriamente desde ontem.
- Bom, chegámos ao ponto - exclamou o rei.
- Peça-lhe que mande retirar quem não for da sua intimidade.

O rei, bem contra sua vontade, ordenou aos seus oficiais que se retirassem. Só a Sr^a. Campan, uma das criadas da rainha, ficou junto de Suas Majestades.

A rainha então, apoiando as mãos delicadas no braço do rei, disse:

- Por que está já inteiramente vestido? É mal feito!

- Como? Mal feito, por quê?
- Não lhe tinha mandado pedir que não se vestisse antes de vir por aqui? Vejo-o de casaca e espadim. Esperava que viesse de chambre.

O rei olhou para a rainha muito admirado.

O capricho da princesa despertava nele imensidade de idéias singulares, que por serem novas ainda tornavam a inverosimilhança maior.

A primeira impressão foi de desconfiança e receio.

- Que tem? - disse ele para a rainha - quer acaso demorar ou impedir o que ontem convencionámos?

- De forma nenhuma, senhor.

- Desejo que acabe a zombaria em assunto de tanta gravidade. Devo, e quero ir a Paris; nem já posso dispensar-me desta jornada. O estado já foi mandado aprontar, e as pessoas que hão-de acompanhar-me estão designadas desde ontem à noite.

- Senhor, nada exijo, mas...

- Considere - disse o rei animando-se gradualmente, para ter força de resistir - considere que a notícia da minha jornada a Paris já deve ter chegado aos ouvidos dos Parisienses, que estão provavelmente preparados para me receber; que os sentimentos favoráveis, que esta jornada tem excitado nos espíritos, segundo se diz, podem transformar-se em desastrosa hostilidade. Considere finalmente...

- Porém, senhor, eu não contesto isso que me faz a honra de dizer; resignei-me ontem, resignada estou hoje.

- Então, senhora, para que servem esses preâmbulos?

- Mas eu faço preâmbulos?

- Perdão; mas para que foram essas perguntas a respeito do meu vestuário e dos meus projectos?

- A respeito do vestuário, isso sim - replicou Maria Antonieta, tentando mostrar novamente o mesmo sorriso, o qual, a poder de ser forçado, se tornava cada vez mais fúnebre.

- Que tem que dizer ao meu vestuário?

- Queria, senhor, que despisse a casaca.

- Não lhe parece decente? É uma casaca de seda, de cor roxa. Os Parisienses estão acostumados a ver-me neste traje; gostam de me ver vestido desta cor, sobre a qual, de mais a mais, diz muito bem a grã-cruz azul. A senhora mesma mo tem afirmado bastantes vezes.

- Não tenho que fazer objecção alguma à cor da sua casaca, senhor.

- Pois então...

- É o forro.

- Na verdade está-me fazendo cismar com esse eterno sorriso... O forro?... Que gracejo!

- Eu não gracejo, infelizmente.

- Bom, agora está apalpando a minha véstia! Também lhe desagrada? É de tafetá branco e preto, cuja guarnição foi bordada pelas suas mãos; é uma das minhas véstias predilectas.

- Nada tenho que dizer da véstia.

- É bem singular! Será a tira, ou a camisa de cambraia bordada, que tanto a impressiona? Pois não queria que me vestisse com mais esmero para ir ver a minha boa cidade de Paris?

Um sorriso amargo assomou aos lábios da rainha; o beijo inferior sobretudo, aquele que tanto criticavam na Austríaca, engrossou e cresceu, como entumecido por todos os venenos do ódio e da cólera.

- Não - disse ela - não é o apuro do seu traje que censuro, senhor, é unicamente o forro, só o forro.

- O forro da minha camisa bordada! Ah! Peça-lhe que se explique.

- Pois bem! Eu me explico; o rei mal visto, detestado, que vai lançar-se no meio de setecentos mil Parisienses ébrios dos seus triunfos e das suas idéias revolucionárias, não é decerto um príncipe da idade média, e contudo deveria entrar hoje em Paris coberto com uma boa

couraça de ferro, e tendo na cabeça um elmo de riço aço de Milão; deveria tomar as cautelas precisas para que nem uma bala, nem uma flecha, nem uma pedra, nem uma faca pudesse ofender-lhe a pele.

- Isso que diz é verdade - replicou Luís XVI pensativo - porém, minha querida amiga, como não me chamo nem Carlos VII, nem Francisco I, nem Henrique IV, como a monarquia de hoje só traja veludo e seda, irei indefeso, com a minha casaca de seda, ou para melhor dizer, irei com um alvo que poderá servir às balas. Levo o crachá das ordens sobre o coração.

A rainha reprimiu a custo um gemido.

- Senhor - disse ela - já começamos a entender-nos. Vai ver que a sua esposa não está gracejando.

Fez um sinal à Sr^a. Campan, que tinha ficado no fundo do quarto, a qual tirou de uma gaveta da cómoda da rainha um objecto de forma larga, chata e oblonga, coberto com uma capa de seda.

- Senhor - disse a rainha - o coração de el-rei pertence em primeiro lugar à França, é verdade, mas estou convencida que também pertence à sua esposa e aos seus filhos. Não quero que esse coração esteja exposto às balas inimigas. Tomei as minhas medidas para livrar do perigo o meu esposo, o meu rei, o pai de meus filhos.

Ao mesmo tempo que dizia estas palavras ia desembulhando da seda que o cobria, um colete de finas malhas de aço encadeadas com arte tão maravilhosa, que mais parecia um estofado árabe, tal era a perfeição com que o ponto do tecido imitava o ondedado da seda e tal era a flexibilidade e elasticidade da urdidura.

- Que é isto? - perguntou o rei.

- Observe.

- É um colete, se não me engano.

- Não há dúvida.

- Um colete que abotoa até ao pescoço.

- Com uma golinha destinada, como vê, a servir de forro à gola da véstia ou à gravata.

O rei pegou no colete e examinou-o com muita curiosidade.

A rainha não cabia em si de contente, por ver a benévola atenção com que el-rei procedia ao exame.

Figurou-se-lhe que o rei estava contando com prazer cada uma das malhas daquela rede admirável, que cedia à pressão dos seus dedos com a maleabilidade de uma meia de lã.

- Na realidade - disse ele - é admirável este aço.

- Não é verdade?

- É milagrosamente trabalhado.

- Não é assim?

- Não imagino como foi que pôde conseguir isto.

- Comprei-o ontem à noite a um homem que mo tinha oferecido, há já muito tempo, para o caso de entrar em campanha.

- É admirável! É admirável! - exclamou o rei, examinando-o como artista.

- E há-de assentar-lhe que nem um colete feito pelo seu alfaiate.

- Oh! Pois parece-lhe isso?

- Experimente.

O rei não respondeu, e despiu ele mesmo a casaca.

A rainha tremia de contentamento; ajudou Luís XVI a tirar a grã-cruz, e a Sr^a. Campan acabou de o despir.

Entretanto, o rei tirava o espadim da cinta. Quem naquele momento tivesse podido contemplar o rosto da rainha, tê-lo-ia visto radiante de suprema felicidade.

O rei deixou desatar a gravata, por baixo da qual as mãos delicadas da rainha introduziram a gola de aço.

Em seguida, a própria Maria Antonieta prendeu os colchetes do colete, que se cingia

admiravelmente à forma do corpo, defendia as cavas, e era todo forrado de anta muito fina, destinada a evitar a pressão do aço sobre as carnes.

O colete descia mais abaixo do que uma couraça e defendia todo o corpo.

A camisa e a véstia, postas por cima, encobriam-no completamente. Não aumentava nem sequer meia linha a grossura do corpo e deixava os movimentos perfeitamente desembaraçados.

- É muito pesado? - perguntou a rainha.

- Não.

- Vê, meu rei, que maravilha, não é verdade? - disse a rainha batendo palmas para a Sr^a. Campan, que acabava de abotoar as mangas do rei.

A Sr^a. Campan manifestou a sua satisfação tão ingenuamente como a rainha.

- Salvei o meu rei! - exclamou Maria Antonieta. - Experimente esta couraça invisível, coloque-a sobre uma mesa, tente abri-la com uma faca, tente furá-la com uma bala, experimente! Experimente!

- Oh! - disse o rei em tom de quem duvida.

- Experimente! - repetiu ela com o mesmo entusiasmo.

- Não se me daria de o fazer por curiosidade - disse o rei.

- Não o faça, é escusado.

- Pois quê! É escusado que lhe prove a excelência da sua descoberta?

- Ah! Aí está como são os homens todos! Julga porventura que eu teria confiança nas asserções de outrem, de um indiferente, quando se tratava da vida do meu esposo, da salvação da França?

- Parece-me, contudo, que foi o que fez, Antonieta, fiou-se no que lhe disseram.

A rainha abanou a cabeça com uma adorável obstinação.

- Pergunte - disse ela apontando para a criada, que estava presente - pergunte a esta boa Campan o que fizemos esta manhã.

- Que foi, então? - perguntou o rei significando a maior curiosidade.

- Esta manhã, que estou eu dizendo? Esta madrugada, como duas loucas, despedimos os criados todos e fomos fechar-nos no quarto dela, que é muito afastado, pois fica lá no fundo da divisão dos pajens; estes, como sabe, partiram ontem para o quartel de Rambouillet. Certificámo-nos de que ninguém poderia surpreender-nos antes de termos executado o nosso projecto...

- Jesus! Assusta-me na verdade. Quais eram então os projectos dessas duas Judites?

- Judite fez menos do que nós - disse a rainha - e sobretudo menos bulha. Se não fosse isso, a comparação seria bem achada. Campan levava o saco que continha este peito de armas; eu tinha na mão uma comprida faca de mato alemã de meu pai, ferro infalível com que ele matou um sem-número de javalis.

- Judite! Sempre Judite! - exclamou o rei rindo-se.

- Oh! Judite não levava uma pesadíssima pistola como a que eu tirei do seu cabide de armas e que mandei carregar por Weber.

- Uma pistola!

- Sim, senhor. Oh! Se nos visse! Quase às escuras, assustadas, estremecendo à menor bulha, ocultando-nos às vistas indiscretas, e caminhando como dois ratinhos gulosos pelos corredores desertos...

“Campan fechou três portas e calafetou a última, pendurámos o peito de armas na parede depois de o enfiarmos no manequim que serve para pendurar os meus vestidos: e eu, com a mão bem firme, atirei uma estocada à couraça; a folha dobrou-se, saltou-me fora da mão, e foi cravar-se no sobrado, com grande susto nosso.”

- Safa! - disse el-rei.

- Ainda não é tudo.

- E não fez buraco algum na rede? - perguntou com curiosidade de artista.

- Espere, que ainda não acabei. Campan apanhou a faca, e disse-me: “Vossa Majestade não tem suficiente força, e a sua mão talvez tremesse; eu hei-de dar a estocada com mais vigor;

quer ver?” Empunhou pois a faca, e atirou ao manequim pendurado na parede uma estocada tão bem aplicada, que a minha pobre folha alemã partiu-se como vidro de encontro às malhas. Olhe, aqui estão os dois bocados; quero mandar fazer um punhal com estes restos.

- Oh! Isso parece fabuloso - disse o rei; - e não ficou brecha nenhuma?

- Uma arranhadura num dos elos superiores, e note que são três sobrepostos que formam o tecido.

- Desejava ver isso.

- Logo verá.

E a rainha começou a despir o rei com toda a pressa, para lhe fazer admirar quanto antes a sua idéia e as suas proezas.

- Eis aqui um sítio algum tanto deteriorado, segundo me quer parecer - disse o rei, indicando com o dedo uma depressão produzida numa superfície de uma polegada, pouco mais ou menos.

- É da bala da pistola.

- Como! Pois atirou um tiro de bala?

- Já lhe mostro a bala achatada, e negra ainda. Olhe; julga agora que não esteja segura a sua existência?

- É um anjo tutelar - disse o rei. E começou com todo o vagar a desacolchetar o colete, para observar melhor os vestígios da punhalada e do tiro de pistola.

- Imagine qual seria o meu susto, querido rei - disse Maria Antonieta, quando chegou a ocasião de desfechar o tiro de pistola sobre a couraça. - Não era somente por causa daquele horrível estrondo, que tanto medo me fez, mas também porque se me afigurava que dando um tiro no colete destinado a protegê-lo, era em si mesmo que o dava; tinha receio de o ferir, e receava ao mesmo tempo fazer um furo nas malhas, porque então o meu trabalho, as minhas fadigas e a minha esperança ficavam de todo aniquilados.

- Querida esposa - disse Luís XVI acabando de desacolchetar o colete - quanto lhe sou grato!

E pôs o peito de armas em cima de uma mesa.

- Então! Que está fazendo? - perguntou a rainha.

E, pegando no colete, tornou a apresentá-lo ao rei.

Porém ele, com um sorriso, cheio de graça e de nobreza, disse:

- Não, não quero, obrigado.

- Rejeita? - exclamou a rainha.

- Rejeito, sim.

- Oh! Considere no que faz, senhor!

- Real senhor! - disse em tom de súplica a Sr^a. Campan.

- Atenda a que disto depende a sua salvação, a sua vida!

- Pode ser - replicou o rei.

- Recusa o auxílio que Deus mesmo quis enviar-nos?

- Basta, basta! - disse o rei,

- Oh! Pois recusa? recusa?

- Sim, recuso.

- Quer que o matem?

- Minha querida, quando os cavaleiros deste século vão à guerra, levam casaca de pano sobre o colete e a camisa, o que lhes serve para aparar as balas; quando têm algum lance de honra, despem-se e ficam só com a camisa, e isto basta para os defender de uma espada. Sou o primeiro cavaleiro do meu reino; não hei-de fazer mais nem menos do que fazem os meus amigos. Direi mais: aonde eles vão vestidos de pano, eu tenho direito de ir vestido de seda. Obrigado, minha querida esposa, obrigado, minha boa rainha, obrigado.

- Ah! - exclamou a rainha desesperada e entusiasmada ao mesmo tempo - Quem me dera que o seu exército o ouvisse!

Quanto ao rei, esse tinha acabado de se vestir muito sossegadamente, sem dar mostras de ligar importância alguma ao acto de heroísmo que havia praticado.

- Quem dirá ainda que está perdida – murmurou a rainha - uma monarquia que tem destes orgulhos em semelhante momento!

XXXVI

A partida

O rei, ao sair dos quartos da rainha, achou-se imediatamente cercado por todos os oficiais e mais pessoas da sua casa, que tinham sido por ele designadas para o acompanharem na sua jornada a Paris.

Eram os srs. de Beauvau, de Villeroy, de Nesle e d'Estaing.

Gilberto esperou, confundido na multidão, que Luís XVI o avistasse, quando mais não fosse para lançar sobre ele, ao passar, uma vista de olhos.

Era evidente que toda aquela gente duvidava ainda, e que ninguém acreditava que fosse levada a efeito a decisão tomada.

- Partiremos depois do almoço, meus senhores – disse o rei.

E, vendo Gilberto, prosseguiu:

- Ah! Está aí, doutor? Muito bem. Sabe que o levo comigo?

- Estou às ordens de Vossa Majestade.

Em seguida o rei foi ouvir missa com todos os oficiais da sua casa, e, pela volta das nove horas, assentou-se à mesa.

O almoço foi servido com o costumado cerimonial; a rainha, que desde a missa estava com os olhos entumecidos e vermelhos, se bem que não comesse, quis assistir ao almoço de el-rei, para assim poder permanecer por mais tempo em companhia dele.

Trouxera consigo os dois filhos, os quais, comovidos provavelmente pelos conselhos maternos, lançavam vistas inquietas ora para o rosto do pai, ora para a chusma de oficiais e guardas.

De vez em quando, enxugavam, por ordem da mãe, uma lágrima que lhes despontava das pálpebras, e este espectáculo excitava a compaixão de alguns, a cólera de outros, e enchia de dor toda aquela reunião.

O rei comeu estoicamente. Falou várias vezes a Gilberto sem olhar para ele; conversou quase constantemente com a rainha, e sempre com profundo affecto.

Finalmente deu as instruções aos generais.

Estava acabando de almoçar, quando vieram dar-lhe parte de que se avistava, na extremidade da grande alameda que termina na Praça de Armas, uma forte coluna de homens a pé, que vinham do lado de Paris.

No mesmo instante, os oficiais e guardas saíram da sala a correr, o rei ergueu a cabeça, olhou para Gilberto, mas, como o visse sorrir, continuou a comer tranquilamente.

A rainha empalideceu, e voltou-se para o Sr. de Beauvau, pedindo-lhe que fosse saber o que era.

O Sr. de Beauvau saiu apressadamente.

A rainha caminhou para a janela.

Passados cinco minutos, voltou o Sr. de Beauvau.

- Senhor - disse ele ao voltar - são os guardas nacionais de Paris que, logo que na capital houve notícia do projecto que Vossa Majestade tinha formado de ir ver os Parisienses, reuniram-se em número de dez mil para virem ao encontro de Vossa Majestade, e ao ver que lhes tardava, marcharam até Versalhes.

- Que tenções lhe parecem as deles? – perguntou o rei.

- As melhores do mundo - respondeu o Sr. de Beauvau.

- Não importa - disse a rainha - mas em todo o caso feche as grades.
- Não faça tal - acudiu o rei; - basta que se conservem fechadas as portas do paço.
A rainha franziu o sobrolho e olhou furtivamente para Gilberto.
Este já esperava aquele olhar da rainha, porque metade da sua predição estava realizada.
Prometera que haviam de aparecer vinte mil homens, e já ali estavam dez mil.
O rei, voltando-se para o Sr. de Beauvau, disse:
- Ordene que dêem de beber a essa boa gente.
O Sr. de Beauvau desceu segunda vez e transmitiu as ordens do rei aos despenseiros.
Depois voltou acima.
- E então? - perguntou o rei.
- Real senhor, os Parisienses encetaram uma renhida discussão com a guarda.
- Pois quê! - disse o rei - temos discussão?
- Oh! É de simples cortesia. Como souberam que el-rei parte daqui a duas horas, querem esperar pela partida de el-rei e marchar logo atrás do coche de Sua Majestade.
- Mas - perguntou então a rainha - eles estão a pé, segundo creio!
- Estão, sim, minha senhora.
- É que el-rei vai numa carruagem tirada por cavalos, que decerto hão-de andar muito mais do que eles... Sabe muito bem, Sr. de Beauvau, que el-rei costuma ir muito depressa.
Estas palavras assim acentuadas significavam:
- Ponham asas, se puderem, à carruagem de Sua Majestade.
O rei fez com a mão um gesto para pôr termo ao colóquio.
- Irei a passo - disse ele.
A rainha soltou um suspiro, que se assemelhava a um grito de cólera.
- Não é justo - acrescentou Luís XVI com serenidade - que eu faça correr atrás de mim esta boa gente, que se incomodou para me obsequiar. Portanto, irei a passo, e até a passo curto, para que todos me possam acompanhar mais facilmente.
A assembléia mostrou a sua admiração por um murmúrio aprovativo; mas ao mesmo tempo apareceu nalguns semblantes o reflexo da desaprovação que se manifestava nas feições da rainha, e que revelava tanta bondade de alma, quanto fraqueza de ânimo.
Abriu-se naquele momento uma janela.
A rainha voltou-se, admirada: era Gilberto, que na sua qualidade de médico, usava de seu direito mandando abrir a vidraça para renovar o ar da casa de jantar, que o cheiro da comida e a respiração de mais de cem pessoas haviam tornado demasiado denso.
O doutor colocou-se por detrás das cortinas da janela aberta, pela qual se ouvia o som das vozes da multidão reunida no pátio.
- Que é aquilo? - perguntou o rei.
- Meu senhor - respondeu Gilberto - são os guardas nacionais que se acham no pátio, expostos ao ardor do sol, e que devem estar com muita calma.
- Por que não os convida o rei a virem almoçar com eles? - disse a rainha devagarinho para um dos oficiais favoritos.
- É preciso levá-los para a sombra, metê-los no pátio de mármore, nos vestíbulos, em toda a parte onde houver alguma fresquidão - disse o rei.
- Dez mil homens nos vestíbulos! - exclamou a rainha.
- Bem repartidos por toda a parte, hão-de caber - disse o rei.
- Repartidos por toda a parte! - disse Maria Antonieta; - visto isso, senhor, quer ensinarmos o caminho do seu quarto de dormir?
Foi como que uma profecia do acontecimento que havia de realizar-se em Versalhes antes de três meses.
- Trazem consigo muitas crianças, minha senhora - observou respeitosamente Gilberto.
- Crianças? - replicou a rainha.
- Sim, minha senhora, muitos deles trouxeram consigo os filhos como para um passeio.

Os pequenos estão vestidos de guardas nacionais, tal é o entusiasmo com que foi acolhida a nova instituição.

A rainha abriu a boca, mas abaixou imediatamente a cabeça.

Ocorrera-lhe um dito bondoso, porém o orgulho e o ódio tinham-na detido.

Gilberto olhou atentamente para ela.

- Coitadas das pobres crianças! - exclamou o rei - quem traz os filhos consigo, não deseja fazer mal a um pai de família; é mais uma razão para pôr à sombra os pobres pequenos. Mande-os entrar, mande-os entrar.

Gilberto então, sacudindo levemente a cabeça, pareceu dizer à rainha, que ficara silenciosa:

- Aí está, senhora, o que Vossa Majestade deveria ter dito; eu bem lhe proporcionei o ensejo. As palavras seriam repetidas, e ganharia com elas dois anos de popularidade.

A rainha entendeu a muda linguagem de Gilberto e subiu-lhe a cor ao rosto.

Conheceu o erro que cometera e desculpou-se logo por um sentimento de orgulho e de resistência, que transluzia no olhar que lançou a Gilberto em resposta ao seu. Entretanto, o Sr. de Beauvau cumpria para com os guardas nacionais as determinações do rei.

Ouviram-se então gritos de alegria, e as bênçãos daquela multidão armada, admitida no interior do paço em observância das ordens reais.

O som das aclamações, dos votos e dos vivas subiu, como denso turbilhão, até aos ouvidos dos dois cônjuges, sossegando-os acerca das disposições daquele Paris, que tanto temiam.

- Meu senhor - disse o senhor de Beauvau - qual é a ordem em que Vossa Majestade determina que marche a sua comitiva?

- E a discussão da guarda nacional com os meus oficiais?

- Oh! Meu senhor, já terminou. Aquela boa gente considera-se tão feliz, que diz: "Iremos no lugar que nos designarem". O rei é tanto nosso como dos outros, em toda a parte onde for, sempre será nosso.

O rei olhou para Maria Antonieta. Nos lábios desdenhosos da rainha via-se um sorriso irónico.

- Diga aos guardas nacionais - replicou Luís XVI - que marchem no lugar que mais lhes agradar.

- Vossa Majestade - disse a rainha - não deve esquecer que o direito inalienável dos seus guardas é de lhe cercarem o coche.

Os oficiais, vendo que o rei parecia irresoluto, aproximaram-se para apoiarem a rainha.

- Assim é, não há dúvida - disse o rei. - Pois bem! Veremos.

O Sr. de Beauvau e o Sr. de Villeroy saíram para tomarem os seus lugares e darem as ordens necessárias.

Estavam dando dez horas em Versalhes.

- Muito bem - disse o rei - amanhã trabalharei. Essa honrada gente não deve esperar.

O rei levantou-se.

Maria Antonieta abriu os braços e foi abraçar o rei. As duas crianças agarraram-se a chorar ao pescoço do pai. Luís XVI, enternecido, procurou subtrair-se-lhes brandamente aos abraços: queria ocultar-lhes a comoção que sentia próxima a trasbordar.

A rainha detinha todos os oficiais, agarrava a um pelo braço, a outro pela espada.

- Senhores! Senhores! - dizia ela.

E esta eloqüente exclamação era para lhes recomendar o rei, que acabava de descer a escada.

Todos levaram a mão ao coração ou à espada.

A rainha sorriu-se, para lhes agradecer.

Gilberto ficou atrás de todos.

- Foi o senhor quem aconselhou esta jornada ao rei - disse a rainha - foi o senhor quem o

resolveu a ir, apesar dos meus rogos. Lembre-se de que assumiu uma responsabilidade terrível perante uma esposa e perante uma mãe!

- Bem sei, real senhora - respondeu friamente Gilberto.

- E há-de tornar a trazer-me o rei são e salvo! – disse a rainha com gesto solene.

- Sim, real senhora.

- Lembre-se de que a sua cabeça me responde por ele!

Gilberto inclinou-se.

- Lembre-se de que joga a sua cabeça! – repetiu Maria Antonieta com a autoridade ameaçadora e desapiedada de uma rainha absoluta.

- Pela minha cabeça afianço o rei, sim, senhora - replicou Gilberto tornando a inclinar-se - se bem que eu olharia semelhante penhor como refém de mui pouco valor, se julgasse que algum perigo ameaça o rei; porém, como já disse, real senhora, é a um triunfo que hoje vou conduzir Sua Majestade.

- Quero ter notícias do rei de hora a hora – acrescentou a rainha.

- Tê-las-á, minha senhora.

- Parta, senhor, ouço rufar os tambores; o rei vai pôr-se a caminho.

Gilberto cortejou, e saindo pela escada principal, encontrou-se cara a cara com um ajudante de ordens da casa do rei, que vinha buscá-lo de mandado de Sua Majestade.

Fizeram-no subir para uma carruagem que pertencia ao Sr. de Beauvau, por isso que o grão-mestre de cerimônias não consentira que ele tomasse lugar num dos coches da casa real, em consequência de não ser de provada nobreza.

Gilberto sorriu-se quando se viu sozinho dentro daquela carruagem de brasão cujo dono ia a cavalo junto da portinhola do coche real.

Depois veio-lhe à idéia que fazia uma figura ridícula ocupando assim uma carruagem de coroa e brasão.

Ainda lhe durava o escrúpulo, quando no meio dos guardas nacionais, que cercavam os coches, ouviu estas palavras proferidas por indivíduos, que se debruçavam com curiosidade para o verem:

- Ah! Aquele é o príncipe de Beauvau!

- O quê? - disse um camarada - estás enganado.

- Digo-te que sim, porque o coche tem as armas do príncipe.

- As armas! As armas! Isso nada faz ao caso.

- Então que significam as armas?

- Significam que se a carruagem tem as armas do Sr. de Beauvau, é o Sr. de Beauvau quem vai dentro.

- O Sr. de Beauvau é algum patriota? – perguntou uma mulher.

- Parece-me que não - disse o guarda nacional.

Gilberto tornou a sorrir-se.

- Torno a dizer-te - replicou o primeiro contraditor - que não é o príncipe; o príncipe é gordo, aquele é magro; o príncipe traz farda de comandante da guarda real, aquele está de casaca preta; é o mordomo.

A pessoa de Gilberto, desfigurada por esta qualificação pouco lisonjeira, foi acolhida com um murmúrio algum tanto descortês.

- Não, ou os diabos me levem! - gritou uma voz grossa, cujo som fez estremecer Gilberto.

Era a voz de um homem que foi abrindo caminho com os cotovelos e com os punhos até chegar ao pé da carruagem.

- Não, nem é o Sr. de Beauvau, nem o seu mordomo; é um valente e famoso patriota, e até o mais famoso dos patriotas. Olá! Sr. Gilberto, que demónio faz aí dentro desse coche de príncipe?

- Olá! É o tio Billot? - exclamou o doutor.

- Boa dúvida! Lá me escapava a mim esta função! - respondeu o lavrador.

- E Pitou? - perguntou Gilberto.

- Oh! Esse também não está muito longe. Olá! Pitou, chega cá; vamos, passa.

Pitou, mal ouviu o convite, trabalhou logo energicamente com os ombros para chegar ao pé de Billot, e foi cumprimentar Gilberto com admiração.

- Bons dias, Sr. Gilberto - disse ele.

- Bons dias, Pitou, bons dias, meu amigo.

- Gilberto! Gilberto! Que homem será aquele? – perguntava a multidão.

- Vejam lá o que é a glória! - pensava o doutor. - Em Villers-Cotterets não há ninguém que me não conheça; mas em Paris... Viva a popularidade!

Apeou-se do coche, que seguiu para diante a passo, e enfiando o braço no de Billot, foi caminhando a pé no meio do povo.

Contou então em poucas palavras ao lavrador a sua visita ao paço de Versalhes, e as disposições favoráveis em que estava o rei e a família real. Fez dentro em alguns minutos uma tal propaganda de realismo no grupo em que ia, que aquela honrada gente, ainda susceptível de boas impressões, entusiasmou-se ingenuamente; e prorrompeu num imenso grito de “viva o rei!” o qual, engrossado pelas fileiras que marchavam na frente, foi atordoar os ouvidos de Luís XVI.

- Quero ver o rei - disse Billot electrizado - preciso vê-lo de perto. Foi para isso que andei todo este caminho. Quero, pela cara, formar o meu juízo a respeito dele. Aposto que há-de ter um olhar de homem de bem. Aproximemo-nos, aproximemo-nos, Sr. Gilberto, quer fazer-me esse favor?

- Espere, que facilmente o conseguiremos – disse Gilberto - pois vejo um ajudante de ordens do Sr. de Beauvau que anda em procura de alguém para este lado.

Com efeito, um cavaleiro, dirigindo o cavalo com a maior cautela pelo centro daqueles grupos de peões cansados, mas alegres, procurava chegar à portinhola da carruagem, de que se tinha apeado Gilberto.

Gilberto chamou-o.

- Diga-me, senhor, não é do doutor Gilberto que anda em procura? - perguntou ele.

- Dele mesmo - respondeu imediatamente o ajudante de ordens.

- Pois então sou eu.

- Bem. O Sr. de Beauvau manda-o chamar por ordem de Sua Majestade.

Estas palavras sonoras fizeram abrir os olhos de Billot, e as fileiras da multidão; Gilberto aproveitou a aberta, e acompanhado de Billot e de Pitou foi seguindo o cavaleiro, que repetia:

- Abram caminho, senhores, abram caminho; deixem passar, em nome de Sua Majestade, senhores, deixem passar.

Gilberto chegou em breve à portinhola do coche real, o qual ia caminhando com o passo vagaroso dos bois da época merovingiana.

XXXVII

A jornada

Ora empurrando, ora empurrados, mas seguindo sempre o ajudante de ordens do Sr. de Beauvau, Gilberto, Billot e Pitou chegaram finalmente junto do coche, no qual o rei, acompanhado dos srs. d’Estaing e de Villequier, caminhava vagarosamente no meio de uma chusma de gente, que ia em contínuo aumento.

Era um espectáculo curioso, inaudito e desconhecido o que então pela primeira vez se dava. Todos os guardas nacionais do campo, soldados improvisados, corriam com gritos de alegria a ver passar o rei, vitoriavam-no, abençoavam-no, diligenciavam mostrar-se-lhe, e em vez de voltarem para as suas casas, tomavam lugar na comitiva acompanhando a marcha do rei.

Por que motivo? Ninguém poderia dizê-lo; seria ao instinto que obedeciam? Já tinham

visto, mas queriam tornar a ver aquele rei adorado.

É preciso notar que naquela época, era Luís XVI um rei adorado, a quem os Franceses teriam levantado altares, se não fora o profundo desprezo que o Sr. de Voltaire lhes tinha inspirado pelos altares.

Portanto, se Luís XVI os não teve, foi unicamente porque os espíritos fortes tinham por ele demasiada estima naquele tempo para o fazerem passar por uma tal humilhação.

Luís XVI avistou Gilberto encostado ao braço de Billot; atrás deles marchava Pitou, arrastando sempre o seu imenso sabre.

- Ah! Doutor, que lindo tempo e que belo povo! - exclamou o pobre monarca.

- É como vê, real senhor - replicou Gilberto.

E em seguida, debruçando-se para o rei:

- Então! Que tinha eu prometido a Vossa Majestade?

- Sim, senhor, sim, e cumpriu dignamente a sua palavra, senhor.

O rei ergueu a cabeça, e disse, com a intenção de que o ouvissem:

- Vamos caminhando muito devagar, mas parece-me que andamos ainda demasiadamente apressados para o muito que hoje há que ver.

- Todavia, meu senhor - disse o Sr. de Beauvau - Vossa Majestade anda, no passo em que vamos, uma légua em três horas. Difícil será caminhar mais vagarosamente.

Com efeito, os cavalos paravam a cada instante; era uma contínua permutação de discursos e réplicas; os guardas nacionais *fraternizavam* (a palavra havia pouco que tinha sido inventada) com os guardas de Sua Majestade.

- Ah! - dizia Gilberto, consigo, contemplando filosoficamente tão curioso espectáculo - eles que *fraternizam* com os guardas, é porque antes de serem amigos eram inimigos.

- Sabe que mais, Sr. Gilberto - dizia Billot a meia voz - fartei-me de observar o rei, e estive ouvindo-o com toda a atenção. Pois sou de parecer que o rei é um homem de bem.

E o entusiasmo que animava Billot fez com que ele acentuasse estas últimas palavras de maneira tal, que o rei e o estado-maior as ouviram.

Os do estado-maior desataram a rir.

O rei sorriu-se, e com um aceno de cabeça, disse:

- Aí está um elogio que me agrada!

Estas palavras foram proferidas num tom de voz suficientemente elevado para que Billot as ouvisse.

- Oh! Tem razão, real senhor, porque é cumprimento que não faço a toda a gente - replicou Billot entrando sem-cerimónia de conversa com o seu rei, como Michaud com Henrique IV.

- Isso ainda mais me lisonjeia - disse o rei muito enleado por não saber de que forma havia de conservar a sua dignidade de rei e falar ao mesmo tempo com a afabilidade de um bom patriota.

O pobre príncipe, coitado! Ainda não se tinha acostumado ao título de *rei dos Franceses*.

Julgava que se chamava ainda *rei de França*.

Billot, arrebatado de alegria, não se deu ao incómodo de reflectir se Luís no ponto de vista filosófico, acabava de abdicar o título de rei para tomar o título de homem. Billot, sentindo o quanto aquela linguagem se assemelhava à simplicidade rústica, gloriava-se de entender tão facilmente um rei e de ser por ele entendido.

Por isso, daquele instante em diante, o tio Billot continuou a entusiasmar-se cada vez mais. Bebia nas feições do rei, segundo a expressão de Virgílio, um ardente amor da realeza constitucional, e comunicava-o a Pitou, o qual, trasbordando do seu próprio amor e do supérfluo do amor de Billot, dava livre curso ao todo, com gritos fortes ao princípio, depois esgançados, e afinal vagos, de:

- Viva o rei! Viva o pai do povo!

Esta modificação da voz de Pitou ia tendo lugar à medida que ele enrouquecia.

Pitou já estava rouco de todo quando a comitiva chegou ao sítio do Point-du-Jour, onde o Sr. de Lafayette, montado no seu famoso cavalo branco, mantinha nos seus lugares as coortes indisciplinadas e impacientes da guarda nacional, que estavam formadas desde as cinco horas da manhã para fazerem alas ao rei.

Eram quase duas horas da tarde.

A entrevista do rei e do novo chefe da França armada teve lugar de uma maneira satisfatória para os circunstantes.

Entretanto o rei ia começando a estar cansado, já não falava e limitava-se a sorrir.

O general em chefe da milícia parisiense também já não comandava, gesticulava somente.

O rei teve a satisfação de ver que eram quase tantos os gritos de “viva o rei!” como os de “viva Lafayette!” Infelizmente era aquela a última vez que ele estava destinado a gozar dessa satisfação de amor próprio.

Gilberto conservara-se à portinhola do coche do rei. Billot ia ao lado de Gilberto, e Pitou junto de Billot.

Desde a saída de Versalhes, Gilberto, cumprindo o que prometera, tinha achado meio de expedir quatro correios a Maria Antonieta.

Os correios só tinham levado boas novas, porque em toda a parte por onde passava o rei, via atirarem os barretes ao ar, se bem que em todos os barretes brilhava um laço com as cores da nação, espécie de censura dirigida aos laços brancos, que os guardas do rei e ele próprio traziam nos chapéus.

No meio da alegria e do entusiasmo de Billot, era esta divergência de laços a única coisa que lhe pesava.

Billot trazia no chapéu de três bicos um enorme laço tricolor.

O rei tinha, um laço branco; era pois evidente que as inclinações do súbdito e do rei em nada se assemelhavam.

Esta idéia preocupava-o por tal forma, que aproveitou o momento em que Gilberto não estava conversando com o rei para se lhe dirigir, comunicando-lhe as suas dúvidas, e perguntando-lhe:

- Sr. Gilberto, por que motivo não adoptou o rei o laço nacional?

- É porque, meu caro Billot, ou o rei não sabe que temos um laço novo, ou está persuadido de que o laço que traz deve ser o laço da nação.

- Nada, nada, porque o laço dele é branco, ao passo que o nosso é tricolor.

- Atenda-me - disse Gilberto, detendo Billot no instante em que este ia começando a declamar no estilo dos periódicos - o laço do rei é branco como branca é a bandeira francesa. O rei não tem culpa de que assim seja. Muito antes de ele vir a este mundo, já eram brancos tanto o laço como a bandeira; e demais, meu caro Billot, a bandeira adquiriu padrões de glória, como os adquiriu também o laço branco. O baileiro de Suffren levava no chapéu um laço branco quando restabeleceu a nossa bandeira na península da Índia. Também no chapéu de d'Assas havia um laço branco, e foi por onde os Alemães o conheceram de noite, quando se deixou matar para que os seus soldados não fossem surpreendidos. Quando o marechal de Saxe bateu os Ingleses em Fontenoy, levava chapéu com laço branco. Finalmente, o Sr. de Conde tinha no chapéu um laço branco quando derrotou os imperiais em Rocroy, em Friburgo e em Lens. Eis os feitos do laço branco, além de outros muitos que eu calo, meu caro Billot; ao passo que o laço nacional, que há-de talvez fazer o giro do mundo, como vaticinou Lafayette, ainda não teve tempo de fazer coisa nenhuma, visto existir há três dias apenas. Não digo que há-de permanecer ocioso, percebeu? Mas enfim, como nada tem feito, tem o rei direito a esperar que ele mostre ao que veio.

- Pois quê! O laço nacional ainda não fez coisa nenhuma? - disse Billot; - então não tomou a Bastilha?

- É verdade - disse tristemente Gilberto; - tem razão, Sr. Billot.

- Aí está - replicou triunfantemente o lavrador - o motivo por que o rei deveria adoptá-lo.

Gilberto deu uma grande cotovelada em Billot, pois tinha reparado que o rei os estava

ouvindo.

E logo, em voz baixa disse:

- Está louco, Billot? E a quem foi tomada a Bastilha? À realeza, penso eu. E quer obrigar o rei a trazer os troféus do triunfo alheio e as insígnias da sua derrota? Insensato! O rei é cheio de brio, de bondade e de franqueza; quer fazer dele um hipócrita?

- Porém - disse Billot mais humildemente, sem contudo se mostrar convencido - a tomada da Bastilha não foi uma afronta a el-rei, foi-o ao despotismo.

Gilberto encolheu os ombros com a delicadeza de um homem superior que não quer pisar o seu inferior, com receio de o esmagar.

- Não - prosseguiu Billot animando-se - não foi contra o nosso bom rei que nós combatemos, foi contra os seus satélites.

Naquela época, dizia-se, em política, satélites em vez de soldados, assim como no teatro se dizia, *corcel* em vez de cavalo.

- E demais - prosseguiu Billot com certa aparência de razão - ele desaprova-os, visto estar aqui no meio de nós, e se os desaprova, é por que nos aprova a nós! É para nossa felicidade e para glória dele que nós, os vencedores da Bastilha, trabalhamos.

- Infelizmente, assim é! - murmurou Gilberto, o qual, na realidade, não sabia conciliar a expressão do rosto do rei com o que necessariamente devia sentir no coração.

Quanto ao rei, no meio do sussurro confuso da marcha, ia começando a perceber algumas palavras da discussão encetada a seu lado.

Gilberto, tendo reparado na atenção que o rei prestava à discussão, fazia quanto podia para encaminhar Billot para um terreno menos resvaladiço do que aquele em que se entranhara.

De repente parou tudo; tinham chegado a Cours-la-Reine, à entrada da antiga porta da Conference, nos Campos-Elíseos.

Ali, uma deputação de eleitores e de vereadores da câmara, presidida pelo novo juiz do povo Bailly, estava alinhada em boa ordem, com uma guarda de trezentos homens, comandada por um coronel, e uns trezentos membros, pelo menos, da Assembléia Nacional, escolhidos, como se pode supor, nas fileiras do Terceiro Estado.

Dois dos eleitores procuravam combinar as suas forças e destreza, para conservar em equilíbrio uma salva de prata dourada, sobre a qual estavam duas enormes chaves, que eram as da cidade de Paris do tempo de Henrique IV.

Um espectáculo tão respeitável fez calar todas as conversações particulares, e todos quantos estavam presentes, tanto nos grupos, como nas fileiras, trataram de se colocar de maneira que ouvissem os discursos que iam ser recitados naquela ocasião.

O estimável sábio e honrado astrónomo Bailly, que fora feito, contra sua vontade, deputado, juiz do povo e orador, tinha preparado um extenso discurso de parabéns, cujo exórdio, conforme as mais estritas regras de retórica, era um elogio ao rei, desde que o Sr. Turgot havia subido ao poder até à tomada da Bastilha. Pouco faltava mesmo, tal é o privilégio da eloquência, que atribuísem ao rei a iniciativa dos acontecimentos que o povo com a sua pressa provocara, e, como vimos, bem contra o desejo do paço.

Bailly estava muito satisfeito do seu discurso, quando um incidente (é o próprio Bailly quem conta este caso nas suas memórias), lhe proporcionou um novo exórdio, muito mais pitoresco do que o que ele preparara; único, demais a mais, que ficou impresso na memória do povo, sempre pronto a dar o devido valor às boas e sobretudo às bonitas frases baseadas num facto material.

Quando ia caminhando com os vereadores e eleitores, notou Bailly o muito que pesavam as chaves destinadas a serem apresentadas ao rei.

- Julgam porventura - disse ele rindo-se - que me cansarei a trazer semelhante monumento outra vez comigo para Paris, depois de o mostrar ao rei?

- Então que tenciona fazer dele? - perguntou um eleitor.

- Entregar-lho-ei ao senhor - replicou Bailly - ou deitá-lo-ei nalgum fosso ou mesmo ao

pé de alguma árvore.

- Por quem é não faça tal - exclamou o eleitor escandalizado. - Não sabe que estas chaves são as mesmas que a cidade de Paris ofereceu a Henrique IV depois do cerco? São muito preciosas e é uma antiguidade inestimável.

- Tem razão - retorquiu Bailly; - as chaves que foram oferecidas a Henrique IV, conquistador de Paris, são as mesmas que hoje oferecemos a Luís XVI, que... É verdade! - disse consigo o honrado juiz do povo - aí está assunto para uma linda antítese.

E logo pegando num lápis, escreveu por cima do discurso que tinha preparado o exórdio que segue:

“Real senhor, trago a Vossa Majestade as chaves da boa cidade de Paris. São as mesmas que foram oferecidas a Henrique IV. Aquele monarca tinha reconquistado o seu povo, hoje o povo reconquistou o seu rei.”

A frase bonita, e justa ao mesmo tempo, gravou-se no espírito dos Parisienses, e de todo o discurso de Bailly, das obras mesmo que publicou, foi a única que sobreviveu.

Quanto a Luís XVI, esse aprovou-a com um aceno de cabeça, pois bem percebia a finura de ironia epigramática que encerrava, e que se encobria com o respeito e flores oratórias.

E pensou lá consigo:

- Maria Antonieta não se deixaria iludir por esta fingida veneração do Sr. Bailly, e daria decerto ao desastrado astrónomo uma resposta bem diversa da que eu lhe vou dar.

O resultado foi que Luís XVI, depois de ter ouvido tão distintamente o princípio do discurso do Sr. Bailly, não deu atenção alguma ao fim dele, nem tão-pouco ao do Sr. Delavigne, presidente dos eleitores, do qual não ouviu nem o princípio nem o fim.

Entretanto, depois de acabados os discursos, o rei, receando que não o julgassem sobremaneira satisfeito de tanta coisa agradável que lhe disseram, respondeu em tom muito nobre, e sem a menor alusão ao que se tinha dito, que recebia com especial agrado as congratulações da cidade de Paris e dos seus eleitores.

Em seguida mandou continuar a andar.

Contudo, antes de se pôr a caminho, despediu os seus guardas, a fim de corresponder com uma inteira confiança à quase civilidade com que a municipalidade acabava de o tratar por intermédio dos eleitores e do Sr. Bailly.

Então a carruagem, tendo ficado só no centro da massa enorme de guardas nacionais e de curiosos, começou a andar mais rapidamente.

Gilberto e o seu companheiro Billot, conservavam-se sempre à portinhola da direita.

No momento em que o coche atravessava a praça de Luís XV, ouviu-se um tiro de espingarda da parte de além do Sena, e uma nuvem de fumo branco subiu para o céu azulado, onde em breve desapareceu.

Gilberto tinha sentido um estremecimento violento, como se o tiro houvesse nele feito eco. Faltou-lhe a respiração durante um segundo, e levou a mão ao peito, aonde acabava de experimentar uma dor.

Ao mesmo tempo ressoou um grito de aflição ao pé da carruagem real; tinha caído, ferida por uma bala abaixo do ombro direito, uma mulher.

A mesma bala tinha dado de raspão num dos botões da casaca de Gilberto, que eram de aço brunido, grandes e talhados em facetas, segundo a moda daquele tempo.

O botão tinha servido de couraça repelindo a bala; dali provinha a dor e estremecimento que Gilberto havia sentido.

Uma parte do seu colete preto e da tira da camisa tinha sido levada pela bala, a qual, assim repelida pelo botão de Gilberto, acabava de matar a desgraçada mulher, que imediatamente foi dali levada moribunda e ensangüentada.

O rei tinha ouvido o tiro, mas não tinha visto nada do que se passara.

Debruçou-se risonho para Gilberto.

- Estão gastando pólvora além, para me festejar – disse ele.

- É verdade, real senhor - respondeu Gilberto.

Entretanto, julgou mais acertado não dizer a Sua Majestade qual era o seu parecer acerca da ovação que lhe faziam.

Porém, no seu íntimo, não pôde deixar de confessar que a rainha tinha tido alguma razão nos seus receios, pois que se não fora ele, cujo vulto tapava hermeticamente a portinhola, aquela bala, que havia ressaltado no seu botão de aço, iria certamente direitinha ao rei.

Qual seria a mão que havia disparado aquele tiro tão bem dirigido?

Ninguém quis sabê-lo então; de forma que nunca se há-de saber.

Billot, descorado em conseqüência do que acabava de ver e com os olhos continuamente pregados no rasgão da casaca, do colete e da tira de Gilberto, obrigou Pitou a amiudar os seus gritos de “Viva o *Pai dos Franceses!*”

O acontecimento principal daquele dia era tão grande, que este episódio em breve esqueceu.

Afinal, chegou Luís XVI em frente da municipalidade depois de haver sido saudado no Pont-Neuf por uma salva de peças de artilharia.

Sobre a fachada da casa da municipalidade havia uma inscrição de enormes letras, que eram pretas de dia, mas que apenas anoitecesse, deviam ser iluminadas e brilhar em transparente. A inscrição era devida às engenhosas lucubrações da municipalidade.

Eis o que se lia na inscrição:

“A Luís XVI, pai dos Franceses e rei de um povo livre”.

Era uma antítese muito mais importante do que a do discurso de Bailly, e que provocava gritos de admiração de todos os Parisienses reunidos no largo.

A inscrição deu na vista de Billot. Porém, como não sabia ler, pediu a Pitou que lha lesse.

Billot fê-lo repetir, como se não tivesse ouvido da primeira vez.

Depois, quando Pitou acabou de repetir a frase sem lhe mudar uma única palavra, exclamou:

- É isso que está escrito? É exactamente isso que dizes?

- Sem dúvida - respondeu Pitou.

- A municipalidade mandou ali escrever que Sua Majestade é rei de um povo livre?

- Mandou, sim, tio Billot.

- Pois então - exclamou Billot - se a nação é livre, tem direito de oferecer o seu laço ao rei.

E dando um pulo, correu ao encontro de Luís XVI, que se estava apeando do coche em frente da escadaria do palácio municipal.

- Real senhor - disse ele - viu que o Henrique IV de bronze, que está no Pont-Neuf, tem na cabeça o laço nacional?

- E então? - disse o rei.

- Então, real senhor, se Henrique IV usa o laço tricolor, também vós o podeis usar.

- Decerto - disse Luís XVI bastante enleado - se tivesse aqui um à mão...

- Pois bem! - disse Billot levantando a voz e erguendo a mão - em nome do povo, ofereço-vos este para ser substituído pelo vosso; aceitai-o.

Bailly interpôs-se.

O rei estava bastante pálido. Ia começando a sentir a progressiva decadência. Olhou para Bailly, como para o interrogar.

- Real senhor - respondeu este inclinando-se mui respeitosamente - é o sinal distintivo adoptado por todos os Franceses.

- Nesse caso, aceito - disse o rei recebendo o laço das mãos de Billot.

E tirando o laço branco, colocou no chapéu o laço tricolor.

Uma imensa e calorosa aclamação de triunfo ressoou pela praça.

Gilberto voltou a cara para a banda, profundamente escandalizado.

Achava que o povo exigia demasiado, e que o rei não resistia suficientemente.

- Viva o rei! - gritou Billot, dando assim o sinal para uma segunda salva de aplausos.

- O rei morreu - murmurou Gilberto. - Já não há rei em França.

Uma abóbada de aço, formada por um milheiro de espadas estendidas, começava no sítio onde o rei se havia apeado da carruagem e chegava até à sala onde era esperado.

O rei passou por baixo da abóbada e desapareceu nas profundidades do palácio da municipalidade.

- Aquilo não é um arco de triunfo - disse Gilberto - são as *Forcas Caudinas*.

E dando em seguida um suspiro, exclamou:

- Ah! Que dirá a rainha!

XXXVIII

O que se passava em Versalhes enquanto o rei ouvia os discursos da municipalidade

No interior da casa da municipalidade encontrou o rei um acolhimento muito lisonjeiro; chamaram-lhe Restaurador da Liberdade.

Tendo sido convidado a falar, porque a série de discursos ia-se tornando de dia para dia mais intensa, e o rei queria saber o fundo do pensamento de cada um, pôs a mão sobre o coração e disse unicamente:

- Senhores, podeis contar sempre com o meu acrisolado amor.

Enquanto ele ouvia na casa da câmara as comunicações do governo, pois a datar daquele dia houve em França um verdadeiro governo constituído ao lado do trono e da Assembléa Nacional, o povo, fora, familiarizava-se com os lindos cavalos do rei, com a carruagem dourada, e com os lacaios e cocheiros de Sua Majestade.

Pitou, desde a entrada do rei para a municipalidade, tinha-se divertido, graças a um *luís de ouro* que lhe dera o tio Billot, a fazer, com uma imensidade de fitas azuis, brancas e vermelhas, uma colecção de laços nacionais de todos os tamanhos, com os quais enfeitava as orelhas dos cavalos, os arreios e o trem.

O público, vendo isto, e querendo imitá-lo, tinha transformado literalmente o coche de Sua Majestade num armazém de laços.

Os cocheiros e os criados da tábua haviam sido profusamente adornados de fitas.

Além disso, umas poucas de dúzias de laços sobresselentes tinham sido encaixados no interior da carruagem.

Devemos dizer, em abono da verdade, que o Sr. de Lafayette, que tinha ficado a cavalo no meio da praça, tentara repelir tão zelosos propagadores das cores nacionais, mas não o havia conseguido.

- Oh! Oh! - disse o rei, quando saiu e reparou naquela profusão de cores.

E acenou com a mão ao Sr. de Lafayette, como para lhe dizer que se aproximasse.

O Sr. de Lafayette aproximou-se, abaixando respeitosamente a espada.

- Sr. de Lafayette - disse o rei. - Chamei-o para lhe dizer que hei por bem confirmá-lo no comando das guardas nacionais.

E tornou a subir para a carruagem no meio de uma aclamação universal.

Quanto a Gilberto, esse, não tendo já que recear pelo rei, tinha ficado na sala das sessões com os eleitores e Bailly.

As observações ainda não estavam acabadas.

Todavia, quando ouviu a imensa gritaria que saudava o rei à sua partida, chegou à janela e relanceou os olhos pela praça para vigiar o comportamento dos seus dois camponeses.

Ainda eram, ou pelo menos pareciam ser, os melhores amigos do rei.

De repente viu Gilberto que, do cais Pelletier, desembocava a toda a pressa um cavaleiro

coberto de pó, fazendo abrir caminho à multidão, que então ainda era respeitosa e dócil.

O povo, que naquele dia estava na maré de se mostrar bondoso e afável, sorria-se repetindo:

- Um oficial do rei! Um oficial do rei!

Em seguida, numerosos gritos de “viva o rei!” saudaram o oficial, e as mãos das mulheres acariciavam-lhe o cavalo, branco de espuma.

O oficial abriu caminho até à carruagem e chega à portinhola no momento em que o estribeiro acabava de a fechar depois de entrar o rei.

- Olá! É o Sr. de Charny - disse Luís XVI.

E logo, em voz baixa:

- Como está a rainha?

- Com muito cuidado, meu senhor - respondeu o oficial, metendo a cabeça quase toda ao coche real.

- Regressa a Versalhes?

- Sim, meu senhor.

- Pois então, tranqüilize os nossos amigos; passou-se tudo muito bem.

Charny cortejou o rei, ergueu a cabeça e deu com os olhos no Sr. de Lafayette, o qual lhe acenou amigavelmente.

Charny dirigiu-se para ele e Lafayette estendeu-lhe a mão, dando isto lugar a que o oficial do rei e o cavalo fossem quase levados em braços pela multidão, do sítio onde se achavam até ao cais, onde, graças à vigilância da guarda nacional, já se iam formando ralas no trânsito de Sua Majestade.

O rei ordenou que a carruagem continuasse a andar a passo até à praça de Luís XVI, onde encontraram os guardas, que estavam esperando com bastante impaciência o seu regresso, e daquele momento em diante, tendo-se comunicado a todos a mesma impaciência, os cavalos tomaram um andamento, que foi aumentando em rapidez à medida que se aproximavam da estrada de Versalhes.

Gilberto, da varanda da municipalidade, tinha percebido a que vinha aquele cavaleiro, se bem que não o conheceu. Imaginava a aflição em que devia estar a rainha, por isso que já haviam decorrido três horas, e não tinha sido possível expedir correio algum para Versalhes no meio daquela chusma de gente, sem excitar qualquer desconfiança ou dar a conhecer uma fraqueza.

Contudo, o que ele adivinhara era uma parte insignificante do que se tinha passado em Versalhes.

Tornaremos a conduzir para lá o leitor, visto que não queremos constrangê-lo a seguir um extenso curso de história.

A rainha recebera às três horas o último correio do rei.

Gilberto tinha tido ocasião de o expedir no momento em que o rei, depois de ter passado por baixo da abóbada de aço, entrava são e salvo no palácio da municipalidade.

Junto da rainha estava a condessa de Charny, que se tinha levantado havia pouco da cama, onde um grave incómodo a detivera desde a véspera.

Estava ainda muito pálida, mal podia abrir os olhos, porque as pálpebras cerravam-se-lhe por si mesmas, como obedecendo ao peso de um desgosto ou de um grande pejo.

A rainha, ao avistá-la, sorriu-se para ela; porém, era um daqueles sorrisos habituais, que parecem ter sido estereotipados nos lábios dos príncipes e dos reis para com os seus familiares.

E depois, como ainda estava exaltada pela alegria que lhe causara a notícia de que nada sucedera a Luís XVI, disse para as pessoas que a cercavam:

- Mais outra boa nova. Oh! Possa o dia todo passar-se assim

- Oh! Minha senhora - disse um cortesão – Vossa Majestade assustou-se sem motivo; os Parisienses sabem muito bem qual é a responsabilidade que sobre eles pesa.

- Porém, minha senhora - disse outro cortesão menos crédulo - Vossa Majestade está bem certa da autenticidade das notícias?

- Oh! Isso estou! - repetiu a rainha; - a pessoa que mas enviou afiançou-me pela sua cabeça que nada sucederia ao rei; demais, creio que é nosso amigo.

- Então, se é um amigo - respondeu o cortesão inclinando-se - já o caso muda de figura.

A Sr^a. de Lamballe estava a alguma distância e aproximou-se.

- É - disse ela, interrogando Maria Antonieta - o novo médico do rei, não é verdade?

- Gilberto; sim - respondeu estouvadamente a rainha sem se lembrar que descarregava um golpe terrível em alguém que estava a seu lado.

- Gilberto! - exclamou Andréia, estremecendo como se uma víbora a houvesse mordido no coração. Gilberto, amigo de Vossa Majestade!

Andréia, com os olhos incendidos, as mãos cerradas de cólera e de pejo, acusava altivamente a rainha pelo seu olhar e atitude.

- Mas... Entretanto... - disse a rainha significando bastante hesitação.

- Oh! Minha senhora, minha senhora! - murmurou Andréia em tom de amarga queixa.

Reinou um silêncio mortal em seguida àquele incidente misterioso.

No meio do silêncio ouviram-se passos no sobrado da sala contígua.

- É o Sr. de Charny! - disse a rainha a meia voz, como para advertir Andréia que sossegasse.

Charny ouvira e vira tudo, mas nada pudera perceber.

Notou a palidez de Andréia e o enleio de Maria Antonieta.

Não lhe competia dirigir pergunta alguma à rainha; mas Andréia era sua mulher, tinha direito de interrogá-la.

Chegou-se a ela, e com o tom do mais amigável interesse, perguntou:

- Que tem, minha senhora?

Andréia fez um esforço sobre si e respondeu:

- Nada, Sr. conde.

Charny voltou-se então para a rainha, a qual, apesar do hábito que tinha das situações equívocas, dera por algumas dez vezes princípio a um sorriso, que não pudera levar ao fim.

- Pareceu-me que duvidava da dedicação do Dr. Gilberto - disse ele para Andréia; - tem algum motivo para desconfiar da fidelidade dele?

Andréia ficou calada.

- Diga, diga - insistiu Charny.

Depois, continuando Andréia a conservar-se silenciosa, acrescentou:

- Oh! Fale! Essa delicadeza seria repreensível neste momento; lembre-se que se trata da segurança dos nossos soberanos.

- Não sei, senhor, a razão por que diz semelhante coisa - respondeu Andréia.

- Disse... Bem ouvi... Chamo para testemunha a Sr^a. princesa... - E Charny cortejou a Sr^a. de Lamballe. - Disse muito admirada: "Oh! Esse homem! Amigo de Vossa Majestade!"

- É verdade, foi isso mesmo o que disse, minha rica - respondeu a princesa de Lamballe, com a sua costumada ingenuidade.

E chegando-se também para Andréia, acrescentou:

- Sim, é certo que sabe alguma coisa. O Sr. de Charny tem razão.

- Por piedade, minha senhora, por piedade - disse Andréia em voz tão sumida, que só a princesa pôde ouvi-la.

A princesa afastou-se.

- O caso é muito simples - disse a rainha, entendendo que seria falta de lealdade demorar por mais tempo a sua intervenção; - a Sr^a. condessa exprimia um receio, um pouco vago sem dúvida; dizia que lhe custava a persuadir-se de que um revolucionário da América, um amigo de Lafayette, pudesse também ser nosso amigo.

- Sim, vago... - repetiu maquinalmente Andréia - muito vago.

- Era um receio semelhante ao que exprimiam estes senhores aqui presentes antes de ter falado a condessa - prosseguiu Maria Antonieta.

E indicou com os olhos os cortesãos, cujas dúvidas tinham dado origem àquela questão. Isso, porém, não bastava para convencer Charny. O enleio que notara à sua entrada fazia-lhe supor que lhe encobriam algum mistério.

Insistiu, portanto, dizendo:

- Não importa, parece-me que é dever seu não se limitar a exprimir um receio vago, e antes pelo contrário, apontar factos positivos.

- Pois quê! - disse a rainha com bastante desabrimento - ainda não se dá a questão por acabada, senhor?

- Minha senhora!...

- Não tem que dizer, bem vejo que persiste em interrogar a Sr.^a condessa de Charny.

- Desculpe-me, minha senhora - disse Charny - é pelo interesse...

- Do seu amor próprio, não é verdade? Ah! Sr. de Charny - acrescentou a rainha com uma ironia, cujo peso o conde sentiu - fale com franqueza: tem ciúmes?

- Ciúmes! - exclamou Charny corando - ciúmes de quem? Peço a Vossa Majestade que mo diga.

- De sua mulher provavelmente - redargüiu a rainha com aspereza.

- Minha senhora... - balbuciou Charny, assombrado por uma tal provocação.

- É muito natural - replicou secamente Maria Antonieta - a condessa é tão formosa, que isso não deve causar admiração.

Charny deitou à rainha um olhar destinado a adverti-la de que se ia adiantando muito.

Mas era trabalho baldado e cautela supérflua. Quando a dor imprimia a sua mordedura ardente naquela leoa ferida, nada era capaz de deter a mulher.

- Sim, concebo facilmente que tenha ciúmes, Sr. de Charny, ciúmes e cuidados; é o estado habitual de toda a alma que ama e que por consequência vive em desassossego.

- Minha senhora... - repetiu Charny.

- Eu - prosseguiu a rainha - também estou experimentando neste momento o mesmo sentimento que o senhor; estou com ciúmes e cuidado ao mesmo tempo - e acentuou a palavra ciúmes. - O rei está em Paris e longe dele parece-me que não vivo.

- Porém, minha senhora - disse Charny que não percebia o que teria dado causa àquela tempestade, que a cada instante se carregava mais de raios e coriscos - recebeu agora mesmo notícias do rei; as notícias eram boas, e por conseguinte creio que a deviam tranqüilizar.

- E o senhor, ficou porventura mais tranqüilo quando a condessa e eu lhe respondemos ainda há pouco?

Charny mordeu os beiços.

Andréia começava a erguer a cabeça, admirada do que ouvia, e assustada do que julgava perceber.

Assim como todos se tinham calado havia um instante, quando Charny lhe dirigira a primeira pergunta, também agora se calavam para deixar falar a rainha.

- Com efeito - prosseguiu esta com uma espécie de furor - é sina das pessoas que amam não se lembrarem senão do objecto da sua afeição; a essa agradável lembrança sacrificam os pobres corações desapiadadamente todos os sentimentos que neles se agitam. Oh! Meu Deus! Com que cuidado estou no rei!

- Minha senhora - atreveu-se a dizer um dos circunstantes - não tardará que cheguem mais correios.

- Oh! Por que não estou em Paris em lugar de estar aqui? Por que não estou ao pé do rei? - disse Maria Antonieta, a qual tinha notado a perturbação de Charny desde que procurava excitar nele os mesmos ciúmes que ela estava sentindo com tamanha violência.

Charny inclinou-se.

- Se é do seu real agrado, minha senhora - disse ele - para lá vou já, e se, como Vossa Majestade receia, houver algum perigo para o rei, se tão preciosa cabeça for ameaçada, acredite, minha senhora, que não será por falta de ter exposto a minha. Vou partir sem demora.

Cortejou, com efeito, e deu um passo para sair.

- Senhor, senhor! - exclamou Andréia correndo para Charny - poupe-se!

A explosão dos temores de Andréia, era a única coisa que faltava àquela cena.

E por isso, apenas Andréia assim arrebatada involuntariamente à sua natural frieza, acabou por proferir estas palavras imprudentes e de patentear tão desusada solicitude, a rainha tornou-se horrivelmente pálida.

- Ah! Senhora - disse ela para Andréia - como é que se atreve a usurpar aqui o papel de rainha?

- Eu, minha senhora?... - balbuciou Andréia, percebendo que acabava, pela primeira vez, de deixar escapar de seus lábios o fogo que desde tanto tempo lhe devorava a alma.

- Pois quê! - prosseguiu Maria Antonieta – seu marido é criado do rei, vai ter com ele; se tem de arrostar algum perigo, é por causa do rei, e quando se trata do serviço real, recomenda ao Sr. de Charny que se poupe!

Andréia, mal ouviu estas palavras fulminantes, perdeu os sentidos, cambaleou, e teria caído no chão, se Charny, correndo para ela, não a houvesse amparado nos braços.

Um movimento de indignação, que Charny não pôde reprimir, acabou por desesperar Maria Antonieta, a qual, julgando ver apenas uma rival ofendida, procedera como soberana injusta.

- A rainha tem razão - disse afinal Charny com esforço - a sua expansão, Sr^a. condessa, foi mal calculada; não tem marido, quando se trata do serviço do rei. E seria eu o primeiro a ordenar-lhe que poupasse a sua sensibilidade, se visse que se dignava ter algum receio por minha causa.

Depois, voltando-se para Maria Antonieta, disse com a maior frieza:

- Estou às ordens da rainha, e vou partir. Sou eu, minha senhora, quem hei-de trazer a Vossa Majestade notícias do rei, e hão-de ser boas, ou não voltarei.

Logo que acabou de proferir estas palavras, inclinou-se quase até ao chão e saiu, sem que a rainha, pasmada de terror e de cólera, ao mesmo tempo, se lembrasse de o reter.

Passado um instante, ouviu-se retinir nas pedras do pátio as ferraduras de um cavalo, que partia a galope.

A rainha permaneceu imóvel, porém entregue a uma agitação interna, que era tanto mais terrível quanto eram grandes os esforços que fazia para a ocultar.

Os circunstantes, percebendo, ou não percebendo, a causa daquela agitação, respeitaram pelo menos, retirando-se, o descanso da soberana.

Deixaram-na sozinha.

Andréia saiu do aposento com os demais, deixando Maria Antonieta entregue aos afagos dos dois filhos, que mandara buscar e que acabavam de trazer-lhe.

XXXIX

O regresso

Tinha chegado a noite, trazendo consigo a sua comitiva de temores e de visões sinistras, quando de repente ressoaram gritos na extremidade do palácio.

A rainha estremeceu e levantou-se. Estava próxima de uma janela e abriu-a.

Quase no mesmo instante, entraram precipitadamente os camaristas arrebatados de alegria no aposento de Maria Antonieta, gritando:

- Um correio, minha senhora! Um correio!

Apenas teriam decorrido três minutos, entrava um hussardo a correr pelas antecâmaras.

Era um tenente enviado pelo Sr. de Charny. Chegava de Sèvres a toda a brida.

- E o rei? - perguntou a rainha.

- Sua Majestade estará aqui dentro de um quarto de hora - replicou o oficial mal podendo falar.

- São e salvo? - disse a rainha.

- São, salvo e risonho, minha senhora.

- Viu-o, não é assim?

- Não, minha senhora, mas foi o Sr. de Charny quem mo disse ao enviar-me para aqui.

A rainha estremeceu novamente ao ouvir aquele nome, que o acaso ligava ao nome do rei.

- Obrigada, senhor; vá descansar - disse ela para o jovem fidalgo.

O mancebo cortejou e saiu.

Ela, pegando nos dois filhos pela mão, dirigiu-se para o peristilo da entrada principal, onde já estavam agrupados os criados e os cortesãos.

A vista penetrante da rainha divisou logo, no primeiro degrau, uma senhora vestida de branco, encostada à balaustrada de pedra e sondando a escuridão com olhar ansioso.

Era Andréia, que nem a presença da rainha pôde distrair da preocupação em que estava.

Bem evidente era que ela, sempre tão apressada em vir para o lado da rainha, ou não vira a sua ama, ou não lhe fazia conta vê-la.

Estava, portanto, escandalizada da vivacidade de Maria Antonieta, vivacidade bem cruel, que tanto a fizera padecer durante o dia.

Ou então, movida por um sentimento de poderoso interesse, espreitava a volta de Charny, a quem dera tantas demonstrações de afectuoso receio.

Foram duas punhaladas, que tornaram a rasgar no coração da rainha uma ferida, que ainda vertia sangue.

Isto fez com que ela ouvisse com distracção os parabéns que lhe davam e a alegria que manifestavam as outras damas e os cortesãos.

Chegou a esquecer por um instante o violento pesar que dela se apoderara durante toda a tarde. Dava tréguas à inquietação que em seu coração excitara a jornada do rei, a quem tantos inimigos ameaçavam.

Revestindo-se, porém, de força de ânimo, desterrou a rainha para longe de si tudo que não dissesse respeito ao legítimo afecto do seu coração. Depôs aos pés de Deus os seus ciúmes, e sacrificou a cólera e as lágrimas íntimas à santidade do juramento conjugal.

Foi Deus, sem dúvida, quem lhe enviou, para seu descanso e apoio, aquela faculdade salutar de amar o rei seu esposo de preferência a qualquer outra coisa.

Naquele momento, pelo menos, sentiu ou julgou sentir, que o orgulho da realeza elevava a rainha acima de todas as paixões terrestres, e que o amor ao rei era o seu único egoísmo.

Tinha, portanto, conseguido lançar para longe de si as vinganças triviais da mulher, bem como os frívolos requebros da amante, quando apareceram os archotes ao fundo da avenida. Os lumes aumentavam a cada segundo, pela rapidez da corrida, quase vertiginosa.

Ouviam-se os relinchos e o resfolegar dos cavalos. O terreno tremia, no meio do silêncio da noite, debaixo do peso cadenciado dos esquadrões à desfilada.

Abriam as grades, os guardas correram às armas à entrada do rei, com mil gritos de entusiasmo. A carruagem entrou com estrondo no pátio principal.

A rainha, deslumbrada, arrebatada, fascinada, ébria ainda dos dissabores que sofrera, e dos sentimentos que de novo a agitavam, correu pelos degraus abaixo ao encontro do rei.

Luís XVI, tendo-se apeado do coche, vinha subindo a escada com quanta pressa podia, no meio dos seus oficiais, ainda comovidos pelos acontecimentos do dia e pelo triunfo que se alcançara, ao passo que no pátio os guardas, confundidos sem cerimónia com os moços de estribeira e os criados das cavaliarias, arrancavam das carruagens e dos arreios todos os laços com que o entusiasmo dos Parisienses os havia enfeitado.

O rei e a rainha encontraram-se no patamar de mármore. A rainha, soltando um grito de alegria e de amor, abraçou repetidas vezes o marido.

Soluçava, como se o encontrasse depois de ter julgado que nunca mais tornaria a vê-lo.

Estava tão entregue àquele movimento de um coração que transbordava de

contentamento, que não viu o silencioso aperto de mão que Charny e Andréia tinham trocado a furto.

O aperto de mão pouco importava, mas Andréia era a primeira pessoa que estava ao subir da escada; era ela, por conseguinte, a primeira que Charny vira e em quem tocara.

A rainha, depois de ter apresentado os filhos ao rei, fez com que ele os abraçasse, e então o delfim, vendo no chapéu do pai o novo laço, sobre o qual os archotes deitavam um reflexo cor de sangue, exclamou na sua admiração infantil:

- Olhe, papá! Já viu o que tem no seu laço? Parece sangue!

Era o vermelho das cores nacionais.

A rainha deu um grito e olhou também.

O rei estava com a cabeça baixa, como para abraçar a filha, mas, na realidade, era apenas para que não o vissem corar.

Maria Antonieta arrancou o laço com gesto de profunda aversão, sem reparar que acabava de ferir mortalmente toda uma nação, que um dia saberia vingar-se.

- Deite isso fora, senhor - disse ela desabridamente - deite isso fora!

E atirou pelos degraus da escada o laço, sobre o qual passaram os pés de toda a comitiva, que ia acompanhando o rei até aos seus aposentos.

Tão estranha transição extinguiu na rainha o entusiasmo conjugal. Procurou com os olhos o Sr. de Charny, que se conservava no seu lugar com a submissão de um soldado.

- Agradeço-lhe, senhor - disse ela, apenas se encontraram as suas vistas, depois de alguns segundos de hesitação da parte do conde; - agradeço-lhe, desempenhou muito bem a sua promessa.

- Com quem está falando? - perguntou o rei.

- Com o senhor de Charny - respondeu ela abertamente.

- É verdade, o pobre Charny! Bem lhe custou a chegar ao pé de mim. E... Gilberto, não o vejo por aqui? - acrescentou Luís XVI.

A rainha, tornada mais prudente desde a lição que recebera de tarde, disse mudando de conversa:

- Venha cear, senhor. Sr. de Charny - prosseguiu ela - procure a Sr.^a condessa de Charny; que venha consigo também. Cearemos *em família*.

Então mostrou-se rainha. Mas suspirou por ver que Charny, de triste que estava, se tornara alegre.

XL

Foulon

Billot não cabia em si de contente.

Tomara a Bastilha, restituíra Gilberto à liberdade e fora distinguido por Lafayette que o chamava pelo seu nome.

Finalmente, vira o enterro de Foulon.

Poucos homens eram tão detestados naquela época como Foulon; o único que neste sentido era capaz de entrar em concorrência com ele, era o genro, o Sr. Berthier de Savigny.

No dia imediato ao da tomada da Bastilha, ambos tinham escapado à sanha popular; Foulon morrera, Berthier fugira.

Uma circunstância sobretudo contribuíra poderosamente para a nenhuma popularidade de que gozava Foulon, era ter ele, por ocasião de se retirar o Sr. de Necker, aceitado o lugar do *virtuoso genebrês*, como lhe chamavam então, e ter sido durante três dias ministro da fazenda.

E por isso também muito se havia dançado e cantado por ocasião do seu enterro.

Verdade seja que tinha havido quem se lembrasse de tirar o cadáver do caixão e de enforcá-lo; porém Billot, trepando a um colunelo, fizera um discurso sobre o respeito devido aos

mortos, e o coche mortuário prosseguira no seu caminho, sem que lhe fosse feito o menor desacato.

Quanto a Pitou, esse passara a ser um herói.

Pitou era amigo dos srs. Elias e Hulin, que se dignavam encarregá-lo de lhes fazer os recados.

Era de mais a mais o confidente de Billot, que fora distinguido por Lafayette, como já dissemos, que não raro o incumbia de lhe abrir caminho com os seus alentados ombros e pulsos de Hércules.

Desde a jornada do rei a Paris, Gilberto, tendo-se relacionado, por intervenção do Sr. de Necker, com os membros principais da Assembléia Nacional e da municipalidade, trabalhava com afínco para educar aquela revolução ainda no berço, e não se permitia uma hora de descanso.

Tinha, por conseguinte, abandonado Billot e Pitou, os quais, vendo-se por ele esquecidos, freqüentavam assiduamente as reuniões populares, onde se discutiam questões da mais transcendente política.

Finalmente, um dia que Billot, depois de gastas três horas para dar o seu parecer aos eleitores relativamente ao abastecimento de Paris, e cansado da oração, mas satisfeitíssimo no seu íntimo por ter feito de orador, repousava deliciosamente ao som monótono dos discursos dos seus sucessores, a que não prestava a menor atenção, Pitou entrou, todo espavorido, introduziu-se como uma espiga na sala das sessões do município, e num tom de voz, cuja comoção formava contraste com a habitual placidez da sua fala, disse:

- Oh! Sr. Billot! Meu rico Sr. Billot!

- Então, que temos?

- Grande notícia!

- Alguma boa nova?

- Uma notícia gloriosa.

- Que é então?

- Sabe muito bem que eu tinha ido para o Clube das Virtudes, junto à barreira de Fontainebleau?

- Sim; e depois?

- Estavam lá dizendo uma coisa muito extraordinária.

- Que era?

- Saiba que o malvado do Foulon deu-se por morto, e até fingiu que se deixava enterrar.

- Como! Deu-se por morto? Pois quê! Fingiu que se deixava enterrar? Digo-te que morreu de veras, vi-lhe o enterro.

- Pois, Sr. Billot, o homem está vivo.

- Vivo!

- Vivo, sim, tão vivo como o senhor e eu.

- Estás doido!

- Meu rico Sr. Billot, não estou doido. O traidor Foulon, o inimigo do povo, a sanguessuga da França, o monopolista, não está morto.

- Mas se eu te digo que o enterraram depois de um ataque de apoplexia, se te repito que vi passar o enterro, e que até obstei a que o tirassem do caixão para o enforcar!

- Pois acabo agora mesmo de o ver vivo!

- Tu?

- Como o estou vendo, Sr. Billot. Diz-se que foi um criado que morreu, e o malvado mandou-lhe fazer o enterro de aristocrata. Oh! Já se descobriu tudo; foi por medo da vingança do povo, que ele procedeu assim.

- Conta-me isso, Pitou.

- Venha um instante para o vestíbulo, Sr. Billot, que lá estaremos mais à vontade.

Sáíram da sala e encaminharam-se para o vestíbulo.

- Em primeiro lugar - disse Pitou - preciso saber se está por cá o Sr. Bailly.

- Está, sim; vai dizendo.

- Bom. Eu estava no Clube das Virtudes, ouvindo o discurso de um patriota. E que de erros de gramática francesa que o tal patusco cometia! Bem se via que não tinha sido educado pelo abade Fortier.

- Vamos adiante - replicou Billot - sabes muito bem que se pode ser bom patriota sem saber ler nem escrever.

- É verdade - disse Pitou, e continuou:

- De repente entra um homem esbaforido, exclamando:

“Vitória! Vitória! Foulon não morreu, Foulon ainda está vivo: descobri-o eu, achei-o!”

- Estavam todos como o senhor, não queriam acreditar. Uns diziam: “O quê! Foulon?” – “Sim.” Outros diziam: “Isso é patranha!” – “Pois sim, digam embora que é patranha!” Finalmente havia outros que diziam também: “Pois bem! Já que estavas com as mãos na massa, podias ter aproveitado a ocasião para descobrir também Berthier, o genro dele”.

- Berthier! - exclamou Billot.

- Sim, Berthier de Savigny. Não está lembrado do nosso intendente de Compiègne, o amigo do Sr. Isidoro de Charny?

- Não há dúvida, um sujeito que tratava sempre a todos com modos desabridos, e que só era civil para com a Catarina.

- Exactamente - disse Pitou - um desavergonhado de um arrematante de impostos, a segunda sanguessuga do povo francês, a execração do género humano, a vergonha do mundo civilizado, como diz o virtuoso Loustalot.

- Então? Então? - perguntou Billot.

- É verdade - respondeu Pitou - *ad adventum festina* - isto, meu rico Sr. Billot, quer dizer: Apressa-te em contares o fim. Prossigo pois; o homem entra no Clube das Virtudes todo esbaforido, gritando: achei Foulon, achei-o!

Soltaram todos um grande grito.

- Enganava-se! - disse o cabeçudo Billot.

- Afianço-lhe que não se enganava; eu vi-o.

- Viste-lo?

- Com estes dois olhos que a terra há-de comer. Espere que eu conclua.

- Esperarei, mas estás-me fazendo arder de impaciência.

- Pois fique sabendo que eu também estou com bastante calma... Digo-lhe, pois, que ele se tinha fingido morto, e tinha mandado enterrar em seu lugar um criado. Felizmente, que a Providência estava com os olhos bem abertos.

- A Providência!... Estás brincando! - exclamou com desprezo o voltaireano Billot.

- Queria dizer a nação - replicou humildemente Pitou. - O bom cidadão, o patriota esbaforido, que trazia a notícia, tinha-o visto e conhecido em Viry, onde se conservava escondido.

- Ah! Ah!

- Apenas conheceu que era ele, denunciou-o, e um síndico, chamado o Sr. Rappe, mandou-o prender imediatamente.

- E como se chama o honrado patriota que teve ânimo de praticar semelhante acção?

- De denunciar Foulon?

- Sim.

- Chama-se o Sr. Saint-Jean.

- Saint-Jean! É um nome de lacaio!

- Tal qual; era o lacaio do malvado Foulon. Foi bem feito, meu aristocrata! Para que tinhas tu lacaios?

- Pitou, vai-me interessando a tua narração – disse Billot chegando-se mais para o seu interlocutor.

- Obrigado ao seu favor, Sr. Billot. Assim, pois, foi denunciado e preso o Foulon, e conduzem-no para Paris; o denunciante vinha correndo adiante para trazer a notícia e receber o prémio da denúncia, de forma que, logo atrás dele, chegou Foulon à barreira.

- E foi ali que o viste?

- Sim, senhor, e assevero-lhe que vinha fazendo uma cara muito feia; tinham-lhe posto um colar de ortigas em guisa de gravata.

- Que dizes! Ortigas, para quê?

- Porque se conta que o malvado dissera, numa ocasião, que o pão era para os homens, o feno para os cavalos, e que para o povo bastavam as ortigas.

- Pois o miserável disse isso?

- Disse-o, sim, com mil demónios!

- Bem, aí estás tu praguejando, agora.

- Ora adeus! - disse Pitou em tom desembaraçado - são coisas em que não devem reparar militares como nós! Finalmente, vinha a pé, e durante todo o trânsito não descansavam de lhe bater nas costas e na cabeça.

- Ah! Ah! - disse Billot menos entusiasmado.

- Era muito divertido - continuou Pitou; - contudo nem todos lhe podiam chegar, porque vinham para cima de dez mil pessoas a berrar atrás dele.

- E depois? - perguntou Billot, que já ia começando a reflectir.

- Depois levaram-no a casa do presidente do distrito de Saint-Marcel, que é dos bons, como sabe.

- Sim, o Sr. Acloque.

- Acloque! É isso mesmo; esse mandou que o levassem para a casa da câmara, pois não sabia que destino lhe havia de dar, de forma que não tardará que o veja.

- Mas por que motivo és tu quem vem trazer a notícia, e não o famigerado Saint-Jean?

- É porque as minhas pernas têm mais seis polegadas de comprimento do que as dele. Saint-Jean tinha abalado primeiro do que eu, porém, alcancei-o e passei-lhe adiante. Queria avisá-lo para que avisasse também o Sr. Bailly.

- Sempre és muito feliz, Pitou!

- Ainda o hei-de ser mais amanhã.

- Como sabes tu isso?

- Porque o mesmo Saint-Jean, que denunciou o Foulon, ofereceu-se para fazer agarrar igualmente o Berthier, que fugiu.

- Visto isso, sabe onde ele pára?

- Sabe, sim; o estimável Sr. Saint-Jean era, pelos modos, um homem em que eles depositavam toda a confiança, e recebeu muito dinheiro do sogro e do genro, que queriam corrompê-lo.

- E aceitou-lhes o dinheiro?

- Está claro; o dinheiro de um aristocrata sempre se aceita; mas, diz ele: “Um bom patriota não deve atraiçoar a nação por dinheiro”.

- Sim - murmurou Billot - mas atraiçoa os amos. Sabes que mais, Pitou, está-me parecendo que o teu Saint-Jean é um grande canalha!

- Não digo que não, mas isso não faz ao caso: o Sr. Berthier há-de ser agarrado como foi o Sr. Foulon, e hão-de ser enforcados um defronte do outro. Que feias carantonhas não hão-de eles fazer quando olharem um para o outro, hem?

- E por que motivo hão-de ser enforcados? - perguntou Billot.

- Porque são uns malvados, que detesto.

- O Sr. Berthier, que esteve na nossa herdade, que por ocasião das suas digressões à Ilha-de-França vinha comer a nossa casa, e que mandou de Paris um par de brincos à Catarina! Oh! Não, não hão-de enforcá-lo!

- História! - disse Pitou com ferocidade; - era um aristocrata, um aliciador.

Billot olhou para Pitou com espanto. Este, ao encarar com ele, corou involuntariamente. De repente avistou o honrado lavrador o Sr. Bailly, que passava da sala para o seu gabinete, depois de ter assistido a uma deliberação; o lavrador correu para ele e comunicou-lhe a notícia.

Mas foi então Billot quem deu com um incrédulo.

- Foulon! Foulon! -exclamou o juiz do povo – isso é uma tolice!

- Olhe, Sr. Bailly - disse o lavrador - aqui está o Pitou que acaba de o ver.

- Vi-o, sim, Sr. juiz - disse Pitou levando a mão ao peito e inclinando-se.

E contou em seguida a Bailly o mesmo que acabara de contar a Billot.

O pobre Bailly tornou-se então extremamente pálido; avaliava toda a gravidade da catástrofe.

- E o Sr. Acloque manda-o para aqui? – perguntou ele admirado.

- Manda-o, sim, Sr. juiz.

- Mas, como o manda ele?

- Oh! Não lhe dê cuidado - disse Pitou, equivocando-se sobre a causa do receio de Bailly - vem muita gente de guarda ao preso; deixe estar que não hão-de tirá-lo à escolta pelo caminho.

- Praza a Deus que o tirassem - murmurou Bailly. Depois, voltando-se para Pitou, disse:

- Muita gente... Que quer dizer nisso, meu amigo?

- Quero dizer muito povo, pois que há-de ser?

- Muito povo?

- Mais de vinte mil homens, sem contar as mulheres - disse Pitou triunfantemente.

- Que desgraçado! - exclamou Bailly. - Senhores! Srs. eleitores!

E com voz estridente e desesperada, chamou para junto de si todos os assessores.

Apenas acabou de lhes contar o caso, não se ouviram senão exclamações e gritos de aflição.

Seguiu-se a isto um silêncio de terror, durante o qual um rumor confuso, longínquo e indefinível, começou a penetrar no palácio da municipalidade, à semelhança do zumbido que se sente nos ouvidos em crises cerebrais.

- Que é aquilo? - perguntou um eleitor.

- Que há-de ser? - respondeu outro - é a bulha da multidão.

Ouviu-se de repente o rodar rápido de uma carruagem na praça; vinham dentro dela dois homens armados, que fizeram apear um terceiro, muito pálido e bastante trémulo.

Atrás da carruagem, e guiados por Saint-Jean, mais esbaforido que nunca, vinham correndo uns rapazes de doze a dezoito anos, de rostos macilentos e olhos chamejantes.

- Gritavam: “Foulon! Foulon!” e corriam quase tanto como os cavalos.

Os dois homens armados traziam contudo uma dianteira de alguns passos, e por isso tiveram tempo de empurrar Foulon para dentro do palácio da municipalidade, cujas portas se fecharam na cara dos berradores que ficaram de fora.

- Aqui o têm - disseram os homens para os eleitores, que esperavam no cimo da escada. - Safa! Que trabalham nos deu!

- Senhores! Senhores! - exclamou Foulon todo trémulo - salvem-me!

- Ai! - respondeu Bailly com um suspiro - o senhor é um grande criminoso.

- Todavia, senhor - respondeu Foulon ainda mais perturbado - espero que há-de haver uma justiça que me defenda.

Neste momento cresceu o tumulto da parte de fora.

- Escondam-no depressa - exclamou Bailly para a gente que o cercava - ou senão...

E voltando-se para Foulon, disse:

- Atenda-me: a situação é tão grave, que me parece conveniente consultá-lo. Pode ser que ainda seja tempo; quer tentar fugir pela parte de trás do palácio da municipalidade?

- Oh! Não - gritou Foulon - podem conhecer-me, e serei assassinado!

- Quer antes conservar-se entre nós? Estes senhores e eu, havemos de fazer tudo quanto

humanamente for possível para o defender; não é assim, meus senhores?

- Assim o prometemos - protestaram todos os eleitores.

- Oh! Prefiro ficar com os senhores. Não me abandonem!

- Já lhe disse - respondeu Bailly com dignidade - que faremos quanto seja humanamente possível para o salvar.

Naquele instante um grande clamor ressoou na praça, espalhou-se pelos ares e penetrou no palácio pelas janelas, que estavam abertas.

- Ouviu? Ouviu? - murmurou Foulon enfiado.

Efectivamente, a multidão desembocava uivando, e surgia, medonha, de todas as ruas que vinham dar ao palácio da municipalidade, e especialmente do cais de Le Pelletier e da rua Vanherie.

Bailly chegou a uma janela.

Os punhais, as facas, os chuços, as fouces e as espingardas luziam ao sol. Em menos de dez minutos estava a praça atulhada de gente. Era toda a comitiva de Foulon, de que Pitou falara, e que tinha engrossado com todos os curiosos que, ouvindo um grande motim, corriam à praça de Grève, como a um centro comum.

Todas aquelas vozes, que decerto eram mais de dez mil, gritavam:

- Foulon! Foulon!

Viu-se então os cem precursores daqueles furiosos designarem a toda a chusma enraivecida a porta por onde Foulon entrara; a porta foi imediatamente ameaçada, e começaram a arrombá-la com pontapés, coronhadas e alavancas.

De repente, abriu-se de par em par.

A guarda da municipalidade apareceu, e avançou contra os agressores, os quais recuaram mal viram as baionetas, e deixaram, no primeiro susto, um grande espaço vazio diante da fachada.

A guarda tomou posição nos degraus da escadaria e conservou-se ali com firmeza.

Os oficiais, de mais a mais, em vez de ameaçarem, falavam afectuosamente à multidão, e procuravam acalmá-la com protestos.

Bailly estava com a cabeça completamente desorientada. Era a primeira vez que o pobre astrónomo se via de frente com a grande borrasca popular.

- Que havemos de fazer? - perguntou ele aos eleitores - que havemos de fazer?

- Julgá-lo! - exclamaram várias vozes.

- Não se julga ninguém quando o povo pretende intimidar os juizes - respondeu Bailly.

- Queira dizer-me - perguntou Billot - tem suficiente tropa para o defender?

- Não; temos apenas duzentos homens.

- Seria então necessário algum reforço?

- Oh! Se pudéssemos avisar o Sr. de Lafayette! - exclamou Bailly.

- Pois avise-o.

- Quem irá avisá-lo? Quem será capaz de atravessar as ondas daquela multidão?

- Eu! - replicou Billot.

E dispunha-se a sair.

Bailly deteve-o.

- Insensato! - disse ele - vê aquele oceano? Basta uma única das suas vagas para o afogar. Se deseja ir ter com o Sr. de Lafayette, saia pela parte de trás do palácio, e assim mesmo duvido muito que o consiga. Entretanto, meu caro senhor, vá.

- Bem! - respondeu simplesmente Billot.

E partiu com a velocidade de uma seta.

Entretanto o progressivo aumento dos rumores da multidão bem mostrava que os espíritos se iam encandecendo. Já não era o ódio, era raiva, já não ameaçavam, espumavam.

Os gritos de “Fora Foulon! Morra Foulon!” cruzavam-se como os projecteis mortais num bombardeamento; a chusma de povo ia crescendo, de momento a momento, e por que assim digamos, abafara os soldados no seu posto.

E já começavam a circular e a engrossar na multidão os gritos que autorizam as violências.

Os gritos já não ameaçavam Foulon unicamente; levantavam-se também contra os eleitores que o protegiam.

- Deixaram fugir o preso! - diziam uns.
- Entremos! Entremos! - gritavam outros.
- Deitemos fogo à municipalidade!
- Para a frente! Para a frente!

Bailly percebeu que já não havia senão um recurso, visto não chegar o Sr. de Lafayette.

Era que os próprios eleitores descessem, se misturassem com os grupos e procurassem converter os mais furiosos.

- Foulon! Foulon!

Tal era o grito incessante, o bramido não interrompido daquelas ondas furiosas.

Aprontavam-se para um assalto geral, as paredes decerto não poderiam resistir.

- Senhor - disse Bailly para Foulon - se não se mostra ao povo, aquela gente toda há-de pensar que o deixamos evadir; arrombarão a porta, entrarão aqui, e se chegarem a entrar e o encontrarem, nem eu sei o que poderá suceder!

- Oh! Não julgava que fosse tão odiado – disse Foulon deixando cair os braços inertes.

E amparado por Bailly, arrastou-se até à janela.

Ressou um grito terrível apenas o avistaram. A guarda foi dispersada, as portas arrombadas, e a torrente arrojou-se pelas escadas, pelos corredores, e pelas salas, invadindo tudo no mesmo instante.

Bailly colocou de roda do preso todos os soldados que encontrou, e começou depois a falar ao povo.

Queria fazer entender àqueles homens que assassinar alguém pode ser às vezes um acto de justiça, mas nunca é fazer justiça.

Conseguiu o seu fim depois de inauditos esforços, e de ter arriscado por mais de vinte vezes a sua própria existência.

- Sim! Sim! - gritaram os agressores – queremos que o julguem! Queremos que o julguem! Mas que o enforcuem!

Estavam neste ponto da argumentação, quando o Sr. de Lafayette entrou na municipalidade, conduzido por Billot.

A vista do seu penacho tricolor, um dos primeiros que se tinham usado, apaziguou logo a gritaria e a cólera geral.

O comandante em chefe da guarda nacional mandou abrir caminho, e repetiu mais energicamente ainda do que Bailly tudo quanto este dissera.

O seu discurso convenceu todos aqueles que puderam ouvi-lo, e ficou ganha a causa de Foulon na sala dos eleitores.

Porém da parte de fora estavam vinte mil furiosos, que não tinham ouvido o Sr. de Lafayette, e permaneciam imutáveis no seu frenesi.

- Vamos lá! - concluiu Lafayette, persuadindo-se muito naturalmente que o efeito que produzira nos indivíduos que o cercavam se estendia igualmente aos de fora; - vamos lá! Este homem deve ser julgado.

- Sim! - gritou a multidão.

- Por conseguinte, ordeno que seja levado para a cadeia - prosseguiu Lafayette.

- Para a cadeia! Para a cadeia! - berrou o povo.

O general acenou ao mesmo tempo para os guardas da municipalidade, os quais fizeram avançar o preso.

Em vista disto, entendeu a multidão que lhe iam entregar a sua presa. Nem de leve pensou que tivessem esperança de lhe disputar a posse dela.

Sentia, por assim dizer, o cheiro da carne fresca, que ia descendo a escada.

Billot fora para a janela com alguns dos eleitores, para seguir o preso com a vista, enquanto ele atravessasse a praça, escoltado pelos guardas da municipalidade.

Foulon proferia pelo caminho algumas palavras perdidas, que bem mostravam um terror profundo, mal disfarçado com protestos de confiança.

- Nobre povo! - dizia ele ao descer da escada - nada temo; estou no meio dos meus concidadãos.

Em roda dele cruzavam-se já as risadas e as injúrias; de repente apareceu fora da abóbada sombria que dava saída da escadaria para a praça; o ar e o sol deram-lhe então no rosto apavorado.

No mesmo instante soltaram vinte mil peitos um único grito, grito de raiva, uivo de ameaça, rugido de ódio. Apenas teve lugar a explosão, foram os guardas levantados do chão, separados e dispersos; mil braços agarraram em Foulon, ergueram-no no ar e levaram-no para a esquina fatal, para debaixo do candeeiro, patíbulo ignóbil e brutal das cóleras que, convencido ou não, o povo alcinhava de justiça.

Billot, da janela, via tudo e gritava; os eleitores também estimulavam a guarda, que nada absolutamente podia fazer.

Lafayette, desesperado, saiu precipitadamente da municipalidade, mas nem pôde penetrar nas primeiras fileiras daquela chusma de gente, que se estendia, à semelhança de um lago imenso, entre ele e o candeeiro.

Os que eram simples espectadores, subindo aos colunelos para ver melhor, agarrando-se às janelas, às sacadas dos edifícios, a todas as saliências que se lhes ofereciam, animavam com gritos terríveis a medonha efervescência dos actores.

Estes brincavam com a sua vítima, como faria um bando de tigres com uma presa indefesa.

Todos disputavam a posse de Foulon, que já não tinha forças para gritar.

Outros, tendo-lhe tirado a gravata e rasgado a casaca, ataram-lhe uma corda ao pescoço.

Finalmente, outros, trepados ao braço do candeeiro, enfiavam por ele a corda, que os companheiros estavam atando ao pescoço do ex-ministro.

Durante um instante ergueram Foulon nos braços e mostraram-no assim à multidão, com a corda ao pescoço e as mãos atadas atrás das costas.

Depois do povo ter contemplado por algum tempo bem à sua vontade o padecente, batendo estrondosas palmas, deu-se o sinal, e Foulon, pálido e ensangüentado, foi içado à altura do braço de ferro do candeeiro, ao som de uma apupada mais terrível do que a morte.

Todos aqueles que até ali nada tinham podido ver, avistaram então o inimigo público, o homem detestado, sobranceiro às cabeças do povo.

Ouviu-se nova vozearia, que era dirigida contra os algozes. Pois Foulon havia de morrer tão depressa?

Os algozes encolheram os ombros e limitaram-se a apontar para a corda.

A corda era velha; via-se que se ia desfazendo. Os movimentos desesperados que Foulon fazia na sua agonia acabaram de quebrar o último fio; afinal partiu-se a corda, e Foulon, meio estrangulado, caiu no chão.

Aquilo era apenas o prefácio do suplício, o infeliz só tinha penetrado no vestíbulo da morte.

Todos correram para o padecente; ficaram descansados, porque já não podia fugir; ao cair quebrara uma perna abaixo do joelho.

E todavia, algumas imprecações se ouviram; eram proferidas por gente pouco perspicaz e

caluniadora; acusavam os executores, e tinham-nos em conta de homens desastrados, quando, pelo contrário, eram tão engenhosos, porque tinham escolhido a corda assim velha e gasta, na esperança de que se partisse.

Esperança esta que, como se vê, o facto justificara.

Ataram um nó na corda, e enrolaram-na de novo ao pescoço do desgraçado, que, semimorto, com os olhos espantados e a voz sufocada, procurava em volta de si, a ver se naquela cidade a que chamavam o centro do universo civilizado, não apareceria uma das baionetas daquele rei, de quem fora ministro, e que possuía cem mil, para abrir um furo naquela horda de canibais.

Mas nada divisava em volta de si, senão ódio, injúrias e morte.

- Ao menos, matem-me sem me fazer padecer tão atrozmente - gritou Foulon desesperado.

- Pois não! - respondeu uma voz - era o que faltava, abreviarmos o teu suplício, tendo tu feito durar tanto tempo o nosso!

- E demais - disse outra voz - ainda não tiveste tempo de digerir as tuas ortigas.

- Espera! Espera! - bradou outra - vamos buscar-te o teu genro Berthier; também há lugar para ele no candeeiro dali defronte.

- Veremos que cara o sogro e o genro fazem um ao outro - acrescentou ainda outra voz.

- Acabem de me matar! Acabem de me matar! - gritava o desgraçado.

Durante este tempo, Bailly e Lafayette pediam, suplicavam, procurando ao mesmo tempo romper por entre a multidão; de repente, ergueu-se Foulon de novo na extremidade da corda, que tornou a partir-se, e os rogos, as súplicas, a aflição deles, não menos dolorosas do que a do padecente, perderam-se, extinguiram-se, confundiram-se com a risada universal que se seguiu àquela segunda queda.

Bailly e Lafayette, que eram três dias antes soberanos árbitros da vontade de seiscentos mil Parisienses, nem sequer das crianças conseguiam fazer-se obedecer. Todos murmuravam: “vêm incomodar-nos, vêm interromper o espectáculo.”

Debalde lhe prestara Billot o auxílio do seu vigor; o robusto atleta derrubara vinte homens; mas para chegar ao pé de Foulon seria necessário derrubar cinquenta, cem ou duzentos, e já estava exausto de forças; enquanto ele parou para limpar o suor e o sangue, que lhe corriam da testa, Foulon foi levantado pela terceira vez até à roldana do lampião.

Desta vez tinham tido dó dele, tinham procurado uma corda nova.

Finalmente estava morto o condenado. Já a vítima não padecia.

Meio minuto bastou à multidão para verificar se estava apagada a centelha da vida. O tigre matara, podia começar a devorar.

O cadáver, atirado do alto do candeeiro, nem tocou sequer no chão. Foi despedaçado antes de chegar.

Num segundo foi a cabeça separada do tronco, e em outro segundo espetada num chuço. Era moda naquela época trazer assim às costas as cabeças dos inimigos.

Bailly ficou assombrado com semelhante espectáculo. Aquela cabeça era para ele a da Medusa da antiguidade.

Lafayette, pálido e de espada em punho, afastava de si com enfado os guardas, que tentavam desculpar-se de terem sido obrigados a ceder.

Billot, batendo os pés no chão com raiva, e escouceando para a direita e para a esquerda, como um fogoso cavalo na Normandia, voltou para a municipalidade, a fim de não ver nada mais do que se passava naquele largo manchado de sangue.

Quanto a Pitou, o furor de vingança popular que o animava transformara-se num movimento convulsivo, e fora assentar-se à beira do rio, fechando os olhos e tapando os ouvidos, para não ver nem ouvir mais nada.

Reinava grande consternação na casa da câmara: os eleitores já iam conhecendo que nunca conseguiriam dirigir os movimentos do povo senão no sentido que ao mesmo povo

convisse.

Eis senão quando, enquanto o povo enfurecido se divertia a arrastar pela lama o corpo decapitado de Foulon, um novo grito, uma nova trovoada retumbou do outro lado da ponte.

Apareceu um correio galopando à rédea solta. A multidão já sabia qual era a notícia que ele trazia. Adivinhara-a pela indicação dos seus mais hábeis chefes, do mesmo modo que a matilha segue o rasto da caça pela inspiração de algum cão amestrado.

O povo correu logo ao correio e cercou-o completamente; sentia que ele lhe descobrira uma nova presa; cheirava-lhe que vinha falar do Sr. Berthier.

Assim era.

O correio, a quem interrogavam dez mil bocas ao mesmo tempo, foi obrigado a responder:

- O Sr. Berthier de Savigny foi preso em Compiègne.

Em seguida entrou na casa da câmara, para fazer a mesma comunicação a Lafayette e a Bailly.

- Bem, bem, isso já eu sabia - disse Lafayette.

- Isso já nós sabíamos - disse Bailly - e estão passadas as ordens necessárias para que ele fique bem guardado.

- Guardado lá? - exclamou o correio.

- Decerto e até mandei dois comissários com uma escolta.

- Uma escolta de duzentos e cinquenta homens, não é verdade? - disse um eleitor; - é mais que suficiente.

- Meu senhor - disse o correio - eis justamente o que venho dizer-lhe: a escolta foi dispersa e o preso tirado pelo povo!

- Tirada pelo povo! - exclamou Lafayette. - Pois a escolta deixou que lhe tirassem o preso?

- Não a acuse, general, fez quanto pôde para o defender.

- Então que é feito do Sr. Berthier? - perguntou Bailly com ansiedade.

- Trazem-no para Paris - respondeu o correio - e neste momento está já em Bourget.

- Mas se vier até aqui - exclamou Billot - decerto está perdido!

- Depressa! Depressa! - gritou Lafayette - quinhentos homens para o Bourget! Que se demorem lá os comissários com o Sr. Berthier, que durmam lá; veremos que providências convirá dar.

- Mas quem se atreverá a encarregar-se de uma tal missão? - disse o correio, olhando atemorizado da janela para aquele mar encapelado, no qual cada onda soltava um grito de morte.

- Eu! - gritou Billot; - aquele hei-de eu salvar!

- Vai expor-se a uma morte certa - exclamou o correio; - a estrada está coalhada de gente.

- Não importa, vou já - disse o lavrador.

- É escusado - murmurou Bailly, que tinha estado à escuta. - Ouça! Ouça!

Ouviu-se então do lado da porta de Saint-Martin um rumor semelhante ao bramido do mar numa praia.

Era um rumor furioso, que se elevava acima das casas como o vapor se eleva acima das bordas de um vaso e espalhava-se pela cidade, provocando em todos os pontos nova afluência.

- Já é tarde! - disse Lafayette.

- Lá vêm eles, lá vêm eles - murmurou o correio; - não os ouve?

- Um regimento! Um regimento! - murmurou Lafayette com a generosa loucura de humanidade, que formava a parte brilhante do seu carácter.

- Com os demónios! - exclamou Bailly praguejando pela primeira vez na sua vida talvez - parece que esqueceu que o nosso exército é precisamente esse mesmo povo a quem o senhor quer combater?

E ocultou o rosto com as mãos.

Os gritos que haviam ressoado ao longe, tinham-se comunicado da multidão apinhada

nas ruas, à multidão apinhada no largo, com a rapidez de um rastilho de pólvora. O bramido daquelas ondas tornara-se atroador.

Os indivíduos que ainda estavam entretidos em insultar os tristes restos do Foulon abandonaram então o seu sanguinário divertimento para correrem furiosamente ao encontro de uma nova vingança.

As ruas adjacentes ao largo vomitaram imediatamente uma grande parte daquela chusma furiosa, que se arrojou de facas na mão e com gestos ameaçadores para a rua de Saint-Martin, a encontrarem-se com a nova comitiva da morte.

XLII

O genro

Não tardou que se efectuasse a junção; a pressa era geral de ambas as partes.

Eis o que então sucedeu:

Alguns dos engenhosos sujeitos que vimos na praça de Grève, levavam ao genro a cabeça do sogro, espetada num chuço.

Berthier vinha pela rua de Saint-Martin acima com o comissário; estava quase na altura de Saint-Méry.

Vinha no seu cabriole, espécie de carrinho, que naquela época era eminentemente aristocrático, e que estava mais que todos incurso na animadversão dos populares, que tantas vezes tinham tido motivo de se queixarem da rapidez com que corriam os peralvilhos ou as dançarinas, governando eles mesmo, e que arrebatados por algum cavalo fogoso, esmagavam muitas vezes o povo, e nunca deixavam de o salpicar de lama.

Berthier, no meio dos gritos, dos apupos e das ameaças, avançava passo a passo, conversando placidamente com o eleitor Rivière, um dos comissários mandados a Compiègne para o salvar, e que, tendo sido abandonado pelo seu companheiro, bastante trabalho tinha tido para se salvar a si próprio.

O povo principiara o seu ataque pelo cabriole, do qual despedaçara a cabeça, de forma que Berthier e o seu companheiro se achavam descobertos, expostos a todas as vistas e a todas as agressões.

À medida que ia passando, ouvia recordar os seus crimes, comentados e engrossados pela fúria popular.

“Tinha sido causa da carestia dos víveres em Paris”.

“Tinha mandado cortar o centeio e o trigo em verde, e com a subida do preço dos cereais realizara somas enormes”.

“Tinham-lhe encontrado uma pasta, contendo cartas incendiárias, ordens de matança, e a prova de terem sido distribuídos dez cartuchos aos seus agentes.”

Eram monstruosos disparates, mas é sabido que o povo, quando chega ao paroxismo da cólera, dá crédito às notícias mais absurdas.

O indivíduo a quem faziam todas aquelas acusações era um homem moço ainda, de trinta a trinta e dois anos, vestido com elegância, e quase risonho no meio das pancadas e dos insultos; olhava com perfeita indiferença para os cartazes infames que lhe mostravam por todos os lados, e continuava a conversa com Rivière sem afectação.

Dois homens, a quem irritava tanta afoiteza, quiseram atemorizá-lo e fazê-lo mudar de atitude. Treparam, um por cada lado, aos estribos do cabriole, apontando ambos ao peito de Berthier as baionetas das espingardas.

Mas Berthier, que era valente até à temeridade, não se assustou por tão pouco; continuou a conversar com o eleitor, como se aquelas duas espingardas fossem apenas um inofensivo acessório do cabriole.

A multidão, profundamente irritada com aquele desprezo, que formava tamanho

contraste com o terror de Foulon, rugia em volta do carrinho e esperava com impaciência o momento de poder infligir uma dor em lugar de uma ameaça.

Foi então que Berthier fitou os olhos num objecto informe e ensangüentado, que agitavam na sua frente, e conheceu de repente que era a cabeça de seu sogro, que lhe inclinavam à altura da boca.

Queriam dar-lha a beijar.

Rivière, bastante indignado, afastou o chuçó com a mão.

Berthier agradeceu-lhe com um gesto, e nem sequer se voltou para seguir com os olhos aquele hediondo troféu, que os algozes levavam atrás do cabriole, por cima da cabeça de Berthier.

Chegaram assim à praça de Grève, e o preso, depois de um trabalho insano que teve a guarda, que havia formado à pressa, foi entregue nas mãos dos eleitores, que se conservavam reunidos na casa da câmara.

Tão perigosa missão e terrível responsabilidade fez empalidecer novamente Lafayette e palpitar o coração do juiz do povo de Paris.

A multidão, depois de ter acabado de escangalhar o cabriole, que ficara desamparado ao pé da escadaria da casa da câmara, tratou de escolher bons lugares, guardou todas as saídas, fez as suas disposições, e depois enfiou cordas novas nas roldanas dos candeeiros.

Billot, quando viu Berthier subindo mui placidamente pela escada principal da casa da câmara, chorou amargamente e arrepelou os cabelos.

Pitou deixara a beira do rio e voltara para o cais quando calculou que estaria acabado o suplício de Foulon, e assustado do que via, apesar do ódio que nutria contra Berthier, que a seus olhos era culpado, não só de quanto o acusavam, mas também por ter dado os brincos de ouro a Catarina, acocorou-se a soluçar por detrás de um banco.

Durante este tempo, Berthier, como se nada fosse com ele, entrara para a sala grande do conselho, e conversava com os eleitores.

Conhecia a maior parte deles, e com alguns até se tratava com familiaridade.

Esses afastavam-se dele com o terror que inspira às almas tímidas o contacto de um homem impopular.

De forma que Berthier achou-se em breve quase a sós com Bailly e Lafayette.

Pedi que lhe contassem todos os pormenores do suplício de Foulon, e depois, encolhendo os ombros, disse com o seu sangue-frio, nunca desmentido:

- Sim, bem percebo, odeiam-nos, porque fomos os instrumentos de que se serviu a realza para atormentar o povo.

- Acusam-no de grandes crimes, senhor - disse severamente Bailly.

- Senhor - respondeu Berthier. - se tivesse cometido todos os crimes de que sou acusado, seria menos ou mais do que um homem, seria uma fera ou um demónio; mas hão-de julgar-me, segundo presumo, e então brilhará a verdade.

- Sem dúvida - disse Bailly.

- Pois bem! - proseguiu Berthier - é esse o meu único desejo. Estão de posse da minha correspondência, verão as ordens a que eu obedeci, e a responsabilidade toda recairá sobre aqueles a quem couber.

Os eleitores lançaram os olhos para a praça, donde ressoavam medonhos rumores.

Berthier entendeu a resposta.

Billot, então, rompendo por entre as pessoas que cercavam Bailly, achegou-se ao intendente, e estendendo a alentada mão, disse:

- Bons dias, Sr. de Savigny.

- Olá! És tu, Billot? - exclamou Berthier rindo-se e apertando com firmeza a mão que o outro lhe oferecia; - pelo que vejo, vieste para Paris fazer motins, tu, meu honrado lavrador, que vendias tão bem o teu trigo nos mercados de Villers-Cotterets, de Crépy e de Soissons?

Billot, apesar das suas tendências democráticas, não pôde deixar de admirar a serenidade daquele homem, que assim gracejava quando a sua vida estava por um fio.

- Tomem assento, senhores - disse Bailly para os eleitores - vamos dar começo à instrução do processo deste réu.

- Muito bem - disse Berthier; - mas previno-os de uma coisa, e é que estou exausto de forças; há dois dias que não durmo; hoje, de Compiègne até Paris, fui empurrado, espancado e sacudido; quando pedi de comer, ofereceram-me feno, iguaria que é bem pouco nutriente; indiquem-me pois algum sítio onde possa dormir, ainda que seja só por uma hora.

Entretanto saiu Lafayette um instante, para ver o que se passava. Voltou para a sala mais descorçoado do que até ali estivera.

- Meu caro Bailly - disse ele para o juiz do povo - a exasperação pública chegou ao seu auge; se conservarmos o Sr. Berthier aqui, expomo-nos a ser sitiados se defendermos a casa da câmara, daremos àqueles furiosos o pretexto por que eles anelam; se não defendermos a casa da câmara, ficaremos com o costume de ceder todas as vezes que nos ataquem.

Durante este tempo, Berthier assentara-se, e depois deitara-se num banco.

Disponha-se a dormir.

Os gritos furiosos que entravam pelas janelas não o perturbavam; o seu rosto conservava a serenidade do homem, que de tudo se esquece para se entregar tão somente ao sono.

Bailly deliberava entretanto com os eleitores e Lafayette.

Billot contemplava Berthier.

Lafayette contou rapidamente os votos, e dirigindo-se ao preso, que já ia começando a adormecer, disse:

- Senhor, faça favor de se aprontar.

Berthier soltou um suspiro; em seguida, encostando-se ao cotovelo, perguntou:

- De me aprontar para quê?

- Estes senhores resolveram que há-de ser transferido para a Abbadie.

- Pois irei para a Abbadie - disse o intendente.

- Mas - prosseguiu ele observando o enleio dos eleitores e adivinhando o que o motivava - seja *por que maneira for*, acabemos com isto.

Uma explosão de cólera e de impaciência, a custo reprimida até ali, ressoou na Grève.

- Não, senhores, não - exclamou Lafayette - não o deixaremos daqui sair neste momento.

Bailly achou no coração e no ânimo força para tomar uma resolução, desceu com dois eleitores para a praça e ordenou que se calassem.

O povo sabia tão bem como ele o que ia dizer; como tencionava repetir o crime, nem quis ouvir a repreensão; e quando Bailly ia para abrir a boca, ergueu-se da multidão um clamor imenso, cobrindo-lhe a voz antes que ela se deixasse ouvir.

Bailly, vendo que lhe seria impossível articular uma única palavra, regressou para a casa da câmara, perseguido pelos gritos: Berthier! Berthier!

A estes gritos sobressaíam outros, semelhantes àquelas notas agudas que de espaço a espaço se ouvem nos coros de demónios de Weber ou Meyerbeer, gritando: À lanterna! À lanterna!

Lafayette, quando viu que Bailly voltava para trás, saiu também. Era moço, entusiasta e estimado. Persuadia-se que ele, amigo de Washington e de Necker, conseguiria, à primeira palavra que desse, aquilo que a recente popularidade do ancião não podia obter.

Mas foi de balde que o general do povo penetrou nos grupos mais enfurecidos; foi de balde que lhes falou em nome da justiça e da humanidade. Foi de balde também que, tendo conhecido ou fingido conhecer algum dos cabeças, lhes suplicou, apertando-lhes as mãos e detendo-lhes os passos, que não cometessem tamanha atrocidade.

Nem uma única das suas palavras foi atendida, nem uma das suas lágrimas foi vista.

Repelido de degrau em degrau, ajoelhou afinal no peristilo da casa da câmara, rogando àqueles tigres, a que chamava seus concidadãos, que não se desonrassem a si próprios, que não transformassem em mártires os criminosos, a quem a lei devia impor, com o castigo que haviam merecido, a infâmia que lhes cabia.

Como insistia, chegaram a ponto de o ameaçar; mas Lafayette lutou com as ameaças. Alguns mais enfurecidos levantaram atrevidamente as mãos para ele e apontaram-lhe as armas.

Ele ofereceu-se aos golpes que lhe queriam descarregar, e as armas abaixaram-se.

Mas quando chegavam a ameaçar Lafayette, muito mais ameaçado estava Berthier.

Lafayette, vencido, voltou como Bailly para a casa da câmara.

Os eleitores tinham observado todos a impotência de Lafayette para com a tempestade; era a última muralha que acabava de ser derrubada.

Resolveram que a guarda da municipalidade levasse Berthier para a Abbadie.

Era mesmo que sentenciar Berthier à morte.

- Finalmente! - disse Berthier, apenas se tomou esta resolução.

E encarando com profundo desprezo todos aqueles homens, colocou-se no centro dos guardas, depois de ter agradecido por um aceno a Bailly e Lafayette, e de ter apertado a mão a Billot.

Bailly desviou dele os olhos arrasados em lágrimas, e Lafayette o olhar cheio de indignação.

Berthier desceu a escada do palácio da municipalidade com a mesma placidez com que a subira.

No momento em que apareceu no peristilo, um clamor terrível, que ressoou na praça, fez tremer os próprios degraus de pedra em que Berthier ia firmando os pés.

Porém, ele, sempre desdenhoso e impassível, contemplava com serenidade todos aqueles olhos chamejantes, e encolhendo os ombros, proferiu estas palavras:

- Muito célebre é este povo! Para que berra ele assim?

Ainda não tinha acabado de dizer isto, e já pertencia ao povo. Sobre o peristilo mesmo foram tirá-lo do meio dos guardas. Puxaram-no com ganchos de ferro; faltaram-lhe os pés, e caiu nos braços dos seus inimigos, que em menos de um segundo, dispersaram a escolta.

Em seguida uma onda irresistível arrastou o preso pelo caminho manchado de sangue, que Foulon tomara duas horas antes.

Já estava um homem escarranchado no candeeiro fatal, com uma corda na mão.

Porém outro homem se filara a Berthier, distribuindo, com raiva e delírio, pancadas e imprecações aos algozes.

Exclamava:

- Não quero que o agarrem! Não quero que o matem, ouviram?

Este homem era Billot, a quem a desesperação havia tornado como louco, dando-lhe a força de vinte homens.

A uns bradava:

- Eu sou um dos vencedores da Bastilha!

E alguns, conhecendo-o com efeito, afrouxavam nos seus ataques.

A outros dizia:

- Deixem que o julguem, ficarei por seu fiador; se lhe derem fuga, enforcar-me-ão em seu lugar.

Pobre Billot, pobre homem de bem! O turbilhão arrastava-o e a Berthier, assim como o vento arrebatava juntamente, nas suas vastas espirais, uma pena e uma palha.

Caminhava sem perceber que andava e sem ver coisa alguma. Já tinha chegado.

Um raio teria sido menos rápido.

Berthier, a quem tinham levado de recuo e erguido ao ar, vendo que paravam, voltou-se, levantou os olhos, e deu com a vista no infame baraço que balançava por cima da sua cabeça.

Fazendo então um esforço violento e inesperado, desenvencilhou-se das mãos que o seguravam, arrancou uma espingarda a um guarda nacional, e acometeu os algozes à baionetada.

Porém, num segundo, mil golpes o feriram pela retaguarda; caiu, e mil outros golpes saídos de um círculo lhe dilaceraram o corpo.

Billot tinha desaparecido debaixo dos pés dos assassinos.

Berthier não teve tempo de padecer. O sangue e a alma saíram-lhe ao mesmo tempo do corpo por mil feridas.

Então pôde Billot ver um espectáculo mais hediondo ainda do que quantos tinha presenciado até ali. Viu um homem introduzir a mão no peito aberto do cadáver, e tirar-lhe o coração, que, ainda fumegava.

E logo, espetando o coração na ponta do sabre, no meio da chusma de vociferadores que se arredavam para o deixar passar, foi depositá-lo na mesa do conselho, onde os eleitores celebravam as suas sessões.

Billot, apesar do seu ânimo de ferro, não pôde resistir àquela vista! Caiu para cima de um colunelo, a dez passos do fatal candeeiro.

Lafayette, quando viu aquele insulto infame, que faziam à sua autoridade, e à revolução que dirigia, ou por melhor dizer, que julgara dirigir, partiu a espada e arremessou os bocados à cabeça dos assassinos.

Pitou foi levantar o lavrador, e levou-o nos braços, sussurrando-lhe ao ouvido:

- Tio Billot! Tio Billot! Tome sentido! Se percebessem que desmaiou, seriam capazes de o considerarem como cúmplice dele, e matá-lo-iam também. E seria uma pena... Visto ser tão bom patriota!

E dizendo isto, foi-o levando consigo para ao pé do rio, ocultando-o da melhor forma que podia às vistas de alguns zelosos, que murmuravam.

XLIII

Billot vai conhecendo que nem tudo são rosas nas revoluções

Billot, que juntamente com Pitou, tomara parte em todas as libações gloriosas, começava a notar que os cálices de amargura iam chegando.

Logo que com a fresquidão do rio voltou a si, Pitou disse-lhe:

- Sr. Billot, estou com saudades de Villers-Cotterets; e o senhor?

Estas palavras, como fresca sensação de virtude e de paz, acordaram de todo o lavrador, que recobrou vigor para abrir caminho por entre a multidão e afastar-se daquela carnificina.

- Vem comigo - disse ele para Pitou; - tens razão.

E resolveu-se a ir ter com Gilberto, que habitava em Versalhes, e sem que tivesse voltado à presença da rainha desde a jornada do rei a Paris, estava sendo o braço direito de Necker, que entrara novamente no ministério, abandonando o romance da sua vida pela história de todos, e procurando organizar a prosperidade pela generalização da miséria.

Como de costume, Pitou acompanhou-o.

Foram ambos introduzidos no gabinete onde trabalhava o doutor.

- Doutor - disse Billot - volto para a minha herdade.

- Por quê? - perguntou Gilberto.

- Porque detesto Paris.

- Ah! Sim, percebo - disse friamente Gilberto; - está cansado.

- Estou enfastiado.

- Não gosta da revolução?

- Tomara vê-la acabada.

Gilberto sorrindo com tristeza, disse:

- Ainda agora ela começou.

- Oh! - exclamou Billot.

- Admira-se, Billot? - perguntou Gilberto.

- O que mais me admira é o seu sangue-frio.

- Meu amigo - perguntou Gilberto a Billot - quer saber de que ele provém?

- Só pode provir de uma convicção.

- Exactamente.

- Qual é?

- Adivinhe.

- Que tudo isto há-de acabar em bem?

Gilberto sorriu ainda mais tristemente do que da primeira vez.

- Não, pelo contrário, da convicção em que estou de que tudo isto há-de acabar em mal.

Billot soltou uma exclamação.

Quanto a Pitou abriu muito os olhos; achava a argumentação pouco lógica.

- Ora vejamos - disse Billot coçando a orelha com a enorme mão - vejamos, porque me parece que não o entendo bem.

- Pegue numa cadeira, Billot - disse Gilberto - e assente-se aqui ao pé de mim.

Billot obedeceu.

- Bem perto, mais perto ainda, para que possa ouvir-me, mas de modo que mais ninguém me ouça.

- E eu, Sr. Gilberto? - perguntou timidamente Pitou, dando a entender por sinais que estava pronto a retirar-se, se Gilberto assim o desejasse.

- Tu não, deixa-te ficar - disse o doutor. - És moço ainda, ouve-me.

Pitou prestou os ouvidos tanto quanto tinha aberto os olhos, e assentou-se no chão ao pé da cadeira do tio Billot.

Era curiosíssimo o espectáculo que oferecia semelhante conciliábulo, formado por aqueles três homens no gabinete de Gilberto, ao lado de uma carteira sobrecarregada de papéis, de cartas, de impressos ainda frescos e de jornais, a quatro passos de distância de uma porta que sitiavam, sem poder transpô-la, os requerentes ou os queixosos, a quem vedava a entrada um empregado velho, quase cego e maneta.

- Estou ouvindo - disse Billot; - explique-se, meu mestre. Como é que tudo isto há-de acabar em mal?

- Ouça. Sabe o que estou fazendo neste momento, meu amigo?

- Está escrevendo aí num papel.

- Mas qual é o sentido disto que estou escrevendo, Billot?

- Pois quer que adivinhe o que é isso, eu que nem sei ler?

Pitou ergueu timidamente a cabeça e relanceou os olhos para o papel que estava diante do doutor.

- São algarismos - disse ele.

- É verdade, são algarismos que aqui estão, os quais, depois de impressos amanhã, irão pedir ao palácio do rei, aos castelos dos fidalgos e às choupanas dos pobres a quarta parte dos seus rendimentos.

- Quê? - disse Billot.

- Oh! A minha pobre tia Angélica - murmurou Pitou - que tremenda carantonha ela há-de fazer!

- Então, que me diz a isto, meu amigo? - prosseguiu Gilberto. - Fazem-se revoluções, não é assim? Mas depois, pagam-se!

- É justo - respondeu heroicamente Billot. - Pois bem, seja assim, pagaremos.

- Muito bem! - disse Gilberto - é um homem convicto, e não me admira a sua resposta; mas os que não estão convencidos...

- Os que ainda o não estão?...

- Sim, que farão esses?

- Hão-de resistir - replicou Billot num tom, que significava que ele havia de resistir vigorosamente, se lhe exigissem a quarta parte dos seus rendimentos para levar a cabo uma empresa contrária às suas convicções.

- Então, haverá luta - disse Gilberto.

- Mas a maioria... - disse Billot.

- Diga o resto, meu amigo.
- A maioria aí está para impor a sua vontade.
- Segue-se que teremos opressão.

Billot encarou Gilberto duvidando a princípio; mas depressa um raio inteligente lhe brilhou nos olhos.

- Espere, Billot - disse o doutor; - já sei o que vai dizer-me. Os fidalgos e o clero estão de posse de tudo, não é isso?

- Certamente - respondeu Billot. - E os conventos também...
- Os conventos?
- Sim, senhor, os conventos estão cheios até mais não poderem.
- *Notum certumque* - respondeu Pitou.

- Os fidalgos não pagam impostos proporcionais ao que possuem. Assim eu, que sou um simples lavrador, pago de impostos mais do dobro do que pagam os três irmãos de Charny, meus vizinhos, que têm mais de duzentos mil francos de renda.

- Porém, diga-me uma coisa - prosseguiu Gilberto - julga acaso que os fidalgos e os eclesiásticos são menos Franceses do que o senhor?

Pitou arrebitou as orelhas para ouvir aquela proposição, que cheirava a heresia num tempo em que o patriotismo se media pela rjeza dos cotovelos na praça de Grève.

- A pergunta parece-lhe um disparate, não é verdade, meu amigo? Não pode reconhecer que os fidalgos e os eclesiásticos, que tudo absorvem e nada restituem, sejam tão patriotas como o senhor, não é isso?

- Assim é.
- Pois está enganado, meu amigo, está enganado. São-no ainda mais, e vou provar-lho.
- Oh! Isso agora nego eu - exclamou Billot.
- Por causa dos privilégios, não é assim?
- Forte dúvida!
- Espere!
- Espero, sim.

- Pois bem, certifico-lhe, Billot, que daqui a três dias, o homem mais privilegiado de toda a França será aquele que nada possuir.

- Então, hei-de ser eu - disse gravemente Pitou.
- Não há dúvida, serás tu.
- Como assim? - perguntou o lavrador.

- Atenda-me, Billot, esses fidalgos e esses eclesiásticos, a quem acusa de egoísmo, vão começando a ser atacados da febre de patriotismo que há-de assaltar toda a França. Neste momento estão eles reunindo-se como os carneiros à borda de um fosso; hão-de deliberar; o mais atrevido será o primeiro a saltar; depois de amanhã, amanhã, esta noite talvez. E depois dele, todos os mais saltarão também.

- Que quer dizer nisso, Sr. Gilberto?

- Quero dizer que hão-de ceder das suas prerrogativas; os senhores feudais libertarão os seus camponeses, os senhores de terras abandonarão as suas rendas e foros, e o fidalgo que só tiver um pombal entregará os pombos.

- Oh! Oh! - disse Pitou estupefacto - está persuadido de que eles hão-de largar tudo isso?
- Oh! - exclamou Billot subitamente iluminado - isso seria uma liberdade esplêndida!
- Pois bem! E depois, quando formos todos livres, que havemos de fazer?
- Eu sei! - disse Billot algum tanto perplexo. - Que havemos de fazer? Veremos então.
- Ah! Eis aí a palavra suprema - exclamou Gilberto. - Veremos!

Levantou-se com gesto sombrio, passeou silencioso durante alguns instantes, e depois, chegando-se ao primeiro dos seus interlocutores, a quem tomou a mão calosa com severidade tal que mais parecia uma ameaça, disse:

- Sim, veremos. Havemos de ver tudo, tu como eu, eu como tu e como ele. Eis aí

justamente em que estava pensando há pouco, quando notou em mim o sangue-frio que tanto o surpreendeu.

- Assusta-me! Pois o povo unido, abraçando-se, ajuntando-se para a prosperidade geral, pode ser motivo para entristecer alguém, Sr. Gilberto?

Este encolheu os ombros.

- Então - prosseguiu Billot - que me dirá o senhor de si, se hoje duvida, depois de ter preparado o caminho para a liberdade no Velho Mundo libertando o Novo?

- Billot - replicou Gilberto - acabou de proferir, sem reparar, palavras, que são a chave do enigma. São as palavras que profere Lafayette, e que ninguém talvez, começando por ele, entendeu ainda; sim, demos a liberdade ao Novo Mundo...

- O senhor? Um Francês? Foi um belo feito!

- Belíssimo, na verdade, mas há-de custar deveras caro - disse tristemente Gilberto.

- Ora adeus! O dinheiro gastou-se, estão saldadas as contas - disse Billot alegremente.

- Cego! - exclamou Gilberto - cego, que não vê naquela aurora do Ocidente o germe da ruína de nós todos, infelizmente! Mas por que hei-de acusá-lo, se o não vi também? Billot, receio muito que, da liberdade que demos ao Novo Mundo, venha a resultar a perda do antigo.

- *Rerum novus nascitur ordo* - disse Pitou com grande presença de espírito revolucionário.

- Cala-te, criança - disse Gilberto.

- Então, era mais difícil submeter os Ingleses, do que acalmar os Franceses? - perguntou Billot.

- Novo Mundo - repetiu Gilberto - significa lugar limpo, mesa rasa; nenhuma lei, mas nenhum abuso; nem uma só idéia, mas nem um só preconceito também. Em França há trinta mil léguas quadradas para trinta milhões de homens; isto é, no caso de se repartir o terreno, apenas caberá a cada indivíduo o espaço necessário para um berço e um túmulo. Lá na América, há duzentas mil léguas quadradas para três milhões de homens; fronteiras ideais confinando com o deserto, isto é, o espaço e o mar, ou por outra, a imensidade; naquelas duzentas mil léguas, que são navegáveis por espaço de mil léguas, há florestas virgens, das quais só Deus conhece a profundidade; quero dizer todos os elementos da vida, da civilização e de um brilhante futuro. Oh! É muito fácil, Billot, quando um homem se chama Lafayette e está afeito a manejar uma espada, quando se chama Washington e está habituado a pensar, é muito fácil, digo, combater muralhas de madeira, de terra, de pedra ou de carne humana; mas quando, em lugar de fundar, se destrói, quando se vê na antiga ordem de coisas, que se ataca, muralhas de idéias que se desmoronam, e por detrás de cujas ruínas vão refugiar-se tanta gente e tantos interesses; quando, depois de haver encontrado a idéia, se vê que, para a fazer adoptar por um povo, será talvez necessário dizimar esse povo; começando no velho, que se recorda, e acabando na criança, que poderia aprender; começando no monumento, que é a memória, e acabando no germe, que é o instinto; então, oh! Então, Billot, uma tal tarefa faz estremecer quem vê para além do horizonte. A minha vista alcança muito longe, Billot, e por isso estremeço.

- Peço perdão, senhor - disse Billot com o seu rústico bom senso; - acusava-me ainda há pouco por não gostar da revolução, e está-ma tornando odiosa.

- Mas eu já lhe disse, porventura, que renunciava a essa empresa?

- *Errare humanum est* - murmurou Pitou - *sed perseverare diabolicum*.

E dizendo, agarrou os pés com as mãos e uniu-os a si.

- Hei-de perseverar - prosseguiu Gilberto - porque assim como vejo os obstáculos, também pressinto o fim, e o fim é esplêndido, Billot; não é somente a liberdade da França que tenho em vista, é a liberdade do mundo inteiro; não é a igualdade física, é a igualdade perante a lei; não é a fraternidade dos cidadãos, é a fraternidade de todos os povos. Hei-de perder talvez a alma, e lá me ficará o corpo - continuou ele melancolicamente; - mas não importa: o soldado que mandam ao assalto de uma fortaleza vê os canhões, vê as balas que neles metem, vê o morrão que lhes chegam, vê mais ainda, vê a direcção em que são apontados; conhece que aquele pedaço de ferro preto há-de vir atravessar-lhe o peito, e apesar de tudo segue para diante, porque é

preciso que a fortaleza seja tomada. Pois bem! Todos nós somos soldados, tio Billot. Para a frente! E deixemos que por cima dos montões dos nossos cadáveres passem um dia as gerações de que este rapaz é a guarda avançada.

- Não sei, realmente, por que motivo desespera, Sr. Gilberto, será por ter sido morto um desgraçado na praça de Grève?

- E tu por que motivo te horrorizas? Anda, Billot, mata tu também.

- Oh! Que está dizendo, Sr. Gilberto?

- É preciso ser conseqüente. Vieste ter comigo, pálido e a tremer, tu que és tão valente e tão forte, e disseste-me: estou enfasiado. Ri-me de ti e depois de te explicar por que estavas pálido e enfasiado, és tu agora que te ris de mim.

- Fale! Mas primeiro deixe-me nutrir a esperança de voltar curado e satisfeito para os meus campos.

- Os campos... Ouve, Billot, é aí que se funda toda a nossa esperança; o campo, revolução dormente, que se agita de mil em mil anos e que ocasiona vertigens à realeza cada vez que se agita; o campo há-de agitar-se também, quando soar a hora de comprar ou de conquistar esses bens mal adquiridos de que há pouco falavas, acumulados na posse da nobreza ou do clero. Mas para incitar o campo a fazer a colheita das idéias, é necessário incitar o camponês a conquistar a terra. O homem, ao tornar-se proprietário, torna-se livre, e ao tornar-se livre, melhora de índole. A nós, pois, operários privilegiados, para quem Deus se digna erguer o véu do futuro, a nós é que pertence o trabalho terrível que, depois de ter dado ao povo a liberdade, lhe dará a propriedade. Aqui, Billot, temos nós uma boa obra e talvez má recompensa; mas uma obra activa, poderosa, cheia de alegrias e de dores, cheia de glória e de calúnias; além, um sono frio e impotente, na expectativa de um acordar que se efectuará por influência da nossa voz, de uma aurora que há-de vir de nós. Logo que os camponeses tenham acordado, o nosso trabalho ensanguentado estará concluído, e então começará o deles.

- Qual é pois o conselho que me dá, Sr. Gilberto?

- Se queres ser útil ao teu país, à nação, a teus irmãos, ao mundo, conserva-te aqui, Billot; pega num martelo e trabalha nesta oficina de Vulcano, que forja raios para o mundo.

- Conservar-me aqui para ver matar, para chegar talvez um dia a matar também?

- Como assim? - disse Gilberto sorrindo-se tristemente - Tu matares, Billot! Que estás dizendo?

- Digo que, se ficar aqui, como o senhor me convida - exclamou Billot a tremer - o primeiro homem que vir a atar uma corda a um candeeiro, enforco-o com as minhas próprias mãos.

Gilberto, sorrindo-se, disse:

- Está bom, já me percebeste, e aí estás tu também feito matador.

- Sim, matador de malvados.

- Ora dize-me, Billot, viste matar Delosne, de Launay, Flesselles, Foulon e Berthier?

- Vi.

- Como lhes chamavam os indivíduos que os mataram?

- Malvados.

- Oh! Isso é verdade - disse Pitou - chamavam-lhes malvados.

- Sim, mas a razão está da minha parte - disse Billot.

- Terás razão se enforcares, mas se fores enforcado ninguém ta dará.

Billot, ao ouvir este argumento, abaixou a cabeça; porém, de repente, tornando a erguê-la com altivez, disse:

- Também será capaz de sustentar que os indivíduos que assassinam homens indefesos e entregues à salvaguarda da honra pública são Franceses tão bons como eu?

- Ah! - disse Gilberto - isso é outra coisa. Sim, há em França muita casta de Franceses. Há em primeiro lugar o povo francês, a que pertence Pitou, a que pertences tu, e eu também; depois segue-se o clero e a nobreza. São pois três castas de Franceses que há em França. Cada qual é

Francês debaixo do seu ponto de vista, isto é, debaixo do ponto de vista dos seus interesses, e isto não contando com o rei de França, que é Francês a seu modo. Ah! Billot, por isto vêes que, na maneira diferente de serem Franceses todos estes Franceses, é que está a verdadeira revolução. Tu serás Francês de um modo, o abade Maury há-de sê-lo de outro, Mirabeau de outro, e finalmente o rei há-de ser Francês também de outro modo. Pois bem, Billot, meu excelente amigo, homem do coração recto e espírito são, entraste agora mesmo na questão que estou tratando. Faze-me favor, Billot, de lançar os olhos para isto.

E Gilberto apresentou ao lavrador um papel impresso.

- Que é isto? - disse Billot pegando no papel.

- Lê.

- Sabe muito bem que não sei ler.

- Então dize a Pitou que leia.

Pitou levantou-se do chão, e pondo-se nos bicos dos pés, foi olhar por cima do ombro do lavrador.

- Isto não é francês - disse ele; - não é latim, e não é grego tão-pouco.

- É inglês - replicou Gilberto.

- Eu não sei inglês - disse Pitou.

- Sei eu - disse Gilberto - e vou traduzir-lhes o que está neste papel; porém, lê primeiro a assinatura.

- Pitt - disse Pitou; - que significa, Pitt?

- Vou já explicá-lo - disse Gilberto.

XLIV

Os Pitt

- Pitt - prosseguiu Gilberto - é filho de Pitt.

- É célebre! - disse Pitou - é como na Escritura Sagrada. Temos pois Pitt primeiro e Pitt segundo?

- Sim, e o Pitt primeiro, meus amigos... Reparem bem no que vou dizer-lhes...

- Estamos ouvindo - interromperam ao mesmo tempo Billot e Pitou.

- O tal Pitt primeiro foi, durante trinta anos, um inimigo jurado da França. Do fundo do seu gabinete, onde o prendia a gota, combateu com Montcalm e Vaudreuil na América, com o bailio de Suffren e d'Estaing no mar, e com Broglie e Noailles no continente. O Pitt primeiro tinha por princípio que era necessário destronar os Franceses da Europa; durante trinta anos, tirou-nos uma a uma todas as nossas colónias, uma a uma todas as nossas feitorias, todo o litoral da Índia, e mil quinhentas léguas no Canadá; depois, quando viu que a França estava arruinada em três quartas partes, suscitou-lhe o filho para arruiná-la de todo.

- Ah! Ah! - disse Billot mostrando vivo interesse; - portanto, o Pitt com quem estamos a contas...

- Exactamente - replicou Gilberto - é filho de outro Pitt com quem já as tivemos, que conhece já, tio Billot, que Pitou conhece, que o universo todo conhece; e que fez trinta anos em Maio último.

- Trinta anos?

- Como vêem, tem empregado bem o seu tempo, meus amigos. Pois já lá vão sete anos que governa em Inglaterra, e durante este tempo tem posto em prática as teorias do pai.

- Visto isso, ainda temos que o aturar por muito tempo? - disse Billot.

- Decerto, porque os Pitt têm o sopro vital muito forte. Concedam-me que lhes dê uma prova do que digo.

Pitou e Billot indicaram por um leve aceno de cabeça que estavam prestando a maior atenção.

Gilberto prosseguiu:

- Em 1778 estava o pai do nosso inimigo quase a morrer. Os médicos tinham-lhe declarado que a sua vida estava apenas por um fio, que o menor esforço quebraria. Discutia-se então no parlamento a questão de abandonar as colónias americanas à sua ânsia de independência, para pôr termo à guerra que, incitada pelos Franceses, ameaçava engolir toda a riqueza e todos os soldados da Grã-Bretanha.

“Era no momento em que Luís XVI, o nosso bom rei, este a quem a nação toda acaba de conferir o título de pai da liberdade francesa, tinha reconhecido solenemente a independência da América; ali, nos campos de batalha e nos conselhos, prevalecera a espada e o génio dos Franceses; a Inglaterra mandou oferecer a Washington, isto é, ao chefe dos insurgentes, o reconhecimento da nacionalidade americana, se a nova nação, voltando-se contra os Franceses, quisesse aliar-se com a Inglaterra.”

- Mas - disse Billot - parece-me que uma tal proposta não era airosa para quem a fazia, nem para quem a aceitasse.

- Meu caro Billot, chama-se a isto diplomacia, e no mundo político são muito admiradas as idéias dessa natureza. Pois, Billot, se bem que a coisa lhe pareça tão imoral, mau grado de Washington, que é o mais leal dos homens, pode ser que se achassem alguns Americanos dispostos a comprar a paz pelo preço da tão vergonhosa concessão à Inglaterra.

“Porém, lorde Chatam, o pai de Pitt, o doente sentenciado, o moribundo, o fantasma, que já tinha entrado no túmulo até aos joelhos, Chatam, que parecia já não ter que pedir outra coisa senão o descanso neste mundo antes de passar a dormir o sono eterno debaixo do seu momento, fez-se conduzir ao parlamento, aonde a questão ia ser debatida.”

“Dava o braço ao filho, William Pitt, então rapaz de dezenove anos, e ao genro: ia coberto de sumptuosas vestes, irrisório invólucro da sua magreza mortal. Pálido como um espectro, com os olhos amortecidos, encobertos pelas lânguidas pálpebras, quis que o levassem para o seu banco das *Contas*, ao passo que todos os lordes, pasmados à vista de tão inesperada aparição, se inclinavam admirando-o, como faria o senado romano vendo regressar Tibério depois de morto e esquecido.”

“Escutou em silêncio, e com profunda atenção, o discurso de lorde Richmond, autor da proposta, e logo que este concluiu, levantou-se Chatam para responder.”

“Aquele homem moribundo achou então força para falar por espaço de três horas: achou fogo no coração para fazer fulgurar os raios dos seus olhos; achou na alma sentimentos capazes de comoverem os corações de todos.”

“Verdade seja que falava contra a França, que inspirava aos seus compatriotas ódio contra ela, e que se tinha evocado todo o seu fogo e todas as suas forças, fora para arruinar e devorar um país detestado rival do seu. Opôs-se a que a América fosse reconhecida como independente, e a toda a casta de transacção; bradou: guerra, guerra! Falou como Aníbal contra Roma, como Catão contra Cartago. Declarou que o dever de todo o Inglês leal era morrer arruinado, de preferência a sofrer que uma colónia se desligasse da mãe-pátria.”

“Acabou a sua peroração, proferiu a sua derradeira ameaça e caiu como fulminado.”

“Nada mais tinha que fazer neste mundo; levaram-no em braços e quase a expirar.”

“Dali a alguns dias, já não era vivo.”

- Oh! Oh! - exclamaram a um tempo Billot e Pitou - que homem que esse lorde Chatam era!

- Era, pois, o pai do mancebo de trinta anos que estamos tratando. Chatam morreu com setenta anos. Se o filho viver tanto como o pai, ainda temos que aturar William Pitt quarenta anos. Aí está, tio Billot, o sujeito que temos contra nós; aí está o homem que hoje governa a Grã-Bretanha; aí está o sujeito que necessariamente se não esquece dos nomes de Lameth, de Rochambeau, de Lafayette; que sabe, a estas horas, os nomes de todos os membros da Assembléa Nacional; que jurou ódio mortal a Luís XVI, autor do tratado de 1778; o homem, finalmente, que não respirará desafogado enquanto existir em França uma espingarda carregada e

uma algibeira cheia. Já vai começando a perceber?

- Percebo que ele detesta muito a França. Sim, é verdade, mas ainda não entendo bem...

- Nem eu - disse Pitou.

- Pois então, leiam estas quatro palavras.

E apresentou o papel a Pitou.

- É inglês - disse este.

- *Don't mind the money* - leu Gilberto.

- Ouço muito bem - replicou Pitou - mas não entendo.

- *Não faça caso do dinheiro* - tornou o doutor.

E mais adiante, renovando a mesma recomendação:

“Diga-lhes que não poupem o dinheiro e que não me dêem contas.”

- Então, andam tratando de armamentos? – perguntou Billot.

- Não, andam tratando de corromper.

- Mas a quem é dirigida essa carta?

- A toda a gente e a ninguém. Este dinheiro que eles dão, que espalham, que prodigalizam, é dado a camponeses, a operários, a miseráveis, a gente, finalmente, que há-de estragar a nossa revolução.

Billot abaixou a cabeça. Aquelas palavras explicavam muita coisa.

- Foste tu porventura quem matou de Launay, com uma coronhada, Billot?

- Não.

- Foste tu que mataste Flesselles com um tiro?

- Não.

- Ajudaste a enforcar Foulon?

- Não.

- Foste tu que puseste o coração ensangüentado de Berthier em cima da mesa dos eleitores?

- Que infâmia! - exclamou Billot. - Por muito criminoso que fosse aquele homem, ter-me-ia feito retalhar em pedaços para o salvar; e para prova do que digo, fui ferido por querer defendê-lo, e se não fosse Pitou, que me arrastou para a margem do rio...

- Oh! Isso é verdade - disse Pitou; - se não fosse eu, o tio Billot tinha-se visto atrapalhado.

- Pois bem! Afirmo-lhe, Billot, que existem muitos homens capazes de fazerem o mesmo que o senhor fez, quando sentirem que há quem os apoie, e que, abandonados aos maus exemplos, se tornam, primeiro malvados, depois ferozes e por último frenéticos; e daí, feito o mal, já não há remédio.

- Mas, enfim - contestou Billot - admitindo que o Sr. Pitt ou, por outra, o seu dinheiro, tivesse alguma parte na morte de Flesselles, de Foulon e de Berthier, que resultado espera ele tirar disso?

Gilberto deu uma dessas risadas silenciosas, que fazem pasmar a gente simples e estremecer a gente que pensa.

- Pergunta-me qual é o resultado que ele espera tirar disso?

- Pergunto, sim.

- Eu lho digo. Gosta muito da revolução, não é assim, visto que atravessou rios de sangue para tomar a Bastilha?

- Sim, gostava dela.

- Muito bem! E agora já lhe agrada menos. Está já com saudades de Villers-Cotterets, de Pisseleux, do sossego da campina, e da sombra dos seus copados bosques.

- *Frigida Tempe* - murmurou Pitou.

- Oh! Sim, tem razão - disse Billot.

- Pois bem, tio Billot, o senhor, que é lavrador, proprietário, filho da Ilha-de-França, por conseguinte Francês velho, representa o *terceiro estado*, pertence àquilo a que chamam maioria; e diz que está enfasiado?

- Confesso que sim.

- Pois a maioria há-de enfastiar-se tanto como o senhor.

- E depois?

- Chegará um dia em que há-de estender os braços aos soldados do Sr. de Brunswich, ou do Sr. Pitt, que virão, em nome daqueles dois libertadores da França, e restituir-lhes-ão as suas sãs doutrinas.

- Nunca!

- História! Dê tempo ao tempo.

- Não se pode negar, que Flesselles, Berthier e Foulon eram uns malvados - quis objectar Pitou.

- Que dúvida! Assim como eram malvados o Sr. de Sartines e o Sr. de Maurepas, como o eram, antes deles, o Sr. de Argenson e o Sr. Phillippeaux, como o era o Sr. Law, como o eram os Duverney, os Leblanc e os de Paris, como o foi Fouquet, como o foi Mazarin, como foram malvados Semblancey e Enguerrand de Marigny, como o Sr. de Calonne o é para o Sr. de Necker, e como o Sr. de Necker o há-de ser para o ministério que havemos de ter daqui a dois anos.

- Oh! Oh! Doutor - murmurou Billot. - O Sr. de Necker um malvado! Isso nunca!

- Assim como o senhor, meu bom Billot, há-de ser um malvado para este rapazito Pitou aqui presente, dado o caso que algum agente de Pitt lhe ensine certas teorias, debaixo da influência de um quartilho de aguardente e de dez francos por cada dia de sedição. A palavra *malvado*, meu caro Billot, é o termo que serve, em tempos de revolução, para designar o homem que pensa diferentemente de nós; estamos destinados a ser assim chamados, por pouco ou por muito tempo; para alguns há-de durar tanto essa designação, que os seus patriotas hão-de inscrever-lha no túmulo; para outros há-de ser ainda mais duradoura, por isso que a posteridade decerto lhes ratificará o epíteto. Aí tem, caro Billot, o que eu vejo e o senhor não vê. Tio Billot, é necessário portanto que a gente de bem não se retire.

- Não tem dúvida! - disse Billot - porque ainda que a gente de bem se retirasse, a revolução não deixaria de progredir; vai seu caminho.

Um novo sorriso assomou aos lábios de Gilberto.

- Louco - disse ele - que larga a rabiça do arado, e desaparelha os cavalos, dizendo: Bom, o arado não precisa de mim, o arado abrirá o sulco por si só! Ora diga-me, meu amigo, quem foi que fez esta revolução? A gente de bem, não é assim?

- Disso se pode gabar a França; parece-me que Lafayette é homem de bem, que Bailly é homem de bem, que o Sr. de Necker é homem de bem; parece-me, finalmente, que os srs. Elias, Hulin e Maillard, que pelejaram comigo, são gente de bem; parece-me, por último, que o senhor...

- Pois então, Billot, se a gente de bem, se o senhor, se eu, se Maillard, se Hulin, se Elias, se Necker, se Bailly, se Lafayette se abstiverem, quem há-de ficar para trabalhar? Os miseráveis, os assassinos, os malvados que lhe aponte; os agentes do Sr. Pitt?

- Responda a isso, se é capaz, tio Billot - disse Pitou convencido.

- Pois, se assim suceder - disse Billot - armar-nos-emos, e começaremos a atirar-lhes como a cães.

- Espere. Quem se há-de armar?

- Toda a gente.

- Billot, Billot, lembre-se de uma coisa, meu bom amigo, é que isto de que estamos tratando neste momento chama-se... Como se chama isto de que estamos tratando neste momento, Billot?

- Chama-se política, Sr. Gilberto.

- Muito bem! Pois em política não há crime algum absoluto; ou se é malvado ou homem de bem, conforme se ferem ou se servem os interesses daquele que nos julga. Aqueles a quem chama malvados darão dos seus crimes uma razão especiosa, e para muitas pessoas de bem, que tenham tido interesse directo ou indirecto em que fossem cometidos crimes, hão-de eles tornar-se pessoas muito de bem. Chegados a esse ponto temos de acautelar-nos. Não faltará quem

pegue na rabiça e meta os cavalos ao arado. Andará então, Billot, andará então independentemente de nós.

- O quadro é medonho - disse o lavrador. - Mas se ele andar sem nós, onde irá parar?

- Só Deus o sabe! - replicou Gilberto; - por mim, não o sei.

- Pois então, se o senhor, que é um sábio, não o sabe, muito menos o posso eu saber, que sou um ignorante. Conjecturo pois...

- Que conjectura, Billot, diga?

- Conjecturo que o passo mais acertado que temos a dar, tanto Pitou como eu, é voltarmos para Pisseleux. Tornaremos para o arado, para o verdadeiro arado de ferro e madeira, com que se revolve a terra, e abandonaremos o arado de carne e osso, a que chamam povo francês, e que escoucia como cavalo manhoso. Trataremos de semear trigo em vez de derramar sangue, e viveremos em nossa casa livres, alegres e como senhores. Venha também connosco, Sr. Gilberto. Eu gosto de saber para onde vou.

- Mais um instante de atenção, meu honrado amigo - disse Gilberto; - não, não sei para onde vou, já lho disse, e torno a repeti-lo, entretanto, vou indo e quero continuar a caminhar. O meu dever está traçado, a minha vida pertence a Deus; porém as minhas obras são a dívida que hei-de pagar à pátria. Se a minha consciência me disser: "Prossegue, Gilberto, estás no bom caminho, prossegue!" isso me basta. Se me enganar, os homens castigar-me-ão, mas Deus há-de absolver-me.

- Porém os homens castigam às vezes mesmo os que não se enganam. Ainda há pouco o senhor o disse.

- E repito-o. Não importa; ainda persisto, Billot. Erro ou não, continuo. Deus me livre de afirmar que o resultado não há-de provar o meu pouco valor; mas, primeiro que tudo, Billot, o Senhor disse: "Paz aos homens de boa vontade". Sejamos pois desses a quem o Senhor promete a paz. Olhe para o Sr. de Lafayette, cujo cavalo branco é já o terceiro que estafa, tanto na América como em França, sem contar com os que ainda há-de estafar; olhe para o Sr. Bailly, que vai gastando os bofes; olhe para o rei, que vai gastando a sua popularidade. Ora vamos, vamos, Billot, não sejamos egoístas. Gastemo-nos também um pouco; fique comigo, Billot, fique comigo.

- Mas para quê, meu amigo, para quê, se não podemos evitar o mal?

- Billot, nunca me repita essa palavra, porque o ficaria estimando menos. Levou pontapés, socos, coronhadas e até baionetadas, quando quis salvar Foulon e Berthier.

- Levei, e não foram poucas - respondeu o lavrador esfregando com as mãos o corpo ainda dorido.

- A mim, quase me tiraram um olho - disse Pitou intrometendo-se na conversa.

- E tudo isso para nada - acrescentou Billot; - os desgraçados sempre patearam.

- Pois bem! Meus filhos, se em vez de dez, quinze, vinte homens com o ânimo que têm, estivessem ali cem, duzentos, ou trezentos, arrancavam o desgraçado à horrível morte que lhe deram, e poupava-se uma nódoa à nação. Eis o motivo por que em lugar de consentir que parta para o campo, que está sossegado, exijo, Billot, tanto quanto me é lícito exigir do senhor alguma coisa, meu amigo, que se conserve em Paris, para poder ter aqui próximo um braço rijo e um coração recto, para poder ensaiar o meu espírito e a minha obra na leal pedra de toque do seu bom-senso e puro patriotismo; finalmente, para que, espalhando, não ouro, visto que não o possuímos, mas o amor da pátria e do bem público, seja o meu agente junto de uma multidão de infelizes desvairados, para que seja o meu bordão quando eu escorregar, e o meu cajado quando me for preciso bater.

- Ou por outra, um cão de cego - disse Billot, com sublime simplicidade.

- Exactamente - respondeu Gilberto no mesmo tom.

- Pois bem! Aceito - retorquiu Billot; - serei o que o meu bom amigo deseja.

- Bem sei que tem de abandonar tudo, fortuna, mulher, filhos e felicidade; mas deixe estar, que o sacrifício não há-de ser por muito tempo.

- E eu - perguntou Pitou - que hei-de fazer?

- Tu - disse Gilberto olhando para o simples e robusto rapaz, que pouco brilhava pelo lado da inteligência; - tu hás-de voltar para Pisseleux, para consolar a família de Billot e explicar-lhe qual foi a santa missão de que ele te incumbiu.

- No mesmo instante! - exclamou Pitou estremecendo de alegria só com a idéia de voltar para junto de Catarina.

- Billot - disse Gilberto - dê-lhe as suas instruções.

- Ei-las - replicou Billot.

- Estou ouvindo.

- Catarina é por mim nomeada dona da casa, entendes?

- E a Sr^a. Billot? - perguntou Pitou algum tanto admirado daquela preterição da mãe pela filha.

- Pitou - disse Gilberto, o qual tinha percebido qual era a idéia de Billot, por ver a vermelhidão que havia ligeiramente corado a fronte do chefe de família - lembra-te deste adágio árabe: ouvir é obedecer.

Pitou também corou então; tinha quase entendido, e conhecido a sua indiscrição.

- Catarina é de toda a família quem tem mais juízo - disse Billot sem cerimónia, para acentuar o seu pensamento.

Gilberto inclinou-se em sinal de aprovação.

- É tudo quanto tem a determinar-me? - perguntou o rapaz.

- Da minha parte é - respondeu Billot.

- Mas não da minha - disse Gilberto.

- Estou ouvindo - disse Pitou, dispondo-se a pôr em prática o adágio citado havia um instante por Gilberto.

- Hás-de ir com uma carta minha ao colégio de Luís-o-Grande - prosseguiu Gilberto; - darás a carta ao abade Bérardier, que há-de confiar-te o Sebastião; hás-de trazer-mo, para eu o abraçar, e depois levá-lo-ás contigo para Villers-Cotterets, onde o entregarás ao abade Fortier, para que ele não perca o seu tempo. Aos domingos e quintas-feiras, sairá a passeio contigo; acostuma-o a andar sem medo pelas planícies e pelos bosques. É melhor, para o meu sossego, e para a sua saúde, que fique nessa terra em lugar de vir para aqui.

- Percebo muito bem - exclamou Pitou arrebatado de alegria não só por ver que lhe era restituído o seu amigo de infância, como pelas vagas aspirações de um sentimento um pouco mais adulto, que nele acordava o nome mágico de Catarina.

Levantou-se e despediu-se de Gilberto, que ficou sorrindo, e de Billot, que ficou pensativo.

Depois partiu a correr para ir buscar Sebastião Gilberto, o seu colaço, a casa do abade Bérardier.

- E nós - disse Gilberto para Billot - trabalhemos.

XLV

Medeia

Às terríveis agitações morais e políticas, de que acabámos de dar conta aos nossos leitores, tinha-se seguido, em Versalhes, uma certa tranqüilidade.

O rei respirava; e se bem que se recordava de vez em quando do muito que o seu orgulho burbónico tinha sofrido naquela jornada a Paris, consolava-se com a idéia de haver reconquistado a sua popularidade.

Durante este tempo o Sr. de Necker organizava e ia perdendo imperceptivelmente a sua.

Quanto à nobreza, essa começava a preparar-se para desertar ou para resistir.

O povo vigiava e esperava.

Entretanto a rainha, reconcentrada em si, certa de ser o alvo de todos os ódios, fazia-se muito pequenina, e dissimulava-se porque sabia muito bem que, apesar de ser o alvo de muitos ódios, era ao mesmo tempo o objecto de muitas esperanças.

Desde a jornada do rei a Paris, apenas uma ou outra vez tornara a ver Gilberto.

Uma vez, porém, encontrou-se com ele no vestíbulo que dava ingresso para o aposento do rei.

Ali, ao tempo que ele a cortejava respeitosamente, havia sido ela quem começara a conversa, dizendo-lhe:

- Bons dias, doutor; vai ao quarto do rei?

E em seguida acrescentou com um sorriso em que transluzia alguma ironia:

- Como conselheiro, ou como médico?

- Como médico, minha senhora - respondeu Gilberto; - estou hoje de serviço.

A rainha fez sinal a Gilberto para que a seguisse; Gilberto obedeceu.

Ambos entraram para uma saleta que ficava contígua aos quartos do rei.

- Então, o senhor - disse ela - enganou-me outro dia, quando me afirmou a respeito daquela jornada do rei a Paris, que Sua Majestade não corria perigo algum.

- Eu, minha senhora! - replicou Gilberto admirado.

- Decerto; pois não dispararam um tiro contra Sua Majestade?

- Quem disse isso, minha senhora?

- Toda a gente, e especialmente as pessoas que viram cair a pobre mulher quase debaixo das rodas do coche do rei. Quem disse isso? O Sr. de Beauvau e o Sr. d'Estaing, que viram a sua casaca rasgada e a tira da camisa furada.

- Senhora!

- A bala, que apenas roçou pelo senhor, podia muito bem ter morto o rei, como matou a pobre mulher; porque afinal de contas não era o senhor nem a infeliz mulher que os assassinos queriam matar.

- Eu não creio que houvesse intenção de perpetrar um crime, real senhora - disse Gilberto com alguma hesitação.

- Embora. Porém, eu estou persuadida de que a houve - replicou a rainha olhando fixamente para Gilberto.

- Em todo o caso, se houve crime, não é ao povo que deve ser imputado.

A rainha fitou ainda mais profundamente o seu olhar em Gilberto.

- Ah! Queira então dizer-me a quem deve ser atribuído?

- Real senhora - prosseguiu Gilberto abanando a cabeça - há algum tempo a esta parte, tenho visto e estudado o povo. Quando o povo assassina, em tempo de revolução, mata por suas mãos; é então como o tigre enfurecido, como o leão irritado. O tigre e o leão não querem medianeiros, não há agentes entre a força e a vítima, matam pelo gosto de matar, derramam sangue somente para o verem derramar; deleitam-se em tingir nele os dentes e em umedecer as garras.

- E para prova veja-se o que sucedeu a Foulon e a Berthier, não é assim? Mas Flesselles não foi morto com um tiro de pistola? Pelo menos assim o ouvi dizer; todavia pode não ser verdade - prosseguiu a rainha com ironia - nós, às testas coroadas, estamos tão cercadas de lisonjeiros...

Gilberto encarou então também fixamente a rainha, e respondeu:

- Oh! Quanto a esse, está Vossa Majestade tão convencida como eu de que não foi o povo que o matou. Muita gente tinha empenho em que ele morresse.

A rainha reflectiu.

- O caso, doutor, é que isso que diz pode muito bem ser - replicou ela.

- Então, real senhora? - disse Gilberto inclinando-se como para perguntar a Maria Antonieta se tinha ainda mais alguma coisa a dizer-lhe.

- Entendo - disse a rainha detendo brandamente o doutor com um gesto quase amigável.

- Seja como for, permita-me que lhe diga que nunca será capaz de salvar o rei tão realmente com a sua ciência, como o salvou há três dias com o seu peito.

Gilberto inclinou-se segunda vez.

Porém, como visse que a rainha se deixava ficar, ficou também.

- Não sei porque não tornei a vê-lo, senhor – disse a rainha depois de um instante de silêncio.

- Vossa Majestade já não carecia de mim – respondeu Gilberto.

- É muito modesto.

- Bem quisera não o ser, senhora.

- Por quê?

- Porque, se fosse menos modesto, seria menos tímido e por conseguinte achar-me-ia mais apto para servir os meus amigos, ou para atacar os inimigos.

- Por que motivo diz: os meus amigos, e não diz também: Os *meus* inimigos?

- Porque não tenho inimigos, ou por melhor dizer, porque, pelo menos, não quero reconhecer que os tenha.

A rainha olhou para ele com surpresa.

- Quero dizer - prosseguiu Gilberto - que os meus únicos inimigos são aqueles que me odeiam, mas eu não odeio ninguém.

- Por quê?

- Porque já não tenho amor a ninguém.

- É ambicioso, Sr. Gilberto?

- Houve um instante em que tive esperança de vir a vê-lo, real senhora.

- E...?

- E essa paixão abortou no meu coração como todas as mais.

- Ainda lhe ficou uma, contudo - disse a rainha com uma espécie de subtileza irónica.

- Em mim, senhora? Qual é?

- O... patriotismo.

Gilberto inclinou-se e respondeu:

- Oh! Isso é verdade; adoro a minha pátria e hei-de fazer por ela todos os sacrifícios.

- Ah! - disse a rainha com uma graça melancólica indefinível - houve tempo em que um bom Francês não se atreveria a exprimir esse pensamento nos termos que o senhor acabou de empregar.

- Que quer Vossa Majestade dizer? – perguntou respeitosamente Gilberto.

- Quero dizer, que no tempo de que falo, era impossível ter amor à pátria, sem o ter ao mesmo tempo ao rei e à rainha.

Gilberto corou, inclinou-se e sentiu no coração como que um choque de electricidade, que dimanava da rainha nos momentos das suas sedutoras intimidades.

- Não me responde, senhor? - disse ela.

- Senhora - replicou Gilberto - atrevo-me a afirmar que sou mais do que ninguém afecto à monarquia.

- Num tempo como este em que vivemos, senhor, não seria melhor trabalhar do que falar?

- Mas, real senhora - disse Gilberto admirado - peço a Vossa Majestade que acredite que tudo quanto ordenar o rei ou a rainha, eu...

- O fará, não é assim?

- Certamente, real senhora.

- Pois se assim fizer - disse a rainha assumindo involuntariamente um pouco do seu usual orgulho - terá apenas cumprido um dever.

- Senhora...

- Deus, quando concedeu aos reis a onnipotência - prosseguiu Maria Antonieta - isentou-os da obrigação de serem gratos para com os indivíduos que só cumprem o seu dever.

- Infelizmente, senhora - replicou Gilberto - vai chegando um tempo em que os servidores de Vossa Majestade hão-de merecer mais do que gratidão, se quiserem cumprir o seu dever, quando mais não seja.

- Que pretende dizer com isso?

- Quero dizer, que quando vierem esses dias de desordem e demolição a que aludo, debalde procurará encontrar amigos naqueles que está acostumada a considerar seus servidores. Rogue a Deus, senhora, que lhe dê outros servidores, outros apoios, outros amigos, que não sejam os que tem agora.

- Sabe de alguns?

- Sei, sim, real senhora.

- Então indique-mos.

- Eu, que estou falando a Vossa Majestade, era ontem seu inimigo.

- Meu inimigo! Por que motivo?

- Porque fez com que eu fosse encarcerado.

- E hoje?

- Hoje - respondeu Gilberto inclinando-se - sou seu servidor.

- E qual é o seu fim?

- Senhora...

- Que fim teve em vista tornando-se meu servidor? Não é do seu carácter mudar tão repentinamente de parecer, de crenças ou de afeições. É um homem profundo em se recordar, Sr. Gilberto, sabe fazer duras as suas vinganças. Ora vamos, diga-me qual é o fim dessa sua mudança.

- Senhora, ainda há pouco Vossa Majestade censurou o demasiado amor que tenho à minha pátria.

- O amor da pátria nunca é demasiado; tudo está no modo por que cada qual o entende. Eu também tenho amor à minha pátria (Gilberto sorriu-se). Oh! Nada de falsas interpretações, senhor; a minha pátria é a França, porque a adoptei. Sou Alemã pelo sangue, mas Francesa pelo coração. Eu amo a França, mas amo-a pelo rei, amo-a pelo respeito que devo a Deus que nos sagrou. Agora o senhor...

- Eu, real senhora?

- Sim, o senhor. Adivinhei o seu modo de pensar, não é assim? O senhor difere de mim. Tem amor à França, pura e simplesmente pela França.

- Senhora - respondeu Gilberto inclinando-se - faltaria ao respeito que devo a Vossa Majestade se lhe não falasse com franqueza.

- Oh! - exclamou a rainha - que horrível época esta em que todos os homens que se prezam de honrados desligam duas coisas, que nunca se separam, dois princípios que sempre têm caminhado juntos: a França e o seu rei. Diga-me, não há uma tragédia de um dos seus poetas em que perguntam a uma rainha abandonada por todos: "Que vos resta agora?" E em que ela responde: "Eu!..." Pois eu sou como Medeia, fico, e depois veremos.

E saiu encolerizada, deixando Gilberto estupefacto.

Acabava de erguer perante ele, com o sopro da cólera, uma ponta do véu por detrás do qual se estava tramando toda a obra da contra-revolução.

- Não há dúvida! - disse consigo Gilberto ao entrar no quarto do rei - a rainha projecta alguma coisa.

- Deixá-lo! - disse consigo a rainha ao voltar para o seu aposento - está visto que nenhum partido se pode tirar daquele homem. Tem a força, mas falta-lhe a dedicação.

Pobres príncipes! para quem a palavra dedicação é sinónimo de servilismo.

Gilberto voltou para junto do Sr. de Necker, depois de ter estado com o rei, a quem achou tão sossegado quanto a rainha estava agitada.

O rei estava escrevendo períodos, adicionando contas, e fazendo projectos de reformas de leis.

Aquele homem de boa índole, de olhar suave e alma recta, de quem o coração, se alguma vez errou, só o fez em consequência de preconceitos inerentes à condição régia; aquele homem, dizemos, teimava em conquistar futilidades em troca das coisas essenciais que lhe tiravam. Teimava em querer ver além do horizonte com o seu olhar míope, quando tinha o abismo ali aberto debaixo dos pés. Aquele homem causava profundo dó a Gilberto.

Quanto à rainha, o caso era diverso, e apesar da sua impassibilidade, Gilberto conhecia que ela era uma daquelas mulheres a quem se deve amar apaixonadamente ou odiar até à morte.

Maria Antonieta, depois de voltar para os seus aposentos, sentiu como que um peso imenso, que lhe oprimia dolorosamente o coração.

E, de facto, nem como mulher nem como rainha encontrava em volta de si coisa alguma sólida, nada que a ajudasse a suportar uma parte do peso que a esmagava.

Para qualquer lado que volvesse os olhos, parecia-lhe ver hesitação ou dúvida.

Os cortesãos, assustados pelo risco em que estavam os seus bens, tratavam de os reduzir a dinheiro.

Os parentes e amigos pensavam no exílio.

A mulher mais altiva da sua corte, Andréia, afastava-se gradualmente dela de corpo e alma.

O homem de mais elevados sentimentos e mais querido de todos, Charny, ferido por algum capricho, ia-se tornando frio.

Uma tal situação dava-lhe cuidados, a ela, que era o instinto e a sagacidade personificados.

Como era que aquele homem puro, aquele coração sem mácula tinha mudado de repente?

- Não, ainda não mudou - dizia consigo a rainha suspirando; - mas não tardará que mude.

Está para mudar! Convicção medonha para toda a mulher, que ama com paixão; insuportável para a mulher que ama com orgulho.

Ora, a rainha amava com paixão e orgulho ao mesmo tempo.

Eram, pois, duas feridas que lhe dilaceravam o peito.

E contudo, no momento a que estava chegada, quando acabava de conhecer o mal que fizera, e o passo errado que tinha dado, ainda era tempo de remediar tudo.

Porém o espírito daquela mulher coroada não era nada flexível. Não podia resolver-se a ceder, nem quando conhecia que tinha cometido uma injustiça; pode ser que para com um indiferente tivesse mostrado, ou quisesse mostrar grandeza de alma, e então talvez até lhe pedisse perdão.

Mas ao homem que honrara com um affecto tão vivo e tão puro ao mesmo tempo, àquele a quem se havia dignado participar os seus ocultos pensamentos, a esse não julgava a rainha dever fazer-lhe a menor concessão.

A desgraça das rainhas que descem a ter amor a um súbdito, é amarem-no sempre como rainhas, e, nunca como mulheres.

Esta dava a si mesma tão subido valor, que lhe parecia não haver nada no mundo que pudesse pagar o seu amor, nem sequer o sangue, nem as lágrimas.

Desde o momento em que havia começado a sentir ciúmes de Andréia, principiara a diminuir moralmente.

Os seus caprichos eram uma consequência dessa inferioridade.

A cólera era a consequência dos seus caprichos.

Finalmente, a consequência da cólera eram os maus pensamentos que sempre trazem após si as más acções.

Charny não dera causa a quanto acabámos de dizer, mas era homem e percebera que

Maria Antonieta tinha ciúmes da sua mulher, se bem que injustos.

De sua mulher, de quem ele nunca fizera caso.

Nada há nada tão revoltante para um coração probo e incapaz de traição como ver que o julgam susceptível de atraiçoar.

Não há coisa que chame mais a atenção sobre alguém do que os ciúmes que se mostra ter desse alguém.

Especialmente se tais ciúmes são injustos.

O indivíduo de quem se desconfia, reflecte então.

Considera alternadamente o coração ciumento e a pessoa que dá causa aos ciúmes.

Quanto maior é a alma do ciumento, maior é o perigo a que se expõe.

Com efeito, quem poderá supor que um coração grande, uma inteligência elevada e um orgulho legítimo possam inquietar-se por nada ou por pouca coisa?

Por que motivo terá ciúmes a mulher formosa? Por que motivo terá ciúmes a mulher poderosa? Por que motivo terá ciúmes a mulher de espírito? Quem poderá supor que ela se inquiete por nada ou por pouca coisa?

O ciúme não é mais que um perdigueiro, que descobre para outrem merecimentos que o caçador indiferente deixara escapar.

Charny sabia que Andréia de Taverney era uma antiga amiga da rainha, a quem esta tratava sempre muito bem, distinguindo-a entre todas. Por que lhe teria Maria Antonieta retirado a sua amizade? Por que teria ciúmes dela?

Descortinaria ela algum segredo misterioso de formosura, que Charny não tivesse descoberto por não o ter procurado?

Então sentia ela que Charny podia lembrar-se de fazer caso daquela mulher, e que ela perderia alguma coisa se ele se lembrasse de contemplar a condessa?

Ou teria julgado que Charny lhe tivesse menos amor, se bem que nenhum motivo externo houvesse diminuído esse amor?

Nada mais fatal às pessoas ciumentas de que o conhecimento que elas dão da temperatura do coração que se empenham em conservar no mais intenso calor.

Quantas vezes sucede chegar o objecto amado a conhecer, pelas argüições que ouve acerca da sua frieza, que existe com efeito essa frieza, que ele já sentia, mas em que ainda não fizera reparo?

E quando ele repara em tal, quando sente a verdade da argüição que lhe fazem, diga-me, a minha leitora, quantas vezes o tem visto tornar aos seus amores, quantas vezes tem avivado a chama do amortecido facho?

Oh! Que desastrosos são os amantes! Verdade seja que onde há muita reflexão, quase nunca há bastante amor.

Portanto, Maria Antonieta tinha dado a conhecer a Charny, pela sua cólera e injustiça, que no fundo do seu coração já ia tendo por ela menos amor.

Apenas o soube, o conde procurou em volta de si o motivo, e diante dos seus olhos deparou-se-lhe mui naturalmente a causa dos ciúmes da rainha.

Era Andréia, a pobre Andréia desamparada, a esposa sem ser mulher.

Condoeu-se dela.

A cena que tivera lugar à sua volta de Paris dera-lhe a conhecer o segredo profundo dos ciúmes até ali ocultos a todos os olhos.

A rainha também viu que estava tudo descoberto, e como não queria abaixar-se perante Charny, empregou outro meio, que, na sua opinião, devia produzir o mesmo resultado.

Tornou a tratar muito bem Andréia.

Admitiu-a a todos os seus passeios, a todos os seus serões; prodigalizou-lhe afagos, tornou-a um objecto de inveja para todas as outras damas.

E Andréia aceitou as carícias com admiração, mas sem reconhecimento. Havia muito que se acostumara a considerar-se a si própria como instrumento da rainha, de que esta podia fazer o

uso que lhe aprouvesse; estava por conseguinte sempre pronta a cumprir os desejos da sua ama.

Porém, em compensação, como era preciso que a cólera da mulher recaísse sobre alguém, começou a rainha a tratar muito mal o conde de Charny. Não falava com ele, ou se lhe dirigia a palavra, era com aspereza; passava noites, dias, semanas até, affectando não reparar na sua presença.

Contudo, apenas ele se ausentava, entumecia-se o coração da pobre mulher; os olhos divagavam-lhe inquietos, procurando o homem de quem se desviavam logo que o avistavam.

Se carecia do braço de alguém, se tinha uma ordem que dar, ou se queria desperdiçar um sorriso, servia-lhe o primeiro que lhe ficava próximo.

Mas o que escolhia nunca deixava de ser um homem galante e distinto.

A rainha julgava que se curaria da sua ferida, se pudesse ferir Charny.

Este tudo sofria calado. Era homem que tinha muito poder em si. Nem um único movimento de cólera ou de impaciência lhe escapava durante tão horríveis torturas.

Seguiu-se a isto um espectáculo curioso, um espectáculo que só as mulheres são capazes de oferecer e de entender.

Andréia percebeu o muito que sofria seu marido, e como tinha por ele aquele amor tão angélico que nunca concebera uma única esperança, compadeceu-se dele e deu-lho a conhecer.

Desta compaixão resultou uma conciliação suave e misericordiosa. Tentou consolar Charny, sem lhe mostrar que sabia quanto ele precisava de consolações.

E fazia tudo isto com a delicadeza a que se pode chamar feminina, porque só as mulheres são capazes dela.

Maria Antonieta, que procurava dividir para reinar, percebeu que tinha errado o caminho, e que reunira sem querer duas almas, que ela desejava desunir por meios bem diversos.

Teve então a pobre mulher, no meio do silêncio e da solidão das noites, essas desesperações medonhas que devem dar a Deus uma idéia bem satisfatória do seu poder, por isso que soube criar entes bastante fortes para suportarem semelhantes provas.

E a rainha sucumbiria decerto ao peso de tamanhos males se a política não a preocupasse tanto. O homem que tem o corpo moído de cansaço não se queixa da dureza da cama.

Tais eram as circunstâncias em que a rainha vivera desde o regresso do rei a Versalhes até ao dia em que se lembrou seriamente de reassumir o exercício absoluto do seu poder.

Era também porque, no seu orgulho, attribuía à sua decadência de rainha a espécie de depreciação em que caíra a mulher.

Para aquele espírito activo, pensar e proceder era tudo o mesmo. Começou pois a trabalhar sem perder um momento.

Desgraçadamente, a obra que ia empreender era a da sua perdição.

XLVII

O regimento de Flandres

Infelizmente para a rainha todos os acontecimentos que temos narrado eram acasos, a que só podia prover de remédio mão bem firme e industriosa. Bastava concentrar as forças.

A rainha, vendo que os Parisienses se haviam transformado em militares, e pareciam dispostos a fazer-lhe guerra, resolveu mostrar-lhes o que era uma guerra verdadeira.

- Até aqui têm eles tido por adversários os Inválidos da Bastilha, os Suíços mal apoiados e irresolutos; é preciso dar-lhes a conhecer o partido que se pode tirar de um ou dois bons regimentos bem realistas e bem instruídos.

“Não faltará por aí um dos tais regimentos que tenha já dispersado os amotinadores e derramado sangue nas convulsões da guerra civil. Chamar-se-á um desses regimentos, o mais conhecido. Então os Parisienses conhecerão que o único recurso que lhes restará para se salvarem, será absterem-se completamente de hostilidades.”

Era isto depois das contendas da Assembléia com o rei por causa do *veto*. O rei lutara durante dois meses para se tornar a apoderar de um fragmento de soberania; tinha, conjuntamente com o ministério e Mirabeau, tentado neutralizar o impulso republicano, que tendia a extinguir a realeza em França.

A rainha cansara na luta, e o que mais a descorçoara fora ver que o rei tinha sucumbido.

O rei perdera no conflito todo o seu poder e o resto da sua popularidade. A rainha ficara com um sobrenome novo, ou antes com uma alcunha.

Era uma dessas palavras estranhas aos ouvidos do povo, e que por isso mesmo lhe soam bem, um nome que ainda não era uma injúria, mas que estava destinado a ser um dia a mais ultrajante de todas. Era um dito de espírito, que mais tarde se transformou num apodo sanguinolento.

Finalmente chamavam-lhe a *senhora Veto*.

Essa alcunha, que um dia havia de chegar à Alemanha, levada nas asas das cantigas revolucionárias, devia necessariamente assustar os súbditos e os amigos daqueles que, tendo enviado para França uma rainha alemã, com razão se admirariam de que a insultassem dando-lhe o nome de *Austríaca*.

Esse epíteto acompanhara em Paris, nas danças furibundas, em dias de matança, os derradeiros gritos e as agonias hediondas das vítimas.

Maria Antonieta tinha de chamar-se dali em diante a *senhora Veto*, até ao dia em que havia de passar a chamar-se a *Viúva Capeto*.

Era já com aquela a terceira vez que mudava de nome. Depois de lhe chamarem a *Austríaca*, tinham-lhe chamado também a *senhora Déficit*.

Ao cabo das lutas em que a rainha procurara interessar as suas amigas pela eminência do seu próprio perigo, constou-lhe que tinham sido pedidos sessenta mil passaportes à municipalidade.

Sessenta mil pessoas notáveis de Paris e de França tinham ido reunir-se, em país estrangeiro, aos amigos e parentes da rainha.

O exemplo que lhe davam causava viva impressão na soberana.

E por isso, a datar daquele momento, só cogitava numa única coisa, e era numa evasão habilmente combinada, uma evasão apoiada pela força se necessário fosse, uma evasão que devia trazer em resultado a sua salvação, porque os seus fiéis partidários que ficassem em França poderiam então dar começo à guerra civil, isto é, castigar os revolucionários.

O plano não era mau. Teria tido bom êxito certamente, se por detrás da rainha não velasse também o seu génio mau.

Singular destino! Aquela mulher, que inspirou tamanhas dedicações, não encontrou discrição em ninguém.

Soube-se em Paris que queria fugir, ainda antes dela se persuadir de tal.

Desde o instante em que se soube, não percebeu Maria Antonieta que o seu plano se tornara impraticável.

Entretanto, um regimento famoso pelas suas simpatias realistas, o regimento de Flandres, caminhava sobre Versalhes a marchas forçadas.

Esse regimento fora pedido pela municipalidade de Versalhes, a qual, já cansada das guardas extraordinárias, e da vigilância indispensável em volta do paço, que de contínuo era ameaçado pelas distribuições de víveres, e por sucessivas sedições, carecia de uma força mais respeitável, mais imponente do que a guarda nacional e as milícias.

Quanto ao paço, esse já não tinha pequeno trabalho em defender-se a si.

O regimento de Flandres estava para chegar, como dissemos, e para que ele assumisse imediatamente a autoridade de que pretendiam revesti-lo, era preciso que um acolhimento particular atraísse para ele a atenção do povo.

O almirante d'Estaing reuniu os oficiais da guarda nacional, e de todos os corpos estacionados em Versalhes e saiu-lhe ao encontro.

O regimento deu uma entrada solene em Versalhes com a sua artilharia, munições e carros de bagagens.

De roda daquele ponto, tornado central, foi agrupar-se uma chusma de jovens fidalgos, que não pertenciam a arma alguma especial.

Escolheram entre si um uniforme para se conhecerem, juntaram-se a todos os oficiais fora dos quadros, a todos os cavaleiros de S. Luís, que o perigo, ou a previsão dele, tinha chamado a Versalhes, e de lá espalharam-se por Paris, cujos habitantes viram então com grande espanto aqueles novos inimigos frescos, insolentes, e entumecidos com um segredo, que lhes havia de escapar logo que chegasse a ocasião.

Desde aquele momento podia o rei partir. Seria apoiado e protegido na sua jornada, e talvez que Paris, ainda ignorante e mal preparado, o tivesse deixado sair.

Porém o génio mau da *Austríaca* continuava a velar. Todos os cálculos da rainha deviam sair errados.

Liège revoltou-se contra o imperador, e a atenção que aquela revolta deu à Áustria obstou a que esta se lembrasse da rainha de França.

Esta, de mais a mais, julgou conveniente abster-se por delicadeza, em semelhante momento.

Então os acontecimentos, que já haviam recebido o primeiro impulso, continuaram a correr com medonha rapidez.

Depois da ovação feita ao regimento de Flandres, os oficiais da guarda resolveram oferecer um jantar aos oficiais daquele regimento.

O banquete foi destinado para o 1.º de Outubro, sendo convidadas as pessoas mais conspícuas da cidade.

Qual era o fim da reunião? Fraternalizar com os soldados de Flandres? Por que razão não haviam de fraternizar os soldados entre si, quando os distritos e as províncias fraternizavam?

A Constituição proibia porventura que uns poucos de fidalgos fraternizassem?

O rei era ainda então senhor dos seus regimentos e só ele os comandava. O paço de Versalhes era exclusivamente propriedade sua. Tinha pois direito para receber ali quem muito bem lhe aprovesse.

Por que razão não havia de receber em sua casa os valentes soldados e estimáveis fidalgos recém-chegados de Douail, onde se tinham *portado bem*?

Nada havia mais natural. Ninguém se lembrou de se admirar de tal, e muito menos de se assustar.

Aquele jantar, comido em comum, ia cimentar a harmonia que devia reinar entre os corpos de um exército francês destinado a defender ao mesmo tempo a liberdade e a realeza.

Demais, acaso sabia o rei o que se convencionara entre os seus oficiais?

Desde os últimos acontecimentos, tendo o rei ficado livre, graças às suas concessões, de nada se ocupava já, tinham-no aliviado do peso dos negócios. Já não queria reinar, visto haver quem reinasse por ele; mas não estava resolvido a passar dias inteiros entregue ao aborrecimento.

Enquanto os senhores da Assembléia talhavam e cerceavam à sua vontade, o rei caçava.

Enquanto os fidalgos e os bispos abandonavam, em 4 de Agosto, os seus pombais e os seus direitos feudais juntamente com os pombos e os pergaminhos, o rei, que estava tão pronto a fazer sacrifícios como qualquer, abolia as suas capitánias da caça, mas nem por isso deixava de caçar.

Assim, pois, enquanto os senhores do regimento de Flandres estivessem a jantar com os oficiais da guarda, andaria o rei à caça, como nos mais dias, e quando voltasse, já a mesa estaria levantada.

O banquete incomodava-o tão pouco, e a sua presença causava-lhe tão pequeno estorvo, que a gente de Versalhes resolveu pedir o palácio emprestado à rainha para dar o banquete.

A rainha achou que não havia motivo para recusar hospitalidade aos soldados de Flandres.

Concedeu a sala do teatro, e deu licença para que nela se construísse um sobrado para aquele dia, a fim de que estivessem bem à larga os soldados e os seus hóspedes.

Uma rainha, quando dá hospitalidade a fidalgos franceses, dá-a sempre com grandeza. Tinham casa de jantar; faltava a sala: a rainha concedeu-lhes a sala de Hércules.

Numa quinta-feira, que era 1.º de Outubro, como já dissemos, teve lugar o banquete, que tão cruelmente há-de ser recordado na história das imprevidências ou das cegueiras da realeza.

O rei andava à caça.

A rainha estava encerrada nos seus quartos, triste, pensativa e resolvida a não ouvir um único tinir de copos, nem o menor ruído de vozes.

Tinha o filho ao colo. Andréia estava ao pé dela. A um canto do quarto trabalhavam duas mulheres. Eram essas as únicas pessoas que a cercavam.

A pouco e pouco ia entrando para o paço a brilhante oficialidade, com penachos ondeantes e armas refulgentes. Os cavalos relinchavam presos às manjedouras das cavaliças, as duas músicas de Flandres e as dos outros corpos enchiam o ar de harmonia.

Por fora das grades de Versalhes, uma multidão de povo, pálido, curioso, sorratamente inquieto, espreitava, analisava e comentava os gritos de alegria e as árias que tocavam as músicas.

Pelas portas abertas saíam em rajadas, como os tufões de uma tempestade longínqua, os murmúrios da alegria juntamente com os vapores da lauta comida.

Era grande imprudência dar assim a respirar àquele povo esfaimado o cheiro das iguarias e do vinho, e oferecer àquela triste gente um espectáculo de alegria e de esperança.

Entretanto, o banquete ia prosseguindo sem que o menor incidente tivesse perturbado a ordem; os oficiais, sóbrios a princípio e acatando o uniforme, tinham conversado a meia voz e bebido com moderação. Durante o primeiro quarto de hora, executou-se à risca o programa, que por todos fora aprovado.

Apareceu a segunda coberta na mesa.

O Sr. de Lusignan, coronel do regimento de Flandres, levantou-se e propôs quatro saúdes: ao rei, à rainha, ao delfim e à família real.

Quatro exclamações, que se repercutiram pelas abóbadas, foram como fugitivas ecoar nos ouvidos dos tristes espectadores de fora.

Levantou-se um oficial. Era talvez um homem de juízo, que previa as conseqüências de tudo aquilo, um homem sinceramente afecto àquela família real. Que acabavam de saudar com tanto estrondo.

Aquele homem notara que entre todas as saúdes havia uma de que se tinham esquecido e que seria capaz de propor.

Portanto propôs uma saúde à nação.

Houve um longo murmúrio, a que sucedeu um imenso grito.

- Não! Não! - responderam em coro os circunstantes.

E a saúde proposta foi rejeitada.

O banquete acabava de se mostrar assim no seu verdadeiro sentido, a torrente ia seguindo inalterável o seu verdadeiro curso.

Disseram então, e ainda hoje se diz, que o indivíduo que acabava de propor aquela saúde era o agente provocador da manifestação contrária. Fosse como fosse, aquelas palavras produziram um efeito desagradável. Esquecer a nação ainda se podia tolerar, mas insultá-la era muito sério, e por isso ela vingou-se.

Como, a datar daquele instante, tinham acabado as cerimónias, ao silêncio reservado haviam sucedido gritos e conversações exaltadas, tornava-se a disciplina um pudor quimérico, e mandaram portanto entrar os dragões, os alabardeiros e quantos soldados rasos havia no paço.

Circularam os vinhos, encheram-se dez vezes os copos, apareceu a sobremesa, que foi logo saqueada. A embriaguez era geral, os soldados não reparavam que estavam bebendo em companhia dos seus oficiais. Era na realidade uma festa fraternal.

Todos gritavam: Viva o rei! Viva a rainha!

Tantas flores, tantas luzes, tantos fogos, reflectindo-se nos tectos dourados, tanta idéia alegre iluminando as frentes, tantos brados de lealdade que soltaram aqueles valentes guerreiros! Era um espectáculo, que bem aprazível deveria ser à rainha, se o pudesse presenciar, e que muito deveria animar o rei.

Por que não assistiriam a semelhante festa aquele rei tão infeliz e aquela rainha tão triste?

Alguns servidores officiosos saem da sala, correm ao aposento de Maria Antonieta, contam-lhe e exageram-lhe o que viram.

Os olhos amortecidos da rainha reanimam-se então, e ela ergue-se. Ainda existe lealdade em corações Franceses.

Visto isso ainda há alguma esperança.

A rainha lança em volta de si um olhar triste e aflito.

Começam a juntar-se-lhe à porta os criados todos. Pedem, suplicam à rainha que faça uma visita, que apareça de relance naquele banquete, onde dois mil entusiastas consagram, pelos seus vivas, o culto da monarquia.

- O rei está ausente - diz ela com tristeza - não posso lá ir sozinha.

- Com Sua Alteza o Sr. Delfim - dizem alguns imprudentes insistindo.

- Minha senhora, minha senhora - diz-lhe uma voz ao ouvido - fique aqui, suplico-lho.

Volta-se; era o Sr. de Charny.

- Pois quê! - diz-lhe ela - não está lá em baixo com todos aqueles senhores?

- Voltei para aqui, minha senhora, porque há lá em baixo uma exaltação, cujas conseqüências podem ser mais nocivas do que Vossa Majestade pensa.

Maria Antonieta estava num dos seus dias de mau humor; resolvera fazer naquele dia precisamente o contrário de tudo quanto pudesse agradecer a Charny.

Olhou desdenhosamente para o conde, e ia já para lhe responder com alguma palavra desabrida, quando este, detendo-a com um gesto respeitoso, disse:

- Por favor, minha senhora! Espere ao menos para se aconselhar com o rei.

Julgava assim ganhar tempo.

- O rei! Aí vem o rei! - gritaram vozes. - Sua Majestade volta da caça.

Era verdade.

Maria Antonieta levantou-se e correu ao encontro do rei, que estava com o fato da caça e coberto de pó.

- Senhor - lhe disse ela - há lá em baixo um espectáculo, que muito deve regozijar o rei da França. Venha! Venha!

E dizendo isto, dá-lhe o braço e arrasta-o consigo, sem olhar para Charny, que fica cravando as unhas no peito como um furioso.

Leva o filho pela mão esquerda, e desce; é precedida por uma onda de cortesãos e outra empurra-a; chega à porta da sala da Ópera no momento em que se despejavam os copos pela vigésima vez aos gritos de: Viva o rei! Viva a rainha!

XLVIII

O banquete

No momento em que a rainha apareceu com o rei e o seu filho, sobre o tablado da Ópera, imensa aclamação, parecida com a explosão de uma mina, irrompeu do banquete e ressoou pelos camarotes.

Os soldados embriagados, os officiais delirantes, levantavam ao ar os chapéus e as espadas gritando: Viva o rei! Viva a rainha! Viva o delfim!

A música começou a tocar: *Ó Ricardo! Ó meu rei!*

A alusão que esta ária continha torna-se por tal forma transparente, acompanhava tão bem o pensamento de todos, traduzia tão fielmente o espírito do banquete, que todos os

circunstantes, assim que a música começou a tocar, entoaram a letra.

A rainha, entusiasmada, esquecia que estava no meio de homens ébrios, o rei, surpreendido, percebia muito bem, com o seu bom senso habitual, que não era ali o seu lugar, e que estava caminhando em sentido oposto à sua consciência; porém, fraco como era, e lisonjeado de encontrar naquela reunião uma popularidade e um zelo, que não estava acostumado a achar no povo, ia cedendo gradualmente à embriaguez real.

Charny, que só bebera água durante todo o jantar, acompanhou a tremer o rei e a rainha; tinha esperado que tudo aquilo se passasse sem que eles estivessem presentes, e então pouco importava; podia-se negar e desmentir tudo, ao passo que a presença do rei e da rainha tornava a cena histórica.

Porém, o seu terror aumentou mais ainda quando viu que seu irmão Jorge se aproximava da rainha, e animado por um sorriso dela, lhe dirigia uma palavra.

Estava demasiado longe para poder ouvir, porém pelos gestos percebeu que era uma súplica que Jorge dirigia a Maria Antonieta.

Apenas acabou de falar, a rainha fez um sinal de consentimento, e de repente, tirou o laço que trazia na touca e entregou-o ao mancebo.

Charny arreprou-se, estendeu os braços e por pouco não soltou um grito.

O laço que a rainha oferecia ao seu imprudente cavaleiro nem sequer era o laço branco, o laço francês; era o laço preto, o laço austríaco, o laço inimigo.

Desta vez, o que a rainha acabava de praticar era mais do que imprudência, era uma traição.

E todavia, estavam tão loucos todos aqueles pobres fanáticos, a quem Deus queria perder, que apenas Jorge de Charny lhes apresentou o laço preto, os que tinham o laço branco atiraram-no fora, e os que tinham o laço tricolor calcaram-no aos pés.

Chegaram então a tal ponto os transportes, que os augustos hóspedes do regimento de Flandres tiveram de voltar para os seus aposentos, único recurso que lhes restava para se livrarem de serem sufocados pelos abraços ou de calcarem aos pés as pessoas que perante eles ajoelhavam.

Tudo isto não teria sido mais do que uma loucura francesa, que os Franceses sempre estão prontos a desculpar, se a orgia se houvesse limitado ao entusiasmo; porém o entusiasmo foi em breve ultrapassado.

Não era justo que os bons realistas, ao mesmo tempo que acariciavam o rei, agatanhassem um pouco a nação, aquela nação, em nome da qual causavam tanto desgosto ao rei? Por isso a música tocava:

Quem poderá afligir o objecto amado?

Foi ao som dessa copla que o rei, a rainha e o delfim saíram da sala.

Apenas eles voltaram costas, os convivas, animando-se mutuamente, transformaram a sala do banquete numa cidade tomada de assalto.

A um sinal que deu o Sr. de Perseval, ajudante de ordens do Sr. d'Estaing, os clarins tocaram à carga.

À carga contra quem? Contra o inimigo ausente.

Contra o povo.

A carga, música tão grata, ao ouvido francês, que produziu a ilusão de fazer considerar a sala do teatro de Versalhes como um campo de batalha e as lindas damas, que observavam dos camarotes aquele espectáculo tão aprazível aos seus corações, como outros tantos inimigos!

Ressou o grito de: ao assalto! proferido por cem vozes, e logo começou a escalada dos camarotes. Verdade seja que as disposições em que estavam os sitiados eram tão pouco para temer, que os sitiados lhes estenderam as mãos.

O primeiro que subiu à galeria foi um granadeiro do regimento de Flandres. O Sr. de Perseval tirou um hábito do peito e condecorou-o.

É verdade que era um hábito de Limbourg, um desses hábitos que a bem dizer nenhuma importância têm.

E tudo isto tinha lugar à sombra do laço austríaco, com vociferações contra o laço nacional.

Alguns clamores surdos escapavam sinistramente por um ou outro lado.

Porém estes rumores, abafados pela gritaria dos que cantavam, pelos vivas dos sitiantes e pelo estrondo das trombetas refluíram ameaçadores até aos ouvidos do povo, que escutava à porta, admirado a princípio, e depois indignado.

Soube-se então fora, primeiro no largo, depois pelas ruas, que o laço preto fora substituído pelo laço branco, e o laço tricolor calcado aos pés.

Soube-se também que um valente oficial da guarda nacional, que tinha querido conservar o seu laço tricolor apesar das ameaças, havia sido gravemente ferido nos próprios aposentos do rei.

Depois, repetia-se vagamente que um único oficial, imóvel, triste e de pé, à entrada daquela imensa sala, transformada em circo, onde se revolviam todos aqueles furiosos, observara e escutara tudo, mostrando que tinha um coração leal e que era soldado intrépido, submetendo-se à onipotência da maioria, tomando sobre si as culpas dos outros, e aceitando a responsabilidade de todos os excessos cometidos pelo exército, representado naquele dia funesto pelos oficiais do regimento de Flandres; porém, não houve quem proferisse o nome daquele homem, único que mostrara ter juízo entre tantos loucos; e ainda que o houvesse, nunca ninguém acreditaria que o conde de Charny, o valido da rainha, fosse justamente aquele, que, aliás sempre pronto a morrer por ela, maior desgosto tivera com o que ela praticara.

Quanto a Maria Antonieta, tinha voltado aos seus aposentos verdadeiramente deslumbrada pela magia daquela cena.

Não tardou que lá a fosse assaltar a chusma dos cortesãos e dos adúladores.

- Veja - lhe diziam eles - veja qual é o verdadeiro espírito das suas tropas; veja-as, quando lhes falam da fúria popular pelas idéias anárquicas; veja se essa fúria será capaz de lutar com o feroz ardor dos militares franceses pelas idéias monárquicas.

E como estas palavras correspondiam aos desejos ocultos da rainha, esta deixava-se embalar por quimeras, sem sequer reparar em que Charny ficara longe dela.

Entretanto, os rumores foram cessando gradualmente; o sono do espírito apagou todos os fogos-fátuos, todas as fantasmagorias da embriaguez. O rei foi fazer uma visita à rainha quando estava para se deitar, e disse-lhe estas palavras, que tinham o cunho de profunda prudência:

- Amanhã veremos.

O imprudente, com tais palavras, que, para qualquer outra pessoa que não fosse aquela a quem eram dirigidas, seriam um conselho sisudo, acabava de avivar na rainha a fonte quase estancada de resistência e de provocação.

- Com efeito - murmurou ela logo que ele saiu - aquela chama, abafada no paço até agora, vai espalhar-se por Versalhes esta noite, e causará amanhã um incendido em toda a França. Todos aqueles soldados e oficiais, que me deram esta noite tão ardentes penhores de dedicação, vão ser chamados traidores e rebeldes à nação. Os assassinos da pátria hão-de chamar aos chefes destes aristocratas, subalternos dos estipendiados de Pitt e de Coburgo, satélites do poder dos bárbaros, dos selvagens do Norte.

“Cada uma daquelas cabeças que arvorou o laço preto vai ser pelos ferozes assassinos sentenciada a figurar no candeeiro da praça de Grève”.

“Cada um daqueles peitos, donde saía tão lealmente o grito de: Viva a rainha! Será rasgado, na primeira sedição que houver, pelas facas ignóbeis e pelos infames chuços.”

“E serei eu ainda, eu, sempre eu, quem terá sido a causa de tudo isso! Serei quem condenará à morte tantos servidores valentes, que junto de mim, soberana inviolável, pouparão por hipocrisia, e longe insultarão por ódio!”

“Oh! Não, antes quero assumir a responsabilidade do erro que cometi do que ser a tal ponto ingrata para com os meus únicos, os meus derradeiros amigos, do que ser a tal ponto covarde e desalmada. Foi por minha causa que tudo aquilo se fez: expor-me-ei portanto às iras. Veremos até onde chegará o ódio, veremos até que degrau do meu trono se atreverá a subir a onda impura.”

A rainha, depois de ter passado uma noite assim animada por aquela insónia carregada de sombrios conselhos, percebeu que o resultado do dia seguinte não era duvidoso.

Chegou afinal o dia seguinte, anuviado de remorsos, repleto de murmúrios.

No dia seguinte, a guarda nacional, a quem a rainha acabava de distribuir as bandeiras, foi de cabeça baixa e olhar oblíquo, agradecer a Sua Majestade.

Facilmente se podia adivinhar pela atitude daqueles homens que não aprovavam nada do que se fizera, antes, pelo contrário, teriam desaprovado tudo, se a tanto se atrevessem.

Tinham formado parte do cortejo, tinham ido ao encontro do regimento de Flandres, tinham recebido e aceitado convites para o banquete. Contudo, como eram mais cidadãos do que soldados, tinham sido eles que, durante a orgia, haviam aventurado as observações surdas, que ninguém atendera.

Essas observações, no dia seguinte, eram uma acusação, uma censura.

Quando foram ao palácio agradecer à rainha, acompanhava-os uma grande multidão de povo.

Era que, em vista da gravidade das circunstâncias, a cerimónia tornava-se imponente.

O resultado dera a conhecer o que se poderia esperar de parte a parte.

Por outro lado, os soldados e os oficiais, que na véspera tinham ficado comprometidos, desejando saber até que ponto seriam apoiados pela rainha na sua imprudente demonstração, colocaram-se em frente daquele povo escandalizado e insultado no dia antecedente, para ouvirem as primeiras palavras oficiais saídas do paço.

Todo o peso da contra-revolução ficava desde então suspenso sobre a cabeça da rainha unicamente.

Todavia, ainda estava na sua mão declinar de si semelhante responsabilidade, e evitar tamanha desgraça.

Porém, ela, soberba como os mais soberbos da sua raça, correndo o seu olhar claro, límpido e afoito, pelas pessoas que a cercavam, tanto amigas como inimigas, e dirigindo-se com voz sonora aos oficiais da guarda nacional, disse:

- Senhores, muito folgo de lhes haver dado as bandeiras. A nação e o exército devem ter ao rei o mesmo amor que nós temos à nação e ao exército.

“Causou-nos muita satisfação o dia de ontem.”

A estas palavras, que ela acentuou com toda a firmeza, ouviu-se um murmúrio na multidão, e os militares romperam em estrondosos aplausos.

- Ela apoia-nos - disseram estes.

- Ela atraiçoa-nos - disseram aqueles.

Visto isso, pobre rainha, aquela noite fatal do 1.º de Outubro não era uma surpresa! Visto isso, infeliz mulher, não tens nenhuns remorsos do dia de ontem, não estás arrependida do que fizeste?

Charny, colocado no centro de um grupo, ouviu, dando um profundo e pesaroso suspiro, aquela justificação, ou antes aquela glorificação da orgia dos oficiais da guarda.

A rainha, quando desviou a vista da multidão, encontrou os olhos do mancebo, e demorou o olhar na fisionomia do amante, a fim de ver a impressão que causara.

- Então, não sou destemida? - queria ela dizer.

- Ai! Minha senhora, tem mais de louca do que de destemida - respondeu o semblante triste e carregado do conde.

As mulheres também entram em cena

Ao passo que a corte, em Versalhes, fazia tão heróicas negaças ao povo, os habitantes de Paris, entusiasmavam-se contra a corte; a diferença estava em que o entusiasmo da capital corria as ruas.

Os cavaleiros do povo divagam cobertos de andrajos, com uma das mãos postas no punho de um sabre ou na coronha de uma pistola, e comprimindo com a outra as algibeiras despejadas e os estômagos vazios.

Infelizmente, enquanto em Versalhes se bebia em demasia, em Paris não havia bastante que comer.

Muito vinho nas mesas de Versalhes.

Escassez de farinha nas padarias de Paris.

Acontecimentos singulares! Triste cegueira, que ainda hoje, que estamos afeitos a presenciar tantas quedas de tronos, arrancará um sorriso de dó aos homens políticos.

Fazer uma contra-revolução e provocar à guerra com a gente esfaimada!

Ah! Dirá a história, obrigada a transformar-se em filósofo materialista, nunca o povo, se bate mais cruelmente do que quando não tem jantado.

Era bem fácil, todavia, dar pão ao povo, e decerto, lhe teria parecido menos amargo o pão de Versalhes.

Mas as farinhas de Corbeil não chegavam. Corbeil ficava tão longe de Versalhes! Qual das pessoas que cercavam o rei ou a rainha se teria lembrado de Corbeil?

Desgraçadamente, em conseqüência daquele esquecimento da corte, o espectro chamado fome, que adormece a tanto custo e acorda tão facilmente, fora vaguear pálido e inquieto pelas ruas de Paris. Escutava a todas as esquinas; recrutava a sua comitiva de vagabundos e malfeitores, e ia espreitar com o rosto sinistro pelas vidraças dos ricos e dos funcionários públicos.

Os homens recordavam-se das sedições, que tanto sangue haviam custado, da tomada da Bastilha, da morte de Foulon, de Berthier, de Flesselles e outros; receavam que lhes chamassem outra vez assassinos, e por isso esperavam.

Porém, as mulheres, que até então nada tinham feito senão sofrer, e que sofriam de um tríplice sofrimento por causa dos filhos que choravam injustamente ou por não terem consciência do motivo que os fazia chorar; por causa das crianças, que diziam às mães: “Por que não nos dá pão?” por causa dos maridos, que saíam de casa sombrios e voltavam ainda mais taciturnos; finalmente, por causa de si próprias, pois estavam sendo um eco doloroso dos sofrimentos conjugais e maternais; as mulheres, dizíamos, ansiavam por tirar também a sua desforra; queriam servir a pátria à sua moda.

E demais, não eram porventura as mulheres que tinham promovido a cena do 1.º de Outubro em Versalhes?

Era portanto às mulheres a quem competia provocar a sublevação de 5 de Outubro em Paris.

Gilberto e Billot estavam no largo do Palais-Royal, no café de Foy. Era nesse café que se faziam as moções. De repente, abre-se a porta do café e entra uma mulher toda espavorida. Denuncia os laços brancos e pretos que de Versalhes já passavam para Paris, e proclama o perigo público.

Lembrados estarão os leitores do que Charny dissera à rainha:

- Minha senhora, quando as mulheres entrarem em cena, então é que haverá verdadeiramente motivo de receio.

Era este também o parecer de Gilberto.

E por isso, apenas viu que as mulheres tomavam parte na festa, voltou-se para Billot e só proferiu estas palavras:

- À casa da câmara!

Depois da conferência que tinha tido lugar entre Billot, Gilberto e Pitou, e em resultado da qual este regressara para Villers-Cotterets com o pequeno Sebastião Gilberto, Billot obedecia à menor palavra, gesto ou aceno de Gilberto, porque tinha entendido que, se em si estava a força, em Gilberto estava a inteligência.

Saíram ambos apressadamente do café, cortaram em diagonal pelo jardim do Palais-Royal, atravessaram o pátio das Fontes, e chegaram à rua de Saint-Honoré.

Na altura do terreiro público, encontraram uma rapariga que vinha desembocando da rua de Bourdonnais, a tocar tambor desabridamente.

Gilberto parou admirado e perguntou:

- Que é aquilo?

- Então, não vê, doutor? - respondeu Billot; - é uma rapariga bonita que vai rufando muito sofrivelmente.

- Perdeu o juízo naturalmente - disse um homem do povo que ia passando.

- Sempre está bem pálida! - observou Billot, denunciando certo interesse e curiosidade que lhe inspirava a rapariga.

- Pergunte-lhe o que quer - disse Gilberto.

- Olá! Linda menina! - gritou Billot - por que motivo anda assim a tocar tambor?

- Porque tenho fome! - respondeu a rapariga com voz aguda e estridente.

E prosseguiu no seu caminho, continuando sempre a rufar no tambor.

Gilberto tinha ouvido.

- Oh! Oh! - disse ele - agora é que o caso se vai tornando medonho.

E olhou mais atentamente para as mulheres que seguiam a rapariga do tambor.

Iam todas pálidas, cambaleando e como desesperadas.

Havia entre elas algumas, que tinham passado trinta horas sem comer.

Daquele grupo de mulheres partia de tempos a tempos um grito, que a sua mesma fraqueza tornava ameaçador, porque se conhecia que era um grito saído de bocas esfaimadas.

- Vamos a Versalhes! - bradavam elas; - vamos a Versalhes!

Pelo caminho adiante acenavam a todas as mulheres que avistavam às portas das casas, e chamavam quantas apareciam às janelas.

Passou uma carruagem, levando dentro duas senhoras, que deitaram as cabeças de fora dos postigos e desataram a rir.

A escolta do tambor parou. Umaz vinte mulheres correram às portinholas da carruagem, fizeram appear as duas senhoras e obrigaram-nas a acompanhar o grupo, apesar das suas recriminações e de uma resistência, a que logo puseram termo duas ou três vigorosas bordoadas.

Atrás das mulheres, que avançavam muito vagarosamente, em conseqüência do trabalho de recrutamento que iam fazendo pelo caminho adiante, seguia um homem com as mãos metidas nos bolsos.

Este homem, de rosto pálido e macilento, de corpo alto e delgado, trajava casaca cinzenta, véstia e calções pretos; levava um chapéu pequeno de três bicos, posto obliquamente na cabeça.

A espada, demasiado comprida, com o andar batia-lhe de encontro às pernas magras, mas nervosas.

Seguia as mulheres, observando, escutando, devorando tudo com os olhos penetrantes sombreados por densas sobranceiras pretas.

- Olé! - disse Billot - aquela cara não me é desconhecida; tenho-a encontrado em todas as sedições populares.

- É o meirinho Maillard - disse Gilberto.

- Ah! Sim, é ele mesmo; é o que passou depois de mim pela tábua da Bastilha, porém, foi mais destro do que eu, porque não caiu no fosso.

Maillard desapareceu com as mulheres ao voltar da rua.

Billot estava com muita vontade de acompanhar Maillard, porém Gilberto conseguiu

levá-lo consigo para a casa da câmara.

Afinal de contas sempre era ali que iam parar as sedições, ou fossem de homens ou de mulheres. Em vez de seguir a corrente do rio, iam direitos à sua nascente.

Na casa da câmara já sabiam o que se passava em Paris. Mas pouca importância tinham dado ao acontecimento. Com efeito, que importava ao fleumático Bailly e ao aristocrata Lafayette que uma mulher tivesse tido a lembrança de tocar tambor? Era uma antecipação do Entrudo, e nada mais.

Mas quando em seguimento da mulher, que tocava tambor, viram aparecer mais duas ou três mil mulheres, quando viram avançar pelos flancos daquela multidão, que de minuto para minuto ia aumentando, um bando não menos considerável de homens, que sorriam de um modo sinistro e traziam em descanso as suas armas hediondas; quando perceberam que os homens riam antecipadamente do mal que as mulheres iam fazer, mal tanto mais irremediável por isso que muito bem sabiam que a força pública não se lhe oporia antes dele feito, e que a força legal não o castigaria depois, começaram então a avaliar a terrível gravidade daquela situação.

Os homens sorriam porque estimavam ver praticar pela mais inofensiva metade do género humano as maldades que eles se não tinham atrevido a executar.

Ao cabo de meia hora, estavam umas dez mil mulheres reunidas na praça de Grève.

Essas mulheres, vendo-se em número suficiente, começaram a deliberar de mãos nas ilhargas.

A deliberação não foi muito plácida; as que deliberavam eram pela maior parte parteiras, regateiras, ou mulheres públicas. Muitas delas eram realistas, e longe de se lembrarem de fazer mal ao rei e à rainha, ter-se-iam exposto a morrer por eles. O alarido ocasionado por tão singular discussão era tal que ouvido por quem estivesse do outro lado do rio, nas torres silenciosas de Nossa Senhora, as quais, depois de terem presenciado tantos acontecimentos, estavam para ver outros ainda mais curiosos.

O resultado da deliberação foi o seguinte:

“Comecemos por deitar fogo à casa da câmara, onde se fabrica tanta papelada, que só dá em resultado fazer-nos jejuar contra vontade.”

Naquela mesma ocasião estavam tratando, na casa da câmara, de julgar um padeiro, que tinha vendido pão com falta de peso.

Já se vê que, quanto mais caro está o pão, melhor é uma operação deste género; porém, quanto mais lucrativa é, mais perigosa se torna. Por conseqüência, os assinantes do candeeiro já estavam à espera do padeiro com uma corda nova.

A guarda da casa da câmara queria salvar o desgraçado, e fazia todos os esforços possíveis para o conseguir.

Mas havia já algum tempo, como se tem visto, que o resultado não correspondia às suas disposições filantrópicas.

As mulheres acometeram a guarda, dispersaram-na, invadiram a municipalidade e deram logo começo ao saque.

Queriam atirar ao Sena tudo quanto encontrassem e queimar imediatamente aquilo que não pudessem transportar.

Assim pois, os homens à água, e fogo ao edifício.

Era uma grande obra.

Na casa da câmara havia um pouco de tudo.

Havia em primeiro lugar trezentos eleitores.

Havia os administradores dos bairros.

Havia os substitutos destes.

- Levar-nos-á muito tempo a atirar com toda esta gente à água - disse uma mulher de juízo, que parecia estar com muita pressa.

- Mas eles merecem-no bem - observou outra.

- Sim, mas falta-nos o tempo.

- Pois então larguemos o fogo a tudo! – disse outra - é o método mais simples.

Foram logo em procura de archotes, e à busca de fogo; e entretanto divertiam-se provisoriamente a enforcar um abade, que era o abade Lefèvre d’Ormesson.

Felizmente acudiu o homem de casaca cinzenta. Cortou a corda, o abade caiu de uma altura de dezessete palmos, torceu um pé, e fugiu a coxear ao som das gargalhadas de todas aquelas fúrias.

Ninguém se opôs à retirada do abade, porque os archotes já estavam acesos nas mãos das incendiárias, que se dirigiam para o arquivo dali a dez minutos.

O homem da casaca cinzenta corre de repente pela escada acima e arranca os tições e os archotes das mãos das mulheres; as que lhe resistem são açoitadas com os mesmos archotes, e enquanto o fogo lhes vai pegando nas saias, apaga ele o que já ia pegando nos papéis.

Quem era aquele homem, que assim se opunha à vontade terrível de dez mil criaturas furiosas?

Por que se deixavam elas governar por aquele homem? O abade Lefèvre ficou meio estrangulado; é preciso que esse homem seja enforcado, que se o enforcarem não haverá quem se lhes oponha.

Logo após estas reflexões, ouviu-se um som frenético ameaçando-o com a morte: à ameaça seguiu-se logo a acção.

As mulheres cercaram o homem da casaca cinzenta e deitaram-lhe uma corda ao pescoço.

Porém Billot acudiu então, e prestou a Maillard o mesmo serviço que Maillard prestara ao abade.

Agarrou-se à corda e cortou-a em dois ou três sítios com uma navalha de boa têmpera e bem afiada, que servia naquele momento ao dono para cortar cordas, mas que em ocasião de apuro, e manejada pelo seu braço vigoroso, poderia muito bem servir-lhe para outro fim.

E ao mesmo tempo que cortava a corda em quatro pedaços, exclamava Billot:

- Que é isso, desgraçadas? Não conhecem um dos vencedores da Bastilha? O que passou por cima da água para ir buscar a capitulação, enquanto eu fiquei a chafurdar no fosso? Porventura já não conhecem o Sr. Maillard?

As mulheres todas detiveram-se apenas ouviram aquele nome, tão conhecido e tão temido de todos. Olharam umas para as outras e limpavam a testa.

A tarefa fora árdua, e apesar de se estar no mês de Outubro, não era para estranhar que fizesse suar bastante quem a desempenhara.

- Um vencedor da Bastilha! O Sr. Maillard de mais a mais! O Sr. Maillard, que é meirinho do Châtelet. Viva o Sr. Maillard!

As ameaças transformaram-se logo em festas; abraçaram Maillard e gritaram:

- Viva Maillard!

Maillard trocou com Billot um aperto de mão e um olhar.

O aperto de mão queria dizer: Somos amigos!

O olhar significava: Se alguma vez lhe for preciso meu préstimo, conte comigo.

Maillard reassumiu para com as mulheres uma influência tanto maior, por isso que bem sentiam a necessidade em que estavam de obter dele que lhes perdoasse o excesso em que haviam rompido.

Porém, Maillard era um velho marinheiro popular, conhecia perfeitamente aquele mar dos arrabaldes, que se enfurece com um sopro e se aplaca com uma palavra.

Sabia como se deve falar àquelas ondas populares, quando dão tempo para se lhes falar.

Demais, a ocasião era propícia para que todos o ouvissem, porque todos estavam calados em volta dele.

Maillard não quer que as mulheres de Paris destruam a municipalidade, isto é, o único poder que as protege; não quer que aniquilem os registros do estado civil, por onde se prova que nem todos os seus filhos são bastardos.

As palavras de Maillard, desusadas, estridentes e zombeteiras, produzem o devido efeito.

Ninguém será morto; não se deitará o fogo a coisa alguma.

Mas querem ir a Versalhes.

Lá é que está o mal; é lá que se passam as noites de orgias, enquanto em Paris se morre de fome. É Versalhes que devora tudo. Em Paris há escassez de trigo e de farinha, porque as farinhas em lugar de ficarem em Paris, vão em direitura de Courbeille para Versalhes.

Já assim não sucederia se o *padeiro*, a *padeira* e o *moço da padaria* estivessem em Paris.

Era com essas alcunhas que designavam o rei, a rainha e o delfim, distribuidores naturais do pão do povo.

Irão pois a Versalhes.

Visto acharem-se as mulheres organizadas por companhias, visto terem espingardas, artilharia e pólvora, e as que não levam espingardas nem pólvora irem armadas de chuços e de forcados, terão um general.

Por que não? A guarda nacional também tem o seu.

Lafayette é o general dos homens.

Maillard será o general das mulheres.

O Sr. de Lafayette está à testa daqueles mandriões dos granadeiros, que parecem um exército de reserva, visto que tão pouco fazem quando há tanto que fazer.

Maillard será o comandante do exército activo.

Maillard aceita sem rir, e sem pestanejar sequer.

Maillard está feito comandante das mulheres de Paris.

A campanha não durará muito, mas há-de ser decisiva.

L

O general Maillard

Maillard estava realmente à frente de um exército.

Tinha espingardas, a muitas das quais faltavam os gatilhos ou os fuzis, mas a nenhuma faltava a baioneta.

A pólvora ia nos lenços, nas toucas, nas algibeiras, patronas improvisadas por entre as quais passeavam os artilheiros com os morrões acesos.

Foi certamente um milagre não haver uma explosão, que atirasse o exército pelo ar naquela célebre jornada.

Maillard aprecia num relance as disposições do seu exército. Vê que não lhe será possível contê-lo onde está, nem obrigá-lo a permanecer em Paris, e que o único partido que lhe resta é conduzi-lo a Versalhes, e uma vez chegado lá, tratar de evitar o mal que pudesse lembrar-se de praticar.

Maillard resolve-se a desempenhar tão difícil e heróica tarefa.

Em consequência desta resolução, Maillard desce e pega no tambor que estava suspenso ao pescoço da rapariga.

Esta, meio morta de fome, já não podia com ele. Largou o tambor, escorregou da parede a que se encostara, e caiu com a cabeça sobre um colunelo.

Triste travesseiro!... O travesseiro da fome!...

Maillard perguntou-lhe o nome. Chamava-se Madalena Chambry, e esculpia ornatos de madeira para as igrejas. Mas quem se lembrava então de dotar as igrejas com aqueles lindos móveis de madeira, aquelas formosas estátuas, ou aqueles primorosos baixos-relevos, obras-primas do século XV?

Como lhe faltasse este recurso, tornara-se ramalheteira no Palais-Royal.

Mas quem compra flores, quando não há dinheiro para pão?

As flores, estrelas que brilham no céu da paz e da abundância, murcham com o vento das tempestades e das revoluções.

Madalena Chambry, não tendo para quem esculpir as suas obras de carvalho, não achando venda às suas rosas, jasmims e açucenas, pegou num tambor e tocou aquele horrível rebate de fome.

A mulher que reuniu aquela triste deputação acompanhá-la-á também a Versalhes; porém como está fraca para poder ir a pé, será levada num carro.

Logo que cheguem a Versalhes, pedirão licença para que ela entre no paço, com mais doze mulheres; será a oradora esfaimada, que irá advogar junto do rei a causa dos famintos.

Todas aprovam esta idéia de Maillard.

Assim, pois, Maillard, com uma só palavra, modificou todas as disposições hostis.

Ninguém sabia o motivo por que ia a Versalhes, nem, tão-pouco o que lá ia fazer.

Agora já se sabe; dirigem-se a Versalhes para que uma deputação de doze mulheres, com Madalena Chambry à frente, se apresente ao rei a suplicar-lhe, *em nome da fome*, que se compadeça do seu povo.

Acham-se reunidas cerca de sete mil mulheres.

Põem-se a caminho, e vão seguindo pelo cais adiante.

Porém, ao chegarem às Tulherias, ouve-se grande berreiro.

Maillard trepa a um coronel para ficar sobranceiro ao seu exército.

- Que pretendem? - perguntou ele.

- Queremos atravessar as Tulherias.

- É impossível - responde Maillard.

- Por que é impossível? - bradam sete mil vozes.

- Porque as Tulherias são a casa e o jardim do rei, e se as atravessarmos sem sua licença, é o mesmo que insultá-lo, é mais ainda, é um atentado cometido na pessoa do rei contra a liberdade de todos.

- Muito bem! - responderam as mulheres – peça então licença ao guarda-portão.

Maillard aproximou-se deste, e com o chapéu na mão, disse:

- Meu amigo, permite-me que estas senhoras atravessem as Tulherias? Passaremos pelo corredor de abóbada, e nenhum dano se fará às plantas nem às árvores do jardim.

A única resposta do guarda-portão foi puxar pela comprida espada e atirar-se a Maillard.

Este puxa pela sua, mais curta um pé, e apara-lhe o primeiro bote. Durante este tempo aproxima-se uma mulher do guarda-portão, e dando-lhe com um cabo de vassoura na cabeça, estende-o aos pés de Maillard.

Ao mesmo tempo outra mulher dispõe-se a abrir-lhe o estômago com uma baioneta.

Maillard torna a embainhar a espada, mete a do guarda-portão debaixo de um braço, agarra com o outro a espingarda da mulher, apanha do chão o chapéu, que lhe caíra durante a luta, põe-o na cabeça, e prossegue o seu caminho através das Tulherias, onde, conforme prometera, nenhum estrago se fez.

Deixemo-las continuar no seu caminho pela alameda da rainha, e dirigirem-se para Sèvres, onde se separam em dois bandos, e vejamos o que se passava em Paris.

Aquelas sete mil mulheres não tinham tentado afogar os eleitores, enforcar o abade Lefèvre e Maillard, e largar fogo à casa da câmara, sem causarem algum reboliço.

Lafayette, apenas soubera daquele alvoroço, cuja notícia se espalhara logo pelos bairros mais afastados da capital, acudira imediatamente.

Andava passando uma espécie de revista no Campo de Marte.

Estava a cavalo desde as oito horas da manhã, e chegou ao largo da casa da câmara quando dava meio-dia.

As caricaturas daquele tempo figuravam Lafayette como um centauro. O corpo era o do famoso cavalo branco, que se tornara proverbial.

A cabeça era a do comandante da guarda nacional.

Desde o princípio da revolução, Lafayette falava a cavalo, comia a cavalo e comandava a cavalo.

Até lhe sucedia muitas vezes dormir a cavalo.

E por isso, quando se lhe oferecia ocasião de dormir na cama, ferrava bem no sono.

Quando Lafayette chegou ao cais Pelletier, deteve-o um homem montado num excelente cavalo de corridas.

O homem era Gilberto, que partia para Versalhes. Ia prevenir o rei do que sucedera, e pôr-se à sua disposição.

Contou tudo a Lafayette em duas palavras.

Daí cada um deles prosseguiu o seu caminho.

Lafayette dirigiu-se para a casa da câmara, e Gilberto para Versalhes; porém, como as mulheres iam seguindo a margem direita do Sena, este tomou pela margem esquerda.

O largo da municipalidade, logo que as mulheres o haviam evacuado, enchera-se de homens.

Os homens ali reunidos eram guardas nacionais assoldados ou não assoldados, e soldados antigos da guarda francesa, que, tendo passado para as fileiras do povo, haviam perdido os seus privilégios de guardas do rei, privilégios herdados pelos guardas e pelos Suíços.

Ao motim que faziam as mulheres sucedera a bulha dos sinos, que tocavam a rebato, e a dos tambores tocando a generala.

Lafayette atravessou aquela turbamulta, apeou-se ao pé da escadaria, e sem fazer caso dos aplausos misturados de ameaças, que a sua presença excitava, foi ditar uma carta dirigida ao rei, acerca da insurreição que se dera naquela manhã.

Estava na sexta linha da carta quando se abriu com violência a porta da secretaria.

Lafayette ergueu os olhos. Uma deputação de granadeiros pedia para ser atendida pelo general.

Lafayette fez sinal à deputação de que podia entrar.

Entrou efectivamente.

Um granadeiro que fora encarregado de falar em nome dos outros chegou-se ao pé da mesa e disse em voz firme:

- Meu general, vimos aqui deputados por dez companhias de granadeiros. Não o temos em conta de traidor, mas estamos persuadidos de que o governo nos está atraíndo. Já é tempo que tudo isto acabe; nós não podemos calar as nossas baionetas contra mulheres que nos pedem pão. A comissão dos víveres prevarica, ou é inábil; em que qualquer dos dois casos é preciso substituí-la por outra. O povo está desgraçado, a origem do mal existe em Versalhes. É necessário ir buscar o rei e trazê-lo para Paris; é necessário exterminar o regimento de Flandres e os guardas reais, que se atreveram a calcar aos pés o laço nacional. Se o rei não tem força para poder com a coroa, que abdique. Proclamaremos o filho. Nomear-se-á um conselho de regência, e tudo caminhará às mil maravilhas.

Lafayette olhou com espanto para o orador. Tinha presenciado sedições, tinha lamentado assassínios, mas era esta a primeira vez que o sopro revolucionário lhe açoutava na realidade o rosto.

Aquela facilidade que o povo mostrava de passar sem o rei causava-lhe mais do que admiração, fazia-o pasmar.

- Pois quê! - exclamou ele - projectam porventura declarar guerra ao rei e ainda obrigá-lo a abandonar-nos.

- Meu general - respondeu o orador - nós estimamos e respeitamos o rei. Sentiríamos muito se ele nos deixasse, por lhe termos muito amor, mas dado o caso que ele nos deixe, ficamos o delfim.

- Senhores, senhores - disse Lafayette - reparem no que fazem; isso é tocar na coroa, e eu não devo consentir em tal.

- Meu general - replicou o guarda nacional inclinando-se - estamos prontos a derramar pelo senhor até à última pinga de sangue; mas o povo está desgraçado, a origem do mal existe em Versalhes, e é preciso ir buscar o rei e trazê-lo para Paris; o povo assim o quer.

Lafayette conheceu que lhe era indispensável sacrificar-se pessoalmente. Nunca na sua vida recuara em lances desta natureza.

Desceu ao largo da municipalidade e quis falar ao povo; porém os gritos: “a Versalhes! A Versalhes!” abafaram-lhe a voz.

De repente ouviu-se um grande rumor para a banda da rua de La Vannerie. Era Bailly, que se dirigia também para a casa da câmara.

À vista de Bailly os gritos de: “Pão! Pão! A Versalhes! A Versalhes!” ressoaram por todos os lados.

Lafayette, a pé, perdido entre a multidão, sentiu que a onda ia subindo cada vez mais e não tardaria a submergi-lo.

Rompeu pelo meio do apertão para chegar onde estava o cavalo, com ardor igual ao do náufrago, que corta as ondas para chegar a um rochedo.

Alcançou-o afinal, saltou para a sela e quis aproximar-se do peristilo; mas o caminho estava completamente obstruído entre ele e a casa da câmara; tinham brotado do chão muralhas de homens.

- Irra, general! - gritaram os homens - há-de ficar connosco.

Ao mesmo tempo bradavam todos à uma: “a Versalhes! a Versalhes!”

Lafayette parou, hesitando. Não há dúvida alguma; acompanhando-os a Versalhes, podia prestar um grande serviço ao rei; mas teria acaso a força necessária para domar aquela multidão, que o impelia para Versalhes? Poderia dominar aquelas vagas, que acabavam de o erguer do chão, e contra as quais sentia que lutava pela própria salvação?

De repente um homem com uma carta na mão, desceu os degraus do peristilo, abriu caminho por entre o povo, e tanto trabalhou com os pés e com as mãos, e sobretudo com os cotovelos, que chegou ao pé de Lafayette.

O recém-chegado era o incansável Billot.

- Aqui tem, general - disse ele; - é um ofício que lhe enviam os Trezentos.

Era assim que chamavam aos eleitores.

Lafayette rasgou o sobrescrito e começou a ler para si, mas vinte mil vozes gritaram ao mesmo tempo:

- O ofício! O ofício!

Não teve remédio senão ler o ofício em voz alta. Fez sinal para que se calassem, e no mesmo instante, como por milagre, seguiu-se àquele grande tumulto um completo silêncio, e Lafayette leu o ofício seguinte, sem que ninguém soltasse uma única palavra:

“Tomando em consideração as actuais circunstâncias e o desejo do povo, e atendendo a que não é possível deixar de anuir ao mesmo desejo, segundo se depreende da *representação* do Sr. comandante geral, a Assembléia Nacional autoriza o dito senhor, e até lhe ordena que marche para Versalhes.”

“Quatro comissários do município o acompanharão.”

O pobre Lafayette não tinha *representado coisa nenhuma* aos senhores eleitores; mas a estes não se lhes dava de repartir com ele a responsabilidade dos acontecimentos que se iam passar. Todavia o povo ficou persuadido de que o general tinha realmente *representado* e como a representação do seu comandante estava em harmonia com o voto geral, gritaram todos os circunstantes: Viva Lafayette!

Então Lafayette, empalidecendo, repetiu também: A Versalhes!

Seguiram-no quinze mil homens com um entusiasmo mais silencioso, porém ao mesmo tempo mais terrível do que o das mulheres que o tinham precedido como guarda avançada.

Toda aquela gente devia encontrar-se em Versalhes, para pedir ao rei as migalhas de pão, que tinham caído da mesa do banquete da oficialidade dos corpos, durante a orgia da noite de 1 para 2 de Outubro.

Versalhes

Na forma do costume, ignoravam completamente em Versalhes o que se estava passando em Paris.

A rainha ficara descansada com as cenas que descrevemos, e de que se mostrara tão satisfeita no dia imediato.

Já tinha um exército, já tinha sectários, já tinha contado os seus inimigos: desejava travar a luta.

Não estava ainda por vingar a afronta que sofrera em 14 de Julho? E aquela jornada do rei a Paris, donde regressara com um laço tricolor no chapéu, não era necessário fazê-la esquecer à corte e esquecê-la ela mesma?

Pobre mulher! Mal pensava ela na jornada que ia ser obrigada a fazer.

Desde a sua altercação com Charny, nunca mais lhe falara. Afectava tratar Andréia com a antiga amizade, que por um instante lhe esfriara no coração, e que para sempre se apagara no da sua rival.

Quanto a Charny, não se voltava nem olhava para ele senão quando tinha forçosamente que dirigir-lhe a palavra por motivos de serviço, ou para lhe dar alguma ordem.

O desvalimento porém não abrangia a família toda, porque na manhã do mesmo dia em que os Parisienses deviam sair de Paris para irem a Versalhes, esteve a rainha a conversar afectuosamente com o jovem Jorge de Charny, que era o segundo dos três irmãos, e o que lhe dera, ao contrário do mais velho, do conde Olivier, conselhos bélicos, quando se soube a notícia da tomada da Bastilha.

Naquela manhã, pela volta das nove horas, ia atravessando a galeria o jovem oficial a que nos referimos, para comunicar ao monteiro-mor que o rei tencionava ir à caça. Nessa ocasião foi visto por Maria Antonieta, que, acompanhada por Andréia, saía da capela onde fora ouvir missa.

- Onde vai assim de corrida? - perguntou a rainha.

- Deixei de correr apenas vi Vossa Majestade - respondeu Jorge; - aqui fiquei parado, esperando humildemente a honra que acaba de me fazer dirigindo-me a palavra.

- Parece-me que isso não obsta a que me responda e me diga onde ia?

- Senhora - replicou Jorge - fui nomeado para fazer parte da escolta do rei; hoje Sua Majestade quer ir à caça, e vou saber do monteiro-mor quais são os sítios onde se há-de fazer alto.

- Ah! O rei também hoje vai à caça - disse a rainha, observando as nuvens densas e escuras que se amontoavam na direcção de Paris; - faz mal. O tempo parece não estar muito seguro, não é assim, Andréia?

- É, sim, minha senhora - respondeu tristemente a jovem condessa.

- Não é esta também a sua opinião, senhor?

- É, sim, minha senhora mas o rei assim o quer.

- Cumprida seja pois a vontade do rei, nos bosques e nas estradas - respondeu a rainha com a jovialidade que nela era usual, e que nem os pesares de coração nem os acontecimentos políticos combinados conseguiram fazer-lhe perder.

Depois, voltando-se para Andréia, disse, baixando a voz um pouco:

- Ao menos deixemos-lhe isto.

E logo, em voz alta para Jorge:

- Sabe dizer-me, para que lado vai o rei à caça?

- Vai aos bosques de Meudon, minha senhora.

- Está bom, acompanhe-o, e guarde-o bem.

Naquele instante entrara o conde de Charny. Sorriu-se ternamente para Andréia, e abanando a cabeça aventurou-se a dizer à rainha:

- Dessa recomendação há-de meu irmão recordar-se, minha senhora, não quando o rei estiver entregue aos seus folgares, senão quando o vir ameaçado de algum perigo.

Ao som daquela voz, que acabava de lhe ferir o ouvido sem que os seus olhos a tivessem advertido da presença de Charny, Maria Antonieta estremeceu, e voltando-se, disse em tom desabrido e desdenhoso:

- Muito me admiraria que essas palavras não fossem proferidas pelo Sr. Olivier de Charny.

- Por que motivo, minha senhora? – perguntou respeitosamente o conde.

- Porque são uma profecia de desgraça, senhor.

Andréia descorou ao ver o conde empalidecer.

Este inclinou-se sem responder.

Mas como a esposa olhasse para ele, admirada de o ver tão sofredor, disse:

- É realmente forte infelicidade a minha, pois *já* não sei falar a Sua Majestade sem a ofender.

O *já* era acentuado como os actores acentuam em cena as sílabas mais importantes.

O ouvido da rainha era tão fino que não podia escapar-lhe a intenção com que Charny dissera aquelas palavras.

- *Já!* - disse ela vivamente - *já!* Que significa *já*?

- Vejo que tornei a exprimir-me mal - disse simplesmente o Sr. de Charny

E trocou com Andréia um olhar, que desta vez foi surpreendido pela rainha.

Empalideceu também, e logo, apertando os dentes encolerizada, exclamou:

- As palavras são sempre más - retorqui a rainha - quando a intenção não é boa.

- O ouvido costuma ser hostil - retorqui Charny - quando é hostil o pensamento.

E depois desta réplica, mais exacta do que respeitosa, ficou calado.

- Esperarei para responder - disse a rainha – que o Sr. de Charny seja mais feliz nos seus ataques.

- E eu - respondeu Charny - esperarei para atacar que a rainha seja mais feliz do que tem sido, há algum tempo a esta parte, na escolha dos seus servidores.

Andréia tomou com vivacidade a mão do marido, e dispôs-se a sair com ele. Um olhar da rainha deteve-a. Vira aquele movimento.

- Mas, afinal, que tinha a dizer-me o *seu marido*? - perguntou a rainha.

- Queria dizer a Vossa Majestade, que tinha sido mandado ontem a Paris pelo rei, e que encontrara a capital seriamente alvoroçada.

- Outra vez! - disse a rainha - e por que motivo? Os Parisienses já tomaram a Bastilha e estão tratando de a demolir. Que mais querem eles? Responda, Sr. de Charny.

- É verdade, minha senhora - respondeu o conde; - mas como não podem comer as pedras, queixam-se de que têm fome.

- Têm fome! Têm fome! - exclamou a rainha. - Que querem que façamos a isso?

- Houve tempo, minha senhora - disse Charny - em que a rainha era a primeira que se compadecia das dores públicas e procurava suavizá-las. Houve tempo em que subia às águas-furtadas dos pobres, e em que as orações dos pobres se elevavam das águas-furtadas até à presença do Omnipotente.

- Sim - respondeu amargamente a rainha - e bom pago tive da minha compaixão pelas desgraças alheias. Um dos meus maiores desgostos foi originado por ter subido a uma das tais águas-furtadas.

- Porque Vossa Majestade se enganou uma vez - disse Charny - porque prodigalizou as suas graças e favores a uma miserável criatura, quererá medir a humanidade toda pelo nível de uma infame? Ah! Minha senhora, como todos a amavam naquele tempo!

A rainha deitou um olhar de fogo a Charny.

- Finalmente - disse ela - que se passava ontem em Paris? Diga-me unicamente as coisas que presenciou, senhor; quero confiar na verdade das suas palavras.

- Que presenciei, minha senhora? Vi parte da população apinhada nos cais, esperando inutilmente pela chegada das farinhas; vi outra parte amontoada, às portas das padarias, esperando inutilmente que lhe vendessem pão; vi um povo esfaimado; maridos que olhavam tristemente para as mulheres, e mães que contemplavam em lágrimas os filhos; vi punhos fechados e ameaçadores, dirigidos para o lado de Versalhes. Ai, minha senhora, são estes os perigos de que falei em tempo, e não tardará que se nos ofereça ocasião de morreremos todos por Vossa Majestade, felicidade esta que tanto meu irmão como eu, somos os primeiros a reclamar.

A rainha voltou as costas a Charny num movimento de impaciência, e foi encostar a testa, que apesar de pálida, tinha a arder, ao vidro de uma janela que deitava para o pátio de mármore.

Apenas ali chegou, viram-na sobressaltar-se.

- Andréia - disse ela - venha aqui ver quem é aquele cavaleiro que chegou agora mesmo; parece ser portador de notícias urgentíssimas.

Andréia chegou à janela, mas quase imediatamente deu um passo atrás e mudou de cor.

- Ah! Minha senhora! - disse ela fazendo um gesto de despeito.

Charny aproximou-se vivamente da janela; não lhe escapara nada do que acabava de se passar.

- Aquele cavaleiro - disse ele olhando sucessivamente para a rainha e para Andréia - é o doutor Gilberto.

- Ah! É verdade - disse a rainha de um modo tal, que Andréia não pôde perceber se a rainha a havia atraído à janela em conseqüência de um dos acessos de vingança feminina, de que era acometida às vezes a pobre Maria Antonieta, ou se tinha sido porque os seus olhos, enfraquecidos pelas vigílias e pelas lágrimas, já não conheciam, em certa distância, nem as pessoas que desejavam conhecer.

No mesmo instante apoderou-se sepulcral silêncio dos três actores principais desta cena, os quais apenas com os olhos continuavam a interrogar ou a responder.

Era com efeito Gilberto, que chegava trazendo as sinistras novas que Charny vaticinara.

Contudo, conquanto se tivesse apeado apressadamente do cavalo, e logo subisse rapidamente a escada, se bem que as três cabeças inquietas da rainha, de Andréia e de Charny se voltassem para a porta que ficava fronteira à escada, e pela qual devia ter entrado o doutor, a porta não se abriu.

Os três personagens tiveram então alguns minutos de ansiosa espera.

De repente, abriu-se a porta do lado oposto, e entrando um oficial, disse:

- Senhora, o Dr. Gilberto, que vinha para comunicar ao rei negócios importantes e urgentes, solicita a honra de ser recebido por Vossa Majestade, visto que o rei partiu há uma hora para Meudon.

- Que entre! - disse a rainha, fitando na porta um olhar firme e severo, enquanto Andréia, como se devesse naturalmente encontrar um apoio no marido, recuava para ir encostar-se ao braço do conde.

Gilberto apareceu no limiar da porta.

LII

O dia 5 de Outubro

Gilberto olhou de relance para os diferentes personagens que acabámos de apresentar em cena, e caminhando respeitosamente para Maria Antonieta, disse:

- A rainha dá licença que, na ausência do seu augusto esposo, lhe comunique as notícias de que sou portador?

- Fale, senhor - disse Maria Antonieta. - Mal o vi chegar tão rapidamente, chamei todas as minhas forças em meu auxílio, porque logo desconfeitei que me trazia alguma triste notícia.

- Preferiria acaso a rainha que a deixassem surpreender? Vossa Majestade, assim avisada,

irá ao encontro do perigo com o espírito são e o juízo seguro que a distinguem, e talvez consiga fazê-lo recuar.

- Diga-me, pois, qual é esse perigo?

- Minha senhora, saíram de Paris sete ou oito mil mulheres, e dirigem-se armadas para Versalhes.

- Sete ou oito mil mulheres! - exclamou a rainha em tom de desprezo.

- Sim, minha senhora, mas como se têm demorado pelo caminho, talvez sejam quinze ou vinte mil quando cheguem aqui.

- E que vêm aqui fazer?

- Têm fome, e vêm pedir pão ao rei.

A rainha voltou-se para Charny.

- Infelizmente, minha senhora, disse o conde, verificou-se o que eu tinha previsto.

- Que se há-de fazer? - perguntou Maria Antonieta.

- Avisar o rei em primeiro lugar - disse Gilberto.

A rainha, voltando-se com vivacidade, exclamou:

- O rei! Oh! Não! De que serve expô-lo ao perigo?

Maria Antonieta soltou este grito do íntimo da alma. Era a expressão completa do valor da rainha, da sua consciência de uma força inteiramente pessoal, e ao mesmo tempo, de uma fraqueza que ela nem devia achar no marido nem revelar a estranhos.

Mas Charny era porventura algum estranho? Gilberto era um estranho?

Bem pelo contrário, aqueles dois homens pareciam ter sido escolhidos pela Providência, o primeiro para defender a rainha, quanto ao segundo para defender o rei.

Charny respondeu ao mesmo tempo à rainha e a Gilberto; estava inteiramente senhor de si, porque sacrificara o seu orgulho.

- Minha senhora - disse ele - o Sr. doutor tem razão, é preciso avisar o rei. O rei ainda tem simpatias, apresentar-se-á às mulheres, falar-lhes-á e conseguirá desarmá-las.

- Mas - perguntou a rainha - quem se encarregará de ir avisar o rei? Semelhante empresa é arriscada, porque a estrada decerto está já cortada.

- O rei está nos bosques de Meudon?

- Está, e se, como é provável, as estradas...

- Digne-se Vossa Majestade não ver em mim mais do que um homem de guerra - interrompeu simplesmente Charny. - Um soldado é feito para ser morto.

E acabando de proferir estas palavras, não esperou pela resposta, nem ouviu o suspiro que a elas se seguiu: desceu rapidamente, montou a cavalo e partiu a toda a brida na direcção de Meudon, acompanhado de dois cavaleiros unicamente.

Apenas o conde desaparecera, respondendo com um derradeiro aceno ao adeus que Andréia lhe dizia da janela, um rumor longínquo, parecido com o bramir das ondas num dia de tempestade, feriu os ouvidos da rainha. O rumor parecia sair das árvores mais distantes da estrada de Paris, que daquela sala se avistava por entre o nevoeiro até às últimas casas de Versalhes.

Não tardou que o horizonte se tornasse ameaçador à vista, como o estava sendo aos ouvidos; uma chuva branca e penetrante começou a lustrar a tinta cinzenta da neblina.

E contudo, apesar das ameaças da atmosfera, Versalhes ia-se enchendo de gente.

Entravam emissários uns após outros no paço. Cada um deles dava notícias de uma coluna numerosa que vinha de Paris, e quantos se recordavam das alegrias e fáceis triunfos dos dias antecedentes, sentiam no coração, uns como que um remorso, outros como que um terror.

Os soldados, inquietos, olhando uns para os outros, chegavam-se vagarosamente às armas. Os oficiais, semelhantes a homens embriagados, que tentam sacudir os efeitos do vinho, desmoralizados pela visível perturbação dos soldados e pelos murmúrios da multidão, respiravam a custo naquela atmosfera carregada de desgraças que lhes haviam de ser atribuídas.

Os guardas reais, cerca de trezentos homens, montaram a cavalo friamente, e com a hesitação que se apodera dos militares quando sabem que vão arrostar com um inimigo, cuja

maneira de atacar ignoram.

O que haviam de fazer contra mulheres, que tinham saído da capital armadas e ameaçadoras, mas que chegavam desarmadas e sem poder sequer erguer os braços, a poder de cansaço e de fome!

Contudo, para o que desse e viesse, entraram em forma, desembainharam os sabres e esperaram.

Afinal apareceram as mulheres; chegavam por duas estradas. Tinham-se separado a meio caminho; umas haviam tomado por Saint-Cloud, as outras por Sèvres.

Antes de se separarem, tinham repartido entre si oito pães: era quanto haviam encontrado em Sèvres.

Trinta e dois arráteis de pão para sete mil pessoas!

Quando chegaram a Versalhes, mal se podiam arrastar, mais de três quartas partes delas tinham deixado as armas espalhadas pela estrada. Maillard conseguira que as que ainda as conservavam, as abandonassem nas primeiras casas da cidade.

Depois, quando entraram nesta, disse-lhes:

- Ora vamos! Para que ninguém duvide de que somos amigos da realeza, cantemos: Viva Henrique IV!

E elas, com voz desfalecida, mal tendo alento para pedir pão, entoaram o hino real.

Foi portanto grande admiração no paço, quando, em vez de gritos e ameaças, ouviram cantar, e sobretudo quando viram as cantoras cambaleando, porque a fome assemelha-se à embriaguez, e encostando às grades douradas os rostos macilentos, pálidos, ávidos, sujos, a escorrer em água e suor, apresentando assim milhares de caras medonhas, sobrepostas umas às outras, e cujo número parecia duplicado à primeira vista pelo número das mãos que se agarravam aos varões de ferro.

Do centro daqueles grupos fantásticos ressoavam de quando em quando uivos lúgubres; do meio daquelas caras agonizantes saíam relâmpagos.

De tempos a tempos também, todas aquelas mãos abandonavam o varão de ferro a que estavam agarradas, e pelos intervalos, estendiam-se na direcção do paço.

umas abertas e a tremer, pediam.

Outras fechadas e erguidas, ameaçavam.

Oh! Era na realidade um sombrio quadro!

Chuva no ar e lama na terra, era quanto se via.

Fome e ameaças, era o que diziam os gritos dos sitiados.

Comiseração e dúvida, era a disposição em que os defensores estavam.

Enquanto não chegava Luís XVI, a rainha, cheia de fogo e de resolução, mandou organizar a defesa do paço, os cortesãos, os oficiais e os altos funcionários, foram-se agrupando a pouco e pouco em volta dela.

Entre eles avistou a rainha o Sr. de Saint-Priest, ministro de Paris, e dirigindo-se a ele, disse:

- Vá ver o que pretende essa gente.

O Sr. de Saint-Priest desceu, atravessou o pátio e chegando-se à grade, perguntou às mulheres:

- Que pretendem?

- Pão! Pão! Pão! - respondem ao mesmo tempo mais de mil vozes.

- Pão! - redargue o Sr. de Saint-Priest com impaciência.

- Quando tinham um amo só nunca lhes faltou o pão, agora que têm mil e duzentos, vejam a que ponto chegaram!

E o Sr. de Saint-Priest, depois de ordenar que conservassem a grade fechada, retirou-se ao som dos gritos proferidos por tanta boca faminta.

Mas estava para chegar uma deputação, para a qual não haveria remédio senão abrir a grade.

Maillard tinha-se apresentado na Assembléia Nacional, em nome das mulheres, e conseguira daquele corpo que o seu presidente, acompanhado de uma deputação de doze mulheres, fosse fazer uma representação ao rei.

No momento em que a deputação saía da casa da câmara, com Mounier à sua frente, entrava o rei a galope por uma porta traseira do paço.

Charny encontrara-o no bosque de Meudon.

- Ah! É o conde - perguntara-lhe o rei. - É a mim que procura?

- Sim, meu senhor.

- Que novidades temos? Vem tão apressado!

- Meu senhor, estão a estas horas dez mil mulheres em Versalhes, que vêm de Paris e pedem pão.

O rei encolheu os ombros, mas mais por um sentimento de compaixão do que de desprezo.

- Ah! - disse ele - se eu tivesse pão que dar-lhes, não esperaria que viessem a Versalhes para mo pedirem.

E sem mais reflexões, mas deitando sempre um olhar pesaroso para o lado donde se afastava a montaria, que era obrigado a interromper, disse:

- Voltemos então para Versalhes.

E tinha regressado efectivamente para Versalhes.

Acabava de chegar, como já dissemos, quando se ouviu um grande alarido na praça de armas.

- Que é aquilo? - perguntou o rei.

- Real senhor - exclamou Gilberto, entrando, pálido como um defunto - são os guardas de Vossa Majestade, que, comandados pelo Sr. Jorge de Charny, deram uma carga contra o presidente da Assembléia Nacional e a deputação que ele traz à sua presença.

- É impossível! - exclamou o rei.

- Vossa Majestade não ouve os gritos da gente que estão assassinando? Veja, veja, como todos fogem!

- Mandé abrir as portas - gritou o rei. - Quero receber a deputação.

- Porém, real senhor!... - exclamou a rainha.

- Mandé abrir - repetiu Luís XVI. - Os paços reais são lugares de asilo.

- Ah! - disse a rainha - será assim, mas não para os reis!

LIII

O anoitecer do dia 5 de Outubro

Charny e Gilberto correram pela escada abaixo.

- Em nome do rei! - gritou o segundo.

- Em nome da rainha! - bradou o primeiro.

E ambos acrescentaram:

- Abram as portas.

A prontidão com que esta ordem foi executada não evitou que o presidente da Assembléia Nacional fosse deitado por terra no pátio e pisado pelos cavalos.

Ao lado dele tinham sido feridas duas mulheres da deputação.

Gilberto e Charny acudiram logo. Aqueles dois homens, um dos quais saíra da classe mais elevada da sociedade, e o outro da classe mais ínfima, encontravam-se no mesmo caminho.

Um deles queria salvar a rainha por amor dela mesma, o outro salvar o rei por amor da realeza.

Apenas se abriram as grades, arrojaram-se as mulheres para dentro do pátio; meteram-se pelas fileiras dos guardas reais e pelas do regimento de Flandres; ameaçavam, pediam, suplicavam.

Como se poderia resistir a mulheres, que imploravam aos homens em nome das suas mães e irmãs?

- Abram caminho, senhores, deixem passar a deputação! - gritou Gilberto.

Todos se arredaram para deixarem passar Mounier com as infelizes mulheres que ele ia apresentar ao rei.

O rei, avisado, por Charny que fora adiante, esperava a deputação na sala contígua à capela.

Mounier era quem havia de falar em nome da Assembléia.

Madalena Chambry, a ramalheteira que tocara a rebate, fora escolhida para falar em nome das mulheres.

Mounier disse algumas palavras ao rei, e apresentou-lhe a jovem ramalheteira.

Esta deu um passo para a frente, quis falar, mas só pôde proferir estas palavras:

- Real senhor, pão!

E caiu desmaiada.

- Acudam-lhe! - gritou o rei - acudam-lhe!

Andréia apressou-se em oferecer ao rei um frasquinho de sais.

- Ai minha senhora! - disse Charny para a rainha em tom de censura.

A rainha descorou e recolheu-se ao seu aposento, dizendo:

- Preparem o estado, o rei e eu vamos partir para Rambouillet.

Durante este tempo a pobre rapariga tornava a si, e vendo-se nos braços do rei, que lhe estava dando o frasco de sais a cheirar, soltou um grito de pejo e quis beijar-lhe a mão.

- Minha linda menina - disse-lhe ele - consinta que a abrace, que bem o merece pela sua formosura.

- Oh! Real senhor, visto ter tão bom coração - disse a rapariga - assine quanto antes a ordem.

- Que ordem? - perguntou o rei.

- A ordem para mandar vir os trigos, a fim de pôr termo à escassez do pão.

- Minha filha - replicou o rei - estou pronto a assinar a ordem que me pede, mas, na verdade, receio muito que de bem pouco lhe sirva.

O rei assentou-se a uma mesa e ia a começar a escrever, quando de repente se ouviu um tiro isolado, a que logo se seguiu uma descarga de fuzilaria.

- Ah! Meu Deus! Meu Deus! - exclamou o rei - que mais teremos? Vá ver o que é, Sr. Gilberto.

Tinham dado segunda descarga contra outro grupo de mulheres, e fora essa carga que motivara o tiro isolado e a descarga que se lhe seguira.

O tiro isolado tinha sido dado por um homem do povo, e quebrara um braço ao Sr. Savonnières, tenente da guarda real, no momento em que ele levantava a mão para bater num soldado, ainda moço, que se arrumara de encontro a uma guarita, onde, com os braços estendidos e desarmados, protegia uma mulher, que estava de joelhos atrás dele.

Os guardas reais tinham retribuído o tiro de espingarda com cinco ou seis tiros de clavina.

Duas balas haviam acertado; caíra morta uma mulher, e outra ficara gravemente ferida.

O povo tornou a fazer fogo, e dois guardas foram derrubados dos cavalos.

No mesmo instante ouviram-se vozes gritando: “lugar! Lugar!” Eram os homens do bairro de Santo António, que chegavam, puxando três peças de artilharia, que assestaram em frente da grade.

Felizmente a chuva caía a cântaros, e debalde chegaram os morrões aos ouvidos das peças; a pólvora estava molhada e não se incendiava.

Naquele momento, alguém disse estas palavras em voz baixa ao ouvido de Gilberto:

- O Sr. de Lafayette vem aí, e já a estas horas há-de estar a meia légua de Versalhes.

Gilberto procurou inutilmente quem dera aquele aviso; fosse quem fosse, o aviso era bom.

Olhou em volta de si, viu um cavalo sem cavaleiro. Era de um dos guardas que tinham sido mortos.

Montou imediatamente, e partiu a galope na direcção de Paris.

O outro cavalo, que estava também sem cavaleiro, quis segui-lo; mas apenas teria dado vinte passos pelo largo fora, detiveram-no pela rédea. Gilberto julgou que lhe tinham adivinhado o seu projecto e que queriam persegui-lo. Olhou para trás, sem contudo cessar de correr.

Ninguém curava dele; estavam com fome. Queriam comer e para isso iam matar o cavalo às facadas.

O cavalo caiu, e num abrir e fechar de olhos foi retalhado em vinte pedaços.

Entretanto, tinham ido dizer ao rei, da mesma forma que a Gilberto: o Sr. de Lafayette vem aí.

O rei acabava de assinar a Mounier o auto de aceitação dos *Direitos do homem*, e a Madalena Chambry uma ordem para mandar entrar os cereais.

Apenas obtiveram aquele decreto e aquela ordem, que, no entender de todos, deviam acalmar os espíritos, Maillard, Madalena Chambry e grande número de mulheres, puseram-se a caminho para Paris.

À saída da cidade encontraram Lafayette, que, tendo já sido prevenido por Gilberto, chegava a marche-marche à frente da guarda nacional.

- Viva o rei! - gritaram Maillard e as mulheres, levantando ao ar os decretos de que eram portadores.

- Então que perigo era esse de que estava ameaçada Sua Majestade, segundo me disse? – perguntou Lafayette admirado.

- Venha, venha, general - exclamou Gilberto instando com ele. - À vista o avaliará.

Lafayette seguiu para a frente com a mesma pressa.

A guarda nacional entrou finalmente em Versalhes a toque de caixa.

Apenas ressoaram em Versalhes os primeiros rufos de tambor, sentiu o rei que alguém lhe tocava respeitosamente no braço.

Voltou-se; era Andréia.

- Ah! É a condessa! Onde está a rainha?

- Real senhor, a rainha manda suplicar-lhe que não espere pelos Parisienses e se retire daqui. Facilmente abrirá caminho por toda a parte à frente da sua guarda e dos soldados do regimento de Flandres.

- É este também o seu parecer, Sr. de Charny? - perguntou o rei.

- É, sim, meu senhor, se logo em seguida atravessar a fronteira, quando não...

- É melhor ficar.

O rei abanou a cabeça.

Ficou, não porque tivesse ânimo para ficar, senão porque não tinha força para partir.

Murmurou para consigo: “Um rei fugitivo! Um rei fugitivo!”

Depois, virando-se para Andréia:

- Vá dizer à rainha que parta só.

Andréia saiu para ir levar a resposta.

Passados cinco minutos, entrou a rainha e veio colocar-se ao lado do rei.

- Que vem aqui fazer, senhora? - perguntou Luís XVI.

- Morrer com Vossa Majestade - respondeu a rainha.

- Ah! - murmurou o conde de Charny - ei-la verdadeiramente bela.

A rainha estremeceu; tinha ouvido.

- Parece-me, com efeito, que muito melhor seria para mim morrer do que viver - disse ela olhando para o conde.

Naquele momento marchava a guarda nacional mesmo por baixo das janelas do paço.

Gilberto entrou com vivacidade.

- Real senhor - disse ele para o rei - Vossa Majestade nada receie, o Sr. Lafayette está lá

em baixo.

O rei não gostava do Sr. de Lafayette, mas limitava-se a não gostar dele.

Porém a rainha já não era assim, odiava-o francamente, e não disfarçava o ódio que lhe tinha.

Resultou daí que Gilberto não obteve resposta alguma àquela notícia, que julgava ser das mais felizes em lance tal.

Porém, Gilberto não era homem a quem intimidasse o régio silêncio.

- Vossa Majestade ouviu? - disse ele ao rei com firmeza. - O Sr. de Lafayette está lá em baixo, e manda dizer que fica às ordens de Vossa Majestade.

A rainha permaneceu calada.

O rei fazendo um esforço, disse:

- Vá alguém dizer-lhe que lhe agradeço, e convidem-no em meu nome a subir.

Um oficial inclinou-se e saiu.

A rainha deu três passos para trás.

O rei, porém, deteve-a com um gesto quase imperativo.

Charny e Gilberto conservaram-se ao pé do rei.

Os outros todos recuaram como a rainha, e foram colocar-se por detrás dela.

Ouviram-se passos de uma pessoa só, e em seguida assomou o Sr. de Lafayette à entrada da porta.

No meio do silêncio, que se fez apenas o avistaram, uma voz pertencente ao grupo da rainha soltou estas duas palavras:

- Chega Cromwell!

Lafayette sorriu-se e respondeu:

- Cromwell não entraria desacompanhado em casa de Carlos I.

Luís XVI voltou-se para os amigos desastados, que assim tornavam seu inimigo um homem que vinha acudir-lhe.

Em seguida voltando-se para Charny, disse:

- Conde, eu fico. Visto estar aqui o Sr. de Lafayette nada tenho já que recear. Mande retirar as tropas para Rambouillet. A guarda nacional tomará posição nos fossos exteriores, e os guardas nos do castelo.

Depois, voltando-se para Lafayette:

- Venha comigo, general, preciso primeiro conversar com o senhor.

E como Gilberto desse um passo para se retirar, acrescentou:

- Venha também, doutor, desejo que assista à conferência.

Passou adiante de Lafayette e de Gilberto, e entrou num gabinete, para onde eles o acompanharam.

A rainha seguiu-os com a vista, e assim que se fechou a porta, murmurou:

- Ah! Era hoje que devíamos ter fugido. Hoje, ainda era tempo; amanhã, talvez já seja tarde.

E saiu também para voltar para o seu aposento.

Entretanto um grande clarão semelhante ao reflexo de um incêndio, alumia as vidraças do paço.

Era produzido por uma fogueira imensa, de roda da qual o povo estava assando os quartos do cavalo que tinha matado.

LIV

A noite de 5 para 6 de Outubro

A noite passou-se sem novidade; a Assembléa conservou-se reunida em sessão até às três horas da madrugada.

Às três horas, antes de se separarem os seus membros, a mesa ordenou a dois meirinhos que fossem rondar Versalhes, examinar as vizinhanças do paço, e dar uma volta pela tapada.

Tudo estava, ou parecia estar sossegado.

A rainha quisera sair, pela volta da meia-noite, pela cancela de Trianon, porém a guarda nacional tinha-se oposto a que passasse.

Maria Antonieta alegara, como motivo para dar aquele passo, o receio com que estava, e tinham-lhe respondido que estava mais segura em Versalhes do que em nenhuma outra parte.

Tinha-se retirado, por conseguinte, para os seus quartos particulares, e ficara efectivamente descansada vendo que ali velavam os mais fiéis dos seus guardas.

Logo à porta encontrara Jorge de Charny. Estava armado, e encostado à espingarda curta de que usavam os guardas reais e os dragões. Era aquilo contra as regras estabelecidas: os guardas, no interior do paço, só faziam sentinela com os sabres.

A rainha chegou-se a ele e disse:

- Ah! É o barão?

- Sou eu, minha senhora.

- Sempre fiel.

- Cumpro o meu dever.

- Quem o pôs aqui de sentinela?

- Meu irmão, minha senhora.

- Onde está seu irmão?

- Junto do rei.

- Por que ficou junto do rei?

- Porque é o chefe da família, e como tal compete-lhe morrer pelo rei, que é o chefe do Estado.

- Sim - disse Maria Antonieta com certa amargura - ao passo que ao senhor só lhe compete morrer pela rainha.

- Será para mim uma grande honra, minha senhora - disse o mancebo inclinando-se - se Deus um dia permitir que eu cumpra esse dever.

A rainha deu um passo para se retirar, porém uma desconfiança lhe pungia o coração.

Parou, e virando um pouco a cabeça, perguntou:

- E... a condessa, que é feito dela?

- A condessa, minha senhora, recolheu-se haverá dez minutos, e mandou fazer uma cama para si na antecâmara de Vossa Majestade.

A rainha mordeu os lábios.

Por qualquer ponto que se procurasse aquela família de Charny, nunca se lhe podia notar a mais leve falta de cumprimento dos seus deveres.

- Agradeço-lhe, senhor - disse a rainha fazendo-lhe um aceno encantador com a cabeça e com a mão ao mesmo tempo - agradeço-lhe a vigilância com que guarda a rainha. Também agradecerá em meu nome a seu irmão por ter ficado de guarda ao rei.

E acabando de proferir estas palavras, entrou para os seus aposentos. Na antecâmara encontrou Andréia, que ainda não se tinha deitado e estava de pé, esperando-a respeitosamente.

Não pôde conter-se que não lhe estendesse a mão.

- Acabo agora mesmo de agradecer a seu cunhado Jorge, condessa - disse ela. - Encarreguei-o de agradecer a seu marido, e agradeço à condessa também.

Andréia fez uma mesura, e recuou para deixar passar a rainha, que entrou para o seu quarto de dormir.

A rainha não disse que a acompanhasse; aquela dedicação, na qual bem se conhecia que não tinha parte alguma o afecto, mas que se oferecia a arrostar até com a morte, apesar de tanta frieza, incomodava-a.

Assim, pois, como já dissemos, até às três horas da madrugada não tinha havido novidade.

Gilberto saíra do paço com o Sr. de Lafayette, e como se conservasse a cavalo durante doze horas consecutivas, estava a cair de cansaço. À porta do paço encontrara Billot, que acompanhara a guarda nacional, porque, tendo visto partir Gilberto, lembrou-se de que este poderia precisar dele, e por isso procurara-o como o cão procura o dono quando o deixa em casa.

Até às três horas, repetimos, não houvera novidade.

A própria Assembléa ficara descansada, e, em vista das partes que tinham dado os meirinhos, levantaram sessão.

Todos esperavam que o sossego não fosse perturbado, mas enganaram-se.

Em quase todos os movimentos populares que precedem as grandes revoluções, há um tempo de espera, durante o qual todos se persuadem que tudo está acabado e se pode dormir descansado.

É uma ilusão.

Por detrás dos homens que operam os primeiros movimentos, estão os que esperam que esses movimentos se tenham efectuado, e que os seus autores, fatigados ou satisfeitos, não querendo ir mais adiante, se entreguem ao repouso.

É então que esses homens desconhecidos, agentes misteriosos de paixões fatais, saem por entre as trevas, apoderam-se do movimento no ponto em que foi abandonado, e levando-o aos últimos limites, espantam ao acordar os que lhes abriram o caminho e retiraram a meio da obra, julgando haverem alcançado o seu fim e concluído a sua empresa.

Naquela noite terrível houve dois impulsos muito diferentes, dados por dois bandos que chegaram a Versalhes, um de tarde, o outro de madrugada.

O primeiro fora ali porque tinha fome, pedia pão.

O segundo fora ali por ódio, e pedia vingança.

Sabemos quem capitaneava o primeiro bando: Maillard e Lafayette.

Quem se pusera, porém, à frente do segundo? A história ninguém indica; mas à falta da história, a tradição designa: Marat!

Este personagem já é nosso conhecido. Vimo-lo quando se fizeram as festas por ocasião do casamento de Maria Antonieta, amputando pernas e braços na praça de Luís XV. Vimo-lo no largo da municipalidade, empurrando os cidadãos para a praça da Bastilha.

E encontramos-lo por fim agora, encoberto com as sombras da noite, e semelhante aos lobos que andam de rojo em volta dos apriscos das ovelhas à espera que o pastor adormeça para emprenderem a sua obra de sangue.

Verrière!

Este mencionamo-lo agora pela primeira vez. Era um anão disforme, um corcunda hediondo, empoleirado em duas pernas desproporcionadas. A cada tempestade que revolvía o fundo da sociedade, via-se surgir com a espuma aquele gnomo ensangüentado, que se agitava à superfície. Por duas ou três vezes, nas épocas terríveis, viu-o passar o povo de Paris, acorrido num cavalo preto, e parecendo uma figura do Apocalipse ou um desses demónios impossíveis, saídos do imaginoso pincel de Callot, para tentarem Santo António.

Um dia, num clube, trepou a uma mesa, atacou, ameaçou e acusou Danton. Era na época em que já começava a vacilar a popularidade do homem de 2 de Setembro. Danton, em presença daquela agressão mordaz, sentiu-se perdido, como o leão, que avista a dois dedos das suas fauces a cabeça horrível de uma serpente. Olhou em volta de si, procurando uma arma ou um apoio. Lobrigou, por felicidade sua, outro corcunda. Pegou nele por baixo dos braços, e levantando-o do chão, pô-lo em cima da mesa em frente do seu colega, e disse:

- Meu amigo, responda a esse senhor; cedo da palavra em seu favor.

Todos desataram a rir, e Danton ficou salvo, daquela vez pelo menos.

Havia, pois, segundo a tradição, Marat, Verrière e além destes os seguintes:

O duque d'Aiguillon, isto é, o inimigo mais encarniçado da rainha.

O duque d'Aiguillon, disfarçado com trajos de mulher!

Quem espalhou isto? Todos.

O abade Dellile e o abade Maury, dois eclesiásticos que tão pouco se pareciam um com outro.

Foi ao primeiro que se atribuiu este verso célebre:

Cobarde como homem; como mulber assassina

Quanto ao abade Maury, esse fez mais.

Quinze dias depois dos acontecimentos que estamos narrando, o duque d'Aiguillon encontrou-se com ele no terraço dos Feuillants, e fez todos os possíveis para lhe falar.

- Passa-fora, marafona! - disse o abade Maury.

E afastou-se majestosamente do duque.

Ora, diz-se que foram aqueles três homens que chegaram a Versalhes pelas quatro horas da manhã.

Capitaneavam o segundo bando a que nos referimos.

Compunha-se este dos indivíduos que saem a campo depois dos que pelejam para vencer.

Eram os que só aparecem para saquear e matar.

Na tomada da Bastilha houvera alguns assassínios, mas não se apresentara ocasião de roubar.

Na ida a Versalhes apresentava-se o ensejo de uma bonita desforra.

Pelas cinco horas e meia da madrugada o real palácio estremeceu no meio do seu sono.

Disparara-se um tiro de espingarda no pátio de mármore.

Quinhentos a seiscentos homens tinham-se apresentado subitamente em frente da cancela de ferro, e excitando-se, animando-se, empurrando-se uns aos outros, tinham conseguido trepar pelas grades, acabando por arrombar a cancela.

Foi quando o tiro de espingarda da sentinela deu rebate.

Um dos agressores caiu morto. O cadáver ensangüentado ficou estendido no chão.

O tiro dividiu o grupo de rapinantes, alguns dos quais levavam a mira na baixela de prata do paço, e outros, quem sabe? Talvez na coroa dos reis.

A onda, assim separada como por um imenso golpe de machado, formou dois grupos.

Um dos grupos foi acometer o aposento da rainha, o outro subiu para a capela, isto é, para os aposentos do rei.

Sigamos em primeiro lugar o que subiu aos aposentos do rei.

Já viram crescer as ondas nas grandes marés, não é assim? Pois as ondas populares crescem da mesma forma, com a única diferença de que avançam sempre e nunca recuam.

A guarda toda do rei constava naquele momento da sentinela que estava à porta, e de um oficial que saíra da antecâmara, armado de uma alabarda, que acabava de tirar das mãos de um archeiro, que fugira assustado.

- Quem vem lá? - bradou a sentinela - quem vem lá?

E como ninguém respondesse, e a onda continuasse a subir, bradou terceira vez:

- Quem vem lá?

E meteu a espingarda à cara.

O oficial calculou logo o reboliço que iria causar um tiro disparado no interior do paço; levantou a arma da sentinela, arremessou-se ao encontro dos agressores, e atravessando a alabarda na largura da escada, gritou:

- Senhores! Senhores! Que vem aqui fazer? Que pretendem?

- Nada, nada - responderam várias vozes em tom de mofa. - Ora vamos, deixe-nos passar; nós somos muito amigos de Sua Majestade.

- São muito amigos de Sua Majestade, e vêm guerreá-lo?

A única resposta a esta observação foi uma risada.

Um dos homens agarrou no cabo da alabarda, que o oficial não quis largar. O homem, para obrigá-lo a largá-la, mordeu-lhe a mão.

O oficial arrancou a alabarda ao seu adversário, empunhou-a fortemente, e descarregando o ferro com toda a ânsia sobre a cabeça do seu inimigo, abriu-lhe o crânio.

A violência da pancada quebrou a alabarda pelo meio.

O oficial ficou assim com duas armas em vez de uma só, um pau e um punhal.

Fez girar o pau como um sarilho, dando ao mesmo tempo ferroadas com o punhal. Entretanto a sentinela tornara a abrir a porta da antecâmara e chamara por socorro.

Tinham saído cinco ou seis guardas reais.

- Senhores, senhores - gritou a sentinela – acudam ao Sr. de Charny, acudam depressa.

Os sabres desembainhados brilharam um instante ao clarão do candeeiro, que ardia no alto da escada, e começaram a acutilar furiosamente os sitiantes para a direita e para a esquerda de Charny.

Ouviram-se logo gritos de dor, começou a correr sangue, e a onda recuou rolando pelos degraus da escada, descobrindo as lajes tintas de vermelho e escorregadias.

A porta da antecâmara abriu-se terceira vez, e a sentinela gritou:

- Voltem para dentro, senhores, é o rei que assim o determina.

Os guardas aproveitaram-se do instante de confusão que tinham ocasionado na multidão. Correram para a porta. Charny foi o último que entrou. Depois dele passar, fechou-se a porta e correram dois grandes fechos.

Mais de mil pancadas desabaram ao mesmo tempo de encontro à porta, mas, pela parte de dentro, tinham amontoado bancos, mesas e cadeiras. Durante dez minutos ainda poderia resistir.

Dez minutos! Nesses dez minutos podia chegar algum auxílio.

Vejamos agora o que se passava no lado dos quartos da rainha.

O segundo grupo encaminhara-se para os quartos particulares; mas ali era a escada muito estreita e apenas poderiam passar duas pessoas de frente pelo corredor.

Era ali que estava de guarda Jorge de Charny.

Depois do terceiro “quem vem lá”, que não teve resposta, disparou a espingarda.

Ao estrondo do tiro abriu-se a porta da câmara da Rainha.

Andréia deitou fora da porta o rosto pálido, mas sereno, e perguntou:

- Que é?

- Minha senhora - gritou Jorge - salve Sua Majestade! É contra a sua vida que esta gente quer atentar. Estou aqui só contra mil. Mas não importa, hei-de resistir todo o tempo que puder; apresse-se, apresse-se!

E como os agressores avançavam para ele, puxou a porta para si, gritando:

- Corram os fechos! Ainda hei-de viver tempo bastante para dar lugar a que a rainha se levante e fuja.

Dizendo isto, voltou-se e atravessou com a baioneta os dois primeiros que encontrou no corredor.

A rainha tinha ouvido tudo, e quando Andréia lhe entrou no quarto achou-a já de pé.

Duas das suas criadas, as Sr^{as}. Hogué e Thibaul, estavam-na vestindo à pressa.

Assim mesmo, meio vestida, as duas criadas foram-na empurrando suavemente para um corredor oculto, que ia dar ao quarto do rei, ao passo que Andréia, sempre com a mesma serenidade, e sem curar do próprio perigo, ia fechando e aferrolhando, uma após outra, todas as portas por onde passou em seguimento de Maria Antonieta.

LV

A manhã

Um homem esperava pela rainha nos limites dos dois aposentos.

Esse homem era Charny, todo ensangüentado.

- Onde está o rei? - exclamou Maria Antonieta, reparando no sangue que tingia o vestuário do mancebo.

- O rei? O senhor prometeu-me que salvaria o rei.

Charny, relanceando os olhos para as portas que a rainha tinha deixado abertas para vir da sua câmara até à sala do dossel, onde estavam reunidos naquele momento a princesa real, o delfim e alguns guardas, ia para indagar onde parava Andréia, quando encontrou o olhar da rainha.

Aquele olhar reprimiu as palavras que ele ia proferir.

Mas os olhos da rainha sabiam ler no coração de Charny.

Não foi preciso que ele falasse; Maria Antonieta adivinhou-lhe o pensamento.

- Ela vem aí já; esteja descansado.

E correu para o delfim, a quem se abraçou.

Efectivamente, Andréia acabava de fechar a última porta, e entrava também na sala do dossel.

Andréia e Charny não trocaram palavra.

O sorriso de um correspondeu ao sorriso do outro, e nada mais.

Coisa singular! Aqueles dois corações, que durante tanto tempo se haviam conservado apartados, começavam a ter palpitações que se correspondiam.

Entretanto, a rainha olhava em volta de si; e como se estimasse poder notar uma falta em Charny, perguntou :

- O rei? Onde está o rei?

- O rei anda em procura de Vossa Majestade - respondeu Charny placidamente; - foi ao aposento de Vossa Majestade por um corredor, enquanto Vossa Majestade vinha para aqui por outro.

Naquele instante ouviu-se um grande alarido na sala contígua.

Eram os assassinos que gritavam: Fora a Austríaca! Fora a Messalina! Fora a *Veto!* É preciso esganá-la, é preciso enforcá-la!

Ao mesmo tempo ouviram-se dois tiros de pistola, e duas balas furaram a porta em diferentes alturas.

Uma das balas passou a alguns linhas da cabeça do delfim e foi cravar-se num alisar.

- Oh! Meu Deus! Meu Deus! - exclamou a rainha caindo de joelhos - vamos aqui morrer todos!

Os cinco ou seis guardas, a um aceno de Charny, fizeram então trincheira dos seus corpos, para defenderem a rainha e os dois infantes.

Naquele momento apareceu o rei, com os olhos arrasados de lágrimas e o rosto pálido; vinha chamando pela rainha como esta chamara por ele.

Logo que a viu, deitou-lhe os braços ao pescoço.

- Salvo! Salvo! - exclamou a rainha.

- Por ele, minha senhora - respondeu o rei apontando para Charny; - e a senhora também está salva, não é assim?

- Salvou-me o irmão do conde - replicou a rainha.

- Senhor - disse Luís XVI para o conde - devemos muito à sua família: é uma dívida tão grande que nunca poderemos solvê-la.

A rainha encontrou o olhar de Andréia e desviou dela a vista, corando.

Começavam a ouvir-se os encontrões que os agressores davam à porta.

- Vamos, senhores - disse Charny - é preciso resistir aqui por espaço de uma hora. Somos sete, e decerto levarão uma hora para nos matar a todos, se nos defendermos bem. É impossível que dentro de uma hora não acuda alguém a Suas Majestades.

E acabando de proferir estas palavras, Charny agarrou num grande armário, que estava a um canto do gabinete real.

Todos imitaram o exemplo, e em breve se levantou um montão de móveis, por entre os

quais os guardas deixaram seteiras para atirarem.

A rainha abraçou-se aos dois filhos, e erguendo as mãos acima das cabeças deles, começou a orar.

Os dois meninos reprimiam os gemidos e as lágrimas.

O rei entrou no gabinete, que ficava junto à sala do dossel, para queimar alguns papéis preciosos que desejava subtrair aos agressores.

Estes, cada vez se encarniçavam mais de encontro à porta.

A cada instante vinha dentro um fragmento, que cedia a um golpe de machado ou à força de uma alavanca.

Pelas aberturas assim praticadas entravam os ferros vermelhos dos chuços, ou os triângulos ensangüentados das baionetas, procurando espalhar a morte.

Ao mesmo tempo as balas furavam o painel da porta acima da barricada, e iam abrir sulcos no estuque do tecto dourado.

Afinal resvalou um banco estofado do alto do armário, o qual também desabou. Um painel da porta, que encobria o armário, abriu-se ante eles como uma voragem, e logo começaram a entrar pela abertura, em lugar de baionetas e chuços, braços ensangüentados agarrando-se aos buracos que de um instante para outro se tornavam maiores.

Os guardas reais tinham gasto até ao último cartucho, e não tinha sido inutilmente, pois através da abertura da porta via-se o sobrado da galeria juncado de mortos e de feridos.

O rei voltou a ouvir os gritos das mulheres, as quais se persuadiam que estavam já a ver entrar a morte por aquela abertura.

- Real senhor - disse Charny - vá encerrar-se com a rainha no gabinete mais afastado, feche pela parte de dentro todas as portas e coloque dois de nós atrás de cada uma. Eu peço para ficar de guarda à última. Afianço-lhe que assim ganharemos duas horas; eles gastaram uns quarenta minutos para arrombar esta.

O rei hesitava; parecia-lhe uma humilhação fugir assim de quarto em quarto, entrincheirando-se por detrás de cada tabique.

Se não estivesse com a rainha, não teria recuado um passo.

E a rainha, se não tivesse os filhos consigo, mostraria a mesma firmeza que o rei.

Mas, ai de nós! Pobres humanos! Reis ou súbditos, todos nós temos no coração uma abertura oculta, por onde se escoa a audácia e entra o terror.

O rei ia portanto dar ordem para que todos se recolhessem ao gabinete mais distante, quando de repente se retiraram os braços, desapareceram os chuços e as baionetas, e findaram os gritos e as ameaças.

Houve um momento de silêncio, durante o qual todos ficaram de boca aberta, aplicando o ouvido, e reprimindo o fôlego.

Ouviu-se em seguida o passo cadenciado de uma tropa regular.

- É a guarda nacional! - exclamou Charny.

- Sr. de Charny! Sr. de Charny! - gritou uma voz.

E ao mesmo tempo assomou ao buraco da porta o rosto bem conhecido de Billot.

- Billot! - gritou Charny; - é o senhor, meu amigo?

- Sim, sou eu. O rei e a rainha onde estão?

- Acolá.

- São e salvos?

- Sim.

- Louvado seja Deus! Sr. Gilberto! Sr. Gilberto, venha por aqui!

Ao nome de Gilberto, dois corações de mulher estremeceram de modo bem diverso.

O coração da rainha e o coração de Andréia.

Charny voltou-se instintivamente, e viu que Andréia e a rainha mudavam de cor ao ouvirem aquele nome.

Abanou a cabeça e suspirou.

Os guardas correram a dispersar os destroços da barricada.

Neste momento, ouviu-se a voz de Lafayette, que gritava:

- Senhores da guarda nacional parisiense, dei ontem à noite a minha palavra a Sua Majestade que não se faria mal algum às pessoas que pertencem à casa real. Se deixarem matar os guardas reais, far-me-ão faltar à minha palavra de honra, e assim me tornarão indigno de continuar a ser seu chefe.

Assim que a porta se abriu, as duas primeiras pessoas que apareceram foram o general Lafayette e Gilberto, e um pouco para a esquerda Billot, o qual não cabia em si de contente pela parte que tinha tomado no livramento do rei. Fora Billot quem tinha ido acordar Lafayette.

Por detrás de Lafayette, de Gilberto e de Billot, estava o capitão Gondran, comandante da companhia do centro de Saint-Phillippe-du-Roule.

A princesa Adelaide foi a primeira que correu ao encontro de Lafayette, e deitando-lhe os braços ao pescoço com o agradecimento do susto, exclamou:

- Ah! Foi o senhor quem nos salvou!

Lafayette adiantou-se respeitosamente para transpor o limiar da sala do dossel, porém, um oficial deteve-o, dizendo:

- Peço perdão, mas diga-me se tem foro para entrar aqui?

- Se não tem - disse o rei, estendendo a mão para Lafayette - dou-lho eu.

- Viva o rei! Viva a rainha! - gritou Billot.

O rei voltou-se.

- Aquela voz é minha conhecida - disse ele sorrindo-se.

- Tendes suma bondade, real senhor - respondeu o honrado lavrador. - Sim, sim, é a mesma voz que vitoriou a Vossa Majestade quando foi de jornada a Paris. Ah! Melhor fora que tivesse ficado em Paris, em vez de voltar para aqui!

A rainha carregou o sobrolho.

- Sim - disse ela - foi pena não ficar com os Parisienses, que tão amáveis são!

- Então, senhor? - perguntou o rei a Lafayette.

- Parece-me que seria conveniente que Vossa Majestade aparecesse na varanda.

O rei interrogou Gilberto com os olhos, e em seguida foi direito à janela, abriu-a sem hesitação e apareceu na sacada.

Ressou logo um grito imenso e unânime:

- Viva o rei!

A este primeiro grito, seguiu-se um segundo:

- O rei para Paris!

Entre estes dois gritos, e cobrindo-os de vez em quando, algumas vozes estridentes bradavam:

- A rainha! A rainha!

A este grito, todos se arrepiaram; o rei empalideceu, bem como Charny, e até o próprio Gilberto.

A rainha ergueu a cabeça.

Pálida, também, com os lábios cerrados, e encrespando a testa, Maria Antonieta conservava-se junto da janela. A princesa real estava encostada a ela. Tinha adiante de si o delfim, e a sua mão, branca como um mármore, descansava sobre a cabeça loura do menino.

- A rainha! A rainha! - continuaram a bradar dentre a multidão.

- O povo deseja vê-la, minha senhora - disse Lafayette.

- Oh! Não vá à janela, minha mãe! - exclamou a princesa real banhada em lágrimas e deitando o braço em volta do pescoço da rainha.

A rainha olhou para Lafayette.

- Não tenha receio algum, minha senhora - disse ele.

- Pois quê! Assim sozinha? - perguntou a rainha.

Lafayette sorriu-se e desprendendo os dois meninos dos braços da mãe, mui

respeitosamente e com aquelas maneiras encantadoras que soube conservar até à velhice, empurrou-os a eles primeiro para a sacada.

Depois, oferecendo a mão à rainha, disse:

- Queira Vossa Majestade fiar-se em mim, que eu respondo por tudo.

E conduziu, em seguida, a rainha para a varanda.

Era um espectáculo terrível e bem próprio para causar vertigens, o que apresentava aquele pátio de mármore, transformado num mar humano, em que as ondas se agitavam e bramiam.

À vista da rainha, um grito imenso saiu de toda aquela multidão; ninguém poderia dizer se era um grito de ameaça ou um grito de alegria.

Lafayette beijou a mão da rainha; então reventaram os aplausos.

É porque na tão nobre nação francesa até nas veias mais plebéias existe sangue cavaleiroso.

A rainha suspirou.

- Que povo tão célebre! - disse ela.

E de repente, estremecendo:

- E os meus guardas, senhor, os meus guardas, que me salvaram a vida, nada pode fazer em favor deles?

- Envie-me um, minha senhora - disse Lafayette.

- Sr. de Charny! Sr. de Charny! - gritou a rainha.

Porém Charny deu um passo atrás; percebera o que lhe queriam.

Não estava disposto a fazer confissão pública de delito por causa da noite do 1.º de Outubro.

Como não estava criminoso, não carecia de amnistia.

Andréia também sentira a mesma impressão, e por isso estendera a mão para o conde de Charny, a fim de o deter.

A mão dela encontrou-se com a do conde, e apertavam-se mutuamente.

A rainha viu o movimento, apesar do muito que tinha que ver naquela ocasião.

Os olhos chamejaram-lhe e com o peito arquejante e a voz trémula, disse para outro guarda:

- Aproxime-se!

O guarda obedeceu.

Não tinha para hesitar os mesmos motivos que Charny.

O Sr. de Lafayette puxou o guarda para a varanda, pregou-lhe no chapéu o seu próprio laço tricolor e abraçou-o.

- Viva Lafayette! Vivam os guardas reais! – gritaram cinquenta mil vozes.

Algumas vozes deixaram ouvir um estrondo surdo semelhante ao último ronco de uma tempestade, que vai abrandando.

Mas foram imediatamente cobertas por uma aclamação universal.

- Mas, para evitar nova trovoadas, real senhor, ainda terá que fazer um último sacrifício.

- Sim - disse o rei em tom pensativo – abandonar Versalhes, não é verdade?

- Para ir residir em Paris, sim, real senhor.

- Senhor - replicou o rei - pode participar ao povo que à uma hora da tarde partiremos para Paris, a rainha, eu e os meus filhos.

E voltando-se para a rainha, disse:

- Vá para o seu aposento, minha senhora, e apronte-se para partirmos.

Esta ordem do rei pareceu recordar a Charny algum acontecimento importante de que se esquecera.

Deitou a correr diante da rainha.

- Que vai fazer para os lados dos meus quartos, senhor? - perguntou a rainha com dureza - não tem lá que ver.

- Desejo bem deveras que assim seja, minha senhora - respondeu Charny - e fique descansada, que se realmente não tiver lá que ver, não me demorarei tempo bastante para que a minha presença possa desagradar a Vossa Majestade.

A rainha seguiu-o; o sobrado estava todo manchado de rastros de sangue. Maria Antonieta viu-os, fechou os olhos, e procurando um braço para se encostar, agarrou no de Charny, e caminhou assim como cega alguns passos.

De repente sentiu que o corpo todo de Charny tremia como arrepiado.

- Que é, senhor? - perguntou ela abrindo os olhos.

E logo em seguida, exclamou:

- Um cadáver! Um cadáver!

- Vossa Majestade há-de desculpar-me se lhe deixo o braço - disse ele. - Encontrei o que vinha procurar aos quartos de Vossa Majestade: o cadáver de meu irmão Jorge.

Era com efeito o corpo do infeliz mancebo, à quem o irmão ordenara que afrontasse a morte para defender a vida preciosa da rainha.

Tinha obedecido pontualmente.

LVI

Morte de Jorge de Charny

Os factos que acabámos de referir têm sido relatados por cem modos diversos, pois decerto são dos mais importantes daquele grande período de 1786 a 1795, a que chamam a Revolução Francesa.

Ainda há-de haver quem relate estes acontecimentos de outros cem modos mais; mas desde já podemos afirmar que ninguém será capaz de o fazer mais imparcialmente do que nós.

Mas depois de todas estas narrações, compreendendo a nossa, ainda haverá outro tanto por fazer, porque a história nunca é completa. De cem mil testemunhas, cada um tem a sua versão; de cem mil pormenores diferentes, tem cada um deles o seu interesse e a sua poesia, por isso mesmo que são diferentes.

Mas para que servirão as narrações todas, por muito verídicas que sejam?

Deu-se alguma vez o caso de uma lição política aproveitar a um homem político?

Quando foi que as lágrimas, as narrações e o sangue dos reis tiveram o poder da simples gota de água, que gasta as pedras?

Nunca. As rainhas têm chorado, os reis têm sido trucidados sem que em tempo algum os seus sucessores aproveitassem com as lições fornecidas pela fortuna. Os homens zelosos em todo o tempo prodigalizaram a sua dedicação sem que dela tirem proveito aqueles a quem a fatalidade destinou para a desventura.

Vimos ainda há pouco a rainha quase tropeçando no cadáver de um desses homens, que os reis, que se retiram, deixam cobertos de sangue e estirados no caminho, que seguiram depois da sua queda.

Algumas horas depois do grito de terror que à rainha soltara, e no momento em que, acompanhada do rei e de seus filhos, abandonava Versalhes, onde nunca mais havia de entrar, eis o que se passava num patiozinho interno, úmido ainda da chuva, que o vento áspero do outono começava a enxugar.

Um homem vestido de preto debruçava-se sobre um cadáver.

Outro homem, que vestia o uniforme dos guardas reais, estava ajoelhado do lado oposto do mesmo cadáver.

Três passos distante deles, conservava-se de pé, com as mãos postas e os olhos espantados, um terceiro companheiro.

O defunto era um mancebo de vinte e dois para vinte e três anos, cujo sangue parecia ter escorrido todo pelas imensas feridas que tinha na cabeça e no peito.

O peito, retalhado e tornado já de brancura lívida, parecia arquejar ainda com o gesto desdenhoso de uma defesa desesperada.

A boca meio aberta, e a cabeça deitada para trás com a expressão de dor e de cólera, traziam à lembrança esta bela imagem romana:

“E a vida deserta com prolongado gemido para a morada das sombras.”

O homem vestido de preto era Gilberto.

O homem uniformizado era o conde de Charny.

O homem que se conservava de pé, era Billot.

O cadáver era o do barão Jorge de Charny. Gilberto, debruçado sobre o cadáver, observava-o com aquela fixidade sublime que, dirigida a um moribundo, detém a vida próxima a fugir, e a um defunto, parece querer chamar a alma, que já se desprendeu.

- Frio, inteiriçado! Está morto, não há dúvida nenhuma - disse ele afinal.

O conde de Charny soltou um rouco gemido, e apertando nos braços aquele corpo inanimado, rompeu em soluços tão sentidos que o médico estremeceu, e Billot foi esconder-se no mais afastado e sombrio canto do pátio.

O conde ergueu-se de repente, pegou no cadáver, encostou-o à parede, e foi-se retirando devagar, olhando sempre para trás, a ver se o irmão não se reanimaria para o seguir.

Gilberto ficou com um joelho em terra, e a cabeça encostada à mão, pensativo, espantado e imóvel.

Billot saiu então do seu canto escuro, e foi ter com Gilberto. Já não ouvia os soluços do conde, que lhe haviam dilacerado o coração.

- Ah! Sr. Gilberto - disse ele - aqui está afinal de contas o que é a guerra civil, e vai acontecendo o que me vaticinou; a coisa porém vai-se efectuando mais depressa do que eu pensava, e de que o senhor mesmo esperava. Vi os *malvados* assassinares marotos, agora vejo que os mesmos *malvados* assassinam a gente de bem.

“Vi matar Flesselles, de Launay, Foulon e Berthier; tremeu-me o corpo e tive horror de ver o que os outros praticavam”!

“E contudo os homens a quem matavam eram todos uns patifes”.

“Foi então, Sr. Gilberto, que me vaticinou que viria um dia em que também haviam de ser assassinados os homens de bem”.

“Mataram o Sr. barão de Charny. Agora já não tremo, choro; já não me horrorizo de ver o que os mais praticam, tenho medo de mim.”

- Billot! - exclamou Gilberto.

Porém Billot prosseguiu, sem lhe dar atenção:

- Aqui está um pobre mancebo, a quem assassinaram, Sr. Gilberto; era soldado, combateu; ele não assassinava, e todavia foi assassinado.

Billot soltou um suspiro, que parecia sair-lhe do íntimo do peito.

- Pobre rapaz! - acrescentou - conheci-o ainda criança; costumava vê-lo passar quando ia de Boursonne para Villers-Cotterets montado no seu cavalinho ruço: levava pão aos pobres mandado pela mãe.

“Era uma bonita criança, com as faces brancas e rosadas, os olhos azuis muito rasgados, e sempre risonho”.

“E coisa célebre, apesar de o estar vendo aí estendido, coberto de sangue e desfigurado, parece-me que não é um cadáver que tenho diante dos meus olhos, mas a criança de outro tempo, com um cestinho enfiado no braço esquerdo e uma bolsa na mão direita”.

“Ai, Sr. Gilberto, parece-me que basta, e não tenho vontade de ver mais, porque me vaticinou que há-de chegar um dia em que hei-de vê-lo morrer ao senhor também, e então”...

Gilberto, abanando levemente a cabeça, disse:

- Billot, tranquilize-se, que a minha hora final não chegou ainda.

- Embora, mas é chegada a minha, doutor. Tenho além as minhas searas, que apodrecerão, as minhas terras, que ficarão por cultivar, uma família, a quem estimo, e a que tenho

dez vezes mais apego ainda desde que estou vendo este cadáver, cuja morte a família chora neste momento.

- Que quer dizer com isso, meu caro Billot? Parece-lhe, porventura, que me induziria a ter dó do senhor?

- Oh! Não! - respondeu ingenuamente Billot; - pesam-me as desgraças que estou presenciando, e por isso me lastimo; mas como das lamentações não se tira resultado nenhum, tenciono ajudar-me e consolar-me à minha moda.

- Isso quer dizer quê?...

- Quer dizer que estou com vontade de voltar para o meu casal, Sr. Gilberto.

- Outra vez, Billot?

- Ah! Sr. Gilberto, afigura-se-me que estou ouvindo uma voz que me chama de lá.

- Tome sentido, Billot, essa voz está-lhe aconselhando uma deserção.

- Não sou soldado, para se dizer que deserto, Sr. Gilberto - disse ele.

- Se desse um tal passo, Billot, a sua deserção seria muito mais criminosa do que a do soldado.

- Explique-me o que disse, doutor.

- Pois quê! Veio a Paris pára demolir e fuge quando o edifício está para abater?

- Fugo para não esmagar os meus amigos.

- Ou antes para não ser esmagado.

- Eh! Eh! - disse Billot - não é proibido que a gente se lembre também de si.

- Aí está um bonito cálculo! Como se as pedras não rolassem e quando rolam, não fossem esmagar em distância os medrosos que fogem!

- Ah! O Sr. Gilberto bem sabe que não sou nenhum medroso.

- Então fique, Billot, que ainda preciso do amigo - disse o doutor, pondo-lhe a mão no ombro.

- Também a minha família precisa de mim.

- Billot, Billot, parecia-me que tinha concordado comigo em que não existe família para o homem que ama a sua pátria.

- Quisera saber se seria capaz de me repetir o que acaba de dizer, se o seu filho Sebastião estivesse onde está aquele pobre rapaz.

E dizendo isto apontava para o cadáver.

- Billot - respondeu estoicamente Gilberto - dia virá em que meu filho Sebastião me veja como eu estou vendo aquele cadáver.

- Tanto pior para ele, se então se mostrar tão frio como o doutor.

- Tenho fé que há-de ser melhor do que eu, e mais firme ainda, porque hei-de sempre dar-lhe exemplos de firmeza.

- Visto isso, quer que a criança se acostume a ver derramar sangue, que adquira, desde a mais tenra idade, o hábito dos incêndios, das forcas, das sedições e dos ataques nocturnos; que veja insultar rainhas e ameaçar reis; e quando chegar a ser forte como uma espada e frio como ela, quer que lhe tenha então amor e respeito?

- Nada, não quero que ele veja tudo isso, Billot, e aí está o motivo por que o tornei a mandar para Villers-Cotterets; passo este de que estou quase arrependido hoje.

- Como assim, está hoje arrependido de o haver para lá mandado?

- Estou.

- E por que razão somente hoje lhe veio o arrependimento?

- Porque hoje teria ele visto pôr em prática o axioma do leão e do rato, que para ele não passa de uma fábula.

- Que quer isso dizer, Sr. Gilberto?

- Quer dizer que teria visto um pobre lavrador, que o acaso trouxe a Paris, um bom e honrado homem que não sabe ler nem escrever, que nunca se persuadiu de que a sua vida pudesse influir em bem ou em mal sobre destinos tão elevados, que ele mal se atrevia a medi-los

com a vista. Quer dizer que teria visto esse homem (que já em outra época quis deixar Paris como quer agora) contribuir hoje eficazmente para salvar um rei, uma rainha, e dois príncipes.

Billot, olhando para Gilberto com os olhos muito espantados, perguntou:

- Como assim, Sr. Gilberto?

- Como assim, sublime ignorante, eu lhe conto: acordando mal ouviu a primeira bulha, adivinhando que aquele rumor era uma tempestade próxima a desabar sobre Versalhes, e indo a correr chamar o Sr. de Lafayette, que estava dormindo.

- Não é para admirar; havia doze horas que ele andava a cavalo e vinte e quatro que se não deitava.

- Conduzindo-o depois ao paço - prosseguiu Gilberto - e arremessando-se no meio dos assassinos, a gritar: “Para a retaguarda, miseráveis; aqui vem o vingador!”

- Ora essa! - exclamou Billot; - é verdade, eu fiz tudo isso!

- Pois bem, Billot, já vê que houve uma grande compensação, meu amigo; se não livrou este mancebo de ser assassinado, obteve talvez a que assassinassem o rei, a rainha e os dois príncipes! Ingrato, que se lembra de abandonar o serviço da pátria, no momento em que ela o remunerava.

- Mas quem há-de saber o que fiz, se eu mesmo não tinha conhecimento de tal?

- O senhor e eu, Billot, não é quanto basta?

Billot reflectiu um instante, e depois, estendendo a mão calosa ao doutor, disse:

- Tem razão, Sr. Gilberto; mas, como sabe, o homem é uma criatura fraca, egoísta e versátil; só o Sr. Gilberto é forte, generoso e constante. Quem o tornou assim?

- O infortúnio! - replicou Gilberto com um sorriso, em que havia mais tristeza do que num suspiro de dor.

- É célebre - redargüiu Billot - sempre julguei que o infortúnio tornasse o homem perverso.

- Aos fracos, decerto.

- E se eu viesse a ser infeliz e depois me tornasse perverso?

- Poderá talvez ser infeliz, mas nunca há-de ser perverso, Billot.

- Está certo disso?

- Respondo por si.

- Então... - disse Billot com um suspiro.

- Então? - repetiu Gilberto.

- Então, fico; mas sinto que por mais de uma vez ainda hei-de tornar a fraquejar assim.

- E sempre que fraquejar, Billot, encontrar-me-á a seu lado para o amparar.

- Pois seja assim - suspirou o lavrador.

Depois, deitando um derradeiro olhar para o cadáver do barão de Charny, que os criados se dispunham a levar numa maca, exclamou:

- Sempre era uma criança bem galante aquele pobre Jorge de Charny, montado no seu cavalinho ruço, com um cesto enfiado no braço esquerdo e uma bolsa na mão direita!

LVII

Partida, jornada e chegada de Pitou e de Sebastião Gilberto

Vimos em que circunstâncias tinha sido resolvida a partida de Pitou com Sebastião, muito anteriormente à época em que nos achamos.

Sendo nossa tenção abandonar momentaneamente os principais personagens da nossa história para seguirmos os dois jovens viajantes, esperamos que os nossos leitores nos concederão licença para lhes relatarmos algumas particularidades concernentes à sua partida, ao caminho que seguiram e à sua chegada a Villers-Cotterets, onde Pitou se persuadia que a saída de ambos devia ter deixado um grande vácuo.

Gilberto incumbiu Pitou de ir buscar Sebastião e de lho trazer. Para esse fim meteram Pitou numa carruagem de aluguer, e assim como Sebastião tinha sido entregue ao cuidado de Pitou, foi Pitou entregue ao cuidado do cocheiro.

Ao cabo de uma hora, o coche tornou a trazer Pitou, e este trazia consigo Sebastião.

Gilberto e Billot estavam à espera deles num quarto que tinham alugado na rua de Saint-Honoré, um pouco acima da Assunção.

Gilberto explicou então ao filho que naquela mesma tarde havia de partir com Pitou, e perguntou-lhe se estimaria tornar a ver os frondosos bosques, de que tanto gostava.

- Sim, meu pai - respondeu a criança - contanto que vá ver-me a Villers-Cotterets, ou que eu o venha ver a Paris.

- Vai descansado, meu filho - disse Gilberto beijando-o na testa. - Sabes muito bem que não posso passar sem te ver.

Quanto a Pitou, esse corou de prazer só com a idéia de que partia naquela mesma tarde.

Exultou de contente quando Gilberto lhe pôs numa das mãos as duas mãos de Sebastião, e na outra uns dez luíses de quarenta e oito francos cada um.

Uma larga série de recomendações, quase todas higiénicas, que fez o doutor, foi ouvida religiosamente.

Sebastião abaixava os olhos úmidos de lágrimas.

Pitou pesava e fazia tinir os luíses no imenso bolso.

Gilberto entregou uma carta a Pitou, assim revestido das funções de aio.

A carta era para o abade Fortier.

Logo que o doutor acabou de falar, tomou Billot a palavra.

- O Sr. Gilberto - disse ele - confiou ao teu cuidado a moral de Sebastião; eu confio-te o físico. Tens os pulsos rijos; serve-te deles sempre que for preciso.

- Sim - replicou Pitou - e bem sabe que tenho também um sabre.

- Não abuses dele - retorquiu Billot.

- Serei clemente - disse Pitou - *clemens ero*.

- Pois sê *herói*, se quiseres - replicou Billot, que nada percebia de latim.

- Agora - disse Gilberto - só me resta indicar-lhes o modo como hão-de viajar, tanto Sebastião como tu.

- Oh! - exclamou Pitou - há apenas dezoito léguas de Paris a Villers-Cotterets; conversaremos todo o caminho.

Sebastião olhou para o pai como para lhe perguntar se seria muito divertido conversar durante dezoito léguas, com o seu amigo Pitou.

Pitou interceptou o olhar do mancebo.

- Falaremos em latim - disse ele - e todos nos tomarão por uns sábios.

Era este o sonho da inocente criatura.

Quantos outros com dez luíses na mão, teriam dito:

- Compraremos bolos.

Gilberto hesitou um momento.

Olhou para Pitou e depois para Billot.

- Entendo muito bem - disse este último. - Está em dúvida se Pitou será capaz de servir de guia, e hesita em confiar dele o seu filho.

- Oh! - disse Gilberto - não é dele que eu o confio.

- Então de quem é?

Gilberto ergueu os olhos para o céu; mas era demasiado voltaireano para se atrever a responder.

- De Deus!

E não disse mais nada.

Resolveram por conseguinte, sem alterar coisa nenhuma no plano de Pitou, que prometia ao jovem Gilberto uma jornada cheia de distracções, que não o havia de fatigar, que os dois

viajantes se poriam a caminho no dia seguinte pela manhã.

Gilberto teria podido mandar o filho para Villers-Cotterets numa das carruagens públicas, que já naquela época faziam o serviço de Paris até à fronteira, ou na sua própria carruagem; mas já vimos quanto o doutor temia que o jovem Sebastião pudesse entregar-se ao isolamento, e nada há tão próprio para isolar as pessoas de génio pensativo como a bulha do rodar de uma carruagem.

Foi pois acompanhar os dois rapazes até ao Bourget, e ali, apontando-lhes para a estrada guarnecida de duas fileiras de árvores, e em que dava de chapa um sol brilhante, abriu os braços e disse-lhes:

- Vão!

Pitou partiu logo, levando consigo Sebastião, o qual por bastantes vezes se voltou para fazer a acção de mandar beijos a Gilberto, que se conservava de pé, com os braços cruzados, no sítio em que se tinha separado do filho, seguindo-o com a vista, como teria seguido um sonho.

Pitou empertigava-se ostentando todo o comprimento da sua elevada estatura. Ufanava-se da confiança que nele tinha sido depositada por um personagem tão importante como o Sr. Gilberto, médico da câmara do rei.

Pitou ia com tenção de se desempenhar escrupulosamente das suas obrigações, que eram ao mesmo tempo de aio e de aia.

Todavia, era com a maior confiança em si próprio que conduzia o pequeno Sebastião; viajava sossegadamente, atravessando as aldeias cheias de movimento e de susto desde os acontecimentos de Paris, que estavam, como os nossos leitores se lembrarão, ainda muito recentes, porque, se bem que já narrássemos os sucessos ocorridos até 5 e 6 de Outubro, era, como dissemos, pelos fins de Julho ou o princípio de Agosto que Pitou e Sebastião tinham deixado Paris.

Pitou conservara o seu capacete e o enorme sabre. Fora quanto ganhara com os acontecimentos de 13 e 14 de Julho; mas esse duplo troféu bastava à sua ambição, e ao passo que lhe dava um ar arrogante, contribuía para a sua segurança.

Contudo, o ar arrogante, para que muito concorriam indubitavelmente o capacete e o sabre de cavalaria, tinha-o Pitou conquistado independentemente deles.

Quem presenciara a tomada da Bastilha, e até tomara parte nela, devia ter conservado necessariamente certa aparência heróica.

Pitou, de mais a mais, tornara-se algum tanto letrado.

Quem ouvira as moções da casa da câmara, os discursos do Sr. Bailly e as proclamações do Sr. Lafayette, não podia deixar de ter seus vislumbres de orador, sobretudo, havendo já estudado os *Conciones* latinos, que a eloquência francesa do século XVIII copiava com sofrível exactidão.

Munido dessas duas poderosas armas, que sabia associar a dois punhos vigorosos, uma rara amenidade de sorriso e um apetite dos mais interessantes, ia Pitou muito agradavelmente jornadeando caminho de Villers-Cotterets.

Para os curiosos de política, tinha sempre notícias prontas e em caso de necessidade, inventava-as, conforme aprendera em Paris, onde, naquela época, se fabricavam boatos com suma facilidade.

Contava-lhes que o Sr. Berthier tinha deixado escondidos imensos tesouros, que a municipalidade desenterraria qualquer dia. Que o Sr. de Lafayette, o protótipo de toda a glória, o orgulho da França provinciana, já não era para os Parisienses mais do que um boneco de engonços meio usado, cujo cavalo branco servia de tema aos fazedores de trocadilhos! Que o Sr. Bailly, a quem Lafayette honrava com a sua profunda amizade, bem como as demais pessoas da sua família, era um aristocrata, e que as más línguas ainda diziam mais alguma coisa.

Pitou, quando contava tudo isto, excitava tempestades de cólera, mas não se assustava porque possuía o *quos ego* de todas aquelas borrascas; referia-lhes anedotas inéditas a respeito da Austríaca.

Graças a tão inesgotável estro, alcançou uma série não interrompida de excelente jantares até Vauciennes, última aldeia no caminho de Villers-Cotterets.

Como Sebastião, ao contrário dele, comia pouco ou nada, como não falava, e era uma criança pálida e fraca, todos tomavam interesse por Sebastião, admirando ao mesmo tempo a vigilante paternidade de Pitou, que acariciava e tratava com o maior desvelo o menino, comendo de mais a mais o quinhão que lhe pertencia sem que parecesse ter outra coisa em vista senão o ser-lhe agradável.

Apenas chegados que foram a Vauciennes, Pitou pareceu hesitar, olhou para Sebastião e este olhou para Pitou.

Pitou coçou a cabeça. Era o seu costume quando estava perplexo.

Sebastião já tinha bastante conhecimento de Pitou para não ignorar esta circunstância.

- Então! Que é isso, Pitou? - perguntou Sebastião.

- É que, se te fosse indiferente e não estivesses muito cansado, em vez de seguirmos por esta estrada em direitura, poderíamos ir ter a Villers-Cotterets por Haramont.

E o honrado Pitou corou ao exprimir este desejo, como poderia ter corado Catarina ao exprimir um desejo menos inocente.

Sebastião entendeu-o.

- Ah! Sim - disse ele - foi ali que morreu a nossa pobre mãe, Pitou.

- Vem, meu irmão, vem.

Pitou apertou Sebastião contra o peito, quase a ponto de o afogar, e pegando na mão do menino, meteu por um caminho de atalho, paralelo ao vale de Wuala; com tanta rapidez que, ao cabo de uns cem passos, o pobre Sebastião viu-se obrigado a dizer-lhe:

- Mais devagar, Pitou, mais devagar!

Pitou parou; não tinha percebido que esfalfava o pequeno, por ser aquele o seu passo ordinário quando caminhava só.

Viu então Sebastião pálido e mal podendo respirar.

Levantou-o nos braços como S. Cristóvão fez a Jesus, e assim o foi levando ao colo.

Daquele modo pôde Pitou andar com quanta pressa quis.

Como não era a primeira vez que Pitou pegava em Sebastião ao colo, Sebastião deixou-se pegar.

Chegaram desta forma a Largny. Ali, como Sebastião sentisse arquejar o peito de Pitou, declarou-lhe que já estava suficientemente descansado e pronto para caminhar com a celeridade que lhe aprouvesse.

Pitou mostrou a sua magnanimidade moderando o passo.

Dali a meia hora estava Pitou à entrada da aldeia de Haramont, “linda terra que o vira nascer”, como diz o romance de um grande poeta, romance cuja música vale decerto muito mais do que as palavras.

Logo que chegaram ali, os dois rapazes olharam em redor de si para reconhecerem a localidade.

A primeira coisa que lhes deu na vista foi o crucifixo que a piedade popular coloca usualmente à entrada das aldeias.

Mesmo em Haramont sentiram-se as conseqüências da singular tendência que Paris revelava para o ateísmo. Os pregos que seguravam na cruz o braço direito e os pés do Cristo tinham-se partido comidos de ferrugem. O Cristo pendia, retido unicamente pelo braço esquerdo, e a ninguém ocorrera a idéia piedosa de tornar a colocar o símbolo daquela liberdade, igualdade e fraternidade, que tanto apregoavam, no lugar em que o tinham posto os Judeus.

Pitou não era beato, mas conservava as suas tradições da infância. Aquele Cristo assim esquecido causou-lhe um aperto do coração. Procurou numa sebe um junco, destes que são delgados e rijos como um arame, pôs no chão o capacete e o sabre, trepou pela cruz, atou o braço direito do Divino Mártir à travessa, beijou-lhe os pés e desceu.

Durante este tempo Sebastião orava de joelhos ao pé da cruz. Por quem orava ele? Quem

sabe!

Pode ser que fosse por aquela visão da sua meninice, que esperava tornar a encontrar à sombra das árvores copadas das florestas, por aquela mãe, que não conhecia, mas que nunca pode ser estranha ao nosso ser, porque, ainda que não nos sustente durante nove meses com o seu leite, sempre nos tem sustentado durante nove meses com o seu sangue.

Pitou, assim que acabou aquela acção santa, tornou a pôr o capacete na cabeça e afivelou o sabre à cinta.

Sebastião, logo que acabou de orar, benzeu-se e tornou a dar a mão a Pitou.

Entraram então ambos na aldeia, e foram direitos à choupana onde nascera Pitou, e Sebastião fora criado.

Pitou conhecia Haramont como os seus dedos, mas apesar disso não pôde dar com a choupana. Teve de pedir informações; mostraram-lhe uma casinhola de pedra e cal com telhado de ardósias.

O jardim da casinha era cercado por um muro.

A tia Angélica vendera a casa da irmã, e o novo senhorio, usando do seu direito, deitara tudo abaixo. As paredes velhas rebocadas com terra, a porta carunchosa com uma goteira aberta, as janelas carcomidas com os caixilhos guarnecidos em parte de vidros, e em parte de folhas de papel em que brilhava, debaixo da forma de riscas, a escrita do inexperiente Pitou, o telhado de colmo com o seu musgo esverdeado e as plantas bravas que ali nasciam e floresciam, tudo desaparecera.

O novo senhorio deitara tudo abaixo. Tudo!

A porta estava fechada, e pela parte de fora, um enorme cão preto, ao ver gente estranha, arreganhou os dentes para Pitou.

- Anda cá - disse Pitou com os olhos rasos de lágrimas; - anda cá, Sebastião; vamos a um sítio onde estou certo que não terá havido mudança alguma.

E Pitou levou consigo Sebastião ao cemitério, onde estava enterrada a sua mãe.

O pobre rapaz dizia bem; ali nenhuma mudança tinha havido; porém a erva crescera com a força com que sempre cresce nos cemitérios, e esta circunstância podia obstar a que ele atinasse com a sepultura da mãe.

Felizmente, uma estaca de chorão crescera ao mesmo tempo que a erva, e no espaço de três ou quatro anos a estaca tornara-se numa árvore. Pitou caminhou direito à árvore, e beijou a terra que ela assombreava, com a mesma piedade instintiva com que beijara os pés do Cristo.

Quando se ergueu, roçaram-lhe pelo rosto os ramos do chorão, que o vento agitava.

Estendeu então os braços, reuniu os ramos e apertou-os de encontro ao coração.

Figurou-se-lhe que era o cabelo de sua mãe que ele beijava pela derradeira vez.

A estação que os dois rapazes ali tinham feito fora demorada, e o dia já estava bastante adiantado.

Não tiveram remédio senão separarem-se daquela sepultura, único objecto de que o pobre Pitou parecia ter conservado recordações.

Ao apartar-se dali, Pitou teve por um instante a idéa de arrancar um raminho do chorão para pôr no capacete, mas quando ia para o partir, deteve-se.

Parecia-lhe que iria causar uma dor à pobre mãe se partisse um ramo de árvore, cujas raízes envolviam talvez o caixão de pinho já desconjuntado em que o cadáver descansava.

Tornou a beijar a terra, agarrou na mão de Sebastião e afastou-se.

Quase toda a gente da aldeia estava pelos campos ou no bosque, por conseguinte poucas pessoas tinham visto Pitou, e dessas poucas nenhuma o conhecera, assim disfarçado como estava com o capacete e com o imenso sabre.

Encaminhou-se, pois, para Villers-Cotterets pela linda estrada que atravessa a floresta numa extensão de três quartos de légua, sem que objecto algum vivo ou animado se lembrasse de o distrair da sua dor.

Sebastião Gilberto acompanhava-o tão pensativo e mudo como ele.

Chegaram finalmente a Villers-Cotterets pela volta das cinco horas da tarde.

LVIII

De como Pitou, amaldiçoado e expulso pela tia por causa de um barbarismo e três solecismos, foi novamente amaldiçoado e expulso por ela por causa de um galo com arroz

Pitou chegou naturalmente a Villers-Cotterets pelo lado da quinta chamado dos Faisões; atravessou a sala de dança, deserta durante a semana, e aonde três semanas antes conduzira Catarina.

Que de acontecimentos não tinham ocorrido para Pitou e para a França durante aquelas três semanas!

Depois, metendo pela comprida rua de limoeiros, chegou ao pátio do castelo, e foi bater à porta traseira do colégio do abade Fortier.

Havia já três anos que Pitou deixara Haramont, ao passo que havia só três semanas que deixara Villers-Cotterets; era portanto bem natural que não o conhecessem em Haramont, e que o conhecessem em Villers-Cotterets.

Num instante se espalhou pela cidade a notícia da chegada de Pitou com o jovem Sebastião Gilberto, que tinham entrado pela porta travessa do abade Fortier; também se soube logo que Sebastião vinha pouco mais ou menos como partira, mas que Pitou trazia capacete e um sabre muito comprido.

Portanto, o povo reuniu-se em frente do portão, porque pensou, e com razão, que se Pitou se tinha introduzido em casa do abade Fortier pela porta pequena da casa, havia de sair pela rua de Soissons.

Era o seu caminho para ir ao Pleux.

De facto, Pitou só se demorou em casa do abade Fortier o tempo necessário para entregar nas mãos da irmã deste a carta do doutor, Sebastião Gilberto, e cinco moedas de dois luíses para pagamento da mesada.

A irmã do abade Fortier, na primeira impressão, assustou-se de ver entrar pela porta do jardim aquele arrogante soldado, mas não tardou em reconhecer sob o capacete de dragão aquele rosto sereno e honrado, o que a tranqüilizou mais alguma coisa.

Finalmente, a vista das cinco moedas de dois luíses acabou de dissipar-lhe os receios.

O receio da pobre rapariga era portanto mais fácil de explicar, por quanto o abade tinha saído para levar os seus discípulos a passeio, e a pobre rapariga achava-se inteiramente só.

Pitou, depois de entregar a carta e o dinheiro, abraçou Sebastião, e saiu carregando o capacete na cabeça com arrogância militar.

Sebastião derramara algumas lágrimas ao separar-se de Pitou, posto que a separação não devesse ser longa, e que a companhia deste não fosse das mais divertidas; mas a jovialidade, a bondade e os contínuos obséquios do rapaz tinham tocado no coração do filho de Gilberto. Pitou era uma espécie dos grandes e meigos cães da Terra Nova, que chegam muitas vezes a enfadar, mas que nos desarmam por fim a cólera lambendo-nos as mãos.

Uma coisa mitigava o pesar de Sebastião, e era a promessa que Pitou lhe fizera de o ir ver repetidas vezes. Uma coisa mitigava o desgosto de Pitou, e era o ter-lhe Sebastião agradecido essa promessa.

Agora sigamos um pouco o nosso herói de casa do abade Fortier para a da tia Angélica, situada, como o leitor não ignora, na extremidade do Pleux.

Ao sair de casa do abade Fortier, Pitou encontrou umas vinte pessoas que o esperavam. O seu novo traje, cuja descrição já tinha corrido toda a vila, era conhecido portanto das pessoas que ali estavam reunidas. Ao vê-lo voltar assim de Paris, onde naquele momento se estava combatendo, todos pensavam que Pitou se tinha batido, e queriam saber novidades.

Pitou deu as apetecidas novidades com a sua importância ordinária, contou a tomada da

Bastilha, as façanhas de Billot, e dos srs. Maillard, Helie e Hulin; o modo como Billot caíra nos fossos da fortaleza, e como ele de lá o tirara; finalmente, como se tinha salvo o Dr. Gilberto, que havia oito ou dez dias fazia parte dos prisioneiros.

Os ouvintes sabiam já pouco mais ou menos tudo que lhes contava Pitou, mas tinham lido aqueles detalhes nas gazetas do tempo, e por mais interessante que seja um jornalista no que escreve, sempre o é menos do que uma testemunha ocular, que narra, que se pode interromper e continuar a sua narração, e que pode ser interrogada e responder ao que se lhe pergunta.

Ora Pitou repetia o que já tinha dito, respondia, dava todos os detalhes, sofrendo todas as interrupções com suma paciência, e respondendo a tudo com a maior complacência.

O resultado foi que depois de coisa de uma hora de pormenores fornecidos à porta do abade Fortier na rua Soissons, que estava cheia de curiosos, um dos presentes, vendo manifestarem-se alguns sinais de impaciência no rosto de Pitou, teve a lembrança de dizer:

- Mas este pobre Pitou deve estar cansado, e nós estamos aqui a demorá-lo de pé, em vez de o deixarmos entrar em casa da tia Angélica. Pobre velhinha, como há-de ficar contente por tornar a vê-lo!

- Não é que esteja cansado - respondeu Pitou - mas estou com fome. Eu nunca estou cansado, agora com fome estou sempre!

À vista daquela sincera declaração, a multidão, que respeitava as necessidades de Pitou, abriu-lhe respeitosamente caminho.

Pitou, seguido de alguns curiosos mais renitentes do que os outros, pôde então dirigir-se para o Pleux, isto é, para casa da tia Angélica.

A tia Angélica estava ausente, provavelmente de visita em casa dalguma vizinha, e tinha a porta fechada.

Em vista disto, diferentes pessoas ofereceram a Pitou que fosse tomar a casa delas a refeição de que carecia, mas Pitou recusou com altivez.

- Mas bem vêes, meu caro Pitou - lhe disseram diferentes amigos - que a porta está fechada.

- A porta de uma tia não pode conservar-se fechada diante de um sobrinho submisso e esfaimado - disse solenemente Pitou.

E puxando pelo comprido sabre, cuja vista fez tremer as mulheres e as crianças, meteu a ponta entre a lingüeta e a chapa da fechadura, carregou-lhe com força, e abriu-se a porta, com grande admiração dos circunstantes, que não puseram em dúvida as façanhas de Pitou, logo que o viram expor-se tão corajosamente à cólera da velha tia.

O interior da casa era exactamente o mesmo do tempo de Pitou: a célebre cadeira de couro ocupava como rainha o centro do quarto; mais duas ou três cadeiras ou escabelos quebrados formavam a corte estropiada da grande cadeira; ao fundo da casa ficava uma arca de guardar pão, e à direita o armário e a chaminé.

Pitou entrou em casa com o sorriso nos lábios; nada tinha contra aqueles móveis velhos; bem pelo contrário, eram seus amigos da infância. Verdade é que eles eram quase tão duros como a tia Angélica, mas ao menos quando se abriam, encontrava-se-lhes alguma coisa boa ao passo que, se se abrisse a tia Angélica, encontrar-se-ia interiormente mais seca e pior do que era exteriormente.

Pitou deu imediatamente uma prova do que avançamos às pessoas que o tinham acompanhado, e que, vendo o que se passava, olhavam de fora, morrendo por saber o que se passaria quando voltasse a tia Angélica.

Além disso, era fácil ver que todas aquelas pessoas estavam dominadas de simpatia por Pitou.

Dissemos que Pitou tinha fome, fome tal que se lhe conhecia na alteração das feições.

Por isso não perdeu tempo, e dirigiu-se logo à arca do pão e ao armário.

Antigamente, - dizemos antigamente, posto que só tenham decorrido três semanas depois da partida de Pitou, porque, segundo é nossa opinião, o tempo mede-se, não pela duração, mas

pelos acontecimentos nele ocorridos; - antigamente Pitou, a não ser impellido por algum espírito maligno, ou por uma fome irresistível, potências ambas infernais, e que muito se assemelham, - antigamente Pitou ter-se-ia assentado no limiar da porta fechada, e teria esperado submissamente a volta da tia Angélica; quando ela voltasse, cumprimentá-la-ia com meigo sorriso; arredando-se depois, dar-lhe-ia lugar para passar; depois de ela entrar, entraria ele, e depois de entrar iria buscar o pão e a faca, para que lhe partissem o seu quinhão; em seguida, tendo-lhe sido já cortado o seu quinhão de pão, lançaria um olhar de cobiça, um simples olhar úmido e magnético, pelo menos ele assim o julgava, magnético a ponto de atrair o queijo ou a iguaria colocada no armário.

Electricidade, que raras vezes produzia o seu resultado, mas que o produzia algumas vezes.

Porém agora Pitou, já homem feito, não procedia deste modo; abriu placidamente a arca do pão, tirou do bolso a sua navalha larga, pegou no pão, e cortou angularmente um pedaço, que podia pesar um quilo.

Depois, sem nada perder da sua serenidade, foi logo abrir o armário.

Sempre se lhe figurou por alguns momentos que ouvia ralar a tia Angélica; mas o armário rangeu nos gonzos, e este som, que tinha toda a força da realidade, abafou o outro, que não era mais do que influência da imaginação.

No tempo em que Pitou fazia parte da casa, a avarenta tia fortificava-se com munições de sobresselente; era o queijo de Marolles, ou a magra talhada de toucinho, cercada pelas verdes folhas de uma enorme couve; mas depois que aquele fabuloso gastrônomo tinha saído da terra, a tia, apesar da sua avareza, cozinhava certos pratos, que duravam uma semana, e que não deixavam de ter seu valor.

Umaz vezes era uma peça de vaca, rodeada de cenouras e cebolas cozinhadas na gordura que ficava da véspera; outras um bocado de carneiro com saborosas batatas do tamanho de cabeças de crianças, ou do comprimento de uma abóbora; algumas vezes era uma perna de vitela, adubada com cebolinhas ou enfeitada com chalotas avinagradas; outras vezes era uma gigantesca omeleta feita na frigideira grande, e ou coberta de salsa, ou entremeada de fatias de toucinho, cada uma das quais era suficiente para o jantar da velha, mesmo nos seus dias de apetite.

Durante a semana a tia Angélica debicava naquelas iguarias discretamente, não entrando pelo precioso acepipe, senão segundo a estrita necessidade do momento.

Todos os dias a velha se regozijava de ser a única consumidora de tão boas coisas, e durante aquela feliz semana, pensava tantas vezes no seu sobrinho Ângelo Pitou, quantas vezes metia a mão no prato e levava à boca o bocado que comia.

Pitou foi feliz.

Chegava num dia (era segunda-feira) em que a tia Angélica tinha mandado cozer em arroz um velho capão, o qual cozera tanto que de magro que estava, os ossos separaram-se da carne e esta tornara-se quase tenra.

Era um prato soberbo; ostentava-se em funda escudela, negra por fora, mas lustrosa e cheia de atractivos para quem a visse.

A carne nadava no arroz, como pequenas ilhas no centro de um lago, e a crista do galo elevava-se entre os gordurosos olhos do caldo, como o píncaro de Ceuta no estreito de Gibraltar.

Pitou nem sequer teve a delicadeza de soltar uma exclamação de alegria ao ver aquela maravilha.

Estragado pela cozinha de Paris, o ingrato esquecia já que nunca uma tal magnificência ocupara o armário da tia Angélica.

Tinha na mão direita o pedaço de pão.

Com a esquerda agarrou no vastíssimo prato e conservou-o em equilíbrio pela pressão do dedo polegar, que enterrou até à primeira falange, na gordura compacta, que exalava excelente cheiro.

Naquele momento figurou-se a Pitou que se interpunha uma sombra entre ele e a claridade, que entrava pela porta.

Voltou-se sorrindo, porque Pitou era uma dessas criaturas sinceras, em quem a satisfação do coração transluz no rosto.

Aquela sombra era o corpo da tia Angélica.

Da tia Angélica mais avarenta, mais intratável e mais seca do que nunca.

Antigamente, vemo-nos obrigados a recorrer de contínuo à mesma figura, quer dizer à mesma comparação, visto que só essa comparação pode exprimir o nosso pensamento; antigamente Pitou, ao ver a tia Angélica, teria deixado cair o prato no chão, e quando a tia Angélica se curvasse desesperada para apanhar os restos do galo, e os grãos de arroz, ter-lhe-ia saltado por cima da cabeça e fugido com o seu quinhão de pão debaixo do braço.

Mas Pitou já não era o mesmo; o capacete e o sabre alteraram-lhe menos o físico do que a frequência dos grandes filósofos da época lhe alterara o moral.

Em vez de fugir espavorido diante da tia, chegou-se para ela com gracioso sorriso, estendeu-lhe os braços, e apesar de ela procurar fugir-lhe com o corpo, abraçou-a com as duas antenas, a que dava o nome de braços, apertando a velha contra o peito, ao passo que as mãos, uma com o pão e a navalha, e a outra com o prato, o galo e o arroz, ficavam cruzadas por detrás das costas da velha.

Logo que concluiu este acto de nepotismo, considerado por ele como um dever imposto pela sua condição, e que era obrigado a cumprir, respirou com toda a força dos seus pulmões, exclamando ao mesmo tempo:

- Pois é verdade, tia Angélica, aqui tem o pobre Pitou.

Ao sentir o abraço, a que não estava acostumada, a velha julgou que Pitou, apanhado por ela em flagrante delito, a quisera abafar, como Hércules abafou Anteu.

Portanto, também pela sua parte respirou quando se viu livre daqueles perigosos braços.

Mas o que a velha podia ter notado era que Pitou não tinha manifestado a sua opinião ao ver o galo.

Portanto, Pitou não só era um ingrato, era também malcriado.

Houve porém uma coisa, que tirou por modo bem diferente o fôlego à tia Angélica, e foi que, antigamente, quando ela se ostentava na sua poltrona de couro, Pitou nem sequer se atrevia a assentar-se em qualquer das cadeiras quebradas, ou dos escabelos coxos que a rodeavam: ao passo que naquele momento, depois de a ter abraçado, assentara-se à vontade na poltrona, pusera o prato nos joelhos e começara a entrar por ele.

Na destra poderosa, como diz a Escritura, sustentava um pedaço de pão da grossura de três dedos e do comprimento de seis polegadas, verdadeira vassoura, com que varria o arroz do prato, ao passo que pela sua parte a navalha, para lhe não ficar atrás, empurrava a carne para cima do pão.

Sábria e desapiedada manobra, que deu em resultado, no fim de alguns minutos, fazer aparecer o fundo azul e branco da escudela como aparecem na baixa-mar as argolas e as pedras dos diques, depois da retirada da água.

Pintar a terrível perplexidade da tia Angélica, pintar o seu desespero, é coisa a que há que renunciar.

Julgou por um momento poder gritar.

Mas não pôde.

Pitou sorriu com ar tão fascinador, que o grito expirou nos lábios da tia Angélica.

Então fez também a diligência por sorrir, esperando desse modo esconjurar a fera chamada fome, que habitava naquele momento as entranhas do sobrinho.

Mas o provérbio tem razão; as entranhas esfaimadas de Pitou conservaram-se mudas e surdas.

A tia depois de sorrir, chorou.

Isto incomodou alguma coisa Pitou, mas não o impediu de comer.

- Ora, minha tia - exclamou ele - que bondade a sua! Chorar assim de alegria pela minha chegada! Obrigado, boa tia, obrigado!

E continuou a comer.

Decididamente, a revolução francesa desnaturara completamente aquele homem.

Devorou três quartas partes do galo, e deixou um pouco de arroz no fundo do prato, dizendo ao mesmo tempo:

- A tiazinha gosta mais de arroz, não é assim? É mais tenro para os seus dentes; aqui lhe deixo o arroz.

Ao ouvir aquela atenção do sobrinho, atenção que tomou provavelmente por uma chufa, a tia Angélica ficou quase sufocada. Avançou resolutamente para o rapaz, e tirou-lhe o prato das mãos, proferindo uma blasfêmia, que vinte anos depois ficaria admiravelmente na boca de um granadeiro da velha guarda.

Pitou soltou um suspiro, e disse:

- Oh! A minha tia tem saudades do seu galo, não é assim?

- Malvado! - exclamou a tia Angélica - parece-me que queres mangar comigo.

Pitou levantou-se, e continuou com dignidade:

- Minha tia, nunca foi tenção minha deixar de pagar; tenho dinheiro. Se a tia quiser, pagarei a minha hospedagem em sua casa, com a condição de me ficar o direito salvo de fazer eu a conta.

- Patifel! - exclamou a tia Angélica.

- Ora vejamos; suponhamos que o que comi valia quatro *sous*, é um jantar que devo, quatro *sous* de arroz e dois *sous* de pão, total seis *sous*.

- Seis *sous*! - exclamou a tia - seis *sous*! Mas só de arroz eram oito *sous*, e de pão seis!

- Também eu não contei o galo, tiazinha, - disse Pitou - porque é da sua capoeira. É amigo velho, logo o conheci pela crista.

- Pois apesar disso valia bem bom dinheiro.

- Tinha nove anos. Fui eu que o furei debaixo das asas maternas para lho trazer, e ainda ele não era maior que a palma da mão! Por tal sinal, que a minha tia me bateu, por não ter trazido com ele algum milho para lhe dar a comer no dia seguinte. A menina Catarina deu-me o milho. O galo portanto era propriedade minha; comendo-o, estava no meu direito.

A tia, cega de cólera, lançou àquele revolucionário um olhar fulminante.

Já não tinha voz.

- Sai daqui! - balbuciou ela.

- Já? Deste modo? Depois de ter jantado, sem me dar tempo sequer para fazer a digestão? Isso não é delicado, minha tia.

- Sai, já to disse!

Pitou, que se tornara a assentar, pôs-se outra vez em pé, e notando com a mais viva satisfação que o seu estômago não levaria nem mais um grão de arroz, exclamou com toda a dignidade:

- A tia é uma má parenta! Quer mostrar-me que tenho de si os mesmos motivos de queixa que tinha antigamente; está cruel e avarenta como dantes. Pois bem! Não quero que a tia vá dizer por toda a parte que sou um homem que tudo lhe consome.

Tomou posição no limiar da porta, e com uma voz de estentor, que podia ser ouvida não só pelos curiosos, que tinham acompanhado Pitou, como também pelos indiferentes, que passassem a quinhentos passos de distância, exclamou:

- Tomo esta honrada gente por testemunha de que acabo de chegar de Paris a pé, depois de ter tomado a Bastilha; que estava cansado, tinha fome e assentei-me; que comi em casa de minha tia, e que esta me lança grosseiramente em rosto a comida que tomei; finalmente, de que me vi obrigado a retirar-me.

E Pitou empregou todo o patético neste exórdio, para que os vizinhos comesçassem a murmurar contra a velha.

- Um pobre viajante - prosseguiu Pitou - que acaba de andar nove léguas a pé, um rapaz probo, honrado com a confiança do Sr. Billot e do Sr. Gilberto; que trouxe Sebastião Gilberto

para casa do abade Fortier; um vencedor da Bastilha, um amigo do Sr. Bailly e do general Lafayette. Tomo-os por testemunhas de que fui expulso.

Os murmúrios tomavam corpo.

- E como não sou um mendigo - continuou ele; - como, quando me lançam em rosto o pão que me dão, costume pagá-lo, aí fica um escudo em paga do que comi em casa da minha tia.

Dizendo estas palavras, Pitou tirou com arrogância um escudo do bolso, e atirou com ele para cima da mesa, donde, aos olhos de todos, foi saltar para dentro do prato, onde ficou meio enterrado no arroz.

Esta acção final derrotou a velha; abaixou a cabeça sob o peso da reprovação geral, exprimida por prolongado sussurro; vinte braços se dirigiram então a Pitou, que saiu da cabana sacudindo as botas no limiar da porta, e desapareceu, escoltado por uma multidão de gente, que lhe oferecia cama e mesa, felizes por hospedarem de graça um vencedor da Bastilha, um amigo de Bailly e do general Lafayette.

A tia pegou no escudo, limpou-o e guardou-o na sua bolsa, onde devia esperar, em companhia de outros muitos, a sua permutação num velho luís.

Mas ao guardar o escudo, que lhe entrara em casa de um modo tão esquisito, a velha suspirou, e pensou que talvez Pitou tivesse direito de comer tudo, visto pagar tão bem.

LIX

Pitou revolucionário

Pitou, depois de ter cumprido os primeiros deveres da obediência, quis satisfazer as primeiras necessidades do seu coração.

É grato obedecer quando as ordens do que manda realizam todas as simpatias secretas do que obedece.

Seguiu depois a pequena viela, que vai do Pleux à rua de Lounet, a qual forma, com a sua dupla linha de arvoredo, como que uma tarja verde àquele lado da cidade, e atravessou o campo para chegar mais depressa à herdade de Pisseleux.

Mas em breve afrouxou o passo, porque cada passada lhe trazia uma recordação.

Quando voltamos à cidade ou à aldeia, em que nascemos, caminhamos sobre a nossa mocidade, e sobre os nossos dias passados, que se estendem, segundo diz um poeta inglês, como um tapete verde debaixo dos nossos pés, para festejarem o viajante que regressa.

A cada passo se encontra uma memória numa pulsação do coração. Aqui sofremos, ali fomos felizes, aqui soluçámos de dor, ali coramos de alegria. Pitou, que não era um analista, viu-se obrigado a ser homem: foi todo o caminho a recordar-se do passado, e chegou com a alma cheia de sensações à herdade da tia Billot.

Quando avistou a cem passos de distância as pontas agudas dos telhados, quando mediu com a vista os olmos seculares, que se dobram para verem de cima fumegar as chaminés cobertas de musgo, quando ouviu ao longe o rumor do gado, que vive e fala, dos cães, que rosnam, dos carros que rodam, endireitou o capacete, ajustou o sabre à cinta e tratou de tomar um garbo gentil, como convém a um namorado ou a um militar.

De princípio ninguém o conheceu, prova de ter conseguido quanto queria.

Um criado, que levava os cavalos à água, ouviu rumor, voltou-se, e através dos ramos de um salgueiro, avistou Pitou, ou para melhor dizer, um capacete e um sabre.

Ficou estupefacto.

Pitou ao passar junto dele, chamou-o:

- Olá! Barnaut! Bons dias, Barnaut!

O criado, admirado por ver que aquele homem de capacete e sabre lhe sabia o nome, tirou o chapéu e largou as rédeas dos cavalos.

Pitou passou para diante sorrindo-se.

Mas o criado não ficou sossegado, porque o sorriso benévolo de Pitou perdeu-se debaixo do capacete.

Estava-se então em sobressalto no campo, por se terem espalhado boatos aterradores, falava-se de ladrões, que deitavam abaixo as matas e cortavam as searas ainda verdes.

Que significaria a chegada daquele soldado? Seria um ataque ou um socorro?

A tia Billot, num lance de olhos, mediu Pitou desde os pés até à cabeça; perguntava a si mesma o que queriam dizer umas calças tão camponesas com um capacete tão brilhante, e escusado é dizê-lo, nas suas suposições tanto se inclinava ao temor como à esperança.

O soldado, quem quer que fosse, entrou desembaraçadamente na cozinha.

A tia Billot deu dois passos para o recém-chegado.

Pitou, pela sua parte, para lhe não ficar atrás em cortesia, tirou o capacete.

- Ângelo Pitou! - exclamou ela. - Ângelo aqui!

- Bons dias, tia Billot - respondeu Pitou.

- Ângelo! Oh! Meu Deus, quem tal havia de adivinhar! Então tu sentaste praça?

- Sentar praça! Ora essa! - respondeu Pitou.

E sorriu-se com ar de superioridade.

Depois começou a olhar em volta de si, procurando o que ali não via.

A tia Billot sorriu-se; logo adivinhou o que procuravam os olhos de Pitou, e por isso disse-lhe com simplicidade:

- Procuras a Catarina?

- Para lhe fazer os meus cumprimentos, tia Billot - respondeu Pitou.

- Está enxugando a roupa. Ora vamos, assenta-te, homem; olha para mim, fala-me.

- De boa vontade - disse Pitou. - Bons dias, bons dias, bons dias, Sr^a. Billot.

E Pitou tomou uma cadeira.

Agruparam-se logo em torno dele, às portas, e pelos degraus das escadas, todas as criadas e trabalhadores, atraídos pelo que lhes contara o moço da cavalaria.

E cada pessoa que de novo chegava dizia em voz baixa:

- É Pitou...

- É verdade! É ele!

- Ora esta!

Pitou lançou um olhar benévolo a todos os seus camaradas, e o seu sorriso correspondeu para o maior número a um afago.

- Vens de Paris, Ângelo? - prosseguiu a dona da casa mostrando a maior curiosidade.

- Direitinho, Sr^a. Billot.

- Como está o teu patrão?

- Perfeitamente, Sr^a. Billot.

- Como está Paris?

- Pessimamente, Sr^a. Billot.

- Ah!

O círculo dos ouvintes estreitou-se cada vez mais.

- E o rei? - perguntou a lavradora.

Pitou abanou a cabeça e deu um estalo com a língua, que humilhava a monarquia.

- E a rainha?

Pitou desta vez não respondeu absolutamente nada.

- Oh! - exclamou a Sr^a. Billot.

- Oh! - repetiu o resto da assembléia.

- Vamos, continua - disse a lavradora.

- Com a fortuna! Interroguem-me - respondeu Pitou, que tinha empenho em não contar na ausência de Catarina tudo o que ele sabia de interessante.

- Por que tens tu um capacete? - perguntou a Sr^a. Billot.

- É um troféu - respondeu Pitou.

- E que vem a ser um troféu, meu rapaz? – perguntou a boa mulher.

- Ah! É verdade, Sr^a. Billot - disse Pitou com um sorriso protector - é verdade que não pode saber o que é um troféu. Troféu é uma insígnia, mas é também um triunfo, quando se vence um inimigo.

- Então tu venceste um inimigo?

- Um! - exclamou Pitou com desdém. - Oh! Minha boa Sr^a. Billot, então não sabe que nós tomámos a Bastilha, o Sr. Billot e eu?

Aquelas palavras mágicas electrizaram o auditório. Pitou sentia a respiração dos espectadores por cima da cabeça, e as mãos deles nas costas da cadeira.

- Anda, conta, conta para aí o que fez o meu homem - disse a Sr^a. Billot, ativa e trémula ao mesmo tempo.

Pitou tornou a olhar para ver se Catarina chegara, e não a viu.

Pareceu-lhe injurioso que, para ouvir notícias frescas, trazidas por tal correio, a menina Billot se não dignasse deixar a sua roupa.

Pitou abanou a cabeça e começava a mostrar-se descontente.

- A história é muito comprida.

- E estás talvez com fome? - perguntou a tia Billot.

- Pode muito bem ser que assim seja.

- E com sede?

- Não direi que não.

No mesmo momento criados e criadas porfiavam em servir Pitou, de sorte que este achou imediatamente debaixo das mãos copo, pão, carne e frutos de toda a espécie, antes de ter tido tempo de pensar na importância do seu pedido.

Pitou tinha o estômago quente, como se costuma dizer no campo, isto é, digerira depressa; mas, por mais breve que digerisse, não era possível ter já dado conta do galo da tia Angélica, cujo último bocado ainda não havia meia hora ele engolira.

As poucas palavras que dissera não lhe fizeram ganhar tanto tempo como esperava, tal foi a rapidez com que o serviram.

Viu que era forçoso fazer um esforço sobrenatural, e pôs-se a comer.

Mas, por melhor que fosse a sua vontade de satisfazer a curiosidade dos circunstantes, viu-se obrigado a parar um momento depois.

- Que tens tu? - perguntou a Sr^a. Billot.

- Ora! Tenho que...

- Tragam de beber a Pitou.

- Cá tenho cidra, Sr^a. Billot.

- Mas talvez gostes mais de aguardente?

- Aguardente?

- Sim, estarás costumado a bebê-la em Paris.

A boa mulher supunha que durante os seus doze dias de ausência Pitou tinha tido tempo de se corromper.

Pitou rejeitou com altivez tal suposição, dizendo:

- Aguardente, aguardente para mim! Isso nunca.

- Então fala.

- Se falo agora - disse Pitou - logo terei de recomeçar, para a menina Catarina ouvir, e isso é uma grande estopada.

Correram logo duas ou três pessoas para a casa de lavar a roupa em busca de Catarina.

Mas enquanto todos corriam para o mesmo lado, Pitou voltou maquinalmente os olhos para a escada, que conduzia ao primeiro andar, e tendo o vento aberto uma porta, pôde ver Catarina, que estava a uma janela olhando para o campo.

Catarina olhava para o lado da floresta, isto é, para o lado de Boursonne.

Estava tão absorpta na sua contemplação, que não deu por coisa nenhuma do que se

passara, nem o movimento ocorrido no interior da casa lhe chamara a atenção, que toda estava empregada no que se passava exteriormente.

- Ah! Ah! - disse ele suspirando - para o lado da floresta, para o lado de Boursonne, para o lado do Sr. Isidoro de Charny! Sim, deve ser isso.

E soltou segundo suspiro, mais sentido do que o primeiro.

Neste momento voltavam os mensageiros não só da casa de lavar a roupa, mas de todos os sítios onde era possível que Catarina estivesse.

- Então? - perguntou a Sr^a. Billot.

- Não vimos a menina.

- Catarina! Ó Catarina! - gritou a Sr^a. Billot.

A donzela nada ouvia.

Pitou atreveu-se então a falar e disse:

- Sr^a. Billot, eu bem sei porque não encontraram a menina Catarina na casa da roupa.

- Então por que foi?

- Ora! Porque não estava lá.

- Então sabes onde ela está?

- Sei.

- Onde está?

- Está lá em cima.

E tomando pela mão a lavradora, fez-lhe subir os três ou quatro degraus da escada, mostrando-lhe Catarina assentada no parapeito da janela, no centro das flores e da hera que a ornavam.

- Está-se penteando - disse a boa mulher.

- Ah! Não, ela já está penteada - respondeu melancolicamente Pitou.

A lavradora não prestou atenção à melancolia de Pitou, e começou em voz forte a chamar.

- Catarina! Catarina!

A rapariga estremeceu por se ver assim surpreendida, fechou rapidamente a janela e respondeu:

- Que é?

- Então, vens daí, Catarina? - exclamou a Sr^a. Billot, não presumindo o efeito que iam produzir as suas palavras. - Está aqui o Ângelo, que chegou de Paris.

Pitou escutou com ansiedade a resposta, que ia dar Catarina.

- Sim? - disse Catarina friamente.

Tão friamente que dilacerou o coração ao pobre Pitou.

Depois desceu a escada com a fleuma que os alemães revelam nos quadros de Van Ostade e de Brawer.

- É verdade - disse ela quando chegou abaixo - é ele.

Pitou inclinou-se vermelho e trémulo.

- Traz um capacete - disse uma criada ao ouvido da ama.

Pitou ouviu o dito e estudou o efeito que ele produzia no rosto de Catarina.

Formoso rosto, um pouco pálido talvez, mas ainda cheio e aveludado.

Mas Catarina não manifestou admiração nenhuma pelo capacete de Pitou, e disse:

- Ah! Ele tem um capacete? Para quê?

Desta vez a indignação venceu o coração do honrado mancebo, que disse com altivez:

- Tenho um capacete e um sabre, porque me bati e matei dragões e Suíços; e se duvida, menina Catarina, pergunte-o a seu pai; aí tem a explicação, Catarina estava tão preocupada, que pareceu não ouvir senão a última parte da resposta de Pitou.

- Como está meu pai? - perguntou ela - e por que não veio com o senhor? Serão más as notícias de Paris?

- São péssimas - disse Pitou.

- Julguei que tudo se tinha arranjado – replicou a filha do lavrador.
- É verdade; mas tornou a desarranjar-se – respondeu Pitou.
- Porventura não vieram a um acordo o rei e o povo, sendo Necker novamente chamado?
- Trata-se agora bem de Necker - disse Pitou com importância.
- E contudo, isso satisfaz o povo, não?
- Ficou tão satisfeito, que está resolvido a fazer justiça por suas mãos, e a matar todos os seus inimigos.
- Todos os seus inimigos! - exclamou Catarina admirada. - Quem são os inimigos do povo?
- Os aristocratas - respondeu Pitou.
Catarina empalideceu.
- Mas quem são os aristocratas? - perguntou ela.
- Ora! São os que têm grandes terras, belos castelos e produzem no país a guerra civil, os que tudo têm, ao passo que nós nada possuímos.
- E que mais? - perguntou Catarina com impaciência.
- Os que têm belos cavalos e lindas carruagens, ao passo que nós andamos a pé.
- Meu Deus! - exclamou a donzela, empalidecendo a ponto de se tornar lívida.
Pitou notou-lhe aquela alteração nas feições.
- Chamo aristocratas a algumas pessoas do seu conhecimento, menina Catarina.
- Do meu conhecimento?
- Do nosso conhecimento? - disse a mãe Billot.
- Mas então quem são? - insistiu Catarina.
- O Sr. Berthier de Savigny, por exemplo.
- O Sr. Berthier de Savigny?
- Que lhe deu os brincos de ouro, que trazia no dia em que dançava com o Sr. Isidoro.
- E então?
- Então! Vi trincarem-lhe o coração!
Um grito terrível escapou de todos os peitos. Catarina caiu da cadeira que tinha puxado para si.
- Viste isso? - perguntou a mãe de Billot, trémula de horror.
- E o Sr. Billot também o viu.
- Oh! Meu Deus!
- É verdade - prosseguiu Pitou; - a estas horas devem já ter assassinado ou queimado todos os aristocratas de Paris e de Versalhes.
- É horrível! - murmurou Catarina.
- Horrível por quê? Não creio que seja aristocrata, Sr^a. Billot.
- Sr. Pitou - disse Catarina com uma energia sinistra - parece-me que não era tão feroz antes de partir para Paris.
- E não o sou ainda hoje - disse Pitou com um gesto abalado; - mas...
- Mas então não se gabe dos crimes que cometem os Parisienses, visto que não é Parisiense nem cometeu esses crimes.
- Estive tão longe de os cometer - disse Pitou – que tanto eu como o Sr. Billot corremos o risco de ser assassinados por querermos defender o Sr. Berthier.
- Oh! Meu bom pai! Meu honrado pai! Bem te reconheço nessa generosa acção! - exclamou Catarina exaltada.
- Meu honrado marido! - disse a mãe Billot com os olhos úmidos. - Então que fez ele?
Pitou contou a terrível cena da praça de Grève, o desespero de Billot, e o seu desejo de voltar para Villers-Cotterets.
- Por que não voltou então? - perguntou Catarina num tom que tocou profundamente o coração de Pitou, como um desses presságios sinistros, que os adivinhos sabem fazer penetrar tão profundamente no coração.

A Sr^a. Billot juntou as mãos.

- Porque o Sr. Gilberto não quis.
- Então o Sr. Gilberto quer que matem meu marido? - disse a Sr^a. Billot soluçando.
- Quer que se perca a casa de meu pai? – acrescentou Catarina no mesmo tom de sombria melancolia.
- Oh! não - disse Pitou. - O Sr. Billot e o Sr. Gilberto lá combinaram um com o outro. O Sr. Billot ficará ainda algum tempo em Paris, para acabar com a revolução.
- Sós! Como assim? - perguntou a mãe Billot.
- Não, mas com os srs. de Lafayette e Bailly.
- Ah! - disse com admiração a lavradora – visto que os srs. de Lafayette e Bailly estão com ele...
- Quando pensa em voltar? - perguntou Catarina.
- Oh! Quanto a isso, minha menina, nada sei.
- E tu para que voltaste?
- Vim trazer o Sebastião Gilberto ao abade Fortier, e as ordens do Sr. Billot.

Pitou ao proferir estas palavras, levantou-se, não sem certa dignidade diplomática, que foi compreendida, senão pelos criados, ao menos pelos amos.

A Sr^a. Billot também se pôs de pé e despediu a sua gente.

Catarina, que ficou assentada, procurou penetrar até ao íntimo de alma o pensamento de Pitou, antes dele lhe sair dos lábios.

- Que virá dizer-me? - perguntou ela a si mesma.

LX

A Sr^a. Billot abdica

As duas mulheres reuniram toda a sua atenção para ouvir as ordens daquele pai de família tão prezado. Pitou não ignorava quão árdua era a sua tarefa; tinha visto a mãe Billot e Catarina nos momentos do trabalho; conhecia o hábito de mandar de uma, e a altiva independência da outra.

Catarina, rapariga tão meiga, tão laboriosa e que tanta bondade, tinha tomado, mesmo por causa de todas estas suas qualidades, um grande ascendente sobre toda a gente do casal; e o que é o espírito de dominar senão uma vontade firme de não obedecer?

Pitou, expondo o objecto da sua missão, bem sabia o prazer que ia dar a uma e o grande pesar que ia causar à outra.

A mãe Billot, reduzida a um papel secundário, parecia-lhe uma coisa anómala e absurda. Isto ia aumentar Catarina em relação a Pitou, e Catarina não precisava de tal nas actuais circunstâncias.

Mas Pitou representava agora no casal um dos heróis de Homero, uma boca, uma memória, e não uma inteligência. Expressiu-se nestes termos:

- Sr^a. Billot, o desejo do Sr. Billot é que se incomode o menos possível.
- Que quer isso dizer? - perguntou a boa mulher admirada.
- Que quer dizer incomodar-se menos? – perguntou a menina Catarina.
- Quer dizer - respondeu Pitou - que a administração de um casal como o seu é um governo cheio de cuidados e de trabalhos; que têm que se fazer compras...
- E então? - perguntou a boa mulher.
- Pagamentos...
- E então?
- Lavouras...
- Que mais?
- Colheitas...

- Quem diz o contrário?
- Ninguém, por certo, Sr^a. Billot; mas para fazer esses negócios é preciso viajar.
- E para que tenho eu um cavalo?
- Para pagar é necessário questionar.
- Oh! Tenho boas goelas.
- Para lavrar...
- Não estou porventura costumada a dirigir esses trabalhos?
- E para a colheita? Oh! Isso é que tem que fazer; é preciso cozinhar para os trabalhadores, ajudar os carreiros...
- Nada disso me mete medo, uma vez que se trata dos bens de meu marido - exclamou a honrada lavradora.
- Mas, Sr^a. Billot... Finalmente...
- Finalmente, o quê?
- Tanto trabalho... e... já alguma idade...
- Ah! - exclamou a Sr^a. Billot olhando para Pitou de revés.
- Vamos, ajude-me, Sr^a. Catarina - disse o pobre rapaz, vendo que lhe diminuía as forças à proporção que a situação se ia tornando difícil.
- Não sei o que é necessário fazer para o ajudar.
- Pois bem, aí vai - replicou Pitou - o Sr. Billot não escolheu a senhora para ter tão grande trabalho.
- Então quem escolheu? - interrompeu a Sr^a. Billot tremendo ao mesmo tempo de admiração e respeito.
- Escolheu uma pessoa mais forte do que ele e do que a senhora; escolheu a menina Catarina.
- Minha filha Catarina para governar a casa! - exclamou a mãe num tom de desconfiança e de inexplicável ciúme.
- Debaixo das suas ordens, minha mãe - disse logo Catarina, corando.
- Não é isso, não é isso - insistiu Pitou, que, tendo-se resolvido a falar, estava decidido a dizer tudo; - desempenharei à risca a comissão de que me encarregaram. O Sr. Billot delega e autoriza a menina Catarina para o substituir e representar em todos os trabalhos e negócios da sua casa.
Cada uma destas palavras, proferidas em tom de verdade, penetrava no coração da lavradora: e tão boa era a sua índole, que em vez de excitar nela um ciúme dos mais violentos e cólera ardente, a certeza da sua demissão veio encontrá-la mais resignada, mais obediente e mais compenetrada da infalibilidade do seu marido.
Porventura podia Billot enganar-se? Podia a boa mulher deixar de obedecer?
Estes dois argumentos puseram termo à resistência.
Olhou para a filha, em cujos olhos só viu modéstia, a confiança, a boa vontade de desempenhar bem as funções de que a encarregavam, finalmente, a amizade e o respeito inalteráveis. Cedeu absolutamente.
- O Sr. Billot tem razão - disse ela - a Catarina é moça e tem boa cabeça, chega até a ser cabeçuda.
- Sim, sim - disse Pitou, julgando que lisonjeava o amor próprio de Catarina, ao passo que lhe fazia um epigrama.
- Catarina - prosseguiu a mãe Billot - andará melhor pela estrada do que eu; pode, ainda, correr dias inteiros atrás dos trabalhadores. Há-de vender melhor e comprar com mais segurança. É rapariga e há-de fazer-se obedecer!
Catarina sorriu.
- Ora bem! - continuou a boa mulher, sem precisar sequer de abafar um suspiro - vai agora Catarina percorrer esses campos, vai dispor da bolsa, e vamos vê-la sempre a caminho; finalmente, vou ver minha filha transformada em rapaz...

Pitou, ao ouvir isto, disse com ar de importância:

- Não tem que lhe dar cuidado a menina Catarina; aqui estou eu, e acompanhá-la-ei por toda a parte.

Este gracioso oferecimento, com que Ângelo contava provavelmente para produzir efeito, atraiu-lhe um olhar extraordinário de Catarina, que o deixou interdito.

A donzela corou, não como coram as meninas que ouvem uma coisa que lhes agrada, mas tomando uma cor avermelhada, que reproduz por um duplo sintoma a dupla operação da alma, sua primitiva causa, e indica ao mesmo tempo cólera e impaciência, o desejo de falar e a necessidade de ficar calada.

Pitou não era homem de sociedade; não conhecia estas diferenças.

Percebendo contudo que a vermelhidão de Catarina não indicava uma perfeita aquiescência, acrescentou com um sorriso de amabilidade, que deixou ver através dos grosseiros lábios os seus fortes dentes:

- Quê! Pois fica calada, menina Catarina?

- Então não repara, Sr. Pitou, que acaba de dizer uma tolice?

- Uma tolice! - exclamou o apaixonado mancebo.

- Ora esta! - exclamou a mãe Billot - tinha que ver a minha Catarina de ordenança ao lado!

- Mas enfim, nos bosques!... - disse Pitou com um ar tão consciencioso, que seria crime rir da exclamação.

- Também isso entrará nas ordens do meu marido? - prosseguiu a Sr^a. Billot, que mostrava também certas tendências para o epigrama.

- Oh! - acrescentou Catarina - isso seria um ofício de preguiçoso, que meu pai não pode ter aconselhado ao Sr. Pitou, e que o Sr. Pitou não aceitaria de meu pai.

Pitou olhava espantado ora para Catarina, ora para a mãe Billot; via cair por terra todo o edifício, que a sua fantasia levantara.

Catarina compreendeu a dolorosa decepção de Pitou, e disse:

- Sr. Pitou, foi em Paris que viu as meninas comprometerem-se desse modo, andando sempre com rapazes ao lado?

- Mas a senhora não é uma menina - balbuciou Pitou - porque é a dona da casa.

- Vamos, temos conversado já de mais - interrompeu arrebatadamente a mãe Billot - a dona da casa tem muito que fazer. Vem daí, Catarina, vou entregar-te o governo da casa, conforme as ordens de teu pai.

Então começou à vista de Pitou, estupefacto, imóvel, uma cerimónia, que não deixava de ter certa grandeza e poesia, no meio da sua rústica simplicidade.

A Sr^a. Billot puxou por um molho de chaves, e foi-as entregando a uma e uma a Catarina, apresentando-lhe ao mesmo tempo uma relação da roupa, garrafas, móveis e provisões. Conduziu depois a filha à velha carteira marchetada, do ano de 1738 ou 1740, na qual havia um segredo, onde o pai Billot guardava os seus papéis, os luíses de ouro, e todos os tesouros e arquivos de família.

Catarina deixou-se investir com toda a gravidade da onnipotência nos segredos da casa; interrogou a mãe com sagacidade, reflectiu a cada resposta que ela lhe dava, e parecia, logo que recebia algumas instruções, gravá-las bem na memória e na razão, como uma alma reservada para as necessidades de uma luta.

Depois do exame dos objectos, a mãe Billot passou aos animais, de que se fez recenseamento exacto.

Carneiros são e doentes, ovelhas, cabras, galinhas, pombos, cavalos, bois e vacas.

Isto porém não foi mais do que uma formalidade.

A donzela há muito que tinha a administração especial daquele ramo de comércio.

Ninguém melhor do que Catarina conhecia as galinhas pelo seu rude cacarejar, os cordeiros, que se familiarizavam com ela logo ao cabo de um mês, os pombos, que a conheciam tão bem, que muitas vezes a rodeavam em vôos, e outras vezes pousavam-lhe nos ombros,

depois de lhe terem volteado aos pés com aquele estranho movimento de um lado para outro, que caracteriza o urso nas suas meditações.

Os cavalos relinchavam quando Catarina se chegava para eles. Só ela sabia fazer obedecer os mais fogosos. Um deles, potro criado no casal, e que se tornara um garanhão indomável, quebrava tudo na cavalaria para ir ter com Catarina, e procurar-lhe nas mãos ou nos bolsos a côdea de pão duro, que estava certo de aí encontrar.

Nada mais belo, e que mais provocasse um sorriso do que ver aquela rapariga loura, com os seus grandes olhos azuis, alvo pescoço, braços roliços e mãos rosadas, quando ela vinha com o avental cheio de grãos, e se aproximava de um terreiro, que existia próximo de um charco, terreiro cujo solo era tão rijo que produzia som ao caírem nele o milho, que ela lhe lançava aos punhados.

Ver-se-iam então todos os pintos, pombos e cordeiros correrem livres do lado do charco; os bicos das aves iam marchetando o chão; a língua rosada das cabrinhas ia fazendo desaparecer o trigo mourisco, que estala ao trincar-se. Aquela eira enegrecida pelas camadas de grãos, ficava dentro em dois minutos tão branca e asseada como o prato de louça do ceifeiro, quando tem acabado o seu jantar.

Há certas criaturas humanas, que têm nos olhos a fascinação que seduz, ou a fascinação que subjuga; duas sensações tão poderosas para os animais, que estes nem pensam em resistir-lhe.

Quem não tem visto touros indómitos contemplarem melancolicamente por alguns minutos uma criança que lhes sorri, sem compreender o perigo que a ameaça? O touro tem piedade.

Quem não tem visto esse mesmo touro lançar um olhar traiçoeiro e aterrado a um campino robusto, que o encara fixo e o retém com uma ameaça muda? O animal curva a cabeça e parece preparar-se para o combate, mas tem os pés presos ao chão, estremece, sente uma vertigem, tem medo.

Catarina exercia uma destas duas influências sobre quanto a cercava. Era ao mesmo tempo tão tranqüila e tão firme, havia nela tanta placidez e tanta vontade, tão pouca desconfiança e tão pouco medo, que o animal em frente dela não tinha sequer a tentação de um mau pensamento. O atractivo daquela virgem era irresistível, e homem algum do lugar se riria falando de Catarina; nenhum rapaz tinha a seu respeito qualquer pensamento reservado; os que a amavam desejavam-na para mulher, os que não a amavam, para irmã.

Pitou com a cabeça baixa, as mãos pendentes, sem uma única idéia, ia seguindo maquinalmente a rapariga e a mãe na execução do recenseamento.

Ainda ninguém lhe dirigira a palavra; estava ali como um guarda da tragédia, e o seu capacete não concorria pouco para que representasse ao vivo essa extravagante figura.

Passou-se em seguida a revista dos trabalhadores e criados.

A mãe Billot mandou-os formar todos em semicírculo, e colocando-se à frente, disse:

- Meus filhos, seu amo ainda não veio de Paris, mas escolheu quem fizesse as suas vezes.

“É minha filha Catarina, que é moça e forte. Eu já estou velha e tenho a cabeça fraca. O patrão teve razão. Agora a patroa é Catarina. É ela quem recebe e dispende o dinheiro. Serei a primeira a receber as suas ordens e a executá-las; os que lhe desobedecerem com ela se hão-de haver.”

Catarina não acrescentou uma única palavra, e abraçou a mãe com ternura.

O efeito deste beijo foi maior do que o de muitas frases. A mãe Billot chorou e Ângelo comoveu-se.

A nova patroa foi aclamada por todos os criados.

Catarina entrou logo no exercício do seu cargo e distribuiu os trabalhos. Cada um recebeu as suas ordens, e partiu para as executar com a boa vontade, que se emprega no princípio de um reinado.

Ângelo, que ficara só, achou-se naturalmente ao pé de Catarina, e perguntou-lhe:

- E eu?

- Não tenho ordens nenhuma que dar-lhe.
- Como? Vou então ficar sem fazer nada?
- Então que quer fazer?
- O que fazia antes de partir.
- Antes de partir era recebido por minha mãe.
- Mas a senhora, que é agora a dona da casa, dê-me trabalho.
- Não tenho trabalho para o senhor.
- Por quê?
- Porque é um sábio, um homem lá da corte, a quem não convém estes trabalhos rústicos.
- Será possível? - exclamou Pitou.

Catarina fez um sinal, que queria dizer:

- É como lhe digo.
- Eu! Um sábio! - repetiu Pitou.
- Certamente.
- Mas, Sr^a. Catarina, não vê que tenho braços robustos para o trabalho?
- Não importa!

- Finalmente, menina Catarina, porque é que, com o pretexto de eu ser um sábio, me quer fazer morrer de fome? - disse o pobre rapaz desesperado. - Ignora então que o filósofo Epicteto foi servir para ter que comer? Que o fabulista Esopo ganhava o pão com o suor do seu rosto? E contudo eram homens mais sábios do que eu.

- Então que quer? É como lhe disse.

- Mas o Sr. Billot tinha-me tomado como sendo de sua casa, e mandou-me de Paris para aqui para continuar a sê-lo.

- Pode ser; mas meu pai podia obrigá-lo a trabalhos, que eu, a filha, não ousaria impor-lhe.

- Mas não mos imponha, menina Catarina.

- Isso é bom; mas é que então ficava aqui na ociosidade, e isso é que eu não posso consentir. Meu pai tinha direito de fazer, como directo senhor, o que me não é permitido a mim, como sua mandatária. Eu administro-lhe a sua fazenda, e é necessário que ela lhe renda.

- Mas, uma vez que eu trabalhe, serei rendoso; bem vê, menina Catarina, que anda num círculo vicioso.

- Está zombando! - disse Catarina, que não compreendia as grandes frases de Pitou. - Que vem a ser um círculo vicioso?

- Menina, um círculo vicioso é um argumento falso. Não, deixe-me ficar no casal e encarregue-me das jeiras que quiser. Verá então se sou um sábio e um mandrião. Demais, tem livros para escriturar, relações que pôr em ordem. A aritmética é o meu forte.

- No meu entender, não é uma ocupação bastante para um homem - respondeu Catarina.

- Então não sirvo para nada?! - exclamou Pitou.

- Continue a viver aqui - respondeu Catarina adoçando-se - pensarei, e veremos então.

- Pedir tempo para pensar se me deve conservar aqui! Mas que lhe fiz eu, menina Catarina? Ah! Antigamente não era assim.

Catarina encolheu insensivelmente os ombros.

Não tinha razões fortes para responder a Pitou, e contudo era manifesto que começava a importuná-la a insistência dele.

Por isso, interrompendo a conversação, disse:

- Basta de falar nisto, Sr. Pitou, vou a La Ferté-Milon.

- Então corro a selar o seu cavalo, menina Catarina.

- Por modo nenhum; pelo contrário, fique aqui.

- Não quer que a acompanhe?

- Fique - disse Catarina em tom imperioso.

Pitou ficou como se o tivessem pregado no lugar em que estava, e abaixou a cabeça

contendo uma lágrima, que lhe escaldava as pálpebras.

Catarina deixou Pitou onde estava, saiu, e deu ordem a um criado para que selasse o cavalo.

- Ai, menina Catarina, acha-me mudado, mas a menina é que o está, e bem diferentemente do que eu.

LXI

O que decide Pitou a abandonar o casal e a voltar para Haramont, sua única e verdadeira pátria

Entretanto a mãe Billot, resignada às funções de primeira criada, tinha novamente metido mãos à obra, sem afectação, sem azedume, com a melhor vontade. O movimento, por um momento interrompido em toda a hierarquia agrícola, começou de novo, imitando o interior da colméia zumbidora e laboriosa.

Enquanto se aparelhava o cavalo de Catarina, esta voltou a casa, lançou um olhar de revés a Pitou, cujo corpo ficou imóvel, mas que voltou a cabeça como um cata-vento, seguindo os movimentos da donzela, até esta entrar no quarto.

- Que iria Catarina fazer ao quarto? – perguntou Pitou a si mesmo.

Pobre Pitou! Que ia ela fazer! Ia-se enfeitar, pôr uma touca branca e calçar por certo umas meias mais finas.

Depois de ter concluído este suplemento do seu vestuário, tendo sentido o cavalo, que de impaciência batia com as patas no chão, tornou a entrar, abraçou a mãe e partiu.

Pitou, desocupado, pouco tranqüilizado com o olhar, meio indiferente, meio misericordioso, que Catarina lhe lançara ao partir, não pôde resolver-se a permanecer naquela perplexidade.

Depois que tornara a ver Catarina, parecia-lhe que a vida desta lhe era absolutamente necessária.

Além disso, no fundo daquele espírito pesado e indolente, agitava-se uma coisa, como que uma desconfiança, que ia e voltava com a regularidade da pêndula de um relógio.

É próprio dos espíritos ingénuos perceberem tudo por uma gradação igual. Estas naturezas indolentes não são menos sensíveis do que outras, a única diferença está em que só sentem, mas não analisam.

A análise é o hábito de gozar e de sofrer: é necessário ter adquirido certo hábito de sentir, pleno poder distinguir o borbulhar das sensações no fundo desse abismo, a que chamamos coração humano.

Não há velhos ingénuos.

Pitou, quando ouviu os passos do cavalo que se afastava, correu à porta.

Viu então Catarina seguir uma azinhaga, que conduzia do casal à estrada de La Ferté-Milon, e que ia dar às faldas de uma pequena montanha, cujo cume se perde na floresta.

Do limiar da porta enviou à formosa donzela um adeus repassado de saudade e de humilhação.

Porém, mal enviara aquele adeus com a mão e o coração, Pitou reflectiu numa coisa.

Catarina podia proibir-lhe que a acompanhasse, mas não podia impedir-lhe que a seguisse.

Catarina podia muito bem dizer a Pitou: não quero vê-lo, mas nunca por nunca podia dizer-lhe: proíbo-o que me veja.

Pitou reflectiu pois que, visto que não tinha que fazer, nada se opunha a que seguisse escondido pela mata o mesmo caminho, que Catarina seguia. Desse modo, sem ser visto, podia vê-la de longe através das árvores.

Do casal a La Ferté-Milon apenas havia légua e meia de caminho. Ora, légua e meia para ir, e légua e meia para voltar, que era isso para Pitou?

Além disso, Catarina dirigia-se à estrada por um caminho, que fazia um ângulo com a floresta. Seguindo uma linha recta, Pitou economizava um quarto de légua. Restavam-lhe pois duas léguas e meia para ir a La Ferté-Milon e voltar.

Duas léguas e meia não passavam de um almoço para um homem, que parecia ter excedido o *Petit-Poucet*, ou ter calçado as botas, que o mesmo *Petit-Poucet* furtara ao *papão*.

Logo que Pitou formou na sua mente este projecto, passou a dar-lhe execução.

Enquanto Catarina se dirigia para a estrada, Pitou, curvado por entre o centeio, dirigia-se para as árvores.

Num momento ganhou a floresta, e logo que lá se achou, saltou o fosso da floresta, e começou a correr por entre as árvores, com menos graça, mas não com menos rapidez do que um cabrito espantado.

Correu assim durante um quarto de hora, até que alcançou a abertura que fazia a estrada.

Chegado aí, parou e encostou-se a um grande carvalho, que o ocultava inteiramente detrás do rugoso tronco. Estava bem certo de ter tomado a dianteira a Catarina.

Todavia esperou dez minutos, um quarto de hora, e não viu ninguém.

Teria ela esquecido alguma coisa em casa, e teria lá voltado? Era possível.

Tomando as maiores precauções, Pitou chegou-se à estrada, estendeu a cabeça por detrás de uma antiga faia, que nascera mesmo no fosso, e que era, metade da floresta e metade da estrada, olhou para a planície de que a direita do caminho lhe permitia avistar larga extensão, mas não viu ninguém.

Catarina tinha certamente esquecido alguma coisa, e voltara a casa.

Pitou pôs-se de novo a caminho. Ou ela ainda lá não tinha chegado, e havia de vê-la entrar, ou já tinha chegado, e vê-la-ia sair.

Pitou abriu o compasso que formava as suas compridas pernas, e começou a medir o espaço que o separava da planície.

Caminhava por um dos lados da estrada, coberto de areia, que lhe oferecia melhor piso aos pés, quando parou de repente.

O cavalo de Catarina caminhava a furta-passo.

O cavalo, continuando no mesmo passo, deixara a estrada para tomar uma azinhaga, em cuja entrada se lia num poste o seguinte letreiro:

Azinhaga de Boursonne.

Pitou levantou os olhos, e na extremidade do caminho, avistou a grande distância, e quase sumidos no horizonte azulado da floresta, o cavalo branco, e a casaquinha encarnada de Catarina.

Era a distância muito grande, como dissemos, mas bem sabem que para Pitou não havia distâncias.

- Ah! - exclamou Pitou, correndo de novo pela floresta - não é a La Ferté-Milon que ela vai, é a Boursonne!

“Não me engano. Ela disse mais de dez vezes que ia a La Ferté-Milon, e fizeram-lhe encomendas para lá. Até a mãe Billot falou de La Ferté-Milon.”

E enquanto dizia isto, Pitou corria sempre, corria cada vez mais, corria como um andarilho.

Excitado pela dúvida, primeiro grau do ciúme, Pitou não era um simples bípede, parecia uma dessas máquinas com asas, como Dédalo em particular, e em geral como todos os mecânicos da antiguidade as idearam tão bem, e as executaram desgraçadamente tão mal.

Pitou parecia, a ponto de se confundir, um desses bonecos de palha, com os braços de cana, que o vento faz voar nas barracas dos vendilhões de brinquedos para crianças.

Braços, pernas, cabeça, tudo mexe, tudo se volta, tudo voa.

As imensas pernas de Pitou formavam ângulos de cinco pés de largo na sua maior abertura: as mãos, semelhantes a duas pás encabadas em paus, cortavam o ar como dois remos. A cabeça, que toda era boca, ventas e olhos, absorvia o ar, que expelia depois em sopros ardentes.

Não há cavalo que fosse capaz de correr com tal frenesi.

Não há leão que pudesse ter aquela feroz vontade de alcançar a sua presa.

Pitou tinha que andar mais de meia légua, quando avistou Catarina, para alcançá-la; ainda ela não tinha andado um quarto de légua, já ele tinha galgado a meia légua.

Por conseguinte a sua carreira adquirira o dobro da velocidade de um cavalo a trote.

Finalmente, conseguiu alcançar uma linha paralela à dela.

Já não estavam então a mais de quinhentos passos da extrema oposta da floresta. A abertura que ele avistava através das árvores era Boursonne.

Era tempo, porque começava já a faltar-lhe a respiração.

Não era simplesmente para ver Catarina que Pitou a seguia; era para a vigiar.

Catarina mentira. Com que fim?

Fosse qual fosse; para retomar sobre ela certa superioridade, era necessário surpreendê-la em flagrante delito de mentira.

Pitou meteu-se com a cabeça curvada por entre os fetos e abrolhos, abrindo caminho com o capacete, e fazendo uso do sabre quando era necessário.

Todavia, como Catarina agora só ia a passo, de tempos a tempos ouvia a bulha do mato, que Pitou ia cortando, o que fazia que tanto o cavalo como a dona se pusessem à escuta.

Então Pitou, que não perdia Catarina de vista, parava e continha a respiração; deste modo desvanecia qualquer suspeita.

Contudo aquilo não podia durar muito tempo, e de facto não durou.

Pitou ouviu de repente relinchar o cavalo de Catarina, que foi logo correspondido por outro cavalo.

Não podia ainda avistar-se o segundo cavalo que tinha relinchado.

Mas fosse qual fosse, Catarina tocou logo o *Cadete* com a sua varinha de salgueiro, e o *Cadete*, que tinha bufado por um momento, tornou a meter a trote rasgado.

No fim de cinco minutos, graças àquela maior celeridade, encontrou-se Catarina com um cavaleiro, que corria para ela com o mesmo ardor.

O movimento de Catarina fora tão rápido e inesperado, que o pobre Pitou ficara imóvel, em pé, no mesmo lugar, pondo-se somente nos bicos dos pés para ver até mais longe.

Mas estava distante de mais para que pudesse ver alguma coisa.

Por isso não viu; o que sentiu como uma comoção eléctrica, foi a alegria e a vermelhidão da donzela, o movimento que lhe agitou todo o corpo, o brilho dos olhos, tão meigos, tão serenos de ordinário, e agora tão vivos.

Também não viu quem fosse o cavaleiro a ponto de lhe distinguir as feições; mas, reconhecendo pelo todo, pelo fato de caça de veludo verde, pelo chapéu de cordão largo, pelo meneio de cabeça livre e gracioso, que aquele indivíduo devia pertencer à classe mais elevada da sociedade, ocorreu-lhe logo ao pensamento o gentil mancebo, que com tanta graça dançava em Villers-Cotterets. O coração, a boca, todas as fibras das entranhas de Pitou estremeceram a um tempo, e murmurou o nome de Isidoro de Charny.

Efectivamente era ele mesmo.

Pitou soltou um suspiro, que mais parecia um rugido, e embrenhando-se de novo no mato, chegou a distância de vinte passos dos dois mancebos, muito ocupados então um com o outro para que lhes importasse se a bulha, que ouviam, era causada por um quadrúpede, se por algum bípede, que se escondia no mato.

O mancebo, contudo, voltou-se para o lado de Pitou, pôs-se em pé nos estribos, e lançou um olhar vago em volta de si.

No mesmo instante, Pitou, para escapar à investigação, deitou-se no chão de barriga para baixo.

E depois foi rojando como uma serpente coisa de dez passos, e, chegando ao alcance das vozes, escutou.

- Bons dias, Sr. Isidoro - dizia Catarina.

- Sr. Isidoro! - murmurou Pitou. - Eu bem o sabia.

Sentiu então sobre o triste coração o peso enorme de um cavalo e de um cavaleiro, que o calcavam aos pés.

Sentiu então por todo o corpo a grande fadiga de todo o trabalho, que a dúvida, a desconfiança e o ciúme lhe faziam ter havia uma hora.

Os dois jovens, assim que se acharam face a face, largaram as rédeas, e apertaram-se as mãos; estavam de pé e trémulos, sorrindo-se em silêncio, enquanto os dois cavalos, costumados provavelmente um ao outro, se afagavam com os focinhos, e raspavam a relva com as patas.

- Demorou-se hoje, Sr. Isidoro - disse Catarina rompendo o silêncio.

- Hoje! - disse Pitou consigo - parece que nos outros dias não se tem demorado.

- A culpa não foi minha, querida Catarina - replicou o mancebo; - reteve-me uma carta de meu irmão, que recebi esta manhã, e a que devia responder pelo mesmo correio. Mas não sirva isso de dúvida, amanhã serei mais exacto.

Catarina sorriu-se, e Isidoro apertou com mais ternura a mão que lhe abandonavam.

Ai! Aqueles apertos de mãos, eram outros tantos espinhos que faziam verter sangue ao coração do pobre Pitou.

- Então, tem notícias frescas de Paris? - perguntou ela.

- Tenho.

- Também eu - disse ela sorrindo-se. - Não me disse outro dia, que quando acontecia a mesma coisa a duas pessoas que se amam se chama a isso simpatia?

- Exactamente; e como teve as notícias, minha bela Catarina?

- Pelo Pitou.

- Quem é o Pitou? - perguntou o jovem nobre em tom livre e jovial, que mudou em carmesim a vermelhidão, que já tingia as faces de Pitou.

- Ora, bem sabe quem é o Pitou; é aquele pobre rapazito, que meu pai recolheu em casa e que aos domingos me dava o braço.

- Ah! Sim - respondeu o mancebo; - é um que tem uns joelhos que parecem uns guardanapos dobrados em nó?

Catarina pôs-se a rir. Pitou sentiu-se humilhado, desesperado. Olhou para os joelhos, que na verdade justificavam a comparação, apoiando-se nas mãos e levantando o corpo, depois tornou a deixar-se cair de barriga para baixo, soltando um suspiro.

- Ora vamos - disse Catarina - não abocanhe muito o meu pobre Pitou. Sabe o que ele ainda há pouco me propunha?

- Não! Conte-me isso, minha querida Catarina.

- Queria acompanhar-me a La Ferté-Milon.

- Aonde não vai!

- Não, porque bem sabia que me esperava aqui; e contudo fui eu que quase estive à sua espera.

- Oh! Sabe, Catarina, que acaba de proferir uma frase de rainha?

- Sim! Por certo que não o supunha.

- Por que não aceitou o oferecimento de tão gentil cavaleiro? Ter-se-ia divertido.

- Nem sempre, talvez - respondeu Catarina, rindo-se desdenhosamente.

- Tem razão, Catarina - disse Isidoro fixando na gentil camponesa os olhos, que o amor fazia cintilar.

E escondeu o rosto corado da donzela estreitando-a entre os braços.

Pitou fechou os olhos para não ver, mas esquecera-lhe tapar as orelhas para não ouvir o som de um beijo que lhe chegou aos ouvidos.

Pitou agarrou os cabelos com desespero, como faz o empestado no primeiro plano do quadro de Gros, que representa Bonaparte visitando os empestados de Jaffa.

Quando Pitou voltou a si, os dois jovens tinham largado os cavalos a passo, e afastavam-se lentamente.

As últimas palavras que Pitou pôde ouvir foram as seguintes:

- Sim, tem razão, Sr. Isidoro, passeemos uma hora; as pernas do meu cavalo me farão recobrar essa hora; e o meu cavalo é um excelente animal que nada conta.

Foi quanto viu e quanto ouviu; desapareceu a visão, um véu negro lhe toldou a alma, como ia cobrindo a natureza, e embrenhando-se na mata, o pobre mancebo deu livre curso à sincera expansão da sua dor.

A frescura da noite fê-lo voltar a si.

- Não voltarei ao casal - disse ele consigo - sentir-me-ia lá humilhado, corrido; comeria lá o pão de uma mulher, que ama outro homem, e um homem, força é confessá-lo, mais formoso, mais rico, mais elegante do que eu. Não, o meu lugar já não é em Pisseleux; é em Haramont, na minha pátria, onde talvez encontre gente que não repare que tenho os joelhos como nós de guardanapos.

Dito isto, Pitou esfregou as compridas pernas, e dirigiu-se para Haramont, onde, sem que ele o suspeitasse, o tinha precedido a sua reputação e a do seu capacete e sabre, e onde o esperava, senão a fortuna, pelo menos um destino glorioso.

Mas sabido está que não é próprio da humanidade ser perfeitamente feliz.

LXII

Pitou orador

Entretanto, Pitou, chegou a Villers-Cotterets pelas dez horas da noite, depois de ter de lá partido às seis, e de nesse intervalo ter dado a grande volta, que tentamos descrever, compreendeu que, por mais triste que fosse, mais valia ficar na estalagem do Delfim e deitar-se numa cama, do que dormir à luz das estrelas debaixo de alguma faia ou carvalho da floresta.

Quanto a dormir em qualquer casa de Haramont, chegando lá às dez horas e meia da noite, não havia que pensar; todas as luzes estariam de há muito apagadas e todas as portas fechadas.

Portanto, parou à porta da estalagem do Delfim, onde, mediante uma peça de trinta *sous*, lhe deram uma boa cama, um pão de quatro libras, um pedaço de queijo e um pichel de cidra.

Pitou estava ao mesmo tempo cansado e apaixonado, esfalfado e desesperado; resultou daí entre o físico e o moral uma luta, em que o moral, vencedor a princípio, sucumbiu pouco depois.

Quer dizer, que das onze horas às duas da manhã, Pitou gemeu, suspirou, revolveu-se na cama sem poder dormir; mas, às duas horas da manhã, vencido pelo cansaço, fechou os olhos, para só os tornar a abrir às sete horas.

Assim como às dez horas e meia da noite toda a gente em Haramont se acha deitada, do mesmo modo às sete da manhã, em Villers-Cotterets, toda a população está levantada.

Pitou, ao sair da estalagem do Delfim, viu de novo o seu capacete e o seu sabre atraírem a atenção pública.

Por isso, logo que andou uns cem passos, achou-se no centro de um ajuntamento.

Decididamente Pitou tinha alcançado grande popularidade no país.

Poucos viajantes têm tal fortuna. O sol que, como se diz, quando nasce é para todos, nem sempre nasce com luz favorável para os que voltam à sua pátria com desejo de serem aí profetas.

Mas também, nem todos têm uma tia impertinente e avarenta a ponto de se tornar feroz, como era a tia Angélica; nem todos os Gargântuas capazes de engolir um galo com arroz podem oferecer um escudosito aos representantes da vítima.

Mas o que ainda menos acontece aos sujeitos que regressam à sua terra e cuja origem e tradições remontam à Odisséia, é voltarem com um capacete na cabeça e um sabre ao lado, principalmente quando o resto do vestuário nada tem de militar.

Porque importa confessá-lo, o capacete e o sabre eram o que principalmente recomendavam Pitou à atenção dos seus concidadãos.

Sem os dissabores amorosos, que tinham afligido Pitou no seu regresso, vê-se que por compensação tivera toda a casta de felicidades.

Assim, alguns habitantes de Villers-Cotterets, que na véspera tinham acompanhado Pitou da porta do abade Fortier na rua de Soissons, à porta da tia Angélica no Pleux, resolveram, para continuar a ovação, conduzir Pitou triunfantemente de Villers-Cotterets até Haramont.

E como se resolveu assim o fizeram, e os habitantes de Haramont, ao ver isto, começaram a apreciar o seu compatriota pelo seu justo valor.

Mas é forçoso dizer que a terra estava já disposta para receber a semente. A primeira passagem de Pitou por mais rápida que fosse, deixara recordações em todos os espíritos; o capacete e o sabre gravaram-se na memória de quantos o tinham visto no estado de aparição luminosa.

Por conseqüência, os habitantes de Haramont, vendo-se favorecidos pelo segundo regresso de Pitou, que já não esperavam, manifestaram-lhe todos os sinais de consideração, suplicando-lhe que houvesse por bem largar o seu trem de guerra, e assentar a sua tenda guerreira sob as quatro tílias, que ornavam a praça da aldeia, como na Tessália pediam a Marte nos aniversários dos seus grandes triunfos.

Pitou dignou-se com tanta maior facilidade anuir a tal pedido, quanto a sua intenção era fixar o seu domicílio na Tessália. Aceitou pois o abrigo de um quarto, que um belicoso da aldeia lhe alugou mobiliado.

A mobília compunha-se de uma barra de tábuas soltas, com uma esteira e um colchão, duas cadeiras, uma mesa e uma bilha. Tudo isto foi avaliado pelo proprietário em seis libras por ano, isto é, no preço de dois pratos de galo com arroz.

Ajustado este preço, Pitou tomou posse do domicílio, pagando vinho aos que o haviam acompanhado, e como estes acontecimentos, juntamente com a cidra, lhe tinham subido à cabeça, fez-lhes um discurso no limiar da sua porta.

O discurso de Pitou era um grande acontecimento, e por isso Haramont em peso fazia círculo em volta da casa que ele habitava.

Pitou tinha o seu tanto ou quanto de letrado, sabia empregar lindas frases; sabia as oito palavras com que naquele tempo os arranjadores das nações, como lhes chamava Homero, punham em grande movimento as massas populares.

De Lafayette a Pitou ia uma grande distância, mas também que distância não vai de Haramont a Paris!

Moralmente falando, já se entende.

Pitou debutou por um exórdio, que deixaria satisfeito o próprio abade Fortier, por mais difícil que fosse.

- Cidadãos - disse ele - concidadãos, é doce pronunciar esta palavra, que já repeti a outros Franceses, pois todos os Franceses são irmãos; mas aqui parece-me dirigi-la a verdadeiros irmãos, pois vejo uma família em todos os meus compatriotas de Haramont.

As mulheres, e algumas havia no auditório, e não eram as mais dispostas em favor dele, visto que Pitou ainda tinha os joelhos muito grossos e as barrigas das pernas muito pequenas para prevenir em seu favor à primeira vista, as mulheres, ao ouvirem a palavra *família*, pensaram naquele pobre Pitou, órfão, naquele pobre abandonado que, depois da morte da mãe, tinha vivido sem meios de subsistência. Aquela palavra família, proferida por aquele mancebo, que não a tinha, tocou em algumas delas essa fibra sensível, que faz soltar o pranto.

Concluído o exórdio, Ângelo começou a narração, essa segunda parte do discurso.

Contou a sua viagem a Paris, os tumultos dos bustos, a tomada da Bastilha e a vingança do povo; tocou de leve na parte, que ele próprio tomara no combate da praça do Palais-Royal e do bairro de Santo António; mas quanto menos se elogiava, mais se engrandecia aos olhos dos seus compatriotas, e no fim da narração era grande como o zimbório do hospital dos Inválidos, e a sua espada era tão alta como a torre da igreja de Haramont.

Concluída a narração, Pitou passou à confirmação, operação delicada em que Cícero

reconhecia o verdadeiro orador.

Provou que as paixões populares tinham sido justamente excitadas pelos monopolistas. Disse duas palavras dos srs. Pitt pai e filho; explicou a revolução pelos privilégios concedidos à nobreza e ao clero; finalmente, convidou o povo de Haramont a fazer em particular o que o povo francês tinha feito em geral, isto é, a reunir-se contra o inimigo comum.

Por fim passou da confirmação à peroração, por um desses movimentos sublimes, que são comuns aos grandes oradores.

Deixou cair o sabre, e ao levantá-lo, tirou-o casualmente da bainha.

Isto deu-lhe assunto a uma moção incendiária, em que chamava às armas os habitantes da comuna, à imitação dos Parisienses revoltados.

Os Haramonteses, entusiasmados, responderam energicamente.

A revolução foi então proclamada e aclamada na aldeia.

Os de Villers-Cotterets, que tinham assistido à sessão, partiram com o coração inchado pelo fermento patriótico, cantando no tom mais aterrador para os aristocratas, e com o furor mais Selvagem:

Viva Henrique quarto!

Viva esse rei valente!

Rouget de l'Isle ainda não tinha composto a *Marselhesa*, e os federados de 90 ainda não tinham ressuscitado o antigo estribilho popular: *Ça ira*, visto que se estava então no ano da graça de 1789.

Pitou julgou só ter feito um discurso, e fizera uma revolução.

Voltou para casa, regalou-se com um pedaço de pão de rala, e o resto do seu queijo da estalagem do Delfim, resto que ele cuidadosamente trouxera dentro do capacete, depois foi comprar um pouco de fio de arame, fez laços e redes para caça, e quando anoiteceu foi armá-los na floresta.

Nessa mesma noite apanhou um coelho e um láparo.

Pitou bem desejava armar às lebres, mas não viu sinal delas, o que lhe foi explicado por este antigo axioma de caçador.

“Cães e gatos, lebres e coelhos, não vivem juntos”.

Era necessário andar três ou quatro léguas para ir a um sítio abundante em lebres; mas estava algum tanto cansado. As pernas, na véspera, fizeram quanto podiam fazer num dia, além de andarem umas quinze léguas, tinham agüentado, durante as últimas quatro ou cinco léguas, um homem acabrunhado pela dor, e nada é tão pesado para umas pernas compridas.

Pela uma hora da manhã, voltou a casa com a primeira caça, esperando fazer segunda pela madrugada.

Deitou-se, conservando em si um resto tão amargo daquela dor, que na véspera tanto lhe fatigara as pernas, que não pôde dormir mais do que seis horas seguidas naquele feroz colchão, a que o próprio dono dava o nome de enxerga.

Ângelo Pitou dormiu pois desde a uma hora até às sete da manhã. O sol veio surpreendê-lo com a fresta aberta e dormindo ainda.

Por aquela fresta aberta estavam-no vendo dormir trinta ou quarenta habitantes de Haramont.

Despertou, pois, como Turenne quando estava deitado no reparo da peça, sorriu-se para os seus compatriotas, e perguntou-lhes com toda a graça porque o procuravam em tão grande número e tão cedo.

Um deles tomou a palavra.

Referimos fielmente este diálogo. Era um rachador chamado Cláudio Tellier.

- Ângelo Pitou - disse ele - reflectimos toda a noite; os cidadãos devem na verdade, como no-lo disseste ontem, armar-se para defender a liberdade.

- Assim o disse - respondeu Pitou em tom firme, significando que estava pronto a tomar

a responsabilidade do que tinha dito.

- A única dificuldade é que para nos armarmos falta-nos o principal.

- Que é? - perguntou Pitou com curiosidade.

- As armas.

- Ah! Também é verdade - disse Pitou.

- Todavia reflectimos madura e suficientemente sobre o caso, e decidimos armar-nos, dê por onde der.

- Quando me fui embora - disse Pitou - havia em Haramont cinco espingardas, três de munição, uma de caça de um só cano, e outra de dois.

- Já não há senão quatro - respondeu o orador; a espingarda de caça rebentou haverá um mês, por estar muito velha.

- Era a espingarda de Désiré Maniquet - disse Pitou.

- É verdade, e por tal sinal que me levou dois dedos quando rebentou - disse Désiré Maniquet, levantando acima da cabeça a mão mutilada; - ora, como esta desgraça me aconteceu na coutada desse aristocrata a que chamam o Sr. de Longpré, os aristocratas hão-de pagar-mo.

Pitou curvou a cabeça em sinal de que aprovava tão justa vingança.

- Portanto, temos só quatro espingardas - continuou Cláudio Tellier.

- Pois bem, com quatro espingardas - disse Pitou já têm para armar cinco homens.

- Como assim?

- Sim, o quinto homem arma-se com um chuço. Assim é que se faz em Paris; por cada quatro homens armados de espingardas há sempre um armado de chuço. São muito cómodos e servem para espetar as cabeças que se cortam.

- Oh! Oh! - exclamou uma voz grossa e folgazã - espero que não teremos de cortar cabeças.

- Não - disse Pitou com gravidade - se soubermos rejeitar o ouro dos srs. Pitt pai e filho. Mas voltemos às espingardas; é necessário não sair da questão, como diz o Sr. Bailly. Quantos homens há em Haramont em estado de pegar em armas? Porventura já os contaram?

- Já.

- Quantos são?

- Trinta e dois.

- Faltam-nos portanto vinte e oito espingardas.

- Isso nunca se poderá arranjar - disse o homem gordo de rosto jovial.

- Veremos, Bonifácio - disse Pitou.

- Veremos! Como?

- Sim, digo veremos, porque o sei.

- Então que sabes tu?

- Sei que se podem arranjar.

- Podem arranjar-se?

- Sim, o povo parisiense também não tinha armas, mas o Sr. Marat, que é um médico muito sábio, mas muito feio, disse ao povo parisiense onde as havia, e o povo parisiense foi ao sítio indicado pelo Sr. Marat e encontrou-as.

- Que sítio lhe indicou o Sr. Marat? - perguntou Désiré Maniquet.

- Indicou-lhe os Inválidos.

- Sim, mas nós não temos Inválidos em Haramont.

- Pois eu sei de um sítio onde há mais de cem espingardas - disse Pitou.

- Onde é?

- Numa das salas do colégio do abade Fortier.

- Pois o abade Fortier tem cem espingardas? Então o tratante do padrega quer armar os seus meninos do coro? - disse Cláudio Tellier.

Pitou não tinha grande afeição ao abade Fortier, todavia aquele dito insolente contra o seu antigo mestre chocou-o profundamente, e disse:

- Cláudio, Cláudio!
- Então! Que temos?
- Eu não disse que as espingardas eram do abade Fortier.
- Estão em casa dele, são suas.
- Esse dilema é falso, Cláudio. Estou em casa de Sebastião Godinet, e contudo a casa de Sebastião Godinet não é minha.
- É verdade - disse Sebastião, respondendo sem que fosse necessário Pitou invocar o seu testemunho.
- Portanto, as espingardas não são do abade Fortier - disse Pitou.
- Então de quem são?
- São da comuna.
- Se são da comuna, como estão em casa do abade Fortier?
- Estão em casa do abade Fortier porque a casa é da comuna, que lha dá para morar, para dizer missa e ensinar gratuitamente os filhos dos cidadãos pobres. Ora, como a casa do abade Fortier pertence à comuna, esta tem o direito de reservar na casa, que lhe pertence, um quarto para guardar as espingardas. Não é assim?
- É verdade - exclamou o auditório - a comuna tem esse direito.
- Muito bem; mas como poderemos arranjar essas espingardas, dize lá?
A pergunta atrapalhou Pitou, que se pôs a coçar na cabeça.
- Sim, dize depressa - exclamou outro indivíduo - que temos de ir trabalhar.
Pitou respirou; este último interlocutor acabava de lhe mostrar uma saída.
- Trabalhar! - exclamou Pitou. - Fala em armar-se para defender a pátria, e pensa em trabalhar!
E Pitou fechou esta frase com tal sorriso de ironia e desprezo, que os Haramonteses olharam uns para os outros humilhados.
- Nós estamos prontos a sacrificar alguns dias para sermos livres, se isso for absolutamente necessário - disse um deles.
- Para se ser livre não basta sacrificar um dia, é necessário sacrificar todos os seus dias.
- Então quando se trabalha pela liberdade, descansa a gente - disse Bonifácio.
- Bonifácio - replicou Pitou com ar de Lafayette irritado - quem não sabe desprezar os preconceitos nunca pode vir a ser livre.
- Pela minha parte - disse Bonifácio - nada me agrada tanto como não trabalhar. Mas que há-de a gente fazer para comer?
- Pois é preciso comer?
- Em Haramont é, ainda se come. Porventura em Paris já se não come?
- Come-se depois de se terem vencido os tiranos - respondeu Pitou. - Comeu-se porventura no dia 14 de Julho? Pensava alguém em comer nesse dia? Não, não havia tempo para isso.
- Ah! Ah! - exclamaram os mais entusiastas - devia ser bela a tomada da Bastilha!
- Comer! - prosseguiu Pitou com desdém. - Ainda se fosse beber, não digo que não. Fazia muito calor e a pólvora é salgada.
- Então que se bebia?
- Que se bebia? Água, vinho e aguardente. As mulheres é que se tinham encarregado de cuidar disso.
- As mulheres?
- Sim, soberbas mulheres, que fizeram bandeiras com os aventais...
- Deveras?! - exclamaram os ouvintes maravilhados.
- Mas enfim - insistiu o céptico - no dia seguinte haviam de comer?
- Não digo que não - respondeu Pitou.
- Logo - disse Bonifácio triunfante - se comeram, deviam ter trabalhado?
- Sr. Bonifácio - replicou Pitou - fala dessas coisas sem as conhecer. Paris não é uma

aldeia. Não se compõe de aldeões rotineiros, escravos dos hábitos da barriga, *obedientia ventri*, como dizemos em latim, nós os sábios. Não, Paris, como diz o Sr. de Mirabeau, é a cabeça das nações, é um cérebro que pensa por todo o resto do mundo. Um cérebro é uma coisa que não come nunca, senhor.

- É verdade - pensaram os ouvintes.

- E contudo - disse Pitou - o cérebro que não come, não deixa por isso de se sustentar.

- Então como se sustenta? - perguntou Bonifácio.

- Invisivelmente, com os alimentos do corpo.

Neste ponto os Haramonteses cessaram de compreender.

- Explica-nos isso, Pitou - disse o Bonifácio.

- É bem fácil - disse Pitou. - Paris é o cérebro, como já disse; as províncias são os membros, as províncias trabalharão, comerão, beberão, e Paris pensará.

- Então deixo a província e vou para Paris - disse o céptico Bonifácio. - Querem vocês vir comigo?

Parte do auditório começou a rir, e mostrava querer unir-se ao partido de Bonifácio.

Pitou, vendo que aquele chocarreiro ia desacreditá-lo, apressou-se em dizer:

- Pois vai, e se aí encontrares uma figura tão ridícula como a tua, comprar-te-ei láparos como este a Luís cada um.

E com uma das mãos Pitou mostrou o láparo que tinha apanhado, enquanto com a outra fazia chocalhar e tinir os poucos luíses, que lhe restavam da munificência de Gilberto.

Pitou teve então também ocasião de fazer rir, mas Bonifácio corou e ficou corrido.

- Olha, Pitou, fazes bem em nos chamares ridículos.

- *Ridículo tu és* - disse majestosamente Pitou.

- Mas olha para ti primeiro - disse Bonifácio.

- Debalde olharia para mim - respondeu Pitou; - poderia ver em mim uma coisa tão feia como tu, mas nunca tão estúpida.

Mal Pitou proferiu estas palavras, Bonifácio (um Haramontês é quase um Picardo) deu-lhe um murro, que Pitou evitou destramente e retribuiu com um pontapé, inteiramente parisiense.

Este primeiro pontapé foi seguido de outro, que deitou por terra o céptico.

Pitou inclinou-se para o adversário, como para dar à vitória as mais fatais conseqüências, e todos corriam já em socorro de Bonifácio, quando Pitou, pondo-se de pé, exclamou:

- Fica sabendo que os vencedores da Bastilha não se batem a soco. Tenho um sabre, pega noutro, e acabemos com isto.

E assim dizendo, desembainhou a espada, esquecendo-se, ou antes não se esquecendo, que não havia em Haramont senão a sua espada, e a do guarda campestre, que tinha um côvado menos do que a dele.

Verdade é que para restabelecer o equilíbrio, pôs o capacete na cabeça.

Aquela grandeza de alma electrizou a assembléa: todos convieram logo em que Bonifácio era um patife, um velhaco, um maroto indigno de tomar parte na discussão dos negócios públicos.

Por conseguinte foi logo expulso.

- Vejam a imagem das revoluções de Paris - disse então Pitou. - Como muito bem disse o Sr. Prudhomme, ou Loustalot; parece-me que foi o virtuoso Loustalot... Foi ele, foi, estou bem certo.

“Os grandes só nos parecem grandes porque estamos de joelhos; levantemo-nos.”

Esta citação não tinha analogia nenhuma com a situação, mas foi por isso mesmo que ela produziu um efeito prodigioso.

O céptico Bonifácio, que estava dali a vinte passos ficou comovido, e foi humildemente dizer a Pitou:

- Não nos deves querer mal por não conhecermos a liberdade tão bem como tu.

- Não é a liberdade - disse Pitou - são os direitos do homem.

Este palavrão foi outra bordoadada com que Pitou deixou o auditório atordoado.

- Decididamente, Pitou - disse Bonifácio - és um sábio, e prestamos-te homenagem.

Pitou inclinou-se.

- Sim - disse ele - a educação e a experiência colocaram-me acima de vocês, e se há pouco te falei com mais dureza, foi pela amizade que te tenho.

Os aplausos rebentaram de todos os lados. Pitou viu que se podia afoitar, e continuou:

- Acabaste de falar em trabalho. Sabem porventura que é o trabalho? Para vocês o trabalho consiste em rachar lenha, ceifar, apanhar o fruto da faia, atar molhos, colocar pedras umas sobre outras, e ligá-las com argamassa... Aí está em que para vocês consiste o trabalho. Na sua opinião eu não trabalho. Pois estão enganados; só, trabalho mais do que todos, pois medito na sua emancipação, e penso na sua liberdade e igualdade. Um só dos meus momentos vale mais do que cem dos seus dias de trabalho. Os bois que puxam o arado fazem todos uma e a mesma coisa, mas o homem que pensa excede todas as forças da matéria. Eu só, valho tanto como vocês todos.

“Por exemplo, vejam o Sr. Lafayette; é um homem magro, louro, pouco mais alto do que Cláudio Tellier; tem o nariz agudo, as pernas pequenas e os braços como as travessas desta cadeira; quanto às mãos e aos pés, isso nem é bom falar neles, melhor fora não os ter. Pois esse homem tem dois mundos às suas costas, ainda mais um do que Atlas, e as suas mãos pequeninas quebraram os ferros da América e da França...”

“Ora, se os seus braços puderam fazer tal, uns braços como travessas de cadeira, imaginem o que poderão fazer os meus!”

E Pitou mostrou os seus braços, nodosos como troncos de azevinho.

Com este paralelo fechou o seu discurso, certo de ter produzido, sem concluir coisa nenhuma, imenso efeito.

E produzira-o efectivamente.

LXIII

Pitou conspirador

A maior parte das coisas que sucedem ao homem, e que para ele são grandes honras ou grandes felicidades, são quase sempre resultado de ter querido ou ter desprezado muito.

Se se aplicar esta máxima aos acontecimentos e aos homens da história, ver-se-á que não só tem muito peso, senão também muita verdade.

Sem recorrer a provas, contentar-nos-emos em aplicá-la a Ângelo Pitou, nosso homem e nosso assunto.

Efectivamente, Pitou, se nos é permitido retrogradar um pouco e voltar à ferida que recebera no coração, depois da sua descoberta na floresta, sentira-se cheio de profundo desprezo pelas coisas deste mundo.

Ele, que esperara ver florescer no peito essa planta rara e preciosa chamada amor; que regressara ao seu país de elmo e espada, orgulhoso de associar Marte com Vénus, como dizia o seu ilustre patrício Demoustier nas suas *Cartas a Emília sobre a mitologia*, achou-se bem pesaroso e bem infeliz por ver que em Villers-Cotterets e seus subúrbios não faltavam namorados.

Ele, que tomara tão activa parte na cruzada dos Parisienses contra os fidalgos, achava-se bem mesquinho na presença da nobreza da aldeia, representada pelo Sr. Isidoro de Charny.

Um moço tão guapo, um homem capaz de agradar logo à primeira vista, um cavaleiro que usava calções de peles e vestia de veludo, fazia-o considerar no seu pouco valor.

Como seria possível travar luta com semelhante homem?

Com um homem que trazia botas de montar e esporas, com um homem cujo irmão era ainda tratado por muita gente como fidalgo!

Como poderia lutar contra semelhante rival! Como poderia deixar de sentir ao mesmo tempo a vergonha e a admiração, dois sentimentos que, no coração do ciumento, formam um duplo suplício, suplício tão horroroso, que ainda se não sabe se um ciumento prefere um rival que valha mais ou menos do que ele!

Pitou conhecia pois o ciúme, ferida incurável, fértil em dores, ignoradas até então ao peito singelo e honrado do nosso herói; o ciúme, vegetação fenomenal e venenosa, que brota sem semente num terreno onde até então ninguém vira medrar más paixões, nem sequer as do amor-próprio, essa erva ruim, que cresce nos mais estéreis terrenos.

Um coração assim revoltado precisa de mui profunda filosofia para voltar ao seu habitual sossego.

E foi ele, filósofo, ele, que no dia imediato àquele em que experimentara tão terrível sensação, pensava em ir declarar guerra aos coelhos e às lebres do Sr. duque de Orleans, e no seguinte em fazer as magníficas arengas que relatámos.

Tinha o seu coração a dureza da pederneira, de cujo choque se tira uma faísca, ou simplesmente a branda resistência da esponja, que tem a faculdade de absorver as lágrimas e de amolecer sem se ferir no choque contra as desventuras?

É o que o futuro nos há-de ensinar. Vamos narrando.

Recebida a sua visita, terminadas as suas arengas, Pitou, obrigado pelo apetite a descer a cuidados ínfimos, preparou e comeu o láparo, sentindo muito que não fosse uma lebre.

E de feito, se em lugar do láparo fosse uma lebre, Pitou não a comia, vendia-a.

E o negócio não seria mau. Uma lebre valia, conforme o tamanho, de dezoito a vinte e quatro soldos, e apesar de ainda possuir os luíses dados pelo Dr. Gilberto, Pitou, que, sem ser avaro como a tia Angélica, herdara da mãe um carácter económico, teria aumentado com os dezoito soldos o seu tesouro, que desse modo cresceria em vez de minguar.

Porque Pitou reflectia que um homem não precisa de sustentar-se ora com três libras ora com dezoito soldos. Nem todos são Luculos, e Pitou pensava que com os dezoito soldos da sua lebre teria vivido uma semana.

Ora, durante essa semana, supondo que logo no primeiro dia apanhasse uma lebre, não teria deixado de apanhar três durante os sete dias ou antes durante as sete noites seguintes. Em uma semana teria pois ganho o sustento de um mês.

Deste modo, quarenta e oito lebres chegariam para viver um ano; tudo mais era ganho.

Pitou fazia este cálculo económico comendo o láparo, que, em vez de lhe produzir dezoito soldos, lhe custava um de manteiga e outro de toucinho. Quanto às cebolas, essas tinhamas ele apanhado no território comunal.

Depois de ceiar, dormir ou andar, diz o adágio. Depois de comer, Pitou fora à floresta procurar um bonito cantinho para dormir.

Está sabido que, quando o desventurado não falava em política e se achava só com as suas meditações, não lhe saía do pensamento a imagem do Sr. Isidoro galanteando com a menina Catarina.

Os carvalhos e as faias tremiam com os seus suspiros; a natureza, que sempre sorri aos estômagos satisfeitos, fazia uma excepção a favor de Pitou, a quem parecia ver nela um vasto deserto negro, em que só havia coelhos, lebres e cabritos.

Uma vez escondido debaixo das grandes árvores da sua terra natal, Pitou, inspirando-se com a sombra e a frescura, firmou-se na sua heróica resolução, que era desaparecer aos olhos de Catarina, deixá-la livre, não se afligir demasiado com as preferências, não se deixar humilhar pela comparação mais abaixo do que convinha.

Era um cruel esforço o não tornar a ver a menina Catarina, mas um homem devia ser homem.

E demais, não era exactamente essa a questão.

O caso não era precisamente deixar de ver a menina Catarina, o caso era não ser visto por ela.

Ora, quem impedia que de tempos a tempos o amante importuno, escondendo-se cautelosamente, não visse a formosa menina? Nada.

De Haramont a Pisseleux qual era a distância? Apenas légua e meia, isto é, algumas pernadas, nada mais.

Seria tão baixo da parte de Pitou procurar Catarina depois do que vira, quão hábil seria continuar a saber o que ela fazia, graças a um exercício, que favoravelmente contribuía para a saúde de Pitou.

E daí, a parte da floresta situada por detrás de Pisseleux, e que se estende até Boursonne, abundava em lebres.

Pitou iria de noite armar as redes, e de manhã, do alto de algum outeiro, correria com a vista a planície e espreitaria os passos da menina Catarina. Estava no seu direito; e diremos mais, até certo ponto era seu dever fazê-lo, munido como estava de plenos poderes pelo tio Billot.

Assim tranqüilizado por si e contra si, julgou Pitou que podia cessar de suspirar. Jantou alguma coisa que trouxera, e quando veio a noite, armou uma dúzia de pequenas redes e deitou-se sobre o mato ainda quente do sol do dia.

Ali, dormiu como um homem desesperado, isto é, um sono como o da morte.

A frescura da noite despertou-o; foi visitar as redes, que nada tinham apanhado ainda; mas Pitou geralmente contava só com a caça da madrugada; como porém sentisse a cabeça um pouco pesada, resolveu recolher a casa, formando tenção de voltar no dia seguinte.

Mas esse dia, que para ele decorrera tão vazio de acontecimentos e de intrigas, passara-o a meditar e a fazer combinações.

E durante o mesmo dia que Ângelo Pitou passara a meditar, podia-se ver os rachadores de lenha encostarem-se aos machados, os malhadores ficarem com o malho erguido, e os marceneiros pararem com a plaina sobre a tábua lisa. É que todos meditavam.

De todos esses momentos perdidos, a causa era Pitou, que tinha sido o sopro da discórdia lançado no meio dos leves rumores, que começavam a soar confusamente.

E ele, autor disso tudo, nem de tal se lembrava.

Mas, na hora em que se encaminhou para o seu domicílio, apesar de já terem dado dez horas (geralmente a essa hora já não se via luz nenhuma, nem se encontrava gente acordada na aldeia), viu um movimento fora do usual em torno da sua habitação, eram grupos sentados, grupos em pé, grupos passeando.

A atitude de cada um desses grupos tinha uma significação fora do comum.

Pitou, sem saber porquê, imaginou que essa gente falava dele.

Quando passou pela rua, sentiram um choque eléctrico, e apontaram para ele.

- Que terá esta gente? - disse Pitou consigo; - não trago o meu capacete!

E entrou modestamente na sua casa depois de ter cortejado várias pessoas.

Ainda bem não tinha fechado a mal unida porta da sua habitação, quando lhe pareceu que alguém batia.

Pitou não acendia luz para se deitar; a luz era luxo de mais para um homem que, tendo só uma cama, não corria perigo de se enganar em se deitar noutra, e que não tendo livros, não podia ler.

Mas o que é certo é que lhe batiam à porta.

Abriu-a.

- Ah! Não tens luz, Pitou?

- Não - respondeu Pitou. - Para quê?

- Para ver.

- Oh! Vejo bem às escuras.

E como prova do que dizia, acrescentou:

- Boa noite, Cláudio, boa noite, Désiré.

Dois homens, dois mancebos de Haramont entraram-lhe familiarmente no quarto.

- Bem - disseram estes - aqui estamos, Pitou.

- Agradeço a visita; que querem de mim, meus amigos?

- Vem para a claridade - disse Cláudio.

- Para qual claridade, se não há luar?

- Para a do céu.

- Queres falar-me?

- Quero, precisamos falar-te.

E Cláudio pronunciou significativamente estas palavras.

- Então vamos a isso - disse Pitou.

E saíram todos.

Assim caminharam até à primeira encruzilhada do bosque, onde pararam, sem que Ângelo Pitou soubesse ainda o que queriam dele.

- Então que há? - perguntou Pitou vendo que os seus dois companheiros estacavam.

- Olha, Ângelo - disse Cláudio - estamos aqui o Désiré Maniquet e eu, que governamos esta terra; queres ser dos nossos?

- Para quê?

- Ah! Aí está, é para...

- Para... - interrompeu Pitou empertigando-se - para quê?

- Para conspirar - murmurou Cláudio Tellier ao ouvido de Pitou.

- Ah! Ah! Como em Paris - disse Pitou em tom zombeteiro.

O facto é que ele tinha medo da tal palavra, e até do eco, mesmo ali no meio da floresta.

- Vamos, explica-te - disse afinal.

- Eis o caso. Aproxima-te, Désiré, tu que és em corpo e alma um caçador furtivo e que conheces todos os rumores do dia e da noite da planície e da floresta, vê se nos seguiram ou se nos escutam.

Désiré fez um sinal com a cabeça e descreveu um círculo em torno de Pitou e de Cláudio, círculo tão silencioso como o do lobo que anda em torno de um curral.

Depois voltou.

- Podes falar - disse ele - estamos sós.

- Meus filhos - disse Cláudio - todos os departamentos da França, segundo nos disseste, Pitou, querem estar em armas como a guarda nacional.

- É verdade - respondeu Pitou.

- Pois bem, por que motivo seria Haramont exceptuado?

- Mas tu mesmo o disseste ontem, Cláudio - respondeu Pitou - quando propus que nos armássemos: Haramont não está em armas, porque não há lá espingardas.

- Oh! As espingardas, isso pouco cuidado nos dá, porque sabes onde as há.

- Eu? - disse Pitou, que conhecia os intentos de Cláudio e compreendia o perigo.

- Pois bem - prosseguiu Cláudio - formamos hoje consulta todos os mancebos e patriotas desta terra.

- Bom.

- Somos trinta e três.

- É a terça parte de um cento menos um - acrescentou Pitou.

- Sabes o exercício? - perguntou Cláudio.

- Pudera! - disse Pitou, que nem sabia braço armas.

- Bem. E sabes a manobra?

- Vi manobrar dez vezes o general Lafayette com quarenta mil homens - respondeu Pitou desdenhosamente.

- Muito bem - disse Désiré que se enfastiava de não falar, e que sem ser exigente, queria dizer também alguma coisa.

- Então, queres comandar-nos? - perguntou Cláudio.

- Eu! - bradou Pitou surpreendido.

- Tu mesmo.

E os dois conspiradores olharam fitamente para Pitou.

- Oh! Tu hesitas - disse Cláudio.

- Mas...

- Não és então um bom patriota? - disse Désiré.

- Ora essa!

- Temes alguma coisa?

- Eu! Um conquistador da Bastilha, um homem condecorado!

- És condecorado?

- Hei-de sê-lo quando estiverem cunhadas as medalhas. O Sr. Billot prometeu-me que ia receber a minha em meu nome.

- Hás-de ser condecorado! Teremos um chefe condecorado! - bradou Cláudio com transporte.

- Vamos, aceitas? - perguntou Désiré.

- Aceitas? - perguntou Cláudio.

- Pois sim, aceito - respondeu Pitou levado pelo seu entusiasmo, e talvez também por um sentimento que nele se despertava chamado o orgulho.

- Está tratado! - bradou Cláudio - desde o dia de amanhã és nosso comandante.

- Que hei-de eu comandar?

- O exército.

- E as espingardas?

- Sabes onde existem.

- Ah! Sim, em casa do abade Fortier.

- Certamente.

- Mas o abade Fortier é capaz de mas recusar.

- Pois bem, farás como os patriotas fizeram nos Inválidos, hás-de conquistá-las.

- Eu só?

- Com as nossas assinaturas, e além disso, sendo preciso, apareceremos e levantaremos Villers-Cotterets.

Pitou abanou a cabeça, e disse:

- O abade Fortier é cabeçudo.

- Ora adeus! Eras o seu discípulo predilecto, e por isso não tas recusará.

- Bem se vê que pouco o conhecem - disse Pitou suspirando.

- Como! Julgas que o velho recusaria?

- Recusaria ainda que fosse a um esquadrão do Real-Alemão; é um teimoso, *injustum et tenacem*... É verdade - disse Pitou interrompendo-se - vocês não sabem latim.

Mas os dois Haramonteses não se deixaram deslumbrar pela citação.

- Pois senhores - disse Désiré - escolhemos um belo chefe, Cláudio; de tudo se assusta o nosso amigo Pitou.

Cláudio abanou a cabeça.

Pitou conheceu que acabava de comprometer a sua alta posição, e lembrando-se de que a fortuna protege os audaciosos, disse:

- Pois bem, veremos.

- Então, encarregas-te das espingardas?

- Encarrego-me... De experimentar.

Um murmúrio de satisfação substituiu o leve murmúrio de reprovação que se erguera.

- Oh! Oh! - pensou Pitou - já esta gente me quer levar antes de que eu seja seu chefe.

- Experimentar - disse Cláudio. - Oh! Oh! Isso não basta.

- Se não basta - respondeu Pitou - faze tu melhor, cedo-te o comando; vai tu roçar-te pelo abade Fortier, e dize-me que tal é.

- Valia bem a pena - disse Maniquet com certo ar de desdém - vir de Paris de espada e elmo para ter medo de um abade.

- Uma espada e um elmo não são uma couraça, e ainda que o fossem, o abade Fortier saberia achar o ponto em que ela é falível.

Cláudio e Désiré pareceram compreender esta observação.

- Vamos, Pitou, meu filho - disse Cláudio.

(Meu filho é termo que exprime amizade e está em uso naquela terra.)

- Pois bem! Sim - disse Pitou; - mas, com os diabos! Quero obediência.

- Tu verás como seremos obedientes - disse Cláudio piscando os olhos para Désiré.

- Mas - disse Désiré - não esqueças as espingardas.

- Está dito - respondeu Cláudio - encarrega-te das espingardas.

- Está tratado - disse Pitou muito inquieto, mas a quem apesar disto a ambição começava a aconselhar grandes audácias.

- Prometes?

- Juro!

Pitou estendeu a mão, os seus companheiros fizeram o mesmo, e aí está como à luz das estrelas, na margem de uma floresta, se declarou a insurreição no departamento de Aisne, pelos três Haramonteses, plagiários inocentes de Guilherme Tell e seus companheiros.

O facto é que Pitou entrevia, através das suas penas, a felicidade de se mostrar gloriosamente revestido com as insígnias de comandante da guarda nacional, as quais lhe pareciam ser de natureza a imprimir, se não remorsos, pelo menos reflexões à menina Catarina.

Assim, sagrado pela vontade dos seus eleitores, Pitou regressou a casa pensando nos meios de alcançar armamento para os seus trinta e três guardas nacionais.

LXIV

Onde se vêem representados o princípio monárquico pelo abade Fortier e o revolucionário por Pitou

Foi tal a preocupação que em Pitou causou naquela noite a honra que lhe coube, que se esqueceu de ir passar revista aos seus laços de apanhar lebres.

No dia seguinte pôs o capacete, armou-se com o sabre e meteu-se a caminho para Villers-Cotterets.

Davam seis horas da manhã no relógio da vila, quando Pitou chegou ao largo do Castelo, e bateu brandamente à portinha do jardim do abade Fortier.

Pitou bateu com a força necessária para tranquilizar a sua consciência, mas tão frouxamente, que do interior da casa não era possível ouvirem-no.

Estava persuadido de que alcançaria daquele modo uma espera de um quarto de hora, durante o qual poderia adornar com algumas flores oratórias o discurso que tinha preparado para o abade Fortier.

Portanto, foi grande a sua admiração quando viu a porta abrir-se, apesar de ter batido tão de manso; o seu espanto, porém, cessou quando conheceu que fora Sebastião Gilberto quem lha abria.

O pequeno andava a passear no jardim, e estudando a sua lição ao sol, ou antes fingindo que estudava, porque o livro aberto pendia-lhe da mão, e o seu pensamento só se ocupava de quanto neste mundo amava.

Sebastião deu um grito de alegria logo que avistou Pitou.

Abraçaram-se, e as primeiras palavras do rapazinho, foram estas:

- Tivestes notícias de Paris?

- Não, e tu? - perguntou Pitou.

- Eu já as tive; meu pai escreveu-me uma carta muito bonita.

- Ah! - disse Pitou.

- E em que vem um recado para ti.

E tirando a carta da algibeira, apresentou-a a Pitou.

“P. S. Billot recomenda muito a Pitou que não caustique nem estorve a gente da herdade.”

- Oh! - suspirou Pitou - aí está uma recomendação bem escusada. Já não tenho a quem importunar nem a quem distrair na herdade.

Depois acrescentou devagarinho e com um suspiro ainda mais sentido:

- Ao Sr. Isidoro é que deveriam ser dirigidas essas palavras.

E tornando logo a si e restituindo a carta a Sebastião, perguntou-lhe:

- Onde está o abade?

O pequeno aplicou o ouvido, e se bem que a largura toda do pátio e parte do jardim o separavam da escada, que rangia debaixo dos pés do respeitável eclesiástico:

- Olha, lá vem ele descendo.

Pitou passou do jardim para o pátio, mas só então sentiu o andar pesado do abade.

O estimável mestre de meninos vinha descendo a escada e lendo um periódico ao mesmo tempo.

As suas fiéis disciplinas pendiam-lhe ao lado como a espada à cinta de um capitão.

O abade, com o nariz pregado no papel, porque sabia de cor o número dos degraus e quantas saliências ou cavidades tinha a sua velha casa, foi bater de encontro a Ângelo Pitou, que acabava de assumir o garbo mais majestoso que lhe fora possível para se apresentar ao seu adversário político.

E antes que prossigamos, diremos acerca da situação algumas palavras, que se tornariam fastidiosas noutra página, mas que nesta encontram muito naturalmente o seu lugar.

Servirão para explicar como era que existiam em poder do abade Fortier as trinta ou quarenta espingardas, objecto da cobiça de Pitou e dos seus dois cúmplices, Cláudio e Désiré.

O abade Fortier, que, como já tivemos ocasião de dizer aos nossos leitores, era o antigo capelão do castelo, tornara-se com o andar dos tempos e sobretudo com a incansável fixidade dos eclesiásticos em geral, o único superintendente daquilo que na linguagem da economia teatral se denomina “os acessórios da casa”.

Além dos vasos sagrados, da biblioteca e do reposte, tinha recebido em depósito todo o antigo trem de caça do duque de Orleans Luís Filipe, pai de Filipe, cognominado depois *Igualdade*. Alguns objectos daquele trem datavam dos reinados de Luís XIII e de Henrique III. Os utensílios todos reunidos tinham sido por ele dispostos artisticamente numa galeria do castelo, que para esse fim lhe fora cedida. E para lhes dar um aspecto mais pitoresco, tinha formado com eles estrelas, que se compunham de broquéis, chuços, punhais, adagas e mosquetes com embutidos do tempo da Liga.

A porta da galeria estava formidavelmente defendida por duas peçazinhas de artilharia de bronze prateado, que tinham sido dadas de presente por Luís XIV ao infante seu irmão.

Além de tudo isto, umas cinqüenta espingardas curtas, que José Filipe trouxera como troféus de combate de Ouessant, tinham sido por ele dadas à municipalidade, e a municipalidade, que tinha concedido, como já dissemos, uma habitação gratuita ao abade Fortier, mandara arrecadar aquelas espingardas, que para nada lhe serviam, num quarto da casa colegial.

Tal era o tesouro a que estava de guarda o dragão chamado Fortier, e que o Jasão, a que chamavam Ângelo Pitou, ameaçava agora.

Não era para admirar, vista a celebridade de que gozava na terra o arsenal do castelo, que houvesse quem desejasse adquiri-lo sem despesa.

Mas, como já dissemos, o abade, qual dragão vigilante, não parecia disposto a entregar facilmente, nas mãos de nenhum Jasão, os pomos de ouro das suas Hespérides.

Isto posto, tornemos a Pitou.

Cortejou mui graciosamente o abade Fortier, acompanhando a sua cortesia de certo

tossir, que tinha por fim despertar a atenção das pessoas distraídas ou preocupadas.

O abade Fortier desviou os olhos do periódico.

- Olá, é o Pitou! - disse ele.

- Para o servir no que presta, Sr. abade – disse cortesmente Ângelo.

O abade dobrou o periódico, ou por melhor fechou-o como se fora uma carteira, pois naquela época abençoada os periódicos eram apenas uns livrinhos.

Dobrado o periódico, entalou-o no cinto, do lado oposto ao das disciplinas.

- Ah! Sim; mas a grande desgraça é que na realidade - disse o abade em tom de escárnio - para nada me possas servir.

- Oh! Sr. abade!

- Ouviste, hipócrita?

- Oh! Senhor abade!

- Percebeste, revolucionário?

- Está bom; mesmo antes de eu ter falado, já está enfadado comigo. Começa muito mal, Sr. abade.

Sebastião, sabedor de tudo quanto o abade Fortier tinha dito a respeito de Pitou havia dois dias a todas as pessoas com quem falava, preferiu não presenciar a questão, que não podia deixar de ter lugar entre o seu amigo e o seu mestre, e eclipsou-se.

Pitou viu desaparecer Sebastião com algum pesar. Não era um aliado muito vigoroso, mas era uma criança da mesma comunhão política que ele.

E por isso, assim que ele transpôs o limiar da porta, soltou um suspiro, e voltando-se para o abade, perguntou :

- Ora diga-me, Sr. abade, por que motivo me chama revolucionário? Fui eu, porventura, quem deu causa a que se fizesse a revolução?

- Viveste com os indivíduos que a fizeram.

- Sr. abade - replicou Ângelo Pitou com suprema dignidade - cada qual pode pensar como muito bem lhe parecer.

- Olé!

- *Est penès hominem arbitrium ratio.*

- Que é isso! - exclamou o abade - pois tu sabes latim, meu pedante?

- Sei o pouco que me ensinou - respondeu Pitou com modéstia.

- Sim, revisto, correcto, aumentado e embelezado com barbarismos!

- Ora essa! - Sr. abade - barbarismos! Quem há que os não cometa?

- Brejeiro! - disse o abade visivelmente ofendido da tendência que o espírito de Pitou parecia ter para generalizar a asserção - julgas acaso que também cometo barbarismos?

- Cometê-los-ia aos olhos de um homem qualquer que soubesse melhor o latim do que o senhor.

- Então não querem ver! - exclamou o abade encolerizado, posto que um tanto impressionado por aquele raciocínio, que não era destituído de certa força.

E com gesto melancólico prosseguiu:

- Eis em duas palavras o sistema destes malvados: destroem e aviltam tudo em proveito de quem? Nem eles mesmo o sabem. Vamos lá, Sr. caranguejo, fale com o coração nas mãos. Conhece alguém que saiba melhor latim do que eu?

- Não, mas pode haver quem o saiba, apesar de não me constar; eu não conheço toda a gente.

- Creio-o bem, com a breca!

Pitou persignou-se.

- Que estás fazendo, libertino?

- Benzi-me, Sr. abade, porque praguejou.

- Ora diga-me, seu patife, veio a minha casa para zombar de mim?

- Zombar do senhor! - repetiu Pitou.

- Bem, agora já entendes o que quero dizer?
- Entendo, sim, Sr. abade. Ah! Graças ao senhor, ainda sei alguma coisa de gramática; a palavra *zombar* é o infinito presente impessoal do verbo activo *zombar*, e significa *escarnecer, mofar, motejar, não falar sério*, etc.
- O abade Fortier ficou estupefacto, e um instante depois replicou:
- Ah! Grandíssimo tratante, vejo que ainda por lá aprendeste mais alguma coisa, também sabes ser atrevido.
- Não, senhor - disse Pitou com fingida modéstia.
- Por que é que no tempo em que estavas na minha casa nunca terias tido a lembrança de me responder assim?
- Porque no tempo em que vivia com o Sr. abade, só tratava de me embrutecer; porque era tal o seu despotismo, que recalcava na minha inteligência e na minha memória tudo isto que a liberdade fez depois desenvolver em mim. Sim, a liberdade, percebeu? - insistiu Pitou entusiasmando-se; - a liberdade!
- Ah! Desavergonhado!
- Sr. abade - disse Pitou em certo tom de advertência, que não era de todo isenta de ameaça; Sr. abade, não me insulte. *Contumelia non argumentum*, disse um orador, o insulto não é razão.
- Então não se persuade o garoto que preciso que me traduza o seu latim! - exclamou o abade enfurecido.
- Este latim não é meu, Sr. abade, é de Cícero, quero dizer, de um homem que de certo notaria no seu modo de falar tantos barbarismos quantos o senhor nota no meu.
- Penso que não esperas - disse o abade Fortier abalado pela base - que encete uma discussão contigo?
- Por que não, se da discussão pode nascer a verdade? *Abstrusum versis silicum*.
- É verdade! - exclamou o abade Fortier - é verdade! O tratante andou na escola dos revolucionários.
- Não pode ser, pois afirma que os revolucionários são uns imbecis e uns ignorantes.
- Afirmei, sim, e sustento o que disse.
- Então raciocina erradamente, Sr. abade, e o seu silogismo é mal posto.
- Mal posto! Pois eu estabeleci mal um silogismo?
- Não padece dúvida, Sr. abade; Pitou discorre e fala bem; Pitou andou na escola dos revolucionários, logo os revolucionários discorrem e falam bem. Não se pode tirar outra conclusão.
- Animal! Bruto! Pateta!
- Não me moleste com palavras, Sr. abade. *Objurgatio imbellem animum arguit*; a cólera revela fraqueza.
- O abade encolheu os ombros.
- Responda-me - disse Pitou.
- Tu afirmas que os revolucionários falam e discorrem bem. Aponta-me, desses desgraçados, um único que saiba ler e escrever?
- Aqui estou eu - respondeu Pitou afoitamente.
- Ler, pode ser, e ainda sabe Deus como! Mas escrever?
- Escrever, sim! - repetiu Pitou.
- Sim, escrever sem ortografia.
- Pode ver.
- Queres apostar que não és capaz de escrever uma página toda que eu te ditar sem cometeres quatro erros?
- E o senhor quer também apostar que não é capaz de escrever meia página, ditando eu, sem cometer dois erros?
- Oh! Era o que faltava ver!

- Pois bem, vamos lá! Hei-de procurar participípios e verbos reflexivos. Passarei a temperar tudo isto com certos *ques* meus conhecidos e está ganha a aposta.

- Se eu tivesse tempo... - disse o abade.

- Havia de perder.

- Pitou, Pitou, lembra-te do adágio: *Pitoueus Angelus asinus est.*

- Ora adeus, Sr. Fortier! Adágios, há-os aplicáveis a toda a gente. Quer saber o que me cantaram ao ouvido os canaviais de Wuala, quando eu ia passando?

- Não se me dava de o saber, mestre *Midas*.

- *Fortierus abbas fortè fortis.*

- Senhor! - exclamou o abade.

- Tradução livre: O abade Fortier nem todos os dias é da mesma força.

- Felizmente - retorquiu o abade; - não basta só acusar, é preciso provar a acusação.

- Ah! Sr. abade, isso é fácilimo. Diga-me que ensina aos seus discípulos?

- Mas...

- Atenda à minha pergunta. Que ensina aos seus discípulos?

- O que sei.

- Bom! Note que respondeu: o que sei.

- O que sei, sim - disse o abade já menos afoito, porque percebia que aquele singular lutador aprendera durante a sua ausência botes desconhecidos. - Sim, foi isso mesmo que eu disse, e depois?

- Pois bem, visto ensinar aos seus discípulos o que sabe, diga-me o que é que sabe?

- Sei latim, francês, grego, História, geografia, aritmética, álgebra, astronomia, botânica e numismática.

- Ainda sabe mais alguma coisa? - perguntou Pitou.

- Decerto.

- Então diga.

- Desenho.

- Continue.

- Arquitectura.

- Continue.

- Mecânica.

- É um ramo da matemática, mas não importa, continue.

- Ora dize-me, qual é a conclusão que pretendes tirar?

- É simplesmente esta: fez uma extensa relação de tudo quanto sabe, enumere as coisas que ignora.

O abade estremeceu.

- Ah! - disse Pitou - bem vejo que para isso é necessário que o ajude; não sabe alemão, nem hebraico, nem árabe, nem sânscrito, que são quatro línguas-mães. Não falo já nas subdivisões, que não têm número. Não sabe história natural, nem química, nem física.

- Sr. Pitou...

- Não me interrompa; não sabe física, nem trigonometria rectilínea; não tem conhecimentos de medicina, nem de acústica, nem de navegação; ignora tudo quanto diz respeito às ciências ginásticas.

- Que foi isso que disseste?

- Disse ginástica, do latim *gymnaza exercœ*, derivado do grego *gymnas*, nu, porque os atletas exercitavam-se nus.

- Ainda assim, fui eu quem te ensinei tudo isso! - exclamou Fortier quase consolado da vitória do seu discípulo.

- É verdade.

- Vejo com gosto que o confessas.

- E com gratidão, Sr. abade. Dizíamos pois que ignorava...

- Basta! É certo que ignoro mais do que sei.
- Portanto, deve concordar que há muitos homens que sabem mais do que o senhor?
- Pode ser.
- É assim mesmo, e quanto mais o homem vai aprendendo, mais conhece que nada sabe.

Este dito é de Cícero.

- Conclui.
- Vou concluir.
- Vejamos a conclusão que há-de ser fresca.

- Concluo que, em virtude da sua ignorância relativa, devia mostrar mais indulgência para com a ciência relativa dos outros homens. Isto constitui uma dupla virtude: *virtus duplex*, que era, segundo afirmam, a que possuía Fénelon, o qual sabia pelo menos tanto como o senhor; é a caridade cristã da humanidade.

O abade soltou um grito de cólera.

- Serpente! - bradou ele - tu és uma serpente!
 - Insulta-me e não me responde! Assim respondeu um dos sábios da Grécia a um dito semelhante a esse. Repetir-lho-ia em grego, mas já lhe disse o mesmo, pouco mais ou menos, em latim.

- Muito bem - disse o abade - aí está mais um efeito das doutrinas revolucionárias.

- Qual é?

- Fizeram-te persuadir de que eras meu igual.

- Ainda que me fizessem ter essa persuasão, não o julgo por isso autorizado a cometer um erro de gramática.

- O quê?

- Digo, meu mestre, que acaba de cometer um erro de gramática.

- Ah! Deveras! Qual?

- Ei-lo. Disse: as doutrinas revolucionárias fizeram-te persuadir de que *eras* meu igual.

- E então?

- Então! *Eras* está no imperfeito.

- Não há dúvida.

- Pois devia estar no tempo presente.

- Ah! - disse o abade corando.

- Verta-me essa frase para latim, e então verá o enorme solecismo que resultará do verbo empregado no tempo imperfeito!

- Pitou! Pitou! - exclamou o abade julgando pressentir uma origem sobrenatural àquela erudição – qual foi o demónio que te inspirou todos esses ataques contra um velho e contra a Igreja?

- Sr. abade - replicou Pitou algum tanto comovido pela expressão de pesar com que estas palavras tinham sido proferidas; - não foi o demónio que me inspirou, nem eu o quero atacar; mas o senhor trata-me sempre por tolo, e esquece-se de que todos os homens são iguais.

O abade encolerizou-se novamente, e disse:

- Nunca hei-de tolerar que na minha presença se profiram blasfémias dessa natureza. Tu! Tu igual de um homem que Deus e o trabalho gastaram sessenta anos para formar! Isso nunca! nunca!

- Pois vá perguntar ao Sr. de Lafayette quem proclamou os direitos do homem.

- Sim, citas-me como autoridade aquele ruim súbdito do rei, facho de todas as discórdias que tem havido, como um traidor que é!

- Hem! - exclamou Pitou com muito espanto – o Sr. de Lafayette um ruim súbdito do rei! Um facho de discórdias! Um traidor! O senhor é que diz blasfémias. Pelo que vejo, tem vivido dentro de alguma boceta durante estes últimos três meses? Ignora portanto que esse ruim súbdito do rei é o único que o serve de todo o coração? Que esse facho de discórdia é o penhor da paz pública? Que esse traidor é o melhor dos Franceses?

- Oh! - exclamou o abade - como poderia eu nunca persuadir-me que a autoridade real houvesse de chegar a tal grau de abjecção, que um biltre como este (e designava Pitou) invocaria o nome de Lafayette, como antigamente se invocava o de Aristides ou o de Fócion?

- Ainda bem que o povo não pode ouvir-nos, Sr. abade - disse imprudentemente Pitou.

- Ah! - exclamou o abade triunfante - aí está! Descobres-te, finalmente, ameaçando-me! O povo! Sim, o povo! Os que assassinam cobardemente os oficiais do rei, os que rasgaram as entranhas das suas vítimas! Sim, o povo do Sr. de Lafayette, do Sr. Bailly e do Sr. Pitou! Então por que não vais já denunciar-me aos revolucionários de Villers-Cotterets? Por que me não arrastas para o Pleux? Por que não arregaças as mangas para me pendurares num candeeiro? Vamos, Pitou, *macete animo*, Pitou! *Sursum! sursum!* Pitou. Vamos, vamos, onde está a corda? Onde está a forca? O carrasco está aí: *Macete animo, generoso Pitoué!*

- *Sic itur ad astra* - pronunciou Pitou por entre dentes, com a simples tenção de acabar o verso, e sem reparar que acabava de fazer um trocadilho, próprio de um canibal.

Porém a exasperação do abade Fortier logo lho deu a conhecer.

- Ah! Ah! - vociferou este último. - Ah! É esse o teu modo de pensar. Ah! É assim que eu hei-de ir aos astros? Ah! Tens destinada uma forca para mim?

- Não disse semelhante coisa - gritou Pitou, começando a assustar-se com a face que a discussão ia tomando.

- Ah! Prometes-me o céu do infeliz Foulon, e do desgraçado Berthier?

- Não disse tal, Sr. abade.

- Ah! Já tens o braço pronto, carrasco, *carnifex*; foste tu, que trepaste ao candeeiro da praça da Municipalidade, e içaste as vítimas com os teus nojentos braços de aranha, não é assim? Foste tu, malvado?

Pitou rugiu de cólera e de indignação.

- Sim, foste tu, que bem te conheço - prosseguiu o abade num transporte de adivinhação que o tornava parecido com Joad - bem te conheço! Catilina, foste tu!

- Sabe que mais, Sr. abade - soltou Pitou - está-me dizendo coisas odiosas! Por fim de contas está-me insultando!

- Sim, insulto-te!

- Pois se continuar, hei-de queixar-me à Assembléia Nacional! Ah! Que já é demais...

O abade deu uma risada sinistramente irónica.

- Pois denuncia-me - disse ele.

- E previno-o de que os maus cidadãos que insultam os bons são castigados.

- Vamos para o candeeiro!

- O senhor é um mau cidadão.

- Venha a corda! A corda!

O abade calou-se por um momento, e depois exclamou num movimento de indignação:

- Ah! É verdade! Ah! O capacete, o capacete, é ele! Não sofre dúvida. O homem que arrancou do peito de Berthier o coração ainda quente, o antropófago que o foi depositar a escorrer sangue sobre a mesa dos eleitores, tinha um capacete; és tu, monstro; fuge, fuge, fuge!

E a cada um destes *foge* proferido com gesto trágico, dava o abade um passo para a frente, e Pitou um passo para trás.

Ao ouvir esta acusação, da qual, como o leitor sabe, Pitou estava inocente, o pobre rapaz arremessou para longe de si o capacete que tanto se ufanava de usar, e foi amolgar-se de encontro às pedras.

- Vês, desgraçado! - exclamou o abade - confessas que foste tu.

E tomou a atitude de Lekain na tragédia *Orosmano*, no momento em que, tendo achado o bilhete, faz a acusação a Zaira.

- Ora vamos - disse Pitou, a quem uma tal acusação tinha feito sair fora de si - está exagerando, Sr. abade Fortier.

- Estou exagerando! Isso quer dizer que só ajudaste a enforcar e a esfaquear. Pobre

criança!

- Sr. abade, sabe muito bem que não fui eu e que foi Pitt.

- Qual Pitt?

- Pitt segundo, filho de Pitt primeiro, de lorde Chatam, que distribuiu dinheiro, dizendo: Gastem-no, e não me dêem contas. Se entendesse inglês, dir-lhe-ia isto em inglês, mas não o entende.

- E tu entendes?

- Ensinou-mo o Sr. Gilberto.

- Em três semanas? Miserável impostor!

Pitou conheceu que ia caminhando errado.

- Atenda-me, Sr. abade - disse ele - em nada mais o contestarei, é senhor das suas idéias.

- Deveras!

- É muito justo.

- Estás convencido disso? O Sr. Pitou dá licença que eu tenha idéias? Obrigado, Sr. Pitou.

- Bom, lá torna a enfadar-se. Bem vê que se isto assim continuar não poderei dizer-lhe o motivo por que vim a sua casa.

- Desgraçado! Visto isso, tinhas algum motivo para aqui vir? Eras deputado, talvez?

E o abade desatou a rir com ironia.

- Sr. abade - disse Pitou, a quem o mesmo abade acabava de colocar no terreno em que ele desejava ver-se desde o princípio da discussão; - Sr. abade, sabe muito bem quanto respeitei sempre o seu carácter.

- Ah! Sim, bem o mostras.

- E o muito que sempre admirei a sua ciência - acrescentou Pitou.

- Víbora! - exclamou o abade.

- Eu! - disse Pitou. - Oh! Que aleive!

- Vamos lá, dize o que tens a pedir-mo. Queres que torne a tornar-te para casa? Oh! Não, não, não quero os meus inocentes discípulos contaminados dessa peçonha tão nociva, que já não perdes. Virias infeccionar as minhas tenras plantas: *Infecit pabula tabo*.

- Porém, Sr. abade...

- Não, não me peças isso, se precisas muito ter de comer, pois imagino que os ferozes carrascos de Paris comem como a gente de bem (e como eles comem, meu Deus!), e se exiges que te atire com uma ração de carne crua, dar-ta-ei. Porém, há-de ser à porta, nas *sportulae*, do mesmo modo que os Romanos davam de comer aos seus cães.

- Sr. abade - respondeu Pitou empertigando-se não lhe peço de comer; tenho meios de subsistência, graças a Deus, não quero ser pesado a ninguém.

- Ah! - disse o abade muito admirado.

- Vou vivendo como posso sem mendigar, e da indústria que a Natureza me deu. Vivo do meu trabalho, e direi mais, estou tão longe de ser pesado aos meus concidadãos, que muitos deles me elegeram para seu chefe.

- Hem! - disse o abade com tal admiração e ao mesmo tempo tal susto, que parecia ter pisado um áspide.

- Sim, sim, elegeram-me para seu chefe - repetiu Pitou.

- Chefe de quê? - perguntou o abade.

- Chefe de uma companhia de homens livres - respondeu Pitou.

- Ah! Meu Deus! - exclamou o abade - o pobre rapaz está doido!

- Chefe da guarda nacional de Haramont - concluiu Pitou com afectada modéstia.

O abade debruçou-se para Pitou, a fim de ler-lhe nas feições a confirmação das palavras que acabava de proferir.

- Pois também há guarda nacional em Haramont? - bradou ele.

- Há, sim, Sr. abade.

- E o chefe és tu?

- Sou, sim, Sr. abade.

- Tu?

- Sim, senhor.

O abade torceu os braços e levantou-os para o céu, como o sumo-sacerdote Fineu.

- Abominação e desolação! - murmurou ele.

- Não ignora por certo, Sr. abade - disse Pitou com placidez - que a guarda nacional é uma instituição destinada a proteger a vida, a liberdade e as propriedades dos cidadãos.

- Oh! Oh! - prosseguiu o ancião todo entregue ao desespero.

- E muito convém - disse Pitou continuando - dar toda a força a uma tal instituição, especialmente nos campos, por causa das quadrilhas de salteadores.

- Das quadrilhas como essa de que tu és chefe! - exclamou o abade - das quadrilhas de rapinantes, de incendiários e de assassinos!

- Oh! Peço que não confunda as espécies, meu caro Sr. abade; espero ter ocasião de mostrar-lhe os meus soldados, e então confessará que são os mais honrados cidadãos...

- Cala-te! Cala-te!

- Imagine, pelo contrário, Sr. abade, que somos seus protectores naturais, e a prova do que digo está em eu ter vindo procurá-lo.

- Para quê? - perguntou o abade.

- Ah! Eu lho digo já - replicou Pitou coçando na cabeça e examinando o sítio onde tinha ido cair o capacete, a fim de ver se, para ir apanhar aquela parte essencial do seu traje militar, não lhe seria preciso afastar-se demasiadamente da sua linha de retirada.

O capacete tinha apenas caído a alguns passos do portão que dava para Soissons.

- Perguntei-te por que tinhas aqui vindo? - repetiu o abade.

- Pois bem! - disse Pitou, recuando dois passos na direcção do capacete - eis aqui o objecto da minha missão. Conceda-me licença, Sr. abade, para que o patenteie à sua sagacidade.

- Ah! Temos exórdio?! Muito bonito! - resmungou o abade.

Porém o abade, executando uma manobra semelhante, o que não deixava de dar algum cuidado a Pitou, à medida que este dava dois passos na direcção do capacete, dava ele também, no intuito de conservar as distâncias, dois passos para Pitou.

- Ora pois - disse Pitou começando a cobrar ânimo por estar já próximo da sua arma defensiva - todo o soldado carece necessariamente de uma espingarda, e é isso que nos falta.

- Ah! Não têm espingardas! - exclamou o abade pulando de contente. - Ah! Eles não têm espingardas! São soldados sem espingardas! Ora aí estão uns óptimos soldados!

- Porém, Sr. abade - tornou Pitou dando mais dois passos para o capacete - quem não tem espingardas trata de alcançá-las.

- Sim - disse o abade - e andas então em procura delas?

Pitou já tinha chegado ao alcance do capacete, e como estava entretido na operação de o puxar para si com o pé, tardou em responder ao abade.

- Andas então em procura de armas? - repetiu este.

Pitou apanhou o capacete.

- Ando, sim, Sr. abade.

- E onde esperas encontrá-las?

- Em sua casa - disse Pitou, carregando o capacete na cabeça.

- Espingardas em minha casa! - exclamou o abade.

- Na sua casa, sim, senhor, não são poucas as que possuí.

- Ah! O meu museu! - gritou o abade. - Vens aqui para roubar o meu museu! Pois as couraças dos nossos antigos cavaleiros haviam de ir parar às costas de semelhantes marotos? Sr. Pitou, repito-lhe o que ainda há pouco lhe disse, está doido. As espadas dos Espanhóis de Almanza, os chuchos dos Suíços de Marignan para armar o Sr. Pitou e os seus sócios! Ah! Ah! Ah!

O abade deu uma gargalhada tão desdenhosa e ameaçadora, que Pitou sentiu como um calafrio a correr-lhe nas veias.

- Não, Sr. abade - disse ele - não queremos os chuços dos Suíços de Marignan, nem as espadas dos Espanhóis de Almanza; não que essas armas para nada nos serviriam.

- Ainda bem que o confessas.

- Não, Sr. abade, não são essas as armas que pretendemos.

- Então quais?

- Queremos aquelas ótimas espingardas de marinha, Sr. abade, que eu tantas vezes limpei, a título de penitência, por não saber as minhas lições, no tempo em que tinha a honra de estudar debaixo das suas vistas, *dum me Galatea tenebat* – acrescentou Pitou com gracioso sorriso.

- Deveras? - disse o abade sentindo que se lhe eriçavam as farripas ao ver o sorriso de Pitou; - deveras? Queres as minhas espingardas de marinha?

- Ou por outra as únicas que não têm valor histórico e que são susceptíveis de bom serviço.

- Ah! - disse o abade, levando a mão ao cabo das disciplinas, como um militar a levaria aos copos da espada; - ah! Até que afinal se descobriu o traidor.

- Sr. abade - disse Pitou, passando do tom de ameaça ao de súplica - conceda-nos as trinta espingardas de marinha.

- Arreda! - gritou o abade dando um passo para Pitou.

- E ficará assim com a glória - disse Pitou, dando também um passo à retaguarda - com a glória de haver contribuído para livrar o país dos seus opressores.

- Pois eu havia de fornecer armas contra mim e contra os meus! - exclamou o abade; - dar por minhas mãos as espingardas que hão-de servir para atirarem contra mim?

E dizendo isto tirou as disciplinas da cinta.

- Nunca! Nunca!

A estas palavras o abade brandiu as disciplinas por cima da cabeça.

- Sr. abade, o seu nome será publicado no jornal do Sr. Prudhomme.

- O meu nome no jornal do Sr. Prudhomme! – bradou o abade.

- Seguido de uma menção honrosa do seu civismo.

- Antes uma golilha e as galés!

- Pois quê, recusa - insistiu Pitou frouxamente.

- Recuso e ordeno-te que saias já daqui.

E, dizendo isto, o abade apontou-lhe para a porta.

- Note - disse Pitou - que essa recusa há-de produzir mau efeito; será acusado de falta de patriotismo e de traição. Sr. abade, por quem é, rogo-lhe que se não exponha a tal.

- Faze de mim um mártir, Nero; é isso mesmo o que te peço! - exclamou o abade com os olhos chamejantes, e parecendo mais um executor do que um padecente.

Foi tal o efeito que isto produziu em Pitou, que começou a retirada, dando um passo atrás e dizendo:

- Sr. abade, sou um deputado pacífico, um embaixador encarregado de palavras conciliadoras, vinha...

- Vinhas roubar as minhas armas, como os teus cúmplices roubaram as dos Inválidos.

- Do que lhes resultou em Paris uma imensidade de elogios - disse Pitou.

- E aqui há-de resultar para ti uma boa sova de disciplinas - disse o abade.

- O Sr. Fortier - disse Pitou, conhecendo o instrumento com que noutro tempo tivera relações tão íntimas - não há-de violar assim o direito das gentes.

- Já to digo, miserável, espera!

- Sr. abade, estou debaixo da protecção do meu carácter de embaixador.

- Espera!

- Sr. abade! Sr. abade!

Pitou chegara à porta da rua, que estava fechada, fazendo sempre frente, ao seu temível adversário; vendo-se assim encurrulado, era preciso travar o combate ou fugir.

Porém, para fugir tinha de abrir a porta, e para a abrir, era-lhe necessário voltar-se.

Ora, se se voltasse, Pitou oferecia desarmado aos açoites do abade uma parte da sua pessoa que não julgava suficientemente protegida nem com uma couraça.

- Ah! Tu queres as minhas espingardas!... Ah! Vens dizer-me: As suas espingardas ou a vida!...

- Sr. abade - replicou Pitou - bem pelo contrário, não lhe disse semelhante coisa.

- Pois bem, tu sabes onde estão as minhas espingardas, mata-me para te apossares delas. Passa por cima do meu cadáver e vai buscá-las.

- Sou incapaz de cometer uma tal acção, Sr. abade.

E Pitou, com a mão na tranqueta da porta, e os olhos fitos no braço que o abade tinha erguido, já não calculava qual seria o número de espingardas que poderia conter o arsenal do abade, senão qual seria o número de açoites que estariam suspensos nas correias das disciplinas.

- Visto isso, Sr. abade, não quer entregar-me as espingardas?

- Não, não quero dar-tas.

- Uma vez... Não quer?

- Não.

- Duas vezes?

- Não.

- Três vezes?

- Não! Não! Não!

- Pois então - retorquiui Pitou - fique com elas!

E fazendo um movimento rápido, voltou-se e enfiou-se pela porta, que estava já entreaberta.

Todavia, apesar da rapidez do movimento, as inteligentes disciplinas abaixaram-se, silvando, e abrangeram tão vigorosamente a parte inferior do espinhaço de Pitou, que o vencedor da Bastilha, com toda a sua valentia, não pôde reprimir um grito de dor.

A este grito saíram à rua vários vizinhos, e viram, com grande estupefacção, Pitou fugir a toda a velocidade com o capacete e o sabre, e o abade Fortier, de pé no limiar do portão e brandindo as disciplinas, como o anjo exterminador brandiu a sua espada de fogo.

LXV

Pitou diplomata

Acabamos de ver como Pitou caiu do alto das suas esperanças.

A queda era grande. Satanás, depois de fulminado, rolou do céu para o inferno, não mediou maior espaço. E ainda assim, Satanás, quando caiu no inferno era rei, ao passo que Pitou, fulminado pelo abade Fortier, tinha ficado simplesmente Pitou.

Como havia ele de tornar a apresentar-se agora aos seus mandatários? Como se atreveria a dizer-lhes, depois de haver mostrado tanta confiança no bom êxito da sua missão, que o seu chefe era um gabarola, um fanfarrão, que, apesar do capacete que trazia na cabeça e do sabre que tinha à cinta, sofria que um velho abade o corresse a açoites?

Ter-se gabado de conseguir o que pretendiam do abade Fortier, e deixar malograr a tentativa, era grande erro.

Pitou assentou-se no declive do primeiro fosso que encontrou, encostou a cabeça às mãos e reflectiu profundamente.

Tinha-se persuadido que faria a boca doce ao abade Fortier falando grego e latim. Tinha imaginado ingenuamente que lhe seria fácil corromper o Cérbero com o mel de um bolo de *lindas expressões*, e eis senão quando, o bolo saíra amargo, e o Cérbero mordera a mão sem engolir o bolo. Estavam pois transtornados todos os seus planos.

Era evidente que o abade Fortier era homem de profundo amor-próprio, circunstância com que Pitou não contara, porque a exasperação do abade fora motivada mais pelo erro de

gramática que Pitou lhe notara, do que por quererem tirar-lhe do arsenal as trinta espingardas.

É sabido que os rapazes, quando são dotados de boa índole, cometem sempre o erro de julgarem que todos os homens são perfeitos.

O abade Fortier, além de realista ferrenho, era sobretudo um filólogo orgulhoso.

Pitou já se arrependia amargamente de haver despertado nele, por causa do rei Luís XVI o do verbo *ser*, a dupla cólera de que fora vítima. Conhecia-lhe o génio, e por isso devia tê-lo poupado. Era nisso que realmente consistia o seu erro, e lastimava-se, como sempre sucede, quando já não tinha remédio.

Restava-lhe agora cogitar o que deveria ter feito.

Deveria ter empregado toda a eloquência para provar ao abade Fortier que era realista, e sobretudo não lhe ter reparado nos erros de gramática.

Deveria ter-lhe prometido que aquela força armada seria um exército auxiliar do rei.

E especialmente, não devia ter feito reflexão alguma acerca daquele desgraçado verbo *ser*, que o abade empregara num tempo incompetente.

E então o abade não teria deixado de abrir-lhe os seus tesouros e os seus arsenais para obter a favor da monarquia o auxílio de tropa tão valente e do seu heróico chefe.

A esta falsidade dá-se o nome de diplomacia. Pitou, depois de se haver consultado a si, procurou recordar-se das histórias da antiguidade.

Lembrou-se de Filipe de Macedónia, que faltou a tanto juramento, e a quem chamam um grande homem.

De Bruto, que se fingiu estúpido para iludir os seus inimigos e a quem chamam um grande homem.

Mas em oposição a estes, recordou-se de Aristides, que não admitia os meios injustos, e a quem chamam também um grande homem.

Este argumento fê-lo cismar.

Porém, depois de reflectir, achou que Aristides tinha sido muito feliz por viver num tempo em que os Persas eram tão estúpidos que bastava a boa-fé para os vencer.

E depois, reflectindo ainda mais, lembrou-se que, afinal de contas, Aristides fora desterrado, e esse desterro, apesar de injusto, fez pender a balança a favor de Filipe de Macedónia, de Bruto e de Temístocles.

Passando em seguida aos exemplos modernos, perguntou Pitou a si mesmo que teriam feito os srs. Gilberto, Bailly, Lameth e Barnave, ou o Sr. Mirabeau, se qualquer deles fosse Pitou, e Luís XVI estivesse no lugar do abade Fortier?

Que passos teriam dado para conseguir que o rei armasse trezentos ou quinhentos mil homens de guardas nacionais em França?

Fariam o contrário do que Pitou acabava de praticar.

Teriam feito persuadir a Luís XVI de que o maior desejo dos Franceses era salvar e conservar o pai dos Franceses, e para que o pudessem salvar eficazmente era preciso que ele lhe entregasse trezentas ou quinhentas mil espingardas.

E o Sr. de Mirabeau não teria deixado de conseguir o seu fim.

Recordando-se também do adágio que diz: "*quem quer alguma coisa do demónio deve dar-lhe o tratamento de alteza*", Pitou concluía de tudo isto que não passava de um quadrúpede, e que para poder voltar para junto dos seus eleitores com alguma glória, deveria ter praticado precisamente o contrário do que fizera.

Escavando então o novo veio, resolveu alcançar, por manha ou por força, as armas que supusera poder obter pela persuasão.

Apresentou-se-lhe um meio.

Era um ardil.

Podia introduzir-se no museu do abade, e furtar ou tirar as armas do arsenal.

Com a ajuda dos companheiros, poderia Pitou efectuar a mudança; ou, indo ele sozinho, poderia fazer o roubo.

O roubo! A palavra soava mal aos honrados ouvidos de Pitou.

E quanto à mudança, havia decerto ainda em França bastante gente acostumada às antigas leis para lhe dar o nome de extorsão ou de roubo à mão armada.

Todas estas considerações fizeram com que Pitou hesitasse em adoptar os dois meios que acabamos de citar.

De mais a mais, estava comprometido o seu amor próprio e julgava do seu brio não recorrer a ninguém para sair-se airoso das dificuldades em que se achava.

Tornou pois a cismar no caso, e sentiu uma certa admiração ao ver a nova direcção que tomavam as especulações do seu espírito.

Como Arquimedes, exclamou por fim: *Eureka!* Palavra que em linguagem vulgar significa: *Achei!*

Aí vai o meio que Pitou acabava de achar no seu próprio arsenal:

O Sr. de Lafayette era o comandante geral das guardas nacionais de França.

Haramont era situada em França.

Em Haramont havia uma guarda nacional.

Logo, o Sr. de Lafayette também era comandante geral dos guardas nacionais de Haramont.

O Sr. de Lafayette não podia portanto tolerar que os milicianos de Haramont tivessem falta de armas, visto que os milicianos das outras terras já estavam armados ou iam sê-lo.

Para chegar ao Sr. de Lafayette havia Gilberto, para chegar a Gilberto havia o tio Billot.

Pitou resolveu escrever uma carta a Billot.

Como Billot não sabia ler, era o Sr. Gilberto quem havia de abrir a carta, e assim chegava muito naturalmente ao segundo intermediário.

Depois de haver tomado esta deliberação, Pitou esperou que anoitecesse, voltou misteriosamente a Haramont e pegou na pena.

Contudo, apesar de todas as cautelas que tomara para voltar incógnito, tinha sido visto por Cláudio Tellier e Désiré Maniquet.

Retiraram-se ambos misteriosamente, levando um dedo à boca, e apontando com os olhos para a carta.

Pitou nadava em cheio na grande corrente da política prática.

Vamos transcrever em seguida as palavras que se continham na folha de papel branco, que tanto efeito havia produzido em Cláudio e Désiré.

“Meu caro Sr. Billot”.

“A causa da revolução vai progredindo na nossa terra; os aristocratas vão perdendo terreno, e os patriotas avançam”.

“Os habitantes de Haramont alistaram-se no serviço activo da guarda nacional”.

“Porém não têm armas”.

“Há contudo um meio de as conseguir. Alguns particulares conservam em seu poder certas porções de armas de guerra, que poderiam muito bem passar para o serviço da nação, poupando assim ao tesouro grandes despesas.”

“Queira o Sr. general de Lafayette ordenar que esses depósitos ilegais de armas de guerra sejam postos à disposição das comunas na proporção dos homens que for preciso armar, e pela parte que me toca, obrigo-me a fazer entrar nos arsenais de Haramont trinta espingardas pelo menos.”

“É este o único meio de opor uma barreira aos tramas contra-revolucionários dos aristocratas e dos inimigos da nação”.

“Vosso concidadão e muito humilde servo”.

“Ángelo Pitou.”

Quando chegou ao fim deste arrazoado, Pitou reparou que se esquecera de dizer ao

lavrador alguma coisa relativamente à sua casa e família.

Tratava-o muito à laia de Bruto, mas também se contasse a Billot alguns pormenores acerca de Catarina, expunha-se a mentir ou a dilacerar o coração do pai, e abria novamente as feridas que ainda lhe vertiam sangue na alma.

Abafou um suspiro, e escreveu como *post-scriptum*:

“A Sr^a. Billot, a menina Catarina e toda a família passam sem novidade, e recomendam-se muito à lembrança do Sr. Billot.”

Desta forma, não se comprometia Pitou nem a si, nem a ninguém.

O comandante das forças de Haramont, mostrando aos iniciados o ofício que ia partir para Paris, limitou-se a dizer-lhes:

- Ei-lo aqui!

E foi deitar a carta na caixa do correio.

A resposta não se demorou muito.

Dalí a dois dias, chegou a Haramont um expresso a cavalo, que perguntou pelo Sr. Ângelo Pitou.

Houve logo grande rumor no lugar, e os milicianos todos deram evidentes e significativos sinais da ansiedade em que estavam.

O correio vinha montado num cavalo branco coberto de espuma.

Imagine-se o efeito que produziu, e que sobressalto e palpitar de coração não causaria a Pitou.

Este aproximou-se a tremer, e mudou de cor ao pegar no maço que lhe apresentou, sorrindo-se, o oficial encarregado dos despachos.

Era a resposta do Sr. Billot, escrita pela letra de Gilberto.

Billot recomendava a Pitou que moderasse o seu patriotismo, e remetia-lhe uma ordem do Sr. general Lafayette, referendada pelo ministro da guerra para armar a guarda nacional de Haramont.

Aproveitava para lha enviar, a ida de um oficial que havia sido incumbido de armar, em nome do general Lafayette, a guarda nacional de Laon e da Soissons.

A ordem era concebida nestes termos:

“Todos os indivíduos que possuírem mais de uma espingarda e um terçado, serão obrigados a pôr as demais à disposição dos chefes dos corpos de cada departamento”.

“A presente determinação terá execução em todo o território da província.”

Pitou, corando de alegria, agradeceu ao oficial, que tornou a sorrir e marchou imediatamente para o seu destino.

Portanto Pitou chegara ao cúmulo das honras; recebia directamente despachos do general Lafayette e dos ministros.

E estes despachos serviam às mil maravilhas para o bom êxito dos planos e das ambições de Pitou.

A descrição do efeito que produziu esta visita nos eleitores de Pitou seria trabalho impossível. Desde já declaramos que não nos atrevemos a empreendê-lo.

Todavia, ao ver aqueles rostos comovidos e de olhos brilhantes, o alvoroço da população, e o respeito profundo com que todos começaram logo a tratar Ângelo Pitou, o observador mais incrédulo não poderia deixar de confessar que o nosso herói estava destinado a ser um grande personagem.

Os eleitores pediram todos sucessivamente licença para ver e apalpar o selo do ministério, favor este que Pitou lhes concedeu benignamente.

E apenas se viu só com os iniciados, disse:

- Cidadãos, os meus planos, conforme tinha previsto, não falharam. Escrevi ao general Lafayette, ponderando-lhe o desejo que haviam manifestado de se constituírem em guarda nacional, e a escolha que de mim haviam feito para seu comandante. Leiam o sobrescrito do ofício, que me dirigiu o ministro.

E apresentou-lhes o despacho, nas costas do qual se lia:

*Ao Sr. Ângelo Pitou,
Comandante da guarda nacional de Haramont*

- Fui pois - prosseguiu Pitou - aceito e reconhecido pelo general Lafayette como comandante da guarda nacional. Por conseguinte, ficam igualmente reconhecidos e aceitos como guardas nacionais pelo general Lafayette e pelo ministro da guerra.

Um imenso grito de contentamento e de admiração fez tremer as paredes do pardieiro em que Pitou habitava.

- Pelo que respeita ás armas, tenho um meio para as haver.

Tratem quanto antes de eleger um tenente e um sargento. Essas duas autoridades acompanhar-me-ão nos passos que tenho a dar.

Os circunstantes olharam uns para os outros como perplexos.

- Qual é o seu parecer, Pitou? - perguntou Maniquet.

- Com isso nada tenho - replicou Pitou com certa dignidade - e não devo por forma alguma influir nas eleições; vão reunir-se fora das minhas vistas; nomeiem os dois chefes que designei, mas escolham-nos bons. É quanto tenho a dizer-lhes. Vão!

Conservou-se absorto na sua glória, enquanto os eleitores disputavam entre si, lá fora, uma parcela do poder militar que devia reger Haramont.

A eleição durou uma hora. Ficaram afinal nomeados o tenente e o sargento: a escolha recaiu, para sargento, em Cláudio Tellier, e para tenente, em Desiré Maniquet. Voltaram então à presença de Ângelo Pitou, que os reconheceu e aclamou.

Depois, assim que findou a cerimónia, disse:

- Agora, senhores, é preciso não perdermos um momento.

- Sim, sim, vamos já aprender o exercício! - exclamou um dos mais entusiastas.

- Esperem um instante - retorquiu Pitou - antes de começarmos com o exercício, procuremos primeiro as espingardas.

- É muito justo - disseram os chefes.

- Mas enquanto não vêm as espingardas, não poderemos estudar com paus?

- É preciso fazermos as coisas militarmente - respondeu Pitou, querendo refrear o ardor geral, por isso que não se sentia habilitado a dar lições de uma arte que nada sabia ainda. - Que cena grotesca não seria a que representassem soldados aprendendo o exercício de fogo com paus? Não comecemos por ser ridículos.

- É assim - responderam todos. - Venham as espingardas!

- Acompanhem-me, pois, tenente e sargento - disse ele para os seus inferiores - e vocês esperem aqui por nós.

Respeitoso assenso foi a resposta unânime.

- Ainda temos seis horas de dia. É de sobejo para irmos a Villers-Cotterets tratar do nosso negócio e voltarmos.

- Em frente, dobrado, marche! - bradou Pitou.

O estado-maior do exército de Haramont pôs-se logo a caminho.

Porém, quando Pitou tornou a ler a carta de Billot, para ficar bem certo de que não era um sonho tamanha ventura, achou nela esta frase de Gilberto, que lhe tinha escapado.

“Por que motivo se esqueceu Pitou de dar notícias de Sebastião ao Sr. Gilberto?

Por que razão não escreve Sebastião ao seu pai?”

Pitou triunfa

O abade Fortier, coitado, estava longe de supor qual fosse o crédito de que Ângelo Pitou gozava para com os chefes do governo, e que tempestade lhe tinha preparada a sua profunda diplomacia.

Estava entretido em demonstrar a Sebastião que as más companhias são a perdição de toda a virtude e de toda a inocência, e que Paris é uma voragem, onde até os próprios anjos se corromperiam se, a exemplo dos que se extraviaram na estrada de Gomorra, não subissem prontamente para o céu; e encarando pelo lado trágico a visita de Pitou, anjo decaído, aconselhava a Sebastião, com toda a eloquência de que era susceptível, que se conservasse bom e verdadeiro realista.

Devemos, todavia, observar que as palavras “bom e verdadeiro realista” estavam longe de ter para o abade Fortier a mesma significação que lhes dava o insigne doutor Gilberto.

O bom do abade esquecia que, vista aquela diferença na maneira de entender as mesmas palavras, a sua propaganda era uma acção má, porque estava diligenciando armar, se bem que involuntariamente, o espírito do filho contra o do pai.

Contudo, forçoso é confessarmos que não encontrava nele as melhores disposições.

Coisa singular! Na idade em que as crianças ainda são a branda argila de que fala o poeta, na idade em que sempre costumam conservar a marca de qualquer cunho que nelas se estampe, já Sebastião era homem pela resolução e pela tenacidade das idéias.

Quem poderia ver nele o filho do sangue aristocrático, a quem tamanho horror causava um plebeu?

Ou seria aquilo realmente o resultado da aristocracia do plebeu, que em Gilberto chegava ao estoicismo?

O abade Fortier não era capaz de sondar semelhante mistério: sabia que o doutor era um patriota um tanto exaltado, e com a ingenuidade própria de um eclesiástico, procurava reformar-lhe o filho, para bem do rei e de Deus.

Todavia, Sebastião, apesar da atenção com que o ouvia, não fazia caso dos conselhos; pensava nas vagas visões de outra era, que havia algum tempo tinham tornado a persegui-lo por entre as árvores frondosas da tapada de Villers-Cotterets, quando o abade Fortier levava os seus discípulos a passeio para o sítio da Pedra-Clouise, do monte de Saint-Hubert, ou da Tour-Aumont; alucinações que formavam para ele como que uma segunda vida a par da vida natural, uma vida mentida de felicidades poéticas junto do indolente prosaísmo dos dias passados nos estudos e no colégio.

De repente, o portão da rua de Soissons, empurrado com certa violência, abriu-se por si mesmo e franqueou a entrada a uns poucos de homens.

Era o *maire* da vila de Villers-Cotterets, acompanhado pelo seu substituto e pelo escrivão da *mairie*.

Por detrás deles apareciam dois chapéus de soldados da polícia e mais além viam-se cinco ou seis cabeças de curiosos.

O abade, assustado, caminhou logo para o *maire*.

- Então que novidade temos, Sr. Longpré? – perguntou ele.

- Sr. abade - respondeu este com gravidade - já teve conhecimento do novo decreto do ministro da guerra?

- Não, Sr. *maire*.

- Então tenha o incómodo de o ler.

O abade pegou no despacho e leu-o.

Ao passo que lia, ia mudando de cor.

- E então! - disse ele bastante aterrado.

- Pois, Sr. abade, estão ali fora os senhores da guarda nacional de Haramont à espera da entrega duma porção de armas.

O abade deu um pulo como se pretendesse engolir os senhores da guarda nacional.

Pitou, então, julgando chegada a ocasião de se mostrar, aproximou-se acompanhado do seu tenente e do seu sargento.

- Ei-los aqui - disse o *maire*.

O abade passara da cor branca à carmesim.

- Que! Estes marotos! - exclamou ele - estes brejeiros!

O *maire* era um bom homem, que ainda não adoptara definitivamente uma opinião política; poupava, como se costuma dizer, a cabra e a couve; não queria malquistar-se nem com Deus nem com a guarda nacional.

As invectivas do abade Fortier excitaram nele uma estrondosa gargalhada, com que dominou a situação.

- Ouviram como o abade trata a guarda nacional de Haramont? - disse ele para Pitou e para os seus dois oficiais.

- É que o Sr. abade Fortier conheceu-nos crianças e persuade-se que ainda deve tratar-nos como tais respondeu Pitou em tom plácido e melancólico.

- Mas as crianças tornaram-se em serpentes - bradou o abade enraivecido.

- Sim, e serpentes que hão-de picar quem as agredir - disse o sargento Cláudio.

O *maire* pressentiu nestas ameaças toda a revolução futura.

O abade adivinhou nelas o seu martírio, e perguntou:

- Finalmente, que pretendem de mim?

- Quer-se uma parte das armas que tem aqui - disse o *maire* procurando conciliar tudo.

- Essas armas não são minhas - respondeu o abade.

- Então de quem são?

- Pertencem a Sua Alteza o Sr. duque de Orleans.

- É assim, Sr. abade - disse Pitou; - mas isso não obsta.

- Como! Isso não obsta? - replicou o abade.

- É assim mesmo - retorquiu Pitou; - vimos pedir-lhe as armas apesar disso.

- Pois escreverei ao Sr. duque - disse majestosamente o abade.

- O Sr. abade esquece-se de que essa demora de nada servirá - disse-lhe o *maire* a meia voz. - O Sr. duque, se o consultarem, responderá que é preciso entregar aos patriotas, não as espingardas dos Ingleses seus inimigos, mas até as peças de artilharia do seu avô Luís XIV.

Esta verdade causou dolorosa impressão no abade Fortier, que murmurou:

- *Circumdedisti me hostibus meis.*

- Sim, Sr. abade - disse Pitou - isso é verdade, mas só pelo que toca aos seus inimigos políticos, e nós só odiamos no senhor o mau patriota.

- Toleirão! - exclamou o abade Fortier num momento de exaltação, que lhe deu certa eloquência - toleirão absurdo e perigoso! Qual de nós é melhor patriota, eu, que quero guardar as armas para que haja paz na minha pátria, ou tu, que as pedes para que sejam instrumentos de discórdia e de guerra civil? Qual de nós é melhor filho, eu, que só pretendo um ramo de oliveira para festejar a nossa mãe comum, ou tu, que buscas ferro para lhe rasgares o seio?

O *maire* voltou a cara para o lado a fim de ocultar a comoção, e aproveitou o ensejo para fazer, furtivamente, um sinal ao abade, que significava:

- Muito bem!

O substituto, qual outro Tarquínio, começou a derrubar flores com a bengala.

Ângelo ficou confundido.

Os seus dois subalternos, vendo-o assim, encrespavam as sobrancelhas.

Sebastião conservou-se impassível como um rapaz espartiatá.

Chegou-se a Pitou e perguntou:

- De que se trata, Pitou?

Este contou-lhe o caso em duas palavras.

- A ordem vem assinada? - disse a criança.

- Pelo ministro, e pelo general Lafayette, e é escrita por teu pai.

- Nesse caso - replicou o menino com altivez – por que motivo hesitam em obedecer?

E ao dizer estas palavras, as pupilas dilatadas, o tremor das ventas, e o enrugado da fronte revelavam o implacável espírito dominador das duas raças que o haviam gerado.

O abade ouviu com pasmo as palavras saídas da boca daquela criança, arrepiou-se e abaixando a cabeça, murmurou:

- Três gerações de inimigos contra nós!

- Vamos, Sr. abade - disse o *maire* - é forçoso cumprir a ordem.

O abade deu um passo pegando nas chaves, que trazia pependentes à cinta, e exclamou:

- Não! Mil vezes não! Não me pertencem, e esperarei que venha uma ordem expressa do seu directo senhor para as entregar.

- Ah! Sr. abade - disse o *maire*, que não podia deixar de reprovar.

- Isso é ser rebelde - disse Sebastião ao abade; - tome sentido, senhor!

- *Tu quoque!* - murmurou o abade cobrindo-se com a sotaina para imitar o gesto de César.

- Ora vamos, Sr. abade - disse Pitou - fique certo de que as armas hão-de ser empregadas com proveito para a felicidade da pátria.

- Cala-te, Judas! - respondeu o abade; - já atraíçoaste o teu velho mestre, porque não atraíçoarás também a pátria?

Pitou, esmagado pela sua consciência, curvou a fronte. O passo que dera seria de um hábil comandante, mas era pouco próprio de um coração leal.

Porém, ao abaixar a cabeça, olhou de revés para os dois subalternos, e pareceu-lhe vê-los agastados por terem um chefe tão túbio.

Pitou logo percebeu que, se não levasse a sua avante, ficava privado de prestígio.

O orgulho deu vigor às molas daquele valente campeão da revolução francesa.

Portanto, erguendo a cabeça, disse:

- Sr. abade, apesar do profundo respeito que lhe consagro como meu antigo mestre, é do meu dever não deixar passar sem comentário as palavras injuriosas que me dirigiu.

- Ah! Tu comentas agora? - disse o abade, pensando que atrapalharia Pitou.

- Sim, Sr. abade, comento, e já lhe mostro que os meus comentários são justos - prosseguiu Pitou. - Chama-me traidor porque me negou por bem as armas, que lhe pedia com um ramo de oliveira na mão, e venho hoje arrancar-lhe com uma ordem do governo. Pois, Sr. abade, prefiro que se diga que atraíçoei os meus deveres, a ser acusado de haver concorrido com o senhor para favorecer a contra-revolução. Viva a pátria! Às armas! Às armas!

O *maire* fez para Pitou um aceno igual ao que tinha feito ao abade, dizendo:

- Ah! Muito bem! Muito bem!

Este discurso teve com efeito um resultado fulminante para o abade, e produziu como que um choque eléctrico nos demais circunstantes.

O *maire* eclipsou-se depois de ter feito sinal ao substituto para que ficasse.

O substituto, bem teria querido eclipsar-se também, porém a ausência das duas autoridades principais da vila não poderia deixar de dar muito na vista.

Seguiu, pois, com o seu escrivão os soldados da polícia, os quais seguiram também os três guardas nacionais na direcção do museu, de que Pitou sabia perfeitamente o caminho, visto ter sido criado no aprisco.

Sebastião, pulando como um leãozinho, foi correndo atrás dos patriotas.

Os outros rapazes do colégio olhavam para tudo aquilo como aparvalhados.

Quanto ao abade, esse, depois de ter aberto a porta do museu, deixou-se cair semimorto de cólera e de vergonha na primeira cadeira que encontrou.

Os dois assessores de Pitou, apenas entraram no museu, queriam pilhar tudo, porém a honrada timidez do chefe dos guardas nacionais interveio novamente.

Contou quantos eram os guardas nacionais do seu comando, e como eram trinta e três, mandou escolher trinta e três espingardas unicamente.

E como podia dar-se o caso de terem de entrar em fogo, e se tal sucedesse Pitou tencionava não ficar atrás dos mais, apartou também para si uma espingarda, mais curta e mais leve do que as outras, e própria para oficial, sendo contudo de calibre, e tão capaz de meter uma carga de chumbo num coelho ou numa lebre, como uma bala no corpo de um falso patriota ou de um prussiano.

Além da espingarda, escolheu igualmente uma espada direita como a do Sr. de Lafayette, espada que talvez pertencesse em outro tempo a algum herói de Fontenoy ou de Philipsbourg, e que ele afevelou à cinta.

Os seus dois colegas carregaram cada um deles com doze espingardas, e era tal a satisfação que sentiam, que não vergaram debaixo de tão enorme peso.

Pitou tomou à sua conta o resto.

Puseram-se a caminho pela tapada para não atravessar Villers-Cotterets e evitar qualquer escândalo.

Demais a mais, era aquele o caminho mais curto.

A ida por ali tinha ainda outra vantagem, e era a nenhuma probabilidade que havia de encontrarem por aqueles lados os três oficiais partidários de uma idéia contrária às suas.

Pitou não tinha receio da luta, e o facto de ter escolhido uma espingarda para o que pudesse suceder, dava prova do seu valor. Porém Pitou tornara-se homem de reflexão, e desde que reflectia, observara que uma espingarda serve muito bem para um homem se defender, mas que uma carregação de espingardas não preenche o mesmo fim.

Os nossos três heróis carregados com aqueles despojos óptimos, atravessaram a tapada a correr e chegaram a um sítio onde pararam para descansar. Afinal, esbaforidos e escorrendo suor com tão gloriosa fadiga, conseguiram meter em casa de Pitou o depósito precioso, que a pátria acabava de lhes confiar, um pouco cegamente talvez.

Houve reunião da guarda nacional naquela mesma tarde e o comandante Pitou entregou uma espingarda a cada soldado, dizendo-lhes, como as mães espartiatas aos filhos, quando lhes davam os escudos:

“Com ela, ou em cima dela.”

Houve então naquela comuna insignificante, assim transformada pelo génio de Pitou, uma efervescência semelhante à de um formigueiro em dia de tremor de terra.

A grande alegria que a posse de uma espingarda causava àqueles homens tão propensos a caçarem nas terras alheias, e enraivecidos pela longa opressão que há muito sobre eles haviam feito pesar os couteiros, fez com que Pitou se tornasse a seus olhos um deus sobre a terra.

Esqueceram-se das imensas pernas, dos compridíssimos braços, dos grossíssimos joelhos, da monstruosa cabeça, e até esqueceram todos os antecedentes grotescos do seu herói; foi unicamente proclamado, e ficou sendo o génio tutelar da terra durante o tempo que o louro Febo levou a fazer a sua visita à bela Anfitrite.

Todo o dia seguinte empregaram os entusiastas em manusear e açacular as armas com o instinto de entendedores; uns examinando se o fuzil era bom, outros cogitando no modo de restabelecer a desigualdade da sorte que lhes dera uma arma de inferior qualidade.

Durante este tempo, Pitou, recolhido no seu quarto, como o grande Agamemnon na sua tenda, meditava, enquanto os outros poliam as espingardas, e dava tratos ao cérebro enquanto os seus soldados esfolavam as mãos.

Em que meditava Pitou? perguntará o leitor movido pela sua simpatia por aquele génio nascente.

Pitou, tornado pasto dos povos, meditava na pouca estabilidade das grandezas deste mundo.

Com efeito, estava chegando o momento em que havia de desmoronar-se aquele edifício, que tanto lhe custara a levantar.

As espingardas tinham sido entregues desde a véspera. O dia todo havia de ser empregado em pô-las em estado de servir. No seguinte teria ele de ensinar o exercício aos seus soldados, e Pitou não sabia sequer a primeira voz de carga em doze tempos.

Pitou sempre carregava a sua arma conforme podia, e sem contar os tempos.

A respeito de manobras ainda o caso era pior.

Ora, de que servia um comandante da guarda nacional que não sabia ensinar a carregar em doze tempos e que nada entendia de manobras?

Quem escreve estas linhas conheceu um assim; e deve dizer-se em abono da verdade que era um compatriota de Pitou.

Portanto, conforme dissemos, Pitou meditava, com a cabeça encostada às mãos, os olhos esbugalhados e o corpo imóvel.

César nas brenhas silvestres da Gália, Aníbal perdido nos Alpes cobertos de neve, Colombo navegando à toa por um Oceano que não conhecia, nenhum destes homens reflectiu nunca mais solenemente em face de um perigo ainda ignorado, nem votou mais profundamente o pensamento aos *Dei ignotis*, divindades terríveis que possuem o segredo da vida e da morte, do que Pitou durante tão largo dia.

- Oh! - dizia ele consigo - o tempo vai-se passando, o dia de amanhã aproxima-se, e amanhã aparecerá às vistas de todos o nada que eu sou

“Amanhã o guerreiro esforçado que tomou a Bastilha será tratado de imbecil pela assembléa toda dos Haramonteses, como o foi... nem eu sei já quem, pela assembléa dos Gregos.

“Hoje sou um triunfador, amanhã hei-de ser apupado!

“Pois não o hei-de ser. Não quero que tal me suceda. Catarina viria a sabê-lo, e eu ficaria desacreditado.”

Pitou parou um instante para tomar o fôlego.

- Que meios tenho para sair deste aperto? - perguntou ele a si mesmo.

“A audácia!

“Não, não, a audácia pode durar um minuto, e o exercício à prussiana tem doze tempos.

“Mas que idéia tão célebre a de ensinarem Franceses a fazer exercício à prussiana!

“Se lhes dissesse que não quero, como bom patriota que sou, ensinar aos Franceses exercício à prussiana, e se inventasse um exercício mais nacional?

“Não pode ser... atrapalhava-me.”

“Já vi uma vez, na feira de Villers-Cotterets, um macaco que fazia exercício, mas fazia-o provavelmente à moda dos macacos, sem regularidade.

“Ah! - exclamou de repente - agora me ocorreu uma idéia!”

E abrindo logo o compasso que as suas imensas pernas formavam, ia a começar a transpor o espaço, quando o deteve uma reflexão.

- O meu desaparecimento daria que cismar - disse ele; - prevenamos a minha gente.

Abrindo então a porta, chamou Cláudio e Désiré, e falou-lhes nestes termos:

- Destinem o dia de depois de amanhã, para o primeiro exercício.

- E por que não há-de ser amanhã? - perguntaram os dois oficiais inferiores.

- Porque estão ambos cansados - replicou Pitou - e antes de instruir os soldados quero instruir primeiro os chefes. E demais - prosseguiu Pitou em tom severo - peço-lhes que se acostumem a obedecer-me sem a menor observação, principalmente quando se tratar de serviço.

Os dois inferiores inclinaram-se.

- Muito bem - disse Pitou - façam o aviso para que haja exercício depois de amanhã às quatro horas da madrugada.

Os dois oficiais inclinaram-se novamente, e como já ;eram nove horas da noite, foram deitar-se.

Pitou deixou-os ir. Depois, mal voltaram a esquina da rua, deitou a correr na direcção oposta, e dentro em cinco minutos chegou a um sítio da mata onde o arvoredo era mais alto e

copado.

Vejamos agora qual era a idéia salvadora que havia ocorrido a Pitou.

LXVII

O tio Clouis e a Pedra-Clouise, e de que modo Pitou veio a ser mestre de tática e adquiriu um bom garbo militar

Pitou foi correndo sem interrupção durante cerca de meia hora, embrenhando-se pela parte mais agreste e sombria da mata.

Existia ali, entre aquelas árvores frondosas, e três vezes seculares, encostado a um imenso rochedo e no meio de sarças formidáveis, uma choupana construída havia trinta e cinco ou quarenta anos, na qual havia um personagem que, por seu próprio interesse, se conservara envolvido em certo mistério.

A choupana, cavada em parte na terra, e em parte tecida com ramos de árvores e troncos secos, só recebia luz e ar por um buraco aberto na parte superior.

O fumo azulado, que às vezes saía desse buraco, era o único indício que dava a conhecer a existência daquela choupana bastante parecida com as choças dos ciganos de Albaycin.

A não ser esta circunstância, ninguém, à excepção dos couteiros, dos caçadores, dos ladrões de caça e dos camponeses dos arredores, teria adivinhado que aquela cabana servia de morada a um homem.

Todavia, existia ali, havia quarenta anos, um velho couteiro reformado, a quem o Sr. duque de Orleans, pai de Luís Filipe, concedera licença para viver na mata, conservar a sua farda e dar um tiro todos os dias num coelho ou numa lebre.

As aves e os veados eram exceptuados.

O velhote tinha, na época a que chegámos, cerca de setenta anos; havia-se chamado primeiro apenas *Clouis* e depois *tio Clouis*, à proporção que a idade se lhe ia adiantando.

O rochedo a que estava encostada a choupana fora baptizado com o nome do seu habitante, e chamavam-lhe a *Pedra-Clouise*.

O velho fora ferido em Fontenoy, e em consequência do ferimento, tinham-lhe amputado uma perna; e daí o motivo por que, tendo ficado reformado muito novo, o duque de Orleans lhe concedera os privilégios de que acabámos de falar.

O tio Clouis nunca entrava nas aldeias, e só ia uma vez por ano a Villers-Cotterets para comprar 365 cargas de pólvora e chumbo, ou 366 nos anos bissextos.

Nesse mesmo dia levava à loja do Sr. Cornu, sombreireiro, na rua de Soissons, 365 ou 366 peles, metade de coelhos e metade de lebres, pelas quais o fabricante de chapéus lhe dava 75 francos.

E quando dizemos 365 peles nos anos ordinários, e 366 nos anos bissextos, não cometemos o menor engano, pois o tio Clouis, tendo autorização para dar um só tiro de espingarda por dia, arranjava as coisas por forma tal que de cada tiro matava sempre uma lebre ou um coelho.

E como nunca dava um tiro para mais nem para menos do que os 365 que lhe era permitido dar nos anos ordinários, e os 366 nos anos bissextos, o tio Clouis matava à justa 183 lebres e 182 coelhos nos anos ordinários, e 183 lebres e 183 coelhos nos anos bissextos.

A carne dos animais que matava dava-lhe para o sustento, porque quando não a comia, vendia-a.

Com o produto das peles, como já dissemos, comprava pólvora e chumbo, e ia formando um capital.

Além de tudo isto, o tio Clouis emprendia uma pequena especulação uma vez cada ano.

A pedra a que estava encostada a sua choupana oferecia um lugar inclinado como um telhado.

Este plano apresentava um espaço de dezoito pés na sua maior superfície.

Um objecto qualquer que se collocasse na extremidade superior descia brandamente pelo seu próprio peso até à extremidade inferior.

O tio Clouis começou a espalhar pelas aldeias dos arredores, por intervenção das mulheres que lhe vinham comprar as lebres ou os coelhos, que as raparigas que no dia de S. Luís viessem escorregar três vezes do alto da sua pedra até abaixo, casariam sem falta no decurso de um ano.

No primeiro ano vieram muitas raparigas, porém nenhuma se atreveu a escorregar.

No ano seguinte, aventuraram-se três, das quais casaram duas antes do fim do ano; quanto à terceira, que ficou solteira, afirmou o tio Clouis afoitamente que se não tinha achado marido era por não ter escorregado com a mesma fé que as outras.

No ano imediato concorreram todas as raparigas dos lugares vizinhos e escorregaram.

O tio Clouis declarou que não era possível que houvesse rapazes suficientes para tantas raparigas; apesar disso, porém, um terço daquelas que escorregassem com mais fé haviam de casar.

Casou com efeito um grande número. A datar daquele momento estabeleceu-se a reputação matrimonial da *Pedra-Clouis*, e ficou havendo todos os anos uma dupla função no dia de S. Luís, era função na vila e função na mata.

O tio Clouis pediu então um privilégio. Como não se podia passar o dia todo a escorregar sem comer nem beber, quis ter, durante o dia 15 de Agosto, o monopólio da venda de comes-e-bebes aos rapazes e raparigas que ali concorriam, porque os rapazes haviam conseguido persuadir as raparigas de que para que fosse infalível a virtude do rochedo, era necessário que escorregassem juntos e ao mesmo tempo.

Havia trinta e cinco anos que assim vivia o tio Clouis. A gente da terra tratava-o como os Árabes tratam os seus marabus. Tinha passado a ser uma espécie de legenda.

Mas o que, sobretudo, preocupava os caçadores e causava suma inveja aos couteiros, era ser caso averiguado que o tio Clouis não disparava em cada ano mais do que 365 tiros de espingardas, e que destes 365 tiros que disparava, empregava 183 em lebres e 182 em coelhos.

Por mais de uma vez, fidalgos de Paris, convidados pelo duque de Orleans a irem passar alguns dias no castelo, ouvindo contar a história do tio Clouis, tinham ido depositar, conforme a sua generosidade, um Luís ou um escudo na mão do velhote, a ver se obtinham dele que lhes descobrisse aquele segredo tão extraordinário de um homem que disparava 365 tiros de espingarda acertando sempre.

Porém o tio Clouis nunca tinha podido dar-lhes outra explicação senão esta: no exército acostumara-se a matar um homem a cada tiro de bala que dava com aquela mesma espingarda. Depois tinha conhecido que ainda era mais fácil matar uma lebre ou um coelho com uma chumbada do que matar um homem com uma bala.

E àqueles que lhe sorriam quando lhe ouviam dizer isto, perguntava o tio Clouis:

- Por que motivo atira, se não tem a certeza de acertar?

Palavras estas dignas de figurarem num catálogo de bernardices, se não fora a singular infalibilidade daquele emérito caçador.

- Mas - perguntavam então os curiosos - qual é a razão por que o Sr. duque de Orleans, pai, que era tão generoso, só lhe concedeu licença para dar um tiro de espingarda por dia?

- Porque o Sr. duque conhecia-me bem, e sabia que não era preciso mais.

A curiosidade deste espectáculo e a singularidade desta teoria rendiam, uns anos por outros, uns dez luíses ao velho anacoreta.

Ora, como ele ganhava outro tanto com as suas peles de coelho e com a festa, que ele mesmo instituía, e só gastava dinheiro em comprar um par de polainas, ou mais exactamente, uma polaina de cinco em cinco anos, e uma farda de dez em dez, o tio Clouis estava muito longe de ser infeliz.

Bem pelo contrário, era voz corrente que ele tinha seu pecúlio escondido, e que a pessoa

que dele herdasse não fazia mau negócio.

Tal era o personagem singular com quem Pitou ia ter, alta madrugada, quando lhe ocorreu a famosa idéia que devia, pensava ele, tirá-lo do embaraço mortal em que se achava.

Mas, para encontrar o tio Clouis, era necessária muita destreza.

Clouis, à semelhança do velho pastor dos rebanhos de Neptuno, não se deixava agarrar logo à primeira avançada. Diferenciava perfeitamente o importuno, que nenhum proveito dava, do rico ocioso, e se para estes últimos já era sofrivelmente sacudido, imagine-se com que ferocidade ele não expulsaria a primeira casta de maçadores.

Clouis estava deitado na sua cama de urzes, encosto admirável e aromático, que lhe fornecia a mata no mês de Setembro, e que ele renovava em Setembro do ano seguinte.

Seriam onze horas da noite, o tempo estava claro e fresco.

Para chegar à cabana do tio Clouis havia forçosamente de atravessar-se um grupo de carvalhos tão chegados uns aos outros, ou um silvado de sarças tão denso, que o ruído dos ramos quebrados ou dos rasgões que faziam os espinhos sempre anunciava ao cenobita a aproximação de um estranho.

Pitou fez muita mais bulha do que se fora um simples personagem. O tio Clouis estava acordado, ergueu a cabeça e escutou.

Sucedeu estar o tio Clouis precisamente naquele dia de mau humor. Tinha-lhe acontecido um desastre terrível, que o tornava inacessível até aos mais afáveis dos seus concidadãos.

O desastre terrível era este: a sua espingarda, que lhe tinha servido durante cinco anos para dar tiros de bala, e durante trinta e cinco para tiros de chumbo, arrebentara na ocasião de atirar a um coelho.

Era a primeira pontaria que errava havia trinta e cinco anos.

Porém o maior prejuízo que sofrera o tio Clouis não fora a fuga do coelho, que escapara são e salvo. A explosão ferira-lhe dois dedos da mão esquerda. O ferimento dos dedos pensou-o com ervas mastigadas; a espingarda é que não pôde consertar.

Para alcançar outra espingarda era necessário que o tio Clouis encetasse o seu tesouro, e mesmo assim, por muito grande que fosse o sacrifício que fizesse para obter outra arma, ainda que empregasse na compra a soma exorbitante de dois luíses, quem sabe se seria uma espingarda que nunca errasse fogo, como a que acabava de arrebentar tão desgraçadamente?

Pitou, como se vê, chegava em má ocasião.

E por isso, apenas Pitou levou a mão à tranqueta da porta, o tio Clouis soltou um grunhido, que fez recuar o comandante da guarda cívica de Haramont.

Seria um lobo, ou uma fêmea de javali próxima ao tempo do parto, que teria tomado o lugar do tio Clouis?

Pitou tinha lido outrora a história da menina da *Capinba-vermelha*, por conseguinte hesitou em entrar.

- Olá! Tio Clouis - gritou ele.

- Quem é? - perguntou o misantropo.

Pitou ficou mais sossegado por conhecer a voz do estimável anacoreta.

- Bom, está em casa - disse consigo.

Em seguida deu um passo no interior da choça, e cortejando o dono com a maior amabilidade:

- Boa noite, tio Clouis.

- Quem vem lá? - perguntou o ferido.

- Sou eu.

- Tu, quem?

- Pitou.

- Qual Pitou?

- Ângelo Pitou, de Haramont, não me conhece?

- E então! O que me importa a mim que seja Ângelo Pitou, de Haramont?

- Oh! Oh! O tio Clouis não está de bom humor; vim acordá-lo em má ocasião - disse Pitou em tom meigo.

- Disseste bem, em muito má ocasião.

- Visto isso que hei-de fazer agora?

- Oh! O maior favor que me podes fazer será podes-te a andar.

- Pois deveras! Sem conversarmos um bocadinho?

- Conversar, acerca de quê?

- De um obséquio que desejo que me faça, tio Clouis.

- Não costumo obsequiar a ninguém de graça.

- Pago sempre a quem me obsequia.

- Pode ser, mas eu para nada sirvo já.

- Como assim?

- Já não mato coelhos.

- O quê! Já não mata coelhos? O senhor, que tinha uma pontaria tão certa? Isso não pode ser, tio Clouis.

- Vai-te embora, já to disse.

- Meu tiozinho Clouis...

- Estás-me quebrando a paciência.

- Atenda-me; que não há-de arrepender-se.

- Vamos lá, em poucas palavras... Que pretendes de mim?

- Foi soldado noutro tempo, não é verdade?

- Fui, sim, e depois?

- Pois bem, tio Clouis, eu quero...

- Anda, acaba, maroto!

- Quero que me ensine a fazer exercício.

- Estás maluco?

- Não estou, tenho os miolos perfeitamente sãos. Ensine-me a fazer exercício, tio Clouis, e depois conversaremos a respeito do preço.

- Ora esta! Não sofre dúvida, este animal está doido! - disse desabridamente o veterano assentando-se na sua cama de urzes.

- Tio Clouis, diga: sim ou não, ensina-me o exercício em doze tempos, como se faz no exército? Depois peça-me o que quiser.

O velho levantou-se sobre o joelho, e fitando os olhos espantados em Pitou, perguntou:

- O que quiser?

- Sim.

- Pois então sabe que a coisa de que mais preciso é duma espingarda.

- Ah! Em boa hora teve essa lembrança - disse Pitou - porque posso dispor de trinta e quatro espingardas.

- Tens trinta e quatro espingardas, tu?

- E até a trigésima quarta que eu tinha apartado para meu uso, há-de servir-lhe perfeitamente. É uma bonita arma de sargento com as armas reais douradas na culatra.

- E como te foi ela parar às mãos? Presumo que não a furtaste?

Pitou, em breves palavras, contou-lhe a sua história com franqueza e lealdade.

- Bom - disse o velho coureiro - já percebo. Estou pronto a ensinar-te o exercício, mas tenho os dedos estropiados.

E contou então a Pitou o desastre que lhe sucedera.

- Está bom! - replicou Pitou - não lhe dê cuidado a espingarda, por que já tem outra para a substituir. Agora, pelo que diz respeito aos dedos... Desses não tenho eu trinta e quatro como as espingardas.

- Oh! Os dedos... Nada fazem ao caso, contanto que me prometas que hei-de ter aqui a espingarda amanhã; anda comigo.

E dizendo isto, ergueu-se da cama.

A lua, no seu zénite, espargia torrentes de luz esbranquiçada sobre a espécie de largozinho que havia em frente da choça.

Pitou e o tio Clouis foram para o meio do tal largozinho.

Quem visse em tamanha solidão aquelas duas sombras pretas gesticulando, havia de sentir necessariamente um terror misterioso.

O tio Clouis pegou na sua espingarda inutilizada, que mostrou a Pitou com um suspiro. Ensinou-lhe em primeiro lugar a posição de um soldado na forma.

Era curioso ver como se endireitava subitamente o veterano, que sempre andava dobrado pelo hábito de passar por debaixo de arbustos e silvados, e agora, remoçado pelas recordações do regimento e pela fadiga do exercício, sacudia a cabeça coberta de cãs, a qual com todo o garbo militar lhe assentava muito bem nos ombros secos, largos e robustos.

- Olha bem para mim - dizia ele a Pitou - olha bem! É com os olhos que se aprende. Quando tiveres visto o que faço, trata de imitar-me, e verei se vais bem.

Pitou procurou imitá-lo.

- Endireita os joelhos, deita os braços para trás, move a cabeça com desembaraço; firma-te na base, com todos os demónios! Firma-te na base, que a teus pés não lhes falta largura para poderem contigo.

E Pitou obedecia-lhe da melhor forma que lhe era possível.

- Muito bem - disse o ancião - tens garbo sofrível.

Pitou ficou satisfeitiíssimo por ter sofrível garbo. Não esperava tamanha ventura.

E de feito, se ao cabo de uma hora de exercício unicamente, tinha já suficiente garbo, que faria ao cabo de um mês? Havia de ter certamente um ar majestoso.

E por isso queria continuar.

Mas já tinha bastante para uma primeira lição.

Além disso o tio Clouis não se queria adiantar muito sem ter primeiro a espingarda na mão.

- Nada - disse ele - basta para a primeira vez. Ensina-lhes isto que aprendeste para primeira lição, e ainda assim aposto que não a ficarão sabendo antes de quatro dias, e tu, durante esse tempo, podes vir aqui mais vezes.

- Quatro vezes! - exclamou Pitou.

- Ah! Ah! - respondeu friamente o tio Clouis - tens zelo e boas pernas, pelo que vejo. Pois sim, vem quatro vezes, se quiseres, mas desde já te previno que estamos no fim do último quarto de lua, e que amanhã não teremos luar.

- Nesse caso, iremos fazer exercício para a gruta - disse Pitou.

- Então, é preciso que tragas velas.

- Um arrátel, ou dois se for necessário.

- Bom. E a minha espingarda?

- Tê-la-á amanhã.

- Olha que conto com isso. Vejamos se te lembras do que te ensinei?

Pitou repetiu a lição tão bem que obteve louvores. Era tal o seu contentamento, que teria prometido uma peça de artilharia ao tio Clouis.

Concluída que foi esta segunda lição, como era já quase uma hora da madrugada, despediu-se do seu instrutor e voltou mais devagar, é verdade, mas ainda assim com um passo bastante rasgado, para a aldeia de Haramont, onde toda a gente, guardas nacionais e simples pastores, se achavam totalmente entregues ao profundo sono.

Ángelo Pitou sonhou que estava comandando um exército de muitos mil homens, ensinando a todo o universo, formado numa só fila, o movimento de *marcar passo* e de *ombro armas!* que ia acabar na extremidade do vale de Josafat.

Logo no dia seguinte, deu, ou antes repetiu a sua lição aos soldados, com uma tal insolência de atitudes e uma tal afoiteza na demonstração, que elevou ao maior auge o muito

crédito de que já gozava.

Ó popularidade, um sopro te dá vida, outro te destrói!

Pitou tornou-se popular, e foi objecto de admiração para homens, crianças e velhos.

As próprias mulheres conservavam o seu sério, quando, na presença delas, bradava com voz de estentor aos seus trinta soldados formados a um de fundo:

- Mais garbo! Com todos os demónios! Olhem para mim.

E tinha efectivamente muito garbo!

LXVIII

Catarina também faz diplomacia

O tio Clouis teve a sua espingarda. Pitou era rapaz honrado: para ele o prometido era devido.

Mais dez visitas iguais à primeira tornaram Pitou um granadeiro perfeito.

Infelizmente, o tio Clouis não sabia tão bem a manobra como o exercício: depois de ter ensinado ao seu discípulo a volta, a meia volta e as conversões, achou-se esgotada a sua ciência.

Pitou recorreu então ao *Prático francês* e ao *Manual da guarda nacional*, que tinham saído à luz recentemente, e em cuja aquisição empregou a soma de um escudo.

Graças ao sacrifício generoso do seu comandante, aprendeu o batalhão de Haramont a mover-se menos mal num campo de manobras.

Depois, quando Pitou conheceu que se iam ampliando os movimentos, deu um passo até Soissons, cidade onde havia uma guarnição militar; viu então manobrar batalhões a valer, comandados por verdadeiros oficiais, e aprendeu ali mais em um dia do que teria aprendido no espaço de dois meses com as teorias.

Assim haviam decorrido dois meses, que tinham sido para o nosso herói sessenta dias de trabalho, fadigas e febre.

Pitou ambicioso, namorado e infeliz nos seus amores, e contudo (fraca compensação) saturado de glória, tinha sacudido asperamente aquilo a que certos filologistas chamaram espiritualmente: a besta.

A besta fora por Pitou desapiedadamente sacrificada à alma. Aquele homem tinha corrido tanto, tinha dado tanto movimento ao corpo e tanto trabalho ao pensamento, que era para admirar que ainda se lembrasse de satisfazer ou de consolar o seu pobre coração.

E todavia assim era.

Quantas vezes, depois do exercício, que quase sempre se seguia ao trabalho nocturno, quantas vezes, dizemos, não tinha Pitou atravessado as planícies de Largny e de Noue em toda a sua extensão, e depois a mata em toda a sua largura, para ir até à extremidade das terras de Boursonne espreitar Catarina que nunca falhava aos encontros amorosos?

Catarina, furtando uma ou duas horas todos os dias aos trabalhos da casa, ia ter a um pavilhão pequeno situado no centro de um terreno dependente do castelo de Boursonne, onde a esperava o adorado Isidoro, aquele feliz mortal, mais altivo, mais galante, quando todos sofriam e se entristeciam em volta dele.

Que de angústias não devorou o pobre Pitou, e que amargas reflexões não faria acerca da desigualdade dos homens em assuntos de felicidade!

Ele, a quem as raparigas de Haramont, Taillefontaine, e de Vivières solicitavam, ele, que também podia, se quisesse, ter seus encontros amorosos na mata, e que, em vez de se pavonear, como um amante favorecido, preferia vir chorar, como criança tosada, em frente daquela porta fechada do pavilhão do Sr. Isidoro.

Era porque Pitou amava apaixonadamente Catarina, e ainda mais se lhe aumentava o amor por conhecer quanto ela lhe era superior em tudo.

Nem já lhe lembrava que ela estivesse apaixonada por outro. Isidoro deixara de ser para

ele objecto de ciúme. Isidoro era fidalgo, galante e digno de ser amado; porém, Catarina, filha do povo, devia ter evitado desonrar a sua família, ou pelo menos não devia ter feito desesperar Pitou.

Estas reflexões dilaceravam-lhe o coração, e causavam-lhe dores bem lancinantes.

- Teve alma de me deixar ir embora - dizia consigo Pitou - e desde que de lá saí, nem sequer se dignou indagar se eu teria morrido de fome. Que diria o tio Billot se soubesse que desamparam assim os seus amigos, e que assim descuram os seus negócios? Que diria se soubesse que a superintendente da casa, em vez de vigiar os trabalhadores, deixa tudo ao abandono para se ir pôr de namoro com o Sr. de Charny, com um aristocrata?

“O tio Billot não diria nada. Era até capaz de matar Catarina.

“Todavia, sempre é alguma coisa, pensava consigo Pitou, ter entre as mãos a possibilidade de uma tal vingança.

“Sim, mas é muito louvável não fazer uso dela.”

Entretanto, Pitou sabia já por experiência que as acções louváveis de que ninguém tem conhecimento nenhum proveito dão aos que as praticam.

Portanto, não haveria algum meio de dar a saber a Catarina que ele era capaz de praticar uma acção louvável?

Não havia nada mais fácil: bastava-lhe chegar ao pé de Catarina algum domingo, quando ela estivesse a dançar, e dizer-lhe, como por acaso, uma dessas palavras terríveis, que revelam aos criminosos que um terceiro está senhor do seu segredo e que o pode declarar.

Quando não fosse senão para ver sofrer um pouco aquela rapariga tão orgulhosa, não era uma coisa bem feita?

Mas para ir à dança era-lhe necessário entrar em competência com aquele fidalgo tão guapo, e como rival não lhe convinha ir pôr-se a par de um homem que sempre andava tão bem vestido.

Pitou, que era fértil em invenções, como são todos os indivíduos que sabem concentrar os seus pesares, achou um meio preferível à conversação na ocasião da dança.

O pavilhão onde se davam os encontros de Catarina com o visconde de Charny era cercado por uma mata de corte, muito densa e contígua à floresta de Villers-Cotterets.

Um simples fosso indicava o limite que existia entre a propriedade do conde e a que lhe ficava imediata, pertencente a um particular.

Catarina era obrigada a ir todo o instante a alguma das aldeias vizinhas por causa dos negócios da herdade, e para ir a essas aldeias tinha necessariamente de atravessar a floresta, e chegada ali, bastava-lhe saltar o fosso para entrar nos bosques do amante.

Aquele ponto fora escolhido naturalmente como sendo o mais próprio para favorecer as entrevistas.

O pavilhão dominava de tal maneira a mata de corte, que pelas frestas oblíquas, guarnecidas de vidros de cores, podia-se ver quanto se passava nos arredores, e a saída estava tão bem encoberta com arbustos, que uma pessoa que dele saísse a cavalo podia, em três pulos, achar-se na floresta, isto é, em terreno neutro.

Porém, Pitou fora tantas vezes de dia e de noite, e estudara o terreno com tanta atenção, que já sabia o sítio por onde desembocava Catarina, assim como o caçador furtivo sabe por onde é a passagem da corça a que vai fazer espera.

Catarina nunca tornava para a floresta acompanhada de Isidoro. Este demorava-se no pavilhão um bocado depois dela se retirar para espreitar se saía a salvo depois partia na direcção oposta, e estava tudo acabado.

No dia escolhido por Pitou para a sua demonstração foi este emboscar-se na passagem de Catarina. Trepou a uma faia enorme, que teria seus trezentos anos de idade e cujo cimo ficava sobranceiro ao pavilhão e à mata.

Ainda não havia uma hora que ali estava quando viu passar Catarina. Depois viu-a prender o cavalo num barranco da floresta e pulando como uma corça perseguida, atravessou o

fosso e internou-se pela mata, que ia ter ao pavilhão.

Catarina tinha passado mesmo por baixo da faia onde Pitou estava empoleirado.

Dali a uma hora chegou-lhe ao ouvido a bulha de uma porta que se fechava.

Em seguida ouviu o roçar de um vestido pelas folhas secas. Logo depois, Catarina, deitou a cabeça para fora das ramadas e examinou, como assustada, se alguém a estava vendo.

Estava distante de Pitou uns dez passos.

Este, imóvel e impassível, descansara o livro nos joelhos.

Já não fingia estar lendo, e olhava atento para Catarina, para que esta visse bem que a estava observando.

Catarina deu um grito abafado, conheceu Pitou, tornou-se pálida como a morte, e depois de um breve instante de indecisão, saltou para a floresta, foi direita ao cavalo, montou e fugiu.

O laço de Pitou tinha sido bem armado, e Catarina tinha caído nele.

Pitou voltou para Haramont, em parte contente e em parte assustado.

Porque apenas reflectiu seriamente no passo que acabava de dar, conheceu que envolvia uma infinidade de pormenores em que não tinha pensado a princípio.

O domingo seguinte havia sido destinado em Haramont para uma solenidade militar.

Os guardas nacionais da aldeia, julgando-se suficientemente instruídos, tinham pedido a Ângelo Pitou, seu comandante, que os reunisse e os levasse a fazer exercício em público.

Algumas aldeias vizinhas, movidas pela rivalidade, e tendo-se entregado também a estudos militares, deviam vir a Haramont para estabelecerem uma espécie de luta com aqueles que as haviam precedido na brilhante carreira das armas.

Uma deputação de cada uma das aldeias viera conferenciar com o estado-maior de Pitou; um lavrador, antigo sargento, era o comandante.

A notícia de tão belo espectáculo chamou a concorrência de uma infinidade de curiosos em trajos domingueiros, e o *Campo de Marte* de Haramont foi invadido logo pela manhã por uma multidão enorme de raparigas e de crianças, a que se juntaram mais vagarosamente, mas com igual interesse, os pais e as mães dos valentes campeões.

Começou a função por merendas comidas sobre a relva, banquetes de frutas e bolachinhas acompanhadas de água fresca da fonte.

Dentro em pouco ressoaram quatro tambores em quatro direcções diversas; vinham de Largny, de Vez, de Taillefontaine e de Viviers.

Haramont tornara-se um centro; tinha os seus quatro pontos cardinais.

O quinto tambor rufava denodadamente à frente dos trinta e três guardas nacionais que saíam de Haramont.

Notava-se, entre o grande número de espectadores, parte da aristocracia nobiliária e burguesa de Villers-Cotterets, que também ali tinha concorrido para ver e para caçoar.

Havia ainda grande número de lavradores dos arredores que ali tinham ido só para ver

Não tardou muito que aparecessem Catarina e a tia Billot, ambas a cavalo e caminhando a par uma da outra.

Era no momento em que a guarda nacional de Haramont desembocava da aldeia, com um pífaro, um tambor, e o seu comandante Pitou montado num cavalo branco que lhe emprestara o tenente Maniquet, para tornar a imitação de Paris mais completa e representar o Sr. marquês de Lafayette *ad vivum* em Haramont.

Pitou, resplandecente de orgulho e de atrevimento, e cavalgando de espada desembainhada no seu imenso corcel, apresentava, não diremos uma figura elegante e aristocrática, mas um todo robusto e valente, que dava gosto ver.

A entrada triunfal de Ângelo Pitou e dos seus homens, isto é, dos indivíduos que tinham dado o primeiro impulso à província, foi vitoriada com alegres e estrondosas aclamações.

A guarda nacional, em Haramont, tinha chapéus uniformes, todos enfeitados com o tope nacional, espingardas brilhantes, e marchavam a dois de fundo com cadência muito satisfatória.

Por isso, quando chegou ao campo de manobras, já tinha a seu favor os votos da

assembléia.

Assim que Pitou lobrigou Catarina, corou, e ela tornou-se pálida.

A revista, daquele instante por diante, tornou-se para ele mais interessante do que para ninguém.

Mandou fazer aos soldados em primeiro lugar, o simples manejo de arma, e cada um dos movimentos que ele ordenou foi executado com tal precisão que os aplausos atroaram os ares.

Não sucedeu o mesmo com a gente das outras aldeias; trabalharam com moleza e irregularidades. Uns, mal armados e pouco adestrados no exercício, sentiam-se já desmoralizados pela comparação; outros exageravam por orgulho o que tão bem sabiam na véspera.

Os resultados foram imperfeitos.

Mas do exercício iam passar à manobra. Era ali que o sargento esperava o seu competidor Pitou.

O sargento, em atenção à sua antiguidade, tomara o comando geral, e a sua tarefa reduzia-se simplesmente a fazer marchar e manobrar os cento e setenta homens de que se compunha aquele exército reunido.

Não o pôde conseguir.

Pitou, com a espada metida debaixo do braço e o seu fiel capacete na cabeça, observava tudo com o sorriso próprio de um homem superior.

O sargento, mal viu as suas testas de coluna pendidas por entre as árvores, ao passo que as retaguardas tomavam o caminho de Haramont; os quadrados dispersando-se em distâncias errôneas; as esquadras desastrosamente confundidas e os chefes de fila perdidos, ficou de todo desorientado, e foi saudado com um murmúrio desaprovador pelos seus vinte soldados.

Soou então um grito da gente de Haramont.

- Pitou! Pitou! Venha Pitou!

- Sim, sim, venha Pitou! - bradaram os homens das outras aldeias, tornados furiosos por uma inferioridade, que atribuíam unicamente aos seus instrutores.

Pitou tornou a montar no seu cavalo branco, e pondo-se novamente à frente do exército, deu um grito do comando com tal energia e tão perfeitamente entoado, que até os próprios carvalhos pareceram estremecer.

No mesmo instante, e como por milagre, voltaram as filas perdidas aos seus lugares; os movimentos começaram a executar-se com uma união tal, que não a alterava o entusiasmo, e Pitou aplicou tão felizmente à prática as lições do tio Clouis e a teoria do *Perfeito guarda nacional*, que mereceu a geral aprovação.

O exército, unido como um só homem, aclamou-o logo *imperator* sobre o campo da batalha.

Pitou apeou-se, alagado em suor e ébrio de orgulho, e apenas pôs os pés no chão, recebeu as felicitações dos povos.

Mas, ao mesmo tempo, procurava encontrar, no meio da multidão, o olhar de Catarina.

De repente ressoou-lhe aos ouvidos a voz argentina da rapariga.

Não fora preciso que Pitou fosse ter com Catarina; ela é que foi ter com ele.

Grande era o triunfo.

- Então o que é isso? - lhe disse ela com ar risonho, que a palidez desmentia - o que é isso, Sr. Ângelo, não faz caso de nós? Tornou-se soberbo, por ser um grande general...

- Oh! Não, por certo! - exclamou Pitou; - bons dias, menina.

Depois, voltando-se para a Sr^a. Billot:

- Tenho a honra de a cumprimentar, minha respeitável senhora.

E voltando-se novamente para Catarina:

- A menina está enganada, não sou um grande general, sou unicamente um pobre rapaz animado pelo desejo de servir a minha pátria.

Estas palavras espalharam-se logo pelas ondas da multidão, que as declarou sublimes no meio de uma tempestade de aplausos.

- Ângelo - disse Catarina devagarinho – preciso falar com o senhor.
- Ah! Ah! - pensou Pitou - eis-nos chegados aonde eu queria.
- E logo, em voz alta:
- Estou às suas ordens, Sr^a. Catarina.
- Acompanhe-nos logo até à herdade.
- Muito bem.

LXIX

O mel e o absinto

Catarina dispusera as coisas de forma que pudesse conversar em liberdade com Pitou, apesar da presença da mãe.

A boa da Sr^a. Billot encontrara algumas amigas condescendentes que a acompanharam a pé junto do cavalo para conversarem com ela, e Catarina, que emprestara a sua cavalgadura a uma delas, voltou a pé também pelo bosque com Pitou que se subtraía aos seus triunfos.

No campo, ninguém estranha arranjos destes, porque os segredos perdem a sua importância, vista a indulgência que todos têm para com os outros.

Acharam natural que Pitou precisasse conversar com a Sr^a. Billot ou com a sua filha, e pode ser que nem reparassem em tal.

Naquele dia todos tinham interesse em procurar o silêncio e a densidade das sombras. Nas terras de florestas, a glória e a ventura preferem sempre para abrigo os carvalhos seculares.

- Aqui me tem, Sr^a. Catarina - disse Pitou, apenas ficaram sós.

- Por que motivo deixou de aparecer na herdade? - perguntou Catarina - isso não é bonito, Sr. Pitou.

- Menina - replicou Pitou admirado - sabe muito bem...

- Não sei nada... Digo que não é bonito.

Pitou mordeu os beiços; repugnava-lhe ver Catarina mentir.

Ela percebeu-o; de mais a mais, o olhar de Pitou, era usualmente direito e leal, e naquela ocasião olhava para ela de revés.

- Oiça-me, Sr. Pitou, ainda tenho outra coisa a dizer-lhe.

- Ah! - exclamou ele.

- Outro dia, naquela casinha onde me viu...

- Onde a vi?

- Sim, acolá onde sabe.

- Onde eu sei?...

Ela corou.

- O que estava o senhor fazendo naquele sítio? - perguntou ela.

- Visto isso, conheceu-me? - perguntou ele em tom melancólico e queixoso.

- À primeira vista não, mas conheci-o depois.

- Por que foi que só me conheceu depois?

- A gente às vezes está distraída, vai andando sem saber por quê, e depois é que reflecte.

- Decerto.

Ela tornou a calar-se, e ele também; tinham ambos muito em que pensar para poderem falar com muita clareza.

- Finalmente - prosseguiu Catarina - o senhor...?

- Eu?

- O que estava ali fazendo? Não estava escondido?

- Escondido? Decerto que não. Por que razão me havia de esconder?

- Oh! Podia ser por curiosidade.

- Não sou curioso, menina.

Catarina bateu o pezinho no chão, significando grande impaciência.

- O caso é que estava ali, e não é sítio onde tenha por costume ir.

- Bem viu que estava lendo.

- Ah! Não reparei.

- Se me viu, reparou necessariamente.

- Vi-o, é verdade, mas foi vagamente. E... O que estava lendo?

- *O perfeito guarda nacional.*

- Que obra é essa?

- É um livro em que aprendo tática, para a ensinar depois aos meus soldados; e a menina sabe muito bem que para estudar é preciso procurar um sítio solitário.

- Isso não tem questão; e ali, à entrada da floresta, está-se em perfeito sossego.

- É verdade.

Calaram-se outra vez. A tia Billot e as comadres iam seguindo o seu caminho.

- Quando assim estuda - replicou Catarina - demora-se muito tempo?

- Passo às vezes dias inteiros.

- Então - exclamou ela com vivacidade - já havia muito tempo que ali estava?

- Muitíssimo.

- É célebre não o ter visto quando cheguei! - disse ela admirada.

- Talvez eu estivesse a dormir - respondeu Pitou; - acontece-me às vezes ser acometido do sono, quando a cabeça tem trabalhado muito.

- Pode ser, e foi provavelmente enquanto o senhor estava dormindo que eu passei pela floresta para aproveitar a sombra. Ia... Ia às paredes velhas do pavilhão.

- Ah! - exclamou Pitou - do pavilhão... Qual pavilhão?

Catarina corou novamente. Pitou exprimia-se de um modo demasiadamente afectado para que pudesse acreditá-lo.

- O pavilhão de Charny - disse ela afectando também um modo indiferente. - É ali que cresce o maior saião destes arredores.

- Deveras!

- Tinha-me escaldado ao fazer a barrela, e precisava algumas folhas para curar a queimadura.

O desgraçado Ângelo, como se quisesse acreditar o que ela dizia, lançou os olhos para as mãos de Catarina.

- Não foi nas mãos, foi num pé - acudiu ela logo.

- E achou a erva que procurava?

- Achei-a e de excelente qualidade. Olhe! Já não coxeio.

- Ainda menos coxeava outro dia - pensou Pitou - quando a vi fugir com a velocidade de um cabrito montês pela mata fora.

Catarina imaginou que conseguira enganá-lo, e que Pitou nada soubera nem vira.

Entregando-se pois a um movimento de alegria, pouco próprio de tão bela alma, disse:

- Então o Sr. Pitou estava amuado connosco? Está todo inchado com a sua nova posição, e depois que saiu oficial despreza os pobres camponeses.

Pitou sentiu-se ferido. Um sacrifício como o que ele acabava de fazer, por disfarçado que seja, exige quase sempre uma recompensa e como pelo contrário, Catarina parecia querer caçoar com ele e se ria do pobre rapaz, comparando-o provavelmente com Isidoro de Charny, a boa disposição em que ele estava desvaneceu-se completamente. O amor-próprio é uma víbora adormecida, que é prudente não pisar se não há certeza de a esmagar imediatamente.

- Parecia-me - replicou ele - que a menina é quem estava amuada comigo.

- Como assim?

- Em primeiro lugar, pôs-me fora da herdade, negando-me trabalho. Oh! Eu não disse nada ao Sr. Billot. Graças a Deus! Tenho braços e ânimo para ganhar a vida.

- Asseguro-lhe, Sr. Pitou...

- Basta, menina; é senhora em sua casa. Mas visto que me pôs fora da herdade, quando me encontrou indo ao pavilhão de Charny e me viu, cumpria-lhe falar-me, em vez de fugir como um larápio que tivesse ido ali furtar maçãs.

A víbora acabava de morder; Catarina perdeu novamente a tranqüilidade.

- Fugir! - disse ela; - pois eu fugia?

- Como se a herdade, ou alguma fazenda sua estivesse a arder; ainda eu não tinha tido tempo de fechar o livro, e já a menina tinha saltado para cima do Cadete, que estava escondido entre o arvoredo, onde roeu a casca toda de um freixo, ficando a árvore perdida.

- A árvore ficou perdida! O que me diz, Sr. Pitou? - balbuciou Catarina, começando a sentir que a sua afoiteza a ia abandonando.

- É muito natural - prosseguiu Pitou; - enquanto estava apanhando o saião, entretinha-se o Cadete a roer, e no espaço de uma hora um cavalo rói muito.

Catarina exclamou:

- Numa hora!

- É impossível, menina, que um cavalo dispa às dentadas uma árvore como aquela em menos de uma hora. Apanhou necessariamente uma quantidade de saião suficiente para curar tantas feridas como as que se fizeram na tomada da Bastilha; a planta é famosa para cataplasmas.

Catarina, pálida e confusa, não atinou com a resposta.

Pitou também se calou. Dissera quanto bastava.

A tia Billot parara numa encruzilhada para se despedir das companheiras.

Pitou, desesperado, porque acabava de fazer uma ferida que também doía, balanceava o corpo alternadamente sobre uma e outra perna, como um pássaro que estivesse para voar.

- Então! O que diz o oficial? - gritou a lavradora.

- Diz que vai dar-lhe as boas noites, Sr^a. Billot.

- Ainda não; fique - disse Catarina em tom quase de súplica.

- Pois então, muito boa noite! - disse a lavradora.

- Vens daí, Catarina?

- Oh! Diga-me a verdade! - murmurou a rapariga.

- A respeito de quê, menina?

- Já não é meu amigo?

- Ai de mim! - exclamou o desgraçado e inexperiente moço, cuja estreia em amor começava por aquele terrível papel de confidente, do qual só os homens já matreiros sabem tirar proveito em detrimento do amor-próprio.

Pitou sentia que lhe ia escapar dos lábios o seu segredo, e que à primeira palavra que pronunciasse, Catarina o colocaria à mercê dela.

Sentiu que estava perdido se falasse, e que era capaz de morrer de desgosto no dia em que Catarina lhe confessasse o que ele apenas suspeitava muito vagamente.

Este receio tornou-o mudo como um romano.

Cortejou Catarina com um respeito que dilacerou o coração da rapariga; cortejou a Sr^a. Billot com um amável sorriso e desapareceu por entre as árvores.

A tia Billot disse para a filha:

- Este rapaz tem boas qualidades; e além disso, é sábio e brioso.

Pitou, assim que se viu só, encetou um comprido monólogo sobre este tema:

- É a isto que chamam amor? Pois sempre é uma coisa bem sem sabor em certos momentos e bem amarga noutros!

O pobre *rapaz* era tão ingénuo e de boa índole, que não lhe ocorria que em amor há mel e absinto, e que o Sr. Isidoro tomara o mel para si.

Catarina, a datar daquele momento, em que tanto sofrera, tinha ficado com certo receio respeitoso de Pitou, sentimento que ela estava bem longe de ter alguns dias antes, para com aquele inofensivo e grotesco personagem.

Quem não pode inspirar amor, sempre gosta de inspirar um pouco de receio, e Pitou, que

tanto ambicionava a dignidade pessoal, muito lisonjeado ficaria se houvesse notado em Catarina um sentimento desta natureza.

Mas como não estava tão adiantado em fisiologia que lhe fosse possível adivinhar as idéias de uma mulher em distância de légua e meia, limitou-se a chorar muito e a cantarolar um sem-número de cantigas pastoris, das mais lúgubres, em tom igualmente melancólico.

Qual não seria o pasmo do exército de Pitou, se tivesse podido ver o seu general entregue a tão elegíacas lamentações!

Afinal, tendo Cantado, chorado e andado muito, voltou para o seu cubículo, em frente de cuja porta encontrou uma sentinela, que havia ali sido colocada de arma ao ombro pelos entusiastas Haramonteses, para lhe servir de honra.

A sentinela estava embriagada a tal ponto que dormia profundamente no banco de pedra, com a espingarda entre os joelhos.

Pitou, muito admirado, acordou-a.

Soube então que os trinta homens bons tinham encomendado um banquete em casa do tio Tellier, dono da taberna mais afamada de Haramont; que doze comadres das mais desabusadas do sítio tinham ali concorrido para coroarem de louros os vencedores, e que o lugar da presidência fora reservado para o Turenne, que tinha derrotado o Conde do departamento vizinho. O estômago de Pitou devia forçosamente ressentir-se da muita fadiga que o coração sentira. “Todos se admiram, diz Chateaubriand, da quantidade de lágrimas que podem conter os olhos de um rei; mas ninguém pode medir o vácuo que deixam as lágrimas no estômago de uma pessoa adulta.”

Pitou, ao entrar na sala conduzido pela sua sentinela, foi recebido com aclamações capazes de abalar as paredes.

Cortejou a todos silenciosamente, assentou-se da mesma maneira, e sem alterar a costumada serenidade, começou a atacar as tiras de vitela assada e a salada.

O combate durou todo o tempo que lhe levou o coração a desinchar e o estômago a encher.

LXX

Desenlace imprevisto

Um banquete depois de um desgosto dá em resultado ou uma dor mais viva ou completa consolação.

Pitou conheceu ao cabo de duas horas que a sua dor não tinha aumentado.

Pôs-se de pé quando os seus companheiros já não podiam erguer-se das cadeiras.

Fez-lhes um discurso acerca da sobriedade dos Espartiatas, quando já todos tinham caído de bêbados.

E lembrou-se que seria conveniente ir dar um passeio quando todos risonavam estendidos, debaixo das mesas.

Quanto às raparigas de Haramont, devemos declarar em abono da sua honestidade, que se tinham eclipsado antes da sobremesa sem que nem as cabeças, nem as pernas, nem o coração tivessem tomado parte activa na festa.

Pitou, o valente dos valentes, não pôde deixar de fazer algumas reflexões.

De todos aqueles amores, de todas aquelas formosuras, de todas aquelas riquezas, nada lhe ficara na alma nem na memória, senão o último olhar e as últimas palavras de Catarina.

Lembrava-se confusamente, apesar do nevoeiro que lhe toldava a memória, que a mão de Catarina tocara por diversas vezes na dele, que o ombro dela tinha roçado pelo seu, e que no calor da discussão certas roçadelas lhe tinham revelado a opulência e a suavidade daquele gentilíssimo corpo.

Exaltando-se então com a recordação do que desprezara quando estava a sangue-frio,

olhava em volta de si como um homem que acaba de acordar.

Perguntava às sombras por que razão tinha ele tratado com tanta severidade uma rapariga que era toda amor, doçura e graça, uma pobre mulher que podia ter tido uma quimera à sua entrada na vida... E quem é neste mundo que não tem tido uma quimera?

Pitou também perguntava a si mesmo como podia um urso feio e pobre, como ele, ter sequer a lembrança de inspirar sentimentos amorosos à rapariga mais bonita da terra, quando o fidalgo mais galante daqueles arredores se pavoneava em volta dela.

Em seguida lisonjeava-se Pitou de ter também algum merecimento; comparava-se com a violeta, que exala o seu perfume invisivelmente.

Invisivelmente, quanto ao perfume, isso não tinha a menor questão, mas no vinho está a verdade, ainda que seja vinho de Haramont.

Pitou, assim consolado das suas más inclinações com o auxílio da filosofia, reconheceu quanto era repreensível o modo por que se portara para com a rapariga.

Pareceu-lhe que o resultado seria fazer-se detestar por ela; que o cálculo era péssimo; que assim entusiasmada pelo Sr. de Charny, Catarina alegraria o mau carácter de Pitou como pretexto para não fazer justiça às suas qualidades brilhantes e sólidas.

Era-lhe preciso, portanto, dar provas a Catarina de que tinha bom carácter.

Mas como?

Um Lovelace diria: Esta rapariga engana-me e escarnece-me; pois hei-de enganá-la e escarnece-la.

Diria mais: Hei-de desprezá-la, hei-de envergonhá-la dos seus actos como de outras tantas torpezas.

Hei-de torná-la medrosa, hei-de desacreditá-la, hei-de semear-lhe de abrolhos o caminho dos seus encontros amorosos.

A boa alma de Pitou, escandecida pelo vinho e pela infelicidade, chegou a persuadir-se de que ainda havia de chegar um dia em que a Sr^a. Catarina, envergonhada por ter desprezado o amor de um rapaz como ele, se arrependeria de ter olhado para outro.

E demais, as castíssimas idéias de Pitou não podiam admitir que a formosa, a pudica, a altiva Catarina, fosse outra coisa para o Sr. Isidoro, senão uma formosa coquete, que engraçava com as tiras de renda e os calções de anta metidos numas botas com esporas.

Ora, que pena podiam causar a Pitou, embriagado como estava, os amores de Catarina com uma tira de camisa e umas esporas?

Mais dia menos dia, o Sr. Isidoro iria para a capital, casaria com alguma condessa, não olharia mais para Catarina, e assim acabaria o romance.

O vinho, que remoça os velhos, era o que inspirava todas estas reflexões próprias de um velho ao valente chefe das guardas nacionais de Haramont.

Para provar a Catarina que era dotado de bom carácter, resolveu recolher uma a uma todas as palavras desagradáveis que lhe dissera naquela tarde.

Para conseguir este fim, era-lhe preciso em primeiro lugar encontrar-se com Catarina.

Um homem bêbado e sem relógio não sabe que as horas passam.

Pitou não tinha relógio, e não dera bem dez passos fora da taberna, encontrava-se já ébrio como Baco ou como seu filho muito querido, Téspis.

Não se lembrou de que tinham decorrido mais de três horas desde que se despedira de Catarina, e que esta, para regressar a Pisseleux, não poderia ter gasto mais de uma hora, quando muito.

Meteu à floresta, cortando afoitamente através das árvores de Pisseleux, e evitando os caminhos trilhados.

Deixemo-lo ir por entre árvores, mato e silvados, estragando, a poder de pontapés e de cacetadas, a floresta do duque de Orleans, a qual lhe restituía com usura as pancadas que lhe dava.

Voltemos a Catarina, que na companhia da mãe, caminhava para casa, triste e pensativa.

Havia um lodaçal a distância de poucos passos da herdade; naquele ponto era o caminho mais estreito, e os dois cavalos tinham de passar um após outro.

A tia Billot passou adiante.

Catarina ia passar também quando ouviu um assobio como de quem chamava.

Voltou a cabeça e, apesar da escuridão, avistou um chapéu agalado, que era do criado de Isidoro.

Deixou ir para diante a mãe, a quem a sua demora não deu cuidado, porque estavam a cem passos da granja.

O laçoi foi ter com ela.

- Menina - lhe disse ele - o Sr. Isidoro precisa falar-lhe esta noite mesmo, e pede-lhe que o espere às onze horas no sítio que lhe aprouver.

- Oh! Meu Deus! - exclamou Catarina - suceder-lhe-ia alguma desgraça?

- Não sei dizer-lhe, menina; porém ele recebeu de Paris, esta tarde, uma carta lacrada de preto. Há já uma hora que estou aqui.

Estavam dando dez horas na igreja de Villers-Cotterets, a brisa da noite levava em suas asas o eco fremente do bronze.

Catarina olhou em volta de si.

- Pois bem, este sítio é escuro e só - disse ela - aqui esperarei o seu amo.

O laçoi tornou a montar a cavalo e partiu a galope.

Catarina, toda trémula, entrou na herdade seguindo a mãe.

O que poderia ter Isidoro que comunicar-lhe a tais horas, a não ser uma desgraça?

Se fosse um encontro amoroso, teria o convite sido feito debaixo de mais risonhos auspícios.

Mas não era essa a questão. Isidoro pedia-lhe que se encontrasse com ele de noite; pouco lhe importava o sítio, pouco lhe importava a hora: teria ido esperá-lo até ao cemitério de Villers-Cotterets, à meia-noite.

Nem quis reflectir no caso, abraçou a mãe e recolheu-se ao seu quarto como para se deitar.

A mãe, que de nada desconfiava, despiu-se sozinha e deitou-se também.

E demais, de que servia à pobre mulher desconfiar? Não era, porventura, Catarina dona da casa por ordem superior?

Catarina, recolhida ao seu quarto, nem se despiu nem se deitou.

Ficou à espera.

Ouviu dar as dez horas e meia, e depois um quarto para as onze.

Às onze horas menos um quarto, apagou o candeeiro e desceu à casa de jantar.

As janelas da casa de jantar deitavam para a estrada, abriu uma delas e saltou ligeiramente para fora.

Deixou a janela aberta com as portas apenas unidas, para poder entrar.

Depois deitou a correr para o sítio aprazado, e ali, com o coração a pular e as pernas a tremer, comprimindo com uma das mãos a cabeça, que tinha a arder, e com a outra o peito arquejante, pôs-se à espera.

Não esperou muito tempo. Chegou-lhe aos ouvidos o rumor de galope de uns cavalos.

Deu um passo para diante.

Isidoro chegou junto dela.

O criado conservou-se em distância.

Isidoro, sem se apear do cavalo, estendeu-lhe os braços, levantou-a sobre o estribo, abraçou-a e disse-lhe:

- Catarina, mataram ontem em Versalhes meu irmão Jorge; meu irmão Olivier manda-me chamar, portanto tenho que partir imediatamente.

Ouviu-se uma exclamação dolorosa; e Catarina apertou Charny nos braços com furor.

- Oh! - exclamou ela - se mataram seu irmão Jorge, matá-lo-ão ao senhor.

- Catarina, suceda o que suceder, meu irmão mais velho espera-me; Catarina sabe muito bem quanto a amo.

- Ah! Fique, fique - gritou Catarina, a qual de tudo quanto lhe dizia Isidoro só percebia uma coisa, e era que ele partia.

- E a minha honra, Catarina? E meu irmão Jorge? E a vingança?

- Oh! Quanto sou infeliz! - gritou Catarina.

E dizendo isto deixou-se cair nos braços do cavaleiro, inteiriçada e com o coração a palpitar-lhe.

Desprendeu-se uma lágrima dos olhos de Isidoro e foi cair no pescoço de Catarina.

- Oh! Está chorando - disse ela - obrigada, obrigada; vejo que me tem amor!

- Ah! Sim, sim, Catarina, amo-te muito. Mas percebes, Catarina? Meu irmão mais velho escreveu-me para ir ter com ele; devo obedecer-lhe.

- Vá - respondeu Catarina; - não quero detê-lo por mais tempo.

- Um último beijo, Catarina.

- Adeus!

E Catarina, resignando-se, porque percebera que nada seria capaz de obstar a que Isidoro obedecesse à ordem do irmão, deixou-se escorregar dos braços do amante para o chão.

Isidoro desviou dela os olhos, suspirou, hesitou um instante, mas, obedecendo à ordem irresistível que recebera, meteu o cavalo a galope, dizendo a Catarina um último adeus.

O laçao seguiu-o.

Catarina ficou estirada no chão, no mesmo sítio onde caíra, e com o corpo atravessado de lado a lado na estrada, que naquele tempo era mais estreita, como já dissemos.

Quase no mesmo instante apareceu no cume do outeiro um homem que vinha de Villers-Cotterets; caminhava a passos largos na direcção da granja, e na rapidez do caminhar tropeçou no corpo inanimado que ali jazia no chão.

Perdeu o equilíbrio, caiu e tratando imediatamente de averiguar qual fora o motivo da queda, deu com aquele corpo inerte.

- Catarina! - bradou ele - Catarina morta!

E soltou um grito tão terrível que fez uivar os cães da herdade.

- Oh! - prosseguiu ele - quem seria o desalmado que matou Catarina?

E assentou-se trémulo, pálido e gelado, com aquele corpo inanimado atravessado nos joelhos.

FIM DO SEGUNDO E ÚLTIMO VOLUME

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>